

Beraldo
Boaventura

RECRIAR AS PRÁTICAS POLÍTICAS

construir
uma sociedade
decente

Beraldo
Boaventura

RECRIAR AS PRÁTICAS POLÍTICAS

construir
uma sociedade
decente



2025
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B662r

Boaventura Neto, Beraldo Alves -

Recriar as práticas políticas: construir uma sociedade
decente / Beraldo Alves Boaventura Neto. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-326-4

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-326-4

1. Ensaio Político. 2. Antropologia. 3. História. 4. Filosofia
social. 5. Psicologia social. I. Boaventura Neto, Beraldo Alves.
II. Título.

CDD: 320.01

Índice para catálogo sistemático:

I. Ciência Política - Ensaio

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 o autor.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll

Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em edição	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Zahidur Rahman - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Gobold, Magno Serif
Revisão	Einar Lima
Autor	Beraldo Alves Boaventura Neto

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

IN MEMORIAM

Dedicado a Hosannah Leite, Chico Pinto e aos muitos companheiros que se foram sem nunca ter abdicado da determinação de viver a política com dignidade.

"Toda a história humana, porém, ainda é muito recente e seria ridículo querer atribuir às nossas atuais concepções qualquer validade absoluta..."

Friedrich Engels

Anti-Dühring

Boitempo, 2015 - pág. 146.

"... estes tipos de discussão não se podem restringir exclusivamente à ciência, devem abranger todo o conjunto das actividades humanas. O nosso objetivo é lançar um pouco de luz na natureza da criatividade e sobre como poderemos alimentá-la, não só na ciência, como na sociedade e na vida de cada indivíduo. Esta é a natureza última da revolução que preconizamos."

David Bohm

Ciência, ordem e criatividade

Gradiva, 1989 - pág. 25.

"... é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis. "

Jean-Paul Sartre

O Ser e o Nada

Vozes, 1997 – pág. 538.

SUMÁRIO

Índice dos diagramas.....	14
---------------------------	----

Beraldo Boaventura

Prefácio	15
-----------------------	-----------

Introdução	27
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

Natureza humana e armadilhas históricas	31
--	-----------

Nossas origens	32
----------------------	----

Natureza humana	36
-----------------------	----

O potencial para um desempenho superior	51
---	----

Armadilhas históricas.....	56
----------------------------	----

Grupos sociais, indivíduos, história - 1.....	62
---	----

Grupos sociais, indivíduos, história - 2.....	70
---	----

O sentido do progresso	76
------------------------------	----

CAPÍTULO 2

A meta é dignificar a condição humana.....	81
---	-----------

CAPÍTULO 3

Fazer diferente	97
------------------------------	-----------

CAPÍTULO 4

Analisar para compreender, compreender para agir	111
---	------------

CAPÍTULO 5

O mundo da globalização capitalista	125
O individualismo exacerbado	140
A promoção da mediocridade cognitiva	144
As políticas de pão e circo	147
A promoção do hedonismo e do consumismo	147
A hipervalorização das pautas identitárias	149
O descrédito da política	154
As correntes religiosas conservadoras	155
A pobreza extrema e a dependência como fatalidades	158
O crime organizado, aliado sistêmico das elites alienadas	160
O domínio dos meios de comunicação	162
Colocar o capitalismo sob controle humano	165

CAPÍTULO 6

A revolução inviável	175
A complexificação da vida social	176
Novas configurações sociais	178
O resultado problemático das experiências históricas	182
A disponibilidade dos aparelhos repressivos	186

A meta equivocada de instrumentalizar o Estado	188
As revoluções como processos históricos de longo prazo	193
É possível transformar o capitalismo	196
Apostar na polarização extrema não é eficaz – nem ético.....	198

CAPÍTULO 7

Social-democracia	201
--------------------------------	------------

CAPÍTULO 8

Liberalismos.....	216
--------------------------	------------

CAPÍTULO 9

Marxismos	233
------------------------	------------

CAPÍTULO 10

Direita e esquerda.....	255
Dicotomias	256
Simplificar a política deforma a realidade.....	263
Rótulos não são conteúdos.....	268

CAPÍTULO 11

Social-democracia em crise	295
---	------------

CAPÍTULO 12

O ambientalismo.....	300
-----------------------------	------------

CAPÍTULO 13

A abordagem sistêmica.....	317
-----------------------------------	------------

CAPÍTULO 14

Outra social-democracia	339
Um sistema a transformar.....	340
Extirpar a barbárie: a violência, a pobreza, as desigualdades.....	350
Outra social-democracia: fazer diferente.....	358
Democracia, valor fundamental	360
Uma constelação de valores.....	367
Ecologia, a complexidade sustentável	372
Reformismo conceitual e estratégico.....	374
Compreender o Estado e suas funções	380
Recrutar os instrumentos de ação	388
Superar as fragilidades... e ir além	398
Rumo a uma política decente e transformadora.....	407

CAPÍTULO 15

O percurso necessário, a revolução possível.....	409
O desafio de reposicionar as práticas políticas	417
Referências bibliográficas	425
Filmes citados:.....	441
Sobre o autor	442
Índice remissivo.....	443

ÍNDICE DOS DIAGRAMAS

01 – As pressões antifeudais	219
02 – As diásporas liberais	220
03 – A abordagem marxiana	240
04 – As instâncias da análise marxiana	241
05 – Esquerda-Direita, esquema linear	286
06 – Esquerda-Direita, esquema ferradura	286
07 – Esquerda-Direita, coordenadas cartesianas	287
08 – As inversões ideológicas	288
09 – As práticas sociais	381
10 – As instâncias da vida social	382
11 – As instâncias entrelaçadas e fractalizadas	382

PREFÁCIO

Uma reflexão no sentido de revisar as práticas políticas se justifica por fortes razões: as práticas políticas, em particular neste Brasil cada vez menos nosso, primam pela mediocridade. Palavra forte, mas que parece refletir a realidade como nenhuma outra.

No início da chegada da pandemia da COVID-19, já em recolhimento, pensava em fazer um esforço para esclarecer, ao menos para mim mesmo, nestes primórdios do século XXI, o que sobrou do marxismo – que fora tão marcante na época das primeiras fases de minha vida adulta. Recebo então, de uma amiga, pelo WhatsApp, a proposta do intelectual francês Bruno Latour, sugerindo imaginarmos pequenos gestos-barreiras para travar o capitalismo. Proposta esquisita, mas, fiquei pensando no assunto.

Destas duas curiosidades (o que sobrou do marxismo e o que fazer no resguardo da pandemia) surgiu o texto deste livro, buscando refletir sobre minhas experiências com o trabalho social e a política, em confronto com o entendimento de algumas leituras.

O projeto, no pensamento, emergiu então mais amplo: (1) esclarecer os fundamentos necessários a uma prática política efetivamente transformadora; (2) destrinchar melhor o processo político brasileiro; (3) o racismo no Brasil (tema que me parece extraordinariamente mal cuidado neste nosso tempo); e, ainda, quem sabe, (4) o relato de outras experiências de uma vida, desde a infância, envolvida na política. Aqui vem à tona o primeiro ponto destas intenções.

Localizar os fundamentos para uma prática política autêntica e transformadora, não como o resultado de uma reflexão pessoal exclusiva, mas como proposições para um debate atual e necessário. Efetivas mudanças só ocorrerão a partir de ações coletivas

consistentes. Faço uma proposta para a construção destas ações, por onde ir e por onde não ir. Um texto para o debate e, com as correções e adaptações necessárias, para fundamentar a ação política capaz de gerar transformações substantivas.

O livro é uma busca no sentido de encontrar os fundamentos de uma prática política decente e efetivamente transformadora. O que tentei fazer a vida toda, com escassos resultados. Encontrar um caminho para sair do pântano e da mediocridade das práticas políticas predominantes. Apesar de tudo, não há saída fora da política, mas precisa ser uma outra política. Procuro encontrar os fundamentos para essa política, que não seria inédita, conheci muitos nessa busca. Esse é o fio da meada dos capítulos do texto.

É grande a tentação de clamar *chega de utopias!* Não são poucos os que exaltam a utopia como fonte de motivação. Podemos (não aqui) tratar de uma hierarquia de sonhos. Porém, no pântano em que estamos metidos, nesta quadra da história, não nos parece que estejamos necessitando de *sonhos*. Precisamos de metas ousadas, mas realistas, métodos de construção que produzam resultados cumulativos, avanços efetivos num sentido progressista e civilizatório. Sair do sufoco presente exigirá visão e paciência estratégicas, lidando simultaneamente com desafios urgentes (enormes e ameaçadores) e a necessária construção do futuro próximo, que possibilitará um futuro melhor mais adiante, ou seja, as etapas (preparatórias e continuadoras) são (e serão) indispensáveis.

Escrever um livro de análise de um longo percurso político pode ser comparado a uma longa viagem. Planejamos um roteiro, pesquisamos as alternativas de transporte e alojamento, os pontos a serem visitados, etc. Ao longo da viagem vamos descobrindo novidades; no roteiro planejado, nos esforçamos ao máximo para dar conta das curiosidades que aparecem, mas não dá tempo, descobrimos que aquele recorte do mundo é muito maior do que tínhamos imaginado. Voltamos à casa, ao ponto de partida – e descobrimos

que faltou ver muita coisa. Esse sentimento da nossa pequenez é inevitável. Precisamos pesquisar outros modos de conhecer, que vão além das nossas limitações. Ninguém consegue ver tudo. Superar parcialmente essa limitação só pode acontecer de modo coletivo e organizado. Incorporamos isso a nossa proposta, com vistas a realizar melhor a nossa condição de *indivíduos-sociais*, para além do *individualismo possessivo* predominante.

Um dos nossos paradoxos mais difíceis de decifrar é que não conhecemos os nossos limites. Sabemos que podemos ir além, por vezes, contudo, nos deixamos paralisar pela descrença – ou pelo medo, medo de fracassar (e de ser engolido). O desafio é encontrar a justa medida entre a meta mais ousada e factível e o desempenho medíocre, metas banais, realizações abaixo das nossas potencialidades. A decisão precisa brotar da análise multidimensional e, inevitavelmente, implica em riscos. Nesse dilema estaremos todos iguais. No campo da política, certezas não existem. Ninguém possui a verdade. Temos opiniões, bem ou mal fundamentadas, mas é preciso agir. Dizem os marxistas e os pragmáticos, *o critério da verdade é a prática*. Só vamos saber depois, muitas vezes, só muito depois, talvez no longo prazo quando, nos dizia Keynes, todos já estaremos mortos. Mas se escolhermos o caminho errado poderemos também morrer muito antes. Um dilema sem solução, mas não é possível deixar de agir. A impetuosidade é um comportamento, a paralisia também. Não agir é uma forma de agir.

A solução para esse dilema não é metafísica, é dialética (tensionada e dinâmica, movimento, *práxis*): observar os efeitos do agir, estabelecer mecanismos de corrigir no processo, combinar fazer com analisar, a necessidade com a liberdade (de seguir em frente ou de voltar atrás). Mas é necessário, também, construir a visão do objetivo a realizar. A partir de valores. Ao definirmos nossos valores já começamos a desenhar as metas. A decisão vital então é entre prosseguir nos insensatos jogos de soma zero, onde uma minoria ganha e a maioria perde (alguns perdem muito, outros perdem

pouco, outros perdem tudo), jogos, não raro, impiedosos, que desumanizam os participantes, dividindo os humanos em predadores e presas. Nada mais estúpido, próprio de uma herança da barbárie. Outra alternativa é nos unirmos em *compaixão*, ter como meta, em princípio, a dignidade de todos os humanos – e construir uma sociedade que evolua nesse sentido.

Nesse ponto agiganta-se o pessimismo. Gramsci, uma vítima da barbárie fascista, situou esse dilema entre *o otimismo da vontade* e *o pessimismo da razão*. Mas, nem sempre a vontade é benévola e nem sempre a razão é pessimista. Um dos muitos cristianismos traz uma outra mensagem: “... *paz na terra aos homens de boa vontade*”. Os homens (e mulheres) de boa vontade só terão paz na terra se realizarem ações coletivas densas e poderosas para (sem se tornarem bárbaros no processo) construir esse resultado. Do contrário teremos apenas sonhos impotentes.

Uma análise racional da história humana pode nos desanimar, mas podemos interpretá-la como uma condenação ou como uma esperança. Uma análise racional das potencialidades humanas pode também nos animar a não desistir – e nos colocar em movimento.

Dorian Gray pode não ser uma ficção, podemos ter multidões dele, em particular no mundo da política. Mesmo assim, cada um de nós pode decidir por um caminho decente, que nos deixe com a coragem necessária para agir (por um mundo social melhor). Ou pode se comportar como um *troglobita*, um bárbaro, que ainda não consegue atingir sua condição humana plena – e resignar-se a um viver medíocre (pode ser rico, poderoso, mas medíocre – e não apenas o espelho vai saber disso).

Nas análises que procuro sintetizar adiante (o livro pode parecer extenso, mas na verdade é um livro-síntese, que procura localizar os fundamentos para uma prática política efetivamente transformadora) talvez pareça que não considero devidamente a

realidade brasileira. Não é o caso, a referência principal é o Brasil e a política brasileira. Cuidar de práticas objetivas no processo político será o desafio subsequente. Busco tratar de temas basilares, para o cotejo analítico posterior com o processo brasileiro. Como o viajante (que citei acima) não vi tudo – nem teria como. Convido a uma recriação das práticas políticas, uma criação (ou recriação) institucional, operativa, dinâmica, catalisadora, coletiva. Outros modos de ver são necessários.

Em alguns trechos do livro toco em uma temática importante que não me dispus aqui a desenvolver, ainda que reconheça sua importância no processo político. Falo das questões ditas *espirituais*, para muitos, religiosas e, de certa forma, mais modernamente, referenciadas a uma *espiritualidade* mais ampla (ou mais difusa). Nos trechos onde isso ocorre, salto o tema, passo adiante. Quero aqui, entretanto, sem maiores pretensões, deixar clara a minha posição sobre esse ponto.

Certa vez, num documentário cinematográfico¹, contemplei a cena a seguir: uma linda praia quase deserta, um lugar paradisíaco, uma noite de lua cheia; um grupo de homens e mulheres, pardo-escuros, seminus, como nativos da Oceania, energicamente tocando tambores (como atabaques), uma mulher no centro da roda, dançando com grande expressividade corporal.

Impressionou-me fortemente o sentimento de sintonia de todos os elementos daquela cena: a areia da praia, a mata ao fundo, o prateado do luar, o som dos atabaques, o movimento dos corpos, tudo se integrando numa única e vibrante energia. Tudo aquilo me pareceu físico e energético, a expressão fantástica de uma única energia vibrando numa diversidade de formas, do luar ao som dos atabaques e aos corpos em movimento. Uma expressão vibrante de

1 Assisti na segunda metade dos anos 60, não lembro o título e não consegui localizá-lo. Era um documentário no estilo da série *Mundo Cão*.

uma energia cósmica. A diversidade das formas se integrando numa única energia multifacética.

Passei a achar que aquela cena era a expressão dinâmica de um nível elevado de sintonia: homem-mulher-natureza-universo. Adotei aquilo como o sentido que poderia designar como uma *espiritualidade*: a experiência de um nível energético, materializado, sutil, pleno, perpassando por tudo.

Por outro ângulo, essa mesma sensação de uma energia sutil, por dentro e por sobre nós, se reitera na presença de outros fenômenos: ouvindo a RAPSÓDIA SOBRE UM TEMA DE PAGANINI de Rachmaninoff, uma expressão musical que ultrapassa todas as expectativas, vai a um outro nível de sintonia quase que extra-humano, a arte talvez no sentido schopenhaueriano, o ápice da condição humana. Outra forma de expressão dessa *espiritualidade*.

Não é difícil multiplicar os exemplos: o sorriso da criança, a gota d'água na teia de aranha, o canto do pássaro, a explosão cósmica de uma estrela, a explosão da vida (*fogo que se alimenta a si próprio*²), o orgasmo, a visão de um céu estrelado. A vida, o universo, da explosão galáctica à sintonia fina da sinfonia, tudo isso me parece ser uma coisa só, que ao mesmo tempo é infinitamente múltipla. Uma energia que por tudo perpassa e tudo cria em suas autotransformações irrefreáveis e irrepetíveis.

Somos (acho) momentos dessa dinâmica energética universal, dos mais crus aos mais sutis, uma imanência em eterno movimento e, ao contrário do que pensavam os antigos, sem retorno.

2 Gibran Khalil Gibran, **O Profeta** (ACIGi, s/d, pág. 83; Gibran aplica essa metáfora a "o ilimitado" (no que se aproxima talvez do *apeiron* de Anaximandro) e ao "imenso homem" que *habita* em nós (no que se aproxima de Wilhelm Reich de **O Assassino De Cristo**). Essa metáfora, aqui, lembra que os seres animais, por exemplo, só sobrevivem tirando a vida de outros seres vivos. Nesse caso, pode-se dizer, a vida se alimenta da morte. Ou vida-morte é um processo único?

O maior mistério, então, é a consciência que (lendo Aristóteles, Bertrand Russell, Sartre, Marx, Popper, António Damásio – e outros, me convenci) cria possibilidades de escolha, o chamado livre arbítrio, a nossa capacidade de ver, analisar e tomar decisões, dentro do contexto das circunstâncias. O que vem de uma base cósmica (*filhos do céu*³), depois biológica, depois cultural e – nas suas expressões mais sutis – *espiritual*. No limite, um absoluto mistério, do qual desvendamos uma minúscula parte do “como acontece”, mas não “o porquê”. Sartre dizia que estamos condenados a ser livres. Acrescento (seguindo Kant e outros filósofos e cientistas): num mundo que, no limite, para nós, é incognoscível, estamos condenados, também, às incertezas últimas. É indispensável a coragem de conviver com os mistérios maiores.

Nesse mundo misterioso e incerto, algumas vezes de puro deleite – e, outras vezes, de absoluta impiedade – sempre perigoso (nossa integridade está sempre em risco), se não nos ajudarmos efetivamente, se não nos identificarmos nesse risco, nessa interrogação, nos prazeres e nas dores, algo como o sentido budista de *compaixão*, estaremos ainda mais perdidos do que já estamos. Isso, a incerteza, a busca e a *compaixão* (penso) é o que pode nos colocar um ponto acima da animalidade crua.

Se não conseguirmos construir uma sintonia humana superior, em equilíbrio dinâmico com os outros momentos do espaço-tempo cósmico, não atingiremos o nosso potencial de vibração, nossa vida fica no meio do caminho, *malograda* (diria Sartre), como hoje ainda acontece com muita gente.

Vejo, então, o conceito de *espiritualidade* nesse sentido, um modo de atingir níveis sutis de realização que, ao mesmo tempo,

nos sintoniza com uma energia de fundo que a tudo perpassa e cria. Talvez seja esse o deus de Spinoza (e de Einstein), talvez o Tao⁴.

Certamente não é possível tratar do fenômeno político, na prática, sem levar em conta o fenômeno religioso que, no Brasil – e em quase todo o mundo – participa da configuração mental da maioria das pessoas. A abordagem histórica mais pertinente, aceito, é a tolerância, que faz parte do cuidado com os outros. Também suponho que um caminho seja ampliar e aprofundar as iniciativas do ecumenismo. Não tento nesse texto avançar nesses temas, mas os tenho presentes no que formulo e suponho que tolerância, respeito à diferença e ecumenismo devam ser seriamente cultivados. Os diferentes devem se respeitar, agressividade e escândalo não ajudam.

A partir deste relato e destas poucas considerações, vinculo isso a um outro tipo de experiência. Década de 70, o país em plena ditadura. Eu, entre os 20 e 30 anos, participava intensamente das lutas pela redemocratização, vinculado ao PCB, o *partidão* (o do VI Congresso, que tivera a lucidez de assumir que o caminho (para *derubrar a ditadura*) não passava por *luta armada*, mas por mobilização popular, por direitos específicos e objetivos democráticos. Das teses da *esquerda* da época, esta foi uma das poucas que se mostrou consistente e eficaz, sem prejuízo de algumas ilusões. Pois bem, não obstante, era um desafio de alto risco. Testemunhei companheiros presos, torturados e levados à morte, de formas diretas e indiretas. Alguns, por essa luta democrática, penaram meses ou anos de prisão. Eu próprio fui preso (em pelo menos três ocasiões, prisões

4

Não duvido que essa sintonia possa provocar episódios telepáticos, algo que ainda não chegamos a compreender como ocorre. Mesmo assim, em vários momentos da vida, passei por episódios onde uma comunicação telepática me pareceu, em conhecimento íntimo, incontestável.

curtas, mas constrangedoras) colocado, literalmente, *a ferros* por lutar por democracia⁵. Foi, de fato, um *tempo de chumbo*.

Relembro isso, ao tratar dessa temática *espiritual*, porque, nas células do partido comunista em que atuava (*Secretário de Agitação e Propaganda* do PCB, em Feira de Santana, cidade que foi um polo de dura resistência à ditadura), dentre os mais ativos e consistentes de nossos militantes (à época), tínhamos: um presbiteriano, um espírita, um umbandista (titular de um terreiro de Umbanda), alguns católicos e alguns ateus, com a mesma diversidade se reproduzindo, ainda mais amplamente, entre os adeptos não tão ativos e os simpatizantes da nossa luta. A diversidade religiosa jamais produziu qualquer discórdia naquele grupo: a luta era pelas liberdades democráticas e melhores condições de vida para uma população pobre e oprimida. Ali soubemos identificar os objetivos comuns e conviver com a diversidade, antes que a repressão desbaratasse de vez aquele núcleo de ação política. Também no grupo havia homossexuais e mulheres feministas, politicamente ativos, pretos, pardos e *brancos*, jovens e idosos. Apreendi ali, na prática, que objetivos humanos, sem prejuízo de crenças religiosas diversas, podem nos unir – e produzir ações políticas legítimas e transformadoras.

Em resumo, a concepção dualista, cartesiana, vê *espiritualidade* como uma dimensão externa à vida material; uma concepção imanentista, de Spinoza (entre outros), vê a dimensão *espiritual* como um outro lado da medalha (materialidade e espiritualidade seriam unas, uma não existe sem a outra). A concepção evolucionista vê a dimensão espiritual como uma resultante (ou, melhor, uma

5 Em 1972 fui um dos coordenadores da campanha do MDB que, em Feira de Santana, derrotou o candidato do forte esquema ditatorial que se implantara no município. Em janeiro de 1973, na véspera da posse do prefeito que elegêramos, eu e alguns companheiros, fomos presos, sequestrados por agentes do DOI-CODI, com o claro objetivo de nos excluir da luta democrática que desenvolvíamos (e, talvez, da lista dos secretariáveis do novo governo da cidade). Entre outras brutalidades, deixaram-me 48 horas sem comer nem beber, sequer uma gota d'água. Na época, diante do que acontecia nos porões da ditadura, nem consegui ver aquilo como uma forma de tortura, os sistemas opressivos nos penetram.

emergência) da interação entre o biológico (humano) e o social (biocultural), sem prejuízo de uma dimensão anterior (para nós desconhecida, que, talvez, começa a ser pressentida a partir da física quântica⁶). Estamos longe de unificar estas compreensões, de dissolver estas distinções, muito longe. O que afirmo (experienciei) é que há formas e práticas de lidar com elas sem conflitos mortais e mesmo sem inimizades.

A animalidade primitiva pode nos dividir, se mal controlada, se não evoluiu ainda para o autocontrole e a vida civilizada. A *espiritualidade*, a sintonia fina, pode nos unir, as crenças específicas podem conviver humana e ativamente, constitutivas de um diálogo que em nada prejudica uma *práxis* comum e uma convivência produtiva.

Temos crises de toda ordem, catástrofes nos ameaçando, ceticismo por todo lado, cinismos e farsas predominando, mentes fechadas e hostilidades nos envolvendo por todos os lados.

Ainda assim me dou ao esforço de esboçar uma proposta otimista (que não se quer utópica), para um mundo que tende para o caos. Uma proposta que, até demonstração em contrário, vai depender da seriedade com que as pessoas, mais do que a considerem, considerem a si mesmas. Aqui busco alinhar fundamentos e diretrizes para a ação, de uma política efetivamente transformadora, que caminhe para a realização de metas factíveis e necessárias, para mudar o que está aí, mudar com efetividade, transformar.

É claro que tudo pode dar errado. Depois de vinte anos de ditadura, tivemos 17 anos da *nova república* (de Sarney a FHC), mais 14 das ambiguidades das coalizões *lulistas* (e, de quebra, dois anos do

6 Ver David Bohm (*Ciência, Ordem, Criatividade*) e Michel Cassé (*Os Filhos do Céu*, com Edgar Morin); "... o espírito, no sentido de *mind*, mente, emergiu do cérebro num dado momento da hominização, no momento em que a linguagem e a cultura foram necessárias para que as virtualidades desse cérebro humano pudessem se efetivar. A mente emerge do cérebro porque existe sociedade, cultura e linguagem [...] é a ligação entre o cérebro humano, a sociedade e a cultura humanas que faz emergir a mente." (Michel Cassé e Edgar Morin, *Os Filhos do Céu*, Bertrand Brasil, 2008, pág. 90).

governo Temer), ou seja, 20 anos de repressão seguidos de 33 anos de pusilanimidade em relação aos grandes problemas do nosso povo – e, mais, os quatro anos da tragédia bolsonarista⁷. É difícil imaginar que possa ser ainda pior, mas pode. Sempre pode piorar – e muito.

É o que tende a acontecer se um espírito novo não emergir de uma outra onda de ação política, que descortine novos cenários. Caso não surjam novos catalisadores sociais, que animem uma nova onda de esperança viva e de ações consequentes, permaneceremos, os bons e os maus, como desde 1966 nos lembrava o velho general Cavalcanti Proença, numa terra de sapos, onde se precisa andar de cócoras⁸.

Não tem sentido nos deixarmos levar repetindo receitas ineficientes e fracassadas. Bravatas também não nos levarão a lugar algum (a não ser a retrocessos). Utopias, bravatas e ortodoxias não nos servem. O que precisamos é combinar análise crítica com bom senso, projeto estratégico com ações cotidianas, ousadia com objetividade, firmeza com equilíbrio e (seis décadas de participação militante me deixam convencido) esse é o caminho que temos a trilhar para a construção de um mundo melhor.

A mediocridade predominante na política brasileira é deprimente. Com quem contar para acender uma nova onda de esperança? Uma aposta e uma decisão de enfrentamento de um desafio histórico.

Num plano de melhor amadurecimento, a questão se traduz na busca do significado que podemos dar à nossa própria vida, individual, grupal, coletiva. Temos o potencial de um desempenho muito

7 Parece claro que o Brasil, nesse nosso tempo, só é governável por uma frente democrática que aglutine vários atores sociais e correntes políticas. O atual governo Lula (1923-1926) configura uma oportunidade de uma efetiva construção democrática. Mas não deixa de apresentar perigosas fragilidades. O risco de retorno ao poder de uma extrema direita neoliberal e neofascista continua muito presente.

8 M. Cavalcanti Proença: "(Em terra de batráquio é preciso agachar-se a estas explicações, para não ser atingido pela baba dos sapos)" – **Revista Civilização Brasileira**, no 7, maio de 1966, pg. 10.

superior ao que nos estaciona na barbárie da pobreza, da violência e da apatia cúmplice de modos de ser e de viver insustentáveis.

O que vemos, o que sentimos, o que precisamos é não desistir, recomeçar sempre. Para isso continua válido o desafio de desmistificar e desconstruir as armadilhas históricas, realizar o que sabemos estar ao nosso alcance: construir um mundo social melhor. Só não faremos isso se nos deixarmos paralisar na apatia ou na mediocridade (em que muitos se deixam afundar). Sim, o que nos desafia, é uma opção ética.

Beraldo Boaventura

maio / 2021

dezembro / 2024⁹

9 O texto desse livro foi escrito no período da pandemia da COVID-19, entre maio de 2020 e maio de 2021. Ao longo de 2024, mantendo o conteúdo do texto original, fiz uma revisão, com pequenos acréscimos (inclusão de algumas páginas, a última seção do capítulo final), correções ortográficas, atualização de tempos verbais (no que dizia respeito à pandemia), acertos de estilo e inclusão de algumas notas.

INTRODUÇÃO

Tempos difíceis – e de alto risco. Aqui estamos nós. Que fazer?

A figura do copo d'água, meio cheio e meio vazio, sempre pode ser lembrada: há sempre algo de bom e sempre falta alguma coisa. E o bom e o ruim estão, muitas vezes, senão sempre, no mesmo espaço, se entrelaçam. Assim é o nosso tempo: repleto de ambiguidades. Talvez tenham sido assim todos os tempos, assim como os tempos que virão. Ademais, que seria da vida sem os desafios?

As angústias de que temos de tratar são as de nosso tempo.

No plano histórico-social temos questões abrasivas: processos democráticos sufocados por desigualdades econômicas, consumismo e *felicidade* artificial¹⁰, oceanos de pobreza, criminalidade e violências à solta.

Os problemas são gigantescos, aparentemente acima de nossas forças. Acomodarmo-nos a esta situação, contudo, é injusto com nós mesmos. Todas as gerações humanas, antes de nós, todas, cada qual a seu modo, se esforçaram para encontrar os caminhos para uma melhor qualidade de vida. Todas tiveram êxitos e fracassos; êxitos em alguns aspectos e fracassos em outros. Nunca existiram circunstâncias fáceis. Os êxitos se acumularam – e nos permitem confortos e realizações extraordinárias. Os fracassos também se acumularam – e nos põem diante de desafios excruciantes.

A esta altura da vida social, podemos ter um panorama histórico e estrutural, melhor, podemos alcançar uma visão sistêmica ampla. Isso não torna, para nós, as coisas mais fáceis, mas nos

permite acreditar que podemos ter sucesso onde muitos de nossos antepassados fracassaram. Isso nos coloca frente a frente com os nossos mais duros desafios.

Para abordá-los – e é imperioso fazê-lo – precisamos de diagnósticos, metas e métodos. Estes são (e serão) sempre muito diversificados, inevitáveis as divergências e os conflitos, de interpretações e de situações de fato. O primeiro passo precisa ser um esforço para compreender. Depois agir, de modo a superar os problemas – e cuidar dos novos, que vão aparecer.

O histórico humano no tratamento de conflitos é assustadoramente inadequado. Os primeiros métodos foram – e não poderiam ter deixado de ser – selvagens, matava-se o contendor e pronto. Mas isso sempre criava mais problemas do que resolvia – as guerras se estenderam, entre famílias, grupos e povos. O avanço cultural e civilizatório, pouco a pouco, insinuou outros métodos, mais eficazes e produtivos, de resolver problemas.

Contudo, ainda vivemos tempos bélicos e opressivos. Não estamos nem no início nem no fim da história. Precisamos fazer melhor, para viver melhor. Esta vontade, de fazer melhor, é o cerne das reflexões deste livro, a partir dos elementos históricos, sociológicos, políticos, que nos envolveram e que ainda nos envolvem. O modo de interpretar é uma questão central.

Estaremos longe de avaliações ortodoxas ou propostas dogmáticas. O entendimento é o de que precisamos debater e gerar uma massa crítica de consensos capazes de motivar ações políticas efetivamente transformadoras. A lição de Aristóteles, por isso, é insuperável, para tudo há de haver *a justa medida*. Nem sempre a melhor proposta é a mais afogueada. Muitas vezes o que exige mais esforço e mais coragem é a prudência. Mas é preciso aprender a ser firme no momento certo das mudanças possíveis, sem perder o equilíbrio e o senso dos valores que nos devem guiar.

Assim é o texto que se segue: um esforço para encontrar o caminho do alvo, acertá-lo com eficácia, transformar esse mundo que está à nossa volta, começando por este Brasil, tão desnortado. Mas, com a máxima clareza de que isso só se faz coletivamente, recomeçando por reavaliar os fundamentos. Por isso, o que se apresenta aqui, é um texto para o debate, que se quer traduzido em ações transformadoras.

Em resumo, vamos constatar, ao nível de nossas conjecturas e convicções (corroboradas pelo conjunto dos fatos, das experiências vividas e das ciências humanas), sujeitas a refutações e abertas ao necessário debate, basicamente, o seguinte roteiro.

O ser humano emerge da natureza constituído para um comportamento essencialmente flexível, constituindo, na evolução cultural, uma segunda natureza, que se desdobra numa evolução social ainda em processo, da qual a política é um componente intrínseco.

As grandes etapas da história humana, sempre entrelaçando práticas econômicas, organizativas e ideativas, demonstram que não somos condenados a nenhum formato definitivo de ordem social e podemos construir uma história mais condizente com o potencial de fazer melhor, tendo como meta maior, superando os oceanos de pobreza e miséria, a realização da dignidade humana, de todos os humanos.

O desdobrar-se da globalização capitalista trouxe para grandes segmentos da população humana benefícios que fazemos questão de preservar. Mas, numa dialética de violência embutida e efeitos imprevistos, trouxe também muito sofrimento humano, configura graves dificuldades e riscos de degradação e colapsos parciais, que prejudicam muita gente.

Na modernidade, as construções do liberalismo, do marxismo e das democracias sociais, historicamente mal consideradas, esgotadas, estão carentes de superação.

A emergência dos riscos climáticos trouxe a exigência de abordagens ambientalistas e sistêmicas, ecológicas, que precisam se estender às práticas políticas – e de gerar uma outra social-democracia que, além de não se deixar embalar pelas propostas delirantes de revoluções inviáveis, nem se deixar cooptar e corromper pela lógica do grande capital, nem patinar em simplificações dicotômicas (como *esquerda* e *direita*) seja capaz, na linha de um reformismo conceitual e estratégico, enfrentando desafios existenciais e históricos, reconstruir as práticas políticas e a vida social a partir da democracia, da ecologia, da eficácia e de outros valores subsumidos no exercício de uma ética abrangente e humanista.

1

**NATUREZA
HUMANA
E ARMADILHAS
HISTÓRICAS**

NOSSAS ORIGENS

Duzentos mil anos. Em torno disso, pelo menos, é o tempo que os *humanos modernos* existem na face da Terra. Talvez seja um pouco mais¹¹. Prevalece a convicção de que os primeiros humanos nasceram na África. É o que nos dizem os pesquisadores de várias áreas científicas. Toda afirmação científica está sujeita a questionamentos – é básico na ciência questionar suas verdades – mas, quanto a esses pontos, a maioria dos especialistas estão de acordo, com variações em aspectos secundários, com as ressalvas próprias das abordagens da ciência, onde todas as certezas (ou convicções) são continuamente questionadas, a ciência avança se autocorrigindo.

Vale a pena aproximarmos o foco para identificar aspectos dessa busca científica. À medida em que evoluem em formas diferenciadas, as espécies vivas em formação vão gerando formas semelhantes, mas cada vez mais diferenciadas. Não há (ou só há raramente) alterações abruptas (é o que debatem os biólogos¹²). As espécies, na sucessão dos indivíduos, vão, por processos específicos estudados pela biologia evolutiva, se diferenciando gradativamente da população original até formarem novas espécies.

11 Por *humanos modernos* estamos falando do *homo sapiens-sapiens*. No livro **Assim Caminhou a Humanidade** (Ed. Palas Athena, 2015), organizado pelo prof. Walter Neves (e outros), no capítulo de Alysso Allan (e outros), encontramos: “... o fóssil mais antigo da nossa espécie foi encontrado na Etiópia, no sítio Omo, e foi datado em cerca de 200 mil anos. Outro fóssil, no sítio Herto, na Etiópia, foi datado entre 154 e 160 mil anos. Nenhum outro fóssil de humanos modernos foi encontrado em outras partes do mundo com datações tão antigas quanto esses dois achados.” E, em outro trecho: “... a capacidade para o comportamento moderno [de gerar cultura e se expressar de forma simbólica] estava pronta há 170 mil anos.” Há quem defenda uma origem mais distante (entre 200 e 300 mil anos). Já o geneticista Adam Rutherford, em **O Livro dos Humanos** (Record, 2020, pg. 11, n.) diz o seguinte: “Os primeiros *Homo sapiens* são encontrados no Marrocos e tem por volta de 300 mil anos, mas costumam ser qualificados como seres humanos anatomicamente arcaicos, e não modernos, os mais antigos entre os quais têm em torno de 200 mil anos.”

12 Para R. Dawkins não acontecem alterações abruptas, só pequenas mudanças cumulativas; para S.J. Gould podem acontecer alterações genéticas relativamente abruptas, que ele designa como *equilíbrio pontuado*.

Nas palavras de Richard Dawkins: *"Na concepção evolutiva da vida, temos de esperar uma série contínua de intermediários"*¹³. Isso significa que é preciso interpretar o fóssil descoberto para entender o seu lugar na sequência evolutiva. Assim é que, para exemplificar, em relação aos fósseis humanos encontrados na localidade de Herto, Etiópia, avaliados como sendo de 160 mil anos, Richard Dawkins registra que, segundo seus descobridores (Tim White e colegas):

*"... eles pertenceram a uma 'população que está no limiar da modernidade anatômica, mas ainda não é inteiramente moderna.' Para o eminente paleoantropólogo Christopher Stringer, o material de Herto é 'o mais antigo registro inquestionável daquilo que atualmente definimos como homo sapiens.' Antes deles, esse registro era dado por fósseis mais novos, datados de aproximadamente 100 mil anos atrás, encontrados no Oriente Médio. Independentemente das sutis distinções entre 'moderno' e 'quase moderno', está claro que o povo de Herto se situa no vértice entre os humanos modernos e os predecessores..."*¹⁴

Certamente nunca será nem fácil nem definitivo interpretar os achados fósseis – e ter uma ideia tão clara quanto desejaríamos de como realmente as coisas ocorreram. Em linhas gerais, contudo, o percurso está bem nítido.

Para ir adiante, até onde nos for possível entender esses fatos, podemos considerar a duração de nossa espécie em algumas grandes etapas (sem prejuízo de outras periodizações).

A primeira grande etapa, dos primeiros grupos humanos, desde a mais remota origem até algo em torno de 80 a 60 mil anos. Essas datas serão sempre referências relativas. Ao fim dessa época ocorreram eventos climáticos (longas secas e/ou erupções vulcânicas) que por muito pouco não levaram a humanidade à extinção.

13 Richard Dawkins, **A Grande História da Evolução**, Cia. das Letras, 2009, pág. 88.

14 *Ibidem*, pág. 87.

Isso, àquela altura, provocou um gargalo na história evolutiva que levou à situação de ser problemático, hoje, de um ponto de vista científico, falarmos em *raças humanas*¹⁵. Os sobreviventes desse gargalo biológico, já formando uma humanidade geneticamente menos diversificada (do que a dos primeiros tempos), seriam os ancestrais de toda a humanidade de hoje. Esta primeira etapa de vida da nossa espécie pode ter durado de 130 a 80 mil anos. Algo assustador, não obstante, considerando que a nossa é uma das mais novas espécies do planeta.

A segunda grande etapa da existência humana transcorreu desta época até algo em torno de 15 ou 10 mil anos. Durante essa etapa os humanos cresceram em população, ao longo de séculos e milênios, foram saindo da África e chegando praticamente a todos os recantos do planeta. Nesse processo surgiram diferenciações na cor da pele e em caracteres físicos superficiais e – o que foi mais decisivo – foram se distribuindo em um sem número de etnias e culturas diferentes. Esse segundo – e importantíssimo – período da *nossa* existência teria durado em torno de outros 50 mil anos (ou algo mais).

A terceira grande etapa se inicia ao fim desse período, (em torno de 10 mil anos) em meia dúzia de lugares. Alguns grupos humanos dão início a uma *Revolução Agrícola* – o que vem acompanhado de inéditos processos de urbanização e se deflagram as mais profundas transformações no modo de vida pelas quais a humanidade

15

Richard Dawkins: "... nível incomumente alto de uniformidade genética na espécie humana, apesar das aparências superficiais. Se compararmos moléculas de proteínas do sangue, ou se sequenciarmos os próprios genes, constataremos que existe menos diferença entre dois humanos quaisquer vivendo em qualquer parte do mundo do que a encontrada entre dois chimpanzés africanos. Podemos explicar essa uniformidade humana supondo que nossos ancestrais, mas não os dos chimpanzés, passaram por um gargalo genético não muito tempo atrás. A população ficou reduzida a um pequeno número, beirou a extinção, mas recobrou-se por um triz. Há indícios de um tremendo gargalo – talvez uma queda na população para 15 mil pessoas há cerca de 70 mil anos – causado por um 'inverno vulcânico' de seis anos, seguido por uma época glacial milenar... [...] nós todos descendemos dessa diminuta população, e é por isso que somos tão geneticamente uniformes..." **A Grande História da Evolução**, Cia. das Letras, 2009 (pág. 470/1).

já passou desde o seu surgimento. A *Revolução Agrícola*, malgrado o termo, não foi um evento único, aconteceu ao longo de séculos ou mesmo milênios¹⁶. Também data deste período o início das práticas de escravização. Só quando passa a haver produção econômica que gere um excedente passa a haver condição de manter escravos. Antes disso, os derrotados em conflitos guerreiros eram massacrados. Com a Revolução Agrícola podem ser destinados ao trabalho forçado, principalmente as mulheres. A escravidão surge de uma combinação de violência e avanços no modo de produzir alimentos. Podemos considerar que esta etapa vai das revoluções agrícolas até o desmoronamento do Império Bizantino e seus desdobramentos no feudalismo europeu.

A quarta etapa, nessa sequência, é a que vivemos hoje, tendo três grandes raízes históricas: a 1ª com o lento desenvolvimento do comércio que, não obstante tenha se iniciado em passos minúsculos, foi se adensando – ao longo de séculos – e se tornou um dos fatores de gigantes transformações em nosso modo de vida; a 2ª com as grandes navegações, a partir do século XV; e a 3ª com a Revolução Industrial – que vem se desdobrando até os nossos dias. É provável que estejamos penetrando numa quinta grande etapa, com a Revolução Industrial se transfigurando na Revolução Tecnocientífica que estamos vivenciando.

16 Darcy Ribeiro **n'O Processo Civilizatório** (pág. 55) registra: "O primeiro processo civilizatório corresponde à Revolução Agrícola, que se desencadeou originalmente, há cerca de 10 mil anos, sobre os povos da Mesopotâmia e do Egito e se repetiu, mais tarde, por efeito da difusão ou como desenvolvimentos independentes, na Índia (6.000 a.C.), na China (5.000 a.C.), na África Tropical (3.000 a.C.) e nas Américas (2.500 a.C.)." Outros pesquisadores preferem o conceito de *Revolução Neolítica*, que (a depender do autor) pode não ser idêntico a *Revolução Agrícola*, mas cobre, até certo ponto, o mesmo período, com maior ou menor extensão. Jared Diamond (*Armas, Germes e Aço*, pág. 16) aponta: "Até o fim da última Era Glacial, cerca de 11.000 anos antes de Cristo, todos os povos de todos os continentes eram caçadores-coletores de alimentos. Entre 11.000 a.C. e 1500 d.C., diferentes ritmos de desenvolvimento nos vários continentes resultaram nas desigualdades tecnológicas e políticas existentes em 1500". Edição das fontes nas Referências Bibliográficas.

A duração dessas grandes transformações tem se acelerado. Mas estas grandes transformações se dão, pelo planeta afora, em ritmos diferenciados e efeitos marginais imprevistos. Séculos, milênios, são durações enormes em termos do nosso dia a dia. Não nos dão a percepção de como somos recentes no planeta. Só para ilustrar, enquanto existimos há 200 mil anos (algo mais ou menos) – e só mais conscientes de nós mesmos de alguns séculos para cá – sabemos que alguns animais, o crocodilo, por exemplo, existe, na configuração de hoje, há muito mais tempo, cerca de 80 milhões de anos.

Ao delinear essas etapas estamos longe de simplificar as coisas. Cada uma dessas etapas da condição humana implicou mudanças verdadeiramente dramáticas (e muitas vezes trágicas) na forma de sobreviver, nas tecnologias, na forma de organização dos grupos humanos, no desenvolvimento da linguagem, das línguas, das culturas, das etnias. Biologicamente pouco mudamos (se é que mudamos) em todos estes períodos. O fato mais notável ao longo desse período, sem dúvida, foi – e é – a evolução cultural. De *macacos nus*¹⁷, mantendo a mesma estrutura biológica, nos tornamos o que somos hoje, através de um processo longo, complexo e extremamente diversificado de evolução cultural e histórica, que não sabemos onde vai parar.

NATUREZA HUMANA

As transformações ao longo da existência humana se deram de modo sistêmico, envolvendo simultaneamente avanços tecnológicos, organizativos e culturais. Quando da Revolução Neolítica e Agrícola os humanos já estavam espalhados praticamente por todo o planeta. Desgraçadamente, características fortemente presentes

17

Expressão de Desmond Morris: *O Macaco Nu* (Círculo do Livro, 1975).

nesse percurso foram a conflituosidade e a guerra, muitas vezes a violência mais brutal. O percurso histórico da humanidade está marcado por incontáveis episódios de autoflagelação da espécie, genocídios, massacres, guerras aparentemente sem fim¹⁸.

Por que tem sido assim? Isso decorre, como dizem alguns, da *natureza humana*? Ou decorre muito mais do *modo como as coisas aconteceram*?

Por razões diversas, a resposta mais corriqueira, o lugar comum, tem sido dizer que isso é uma decorrência inevitável da *natureza humana*. Opinião esta defendida inclusive por alguns *renomados* cientistas. Tem sido também uma opinião adotada por muitos em função de crenças religiosas que consideram que a alma (ou a mente) humana tem em si um componente malévolo, um pecado original, ou é facilmente suscetível às forças sobrenaturais malignas. Assim, no campo das ações humanas, seria um problema sem solução ou só solucionável por algum tipo de intervenção divina.

No campo oposto a essas posições fatalistas ou conformistas temos o posicionamento (também defendido por pensadores, cientistas, filósofos e religiosos não menos renomados) de que tantos conflitos, competições fatídicas e guerras decorrem mais do modo como as situações se configuraram, historicamente, sendo solucionáveis por ações humanas conscientes, que vão depender de nós, de nossas iniciativas.

Sobre o que pensar quanto à *natureza humana* vamos abordar o que nos parece da maior importância: (1) a plasticidade humana, a sua capacidade de se moldar e criar a partir das circunstâncias,

18 Não deixa de ser legítimo, por essas razões, considerar os grupos humanos dessa época como *primitivos*. Há, nesse histórico, um longo período em que a agressividade, a capacidade de agir em grupo com violência e rapidez, eram essenciais para a sobrevivência, para a caça e autodefesa. Esses grupos viviam imersos na selva, com perigos mortais por todo lado. A grande questão é se, com a evolução cultural, algum dia isso muda.

não obstante, com certa frequência, (2) enveredando em intrincados labirintos e perigosas armadilhas históricas.

Aqui vamos levantar uma hipótese, uma conjectura, que pode dar conta de uma explicação realista sobre essas presenças do conflito e da violência, um elenco de armadilhas, vindas da pré-história, na qual a humanidade enveredou e delas ainda não aprendeu a sair.

Os partidários da *natureza humana violenta e incorrigível* acham que o problema ou é metafísico ou é biológico (ou uma dupla condenação, divina e biológica). Os partidários do condicionamento histórico (o como se deram as coisas) acham que o problema, de fundo social e político, é superável.

No livro *Sociobiologia*, organizado pelo biólogo E.O. Wilson, encontramos as bases da posição de que a conflituosidade extrema e, no limite, a guerra, é praticamente inevitável (ou seja, está plantada em nossa estrutura genética)¹⁹. Num passado recente o grande nome desta posição foi o austríaco Konrad Lorenz, que extrapolou suas pesquisas sobre comportamento animal para os seres humanos²⁰. São muitos que defendem essa tese, principalmente nos meios empresarial e militar. É uma teoria que busca justificar todo tipo de agressividade, competição, conquistas violentas e guerras: *faz parte da natureza humana*, assim dizem. Queremos demonstrar que essa formulação é falsa – e distorce a nossa compreensão de nós mesmos.

19 O livro **Sociobiology: The New Syntheses**, publicado em 1975 provocou intensas polêmicas. No limite foi acusado de propor um determinismo biológico para o comportamento humano.

20 Lorenz, polêmico personagem. No início de sua carreira acadêmica se envolveu com e apoiou os nazistas, a quem serviu na II Guerra. Foi prisioneiro de guerra dos russos. Depois da guerra, declarou-se arrependido desse envolvimento, que tentou esconder, mas foi desmentido com provas. Mais para o fim da vida tornou-se defensor dos movimentos verdes e da ecologia. Talvez um exemplo da *ingenuidade* (perversa) dos muitos alemães que apoiaram o nazismo, o que Lorenz ensaiou, àquela época, justificar cientificamente. Por seus estudos sobre psicologia animal (etologia) recebeu um Prêmio Nobel em 1973. Fonte: https://gid.wiki/wiki/pt/Konrad_Lorenz. O *instintivismo* de Lorenz está extensamente criticado por Erich Fromm em **Anatomia da Destrutividade Humana** (ZAHAR, 1987).

No lado oposto temos também uma lista de nomes qualificados, que defendem que, ainda que considerando a natureza animal do ser humano, *a configuração social* conflituosa é o principal estimulador da exacerbação do egoísmo e da agressividade que, ainda, combinado com lógicas sociais competitivas, levam à frequente ocorrência de grandes conflitos armados.

Cabe desde logo registrar o equívoco contido na expressão de *lado oposto*. A verdade não está em afirmar o oposto, o inverso, como se disséssemos: *já que a belicosidade genética é uma formulação falsa, o inverso é verdadeiro (os humanos são geneticamente dóceis e pacíficos)*. Seria trocar uma falsidade por outra, um mau hábito de quem se acostumou a pensar por dicotomias. A verdade, neste caso, tampouco está em algum tipo de meio termo. O problema é outro, deve ser abordado de uma outra forma.

E. O. Wilson (*A Conquista Social da Terra*) defende que o *tribalismo* é um *instinto* humano, está inscrito em nossos genes. Do seu modo de defender essa tese, fica insinuado que não há distância entre o tribalismo e a guerra inevitável. Contudo, ele próprio apresenta uma tabela em que se registram estimativas *"sobre a fração da mortalidade adulta atribuível à guerra"* em sociedades neolíticas. Em nenhum dos casos citados essa fração chega a 0,5% da população. Que estranho instinto esse que só atinge percentual ínfimo da população! Se a guerra decorresse de fato de um *instinto* seria forçoso que esses resultados fossem muito maiores. Exemplo: a dominância dos leões nos seus respectivos grupos é garantida pela força e por sua capacidade de derrotar outros leões em batalhas titânicas. Por consequência disso é altíssima a percentagem de leões mortos (ou feridos de morte) por seus competidores da mesma espécie. Se esse percentual fosse de apenas 0,5% teríamos que buscar outra explicação que não o *instinto*. Ao longo de milênios de um instinto letal, a tabela apresentada por Wilson não registra um número de mortos nas guerras que chegue a 0,5% das populações envolvidas.

Seu argumento não se sustenta a partir da *corroboração* que ele próprio apresenta.

Num dado trecho do livro Wilson registra que “... somos *Homo sapiens*, seres imperfeitos, batalhando contra impulsos conflitantes em um mundo imprevisível e implacavelmente ameaçador...” Uma frase bela e verdadeira, só que, em sua *sociologia biológica*, não atina que esses “impulsos conflitantes” operam nos limites e nos espaços dados pela evolução das configurações histórico-culturais, que inibem ou estimulam as potencialidades do desempenho humano. Também ele não dá a devida importância a algo fundamental que ele próprio registra: a potencialidade multidimensional que ele designa como *impulsos conflitantes*. Estes, realmente existem, sem a força que Wilson presume e sempre, contudo, num pano de fundo contextual que estimula ou desestimula tendências ou potencialidades múltiplas²¹.

Para termos uma abordagem alternativa vale o exemplo da formulação de Steven Pinker que identifica *impulsos conflitantes*, sim, metaforicamente, designados por ele como os *anjos* e os *demônios* da natureza humana²².

Cinco “*demônios interiores*”: (1) a violência predatória (ou instrumental); (2) o impulso de dominar, a *dominância* (“...a ânsia de autoridade, prestígio, glória e poder...”); (3) a vingança; (4) o sadismo; (5) a ideologia [as ideologias exacerbadas, os fanatismos].

21 Edward Osborne Wilson, biólogo norte-americano mais conhecido como E.O. Wilson, inicialmente se notabilizou por seus estudos sobre formigas. Não é taxativo na posição de inevitabilidade cruenta da agressividade humana, seu estilo costuma ser cuidadoso, muitas vezes ambíguo (muitos criticam isso no seu estilo), insinua, sem afirmar taxativamente. A obra de E. O. Wilson é extensa e de considerável valor. Talvez, seja possível identificar, na sua evolução intelectual, uma moderação no (que pareceu a muitos) seu determinismo. Não pode ser avaliado de modo simplista. Deslocando o foco, por exemplo, James Watson, um cientista que deu inegáveis e decisivas contribuições ao desenvolvimento da genética, nunca deixou de ser um notório racista. De fato, o valor de uma ideia não depende de quem a enuncia.

22 Steven Pinker, *Os Anjos Bons da Nossa Natureza*, Cia. das Letras, 2013.

Quatro “anjos”: (1) a *empatia* (que, por seu turno, Susan Sontag indica como a solidariedade *diante da dor dos outros*²³); (2) a capacidade de autocontrole; (3) o senso moral; e (4) a faculdade da razão.

Cinco “forças históricas”: (1) o surgimento do Estado (o *Leviatã*), (2) o desenvolvimento do comércio, (3) a *feminização* da vida social, (4) o cosmopolitismo e (5) a *escada rolante da razão*.

Para além de Pinker, quais são as forças históricas pertinentes já é um outro debate, mas é importante o reconhecimento de que, além das possíveis propensões instintivas, há decisivas forças históricas em jogo.

Para Pinker “*Os seres humanos não têm bondade inata (nem maldade inata...)*”, nem a mente humana surge vazia e limpa como uma *tábula rasa*. Chegamos ao mundo (diz Pinker) com múltiplas potencialidades (dispositivos físicos e neurológicos) que ganharão ou não o desenvolvimento no contexto de *forças históricas* que vão estimulá-las (ou mitigá-las) ao longo do percurso, mais precisamente, ao longo do processo civilizador (que pode ou não ocorrer). Diz Pinker:

“... a mente é um sistema complexo de faculdades cognitivas e emocionais implementadas no cérebro, que deve sua estruturação básica aos processos da evolução. Algumas dessas faculdades nos inclinam para vários tipos de violência. Outras – ‘os anjos bons da nossa natureza’ – nas palavras de Abraham Lincoln – nos inclinam à cooperação e à paz.”²⁴

A abordagem de Pinker se mostra, nesse aspecto, superior ao primarismo apresentado por E.O. Wilson: (1) comportamentos de graves consequências como a guerra (que muitos apresentam como onipresente no comportamento humano) ou o tribalismo exacerbado

23 Susan Sontag, *Diante da Dor dos Outros* (Cia. das Letras, 2003).

24 Steven Pinker, *Os Anjos Bons da Nossa Natureza*, Cia. das Letras, 2013, pág. 22.

não resultam explicados a partir de um *instinto*²⁵; (2) a característica biológica mais marcadamente humana, ou seja, o cérebro mais complexo do reino animal, com suas imensas capacidades adaptativas e criativas, cujos limites ainda desconhecemos, não resulta rendida a um hipotético *instinto* e a uma deploravelmente estreita concepção de *natureza humana*; e, ainda, (3) a potencialidade multidimensional da inteligência humana não se realiza num espaço vazio ou homogêneo, mas responde aos desafios dos ambientes físicos e históricos nos quais existe²⁶.

Esse é o ponto: a plasticidade (da inteligência e do comportamento) é a realidade mais plena com que a evolução nos dotou, a potencialidade multidimensional de responder de formas alternativas aos desafios colocados pelos contextos dinâmicos, físicos, biológicos e sociais. Temos limitações biológicas e instintos, mas eles, em nossa espécie, resultaram relativos à plasticidade cerebral e à inteligência desenvolvidas pelos processos evolutivos biológico e cultural. É isso que faz de nós seres, não onipotentes, mas especiais – nesse imenso universo misterioso. Marca original, condenação, se temos alguma, é a de sermos livres e responsáveis por nós mesmos²⁷. Temos resquícios de instintos, instintos mitigados, mas nossas diretrizes mais potentes são as de que somos capazes de criar novas realidades,

25 Também Freud não foi convincente quando, diante dos horrores da guerra, quis explicar a hecatombe por uma hipotética pulsão para a morte. Freud, contudo, identificava a alternativa de prevalência de uma pulsão pela vida. Wilson não incorpora nenhuma dialética (ainda que fale de *impulsos conflitantes*), usando um estilo ambíguo, deixa no ar a questão de que a guerra seja (ou não) uma condenação (biológica) inevitável.

26 Ao longo de seus livros Steven Pinker se revela visceralmente antimarxista. Em alguns trechos (poucos) usa uma terminologia do americanismo dos tempos da Guerra Fria, o que, aqui e ali, macula sua objetividade. Entretanto, nas formulações dessa complexidade interior e no reconhecimento de *forças históricas* – e na interação entre história e psicologia – é curioso notar como suas posições coincidem com as de Marx, embora não o Marx das ortodoxias *marxistas*.

27 Como insistia Sartre e insiste Edgar Morin: "Uma ética de alcance e rosto humanos supõe desde logo a restauração do sujeito responsável." Edgar Morin, **Uma Política de Civilização**, Arléa, Inst. Piaget, Lisboa, 1997.

a partir das situações específicas em que nos encontramos. Isso faz toda a diferença.

O livro citado de E. O. Wilson (*A Conquista Social da Terra*) não se limita ao tema aqui abordado. É um livro de divulgação científica e tem os seus méritos, não obstante conter a falácia aqui comentada. O livro de Steven Pinker é, além de enciclopédico, bem mais ambicioso. Contém aspectos polêmicos, sem dúvida, mas é um livro valioso²⁸.

Erich Fromm apresenta uma outra análise, consistente e aprofundada, dessa questão²⁹. Demonstra a impropriedade da fixação *instintivista* (hoje chamaríamos *genética*) de Konrad Lorenz [e da *Sociobiologia*]. Argumenta, a partir de dados da pesquisa antropológica, que a agressividade destrutiva (diferente da *defensiva*) ocorre em sociedades anômalas e expõe uma noção de natureza humana que, biologicamente comum, se especifica cultural e evolutivamente.

Fromm destaca que os humanos são especiais na natureza porque a evolução biológica nos criou com menos instintos e com um cérebro que nos tornou capazes de *autoconsciência*, razão e imaginação:

“... consciente de ser ele um ente separado da natureza e dos outros, ... consciente de seu desamparo, de sua ignorância; ... consciente de seu fim: a morte.”

28 Quanto à sociobiologia, cabe considerar a observação do professor J. Reis no artigo **A Controvertida Sociobiologia**: “Num livro de crítica da aplicação da sociobiologia ao homem, Ashley Montagu reuniu a colaboração de vários especialistas, como sociólogos, biólogos, antropólogos, etólogos, neurobiologistas. A conclusão desses especialistas é que as alegações de Wilson a favor de sua sociobiologia em geral não encontram prova, não sendo válidas as conclusões que ele apresenta [...]”. Escreve Montagu: “Não pode haver a mínima dúvida quanto à existência de uma base genética em boa parte do comportamento humano, mas isto é muito diferente de afirmar que esse comportamento é geneticamente determinado [...] os sociobiologistas não compreendem plenamente é que, como consequência da história toda particular da evolução humana, a humanidade passou para uma zona completamente nova da adaptação, a cultura [...] é pela parte aprendida a partir do meio que os seres humanos reagem aos desafios de seus ambientes, e não pela ação determinativa ou decisiva de seus genes.” https://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/biogeografia_saude_publica/aulas%202014/5-sociobiologia-controversia.pdf.

29 Erich Fromm, *Anatomia da Destrutividade Humana*, Zahar, 1987.

Essa *autoconsciência* impõe uma busca existencial, fazendo emergir necessidades próprias do humano, respondidas de modo diferente em diferentes culturas. Essas necessidades *existenciais*:

“São compartilhadas por todos os homens e a sua satisfação é tão necessária ao homem para que se mantenha em estado de sanidade como a satisfação de impulsões orgânicas o é para que se mantenha capacitado a viver. Mas cada uma dessas necessidades pode ser satisfeita de diferentes maneiras, que variam em função das diferenças de sua condição social. Essas necessidades existenciais se apresentam como [...] “... paixões arraigadas ao âmbito do caráter [...] acham-se integradas ao caráter do homem. [...] ... o caráter é o sistema relativamente permanente de todas as forças não-instintivas através do qual o homem vincula-se ao mundo humano e natural. Pode-se compreender o caráter como o substitutivo humano para os instintos animais ausentes: é a *segunda natureza* do homem. O que todos os homens têm em comum são as impulsões orgânicas (embora altamente modificáveis pela experiência). O que não têm em comum são as espécies de paixões dominantes em seu respectivo caráter... A diferença de caráter é amplamente devida à diferença registrada nas condições sociais... a influência social só pode atuar através das condições biologicamente determinadas...”³⁰

Fromm indica como necessidades existenciais humanas:

1. “... uma visão do mundo e de sua posição no mundo que seja estruturada e que tenha coesão interna”; Isso se dá pela construção de (a) um mapa de orientação e (b) um objeto de *devoção*; os objetos de devoção variam... “...um ídolo que lhe exija que mate seus filhos ou a um ideal que o faça protegê-los; ... o crescimento da vida ou à sua destruição ...o objetivo de juntar uma grande fortuna, de adquirir poder, de destruição ou ao ideal de amar e de ser produtivo e corajoso. Pode devotar-se às mais diversas finalidades e ídolos;

...a necessidade de devoção, em si mesma, é uma necessidade primária, existencial, que pede satisfação, independentemente de como seja satisfeita...";

2. *Enraizamento*, "...encontrar novos laços com seus semelhantes; sua própria sanidade depende disso";
3. *Unidade*, "estabelecer um senso de unidade dentro de si mesmo e com o mundo natural e humano... há várias maneiras...";
4. *Eficácia*, "... um senso de ser apto a fazer alguma coisa, de comover alguém, de 'deixar a sua marca'";
5. *Excitação e estimulação* – Há estímulos simples, que geram reações passivas, e estímulos ativadores, que estimulam a pessoa a tornar-se ativa, interessada, participante, são os estímulos que superam o tédio (uma das principais causas da agressividade e da procura das drogas);
6. *Desenvolvimento de uma estrutura do caráter*, o dispositivo humano que substitui a força dos instintos verificada nos outros animais; as culturas, a partir de suas especificidades, transmite aos jovens os seus valores e prescrições, formando o caráter social daquele grupo humano.

A ideia de que os humanos são originalmente pacíficos está superada. Na emergência biológica tudo indica que não éramos (nem somos inerentemente) pacíficos. Mas isso não implica que, como espécie, desde as origens, por disposição genética, somos violentos e agressivos. O que parece consistentemente comprovado é o potencial de agir conforme as circunstâncias. Há incontáveis comprovações históricas (e pré-históricas) de comportamento violento. Há incontáveis comprovações históricas de comportamentos pacíficos, em grandes dimensões. Carregamos o potencial de agir de uma forma ou de outra, conforme as circunstâncias. Falamos

de circunstâncias externas e dos seus impactos na moldagem da reatividade criativa dos humanos (possíveis a partir da plasticidade comportamental).

Também é óbvio que esta plasticidade não é a única característica especificamente humana. Temos outras, como é o caso da racionalidade. Um potencial cujo uso e desenvolvimento evolui com a história, também colado às circunstâncias. Cérebro, linguagem, escrita e tecnologias de comunicação podem ser vistos como passos e etapas desse desenvolvimento, do nível biológico ao cultural. Juntando sociabilidade à tecnologia, a pré-histórica conversa em volta da fogueira evoluiu (de modo complexo) para a dinâmica das redes eletrônicas e satélites artificiais.

A partir destas duas constatações (a localização histórico-social do comportamento agressivo e o crescente potencial de racionalidade) poder-se-ia dizer que os humanos são diferentes, uns mais impetuosos e outros mais pacíficos. Isso é verdadeiro, mas decorre principalmente de disposições genéticas não tão diferenciadas. Somos uma só espécie com baixa diferenciação genética (relativamente a outras espécies, mesmo de primatas). Decorrem, as diferenças, mais da história, do ambiente social e das experiências formadoras do *caráter* (o paradigma emocional-cognitivo) dos indivíduos.

As formulações dicotômicas é que são insustentáveis: não é uma coisa ou a outra, tudo ou nada, bem ou mal. São muitas as variações, os entrelaçamentos, não só os tons de cinza, mas um todo, muito mais amplo do espectro cromático – e conceitual. Sem dúvida que há situações em que as bifurcações são inevitáveis, contudo, se só enxergarmos pela frente bifurcações (ou dicotomias), não vamos entender nada do mundo real.

A antropologia mais consistente identifica os chamados *universais humanos*, características encontradas em praticamente todos os grupos humanos do planeta.

Franz Boas, um dos mais notáveis antropólogos de todos os tempos, tido (por muitos) como o pai do *culturalismo*, já registrava, há décadas, que, praticamente todos os grupos humanos, no que diz respeito ao próprio grupo, condenam o assassinato, o roubo, a mentira e o estupro (o que varia é a extensão do grupo social em relação ao qual se exercem as regras morais, aspecto cuja ampla variação demonstra que não tem limites geneticamente fixados)³¹.

John Locke, o pai de um tipo clássico de liberalismo (que pode ser designado de *liberalismo burguês* – o que está longe de esgotar a temática do liberalismo), utilizou a expressão *tábula rasa*, para conceituar a mente humana, uma folha em branco, onde a sociedade, a educação, a experiência, escrevem qualquer coisa. Uma formulação simplista e que não corresponde à realidade.

Steven Pinker (psicólogo e neurocientista) apresenta uma formulação cientificamente mais atual e mais consistente. Cita o escritor russo Tchekhov: "O homem se tornará melhor quando lhe for mostrado como ele é". Portanto, complementa Pinker:

"... as novas ciências da natureza humana podem ajudar na condução a um humanismo realista e fundamentado na biologia. Elas revelam a unidade psicológica de nossa espécie sob as diferenças superficiais da aparência física e da cultura local. Levam-nos a avaliar a prodigiosa complexidade da mente humana..."

[...]

"Proporcionam uma pedra de toque com a qual podemos identificar o sofrimento e a opressão onde quer que ocorram, desmascarando as racionalizações dos poderosos"³².

31 Cf. Franz Boas, **A Mentalidade do Homem Primitivo**, Ed. Vozes, 2011, cap. XI.

32 Steven Pinker, **Tábula Rasa**, Cia. das Letras, 2004, pág. 14. Observe-se que este autor, com vínculos com o Partido Democrata americano, está longe de ser um esquerdista.

O assunto gera (ainda) polêmicas políticas. Contudo, mesmo um reducionista como E.O. Wilson (defensor ambíguo de um determinismo da belicosidade humana) é obrigado a reconhecer que:

“Não se descobriu nenhuma diferença genética estatística entre populações inteiras que afete a amígdala e outros centros de circuitos controladores de reações emocionais. Tampouco se conhece qualquer mudança genética que determine diferenças médias entre populações no processamento cognitivo profundo da linguagem e no raciocínio matemático...”³³

São duas ordens de fatos que precisam ser compreendidas:

1. A realidade aparentemente paradoxal de que somos *indivíduos-sociais*, temos um grau relativo de autonomia, mas não vivemos sem os outros, sem a rede dinâmica de conexões com os outros;
2. O processo da evolução histórico-cultural fragmentou nossa compreensão de que somos uma espécie única, com menos variações genéticas internas à espécie do que a dos outros primatas (ou seja, somos uma espécie única, não temos *raças* ou subespécies, as variações entre os indivíduos humanos existem e são biologicamente superficiais, não configuram “raças”)³⁴.

O desafio, aqui, é o de compreender essa complexidade *dialética*: ser simultaneamente individual e coletivo, no plano biológico e no plano cultural. A tradição do *individualismo exacerbado* é um obstáculo cognitivo, bloqueia ou dificulta essa compreensão – e muitas outras.

33 Edward O. Wilson, **A Conquista Social da Terra**, Cia. das Letras, 2013, pág. 128).

34 Um senegalês, de pele negra, pode doar sangue para um sueco, louro e branco, se os tipos sanguíneos forem compatíveis. Mas, este mesmo sueco não pode receber sangue de um outro sueco, louro e branco como ele, se os tipos sanguíneos forem diversos. Sabe-se, cientificamente, que os tipos sanguíneos de toda a humanidade são os mesmos por todo o planeta e por todas as populações.

O passo seguinte é compreender que as diferenças individuais e culturais têm, por baixo delas, uma unidade compartilhada biosocial. Pinker foi preciso na formulação de que há uma unidade psicológica de fundo. A antropologia, a psicologia, as neurociências nos dizem isso. As mensagens dos principais líderes religiosos também.

Que lições tirar disso? Compreender a unidade profunda da condição humana em nada conflita com a realização individual, que só como vulgaridade conceitual pode ser confundida com posses e poder. Não compreender isso é permanecer em algum nível do plano da barbárie – ou mesmo da mais tosca animalidade.

Deste riquíssimo e complexo mundo humano, como indicado (e validado por diversos pesquisadores), tirar a conclusão de que a base da natureza humana se constitui na disposição para a violência e a agressão é um completo despropósito, quando não um exemplo da *má fé* denunciada por Sartre³⁵. Em muitos casos não será mais do que propaganda ideológica de motivação criminosa.

Não obstante, o tema da violência na história humana não é fictício. Até então o percurso humano tem, sem dúvida alguma, apresentado (a um olhar de nosso tempo) uma sequência enorme de episódios escandalosamente absurdos e macabros. Não se pode mitigar a significação desses absurdos de crueldades, genocídios, opressão, espoliação e suas perversas consequências. *O que não vai nos ajudar em nada a superar essas barbaridades será acreditar em causalidades falsas, falaciosas e incompletas.* Um meteoro pode nos destruir. Mas em absoluto não estamos condenados ao suicídio como espécie. Precisamos do melhor diagnóstico para sair das armadilhas em que historicamente nos metemos. A riqueza da condição humana exige a busca e a construção de caminhos mais adequados a essa base natural de múltiplas potencialidades. Catástrofes (individuais e coletivas) poderão ser evitadas se focarmos na construção de um mundo social mais evoluído.

Já Aristóteles nos dizia (no seu estilo) que, nas coisas humanas, as certezas são incertas³⁶. Precisamos, não só nas coisas humanas, abdicar definitivamente de toda ou qualquer intenção de encontrar no universo – principalmente humano – qualquer coisa simples. Simples, sempre, quer dizer apenas *menos complexo*, quando for o caso. O fato de termos o potencial de desenvolver múltiplas dimensões e estilos comportamentais não nos capacitou para fazer isso desde o início (nem da história humana nem do indivíduo). Antes, precisamos aprender. Na espécie, esse aprendizado se deu na evolução cultural e histórica. Nos indivíduos, na *paideia*, na sua educação, no processo e experiências de formação do caráter.

Quando biologicamente o *homo* se tornou *sapiens* (há milênios) já estava imerso num processo cultural que o precedera. As espécies de onde saímos, de onde viemos pela evolução biológica, já estavam numa evolução cultural (simultânea à biológica). O *homo erectus* (ou algo parecido), nosso predecessor, já produzia instrumentos de pedra e usava o fogo. O ambiente físico e social de onde biologicamente emergimos, contudo, era o mais selvagem que podemos imaginar³⁷. O espaço histórico para o desenvolvimento de competências sutis teria que ser duramente conquistado ao longo de séculos e séculos de aprendizado, na complexidade dialética³⁸ do processo histórico-cultural.

36 Aristóteles: "... as ações belas e justas, que a ciência política investiga, admitem grande variedade e flutuações de opinião, de forma que se pode considerá-las como existindo por convenção apenas, e não por natureza [...] devemos contentar-nos em indicar a verdade aproximadamente e em linhas gerais; e ao falar de coisas que são verdadeiras apenas em sua maior parte [...] só poderemos tirar conclusões da mesma natureza." *Ética a Nicômaco*, Ed. Nova Cultural, 1987, pág. 10.

37 Richard Leakey e Roger Lewin fazem esse esforço de imaginação, v. *O Povo do Lago*, Ed. UNB - Melhoramentos, 1988.

38 Dialética remete ao que Roland Corbisier sintetizava como totalidade, contradição e movimento (*Enciclopédia Filosófica*, Vozes, 1974). A partir de Hegel e de Lukács, José Paulo Netto fala em totalidade, contradição e mediação (<https://www.youtube.com/watch?v=ywZQnMnGejk>). Mais modernamente podemos estar falando de sistemas, campos de força, tensões em equilíbrio e dinâmicas homeostáticas.

O POTENCIAL PARA UM DESEMPENHO SUPERIOR

Está fora de dúvidas que estas considerações não indicam os limites da complexidade humana, longe disso. Indicam alguns fatos que não devem ficar na sombra. Mas existem outros aspectos, relevantes e intrigantes. A partir de nossa base biológica única (mãos, pés, cérebro, linguagem) não temos os limites das nossas potencialidades, nem para o bem nem para o mal – tudo depende, em boa medida, do nível atingido em nossa capacidade de compreender e agir – e isso é uma questão de aprendizado, individual, social, histórico. Compreendendo a origem histórica dos transtornos sociais aprendemos que não somos nem anjos nem demônios. Podemos ser as duas coisas, o contexto histórico-social é que irá nos empurrar para uma ou outra direção (e podemos recusá-las ambas). Não só podemos embicar para a auto-destruição, como em grande medida tem acontecido, como podemos chafurdar em espantosos atos de malignidade, a exemplo dos incontáveis episódios de genocídio, em todos os quadrantes do planeta, como também apresentar espantosos casos individuais de ação maligna. Erich Fromm e Steven Pinker, partindo de abordagens teóricas bem distintas, apontam uma dimensão dessa potencialidade para o mal, que ambos identificam no que designam por *sadismo*³⁹.

A título de exemplos, podemos citar quatro modalidades diferentes da malignidade humana, que pode ter na sua base fatores biológicos e psicossociais agindo simultaneamente, que em parte explicam o tipo de acontecimento, mas nos deixam assustados e intrigados com a elasticidade dos nossos limites – para o bem e para o mal. Nesse sentido, temos:

1. Os indivíduos anômalos (psicopatas e sociopatas). Um pesquisador, Adrian Raine, se dedicou a estudar, em vários países, a anatomia e a fisiologia cerebral de assassinos em

39

Igualmente espantoso, ainda, é que alguns queiram ver no *sadismo* atos de liberdade – o que coincide com a absoluta indiferença de um certo neoliberalismo econômico *diante da dor dos outros*.

série, dezenas de criminosos que, cada um deles, cometeram dezenas de assassinatos. Sua conclusão é que neles, em proporções cientificamente significativas, há evidentes anomalias e danos cerebrais⁴⁰.

2. Há que ver as reações de fúria assassina que acomete indivíduos que se julgam traídos ou abandonados. No Brasil deste início do III milênio são assustadoras as estatísticas de mulheres assassinadas por seus "companheiros", extensão da chamada *violência doméstica*. Expressão da tradição *machista*, sem dúvida, mas também da reação violenta ao sentimento de devastação psíquica que a identidade machista (socialmente reforçada) revela quando se vê abandonada. Esse fenômeno, que precisa ser abordado de uma forma mais consistente do que tem sido, tem a ver com a educação dos meninos (treinados no *individualismo possessivo*), com a precariedade educacional dos jovens, com um sistema que, desde a escravidão, considera a violência como elemento pedagógico e modo eficaz de resolver conflitos. A abordagem punitiva é insuficiente, só *punir* não vai resolver o problema, é necessária uma abordagem mais ampla e mais profunda.
3. Mas, como em Ruanda, no ano de 1994, quando centenas, se não milhares de pessoas, participaram ativamente de quase um milhão de assassinatos, num espaço de três ou quatro meses, o caso não é de danos anatômicos, é o de um *frenesi assassino* que precisa ser estudado⁴¹. Não é um fato que se explique por causas genéticas. Não obstante, a interação ativa entre biologia, cultura e psicologia estejam na base desse tipo de fenômeno pavoroso, alerta para que não nos devemos deixar levar por concepções românticas dos limites da potencialidade de comportamento maligno do ser humano. Há ainda a presunção superficial de que uns são bons e outros são maus. Os casos do nazismo alemão e de

40 Adrian Raine, **Anatomia da Violência**, Artmed, 2015.

41 Ver o filme *Hotel Ruanda*, de Terry George, 2004.

vários outros casos de genocídio que contaram com a adesão e a cumplicidade de milhões de cidadãos, antes tidos como os mais pacíficos, demonstram que, em certas circunstâncias, *pacíficos cidadãos* podem se revelar demônios perversos⁴².

4. Temos ainda o caso de indivíduos em segmentos populacionais levados à extrema pobreza e degradação, que perdem (ou não aprendem) o senso mínimo de regras morais, presentes nos mais antigos grupos humanos, e se tornam parte ativa ou conivente de facções criminosas, não por uma opção, mas por circunstâncias, em certos casos invencíveis para quem sempre esteve submerso naquele tipo de ambiente, como se mostra, por exemplo, no filme *CIDADE DE DEUS*. Este tipo de ambiente pode promover os piores⁴³. É problemático o conceito de “maus por natureza” – o ambiente influi⁴⁴.

42 Ver Hannah Arendt, **Eichmann em Jerusalém** (relato sobre a banalidade do mal), Cia. das Letras, 1999. Sobre o mesmo tema vale a pena ver o filme: Hannah Arendt, *Ideias Que Chocaram O Mundo*, de Margarethe von Trotta.

43 Jovens e adolescentes dos bairros populares, costumam se aglutinar em grupos de esquina, nos limites da formação de *gangs*. Há, entre esses jovens, uma valorização da transgressão, da territorialidade agressiva, do desmantelamento da ordem, da valentia pessoal e grupal. Deixados por si mesmo, o caminho *natural* vai da brincadeira desrespeitosa ao vandalismo e, na sequência, ao crime. O esporte é uma das tábuas de salvação. Há enorme necessidade de ações sociais, comunitárias, nesse sentido. Contudo, a negligência dos políticos em geral e das administrações locais é assustadora. Agem como se coubesse a esses jovens, deixados à própria sorte, elevar-se puxando os próprios cabelos. Um crime das elites dirigentes, muitas vezes travestido de *liberalismo* e *valorização das periferias*.

44 Ronald Laing (**A Política da Família**, Ed. Martins Fontes) já apontava como desajustes no grupo familiar produzem o desajuste psicossocial de indivíduos por alguma razão mais *fragilizados* (às vezes até por serem os mais sensíveis, os mais corajosos ou os mais *libertários*). Tratando desse tema, um psiquiatra diz que: “os sintomas do doente identificado são indícios de perturbações comunicacionais, mais e menos graves, que só podem ser solucionados quando interferirmos diretamente sobre os vínculos interpessoais” (José Pinto de Queiroz Filho – **Função, Disfunção e Controle da Mente Humana**, Ed. Universitária Americana, 1991 pg. 939). O também psiquiatra José Ângelo Gaiarsa cita a peça de Sartre *Entre Quatro Paredes* como demonstração de que pessoas *engaioladas* caem na armadilha de se odiarem (**A Juventude Diante do Sexo**, Brasiliense, 1967, págs. 465 e 491) Outros especialistas formulam no mesmo sentido. Adrian Raine (**A Anatomia da Violência**, Artmed, 2015) indica o impacto profundamente negativo que os ambientes degradados produzem na saúde mental de crianças imersas nesses contextos. A narrativa de Carl Hart (**Um Preço Muito Alto**, Zahar, 2014) também é emblemática. Stanley Greenspan (**A Evolução da Mente**, Record, 1999) faz importantes observações sobre esse tema.

Estes fatos, todos, por mais polêmicos que sejam, não revelam uma natureza humana maléfica em seu cerne, também não nos mostram como anjos. O que de aterrador acontece: ou somos nós, em essência, ou são deformações em nossa história de vida, no modo como aprendemos a viver.

A natureza humana molda-se no contexto histórico-social, com o potencial de reagir, individual e coletivamente, de vários modos, ao contexto específico onde se forma. Os mais frágeis ou, talvez, os mais maleáveis, tornam-se os mais disfuncionais.

A condição humana transcende a sua condição presente e recria (pode recriar) o seu ambiente – e assim alterar a si mesma. A potencialidade multidimensional humana está amplamente demonstrada, pelo passado e pelo presente. Isso quer dizer que é possível construir um mundo melhor, se acertarmos o passo. Caso contrário nosso desempenho histórico e existencial seguirá lamentavelmente paradoxal, articulando feitos benignos penetrados pela presença de manchas malignas. O potencial para um desempenho superior existe (em curso) – e é um dos nossos melhores desafios. Trata-se de uma construção que precisa deixar de lado o fatalismo de uma pretensa natureza humana previamente marcada (seja para o bem, seja para o mal) tanto quanto deixar de lado um romantismo enganador e suas fantasias. Seremos felizes ou infelizes, autênticos ou espúrios, produtivos ou inúteis, a depender das transformações sociais que formos capazes de planejar e, coletivamente, construir⁴⁵. Buscar felicidade pessoal em ambientes sociais física ou moralmente degradados não vai além de uma auto empulhação.

No percurso até aqui trilhado, o *homo sapiens*, a raça humana que restou, a nossa trajetória, tem sido de uma sucessão de paradoxos – e talvez não pudesse ter sido diferente: grandes realizações

45

Mas é preciso não viver tergiversando, fazendo de conta que não se vê o que acontece à nossa volta – ou revestindo de grande retórica ações que nada mudam.

e (das guerras tribais ao complexo industrial-militar) inacreditáveis barbaridades. O consolo é, parafraseando Sartre: *não importa onde caímos, importa o que vamos fazer a partir de onde estamos*.

Nosso problema, pois, não é genético, não está no plano da biologia. Está no plano da vida social. O *pecado*, a disponibilidade para o mal, não é o cerne da natureza humana, esta é plástica e riquíssima de potencialidades. Há os casos de deformações bio ou fisiológicas em determinados indivíduos. Mas estamos querendo ver ou entender algo sobre a natureza humana em geral. Circunstâncias históricas produziram armadilhas em que nos deixamos cair – talvez por absoluta falta de opções – a cada época do passado. Hoje a realidade é outra, tivemos a oportunidade de aprender e compreender o que não era possível compreender antes. Cabe-nos abrir os olhos e deixar para trás *tanta infâmia e cobardia*⁴⁶. É ou não possível construir um mundo melhor? É ou não possível construir uma sociedade melhor e um modo de viver à altura das nossas melhores potencialidades? A melhor análise demonstra que sim, desistir é um tipo de suicídio – que não vale a pena cometer.

Os mais profundos mistérios da vida e do universo continuarão a nos abismar, mas podemos enfrentá-los juntos, compartilhando nossas fragilidades e nossa lucidez – e não fazer dos conflitos pretextos medíocres para nos desviar do enigma existencial, do confronto pleno com os nossos medos e as nossas incertezas. Podemos (ou precisamos) ir além de *amar o próximo*, sentir *a dor dos outros*, porque compartilhamos as mesmas fragilidades e os mesmos sofrimentos, tenhamos ou não consciência disso, *a dor dos outros* nos integra e nos transforma. O preceito cristão de *amor ao próximo* precisa, para se completar, do preceito budista da *compaixão*.

ARMADILHAS HISTÓRICAS

Os primeiros humanos – por milênios – éramos animais selvagens, ainda que desde os primeiros hominínios já apontassem as primeiras realizações culturais; as potencialidades culturais e civilizatórias só vieram à tona muito lentamente e, possivelmente, ainda estão no meio do caminho. A pesquisa e o debate científicos sobre a dispersão dos humanos, a partir da África, por todo o planeta, se dá hoje no nível dos detalhes. O processo geral pode hoje ser considerado conhecido⁴⁷. O comportamento social dos primeiros grupos humanos, em processo de irradiação demográfica, depois do surgimento do primeiro grupo *sapiens*, pagou o preço desse contexto rude, selvagem, impiedoso, repleto de feras, perigos, fontes de perplexidade e medo. Foram milênios e milênios (duzentos mil anos, pelo menos, dizem-nos os mais qualificados especialistas), percorrendo aquelas etapas a que nos referimos no início deste texto: as profundezas do primeiro Paleolítico; as acelerações do Paleolítico Superior, a Revolução Neolítica, a Revolução Industrial, sejam estas ou outras as periodizações que façamos para tentar compreender essa nossa trajetória espantosa. Os resultados das pesquisas nos contam um aspecto básico dessa história: os grupos, forrageando por um território (como fizeram e fazem os demais primatas), encontrando condições favoráveis, iam aumentando a sua população e daí, num dado momento, se dividiam, com os grupos derivados se deslocando para outros territórios⁴⁸. A partir desse processo, desse fenômeno de cissiparidade social, sem qualquer processo de formação de culpa ou especial agressividade, no desdobramento de

47 Walter Neves, **Assim Caminhou a Humanidade**, Ed. Palas Athena, 2015; Cavalli-Sforza, **Genes, Povos e Línguas**, Cia. das Letras, 2003; Jared Diamond, **Armas, Germes e Aço**, Ed. Record, 2005; Johannes Krause e Thomas Trappe, **A Jornada dos Nossos Genes**, Sextante, 2022; Rutherford, Adam - **O Livro dos Humanos: A História de Como Nos Tornamos Quem Somos**. Record, 2020.

48 Ainda é muito útil (e belo) o livro **A Evolução da Humanidade**, de Richard Leakey, Ed. Melhoramentos, Círculo do Livro e Ed. Universidade de Brasília, 1981.

processos plenamente naturais, se introduzem fontes de potenciais conflitos entre os grupos:

1. A natural disputa pelos espaços e fontes de alimentação, evolutivamente incorporada no *instinto de território* (ou de posse), por mais leves que sejam esses instintos na espécie humana;
2. *A estranheza étnica*;
3. *O desenvolvimento (socioeconômico) desigual*;
4. *Estes elementos confluindo para a deflagração de corridas armamentistas e a formação de Estados Guerreiros.*

Essas (e seguramente outras) ocorrências na mesma direção, num contexto de *condições gerais de existência* as mais rudes, selvagens e difíceis.

No âmbito de cada grupo, de cada etnia que ia se configurando, num formar-se constituído de uma infinidade de microprocessos cumulativos, certamente que periodicamente abalados por impactos imprevisíveis que aceleravam, retardavam, destruíam ou redirecionavam os percursos, a natureza humana, existente, plástica (aberta a direcionamentos multidimensionais e multifacéticos), foi encontrando as formas possíveis, as formas possibilitadas pelas circunstâncias, de se expressar e se desenvolver. Naqueles primeiros milênios, pode ter ocorrido que ou os humanos agiam com violência e esperteza ou não sobreviveriam. Três aspectos de suas características devem ter sido fundamentais: (1) agir de forma inteligente, (2) agir em grupo e (3) agir de forma rápida e eficaz, sem qualquer piedade. Isso em relação ao mundo externo e principalmente em relação à caça e à defesa. Em relação ao mundo interno ao grupo, esta última característica era temperada por (4) empatia e coesão (familiar, comunitária), essenciais à sobrevivência⁴⁹.

49 É muito pertinente a observação atribuída à antropóloga Margareth Mead de que a civilização começa quando as pessoas se ajudam, a partir do achado de um fóssil de fêmur humano quebrado e cicatrizado. Um fêmur cicatrizado é a prova de que alguém cuidou da pessoa ferida até que ela se recuperasse. Aí se inicia a civilização, teria explicado Mead.

Nesse mundo e nesse contexto, dadas as condições físicas da espécie humana, estas características comportamentais devem ter se incorporado ao genoma e, além disso, rearticuladas e reforçadas pelas múltiplas formas de desenvolvimento cultural. A inteligência (o uso das faculdades mentais: abstração, imaginação, memória, simbolização, etc.) se desenvolveu, assim como a cooperação grupal e a divisão do trabalho dentro do grupo⁵⁰. O uso de instrumentos e armas desenvolveu a caça e a produção de alimentos. A coesão interna foi se moldando a novas realidades – até um ponto em que começou a se seccionar em situações de comando e privilégios. Operando nesse contexto, podemos identificar mecanismos que tiveram (devem ou podem ter tido) papel importante naqueles primeiros tempos humanos. Estes elementos, como assinalamos acima, teriam sido então (1) a disputa por espaços de coleta, caça e abrigo, (2) a estranheza étnica e (3) o desenvolvimento desigual. O entrelaçamento desses fatores confluindo para (4) a beligerância e a corrida armamentista que ainda nos envolvem.

A disputa por território. Parece ser defensável a tese de que os humanos possam ser portadores dessa tendência comportamental, mas, como na maioria dos casos, de uma forma plástica e acen-tuadamente adaptável. Como no caso da lealdade tribal ou étnica: existe – é ou pode ser forte, a depender das circunstâncias – numa grande amplitude de possibilidades. A disputa por território parece sempre ter a curiosa característica de ter uma dupla face: intensifica a solidariedade interna ao grupo e intensifica uma hostilidade aos estranhos, aos de fora, aos do outro time. Uma disputa por território sempre vem colada à lealdade ao grupo. Mesmo aqui, o que parecia um traço genético fixo se revela de uma grande plasticidade adaptativa e circunstancial: a lealdade à tribo, à etnia, à família, à nação, ao time de futebol, à instituição, à religião, etc. Nos tempos pré-his-tóricos uma adesão exclusiva e intensa pode ter sido a *normalidade*.

50

Indispensável conhecer a pesquisa e a argumentação de Kropotkin a favor da importância evolu-tiva da cooperação, no seu livro **Apoio Mútuo**.

O quem somos, sem determinismos rígidos, sempre tem um pouco a ver com o território em que habitamos.

A *estranheza étnica*. Quando grupos humanos que, mesmo de origem comum, se separaram (no processo acima referido de cissiparidade grupal) e tempos depois, décadas ou mesmo séculos depois, se reencontram, encontram pessoas que falam uma outra língua, se pintam de forma diferente, têm cheiros diferentes, têm gestos e costumes diferentes, etc., são tomados, por um compreensivo sentimento de *estranheza étnica*; naquele contexto longínquo, paleo ou neolítico, não se reconhecem como semelhantes, se assustam, têm medo, se hostilizam⁵¹.

O *desenvolvimento socioeconômico desigual*. Os conflitos entre grupos em diferentes estágios evolutivos: (1) grupos que permanecem como coletores-caçadores, pegam seus alimentos livremente na mata, onde os encontram; (2) grupos que já deram início à agricultura e (3) grupos que já lidam com algum pastoreio organizado. Cada um destes grupos pode ter evoluído para diferentes visões de mundo, em particular no sentimento de posse daquilo no qual se aplicaram. O caçador-coletor (forrageador), como fez a vida toda, com toda naturalidade, lança mão do que outros plantaram (e do que se acham *com direitos naturais*). É fácil entender que dessas situações objetivas se deflagram conflitos. Conflitos que decorrem de estágios evolutivos, não obrigatórios, mas diferenciados, involuntários, mas efetivos. Num tempo em que não existia, por exemplo, a noção de negociações diplomáticas, tudo era muito rude e direto. As condições gerais da existência levavam a inevitáveis conflitos.

51 Darcy Ribeiro (**O Brasil Como Problema**, Global, 2015; págs. 81-82) dá um bom exemplo: "Os Tupi-Guarani, que ocupavam toda a costa atlântica [...] talvez alcançassem um milhão de pessoas. Constituem, aparentemente, o povo Tupinambá ou o povo Tupi-Guarani. Mas isso não ocorre, porque esses grupos não se reconhecem como uma mesma gente. Cada microunidade tem sua identidade própria, à qual devota a sua lealdade..." Na sequência do texto Darcy aborda a transformação dessas microetnias em macroetnias "quando ocorrem transformações sociais e econômicas que permitam esse salto evolutivo." Da estranheza étnica, colado a ela, podem ter se desdobrado os *etnocentrismos*, presente em praticamente todos os povos do mundo.

Na sequência, uns se armam para defender e outros para avançar no que acham que é *natural* que façam.

A corrida armamentista. Do entrançamento desses três fatores (aos quais outros podem ser acrescentados⁵²) uma macro-armadilha histórico-social se fecha com a corrida armamentista e a formação dos estados guerreiros. A armadilha que começara na disputa por espaços territoriais, se encorpa no fenômeno da estranheza étnica e se completa no desenvolvimento socioeconômico desigual dos diversos grupos de épocas remotas (coletores *versus* plantadores, *versus* pastores, etc.). Dos conflitos agudos nasce e se torna irresistível um intenso sentimento de vingança pelos danos sofridos – uma fortíssima característica identificada em guerras tribais⁵³. Num contexto de primarismo cultural, entre grupos ainda imersos em um estado de natureza crua, emerge e se dissemina uma histórica *corrida armamentista*. Se aperfeiçoam os mecanismos e as estratégias de defesa e de ataque, e enveredamos a fundo nos reinos e impérios guerreiros, armadilha histórica, da qual, milhares de anos depois, ainda não saímos. *Mutatis mutandis* continuamos no jogo dos *estados guerreiros*⁵⁴.

A violência, certamente, esteve de mil modos presente nestes percursos – enquanto ingrediente da vida animal – não enquanto

52 Todo um campo de observação e pesquisa precisa ser reconhecido para que possamos também compreender o papel da divisão social do trabalho no interior dos grupos humanos, em especial na emergência de setores privilegiados e na manutenção desse estado persistente de beligerância, interno e externo.

53 Lawrence H. Keeley, **A Guerra Antes da Civilização** (É Realizações Editora, 2011). A vingança tem fortes vínculos com o ressentimento, a vingança não realizada. Nietzsche (na **Genealogia da Moral**) trata disso, de um modo que, talvez, mereça ser reavaliado. A vingança também tem a ver com uma certa exigência do justo *equilíbrio* indicada por Aristóteles como base da justiça (**Ética A Nicômaco**). O especialista (e pesquisador) em comportamento de primatas, Frans de Waal, encontra indícios desse comportamento entre os chipanzés, envolvendo exigências de tratamento não discriminatório, ressentimento e vingança (Frans de Waal, **Eu, Primata**, Cia. das Letras, 2007).

54 Na China, de um período antigo, resultou **A Arte da Guerra**, de Sun Tzu que, a partir de uma abordagem taoista, procura inserir uma racionalidade naquele ambiente: *o melhor general – diz – é o que ganha a guerra sem combater*.

motor desses eventos, mas como forma, como estilo – praticamente inevitável naqueles contextos: disputa de espaços de caça e coleta, reação negativa a estranhos, conflitos socioestruturais incompreendidos de modo mais amplo. Métodos culturais suficientemente sofisticados só viriam a surgir milênios à frente. Já passamos do tempo de resolver esses desafios. As condições (e a consciência) dessa necessidade, de modo geral, nós já temos, contudo, travadas por interesses ainda apegados ao medo e a estilos de vida que já não mais correspondem aos desdobramentos positivos (civilizatórios) da nossa espécie.

Inegavelmente, tivemos uma evolução multidimensional. Permanência biológica, com pequeníssimas variações genéticas, pelo menos nos últimos 50 mil anos (seguramente mais), inicialmente lenta e, a seguir, crescentemente intensa evolução cultural, por dentro da qual se identifica com nitidez as sempre presentes regras morais, que variam conforme circunstâncias históricas. Por sobre o resultado atingido na evolução biológica, a evolução tecnológica, cultural e comportamental. Essa é a história da humanidade, até aqui, apesar dos dramáticos altos e baixos (e dos pontos estatisticamente fora da curva), com a racionalidade, com avanços e recuos, tendo um papel crescente (mas não inevitável) nesse processo.

O peso do passado está na persistência de armadilhas históricas, em particular na (também) multidimensional corrida armamentista entre grupos sociais ampliados. A evolução humana não tem sido unívoca pelo lado da benignidade, oportunidades malignas cresceram junto, vindas do primeiro ambiente selvagem e da potencialidade múltipla (*sapiens-demens*), intensificada pelos aspectos da corrida bélica (e dos ambientes hostis) que aquelas circunstâncias originais induziram historicamente.

Podemos levar em conta a compreensão sistêmica dessa evolução, identificar o que altera ou não o rumo das coisas e prosseguir nossa jornada com conhecimento de causa – travando,

desconstruindo, superando os componentes desse processo que só causaram sofrimento e deformações – que hoje ainda nos atormentam e ameaçam. Temos o desafio de deixar para trás as cegueiras do passado, consolidar e intensificar o que pode permitir a todos nós vivermos num patamar mais elevado de qualidade de vida.

GRUPOS SOCIAIS, INDIVÍDUOS, HISTÓRIA - 1

Falamos, portanto, de processos e circunstâncias que não tiveram impacto na constituição física da espécie. Moldaram o mundo externo (dos fatos sociais objetivos) até certo ponto, impactaram o comportamento dos grupos humanos, resultaram fortemente num direcionamento da evolução cultural, mas *sem duração suficiente para se incorporar biologicamente à espécie*⁵⁵. Foram obstáculos fortuitos que direcionaram percursos, labirintos e armadilhas imprevisíveis geradas pelas circunstâncias⁵⁶.

As potencialidades múltiplas das faculdades cognitivas humanas (permitidas pelo cérebro maior e mais complexo), nestes primeiros tempos, foram acionadas, mas, até certo ponto, ficaram

55 Stephen Jay Gould, **A Falsa Medida do Homem** (Ed. Martins Fontes, 1999): "Se a nossa espécie tivesse milhões de anos de antiguidade (como é o caso de muitas [...] o *Homo sapiens*, só tem dezenas de milhares ou, quando muito, umas poucas centenas de milhares de anos de idade..." (pág. 345). E adiante: "Nosso cérebro grande é o fundamento biológico da inteligência; a inteligência é a base da cultura; e a transmissão cultural cria uma nova forma de evolução..." (pág. 347).

56 Uma série de mutações gera um novo cérebro, capaz de imaginar – e de criar, com a ajuda das mãos, novos instrumentos e novas situações, nasce a evolução tecnológica e cultural. Quando Engels apontou para o *papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, deveria ter assinalado para essa dialética entre a *natureza* (o ser biológico mutante), a criatividade (o potencial criativo) e o trabalho. O *homo* já era *faber* antes de ser *sapiens*. A visão de Engels, contudo, se enviesa quando aceita a tese lamarckista da transmissão genética de caracteres adquiridos. A tese de Engels é incompleta e insuficiente, mas não é despropositada, comporta um reexame.

subutilizadas, não existiam os desafios sutis que viriam a exigir um maior desempenho do potencial humano. Poderia parecer a um hipotético observador externo que era um exagerado desperdício da natureza, tanta inteligência não utilizada – ou utilizada de modo destrutivo. Mas ainda é tempo, talvez, de provarmos, a nós mesmos, a amplitude dessas muitas competências pouco utilizadas na história humana. Esta possibilidade existe porque, ao longo do percurso já percorrido, ficou demonstrado que podemos realizar infinitamente mais do que fizemos até agora – e, de modo preferencial, sem violência. Tudo vai depender de nossa determinação, criatividade, método e ... juízo. Precisamos deixar para trás *a marcha da insensatez*⁵⁷, de tanta insensatez. Ainda que não seja flagrantemente visível, além da tecnologia, há uma evolução ético-cultural na humanidade. É o que nos diz, entre outros, Steven Pinker em OS ANJOS BONS DA NOSSA NATUREZA (principalmente no capítulo A REVOLUÇÃO HUMANITÁRIA).

Não falta complexidade nos *assuntos humanos*. Somos o resultado de uma tensão entre as dimensões biológica, social e individual, gerando diversas modalidades psíquicas e comportamentais, individuais e coletivas. A partir do século XVIII, principalmente, começa a ganhar força a ideia de que os *homens fazem a sua própria história*⁵⁸. Ou podem fazê-la.

Esse é um tema problemático: como que homens e mulheres realmente existentes podem fazer sua própria história? Esse caminho, ou melhor, esse caminhar, ainda tem muito de caótico, continuamos sob o signo da Torre de Babel, ainda que desesperadamente na busca do caminho mais promissor, tudo isso ainda é uma luta, uma labuta, uma incerteza. Vários foram os pensadores e líderes,

57 Bárbara Tuchman, *A Marcha da Insensatez*, Ed. Agir, 1985.

58 As mulheres não mais podem ficar subsumidas nessa forma de dizer: *os homens...* uma forma de dizer que esconde mais do que diz. Na *pólis* grega e na *res publica* romana (tão valorizadas por Hannah Arendt como as autênticas fontes originárias da democracia) as mulheres não tinham voz. Mais do que possível, o progresso é necessário.

especialmente na chamada *Modernidade*, ou melhor, do Iluminismo, que, de um modo ou de outro, afirmaram que *os homens fazem sua própria história*. Para a grande maioria da humanidade, contudo, isso ainda não passa de uma utopia (e para muitos, nem isso). O principal desafio da nossa época é fazer dessa hipótese algo realizável⁵⁹.

Falamos de Aristóteles e da sua advertência quanto à flexibilidade necessária no trato dos assuntos humanos. Pelo menos, desde Aristóteles (*Ética a Nicômaco*), se depreende o conceito de uma *segunda natureza humana*, aquela formada pelos hábitos, conformada no caráter, decorrente da interação entre natureza (mais ou menos *nobre*), formação social (o percurso educacional) e o esforço próprio (*virtude*). Aristóteles já chamava a atenção para a importância da educação na primeira infância. É frequente a afirmação (moderna) de que *genética não é destino*. Genética, criação, família, escola, também, nada disso deflagra um destino inevitável, mas as influências daí decorrentes na formação da pessoa são de um impacto extremamente marcante e muitas vezes decisivo. É um grande feito no histórico existencial de cada pessoa transcender as marcas (ou cicatrizes) de uma primeira infância. Ou seja, o que queremos sublinhar é que a ideia de uma *segunda natureza* (conformada e configurada na construção do *caráter*, o paradigma emocional-cognitivo, a estrutura básica da personalidade das pessoas) é um fato real⁶⁰.

A partir daí, então, acontece algo curioso: a *natureza humana* que prevalece no dia a dia, a *natureza humana* que se expressa nos

59 Uma coisa é pensar a história como uma resultante da multiplicidade aleatória das ações individuais e grupais buscando infinitos interesses diferenciados. Outra coisa, bem diferente, é a história humana seguir um rumo concertado entre os humanos, a partir de uma convergência organizada – de um modo que até hoje só existe na ficção. Moldar uma vida social (local e planetária) é um desafio enorme e complexo. Ainda está a ser demonstrado que tal objetivo possa ser alcançado. Contudo, se não avançarmos nessa concertação seremos, cada vez mais, testemunhas de terríveis catástrofes. O futuro da humanidade pode se transformar numa perene tragédia.

60 Desde já podemos identificar que a *segunda natureza* se constitui em duas dimensões: a individual e a sociocultural, ou seja, em cada indivíduo e no conjunto da formação social (a cultura), uma interagindo sobre a outra.

comportamentos de muitas pessoas – e que se dá realizando diretrizes e/ou tendências marcadas por uma formação básica de natureza conflituosa, egoísta, gananciosa – é mais aquela *segunda natureza*, a conformada no caráter, decorrente de um histórico de vida traumatizado, danificado, deformado, moldado pelas experiências próprias ao espírito da época e/ou prevalecente no grupo, onde, no contexto social, as personalidades se formam. Estamos falando do paradigma emocional-cognitivo configurado na formação do caráter⁶¹. O contexto social marca, muitas vezes forma, as personalidades individuais. Estas, por seu turno, compõem o contexto que formam outras personalidades. Estabelece-se ciclos de interações recíprocas (1) onde a estruturação social marca as personalidades (2) que (em retroalimentação) vão consolidar essa estruturação que as moldou – e assim se consolida o sistema. A tradição forma os indivíduos, que formam a tradição. E fica *aparentemente evidente* que a *natureza humana* é a responsável por certos tipos de comportamento. É o comportamento compatível com a plasticidade da primeira natureza humana, aquela dada pela constituição genética, mas, um passo adiante, é o comportamento plasmado pelas influências marcantes do contexto social sobre as personalidades em formação. Essa realidade interativa, retroalimentada, já há muito é reconhecida da psicoterapia gestáltica e sociointerativa, onde desajustes individuais são corrigidos no grupo. Coloca-se o desafio de reconhecer o indivíduo como *indivíduo-social* – e o social como rede de indivíduos interagentes. O indivíduo-social é uma unidade, uma ilha que só pode existir interconectada a outras ilhas semelhantes. Simultaneamente ser um indivíduo-social é ser intrinsecamente tensionado. Ser *indivíduo* cobra um egoísmo, um *ensimesmamento* (Ortega). Ser *social* implica uma atenção aos semelhantes e ao mundo. Uma realidade simultaneamente: biológica (1ª natureza), cultural (2ª natureza),

61 Hipótese (deduzida de muitos autores): há nos indivíduos temperamento (propensão genética), caráter (consolidação relativa de padrões mentais e comportamentais), personalidade (expressão pública), como que camadas constitutivas do indivíduo singular, nessa ordem de profundidade.

individual, singular. O existir humano implica essas três dimensões, a se realizarem no mundo físico. Ser humano é ser complexo⁶².

Por consequência, ao contrário de um formigueiro, a sociedade humana é formada por indivíduos que reagem de modo diferenciado a padrões sociais complexos e, há tempos, padrões contraditórios⁶³. Além disso, é indispensável perceber que, em geral, não é a sociedade como um todo que age sobre a formação do indivíduo, nesse processo há sempre uma mediação grupal, alguma forma de família ou de grupo primário, aquela instância social em cujo interior crescem as crianças.

A esta altura a pergunta pode ser: esta *primeira natureza*, a base biológica, genética, aceita qualquer *segunda natureza*, qualquer imposição social? Aqui, também, a resposta não é sim ou não. Possivelmente aceita sim, na maioria dos casos. Em outros não. Nenhuma sociedade, nenhum grupo social é tão homogêneo no sentido de fazer pressões irresistíveis:

62 Em **Biologia e Conhecimento** (Vozes, 1996, págs. 116-117) Jean Piaget registra: "... sendo a sociedade superior ao indivíduo, este primeiramente só considera a si próprio, e começa, pois, por uma concepção atomística, segundo a qual a sociedade é um agregado de indivíduos [...]. Com a escola de Durkheim saltamos desse individualismo atomístico para uma concepção verdadeiramente típica da totalidade transcausal. De acordo com esta concepção, a sociedade é a fonte da lógica e de toda verdade e as impõe por 'coação' intelectual e moral aos espíritos individuais [...]. Nas perspectivas atuais a relação entre os indivíduos e o grupo social é a de uma totalidade relacional, onde as operações individuais e a cooperação (ou cooperações) formam um todo indissociável..." De outra perspectiva, Ortega y Gasset observa que "... no caso de que um historiador se proponha fazer uma biografia, encontra a vida de seu personagem unida às vidas de outros homens, e a destes, por sua vez, a outras – isto é, cada vida está submersa numa determinada circunstância de uma vida coletiva." (**Em Torno a Galileu**, Ed. Vozes, 1989, pág. 44).

63 Karen Horney, **Nossos Conflitos Interiores** (DIFEL, 1984, pág. 35): "A crença em um conflito básico, inerente à personalidade humana, é antiga e exerce papel predominante em várias religiões e sistemas filosóficos". Dizer (com Haeckel) que a *ontogênese* é a *recapitulação da filogênese* já foi moda na ciência biológica, mas não se sustenta como regra, dizem biólogos mais modernos. O ser simultaneamente biológico, social e individual com certa autonomia, tem alguma correspondência com a (científica mas já insuficiente por muito genérica), concepção da evolução do cérebro trino: reptiliano, mamaliano e humano. Cf. Paulo Dalgalarondo, **Evolução do Cérebro**, Artmed, 2011.

1. Em todos os grupos sociais há uma significativa variação genética⁶⁴, já a partir daí nenhuma pressão resulta uniforme;
2. Numa população qualquer se formam grupos diversos que vão viver experiências diversas – e, portanto, reagir de forma distinta às pressões existentes;
3. Há um outro fator, a entidade psicossocial que se forma nessa interação grupo-natureza, ou seja, há o indivíduo, suas experiências únicas e suas formas singulares de sentir, pensar, avaliar e reagir. Há a emergência do sujeito individual, que interfere, reage, influi na própria formação de si e de suas circunstâncias.
4. Ainda um outro fator ativo, a ação coletiva: configura-se um circuito dinâmico de múltiplas interações, em todos os sentidos⁶⁵. O indivíduo e os grupos participam de suas próprias moldagens. Não é difícil ver isso em casos individuais e em grupos pequenos. E pode ocorrer também em níveis macro (como, por exemplo, na decisão de pôr fim ao tráfico de escravos).

Por conta desse conjunto, teremos sempre reações individuais e grupais mais conformistas e mais rebeldes, mais dóceis e mais resistentes, etc. Assim, (1) nem o *pool* genético de uma população (2) nem o caráter social do grupo (3) nem as experiências diversificadas dos indivíduos têm como fundamentar comportamentos uniformes. Não obstante, a força da pressão social que, desde o

64 Ver Dobzhansky, **O Homem em Evolução**, (Ed. Polígono/Univ. de São Paulo, 1968).

65 Pode entrar aqui a hipótese de Marx (no Prefácio de 1859) de que as práticas e as relações voltadas para a produção da subsistência funcionariam como um eixo estruturante das demais práticas. *Eixo estruturante dinâmico* pode ser uma metáfora melhor do que *base e superestrutura*. O entrelaçamento interagente das dimensões econômica, política e ideológica é o que de fato acontece, nada se explica por si só (indica Marx no texto citado), tudo decorre de uma “*síntese de múltiplas determinações*”.

círculo familiar, desde a primeira infância, incide sobre os indivíduos é sempre muito forte.

Romper esse ciclo e realizar uma personalidade íntegra, conformar um caráter que transcenda essa primeira configuração do caráter, autoconstruir-se, é um ideal psicológico e um ideal social. Aristóteles considerava isso a realização da *nobreza de caráter*, Jung chamou-o de processo de *individuação*. Os psicólogos da *análise transacional* o chamaram de *tornar-se adulto*. A psicologia humanista de Carl Rogers preconizou o *tornar-se pessoa*. Maslow chamou-o de processo de *autorrealização*. Freud considerou esse o processo de realização de uma personalidade saudável. Teóricos de várias áreas das ciências humanas identificaram esse processo de autocrescimento. Para muitos, desde o *Iluminismo* e, depois deles, de várias correntes de pensamento, socialistas e liberais, esse crescimento, esse ideal de crescimento, de amadurecimento, por vários modos, se estende a dimensões sociais. Prosseguindo nessa linha vamos nos situar em pleno debate dos caminhos políticos para realizar (num nível mais alto) a condição humana: a política como a busca (teórica e prática) dos caminhos possíveis para o aprendizado cultural e o aperfeiçoamento civilizatório⁶⁶.

Mas há um choque de realidade. Os caminhos de amadurecimento indicados não só são possíveis como efetivamente se realizam – mas em segmentos minoritários da vida social humana, pelo mundo afora. A grande maioria ainda não participa disso. Têm o seu potencial travado. O drama e o grande risco da exclusão da maioria da humanidade desse processo de maturidade individual e social hoje é real – ou melhor – é a própria realidade⁶⁷.

66 Muito distante, portanto, do exercício da mesquinha ansiedade pelo poder.

67 Veja-se, por exemplo, Michel Crozier, **A Sociedade Bloqueada** (Ed. UNB, 1970), além de: Pierre Bourdieu, **A Miséria do Mundo** (Ed. Vozes, 2008); Martín Caparrós, **A Fome** (Ed. Bertrand Brasil, 2016) – e tantos outros relatos impressionantes das péssimas e trágicas condições de vida de imensas parcelas da raça humana.

A *segunda natureza*⁶⁸ ocorre de modos particularmente específicos, nos contextos de cada cultura e cada tempo, ou seja, incide e resulta na singularidade dos indivíduos. Num caso produz um Péricles (ou um Martin Luther King), n'outro caso produz um Gêngis Khan (ou um Hitler) e, em outro ainda, um Picasso (ou um Leonardo da Vinci) – e assim por diante. O fato é que a personalidade pública e histórica, a *persona*, não se forma como um desdobramento exclusivo da constituição genética, nem tampouco é mero produto de seu contexto. Parte daí, mas se desdobra de modo singular, impregnada por e reagindo à cultura de seu tempo e de seu lugar – em que se realiza (ou fracassa), com maior ou menor compartilhamento social – e, não raro (ou sempre?) de forma específica e original. De novo Sartre, que expõe isso no seu estudo sobre Flaubert (*o idiota da família* que se constrói, em conflito com o seu contexto, como um escritor – e um caráter – singular e excepcional).

A superação histórico-cultural dos rituais sangrentos, da tortura e mutilações como práticas penais, da escravidão (considerada legítima por milhares de anos⁶⁹), a condenação moral de atos de crueldade, nos mostram que podemos pensar em uma progressão humanitária em curso⁷⁰. Há que aprofundá-la e estendê-la. Ainda existem guerras e violência. É um desafio histórico e existencial superá-las. Em que pese os fatos negativos do passado, aprendemos com a história que essa superação é possível. Os pessimistas de plantão servem a interesses histórica e eticamente ilegítimos.

68 A estruturação gradativa, desde a primeira infância, da *segunda natureza*, do caráter, do paradigma emocional-cognitivo, do *modelo mental*, da *inteligência emocional*. São várias as abordagens e denominações diferentes, entre outras, para um mesmo objeto de estudo, uma mesma dimensão da realidade humana.

69 A escravização dos vencidos só pode ter surgido (e gradativamente se adensado) a partir da geração de um excedente econômico, a partir das revoluções agrícolas portanto. Cf. Engels, **Anti-Dühring**, Delacampagne, **História da Escravidão**; e Pétré-Grenouilleau, **A História da Escravidão**.

70 Isso nos demonstra (ou procura demonstrar), entre outros, Steven Pinker em **Os Anjos Bons da Nossa Natureza** (Cia. das Letras, 2013).

Num plano macro, nos episódios de grande compartilhamento e mobilização social, se manifestam as ações humanas que *fazem* a história (sem dispensar as ações no plano da micropolítica). Ter uma visão sistêmica desse processo e construir um rumo compartilhado – e não dilacerado, como tem sido até aqui – é um objetivo que não sabemos se a humanidade vai algum dia alcançar. É a meta maior, para otimistas e realistas, usando a frase de ressonância cristã do marxista István Mészáros, *a montanha que devemos conquistar*⁷¹.

GRUPOS SOCIAIS, INDIVÍDUOS, HISTÓRIA - 2

Não é possível compreender a condição humana de forma linear. Grupos sociais e indivíduos existem simultaneamente – e a história se faz a cada dia. Um não existe sem os outros. O sincrônico implica no diacrônico. Podemos tentar compreender a chave do comportamento humano, a partir do indivíduo, como a resultante de uma dinâmica interativa tríplice: o biológico, o grupo social e o processamento psíquico (o nascimento e desenvolvimento do caráter e da personalidade). O biológico, em interação com as relações do grupo social, gera e desenvolve o psíquico, como que um terceiro ator, uma base caracterológica e uma persona (uma face externa do caráter em formação, que vai se moldando conforme os resultados e as avaliações desse fator psíquico). Assim vai se formando o *self* do indivíduo, a sua consciência íntima de si mesmo. O indivíduo, vai se integrando ao grupo, apresentando afinidades e resistências. A integração é sempre específica a cada caso, dependendo da constituição biológica, do grupo em que está inserido e da especificidade

psíquica do indivíduo que vai se formando (no contexto processual das circunstâncias e para além das circunstâncias).

Não existe o indivíduo sem o grupo. Não existe o grupo sem os indivíduos. Se partimos do indivíduo, logo chegamos ao grupo, ao coletivo e suas complexidades, que condicionam a formação do indivíduo. Fecha-se um círculo, ou melhor, uma espiral ascendente:

história → grupos sociais → indivíduos → grupos
sociais → história;

onde cada volta é um momento único e uma geração diferente, uma configuração dinâmica, uma *gestalt*⁷². A sociedade (a ampliação e a multiplicação articulada e tensionada dos grupos) não existe sem a dinâmica coletiva dos indivíduos. Indivíduos, grupos, sociedades só existem simultaneamente, fazem parte de uma mesma realidade, complexa.

Na interação dos indivíduos os grupos vão se consolidando (ou se desfazendo). Os indivíduos vão aprendendo a agir em conjunto para atender a seus objetivos (gerados pela interação integrada e, simultaneamente, tensionada dos três fatores (o biológico, o grupal e o psíquico) interagindo no contexto. Esse aprendizado experimental é contínuo, não se dá de uma vez por todas, vai acontecendo e se modificando. Também adquirindo uma constância, uma rigidez relativa, pelas repetições dos eventos e dos resultados. Alguns se tornam mais rígidos, outros menos rígidos, variam em flexibilidade e desempenho. Grupos de indivíduos, agem em conjunto – também aprendendo a dividir tarefas. Aprenderam a coletar alimentos e a caçar, etc. Os grupos, tensionados pelas características distintas de cada indivíduo, agem em conjunto – e também desenvolvem uma afinidade particular, uma microcultura, que molda uma dinâmica de caráter social, de personalidade coletiva, de regras internas e de

modalidades compartilhadas de reações relativamente comuns e compatíveis entre si. Isso gera um tipo de coesão grupal, mais ou menos rígida, mais ou menos flexível.

Os grupos interagem com outros grupos, vão se constituindo as formações sociais mais amplas. No início, nos confins do passado humano, os grupos, à medida que iam crescendo, foram se dividindo por cissiparidade e formando outros grupos. Ao longo dos séculos e milênios pré-históricos esse processo gerou uma infinidade de grupos, cada qual com sua microcultura. Esses grupos interagiam entre si de modo diferenciado, a depender da coesão interna, sua permanência, manutenção, desfazimento ou esgarçamento. Conjuntos de grupos formavam tribos, coesas e, ao mesmo tempo, tensionadas. Se configuraram assim microetnias, pequenas culturas grupais que, posteriormente, irão se desenvolver em macroetnias em expansão populacional e territorial. Essas macroetnias virão, em alguns casos, a constituir grandes formações histórico-culturais, que alguns estudiosos designaram como *civilizações* (o Egito Antigo, por exemplo, entre outras)⁷³.

As macroetnias, à medida que cresciam, ganhavam também complexidade, caso a caso, conforme as circunstâncias. Nesse processo (dissemos acima) surgem pelo menos quatro fenômenos que impactam toda a história futura: (1) a estranheza étnica, (2) a disputa por territórios e (3) o desenvolvimento desigual dos grupos. Estes fenômenos, operando em conjunto, deflagram (4) uma corrida armamentista entre os grupos, que conduz a uma cultura belicosa e à formação dos impérios guerreiros da Antiguidade. Esse processo, no período de alguns milênios, se dá no curso da revolução neolítica, da revolução agrícola e no desenvolvimento de novas tecnologias.

O desenvolvimento cultural desse período, que não é curto, consolida culturas belicosas e modos guerreiros de ser. As sociedades, para sobreviver, vão se diferenciar em classes especializadas,

73

Ver: Braudel (**Gramática das Civilizações**); e UNESCO (**História da África**); Gören Therborn (**O Mundo: Um Guia Para Iniciantes**).

agricultores, guerreiros e gestores. Sem prejuízo da existência e do desenvolvimento de competências lógicas, a cosmovisão dessa época teria sido marcada pelo animismo, pela veneração das forças da natureza – e da vida – interpretadas a partir dos mais rústicos conhecimentos.

Comunidades primitivas, impérios guerreiros, feudalismos decorrentes do desmoronamento dos impérios e dos inúmeros choques culturais entre os grupos (tribos, macroetnias, nações). Nos *interstícios* desse mundo, *no limite do caos*, se dá o lento desenvolvimento do comércio, de onde surgem (ao longo de séculos) as grandes transformações e a emergência das configurações capitalistas, ou seja, formações estruturadas a partir da ação dos detentores do capital, de início mercantil e financeiro, depois industrial. Este é um mundo marcado por grandes tensões e contradições, paradoxal mesmo: prevalece a cultura belicosa, sofisticada com avanços civilizatórios sutis, um mundo de forças e astúcias – e cultivo do luxo e da grande sofisticação no modo de viver das elites, sustentadas pela criatividade destas próprias elites, pelo trabalho artesanal, por agricultores pobres e por legiões de escravizados. Com esse histórico e com essas configurações básicas, cada vez mais transformadas pelas chamadas *revoluções burguesas* (a ascensão dos comerciantes – e aliados – ao poder em algumas formações sociais), chegamos à *modernidade*, com o pleno domínio dos centros urbanos e do capital.

O que muito nos acostumamos a designar como a *revolução burguesa* se processou ao longo de (pelo menos) 300 anos, da ascensão da dinastia Tudor na Inglaterra (1485) à *Revolução Francesa* (1789) – passando por Cromwell e pela *Revolução Gloriosa* na Inglaterra, pela *Independência Americana* (1776)⁷⁴, além de outros

74

Isso se deixamos de fora um histórico muito mais antigo, que pode ser localizado desde os fenícios às cidades italianas da Alta Idade Média. Por outro lado, o 1º volume da coleção **Saga: A Grande História do Brasil** (pg. 26) aponta que "... a ascensão da dinastia 'burguesa' de Avis antecedeu em cem anos a ascensão da dinastia 'burguesa' dos Tudor, na Inglaterra. Em 1385, Portugal era o primeiro Estado 'moderno' europeu".

abalos políticos – e, no plano econômico, pela chamada Primeira Revolução Industrial. A partir daí enveredamos na modernidade capitalista e nos seus desdobramentos – com impactos crescentes por todo o planeta – que se dão ainda nestes nossos tempos⁷⁵.

A ocorrência das grandes transformações, resultado de inúmeros eventos cumulativos, nos trouxeram à constituição das formações sociais modernas, as nações e os países do mundo atual – configurados agora numa macroestrutura global – onde se estruturam diferentes lugares na divisão social do trabalho, na geração e nas modalidades de apropriação da riqueza social, em expressivas variações históricas de situações de dominantes e subordinados, expropriadores e expropriados, opressores e oprimidos, integrados e excluídos.

Em resumo, aprendemos que a condição humana não é linear, é sistêmica, tensionada, dinâmica, interativa (e histórica): a nossa base biológica implica na vida social, que gera a cultura no psiquismo dos indivíduos (e na realidade objetiva). Isso nos traz de volta ao grupo e à base física da vida. Uma espiral recursiva crescente (sendo a permanência, a realidade existente, a base para as contínuas inovações).

Vivemos dentro de um sistema, complexo, formado por outros sistemas, subsistemas. Todos os sistemas interagem com um sistema mais amplo, contêm aberturas e tensões, internas e externas⁷⁶.

75 Todo esse processo infinitamente complexo, como podemos ver na imensa e intensa dinâmica dos debates acadêmicos e políticos ao longo de todo esse período, de Marx a Weber, de Polanyi a Wallerstein, de Braudel a Enrique Dussel e incontáveis outros autores.

76 No texto **Da Contradição** de Mao Tsé-tung, se dele se desbastar a retórica marxista ortodoxa, se poderá perceber um conteúdo de matriz taoista, de onde se pode extrair uma contribuição metodológica valiosa. Entre outros aspectos, esboça (ou aponta para) uma realidade social sistêmica: mostra, por exemplo, como uma pressão externa aciona elementos internos, que podem promover uma transformação generalizada. Eric Fromm (**A Arte de Amar**) indica as raízes taoistas da dialética.

Numa perspectiva, essa realidade estrutura num todo (aberto) a condição biológica, social e psicocultural. O social é como que uma ponte, uma intermediação, ente o biológico e o cultural. De outra perspectiva, acompanhamos a história que se faz ao longo dessa interação dinâmica⁷⁷.

Saímos de comunidades primitivas para os estados guerreiros, caímos em situações feudais e vimos a dinâmica capitalista se formando nos interstícios desse processo, crescendo e remodelando o modo de viver dos grupos humanos.

Acelera-se a modernidade a partir do século XVI. Capitalismo, revoluções tecnológicas, liberais, modernidade, contestações: entrelaçam-se como se fossem um só processo, sendo, na verdade, múltiplos processos entrelaçados, podendo, em algum momento, desembaraçar-se um dos outros e se conflitarem.

Temos uma dinâmica sociológica, sociocultural, desdobrando-se num percurso histórico. Trata-se da dinâmica social em reestruturações sucessivas – e os indivíduos, por dentro desse processo, na maior parte das vezes cegos à essa dinâmica, mas dela, crescentemente ganhando consciência, se percebendo diante de novos desafios.

Na realidade de hoje, já não se trata apenas de vencer o inimigo. É preciso desmontar as armadilhas que criam inimigos. De algum modo descobrimos que o inimigo (ou, pelo menos, parte das nossas dificuldades) está em nós mesmos, no modo de pensar e de agir, em nossas práticas. Não se trata apenas de vencer o inimigo, menos ainda de destruí-lo, mas de *transformar as situações* que nos colocam em campos inimigos. Isso não significa abrir mão da capacidade de se defender. Mas, em grande medida significa transformar a

77

O sincrônico (a configuração) e o diacrônico (o fluxo) ocorrem simultaneamente, a realidade complexa em processo: totalidade, contradição, movimento; sistemas dinâmicos, campos de força, evolução contextualizada, tudo se transforma.

nós mesmos, nossos objetivos, nossos métodos, nossas estratégias, nossos modos de agir. Este desafio já nos foi colocado há dois mil e quinhentos anos, por *Sun Tzu*, quando dizia que o melhor general é o que ganha a guerra sem combater⁷⁸, em outras palavras, a criatividade estratégica é fundamental – inclusive para evitar o conflito violento. Historicamente, precisamos experimentar outros paradigmas.

Tudo que existe é complexo, do átomo à condição humana, o que veio antes e o que vem depois. Compreender e lidar com a realidade humana implica abordá-la, nas teorias e nos processos práticos, no âmbito dos *sistemas adaptativos complexos*, no âmbito das teorias do caos e da complexidade (tema dos capítulos 12 e 13 adiante).

O SENTIDO DO PROGRESSO

Está visto, somos biológica e historicamente frutos de uma infinidade de circunstâncias. Um fato de extrema significação nesse processo foi a passagem de um mundo estritamente biológico para um mundo cultural e histórico. Nós, humanos, existimos como corpo biológico, animal, e – a partir daí – como parte de uma evolução cultural e histórica. Dois componentes centrais dessa passagem foram a faculdade da linguagem articulada e os desenvolvimentos tecnológicos, marcas exclusivas da condição humana; quem sabe, num processo evolutivo de superação da barbárie: diálogo e invenção. Durante todo este processo (a emergência do humano, o longo período paleolítico, a revolução neolítica, a revolução agrícola, os impérios guerreiros, os feudalismos, a emergência do mundo urbano e da hegemonia capitalista moderna), durante todo este período não mudamos biologicamente, ou mudamos quase nada.

78

Sun Tzu, **A Arte da Guerra**, texto cuja profundidade só aparece quando compreendido em uma perspectiva taoísta. Cf. a introdução de Thomas Cleary à edição da Ed. Pensamento, 2007.

Se existiram mudanças biológicas nesse percurso foram extremamente superficiais. Basicamente, no mundo de hoje, os bebês que nascem trazem o mesmo equipamento genético dos bebês de 70 mil anos atrás. A grande transformação foi no plano cultural. Sem deixarmos de sermos primatas (biologicamente primos dos chimpanzés, bonobos, gorilas e orangotangos) nos tornamos outros – pela evolução cultural, por mais contraditória e difícil que esta evolução histórico-cultural tenha sido.

O plano cultural não é algo que paira acima dos humanos, é uma rede de valores e de diretrizes incorporadas no caráter das pessoas, é a dimensão social do paradigma emocional-cognitivo (a metáfora *segunda natureza*), que passa por um processo evolutivo, uma segunda condição humana, agregada à primeira, que evolui em processo próprio, com suas diversidades, suas tensões e suas contradições internas a esse processo evolutivo especial.

A condição humana, então, nasce desta composição complexa: corpo e cultura (andar bípede, mãos capazes de movimentos sutis, cérebro grande e mais complexo que o de todos os outros animais, grande memória, linguagem simbólica articulada, sociabilidade inata, capacidade de imaginação e de fabricação, no plano dos objetos e, no plano dos modos de convivência, uma crescente sofisticação cultural). Tudo muito complexo e muitas vezes paradoxal, ou seja, carregado de tensões internas e necessidades de homeostasias, de equilíbrios ecológicos dinâmicos, sem romantismos, rotas necessárias à sobrevivência nos diversos contextos em que nos enfiamos.

Avançamos assim através de uma evolução biológica e uma evolução cultural. No bojo desse (para nós) imenso processo civilizatório (por dentro da evolução cultural) tivemos as revoluções tecnológicas (do machado de pedra aos *nanochips*), com dramáticos impactos no comportamento social. O que, desde há muito, colocou em debate *a questão do progresso*, que vai de Condorcet a Marx, de

John Locke a Steven Pinker, passando por muitos outros, utópicos, idealistas e realistas⁷⁹.

Viemos de longe, pois, de uma *evolução biológica*, através de uma *evolução histórico-cultural* e, dentro desta, identificamos, como um desafio em curso, uma *evolução humanitária*, o viés de uma humanização superior, que nos realiza mais plenamente. Isso amplia a complexidade, mas traz à tona a questão de até que ponto somos (ou não somos) objetos inertes neste processo – e até que ponto existe *progresso*. A partir da análise deste percurso, podemos supor, até certo ponto, que o futuro depende de nós.

Está visto que, nessa etapa (e neste nível) da trajetória humana, quem evolui é a *segunda natureza*, a cultura que, pela *sociação*, se impregna na personalidade (no caráter, no *paradigma emocional-cognitivo*) das pessoas. O *homo* moderno, sem deixar de ser o primata da biologia, é filho da cultura. Ainda que identificar a evolução não supera os mistérios cósmicos (nem nos conduz para alguma forma de teleologia).

Numa perspectiva iluminista, Steven Pinker, está visto, é um dos que ardorosamente defendem a ocorrência do progresso cultural. Para Pinker as principais evidências deste progresso são: (1) a superação, como prática cultural, dos atos de crueldade explícita, muito comuns na Antiguidade e na Idade Média, a exemplo dos sacrifícios humanos nos rituais religiosos, da tortura em execuções públicas, do assassinato oficializado na morte dos considerados hereges, da literal caça às bruxas e morte de milhares nas fogueiras em praça pública; (2) a extinção do tráfico de escravos e da

79

Não é possível afirmar que esse percurso decorre de uma teleologia, mas também não é tão delirante (como pode pensar um ateu militante) achar que sim, como sugere a argumentação de Robert Wright em **Não-Zero: A Lógica do Destino Humano** (Ed. Campus, 2000), algo como: a crescente complexidade social, concomitante ao crescimento da capacidade de comunicação, poderá nos levar à completa autodestruição ou, quem sabe, à condição orgânica de uma inteligência planetária. Um tema mais do que polêmico, enigmático (que, talvez, vá na direção do pensamento de Teilhard de Chardin).

escravidão, práticas profundamente arraigadas em quase todas as sociedades desde os mais remotos tempos da Antiguidade, da Idade Média e dos primeiros séculos da Modernidade.

Pinker, muito na linha de Condorcet⁸⁰, registra:

“Há tempos os historiadores debatem o grau em que a abolição da escravidão foi impelida pela economia ou por preocupações humanitárias.” [...] “A Grã-Bretanha, antes uma das mais ativas nações traficantes de escravos, proibiu o tráfico em 1807 e aboliu a escravidão em todo o seu império em 1833. Nos anos 1840, estava pressionando outros países a abandonar sua participação no tráfico...”

Depois da guerra civil, os Estados Unidos aboliram formalmente a escravidão (pela 13ª Emenda à Constituição) em 1865. Na França a escravidão foi abolida em 1794, reestabelecida por Napoleão em 1802 e definitivamente abolida em 1848. No Brasil, foi abolida em 1888 e na Arábia Saudita em 1962.

Os próximos passos do avanço humanitário deverão ser a *superação da violência política e da guerra*, fenômenos que, para Pinker, já apresentam uma clara redução de sua presença na história humana mais recente (com a *Revolução dos Direitos* e a *Longa Paz* (ao menos entre as grandes potências). Em outros termos, a superação da violência nas práticas sociais significará a *superação da barbárie*.

Esse progresso nada tem de automático, nem é um destino metafísico. Decorre da evolução tecnológica, das lutas sociais, da expansão das competências emocionais e racionais. Fatores econômicos, políticos e culturais se entrelaçam nessa evolução.

80

Condorcet, filósofo e político francês, perseguido até à morte por fanáticos jacobinos, na época da Revolução Francesa que ajudou a acontecer. Em 1794, preso e marcado para morrer, concluiu o **Esboço de Um Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano**, em que analisa a história e reafirma sua convicção na razão e na continuidade do progresso humano. Auguste Comte, um dos fundadores do *positivismo*, também deve ser notado nas raízes da convicção do progresso humano. O fatalismo historicista e o ceticismo extremado não ajudaram (nem ajudam) a esclarecer o histórico do que foi efetivamente que nos trouxe da *idade da pedra* à complexidade atual.

A compreensão (*naturalista*, imanentista, não sobrenatural) desse processo levou à hipótese de que nós podemos fazer a nossa própria história (*a partir das condições dadas*) desde que consigamos *influir de modo adequado e competente nos processos sociais*. Tomando o caso da escravidão como emblemático: progressos econômicos e formulações políticas (inclusive religiosas – os *quakers* estiveram entre os pioneiros nas lutas contra a escravidão) confluíram para deslegitimar e banir da vida social esta prática desumana⁸¹.

A noção de progresso histórico-social – e a ação coletiva por um futuro melhor – tem raízes as mais antigas. Esta noção sim, talvez esteja no cerne da condição humana. Individual e coletivamente os seres humanos sempre buscaram aperfeiçoar sua condição de vida. Muitas e muitas vezes errando feio. O paradigma emocional-cognitivo, o padrão cultural introjetado (e internamente reconstruído⁸²) evolui passando de contexto a contexto, de geração a geração, no diversificado processo civilizatório. Cada lance bem-sucedido nesse processo é um avanço de modernização, de inovação, de construção. Incontáveis heróis contribuíram, alguns notáveis, a grande maioria anônimos, todos mesclando erros e acertos. No conjunto, o que temos é uma construção humana, autenticamente patrimônio da espécie, ilegitimamente apropriada pelos possessivos privilegiados.

Por conta de todo esse histórico (aqui referido em síntese), a partir de nossa natureza flexível e multidimensional, podemos concluir que o progresso cultural, civilizatório, existe se sobrepondo e se integrando à nossa realidade biológica. Colocar em equilíbrio dinâmico as tensões que decorrem dessa complexidade, no exercício de nossas melhores potencialidades, é o mais vital dos nossos desafios.

81 Parece extremamente problemático pretender-se uma condenação moral do passado. A capacidade de compreensão ética emerge na história a partir das contradições sociais de cada tempo histórico, não é cabível julgar o passado pelos critérios de nosso tempo. Todavia, não é fácil definir onde começa o nosso tempo.

82 Como nos ensinou Jean Piaget, com os conceitos (entre outros) de assimilação e equilíbrio (Kelsseirng, Thomas - **Jean Piaget**, Vozes, 1993).

2

**A META É DIGNIFICAR
A CONDIÇÃO HUMANA**

Ética e Política são dois lados de uma mesma moeda – e expressam a complexa relação indivíduo-sociedade. Considerando Ética, não como algo absoluto, mas como expressão de modelos éticos, diretrizes de comportamento, que variam conforme as bases culturais e circunstanciais. A ética está no indivíduo (em alguma medida compartilhada no grupo) – e se expressa no seu comportamento. Os comportamentos de vários indivíduos (em vários grupos) formam a sociedade e definem, com maior ou menor formalidade, as regras morais⁸³.

Os que apostam numa exacerbação dos sujeitos individuais dirão que o modelo comportamental, de origem individual, é a origem do que está aí. Os que veem na dinâmica estrutural da sociedade a origem da mente dirão que os indivíduos são meros suportes dessa dinâmica estrutural.

Uma forma de ver mais consistente levará em conta as duas dimensões (indivíduo-sociedade) em tensão contínua e influência formadora recíproca. A sociedade conforma os indivíduos (dos bebês aos indivíduos adultos integrados nos grupos sociais) e o comportamento dos indivíduos forma a sociedade. As iniciativas

83 *Ética e moral* são dois termos que têm o mesmo significado, variando o seu conteúdo de autor para autor. Explicando melhor: (1) *ética* vem do grego *éthos*, (2) *moral* vem do latim *mor*, *moris* (nominativo e genitivo, como se usa no latim) e, nas suas respectivas origens, significavam praticamente a mesma coisa, *hábito*, *costume*. Modernamente se distinguem três significados para o conteúdo destes termos: (1) os costumes de um povo, de uma sociedade; (2) as diretrizes ou regras de comportamento de uma pessoa (ou um grupo), que as delibera a partir de seu próprio conhecimento e experiências; (3) o estudo sistemático, metódico, destas regras. Para cada um destes conteúdos os diversos autores usam ora *ética*, ora *moral* (ou ainda *eticidade* ou *moralidade*). Para uns, *ética* é o conjunto de diretrizes comportamentais construído pelo indivíduo (ou grupo específico) para si próprio (a minha ética, a ética da profissão, etc.); e *moral* é o conjunto das regras dos costumes da vida social como um todo. Outros usam estes significados de modo inverso, ou seja, *moral* seriam as diretrizes individuais e *ética* seriam as regras socialmente estabelecidas pelas tradições. Não há regra lógica que determine um pretensão uso correto de um ou outro desses termos. Quando se lê qualquer autor, é preciso identificar que uso ele faz desses termos, quando eles aparecem. Usamos, aqui, *ética* como o conjunto de normas definido, deliberado, pela consciência individual e *moral* o conjunto de normas das tradições. Em algum ponto estas dimensões se entrelaçam. Quanto ao estudo sistemático dessas regras o problema é praticamente o mesmo, cada qual a seu modo.

de mudança em geral partem dos indivíduos que podem influir no corpo social já estruturado.

A rigor, classes, nações ou instituições não agem por si mesmas. São expressões de indivíduos articulados, seja por posição social, seja por territórios ou por outros fatores. Quem pratica a ação são os indivíduos, que podem estar (ou não, mas, em geral estão) aglutinados em grupos, facções, movimentos, que configuram fatos histórico-sociais objetivos.

As propostas de ação política, portanto, devem se dirigir aos indivíduos, às pessoas, a cidadãos e cidadãs conscientes e ativos, no pressuposto e no exercício das liberdades democráticas. Indivíduos aglutinados podem compartilhar valores – e isso deve ser levado em conta, sendo que os indivíduos se organizam em hierarquias, rígidas ou flexíveis, formais e informais.

As instituições, formadas e habitadas por indivíduos, fazem parte do corpo social, da estrutura jurídico-política e da dinâmica da vida social. Não há por que (nem tem como) alguém ficar de fora do processo político que resulta da ação dos indivíduos e dos movimentos sociais (ação de vários indivíduos). Ainda que a cada qual caiba, possa ou deva caber, um papel diferenciado.

O que estamos dizendo implica que não existe neutralidade política. A realidade é sempre complexa e dinâmica, mas, queiramos ou não, nada que seja humano fica fora do processo social (que, de modo direto ou indireto, interliga todos nós). O que se pode e se deve debater e, democraticamente, definir é o como cada pessoa e cada instituição pode e deve articular-se nos *campos de forças* da vida social.

Pode-se perceber então que ética e política são dois lados de uma mesma moeda. Não há política sem ética: uma ética enviesada conduz à má política, uma ética decente conduz a uma boa política. Indivíduo e sociedade, caráter pessoal e cidadania, opção

política e dinâmica social, estão sempre coladas uma à outra. Esta formulação, portanto, exclui, retira qualquer legitimidade, tanto a um individualismo exacerbado quanto a qualquer coletivismo totalizante. É preciso ainda levar em conta a importância dos grupos sociais. Nenhum indivíduo se forma na sociedade enquanto um todo, se forma no grupo, parte de uma sociedade mais ampla. Os grupos, indicamos no primeiro capítulo, intermediam a relação do indivíduo com a coletividade maior. Os grupos, uma pluralidade deles, dão dimensão, densidade específica, à vida social⁸⁴.

Liberdade sem igualdade gera desequilíbrio e distorções de maior ou menor profundidade, sempre ameaçadoras. Liberdade abstrata e desigualdade efetiva é injustiça. Liberdade absoluta é uma ilusão. Liberdade é liberdade no mundo, um mundo repleto de outros seres que se autolimitam. No próprio nível humano, a liberdade de um precisa se situar no contexto da liberdade dos muitos outros. A liberdade de um que suprime a liberdade de outro(s) é um exercício de violência, negadora da liberdade. A liberdade que se sustenta, que se exerce, pela violência, não é verdadeiramente livre, é dependente do ser que oprime⁸⁵. A liberdade de um que suprime a liberdade de outro é exercício de poder, uma liberdade (de um) opressora (de outros); em termos abstratos, uma liberdade dominadora, em termos concretos, muitas vezes, uma liberdade assassina. Isso traz uma série de outras questões, entre elas, a de que a liberdade é um conceito sociocultural e, por conseguinte, também histórico. Não existe *A Liberdade*, existem graus de liberdade, conquistas humanas, social, cultural e historicamente condicionadas, que têm a ver com a qualidade de vida dos indivíduos e dos grupos sociais. A liberdade é sempre a liberdade do indivíduo, mas o indivíduo é sempre um ser

84 Não é supérfluo, portanto, muito pelo contrário, o estudo específico dos grupos, p.ex., na linha de Moreno ou Gurvitch.

85 Cf. Hegel no capítulo sobre a dialética do senhor e do escravo, na *Fenomenologia do Espírito*.

social. Não existe sociedade sem indivíduos, não existem indivíduos sem sociedade, sem o grupo social.

De modo especial Deleuze, Guattari (MIL PLATÔS) e Foucault (MICROFÍSICA DO PODER) fortaleceram (ou recriaram) esta abordagem que, *grosso modo*, já tinha raízes em Hesíodo, na Antiguidade (OS TRABALHOS E OS DIAS), em Restif de la Bretonne (AS NOITES DE PARIS) e outros, incluindo Simone Weil, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, etc. A referência tem a ver com as abordagens que levam em conta a ação dos sujeitos individuais, sem prejuízo da inevitável agregação em *atos sociais objetivos* (Durkheim) e das ações coletivas e dos movimentos sociais. Isso se vincula ao papel da(s) liderança(s), quando a experiência demonstra que as situações de lideranças excessivas sufocam e na ausência de liderança nada acontece, ou seja, *o papel do indivíduo na história* não pode deixar de ser levado em conta (Plekhanov em, O PAPEL DO INDIVÍDUO NA HISTÓRIA, abre esse debate, sem o resolver). A novidade tem a ver com o papel dos microgestos, como na metáfora do *efeito borboleta*, mas não apenas em momentos excepcionais e sim, na tecitura miúda da dinâmica social, sem prejuízo de levar em conta as dinâmicas estruturais. Indivíduos e sociedade, ou seja, indivíduos e fatos sociais objetivos (formados pela ação de indivíduos), micropolítica e macropolítica, se mesclam continuamente na vida social. Uma é a substância da outra – a ética e a política.

O debate político, desde longa data, ocupou-se principalmente (1) dos grandes e tectônicos temas (como guerras, por exemplo, e (2) dos grandes feitos dos heróis ou (3) de uma mistura dessas duas dimensões, mas com pouco espaço – ou mesmo sem levar em conta – os contextos sociais mais amplos, o papel construtor dos agentes anônimos e do acúmulo das situações do cotidiano. Marx, com mais força, e outros, com menos alarde, chamaram a atenção para o papel dos grandes contingentes, plebeus, servos da gleba, operários, camponeses. Outras linhas de abordagem insistiram na importância de algo ainda mais íntimo, menos visível, mas de importância decisiva na condução dos processos histórico-sociais:

os fatos da micropolítica. O que tem a ver com a vida cotidiana e com o comportamento de cada indivíduo na vida social – o que, por sua vez – depende do grau de consciência que cada um tem (de si mesmo e do mundo em que vive). Amplia o *gnōthi seauton* (*conhece a ti mesmo*) do oráculo de Delfos, na Grécia Antiga: *conhece a ti mesmo* – e *conhecer-se* implica conhecer o mundo em que se vive. Esse é o desafio. Não é possível conhecer um sem conhecer o outro. Outro provérbio antigo diz que *você não vê o mundo como ele é, mas como você é*. E você foi moldado, desde criancinha, pelos fatos do mundo, o mundo das coisas e o mundo das pessoas, que chegaram até você, que interagiram com você e impactaram seu caráter, seu modo de ser. Os tempos e os lugares por onde você passou (e como você reagiu) colocaram você onde você está.

Por outro lado, no plano humano, este *ser no mundo* (longe das abstrações etéreas de uma filosofia inútil) põe (cada um de nós) no mundo com *uma parcela de responsabilidade* pelo que nos tornamos. Assumindo a condenação sartreana (você está *condenado a ser livre*) nas situações que o mundo lhe põe, não tem como recusar a advertência de Ortega y Gasset: nas suas circunstâncias, sua liberdade é *indelegável*, só você pode ser você. Advertência que, de resto, traz ecos de Aristóteles (a importância do indivíduo *nobre* na sua própria formação, na moldagem do seu próprio caráter – e do seu próprio lugar no mundo).

Se a subjetividade, se a sua (ou nossa) condição auto responsável é uma ilusão, não existirá micropolítica, mas apenas automatismos ou plena aleatoriedade, ou fascismo ou anarquia, ou ordem ou caos. Mas o mundo não é assim. A vida – e a criatividade – exigem organização dinâmica, tensões, agregações ordenadas, adaptações, transformações. A criatividade está *no limite do caos* (sinaliza Stuart Kauffman⁸⁶), mas ainda se realiza no campo da ordem, da ordem flexível, já que a ortodoxia congela. Não existe micropolítica (nem política)

sem subjetividades interatuantes, sem interpretações divergentes. E sem micropolítica a macropolítica não passará do funcionamento de uma máquina da qual nada mais seremos que minúsculas peças mecânicas. As idiossincrasias individuais entram no processo – e repercutem a depender do contexto. As singularidades importam⁸⁷.

Esse ponto (o que somos, o que sou) é decisivo. Define se nossa vida é uma inútil banalidade ou se vale alguma coisa, se tem ou se pode ter alguma, menor ou maior, dignidade. A banalidade do mal (apontada por Hannah Arendt) é o mesmo que a banalidade da vida; banalizar o mal, *fazer o mal*, é banalizar a vida. E não ser uma inutilidade exige de nós consciência, autoconstrução, *coragem de ser*. Passando por Sartre, Durkheim, Marx, se quiserem, por Paul Tillich (A CORAGEM DE SER) – e tantos outros. Voltamos a Aristóteles: o ser social, político, com a capacidade de deliberar, a partir da autoconstrução na vida social, a partir do legado da natureza. Por mais que corramos e ampliemos a nossa capacidade de voar (por mais que tentemos fugir), não saímos da condição do que somos, indivíduos-sociais. Em grande medida, pelo menos, responsáveis por nossos atos e por nossas omissões.

Os melhores estrategistas do passado, lá do fundo dos tempos, já identificaram que o primeiro passo do planejamento é definir o sujeito da ação. E, na medida que somos indivíduos-sociais, um competente direcionamento da vida (um planejamento estratégico) estará descrito nessa dupla dimensão: metas sociais são também metas individuais e vice-versa. Se a meta é só de um, é uma

87

A depender do contexto e do momento torna-se *possível o efeito borboleta*, o gesto minúsculo provocando grandes transformações, positivas ou negativas.

impropriedade, se prevalece assim é um absurdo⁸⁸. A meta e a construção serão individuais e sociais. Por isso o objetivo mais amplo de toda e qualquer ação individual-social não pode deixar de ser a qualidade de vida (da rede interativa de relacionamentos do grupo social e – se quisermos abrir os olhos – esse grupo social é, precisa ser, a humanidade inteira. Essa é a meta universal, não abstrata, concreta, humana. Nasce da nossa vida real.

Sim, a humanidade ainda não chegou lá. Os grupos humanos, até hoje, com uma frequência assustadora, o que fizeram com muita eficiência foi matarem-se uns aos outros. Mas esta tem sido a grande armadilha da evolução sócio-histórica (em modalidades de

88

O que é o sujeito? Rios de tinta já foram gastos no debate gerado por essa questão. Do ponto de vista aqui adotado, *o sujeito é um processo*, uma instância processual, constituído por uma interação de ingredientes em movimento. *O sujeito é relacional*, só existe num contexto – e este contexto é social. Um peixe só existe no seio da água, fora da água é um corpo sem vida ou um ser em colapso. Uma metáfora possível é um ciclone, feito de ar em movimento, feito das mesmas substâncias que o envolvem, se constitui como uma força material intensa, pela agregação de partículas em movimento. Só existe no processo, só existe em relação ao seu contexto. Nosso caso, respeitadas inevitáveis distâncias de uma metáfora, sem uma interação física com o ambiente, sem o oxigênio, sem a pressão atmosférica adequada, sem a troca de elementos com o ambiente, nós desaparecemos, nosso corpo se dissolve, o pensamento se apaga (como a chama de uma vela), deixamos de existir, isto é, o vórtice que somos se desfaz. Este, o vórtice (um termo trazido de Descartes) que somos, na verdade, é um aglomerado de outros vórtices menores e subsumidos num vórtice (uma condensação) maior, nosso corpo, de onde emana nossas emoções e nossos pensamentos. Este vórtice não é caótico, ele configura uma agregação, um sistema de subsistemas semiabertos, delineados e em trocas flexíveis internas e externas, dentro de si mesmo e com o ambiente. Este vórtice (esta agregação dinâmica e relativamente estabilizada que somos) é parcialmente autorregulado – e se constitui de vórtices anteriores – e se prolifera em outros vórtices, em outras agregações dinâmicas, em outros sujeitos. O sujeito se combina com a impermanência. A autorregulação é um dos resultados da evolução biológica que, no caso da evolução humana, configura (em dois processos, um filogenético e outro ontogenético) uma consciência – relativa a vivências de experiências e aprendizado. O sujeito é sempre parte do social, não existe isoladamente. Os grupos humanos, os grupos sociais – que vão formar grandes sociedades – também apresentam essa feição de vórtices – as sociedades são formadas por vórtices interagentes (Hobbes identificou isso) – que se interinfluenciam em redes (famílias, empresas, grupos de interesse, nações) tendo também, numa sequência da evolução político-cultural, construindo instâncias de autorregulação, nos diversos grupos sociais, dotadas de maior ou menor eficácia de sobrevivência, desempenho (líderes, chefias, Estados) e de duração. Os sujeitos são reais, densamente reais, mas também processuais, relacionais, influenciáveis e parcialmente autorregulados, em dimensões e instâncias simultaneamente individuais e grupais.

desenvolvimento desigual). A grande meta será, é, deixar para trás esta nefasta armadilha e construir uma rede humana de relacionamentos construtivos. Menos do que isso será o fracasso da espécie e, já que a espécie nada mais é do que o que somos, o fracasso será nosso, de cada um de nós.

A armadilha, do fundo dos tempos, foi sacrificar uns para *salvar* outros (como fazem as formigas), sem, na origem, nenhuma opção alternativa, os humanos eram (e muitos ainda são) brutos, selvagens, ainda que já esboçassem a evolução cultural. Não somos apenas uma parcela do todo social, cada um de nós é uma pérola de um colar, um nó de uma rede. O valor da singularidade de cada um é o contraponto da importância de todos.

Todas estas linhas de raciocínio sem dúvida podem levar a várias implicações. Duas delas precisam ser retidas:

1. Nem a ética nem a política ganharão qualquer coerência se reduzirmos a relevância (suprimir é impossível) de qualquer dos termos do complexo humano, da tecitura social: o indivíduo, os grupos e o conjunto social;
2. Sobrevalorizar o indivíduo levará a desequilíbrios, sobrevalorizar a coletividade, subestimando seus elementos constitutivos, levará a outros desequilíbrios, os dois excessos são potencialmente psicopatas e sociopatas.

Marx e Engels escreveram que *"o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos"*⁸⁹. O desenvolvimento de cada um não tem como não ser *limitado* pelo desenvolvimento de todos, a liberdade de um, de qualquer um, em termos éticos, não termina na – mas se vincula à – liberdade dos outros, sempre num contexto social – e todo contexto social é plural

e histórico. A meta maior, portanto, não pode deixar de ser o equilíbrio entre os sujeitos na vida social.

Rompida a comunidade primitiva, o que se implantou foram modalidades diversas de desequilíbrio social e do estabelecimento de privilégios, talvez como condição trágica incontornável, em épocas diversas, de lidar com os problemas técnicos e sociais nas condições de ultrapassagem da selvageria. Os privilégios costumam vir acoplados a funções sociais reconhecidas pelas coletividades. Uma igualdade absoluta não tem como existir no mundo real. A diversidade, a variação genética, é inerente à vida. Ser vivo já significa ser geneticamente semelhante, porém único. Não existem dois seres perfeitamente idênticos, nem mesmo gêmeos univitelinos.

Por outro lado, por maiores que sejam os impasses estruturais, tende a ser muito pouco provável, ou melhor, impossível, que se chegue (socialmente) a uma situação de equilíbrio estável por meio de métodos violentos. Os antigos diziam *si vis pacem, para bellum* (se quer paz, prepara a guerra). Um futuro civilizado exige, desafia-nos, a criar as condições de superar por completo essa ideia tenebrosa do equilíbrio pelo terror.

Quando se tem que quebrar algo como o terror, o racismo, a desigualdade estrutural, é provavelmente melhor desconstruir do que explodir. Modernamente se inventaram as *implosões*, microexplosões meticulosamente planejadas, um método a ser considerado com muita atenção. A melhor estratégia para combater o mal, muitas vezes, não será atacá-lo de frente, mas desconstruí-lo (talvez aos poucos), como numa *implosão*, gradativa que seja.

Por vias abruptas não chegaremos exatamente a conclusões sustentáveis. O quadro das tendências viáveis aponta mais provavelmente para, no horizonte, um socialismo democrático, uma social-democracia efetiva.

O mundo político do início do século XX foi polarizado pelas diversas versões do que poderíamos designar de *nacionalismo*

burguês. Na verdade, era um quadro mais complexo, ainda que nunca, nem antes nem depois, esteve tão próximo dessa designação. Uma dúzia de *Estados-nação*, hegemonizados por *elites do poder*, formadas por militares, burocratas, grandes industriais, comerciantes e banqueiros. Todas dotadas de grande capacidade de manipular a opinião pública em seus respectivos países, todas altamente militarizadas e belicosas, babando de ganância por lucros, butins colonialistas e planos de domínio mundial. O resultado dessa configuração nefasta foi a chamada *Primeira Guerra Mundial* (1914-1918). Mais de 10 milhões de mortos (e outros tantos mutilados), milhões de homens, mulheres e crianças assassinados em nome da excelência nacional. Gigantesca tragédia! Absoluta estupidez!

Um pressuposto estava na mente de todos os governantes dessa época: a desigualdade intrínseca entre os homens. A funesta ideia de que uns nascem mais merecedores do que outros, nascem melhores ou se tornam melhores. E, por isso, se acham no direito de matar outros tantos, para se impor. O direito das feras, ornamentado por belas retóricas, a favor da guerra e de alguma pretensa supremacia, *étnica*, *"racial"*, *religiosa*, *nacional* ou *histórica*. Estúpidos!

Assim tem sido, mas, tudo isso é ou uma condenação cósmica ou um momento da nossa história? Se for uma condenação insuperável, não há o que fazer, a não ser descartar as ilusões. Se for parte (superável) de nossa história, temos que descobrir caminhos novos, fazer diferente. Dramático é que só vamos saber no fim da história. Ou a história se fecha no ciclo de cada um? Se os humanos do futuro terão uma outra qualidade de vida, os humanos do passado já viveram as suas respectivas tragédias e, talvez, algumas glórias. Mas, assinalamos, a vida de cada um está condicionada pela vida dos outros (em cada momento sincrônico e em cada *geração*, em cada momento histórico). Nenhum de nós vive fora de uma configuração social. Jan Huss, Giordano Bruno – e muitos outros – foram queimados vivos, em nome de Deus, a serviço do poder. Isso não tem remissão. A vida para estes homens – como a de milhares de

mulheres queimadas como *bruxas*, a vida não lhes ofereceu retorno. Há, portanto, uma simultaneidade de tragédia e esperança. Mas, para muitos (milhões), a vida se esgota em alguma miserável tragédia – ou em alguma trágica miséria. Por outro lado, se não for um abismo de ilusões, há a hipótese de esperanças para o futuro. Um futuro a ser construído, por nós.

Ervin Laszlo nos lembra a advertência de Einstein de que se quisermos resultados melhores teremos que nos valer de modos diferentes de pensar e de colocar os problemas⁹⁰. Por outro lado, é decisivo levar em conta advertências outras, como as de Daniel Goleman: *atenção às emoções e foco*⁹¹. Mas, para saber o que se quer, ter clareza e foco nos objetivos, é preciso ter, primeiro, um diagnóstico competente – e, depois, a estratégia adequada: o fim condiciona os meios. Se há uma abordagem ética (sem ética não há *humanidade*), a natureza e a qualidade dos fins justificam a natureza e a qualidade dos meios, fins e meios necessitam de coerência. Já se disse que não terá futuro qualquer projeto que comece sacrificando a dignidade humana. Uma ética não humanista é teratológica. Um mundo humano sem legitimidade, sem coerência ética, sem viabilidade histórica – seria um atestado de inutilidade. Por outro lado, esse contingenciamento nos empurra para uma escolha: construir um sentido dignificante ou afundar numa vida oca, uma banalidade existencial (assumir que nada valem, em momento algum, sequer para nós mesmos). Uma fera que sabe ferir, danificar, matar, devorar, de que serve? Ou um rato que vive nos interstícios da não visibilidade? O viver humano exige o construir de um sentido que nos dignifique, ao menos aos nossos próprios olhos⁹².

90 Ervin Laszlo, **O Ponto do Caos**, Cultrix, 2011.

91 Daniel Goleman, **Foco**, Ed. Objetiva, 2014

92 Talvez não exista ação humana, tradicional ou inovadora, boa ou ruim, sem um correspondente esforço de autojustificação. Talvez seja esse o preço a pagar pela ultrapassagem da vida instintiva. Precisamos saber (inventamos os mitos e a ciência), precisamos de uma explicação, mesmo que fantasiosa.

A frase de Ortega y Gasset dá um ponto de partida: *a vida é indelegável* (alguns passos à frente da constatação de Descartes, *cogito, ergo sum*). Já Popper nos diz que *viver é resolver problemas*⁹³, o que, de partida, tira o chão do conceito de felicidade romântica. Gonçalves Dias (*Canção dos Tamoios*): *não chores meu filho, não chores, que a vida é luta renhida, viver é lutar; a vida é combate que aos fracos abate, aos bravos, aos fortes, só faz exaltar*. Anexo ao *lutar* há o *labutar*, a labuta pela sobrevivência, o trabalho cotidiano. Adam Smith e Marx chamaram a atenção para o trabalho economicamente produtivo; Erich Fromm destacou o trabalho humanamente produtivo⁹⁴. Viver, pois, não é só sobreviver. Ferreira Gullar o disse de forma poética: *a arte existe porque a vida não basta*. Como pode alguém cuidar de sua própria vida de forma negligente? Conformer-se com a banalização da vida? Este é o viés principal: a vala para onde o *sistema* atual e os setores dominantes nos empurram, todos nós, os jovens principalmente. Como se, de fato, viver não passasse de curtir banalidades de consumo simbólico oco.

Isso é intrinsecamente um problema ético e recoloca a discussão sobre micropolítica e macropolítica: o modo e o significado do conviver diário e a construção dos rumos sociais (dentro destes, as trajetórias individuais). Não mais (ou não exatamente) como uma torrente que nos arrasta⁹⁵, mas como um destino que se constrói, individual e coletivamente, fazendo política e história, num rumo

93 Karl R. Popper, **Em Busca de um Mundo Melhor**: (Ed. Fragmentos, Lisboa, 1988/9): "Todo ser vivo procura um mundo melhor. [...] Os homens, os animais, as plantas, e mesmo os organismos unicelulares, estão permanentemente activos. Procura melhorar sua situação ou, pelo menos, evitar qualquer deterioração. [...] Todo o organismo está permanentemente ocupado na resolução de problemas..." (pág. 11); "Os organismos são activos: estão permanentemente ocupados na resolução de problemas. Viver é resolver problemas." (pág. 28).

94 Erich Fromm, **Análise do Homem**. Zahar, 1968

95 *Deixa a vida me levar*, como diz a canção que prega a banalidade da vida – e virou propaganda de cerveja.

novo, numa direção humanamente significativa⁹⁶. Nada será exatamente como possamos planejar, mas a construção de um mundo humano melhor está no campo de nossas potencialidades realizáveis. Para Hegel, liberdade era a realização da necessidade. Mas, a necessidade humana é a realização da liberdade possível, desde que compatível com objetivos legítimos.

Superar a escravização não foi um avanço genético, foi um avanço cultural, político e econômico. O *sentimento de desigualdade essencial*, vindo da ignorância e da inconsciência da pré-história (expresso ainda hoje nas várias modalidades de *racismos*) precisa ser superado pelo conhecimento e pela consciência da nossa *paridade* natural – no quadro de uma reestruturação das condições de vida (produzir, consumir, conviver solidariamente) – uma decisão emocional-cognitiva, ética. Ou criamos um novo tempo humano ou prosseguimos nesta marcha de insensatez: homens (e não mulheres) se matando por exasperação existencial ou para acumular recursos dos quais não necessitam.

Numa sociedade de desassistidos valoriza-se a ideia de milagre. Alastra-se o sentimento de impotência e o anseio pelas soluções mágicas (que viriam do céu). Mas a vida – e o imperativo cultural de viver humanamente – exige de nós outras atitudes. Sob todos os aspectos, a condição humana exige aprendizado. Não costuma ser fácil. Do micro ao macro, no mínimo, exige observação, estudo, esforço, atenta verificação e atualização constante, viver experiências, conviver com dúvidas, fragilidades e situações provisórias. Aprender a ganhar e a perder: só se aprende a fazer certo, errando. Só se aprende a ganhar, perdendo. E ninguém faz isso sozinho.

96

Esta a compreensão que os *pós-modernos* se esforçam em dismantelar, por interesse mesquinho ou por desespero. Organizações de extrema direita passaram a usar isso de forma metódica e intensa na velha estratégia de gerar confusão na mente dos possíveis adversários. Já não é, para eles, *dividir para governar*, é gerar a confusão mental, gerar o caos para dominar. Nessa linha cabe a estratégia de promover uma espécie de palhaço para dominar a cena (a mente dos incautos), enquanto estruturalmente – sem alarde – conformam o mundo social a seus interesses.

A nossa própria construção mental é dialógica: com nós mesmos, com as pessoas que cuidaram da nossa infância, com a escola, as vizinhanças, os amigos, os adversários, o mundo. Além disso, cada situação é um desafio novo, seremos aprendizes sempre⁹⁷.

O passo seguinte pode ser considerar as dimensões da vida humana de forma prática – que implica em abordá-la de modo abrangente, há o macro, o meso e o micro. Vivemos sempre nos vários níveis – e também na chamada *temporalidade*: o presente decorre do passado (nossas heranças, inclusive memórias) e do futuro (nossas expectativas e projetos marcam o nosso presente).

A vida humana, enquanto durar, é biológica, histórica e cultural. O aqui e agora decorre de um passado e viabiliza um futuro. Viver só o presente é uma impossibilidade, somos seres em processo, em trajetória.

No mundo em que estamos – e vamos continuar estando, por algum tempo – teremos sempre que considerar: saúde, relações sociais, trabalho, renda, cidadania, projetos especiais, autogerenciamento. Por mais simplificadas ou mais sofisticadas que sejam, estaremos sempre dentro destas dimensões. Cuidar delas é uma multiplicidade de desafios simultâneos, precisamos de ajuda, todos precisam.

Quem tem diante de si essas esfinges a nos desafiar precisa reconhecer que estes são desafios simultaneamente individuais e coletivos. Esse ponto expõe a indicação de Hannah Arendt:

97

Uma característica do universo parece ser a *multiplicidade infinita* de coisas, que se parecem, mas nunca são idênticas. Veja-se na botânica, por exemplo, das trilhões e trilhões de folhas das árvores e plantas que existem – e que já existiram – nunca vamos encontrar duas folhas precisamente idênticas. Isso vale também para os humanos, não há dois iguais. Cada um de nós é – e será – único, sempre. Seremos sempre semelhantes, nunca idênticos. O mesmo vale para todas as situações vividas. Cada momento é único, no que parece ser a *seta do tempo*, nossa trajetória na duração das coisas e da vida. Nada se repete. Cada situação será sempre uma situação nova. Por isso seremos sempre aprendizes. Tirando a inevitabilidade da morte, nunca saberemos exatamente como as coisas e as situações vão acontecer. Podemos esperar que sejam parecidas como imaginamos. Mas a realidade estará sempre nos ensinando coisas novas, boas ou ruins.

a condição humana é sempre plural. Somos um fenômeno de pluralidades. Não existimos sozinhos. É insensato hipervalorizar seja o indivíduo seja a coletividade, somos indivíduos-sociais. A chave para a qualidade de vida, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista social, é o equilíbrio dinâmico e sistêmico. Contudo, não um equilíbrio maquínico, mas um equilíbrio de seres vivos, ecológico. Além disso, humanamente ecológico.

Neste nosso mundo, a cidadania costuma ser a dimensão negligenciada, o que abre o espaço para todo tipo de disfuncionalidades e deformações, que precisam ser contidas, revertidas. O sentido das palavras que abrem a Constituição dos Estados Unidos é fruto de uma consciência humana universalizante: *todos os humanos nascemos com as mesmas potencialidades e, portanto, temos, todos, no mundo inteiro, os mesmos direitos*. A alternativa a isso seria a pura e simples lei do mais forte, a lógica dos leões, a lógica da brutalidade. Não somos grandes felinos, nem ursos, nem dragões. Somos humanos, cada um de nós com bilhões de neurônios esperando por conexões e oportunidades.

Há modos de viver medíocres. Nossa meta é superá-los, ir adiante, construir um modo de viver – aqui e no mundo todo – que, se não nos levar ao paraíso, nos deixe com o sentimento de labutar por uma vida decente, de viver com dignidade. Ultrapassar o *homo ferus*, construir (se não a humana idade, ao menos) um modo de viver que não nos envergonhe da forma como vivemos. A meta é dignificar a condição humana.

3

**FAZER
DIFERENTE**

A configuração dinâmica do mundo social não mudou com a pandemia da COVID 19. Não tínhamos (e ainda não temos) como avaliar com precisão os efeitos maiores da pandemia. Não há dúvida que promoveu impactos. Os estragos foram grandes, mas ainda longe de alterar a configuração do sistema socioeconômico em que vivemos.

À época, um intelectual francês nos propôs: “...*lutar para que, uma vez terminada a crise provocada pela pandemia, a retomada da economia não traga de volta o mesmo velho regime climático que temos tentado combater, até aqui em vão*”⁹⁸. Uma proposta que pode ter parecido simpática, mas inteiramente inviável.

A pandemia da COVID-19, apesar do impacto, ao que parece, não teve a dimensão de seccionar a história da humanidade em antes e depois desse acontecimento. É enganoso acreditar nisso. A pandemia levou à morte milhões, trouxe sofrimento, dificuldades, impasses, ficará inscrita em nossa história. Mas temos outros problemas graves, crônicos e geradores de ainda dificuldades mais persistentes, a exemplo dos oceanos de pobreza, com seus efeitos diretos e indiretos, nefastos e extensos. Vamos descobrir que os desafios sempre são múltiplos.

O consumismo, a produção insustentável e a ameaça de crise climática são efeitos da milenar evolução socioeconômica da

98 Bruno Latour, em artigo à época (**Imaginar Gestos que Barrem o Retorno da Produção Pré-Crise**, tradução de Déborah Danowski), amplamente divulgado pela Internet, propôs *gestos barreiras* (“...*não apenas contra o vírus: contra cada elemento de um modo de produção que não queremos que seja retomado...*”), gestos barreiras que (1) interrompam as investidas dos adeptos da globalização no sentido de consolidar seus privilégios e aprofundar o sistema de desigualdades (“...*construindo fortalezas que possam garantir seus privilégios, bastiões inacessíveis àqueles que terão que ser deixados para trás...*”) e (2) desacelerem ou mesmo suspendam o atual sistema de produção, gerador da próxima catástrofe climática (“...*não se trata de revolução, mas de dissolução pixel por pixel...*” “*inventar um socialismo que conteste a própria produção...*”). Como primeiro passo propôs que todos aproveitassem o recolhimento na pandemia para pensar (“...*primeiro individualmente e depois coletivamente...*”) o que queremos que seja interrompido (e por quê) e o que queremos que prossiga, para que o pós-pandemia deflagre uma paralisação do sistema de produção insustentável e a construção de um mundo melhor. Em que pese alguma elegância no texto, é difícil imaginar algo mais utópico e irrealizável.

espécie humana, um processo, desde a origem, sofrido, contraditório e gerador de desigualdades, de privilégios e de riscos dos mais preocupantes, só alterável, se é que isso seja possível, numa perspectiva de longo prazo, por mais estratégicos e consistentes que venham a ser os passos que possamos dar.

É dramático que a dor (também da pandemia) não se distribui uniformemente. Para muitos, os muitos milhares de mortos – e os seus parentes e amigos próximos – o caos já chegou – e continua aplastando muita gente. Nunca é demais lembrar quão básico é a nossa atitude *diante da dor dos outros*⁹⁹.

A crise da COVID, não obstante a dor que provocou, não teria como ser capaz de nos abalar a ponto de alterar os impasses históricos e ecológicos de nosso tempo. Por si só não terá sido suficientemente impactante para nos permitir reverter as mais graves tendências nefastas dos modelos atuais¹⁰⁰. A ação humana capaz dessa mudança de rumos, se puder ser construída, por mais que venha a necessitar de pequenos gestos, terá que se orientar por projetos e eventos de grande porte e de longa duração. Não será uma brincadeira de amadores. Já temos no planeta mais de oito bilhões de pessoas, envolvidas em processos econômicos, políticos e culturais extremamente complexos. Travar abruptamente todo esse sistema redundará em catástrofes, fome e anomia generalizadas. Propor travar o sistema e redirecioná-lo em poucos meses é uma proposta fantasiosa, inviável e leviana.

99 **Diante da Dor dos Outros**, Susan Sontag (Cia. das Letras, 2003).

100 Paolo Gerbaudo (**O Grande Recuo**, Ed. Todavia, 2023) defende que a pandemia demarca uma freada na expansão globalista neoliberal e um retorno dos focos *nacionalizantes* autoritários. Esse processo, um *Grande Recuo*, vem também na sequência da crise de 2008 e do impacto da crise climática. Mas, na pandemia, essa tendência já estava acionada: Orban (na Hungria), Boris Johnson (na Inglaterra), Trump (nos Estados Unidos) e Bolsonaro (no Brasil) já estavam no poder quando ocorre a pandemia, que pode ter intensificado essa tendência, mas não a criou. A explicação para o enfraquecimento da social-democracia (em especial da *terceira via*) deve buscar outras causas, como indicamos adiante. O que parece mais provável é que cada qual vai lutar pela *globalização dos seus sonhos*, dos seus objetivos.

Todos os aspectos negativos da configuração socioeconômica atual persistem porque (simultaneamente a suas consequências negativas) geram benefícios substantivos para um vasto número de pessoas. Benefícios percebidos e benefícios efetivos. Não são apenas os altos privilegiados que tiram benefícios desse sistema.

Grandes segmentos de pessoas, numérica e qualitativamente significativos, gostariam muito de mudar certas situações incômodas, mas não querem, de modo algum, perder os benefícios que essa modernidade (capitalista ou não) lhes proporciona.

Sim, essa modernidade capitalista, exploradora, opressiva, alienante, proporciona possibilidades, confortos, oportunidades (em muitos casos) brutalmente desiguais e injustas, mas, ainda assim, que permitem um modo de viver satisfatório ou, pelo menos, suportável, que muita pouca gente quer trocar por algo ainda mais arriscado e incerto. A humanidade, ao que parece, só aceita mudanças profundas no seu modo de vida quando decididamente não dispõe de como voltar atrás. As grandes mudanças são sempre iniciativas de minorias e só se expandem muito gradativamente. Essa é a regra geral, (e, ao que se sabe) sem exceção.

Isso faz grande parte das pessoas, se não uma efetiva maioria, em grande medida, conservadoras, prudentes, timoratas e (não raro) acovardadas. A grande maioria, mesmo tendo pouco ou quase nada, não quer pôr em risco o que tem e o que valoriza.

A crise da pandemia deu um abalo nessa (em grande medida injustificada) zona de conforto. Mesmo assim a disposição de arriscar, de um modo geral, não mudou, continuou pequena.

O consumismo, a produção insustentável e a crise climática assustam, mas a maioria das pessoas, após cada crise (não sabemos quanto vai durar), estará ávida para retornar à sua vida anterior. Mesmo que, se for o caso, só aconteça daqui a meses ou anos.



Mais do que isso. Não houve como, durante a crise, criar-se modos de vida alternativos, salvo residualmente. Agora, passada a crise, as pessoas seguem buscando retornar ao que tinham – mesmo que isso seja muito difícil. Mas esse difícil se dá apenas até certo ponto. Passada uma crise, em geral, a alternativa é tentar retomar de onde se parou. Poderá ser um retorno cheio de tropeços, difícil, demorado. Levará tempo para as coisas se organizarem ou serem reorganizadas. O consumismo terá sofrido um baque. Mas (quase) todos buscam voltar à situação anterior. Todos (ou quase todos) vão querer o seu emprego de volta, o seu pequeno negócio de volta, etc. A pandemia da COVID, passou, mas os cenários de outras crises estão à vista. As populações – e os governos – pelo que se vê, não estão preparadas para o que virá. Para enfrentar a crise climática que já se apresenta – e suas decorrentes catástrofes, até agora, nada se fez a não ser custosas reuniões globais e retóricas tão pomposas quanto vazias.

Os modelos mentais, os paradigmas emocional-cognitivos que acionam as pessoas, ainda que impactados, não foram mudados pela crise da pandemia. Quase todos buscaram operar do mesmo jeito, apesar do susto, do impacto e das perdas.

O mundo humano, abalado, seguirá sendo estruturalmente o mesmo. Antes da pandemia já era contraditório, paradoxal, já era criticamente analisado e, em muitos aspectos, contestado. Não deixa, então, de ser tensionado, dinâmico e sujeito a turbulências. Após a crise, foram muitas as pessoas que passaram a estar mais sensíveis a um outro olhar, mais abertas às possibilidades de mudanças no modo de viver, mais sensibilizadas e capacitadas a aceitar alterações paradigmáticas, seja no modo de ver, seja na sua vida pessoal, seja nas configurações institucionais e sociais. Não se configurou contudo um mundo novo, longe disso. Estamos (relativamente) no mesmo mundo, só que mais sofridos, mais perplexos, com as contradições agudizadas. Se muitas pessoas estão mais sensíveis a mudanças, muitas outras estarão com um medo maior, no

limite da desesperança, mais rígidas. Esse mundo continua a não ser de fácil condução¹⁰¹.

O mundo social humano viveu algo parecido nos dois pós-guerras do século XX. Após a catástrofe social e humana que foi a Primeira Grande Guerra, a humanidade (através de seus governantes) quase nada mais fez do que preparar uma outra guerra, ainda maior, mais destruidora, com maior número de vítimas. Após a Segunda Grande Guerra houve, sim, um esforço maior, uma intenção mais efetiva, de construir, sob aspectos importantes, um mundo melhor. Dessa intenção nasceram a ONU, a Organização das Nações Unidas, e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não obstante, logo tudo isso se relativizou e mergulhamos de cabeça no consumismo, na produção insustentável, na construção da crise climática, tudo montado nas mesmas estruturas de privilégios e desigualdades insustentáveis – nos dois lados da Guerra Fria.

Estamos condenados a um mundo social de injustiças, de carecimentos, de miséria física e moral? Há quem diga que sim. Carlos Heitor Cony, no fim da vida, desencantado, numa entrevista, afirmou que *"a humanidade não merece ser salva"*. Não acreditamos nisso, não queremos acreditar nisso. Mas, superarmos as fraturas e as incongruências atuais não é e não será uma tarefa nem fácil nem rápida.

O mundo que saiu da crise da pandemia, pelo que já se viu, não mudou grande coisa. Continua, sim, um mundo estressado, tensionado. As estruturas socioeconômicas e políticas são praticamente as mesmas. Nem mesmo mais fragilizadas em seus fundamentos. A globalização excludente tem seguimento (são poderosos os interesses que a mobilizam). As elites privilegiadas não se sentem mais

101

Escrevemos a primeira versão deste texto em plena pandemia (da COVID 19). Nesta atualização (2024) alteramos tão somente o tempo dos verbos. Dissemos que pouco iria mudar, o que, até hoje, é o que se verifica. A persistência das dinâmicas estruturais desse *nosso admirável mundo novo* ainda não se deixou abalar nem mesmo pelas ameaças climáticas. A *marcha da insensatez* segue firme.



ameaçadas, e, por consequência, continuam fechadas a mudanças estruturais (em que pese a retórica envernizada). Mas poderão, talvez, estar mais sensíveis a propostas que possam prevenir recorrências desse tipo. Os segmentos desprivilegiados continuam fragilizados, mais pobres, tendencialmente mais desorganizados. Os mecanismos de hegemonia, de dominação e de alienação das elites continuam sendo usados com mais astúcia e maior intensidade. Os negacionistas voltam à carga. O mundo social que saiu da pandemia não saiu menos injusto do que já era. Não por acaso, por certo, Donald Trump, voltou à presidência dos Estados Unidos. Muita gente, lá, não aprendeu a lição, as tendências de antes persistem.

Propostas de desacelerar o consumismo, a produção insustentável e as ameaças da crise climática por ações individuais, micro-políticas (talvez num crescendo social), poderão ser úteis. Na verdade, poderão ser indispensáveis, até onde se puder implementá-las. Farão parte das estratégias de sobrevivência dos desprivilegiados e dos excluídos. E, seguramente, será uma boa política disseminá-las, onde e quando for possível. Isso, por outro lado, não chega a ser uma proposta nova. Inclui-se na mesma linha das iniciativas da *economia solidária* e do mais antigo *Small is beautiful*¹⁰². Poderá, contudo, ganhar novos significados, se crescer e se organizar de modo mais efetivo do que fez até agora. Será parte indispensável de uma hipotética saída possível – que de modo algum será unívoca.

Entretanto, dadas as circunstâncias do mundo hoje, considerando desde as dimensões populacionais até as complexidades e interdependências atingidas nas relações de troca, no comércio internacional e nas sofisticações tecnológicas – de que o mundo humano não tem mais como abrir mão – um *avanço civilizatório* só será efetivamente possível a partir de rearranjos e avanços políticos e institucionais vinculados à dinamização da sociedade civil e à

102

Cf. Schumacher, E. F. - **O Negócio É Ser Pequeno**, Zahar, 1979. O original inglês, *Small is beautiful* é de 1973.

expressão política das populações excluídas do acesso aos recursos. Esse é o ponto crítico, o nó górdio a nos desafiar. O cenário que se apresenta mais realista é o de:

1. Elites econômicas e culturais consolidadas, no poder, com seus aparatos institucionais, militares e ideológico-culturais intactos (ainda que as iniquidades do neoliberalismo econômico tenham ficado expostas);
2. Vastos segmentos populacionais sobrevivendo a duríssimas penas nos espaços do universo das pequenas e médias empresas empobrecidas e instáveis;
3. Segmentos populacionais ainda maiores, principalmente urbanos, premidos pela crise, pelo desemprego tecnológico, pela baixa renda, pelas condições de vida as mais precárias – e possivelmente em meio a crescentes turbulências de violência social, criminalidade fortalecida e anomia.

Este cenário (que vai ser variável pelo mundo afora) aponta para:

1. As elites hoje hegemônicas vão aperfeiçoar seus mecanismos de alienação ideológica e de repressão militar, para conseguir manter seus mecanismos de enriquecimento e privilégios. Vão aperfeiçoar e aplicar esses dispositivos¹⁰³.
2. Os segmentos populares *remediados* vão estar situados entre os que vão se deixar cooptar para salvar a pele e defender esse universo excludente, que, de algum modo, os manterá vivos e sob controle. Muitos estarão nos limites da angústia (vai cair a qualidade da vida) mas não verão outro caminho senão continuar tentando não se afogar no desespero. Para sobreviver nesse quadro tenderão a se entregar a estilos de vida e atividades alienantes.

103

O cenário de declínio geopolítico dos Estados Unidos, frente à China, torna ainda mais ameaçadora a situação para as próximas décadas.

- 
3. Outros segmentos (uma maioria, em nosso país) estarão atarantados, imersos em alguma credulidade religiosa, bordejando a anomia, o mundo do crime e do extremismo político, impotentes e previamente derrotados. Este será o contexto nas vastas zonas de pobreza. Serão vários os potenciais barris de pólvora, perto de explodir sem rumo – ou a escapar pelo crime.

A pandemia pegou o mundo desprevenido. Pode parecer inacreditável que tenha sido assim, mas foi. O bom senso na história raramente acontece. Até Bill Gates advertiu. Ninguém se preparou. Mesmo aí nada é uniforme. Alguns países e alguns governos se saíram melhor. Outros foram completamente pegados com as calças na mão. Há luzinhas no fim do túnel, mas, a rigor, ninguém sabe se é uma saída ou um trem vindo na direção contrária. Estaremos todos ansiosos por uma saída.

Algo de novo, no entanto, surgiu no bojo da pandemia. O volume previsto de mortes assustou, ainda que menores do que em eventos passados. Para ficarmos apenas num exemplo mais recente, 54 milhões de mortos na Segunda Guerra Mundial, a rigor, à época, não assustou nenhum governo. A questão era ganhar a guerra. Agora, a perspectiva de milhões de mortos assustou a todos, até a Donald Trump (a única exceção parece ter sido o presidente do Brasil à época). Todos olharam para a OMS, a Organização Mundial da Saúde – e procuraram seguir suas recomendações. Uns com mais atenção, outros com pouca atenção (e péssimos resultados). Salvar vidas passou a ser um requisito indispensável para preservar os resultados econômicos. O medo da morte foi o que provocou um soluço no sistema: o medo de morrer, o medo de ter, não apenas uma desaceleração do sistema econômico, mas um colapso. Estes dois medos se fundiram. O debate passou a ser estritamente sobre qual a opção menos desastrosa.

Para os atores principais da *globalização* a questão foi e continua sendo: *qual o limiar de mortes que menos mal vai fazer ao funcionamento do sistema econômico?* Para os demais, a questão foi: como reduzir a hecatombe e salvar vidas. Todavia, como não levar em conta o processo econômico que, bem ou mal, garante a sobrevivência de todos? É flagrante que os dois polos do dilema (vidas ou economia) se tornaram um só desafio.

O dilema sanitário não se esgota em si mesmo. Só poderia ser resolvido pela vacina ou pelo remédio eficaz. O que dependia (como continua a depender) do funcionamento do sistema econômico. Não cabe nenhum tipo de *escolha de Sofia*¹⁰⁴. Só os mentalmente doentes buscariam optar diante de algum tipo de escolha monstruosa. Jamais o dilema foi vidas *versus* economia. A vida humana sempre dependeu do processo da produção (do alimento, da roupa, dos utensílios, etc.). O objetivo da economia, do processo econômico, *sempre foi* a sustentação da vida. É incrível como esse princípio é continuamente distorcido para justificar absurdos privilégios.

A pandemia gerou um vento de perplexidade, mas, voltamos a cair no mundo de onde nunca saímos: no *imbróglio* de problemas do mundo antes da pandemia.

A vida depende da economia, não se vive sem alimento e abrigo. Mas, ao longo da história humana, o processo econômico cresceu e se deformou. Internamente, a humanidade diferenciou-se de modo drástico. Uns tiveram a vida privilegiada, em detrimento de outros, que tiveram a vida sacrificada – muitas vezes para garantir os privilégios *dos primeiros*. Esse longo processo de diferenciação interna é o que necessita ser analisado, sempre. Essas diferenciações e suas distorções são o que precisa ser corrigido. Esse era o nosso maior desafio antes da pandemia. A pandemia não nos colocou em outro mundo. Agravou distorções, dificultou as coisas, mas o mundo,

pelos dados que se tem hoje, pelo bem ou pelo mal, fundamentalmente, não mudou. Ou está longe de mudar a ponto de colocar a humanidade diante de um dilema final: ou muda ou morre. Não é assim. As estruturas sobre as quais estão construídas as condições da vida moderna continuam aí, nos desafiando, como antes. E só essa estrutura – nenhuma outra – produziu a vacina.

De tudo isso resulta simplório acreditar que pequenos gestos para *desacelerar, paralisar* o sistema, vão mudar o mundo ou reorientar o sistema para uma direção humana mais decente. Quaisquer que sejam esses gestos estarão subsumidos, estarão imersos, nas estruturas macro do sistema. Sistema imenso, fortemente estruturado, complexo, contraditório, este sim, a nos desafiar como uma imensa esfinge: *decifra-me ou te devoro*. Os pequenos gestos podem ser – e são – de enorme importância para a vida humana. Mas, de longe, serão insuficientes para mudar os rumos da tragédia.

O mundo da pós-pandemia é quase o mesmo mundo de antes da pandemia. Tudo muda, sempre, com ritmos próprios. A configuração básica dos problemas é, na prática, a mesma. Nesse meio tempo não mudou de natureza, não mudou de figura. Resultou sim algo mais abalado (Donald Trump perdeu a eleição e volta *nos braços do povo*). Todos os campos de força se tensionaram algo mais. As elites, os remediados, os excluídos, estiveram todos, uns mais, outros menos, impactados, abalados, feridos. Pode ser um motivo para uma grande reflexão. Mas, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, não poderiam ser apenas os pequenos gestos a nos conduzir a novos rumos. Vamos precisar sim de grandes gestos. E, estes, precisam de ações coletivas estrategicamente orientadas.

Se o mundo social, estruturalmente, não mudou, contudo, também não é exatamente o mesmo. Com pandemia ou sem ela, tudo muda. Que desafio isso traz? Os atores sociais de antes poderão manter o mesmo discurso, as mesmas intenções, as mesmas propostas, ligeiramente modificadas? Sim, esta a tendência maior,

e aí está o grande desafio. Os atores sociais que souberem captar as sutis (aparentemente grandes, mas, na verdade, sutis) diferenças, e que souberem de fato inserir-se nas brechas dos abalos mentais provocados pelas dores da pandemia, estes sim, poderão virar o jogo, mas não apenas com pequenas ações, necessárias e insuficientes.

As mudanças possíveis poderão ser pequenas mudanças. Se forem realizadas nos pontos certos poderão produzir grandes efeitos. Mas essas mudanças terão que se fazer nos pontos críticos das macroestruturas (socioeconômicas, político-institucionais e psicoculturais), todas multidimensionais. O que vai exigir, como antes, pensamento e ação estratégicos.

A pergunta contemporânea é: *como se faz uma mudança direcionada num sistema complexo?* Exige o melhor diagnóstico, ações prudentes, acompanhamentos precisos. As condições para isso, ainda que tecnologicamente possíveis, estão longe das condições políticas para se realizarem. É possível que estejamos todos, ainda, imprudentemente, agindo às cegas.

Supor que o mundo sociopolítico, por conta dos impactos da pandemia, estaria transformado, humanizado, pronto para um novo roteiro, não passou de uma abordagem romântica (ou mistificadora), tendente a ter vida curta. Os interesses consolidados, os medos incorporados no modelo mental das pessoas, as estruturas instaladas, a complexidade sistêmica, nada disso foi (nem teria como ser) removido pela passagem da pandemia. Aproveitar o momento para propor algo novo, este sim o desafio – e a oportunidade de inserção transformadora – desde que induzidas e lideradas por *atores sociais que efetivamente tenham (ou construam) capacidades de intervenção sociopolítica*, para chegar a mudanças efetivas. Nesse aspecto, nada mudou.

Todos os atores da vida política brasileira estão gravemente desgastados. Sem nenhuma exceção. Esse contexto todo coloca o

desafio de que se reinventem. Teremos mudanças verdadeiras se isto puder ocorrer com pelo menos alguns deles. As alavancas e os catalisadores capazes de criar uma outra situação estarão, além do plano das reflexões subjetivas, no plano das ações políticas estratégicas, inovadoras, legítimas, que sejam capazes de mobilizar forças objetivas, a partir de *análises e propostas claras, mobilizadoras e convincentes* para uma expressiva maioria – e para os setores que *são decisivos na condução prática da sociedade*. Até hoje, não vemos ninguém se movimentando com efetividade nessa direção, o que quer dizer que, seguindo assim, o que vai acontecer serão as coisas ficarem ainda piores do que já estão. Algumas frágeis sinalizações aqui e ali acontecem, mas nada que gere uma esperança consistente.

Diante de problemas tão novos, precisamos mudar o paradigma, o modelo mental. Para a situação em que estamos é necessário criar algo novo, não necessariamente *algo mais simples* – porque, a rigor, simplicidade não existe, no máximo, *simplicidade*, insistimos, pode significar apenas algo menos complexo – precisamos de alguma coisa qualitativamente diferente, que possa, de modo efetivo, gerar mudanças consistentes. Na confusa rota atual seguimos lamentavelmente em direção à perpetuação do desastre. Sim, é preciso pensar, mas pensar na dimensão da tormenta que nos desafia – e isso só poderá ser feito coletivamente, com método. De um modo geral, esse é um desafio para todos. Mas, para alguns de nós, que nos consideramos espicaçados pela consciência, a responsabilidade é, se não maior, mais acesa: sem apegos ao passado, com a determinação de fazer diferente, construir um futuro que supere a mediocridade atual.

Claro, é preciso trazer à tona pontos específicos – e, é certo, muitos estão tentando. Mas quase tudo gira ainda em torno de mais (ou menos) do mesmo. Precisamos muito mais do que *lives* de desabafo ou de manifestações de narcisismos angustiados. Precisamos de análise crítica e ações aglutinadoras em torno de novas e precisas propostas que processem transformações estruturais em nossa vida social. Isto só surgirá com novos métodos. Há, sem dúvidas, algumas

(muito poucas) experiências positivas, mas precisamos de mais. O que tem sido feito está longe de ser o necessário. Ter consciência disso já é um passo promissor. Desde que outros passos sejam efetivamente executados, outras providências acionadas, do contrário, o risco é *entrarmos em parafuso*, ou melhor, assistirmos e fazermos parte de um dramático, senão trágico, estiolamento da nossa realidade, ainda nacional¹⁰⁵.

105

A derrota do psicopata que ocupou a Presidência da República no Brasil até 2022 foi, sem dúvida, um grande passo. Mas o que se dá na sequência? Nos EEUU, por exemplo, algo bem consistente precisava ser feito. Não aconteceu, Trump voltou. É preciso fazer diferente! Aqui e agora também, urgentemente, é preciso fazer diferente! Alguém está ouvindo? Alguém está atento a esse desafio de *um novo tempo no mundo*?

4

**ANALISAR
PARA COMPREENDER,
COMPREENDER
PARA AGIR**



Por qualquer ângulo que se observe é difícil imaginar uma situação diferente: com o impacto da pandemia, o mundo não resultou melhor. Passada a pandemia, a humanidade não se viu pacificada. As bases estruturais das extremas desigualdades continuam aí, agravadas. O que podemos esperar, sob a égide das estruturas atuais (não só da globalização capitalista, mas também dos seus suportes ilógicos: continuam acontecendo coisas inteiramente estúpidas como guerras (Sudão, Ucrânia, palestinos) e, do ponto de vista humano, outras aberrações semelhantes). No imediato pós-pandemia, o que poderíamos esperar seria, no mínimo, um conjunto de providências para preparar os sistemas de saúde para novos episódios (mesclando preocupações humanitárias com melhores arranjos comerciais). Até o momento, em termos estruturais, nada aconteceu. Ainda, o caráter do sistema, dialético e ambíguo, se manifesta: produziu as vacinas, evitou o caos.

O mundo permaneceu dividido entre países, sob o comando do grande empresariado e elites aliadas (midiáticas, acadêmicas, militares), com grandes populações habitando estratos de renda e condições de vida relativamente precários, variando de região para região, de país para país, de um terço a metade destas populações vivendo em situações de pobreza ou extrema pobreza. Este quadro em nada mudou com a pandemia. Nem a economia nem a política nem as mentes resultaram pacificadas. A tendência mais forte e mais imediata é a de que (se não aumentar) vão continuar as dificuldades e a violência.

Assim, no plano macro, no prazo de muitos anos, não há como alimentar expectativas de grandes mudanças. As dinâmicas estruturais da economia e da política continuarão as mesmas, com suas tensões agravadas. Nada fica estático, contudo, ou melhora ou piora. Cabe debater que tipo de intervenções estarão ou não nos desafiando. A passividade e a acomodação (dos que imaginam querer um outro desdobramento) serão péssimas alternativas.

No plano das subjetividades haverá mais sofrimento, mais medo e mais dificuldades de encontrar caminhos. Nesse plano, será um tenso momento de crises. Uma situação que pode levar a todo tipo de busca de soluções (ou ilusões), religiosas e políticas, transformadoras ou conservadoras. Dado que as dificuldades materiais de organização popular serão maiores, haverá uma forte tendência de que as opções conservadoras predominem. A tendência maior seria que as pessoas (em sua maioria) estariam ávidas para retornar à vida que tinham antes da pandemia. Alguns conseguiram, outros não. Voltar ao passado é sempre uma propensão muito forte. A vontade de mudar, que também é forte, estará bloqueada ou dificultada. Sempre, é inevitável, vamos estar entre tendências contraditórias e fogos cruzados. Soluções mitigadoras ou agravadoras do quadro atual preencherão o campo político, agravando as tensões.

Provavelmente desde os primórdios da Revolução Agrícola, induzida pela cultura de um mundo selvagem e pela dinâmica de um desenvolvimento desigual de diversos grupos humanos da época, deve ter se estabelecido, regionalmente, uma dura disputa por hegemônias territoriais. Isso deflagrou uma corrida armamentista (de fabricação de armas, estruturas de defesa e formas de organização militar, de defesa e de ataque) que levou aos reinos e impérios da Antiguidade e, com grandes mudanças de forma, à afirmação de uma cultura guerreira e competitiva que, atravessando marcantes etapas históricas, sobrevive até hoje.

Theodosius Dobzhansky, nascido na Ucrânia, biólogo, geneticista e pesquisador de renome internacional, trabalhou na Rússia (no tempo soviético) e nos Estados Unidos; morreu em 1975. Do alto de sua reconhecida competência científica certa vez escreveu que *nada em biologia faz sentido exceto à luz da evolução*¹⁰⁶.

106

Dobzhansky - **Nothing In Biology Makes Sense Except In The Light Of Evolution**. <https://online.ucpress.edu/abt/article-abstract/35/3/125/9833/Nothing-in-Biology-Makes-Sense-except-in-the-Light?redirectedFrom=fulltext>.

É provavelmente correto trazer esse argumento para a realidade social humana e ter como certo que *nada na vida social faz sentido exceto à luz da história*. Faremos melhor se tivermos uma boa compreensão do que se passou.

Assim, quando pretendemos destacar um tema, tipo *globalização* ou *neoliberalismo*, só vamos encontrar o sentido destas ocorrências situando-as na história, seja na realidade social, seja na teoria, na forma de conhecê-las. Nenhuma sociedade surgiu globalizada ou neoliberal, algumas tornaram-se assim num processo histórico. Vale a pena lembrar, por outro lado, que a realidade social – ou os recortes que nela possamos fazer – implica num processo histórico e uma configuração, uma estruturação de fatos dinâmicos, sempre em movimento e interligados a outros fatos. A configuração é o que é, a realidade dada, o complexo da vida social, como ela se dá. A história é como ela se formou, se configurou dessa forma¹⁰⁷.

Entender o mundo. Situar-se no que está à nossa volta, identificar o que nos atinge. Descobrir como se comportar em relação a tudo isso. Um tipo de *ontogênese* e *filogênese*. *Ontogênese*, a história do indivíduo, da criança que cresceu e se tornou adulto – ou que está no meio desse processo. A *filogênese*, a história da espécie que, em nosso caso, tem um desdobramento extra, a história da cultura, dos modos de ser e das fragmentações da vida social da qual todos nós somos parte. Pode parecer confuso, mas é o caso de ver que há

107

Temos aqui, pois, quatro conceitos básicos, para abordar a vida social e seus recortes: (1) a configuração, (2) a história, os processos que geraram essa configuração, (3) os componentes e práticas articulados na configuração (os elementos da configuração, da estrutura) e (4) a dinâmica, o movimento desse conjunto ou desses conjuntos, no todo formando um sistema, sempre dinâmico – e muitas vezes homeostático, isto é, em equilíbrio tensionado (a configuração operante), como tudo no mundo, evolutivo. Configuração, estrutura, sistema, seriam quase sinônimos. Estes seriam os elementos de uma epistemologia, uma teoria do conhecimento científico, que nos vêm, de modo explícito, pelo menos, desde Aristóteles (que já falava de *substância*, *forma*, *movimento* e *causas* múltiplas para os eventos e nosso esforço para conhecê-los). Aristóteles também não ignorou a questão do sujeito. Não acertou em tudo, mas a ciência moderna começa com ele, inclusive a ciência da vida social e da política. Hannah Arendt, em complemento, nos acena com o novo: cada nova geração pode operar por um novo rumo, fazer nascer uma nova realidade.

vários níveis e modos de conhecer o que somos e onde estamos. Tem a ver com a relação indivíduo-sociedade: o indivíduo (eu ou você ou ele ali), quando começa a acordar para o mundo, se vê diante de uma configuração social complexa, que vem de uma história que traz desafios, limites, ameaças, oportunidades.

Para um agir consciente é preciso ter uma noção da configuração, da dinâmica, da história: o que é o mundo? Como funciona? Quem sou e o que posso fazer nesse *imbróglio*?

A maioria das pessoas funciona copiando, fazendo o que vê outros fazerem. Outros conseguem ser mais atentos e mais criativos. Alguns conseguem uma vida de alta densidade, outros são levados pelas ondas da moda de um mundinho qualquer, ou melhor, pelas regras de uma dada configuração histórico-social. Mas nunca há regras únicas (ou um código único). Toda realidade social humana é tensionada por diversidades e contradições. Se não encontrarmos o nosso próprio caminho iremos levados pela enxurrada do momento. Se não descobirmos uma forma de fazer convergir os interesses mais amplos estaremos condenados à autodestruição. Esse um desafio da existência, multifacetado. Dizia Ortega y Gasset: *nós somos nós e nossas circunstâncias*, sintonizado com Sartre que dizia que *somos condenados a ser livres* – em situações fáticas que nos envolvem: não importa onde caímos ou onde nos jogaram, importa o que vamos fazer disso. Ortega e Sartre focam o desafio individual – o que não contradiz, pelo contrário, completa, a afirmação de Marx: *"os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado..."*

Ocorre, sem dúvida, que nossa própria capacidade de entender o mundo – ou pelo menos de fazer uma leitura potencialmente eficaz (de si mesmo, dos outros, do mundo¹⁰⁸) é condicionada pela

cultura que nos envolve, que não é apenas a cultura do país ou do estágio civilizatório mais amplo, mas é, na maior parte das vezes, a cultura do micromundo (familiar, comunitário) onde vivemos. Essa é mais uma faceta do desenvolvimento desigual das pessoas e dos grupos sociais em que nos situamos, um dos geradores da torre de babel que tem caracterizado o percurso humano¹⁰⁹.

Para agir é preciso compreender, sob o risco de agirmos às cegas. Para compreender é preciso observar, analisar, debater. Aprender a estabelecer objetivos convergentes, que possam ser construídos em comum¹¹⁰.

Qual a configuração do mundo hoje? É sustentável? Duradoura? Como surgiu? Para onde nos leva? Como ninguém nasce com um *chip* na cabeça que nos dê todas essas respostas, é necessário estudar, pesquisar, debater, imaginar e construir caminhos – e adequados instrumentos de ação. Muitas das pessoas, contudo, acham que já tem as respostas para quase tudo, ignoram a ironia de Sócrates de que *sábio é quem sabe que não sabe*.

Chegasse um alienígena à Terra, notaria logo a grande diversidade de condições em que vivem as populações humanas. Não encontraria o mesmo entre os chimpanzés, quase todos vivem numa mesma condição, numa qualidade de vida muito similar. Não encontraria o mesmo entre os leões e leopardos. Nem entre os pássaros ou os peixes ou as formigas das várias espécies. Uma espécie tão fraturada e conflituosa em suas condições de vida provavelmente só é uma situação constatada entre os humanos. Mais intrigante ainda, a

109 Um adolescente não entende um adulto, um escriturário não entende um camponês, um inglês não entende um indiano, etc. De um modo geral, vivemos, desde a mais remota antiguidade, em bolhas de subculturas (num sentido amplo, etnias) que, quando não transcendidas, bloqueiam nossa capacidade de ver o mundo – e estimulam conflitos de toda ordem, dificultam definir ações adequadas.

110 Preto Zezé, da (CUFA) *Central Única das Favelas*, numa entrevista, diz que precisamos encontrar uma outra frequência que não a *frequência do ódio*. Uma observação a ser levada em conta.

diversidade das condições de vida dos humanos, o fato de uns viverem nas mais privilegiadas situações, enquanto outros vivem numa extrema pobreza e outros em precários patamares intermediários, é uma situação provocada, não pela natureza, mas pelos próprios humanos, com uns criando situações que mantêm a maioria dos outros em diversos níveis de precariedade ou em situações de miséria. Além disso, não satisfeitos em configurarem uma humanidade fraturada, fragmentada, os humanos criaram uma situação que ameaça de extinção inúmeras outras espécies, pelos danos causados (pelos humanos) ao ambiente necessário à vida. Estas, então, duas características marcantes da ação humana no planeta: a fratura da própria espécie e a ameaça de extinção a outras espécies.

Alguns argumentam que essa situação é provocada pelas especificidades da própria natureza humana, não havendo outra forma de fazer. Outros veem de outro modo: especificidades de como a cultura e as civilizações se desenvolveram é que geraram essa situação, como que *uma armadilha sistêmica* em que a humanidade caiu e da qual não consegue sair. Um assunto complexo. As correntes de opinião, cada uma levantando uma profusão de argumentos, configurando muitas vezes uma verdadeira Torre de Babel. Especialmente nas redes sociais: todo mundo fala, ninguém se entende.

Há uma coincidência de opinião entre a maioria dos privilegiados a favor da hipótese de uma natureza humana que por si mesma gera essas extremas desigualdades. Outros, mais preocupados com a situação precária das extensas maiorias, estão convictos de demonstrar que não é a natureza humana a responsável por essas disparidades, mas sim modalidades específicas de organização social que levaram a – e sustentam – essa situação. Ou seja, essa é uma situação que pode ser corrigida. De que modo? Aí também as opiniões divergem, mais ou menos de forma alinhada com as quatro abordagens que aqui estamos considerando: (1) o *establishment* empresarial hegemônico (e seus aliados), beneficiários diretos dessa situação, defendendo que estamos no caminho certo, precisando

apenas de ajustar alguns pontos, para gerar desenvolvimento, o que vai ser melhor para todos; (2) os que querem desmontar, abrupta e drasticamente, essa hegemonia, considerando que esse sistema é irreformável e incontrolável, sendo necessário pô-lo abaixo para corrigir as coisas; (3) os holistas, ecológicos e ambientalistas, acreditando que o problema principal é o modo de nos relacionarmos com a natureza e que podemos mudar isso corrigindo atitudes e tomando determinadas providências; (4) o leque variado dos *democratas sociais*, que procuram um caminho para uma situação de bem estar para as maiorias, sem que para isso seja necessário passar por uma guerra civil (com suas sangrentas consequências). Não todos, mas quase todos, convencidos do acerto inquestionável de suas certezas.

Com isso abrem-se as possibilidades de três frentes:

1. O debate teórico,
2. O conflito político e
3. A convivência prática com essas duas situações, ou seja:
 - Posturas de intolerância que apontam para o desmantelamento dos adversários, no limite, proposições de guerra civil – situações em que cada um sonha com a aniquilação física, política ou social do outro, como se o destino inevitável da humanidade seja o de matar-se continuamente; ou
 - Posturas de tolerância, diálogo e *negociação*¹¹¹, ainda que para isso seja necessário construir a pressão social e política necessária.

Quatro conjuntos de abordagens políticas continuarão então a circular e a se confrontar:

111 Negociação só tem eficácia quando os interlocutores se respeitam. Se um dos interlocutores é inerte, vai depender totalmente da caridade ou da compaixão do outro. Negociar implica em ter poder de retaliação, em ter a capacidade de se fazer respeitar. Negociar não é só dialogar, é preciso ir além, é buscar legitimidade, reconhecimento, equilíbrio de forças e de situações.

1. As propostas do *establishment* dominante, *global*¹¹², ou seja, o grande empresariado, os detentores do grande capital financeiro e seus aliados mais diretos. Buscarão seguir no rumo de antes da pandemia para recuperar o ritmo e a intensidade de acumulação. De um lado estarão empenhados em aperfeiçoar o sistema para prevenir o prejuízo de novos surtos; de outro lado fortalecendo e sofisticando os mecanismos de controle social (*hegemonia e coerção*). Estas linhas de ação, apontam como cenário para o planeta e para a humanidade, alguma versão de *Elysium*¹¹³. Em grande medida é o que já está acontecendo.
2. As propostas dos que buscam respostas *revolucionárias* e insurrecionais no velho estilo, ou seja, gerar uma grande insurreição popular para desmontar o atual regime e implantar um novo sistema, na linha da revolução francesa do século XVIII ou das revoluções "*socialistas*" do século XX. Para essa via, pode-se esperar, desde já, o fracasso garantido¹¹⁴.
3. As propostas dos *ambientalistas* e *holistas*, no contexto de um esforço por um modo alternativo de ver e fazer. Se configuram em duas fontes de fundamentação: espiritualista, uma, e mais científica, outra, e duas linhas de ação (não antagonicas):
 - Disseminar uma mudança interior (em maior ou menor medida *espiritual*), humanitária, alterando o modo de funcionar das pessoas para processos harmônicos, solidários, teosóficos

112 Global em sua ação, mas com seus centros diretores fincados nos países desenvolvidos (Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Japão, agora economicamente desafiados pelo desenvolvimento chinês). São as potências reitoras do desenvolvimento industrial e tecnológico, mas, nestes nossos tempos, também marcados pela dominância do capital financeiro.

113 *Elysium*, filme americano (Neil Blomkamp, 2013). Monta um cenário em 2154, quando uma pequena população de privilegiados vive em uma espécie de paraíso, numa grande estação espacial (*Elysium*) e o resto da raça humana, a grande maioria, permanece na Terra, superpovoada, miserável, dominada pela violência, pelas organizações criminosas e pelos agentes de controle da elite externa.

114 Pelas razões indicadas no capítulo 6, adiante.

e afins¹¹⁵, em grande medida, uma aposta na micropolítica e na espiritualidade; e

- Pressionar por providências de maior atenção às questões ambientais, quando se reconhece a importância de ações políticas macro, com a expectativa de que a crescente generalização dessas atitudes e providências farão *um mundo melhor*.

4. As propostas (do leque de variantes) da *social-democracia*: promover alterações estruturais estratégicas no modelo atual (sem pretender destruí-lo), *reformá-lo*, ou melhor, colocá-lo sob controle social e democrático. Dar passos adiante e ajustar o sistema, caso a caso, setor por setor, para proporcionar às pessoas, às populações, uma qualidade de vida superior.

Essas propostas fazem – continuarão a fazer – parte da vida real. Nenhuma delas é homogênea ou unívoca (por isso as assinalamos no plural), todas apresentam variantes, contradições e fissuras internas, todas tendo doses maiores ou menores de realismo e de sonho. Todas terão consequências na vida das pessoas e das populações. As quatro abordagens terão suas versões benignas e todas, para não esquecer o *homo demens* indicado por Edgar Morin¹¹⁶, terão também seus riscos de realizar catástrofes e pesadelos¹¹⁷. Todas terão as suas complexidades e seus extremos – e os seus

115 Proposições deste tipo terão raízes desde Francisco de Assis, no século XIII (v. o filme Irmão Sol, Irmã Lua), passando por Teilhard de Chardin (**O Fenômeno Humano**) chegando à *Era Aquariana* (décadas de 70 e 80, de Marilyn Ferguson: **A Conspiração Aquariana**) e mais modernamente a Fritjof Capra (**A Teia da Vida** e **Conexões Ocultas**) e à *teoria de Gaia* de James Lovelock e várias outras formulações afins. Por estas e outras vertentes chega-se aos movimentos ambientalistas (Gro Brundtland, Rudolf Bahro, Al Gore, Green Peace e outros, mais antigos (Henry Thoreau, Walden) e alguns dos citados, mais recentes. Estas correntes de pensamento têm também raízes no pensamento oriental antigo, principalmente no *taoismo*.

116 Edgar Morin formula o conceito de *homo sapiens-demens*, o homem a um tempo sábio, racional, e, simultaneamente, demente, delirante, a dialógica de um circuito bipolar, o componente *demens* como o outro lado da moeda *sapiens* (**O Método 5: A Humanidade da Humanidade**).

117 A mensagem cristã, em um dado momento, se transmutou na "Santa Inquisição". A democracia norte-americana exterminou povos indígenas. A proposição marxista de uma sociedade sem classes se transmutou no capitalismo de Estado *stalinista*. A história humana não segue linhas retas.

extremistas. Também vão ocorrer situações em que essas atitudes se irão entrelaçar – seja para nos encaminhar melhor, seja para um *abraço de afogados*.

Uma visão ortodoxa poderá, dedo em riste, dizer que a primeira opção (*establishment*) e a quarta (*social-democrata*) são opções *burguesas*, a segunda é a opção *revolucionária* dos explorados e oprimidos e a terceira (*holista*) a opção *pequeno-burguesa*. Esse tipo de categorização poderia ter algum sentido no século XIX, se tanto. Nos nossos dias, depois dos movimentos tectônicos do século XX, das guerras mundiais, do *stalinismo* e do colapso soviético, dos impactos sociais e políticos da *revolução industrial* e das ondas sucessivas de revoluções tecnológicas, esse tipo de categorização não tem correspondência com a realidade (se é que algum dia teve) e não comporta qualquer potencial de eficácia. Insistir nesse tipo de discurso é uma lástima.

As classes e elites hoje hegemônicas, por seus representantes mais expressivos, irão desenvolver estratégias que garantam a permanência e a exclusividade de seus privilégios. Dispõem de recursos e técnicas para fazer isso – e vão usá-las.

Os diversos segmentos da população irão, em alinhamento relativo com as macro-opções citadas, situar-se em quatro campos *prático-políticos* possíveis:

1. Deixar-se cooptar por algum dos movimentos (*de direita*) das elites dominantes – e contribuir para que tudo fique o mais próximo possível da situação anterior à pandemia. Os setores mais agressivos vão querer avançar na chamada *agenda neoliberal* – e habitar em *Elysium*, ou seja, nos seus condomínios fortificados.
2. Sonhar com uma grande insurreição (“*A Revolução*”) que irá quebrar as bases de sustentação do atual sistema e reconstruir a vida social a partir de novos parâmetros, mais justos,

mais solidários e mais eficientes. Como esse sonho não tem como se realizar, muitos jovens, engolfados pelo desespero e pelo despreparo político, verão na criminalidade *organizada* a versão possível dessa opção: viver nos riscos e nos gozos do *Estado paralelo*¹¹⁸.

3. Empenhar-se em atividades de solidariedade social (ou *socioambiental*) tentando conviver com (e mitigar) a insensibilidade do sistema (e seus efeitos), gestando um novo modo de viver, construindo *um mundo melhor*. Viver – e inclusive produzir – em gestos de amor e de arte.
4. Engajar-se num projeto de transformações estruturais possíveis – por dentro do sistema atual. Reformar e, até certo ponto, controlar o capitalismo, intervindo por dentro de sua dinâmica (exemplo: a redução da jornada de trabalho, o reconhecimento da função social de propriedade, o serviço de saúde estatal, etc.). Desenvolver o socialismo por dentro do capitalismo – inserindo crescentes mecanismos de controle. Isso sem perder o foco no conjunto da formação social (e suas subdivisões), de onde virão pressões para uma liberdade (deformada em privilégios) para poucos. Esta será uma das versões possíveis de um realinhamento social-democrata.

Cada uma destas opções se constituirá em dimensões macro, em propostas de políticas públicas, e também em dimensões micro, em modos de vida individuais, desenrolando-se nos espaços do cotidiano. Nenhuma destas opções é nova. Cada uma destas abordagens se traduzirá em opções políticas e existenciais. Precisamos

118

A trajetória de André Torres (pseudônimo de um dos fundadores do *Comando Vermelho*), por ele mesmo descrita no livro *Exílio na ilha grande* (Círculo do Livro, 1979) pode vir a ter versões atualizadas – o que já está acontecendo. Aliás, já era essa a lógica pela qual transitavam os cangaceiros nordestinos, nas décadas de 1930-40, e a deformação das FARC na Colômbia: estar fora do sistema, num modo de vida alternativo, armado, o que vai ferir de morte o *sistema*. A atração de jovens para o chamado estado islâmico, aproxima-se dessa lógica. É uma dimensão do risco, alimentada pela negligência generalizada, prenúncio de muita tragédia.

examiná-las mais de perto e, sem pretender neutralidade, encontrar alternativas viáveis para um mundo social menos desigual, menos injusto, menos desumano, menos teratológico.

Algo que precisará ser examinado é que todas e cada uma dessas abordagens possui, não só uma lógica, mas também uma positividade. Em todas vamos encontrar princípios que as organizam, lógicas, como também tensões internas, fissuras, contradições, exageros e ineficiências. Vamos constatar que nenhuma delas será perfeita, todas contendo em si, além dos elementos de positividade, elementos de degradação. Aristóteles concluiu (na *ÉTICA A NICÔMACO*) que, de modo genérico, entre o excesso e a falta, a melhor opção seria encontrar *o caminho do meio*. Os romanos cunharam a máxima *in medium virtus*, o que não resolve o problema, às vezes agrava: entre curar e matar um doente, por exemplo, *o melhor* não é um meio termo. O próprio Aristóteles, no mesmo passo, encontrou uma fórmula mais adequada: trata-se de, para cada dilema, encontrar *a justa medida*, ou seja, a compreensão de que a diferença entre o remédio e o veneno é a dose. Numa dosagem insuficiente o melhor remédio é inútil. Em dose excessiva o melhor remédio pode matar. O desafio é encontrar *a justa medida*, o que, nos lembraria Lênin ao exigir *a análise concreta da situação concreta*. Daí porque mesmo as mais detestáveis das abordagens precisam ser compreendidas, não como caricaturas, mas seriamente, pelo seu potencial contraditório, destrutivo ou construtivo.

No caso das abordagens políticas, todas têm um fundo epistemológico, isto é, todas dependem de uma competência socialmente condicionada de compreender a realidade. Nenhuma é perfeita, fazem parte de um aprendizado – e de um processo histórico. A melhor ciência olha com suspeita para quase todas as certezas. Na política, as certezas levam a muitos pontos cegos e, com frequência, à ortodoxia – e daí – à prepotência, quando não ao fanatismo

e às catástrofes. *A ortodoxia*, nos lembrava Bertrand Russell, é o *túmulo da inteligência*¹¹⁹.

De todos os campos políticos, cada qual na sua perspectiva, nos virão advertências de que o desejável e o possível não são coincidentes. Uma coisa é querer, outra é ter as condições de realizar. É indispensável saber identificar o passo possível a cada momento histórico – e o *kairós*, o momento certo da ação transformadora, nos limites do possível. Mas, também, as oportunidades só acontecem para quem se prepara para aproveitá-las. Em termos de política e história humana, oportunidades efetivamente transformadoras não acontecem sem crises. E crise, hoje, é o que não nos falta.

119

Bertrand Russell, *Educação e Ordem Social*, Cia. Editora Nacional, 1956 (pg. 11).

5

**O MUNDO
DA GLOBALIZAÇÃO
CAPITALISTA**

Se, de um lado, a tecla mais batida é que os seres humanos são egoístas e violentos – o que não se confirma como regra¹²⁰ – de outro lado divulgou-se também a ideia de que os seres humanos são racionais, o que é uma verdade muito parcial. O potencial para agir racionalmente existe e pode ser aperfeiçoado, contudo, somos também preenchidos por fortes tendências e várias modalidades do agir irracional. O contexto e o treinamento do autocontrole (a *educação*) é que vão configurar esse complexo de paradoxos e de tensões (internas e externas) que somos. Edgar Morin, como vimos, criou a expressão *homo sapiens-demens*. Operamos, quase sempre, pelos hábitos, pela repetição, pela imitação e, com um grande potencial, de avançarmos o sinal para comportamentos delirantes. Aprendemos a pensar apenas pela metade (metade como hipótese aleatória que é provavelmente menor do que uma metade real). A nossa racionalidade é um recurso pouco desenvolvido e pouco usado. Nossas potencialidades, em grande medida, não são aproveitadas. Perdemos todos com isso. É o que nos mostra a história humana, um filme de grandes feitos e de grandes tragédias autoinfligidas.

Na verdade, pior do que não aproveitarmos essa capacidade marcadamente humana (a racionalidade)¹²¹ é o fato de que os

120 Ao longo da história bilhões de pessoas viveram e, hoje, vivem, em condições de pobreza combinada com opressão. Se os humanos fossem de fato tão inatamente agressivos, como certas abordagens pretendem, essa situação já teria explodido. Em incontáveis situações, milhares de escravos, oprimidos e violentados, eram controlados por relativamente um punhado de capatazes – e não reagiam. A escravidão durou, no mínimo, por mais de cinco mil anos – e não foram as rebeliões de escravizados que os libertaram. Os escravizados (eslavos, africanos e outros) resistiram, mas não se libertaram e, na generalidade, não se comportavam de modo agressivo. Governos tirânicos são derrubados, mas as rebeliões libertárias – sempre presentes nas tiranias – quase sempre envolvem apenas minorias rebeldes. Para grandes majorias oprimidas o anseio de liberdade – sempre presente – só como exceção explodiu em violência revolucionária. Isso não reduz o valor dos líderes e dos atos revolucionários, de um Spartacus, por exemplo, eles perderam as lutas, muitas vezes, a maioria das vezes, pela passividade da maioria – não agressiva com os seus opressores. Em princípio não defendemos a violência, ela está aí, contra as majorias. Mas dizer que a agressividade é um instinto básico do ser humano não se revela verdadeiro.

121 Sem perder de vista que primeiro a emoção e depois a *razão* nascem e crescem do corpo físico socializado. Cf. (entre outros) Stanley Greenspan (*A Evolução da Mente*), L. S. Vigotski (*A Formação Social da Mente*) e A. Luria (*A Construção Social da Mente*). Ver também nota 62, pág. 71, acima.



setores dominantes da vida social (dita *moderna*) obliteram, buscam impedir, o uso da racionalidade e, melhor dizendo, da razão crítica. O objetivo desta (*razão crítica*) é corrigir os erros, tornar conhecida as causas do que acontece. Os que dominam no plano social (e gostam disso), fazem o que podem para manter os demais nos limites dos seus interesses, sem deixar livre o exercício do pensamento crítico. Daí, desde pequenos, somos desestimulados a pensar criticamente, ficamos meio inteligentes e meio bobos, aprendemos as coisas pela metade, de modo incompleto, não conseguimos compreender adequadamente como nos situarmos no mundo. O mundo, por si mesmo, já é complicado; com as restrições que nos são impostas fica tudo mais difícil. Poucos conseguem chegar a um entendimento mais consistente das coisas. Além disso, é um caminho impossível de ser trilhado de modo isolado. São indispensáveis ações coletivas para progredir com o aprendizado. O resultado é essa barafunda social em que vivemos. Não obstante, tem havido avanços, importantes até. Há os que constroem e os que teimam em destruir e, para construir é, quase sempre, necessário desconstruir. Avançamos, até então, aos trancos e barrancos¹²².

Em Economia, nos dizem que existe uma tal de Escola da Escolha Racional: nós produzimos e consumimos, vivemos, conforme nossas escolhas, tomadas com consciência de causa, em função de nossos melhores interesses. Parece uma piada. Isso não passa de uma extraordinária mistificação. Somos induzidos, desde crianças, pressionados por um poderoso sistema de induções e pressões, para fazer o que interessa aos setores que controlam a vida social. E vamos *na onda*, pensando que decidimos por conta própria. A grande maior parte das pessoas não compreende o que realmente se passa

122

O mundo empresarial hegemônico, a parte ainda hoje majoritária, por exemplo, trabalha por um tipo de educação tecnicamente avançada mas esvaziada de pensamento crítico. Há mesmo um intenso esforço, veremos adiante, para promover bloqueios cognitivos e infantilizar as mentes.

no mundo. Aliás, talvez ninguém compreenda de verdade. Homens ricos e poderosos se acham no controle, mas, quase sempre, para dizer o mínimo, se comportam a serviço de uma lógica sistêmica que os obriga a agir como agem, pensam que estão no controle quando, de fato, agem como *personificações da lógica do capital*.

Em síntese, levar tudo isso em consideração aponta para as necessidades de compreender:

1. a plasticidade multipotencial da natureza humana e a evolução histórico-cultural de suas manifestações;
2. o surgimento das classes sociais tensionadas entre si por modalidades de troca desigual, opressão e exploração, a partir da divisão social do trabalho e das práticas políticas, das comunidades primitivas – e sua evolução estrutural – até as sociedades atuais;
3. as modalidades (e estratégias) de controle social que consolidam setores, elites e classes detentoras de privilégios, interessadas nas diversas modalidades de clivagem social.
4. o desafio de saber se há como sair dessas armadilhas.

Tudo isso vem à mente quando se quer pensar sobre *globalização* e *neoliberalismo*. Como entender um sistema complexo, muito maior do que nós mesmos e que, ao mesmo tempo em que nos envolve, deixa obscurecidas as dinâmicas reais de seu funcionamento, tendo como resultado fazer de todos nós objetos de manipulação. As pessoas, mesmo não sabendo bem o que fazem – e tendo um controle imperfeito da situação – operam um sistema que funciona de modo quase automático. Os seus operadores não fazem as regras, apenas tentam a elas se adaptar – se conseguem, *triunfam*, se não conseguem, sucumbem. Contudo, aprendem a aperfeiçoar as regras e a torcê-las a seu favor. Com isso, onde fica a racionalidade

possível? Instrumentalizada por um sistema externo e, no fundamental, perdida no meio do caminho, travada¹²³.

Então tudo está perdido? Não há o que fazer? Talvez haja, talvez não.

Como dissemos (estendendo a afirmação evolucionista de Dobzhansky à vida social) só é possível entender buscando a história, não em qualquer sentido místico, mas no sentido prático de compreender a montagem das configurações atuais. A história precisa analisar o diacrônico (o evoluir das configurações) e o sincrônico (o que se apresenta a cada momento). O sincrônico, a configuração que se descortina à nossa frente, é um quadro complexo e dinâmico, multidimensional, multifacetado, repleto de contradições e tensões entre vários campos de forças. O que aparece à nossa frente é um palco, um cenário, com muitos atores, em diferentes articulações:

1. Estados (ricos e poderosos uns, pobres e mutilados outros),
2. Grandes empresas (algumas maiores que muitos dos Estados).
3. As populações, distribuídas pelos campos de ação destes maiores atores sociais, que com frequência atuam em conjunto.
4. Uma massa de pequenas e médias organizações do mundo econômico, além de

123

Michel Crozier escreveu **A Sociedade Bloqueada**, um título expressivo. Como decorreu de processos históricos específicos e, em função de interesses dominantes complexos, temos um mundo social que bloqueia os caminhos da racionalidade possível, uma racionalidade referenciada à saúde, como indica Erich Fromm (**Análise do Homem**, Ed. Zahar, 1968, págs. 10-11): "Os julgamentos dos valores, que fazemos, determinam nossas ações, e na sua validade repousam nossa saúde mental e nossa felicidade". Racional, indica Fromm, é o que é saudável, para o indivíduo e para a coletividade. Pode-se, assim, encontrar uma base comum para racionalidade, ética e saúde.

5. Populações praticamente excluídas do universo da produção e circulação de riquezas.

Nesse sentido, vale identificar três grandes setores na perspectiva do acesso aos mecanismos de sobrevivência nas sociedades atuais:

1. Os que estão dentro dos processos produtivos mais avançados (e nos escalões políticos mais altos),
2. Os que estão nos processos intermediários (as pequenas e médias empresas, profissões liberais, escalões médios e inferiores da burocracia estatal) e
3. Os que estão fora desses processos e organizações produtivas, os excluídos – além de possíveis e diversificadas zonas de transição entre esses setores.

Esta abordagem, *grosso modo*, mal dá conta da aparência das estruturas, mas revela as clivagens sociais profundas que configuram as desigualdades do mundo social de nosso tempo.

Dentre as populações, há setores que produzem – e para isso recebem maior ou menor remuneração, setores que têm maior ou menor acesso ao consumo – e setores que vivem parcial ou totalmente excluídos dos circuitos de produção e consumo em grande escala. Isso é uma simplificação, sem dúvida. A realidade é bem mais complexa. Para entender, contudo, não podemos prescindir de um modelo simplificado, isto é, abstratamente menos complexo. Esse quadro geral dá conta da configuração básica do universo humano no que diz respeito ao acesso aos meios, às condições e à qualidade da vida, os atores, os papéis e o protagonismo maior ou menor:

1. Os Estados,
2. As grandes corporações,
3. As massas diversificadas de médias e pequenas empresas e

4. As populações humanas distribuídas, pelo planeta afora, em graus diversos de inserção ou exclusão, nos círculos de influência destes atores e destas clivagens.

Há, sem dúvida, várias formas de tentar compreender o nosso mundo. Possivelmente nenhuma delas, salvo as matemáticas, pode prescindir das metáforas. Muito já se debateu sobre as contradições entre indivíduo e sociedade. Contudo, passamos a um patamar mais alto do debate quando reconhecemos o indivíduo como um *indivíduo-social*¹²⁴ e a sociedade como uma multiplicidade de indivíduos e grupos de indivíduos, todos interagindo em redes dinâmicas, redes de redes, sistemas, sistemas de sistemas.

Ocorre-nos a metáfora de uma hipotética comunidade de polvos, o mundo social visto como uma vasta e densa rede de polvos. O polvo é interessante porque tem uma cabeça e os tentáculos. Um grupo de polvos pode compor uma pirâmide, uma pirâmide de polvos, conectada a outras muitas pirâmides de polvos. Os tentáculos dos polvos que estão no alto da pirâmide controlam as cabeças dos polvos que estão abaixo. Teremos, assim, uma rede hierárquica, de grupos de polvos em pirâmides, os de cima, até certo ponto, controlando os de baixo, até chegar à base de uma enorme pirâmide de pirâmides. Temos assim polvos organizacionais, em que polvos em redes menores (ou indivíduos) funcionando como tentáculos de redes e polvos maiores. Cada grupo de polvos (cada pirâmide),

124

A raiz deste conceito pode estar no antigo conceito ateniense de cidadania: a cidade é a cidadania em ação (lembra Ruy Barbosa: *o Estado é a nação politicamente organizada*). Depois de Wiener (**Cibernética e Sociedade**: o uso humano de seres humanos, Cultrix, 1958), Bertalanffy (**Teoria Geral dos Sistemas**, Vozes, 2009) e Castells, (**A Sociedade em Rede**, Paz e Terra, 1999), passou a ser obrigatório dar atenção aos conceitos de rede e interações recíprocas (também o foco de Edgar Morin em **O Método** (Ed. Sulina, 2005). Também parece importante considerar nesse ponto o que dizem István Mészáros (**A Teoria da Alienação em Marx – capítulo IX**, Boitempo, 2006) e Fernando González Rey (**Sujeito e Subjetividade**, Pioneira Thomson, 2005). Nós, os indivíduos, não existimos sem os outros.

maior ou menor, busca sugar recursos do mundo e dos outros polvos – para, com esses recursos – produzir bens ou mercadorias – que trocam com outros grupos de polvos. Funciona assim um grande mercado de trocas. Mas, às vezes, em lugar de trocas há a captura pirata de recursos, grupos de polvos entram em guerra – e por aí vai. Ou funciona o mercado ou funciona o domínio pela força, o saque, a pirataria. Às vezes um pouco de cada. Alguma chance de reorganizá-los? Um mundo sem esperança. A sorte é que (pode ser que) não sejamos tão previsivelmente dominados pela cobiça instintiva como os polvos – os polvos da metáfora. A conferir.

Sucedâneos das metáforas são as utopias e as distopias¹²⁵. Da REPÚBLICA de Platão a A ILHA de Aldous Huxley ou à ILHA DAS ALMAS SELVAGENS, de H.G. Wells¹²⁶, vivemos tentando entender o *mal-estar da civilização* (com e para além de Freud) e pensar como podemos sair dessa roda de paradoxos que é esse mundo social, essa nau conduzida de modo tão insensato¹²⁷.

É possível e necessário aprofundar essa visão – e considerar diagnósticos mais específicos. Há uma significativa bibliografia

125 Enquanto construção de referências comparativas.

126 Aldous Huxley - **A Ilha**, Civilização Brasileira, 1967; H.G. Wells - **A Ilha das Almas Selvagens**, Civilização Brasileira, 1962.

127 A metáfora da *nau dos insensatos* é antiga. É encontrada desde a Grécia Antiga até o presente. Encontra-se esta metáfora em **A República**, de Platão (livro VI), que teria reformulado uma referência do poeta Eveno, seu contemporâneo; no século XV Sebastian Brant, poeta e moralista, publicou um livro com esse tema; o pintor Hieronymus Bosch fez uma tela sobre a sugestão deste livro. Em 1963 Katherine Anne Porter escreveu **A Nau dos Insensatos**, do qual Stanley Kramer fez um filme com o mesmo título, lançado em 1965; o pintor John Alexander fez do tema uma tela que se acha no Smithsonian Museum, em Washington (D.C.). Federico Fellini tangencia o tema no filme *La nave va*; o filme *Um Estranho no Ninho*, de Miloš Forman (1975), tem uma sequência, quando os fugitivos do asilo de *loucos* tomam o controle de um navio e os filmes com a história do Titanic não deixam de ser uma nova versão do tema. Sem a menor dúvida, se formos pesquisar a fundo, vamos constatar que esta sensação de que navegamos numa nave sob o comando de insanos, é mais generalizada do que pode parecer. Nota inspirada em <https://magnoliacosta.art/blog/2020/5/6/plato-e-a-nau-dos-loucos>.

sobre o assunto, para quem estiver disposto a essa lida¹²⁸. As abordagens são várias e focando aspectos diversos, um desafio a ser enfrentado é elaborar uma síntese pertinente e atualizada dessa situação – desafio que só pode ser enfrentado num processo organizado e coletivo. Há uma configuração global, seu histórico e sua dinâmica a serem apresentadas aos mais jovens e aos que nelas estão enredados, como, aliás, todos nós.

As características centrais do paradigma capitalista poderão ser identificadas em duas versões principais: a de Adam Smith (a versão do *liberalismo econômico*) e a de Karl Marx (a *crítica da economia política*)¹²⁹. Smith idealiza um sistema de mercado, Marx faz a crítica desse sistema. A partir desse debate se podem identificar as marcas constitutivas do sistema: propriedade privada dos bens de capital; generalizada produção de mercadorias, ou seja, produção para o mercado; produção de mais valor a partir do trabalho assalariado; competição intensa no mercado – o que leva a um desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado; moldagem dos valores a partir dessa dinâmica econômica, ou seja, tudo vira mercadoria (o trabalho, a educação, a saúde, a vida); as riquezas se multiplicam, mas na mão

128 Além de autores já citados, vale consultar: J.K Galbraith, **A Natureza da Pobreza das Massas**, Nova Fronteira, 1979; Jeremy Rifkin, **O Fim dos Empregos**, Makron Books 1995; David Korten, **Quando As Corporações Regem O Mundo**, Ed. Futura, São Paulo, 1996; Robert Kurz, o **Colapso da Modernização**, Paz e Terra, 1996; Pierre Salama & Jacques Valier, **Pobrezas e Desigualdades Sociais no 3º Mundo**, Nobel, S. Paulo, 1997; Viviane Forresté, **Horror Econômico**, Ed. unesp, 1997; Giovanni Arrighi, **A Ilusão do Desenvolvimento**, Vozes, 1998; Milton Santos, **Por Uma Outra Globalização**, Ed. Record, Rio de Janeiro, 2000; Joseph E. Stiglitz, **A Globalização e Seus Malefícios**, Ed. Futura, São Paulo, 2002; John E. Renesch, **A Conquista De Um Mundo Melhor**, Cultrix/Amana-Key, São Paulo, 2002; Boaventura de Sousa Santos (org.) **Produzir Para Viver**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002; **Democratizar A Democracia**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002; Pierre Bourdieu (e outros), **A Miséria do Mundo**, Ed. Vozes, 2008; Anthony Atkinson, **Desigualdade**, Ed. LeYa, 2015) – e muitos outros. A lista de autores e estudos que põem a nu a insustentabilidade ética e os custos humanos do modelo prevalecente, é extraordinariamente extensa. E a lista dos modernos, esta ou outra, não diminui a importância de autores mais antigos, como Marx e Proudhon, por exemplo.

129 A principal obra de Adam Smith (**A Riqueza Das Nações**), foi publicada em 1776; a principal obra de Karl Marx (**O Capital**) começa a ser publicada em 1867. Talvez seja bom lembrar (ou não esquecer) que estamos no século XXI.

de relativamente poucos. A versão (hoje conhecida como) *neoliberal* intensifica os vetores da apropriação desigual das riquezas.

O *establishment* global, ou seja, o alto empresariado e seus aliados diretos e indiretos (que estão no topo da pirâmide de riqueza e poder e têm hoje a hegemonia mundial), supõem que: (1) a natureza humana é inapelavelmente egoísta, *homo homini lúpus* (o homem, o lobo do homem); e (2) eles são bem sucedidos porque, por razões diversas (racismo ou aleatoriedade genética ou sabe-se lá o quê), se acham seres humanos superiores¹³⁰. Do ponto de vista individual não querem ver ou, vendo, se aferram aos privilégios de estarem no topo de uma pirâmide (que não consideram injusta, já que se acham *superiores*). Com esse *individualismo possessivo* impregnado na *alma* (o paradigma emocional cognitivo) querem apenas seguir o seu caminho, nada mais importa. Do ponto de vista histórico-social compõem uma classe de pessoas que herdam, acumulam e defendem privilégios obtidos ao longo de sucessivos estágios socioeconômicos – que nos mantêm todos numa estrutura de disparidades e numa dinâmica que fragmenta a humanidade, diferencia profundamente os segmentos das populações, tensiona as sociedades e configura

130

Vale notar que esse “racismo” é, na verdade, historicamente anterior ao equivocado conceito de *raças humanas* (Cf. Guido Barbujani, **A Invenção das Raças**, Ed. Contexto, 2007; e Sérgio D.J. Pena, **Igualmente Diferentes**, Ed. UFMG, 2009). Esse sentimento de pretensa superioridade vem de muito longe, da pré-história – associado a um sentimento de *estranheza étnica* – de conteúdo *psicocultural*, que nada tem a ver com “raça”. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (**TED: o perigo de uma história única**) nos fala de uma palavra da língua igbo, *nkali*, que expressa, desde lá, esse sentimento arrogante de ser *superior*, de “ser maior do que o outro”. Nos referimos, no primeiro capítulo, à estranheza étnica, quando grupos humanos que, mesmo de origem comum, se separaram há muito tempo, e se reencontram décadas ou séculos depois, encontram pessoas que falam uma outra língua, se pintam de forma diferente, têm cheiros diferentes, têm gestos e costumes diferentes, etc., são tomados, por um compreensivo sentimento de estranheza mútua; naquele contexto longínquo, paleo ou neolítico, não se reconhecem como semelhantes, se assustam, têm medo. Uma armadilha histórica começa aí e, com os conflitos entre grupos coletores *versus* agricultores *versus* pastores, ganha a condição de uma histórica *corrida armamentista*. O desenvolvimento socioeconômico desigual completa a armadilha, enveredamos para os reinos e impérios guerreiros, armadilha da qual ainda não saímos.

uma situação de insustentabilidade, conflitos profundos e na rota da catástrofe climática¹³¹.

Isso não quer dizer que todos os empresários (*todos os políticos* e todas as altas patentes militares) estejam nesse time, mas, garimpar os que pensam e agem diferente (principalmente no Brasil de hoje) não é uma tarefa fácil, ainda que possa ser necessária.

Os que estão no topo se acham superiores, não querem ver que esses privilégios acumulados são disfuncionais para a espécie humana e, no longo prazo, suicidas. No gozo desses privilégios socialmente disfuncionais, comportam-se como *personificações de uma lógica* desumanizadora e nefasta para todos¹³². A complexidade e o paradoxo é que esse sistema proporcionou extraordinários avanços à espécie humana. Os avanços extraordinários que essa dinâmica desigual e criativa gerou estão magistralmente registrados, por exemplo, no Manifesto do Partido Comunista, escrito por Marx e Engels (em 1848). Não é um desafio corrigir o passado¹³³. A questão básica é que é injustificado prosseguir nessa rota de desigualdades, exploração, dominação e sofrimento autoinfligido. Já passa do tempo de, *a partir do que temos, criarmos uma outra condição sistêmica e*

131 No relatório conhecido como **Nosso Futuro Comum** (ONU, 1987), Gro Brundtland nos trouxe o conceito de que as gerações atuais, em suas decisões e ações, precisam levar em conta o direito à vida das gerações futuras. Os líderes do passado em nada (ou muito pouco) consideraram os interesses das gerações futuras; daí herdamos esse mundo extremamente problemático, travado, cheio de dispositivos opressivos e armadilhas e dos quais precisamos hoje nos livrar, ainda sem saber como.

132 A esse respeito importante ver as distinções conceituais desenvolvidas por Robert Fossaert (**A Sociedade**) entre VU (a lógica do valor de uso), VT (a lógica do valor de troca, a lógica do capital) e VD (a lógica do desenvolvimento humano, sustentável).

133 Enveredar pelo caminho das *reparações históricas* é um beco sem saída. É impossível corrigir o passado. É preciso agir no presente, a partir do reconhecimento da plena dignidade de todos os humanos. É indispensável recuperar a história real, como as coisas de fato aconteceram, mas, do ponto de vista das situações presentes, os crimes cometidos ou os sofrimentos vividos pelos antepassados jamais serão reparados. O que não se pode admitir são os crimes e os sofrimentos de hoje. Em respeito às pessoas que estão aí hoje é que se precisa de providências efetivas e urgentes para que os direitos de todos – de todos – sejam reconhecidos e as injustiças, as situações de hoje, corrigidas. Muitos (Albert Einstein, Glória Maria e muitos outros) já nos lembraram: *a raça é uma só, a raça humana*.

sustentada para a vida humana. Os privilegiados podem achar que não, mas podem rever – ou (como nos dizia Rômulo Almeida) serem levados a rever – suas posições. Os excluídos e os precarizados podem permanecer passivos ou podem abrir os olhos, levantarem-se de modo firme e consistente, e exigir mudanças necessárias e possíveis nessa situação, já intolerável. Mas, qual o caminho?

Muitos serão cooptados pela opção de deixar-se conduzir pelos vários mecanismos da hegemonia dos privilegiados (falamos dos privilegiados resistentes às mudanças necessárias e ávidos a ampliar ainda mais suas prerrogativas insustentáveis). É necessário pôr em xeque-mate os *mecanismos dessa hegemonia*. Mas isso é um jogo tão ou mais complexo que o do xadrez. Para entrar nesse jogo com um mínimo de chance é indispensável construir uma onda de vontade política. A social-democracia (no chamado mundo ocidental) deixou estiolar as ondas anteriores. *Sem um claro caminho alternativo não é possível reestruturar nada.* Trata-se de alimentar, vestir, etc., bilhões de pessoas (logo seremos 10 bilhões). Achar que “a iniciativa privada” vai cuidar disso é estar cego à realidade, ou melhor, acomodar-se à barbárie.

Alinhar-se às tradições de *servidão voluntária* é mais fácil, não exige decisões incômodas ou mesmo perigosas, estar com a lógica do sistema possibilita caminhos ou carreiras mais previsíveis, opera na zona de conforto, reduz riscos. Mesmo os mais oprimidos podem optar por esse caminho, uma forma medíocre e ilusória de *salvar a pele*.

O *establishment*, o sistema dominante¹³⁴, trabalha com afincos esse tipo de opção, derivada do medo e da evitação de riscos,

134

Só uma ortodoxia esdrúxula insiste ainda em designar as elites dominantes (empresariais, políticas e militares) de a *burguesia*. O mundo contemporâneo já não dá legitimidade a essa simplificação – que induz a diagnósticos equivocados e a ações políticas desastrosas. Como estratégia provisória podemos chamar os *vários centros reitores dessa rede de poderes de establishment*, para, nos processos políticos concretos, identificar os grupos de interesse organizados e as alianças específicas de que se quer falar. Os *grupos de interesse organizados*, que geram ações e efeitos positivos ou negativos, esse é o núcleo ativo da vida política, podendo ou não estarem mais ou menos fundados em classes específicas.

através de vários instrumentos (primeiro de hegemonia) através das práticas e instituições familiares, escolares, midiáticas, empresariais e (depois, de coerção), através das práticas e instituições punitivas, policiais e do exercício das várias modalidades do poder direto, que vão do desemprego ao ostracismo social, ao encarceramento e à aniquilação física. Quem não se alinha ao sistema de subordinação aos poderes dominantes paga sempre um alto preço. Erich Fromm indica que, numa formação social moderna, democrática e complexa, é possível, mas não é fácil, encontrar formas de sobrevivência e de atuação alternativas, mas é sempre uma situação de risco e de tensões.

Um dado da realidade no mundo de hoje, tanto nos países mais desenvolvidos quanto nos demais, é a extrema sofisticação tecnológica e psicossocial dos mecanismos de controle, de cooptação e de repressão. Mas não cabe a ilusão de que redes virtuais promovem mudanças. É emblemático o resultado da chamada *Primavera Árabe*, que foi cantada como demonstração do efeito libertário das novas tecnologias. Dez anos depois, praticamente todos os países onde ocorreu, encontram-se sob ditaduras renovadas.

As desigualdades fazem parte de antigas tradições. Depois da *revolução agrícola*, algo em torno de 10 mil anos atrás, que deflagrou as mais profundas transformações na vida da humanidade, deu-se a crescente institucionalização da maior de todas as desigualdades: a *escravização* como prática social amplamente disseminada. Foi só com a *revolução industrial* que essa prática pôde começar a ser questionada com sucesso. Antes disso, na prática, não existiram alternativas viáveis. As inúmeras tentativas de comunidades igualitárias, quando não feneceram por suas próprias dificuldades, foram esmagadas a ferro e fogo pelas formações sociais dominantes. Contra a escravidão sempre houve muita luta, mas só depois de iniciada a revolução industrial o objetivo de extingui-la pôde ser colocado com viabilidade real. Essa é uma mancha sombria (entre outras) na história da raça humana, explicá-la talvez seja possível, mas, não há como esquecer esse histórico de desumanização

(viemos da mais crua animalidade). Há que ver o outro lado da moeda, há também um histórico de crescente *humanização*. Os sentimentos, quando amplamente compartilhados, pesam na história, mas, os objetivos humanistas, por mais legítimos que sejam, se não estiverem amparados em condições concretas – inclusive de evolução cultural e tecnológica – não têm a menor chance¹³⁵.

Os apelos e as armas do sistema estabelecido são poderosos e eficazes. Quem quer que tenha como projeto derrotar, alterar ou controlar esse sistema ou leva esta realidade seriamente em conta – e se prepara de fato – ou estará previamente destruído.

As elites e classes dominantes hoje no mundo apresentam diferenciações que não se deve desconsiderar. Podemos ver EUA, Inglaterra, Itália, mais à direita, França e Alemanha, mais ao centro, Portugal e Espanha, mais à esquerda. O núcleo duro está nos EUA e na Inglaterra. Mas esta é uma indicação muito relativa. O apelo principal deste modelo está no avanço tecnológico, na diversidade (e *liberalidade*) dos costumes, no *liberalismo* na economia, na prosperidade (ainda que relativa), no acesso pródigo (real ou ilusório) ao consumo. Os mais duros destes modelos tenderiam a sair bastante desgastados da pandemia (da Covid), mas não numa modalidade simples: as sociedades mais desgastadas, os governos, uns mais

135

A esse respeito, algumas palavras de Marx, no famoso prefácio de 1859, (**Contribuição À Crítica da Economia Política**, Ed. Expressão Popular, 2008, pág. 48) permanecem incômodas, mas realistas: *"Uma sociedade jamais desaparece antes que estejam envolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade"*. O próprio Lênin, no **Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo**, clama por prudência, para que não se confunda vontade com condições objetivas. Para o bem e para o mal, o voluntarismo é uma característica muito arraigada no comportamento humano: muitas vezes produz maravilhas, outras vezes produz catástrofes. As opções políticas não podem desconsiderar essas advertências – que o próprio Marx, não raras vezes, não levou na devida conta. Já Ernst Bloch, n'**O Princípio Esperança** (EdUERJ-Contraponto vol. 1), faz um esforço filosófico-poético para descrever essa crucial tensão entre o sonho e o possível, o utópico e o realizável, a análise das condições e o processo da construção. Uma obra de arte exige uma base material trabalhada de modo preciso e competente. O avião realiza uma utopia, mas se suas peças não forem firmes e precisas, não realiza o sonho de voar.

outros menos. Não se vislumbrou, contudo, ameaças ao sistema. O nível de atividade econômica foi rebaixado para a grande maioria dos países, das empresas e das pessoas. O grande empresariado hegemônico, não obstante, continuou a dispor dos recursos financeiros, políticos e tecnológicos para pôr em ação suas estratégias. Estão no poder, dispõem de recursos e sabem usá-los. A pandemia derrubou alguns líderes mais insensíveis, mas não alterou (nem tinha como alterar) as estruturas do poder.

O núcleo de geração do poder das elites dominantes está na posse, em proporções gigantescas, dos diversos tipos de capital (econômico, simbólico, cultural e militar)¹³⁶. As classes populares também dispõem de parcelas desses poderes, contudo, de modo desorganizado e, por conseguinte, sem condições de uso eficaz na disputa com os grandes. Os diversos países (e Estados), cada qual na sua proporção, também dispõem de poderes, mas de modo nitidamente subordinado. Os grandes blocos capitalistas, pela posse desses capitais – e pela destreza no uso – são os que mandam no mundo¹³⁷.

Uma análise que precisa ser feita é: *qual o apelo que este modelo (e os estilos e modos de vida que permite) operam no imaginário dos disponíveis para a cooptação*¹³⁸. Segmentos populares e

136 Marx dissecou a dinâmica do capital (econômico) a partir da acumulação primitiva e de seu caráter mercantil e expropriador. Bourdieu (numa linha próxima de C.W. Mills) inclui na análise outras formas de riqueza acumulada, outras modalidades de capital: o capital simbólico etc., na prática, com múltiplas representações. Há quem inclua (como C.W. Mills) entre os componentes estruturais decisivos, além da economia, da política e da cultura, a instância militar, a capacidade de uso da força bélica. São formulações que não podem ser deixadas de lado, como fez o falido marxismo ortodoxo – e os herdeiros do sindicalismo fordista.

137 Chomsky (**Quem Manda No Mundo?** Ed. Planeta/Crítica, 2017) não tem dúvidas que a resposta à pergunta passa pelos Estados Unidos, contudo, em processo de crescente desgaste em sua hegemonia. Não é uma realidade tão nova quanto parece, mas é a história desde a guerra fria. O colapso da União Soviética não explica a configuração atual, marcada pela significativa emergência de outros expressivos atores mundiais: União Europeia, Japão, China e, de novo, Rússia. Quem sabe, num futuro próximo, também os BRICS.

138 Um debate mais aprofundado que tem a ver com esse tema (amplo) está em Sérgio Paulo Rouanet (**Teoria Crítica e Psicanálise**, Tempo Brasileiro, 2001) e em Wilhelm Reich (**Psicologia de Massas do Fascismo**, Martins Fontes, 2001).

de classe média, maiores ou menores, estarão muito sensíveis, para salvar a pele (e se autojustificarem), a se alinharem a alguma variante dessa posição (de deixar-se cooptar, fazer parte dos que sustentam o sistema tal como está). Serão, tendencialmente, a *massa de manobra* das facções políticas do *establishment*. Tanto quanto os *soi disant* progressistas omissos.

É necessário analisar criteriosamente o leque de estratégias políticas das *frações do grande capital (de direita, mas nem sempre claramente à direita)*¹³⁹. Assim, sem a pretensão de sermos sistemáticos, vamos identificar alguns elementos, que precisam ser foco de análises específicas e aprofundadas, de *per si* e no conjunto. Não apenas como debate teórico, mas como condição para o planejamento e para a ação política socialmente eficaz.

Não vamos tratar do uso dos instrumentos de calibre grosso como as estratégias comerciais e militares. Aqui vamos buscar identificar alguns dos instrumentos (não só conceituais) que o *establishment* privilegia para manter e intensificar sua hegemonia nos *corações e mentes* das pessoas.

O INDIVIDUALISMO EXACERBADO

O mais potente instrumento ideológico do *establishment*, da rede de poder que, sem ser uma entidade única, se estende hoje e se sobrepõe por todo o mundo humano, é a ideologia, a cultura, do individualismo exacerbado – que, por razões diversas, encontra amplas repercussões e correspondências nos mais diversos setores da vida social.

139

Certos políticos são mestres em usar um discurso à *esquerda* e uma prática à *direita*. É necessário analisar até que ponto isso aconteceu nos dois primeiros mandatos de Lula Presidente, quando se fez extensas alianças com os mais notórios corruptos do país, o que abriu os espaços para a Operação Lava Jato e a trágica eleição do candidato da extrema direita militarista.

São muitas as abordagens que tratam da sobreposição cultural que as ações norte-americanas impuseram ao mundo, sobretudo aos países com maior grau de dependência econômica e militar¹⁴⁰. São muitos os desafios, o maior de todos é passar para um outro estágio civilizatório que tenha como centro a dignidade da vida humana.

O mundo capitalista de hoje segue regido pela lógica do individualismo desenfreado. Quando a evolução socioeconômica da Europa rompeu com as amarras do feudalismo, libertou todos os anjos e demônios do individualismo. Anjos e demônios sim, porque a valorização da vida individual é uma das mais valiosas conquistas da humanidade, principalmente quando chegar ao necessário grau de generalização – como propugnado, por exemplo, na Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada pela ONU (1948). Mas, no bojo desse grande processo *libertador* se alojava alguns ovos de serpentes venenosas. Ainda que o nazismo hitlerista tenha sido derrotado na Segunda Guerra, várias dessas serpentes seguem como sombras vampírescas ameaçando o mundo.

A vida econômica, ao longo dos últimos séculos, permitiu uma espécie de livre curso a um individualismo desenfreado que promoveu as modalidades disfuncionais de acumulação de capital – que configuram as desigualdades desumanas que ainda marcam o mundo de hoje. É indispensável, além da história econômica e

140

A bibliografia é imensa. O problema já não é o estudo, é a história, nua e crua. Trata-se do processo de lutas políticas de todo o século XX, das lutas de libertação nacional e dos esforços pela (relativa) autonomia dos povos do mundo. Por aí passam grandes e pequenas lutas – e muitas tragédias. As lutas pelo petróleo, de ontem e de hoje. As lutas contra todos os tipos de colonialismo. As lutas contra as ditaduras militares, latino-americanas e outras. Milhares, milhões de mortos nesses conflitos todos. Tudo por conta de uma sede irracional pelo domínio e pela riqueza. Isso, não por conta de uma hipotética natureza humana agressiva, mas por conta da ganância e do sadismo de pequenas elites, geradas pela evolução socioeconômica descontrolada, ainda na lógica dos antigos Estados Guerreiros, em que pese todos os povos do mundo sempre ansiarem pela paz. Já se disse que as elites produzem as guerras, os povos morrem. Mas é um problema sério porque se deixam levar por esses caminhos estúpidos. Não se deixar levar por essas lógicas, este é um grande desafio e tem a ver com a conexão de micro e macroprocessos, o indivíduo, as pessoas e os movimentos sociais.

da história militar, irmos para a dimensão das ideologias, as formas culturais que dão curso e legitimidade às formas de agir que constroem esse mundo e suas deformações. Donald Trump é uma das mais emblemáticas expressões dessa ideologia e desse espírito do tempo. Sua falta de caráter e suas ambições são encontradas pelo mundo afora em grandes quantidades, não são só entre os ricos e nem só entre os que sonham com serem ricos. É um *tipo* de modelo, até para os muito pobres que se deixam levar pelos sonhos como que de uma *teologia da prosperidade*, marcados pelo autorreferenciamento extremado, pela indiferença *diante da dor dos outros*, pelo sonho de ascensão social milagrosa – e, em muitos aspectos, pela obediência cega às suas respectivas *autoridades*¹⁴¹. Mas esse individualismo desenfreado pode também, decorrer da penúria, da exclusão social e do desespero. A dinâmica montada historicamente, ao longo de séculos, destruiu o comunitarismo dos antigos grupos humanos e moldou uma sociedade marcada pela mais profunda indiferença diante da miséria de muitos – e, diante desse quadro ainda dramático, uma apatia generalizada, mesclada de conivências mascaradas de impotência¹⁴².

A clivagem ética mais fundamental está indicada no título (e no conteúdo) do livrinho de Susan Sontag: *DIANTE DA DOR DOS OUTROS* (Cia. das Letras, 2003). Tudo pode ter sua legitimidade, quando se

141 Wilhelm Reich, em **O Assassinato de Cristo** (Martins Fontes, 1999) interpreta a figura de Cristo como que um arquétipo psicogenético do ser humano, não maculado pelas ambições e grosserias do mundo estabelecido. Na nossa vivência descuidada do dia a dia, nesse sistema, cada um de nós, assassina em si mesmo esse pendor para uma existência sã. Esse é o *assassinato* do Cristo, vindo dessa história sangrenta, e continuamente repetido por cada um de nós, em nós mesmos, ao aderirmos à selvageria predominante. Donald Trump pode servir de modelo para o substituto do arquétipo assassinado, a expressão da ambição desmedida, do *individualismo possessivo*, da pretensão de superioridade, da arrogância despudorada e do fracasso existencial, o exemplo de um homem desumanizado, poderoso e, mais que inútil, nocivo. O pior é que muitos, de todas as classes e segmentos sociais, pretendem lhes seguir os passos. Quem pode prever o que será o segundo mandato de Trump?

142 Os individualistas apáticos acham sempre que nada podem fazer – e se recolhem a um mundo subjetivo, à espera da ajuda que, anseiam, virá milagrosamente.

mantém nos limites da *justa medida*, na medida do equilíbrio – que respeita a dignidade dos outros. A propriedade privada, as práticas competitivas, as diversidades, as desigualdades, ascensão social e a meritocracia não são maléficas em si mesmas, podem ter um valor e uma positividade. Certamente que têm. Contudo, na história das formações sociais humanas, essas práticas desbordaram, extrapolaram os limites de razoabilidade. A história não foi razoável, muitas vezes foi estúpida, brutal, assassina. A história? Não. Os homens que a fizeram (e, nesse caso, foram os *homens* mesmo, quase nunca foram as mulheres).

Conta-se que Lênin, gravemente ferido no atentado que, no limite, lhe restringiu a mobilidade e a carreira política, ao ser socorrido, teria dito: *cada um age conforme as luzes que tem*. Como fato, esse dito pode não ter ocorrido. Como conteúdo ético e prático indica uma verdade. A iluminação da consciência humana é um processo histórico¹⁴³. A cultura dos grupos humanos, em cada época, molda a consciência dos mais novos, que por sua vez dá seguimento à configuração dinâmica das formas de consciência social, em condições renovadas e idiossincráticas, fazendo-as avançar (ou recuar). Os padrões de comportamento (os paradigmas emocional-cognitivos) vão se implantando e se transformando, pelas circunstâncias e pela ação das pessoas.

Não foi o capitalismo que criou esse *individualismo possessivo*; o capitalismo o exacerbou. O *avarento* vem de longe. Donald Trump é só um dos incontáveis exemplos dessa deformação de caráter¹⁴⁴, que corresponde bem às induções de um sistema socio-econômico, construído historicamente, em vias de mudanças, de há muito contestado. Substituí-lo só poderá ocorrer na construção de um outro processo histórico. Jamais podemos pensar que seja um processo simples.

143 Como indica Steve Pinker no já citado *Os Anjos Bons da Nossa Natureza*, principalmente no capítulo *A revolução humanitária*.

144 Dissemos há pouco que podem se incontáveis os Dorian Gray.

A PROMOÇÃO DA MEDIOCRIDADE COGNITIVA

A estratégia *de dominação* mais deletéria hoje, contudo, talvez seja a geração, intencional ou não, de deficiências cognitivas (e culturais), através de várias linhas de ação que facilitam ou promovem os mecanismos de controle e hegemonia. Por exemplo:

1. *Instilar indisposição e incapacidade para o diálogo.* Estimulando a desqualificação caricatural, a ridicularização dos adversários e a intolerância, ou seja, a disseminação (ostensiva e subliminar) de comportamentos fascistas¹⁴⁵. Ocorre que não só *a direita* se vale dessa situação. *As esquerdas* de viés stalinista também são pródigas em caricaturizar e desqualificar os adversários, o que impõe um dever de autocrítica (que exige um preparo que muitos *militantes* estão longe de ter).
2. *Extirpar o conteúdo político da cidadania.* Cidadania passa a ser algo como não jogar papel de bombom no chão, o conceito é infantilizado, o conteúdo (essencialmente político) é suprimido. Não se trata de um único fenômeno, mas de uma convergência de ações diferenciadas. As esquerdas ortodoxas não assimilaram o conceito de cidadania, mobilizadas por uma visão simplificadora de lutas *de classes*. As direitas neoliberais, ao contrário de liberais autênticos, ignoram tudo o que tenha a ver com gente, querem saber exclusivamente de seus ganhos financeiros. Cidadania virou uma *avis rara* no

145

Uma das torturas mais monstruosas dos fascistas italianos foi obrigar adversários políticos a ingerir grande quantidade de óleos digestivos, provocando fortes diarreias, e fazendo-os desfilar se desfazendo em fezes, pelo meio da rua, provocando gargalhadas nos néscios que a isso assistiam.

processo político. Hannah Arendt sonhava com um resgate da cidadania grega clássica, o que também não tem como se viabilizar. Nesse sentido haveria sim o desafio de uma nova política. Contudo, vamos defender a tese de que esse labirinto já foi trilhado pela social-democracia e pela proposta do socialismo democrático, entretanto de modo incompleto, muitas vezes ineficaz e pusilânime, patinando no meio do caminho, quase sempre deixando-se cooptar pelo neoliberalismo. *Resgatar um conceito de cidadania adequado ao mundo de hoje, faz parte do desafio maior do nosso tempo, sob pena de o novo tempo do mundo¹⁴⁶ realizar os tormentos descritos em 1984 e Admirável Mundo Novo¹⁴⁷. Ou em algo muito pior.*

3. *Moldar um sistema educacional especializado em formar técnicos alienados, avessos à participação política e ao raciocínio crítico, mão de obra dócil para as empresas. Para isso é necessário acionar métodos amplos e sofisticados de deficiências cognitivas intencionalmente planejadas. O anseio da ascensão social, da carreira bem-sucedida, se adequa bem com esse tipo de indução. Cada qual que cuide de si, dentro de um mundinho restrito, mais ou menos "bem-sucedido" (desde há muito descrito por Gorki em *Os Pequenos Burgueses* – e Tolstoi em *A Morte de Ivan Ilyich*).*
4. Fenômeno novo nessa área (que envolve deficiências cognitivas) é a utilização massiva das *redes digitais* (ditas *sociais*). Nelas se pode encontrar muito do que Marshall McLuhan indicou¹⁴⁸, ou seja, a própria tecnologia induz a um tipo de efeito cognitivo. No caso da televisão, por exemplo, a pessoa pode estar assistindo a um filme de muita ação,

146 Paulo Arantes: **O novo tempo do mundo**, Boitempo, 2014.

147 **1984**, George Orwell, Ed. Nacional, (1984, 9ª ed.); **Admirável Mundo Novo**, Aldous Huxley, Ed. Globo, 2001).

148 McLuhan, Marshall - **Os Meios São As Mensagens**, Record, 1990.

psiquicamente turbulento, mas, na verdade, só está ali sentada, passiva, absorvendo o movimento virtual e as luzes hipnotizantes da tela. No caso das redes digitais, a utilização sistemática de frases curtas, os grupos fechados em círculos estanques (*bolhas*), o uso individualizado, em muitos casos, quase autista, e outros microaspectos de forte efeito psíquico, reforçam um estilo de comunicação empobrecida e de um já generalizado analfabetismo funcional. Não que as redes impactem exclusivamente nessa direção, mas, aliadas a outros fatores (inclusive a ação das TVs), produzem esse resultado. Elites políticas e empresariais, tendo acesso e domínio à tecnologia de ponta, passaram a utilizar esses mecanismos com maestria perversa. A isso se soma não apenas os efeitos do analfabetismo funcional, como também a disseminação, já não tão recente, da cultura do consumismo *pós-moderno* (para a qual as táticas de guerra diversionistas das *fake news* e da ridicularização dos adversários se adequam como *a mão e a luva*). A tecnologia das redes digitais se abate sobre grandes segmentos sociais cognitiva e culturalmente despreparados para um uso inteligente desses instrumentos. Quem quiser neutralizar esse tipo de ação precisa lidar com os dois lados do problema: (1) o das novas tecnologias e seu uso político e (2) a condição do despreparo cognitivo e cultural dos públicos mais sensíveis a esse tipo de ofensiva, que os deixa literalmente infantilizados. Há que ver, nessa sequência, as barbaridades comportamentais que, entre outras, na TV – e nos filmes – se inculcam nas crianças nos chamados *programas infantis*, na publicidade para crianças e nos jogos digitais, os *videogames*, que trabalham por uma cultura de primarismo e violência¹⁴⁹.

AS POLÍTICAS DE PÃO E CIRCO

Os instrumentos de controle social utilizados pelas elites dominantes se interligam, formando uma rede de ações que se autorreforçam, tornando-as ainda mais poderosas. As políticas de *pão e circo* se aperfeiçoam desde o Império Romano. De um modo geral, deixaram para trás o caráter horripilante que tinham (à exceção dos débeis mentais do MMA e similares). O pão e circo, hoje, ganha até formas artísticas nos esportes. Nas Escolas de Samba se confundem com formas de expressão popular. Também ganham complexidade.

Pão e circo na política é um problema grave. Demanda a deficiência cognitiva e a infantilização das mentalidades. Alimenta a despolitização, fortalece o domínio clientelista, esvazia a cidadania, promove atitudes de dependência, garante a hegemonia dos endinheirados e dos manipuladores dos orçamentos (públicos e privados), deforma as personalidades e a política. Se conecta, assim, com várias formas de antipolítica e alienação.

A PROMOÇÃO DO HEDONISMO E DO CONSUMISMO

Essa uma das mais estruturais das questões – que, de novo, recoloca a importância central da ideologia, da cultura, em sentido amplo, interagindo com a economia e com a política na estruturação da vida social.

Max Weber pode ter exagerado, mas não errou, quando chamou a atenção para a importância do *puritanismo* (religioso e cristão) na formação do capitalismo americano. Não foi A causa, mas foi um componente (ideológico) importante no processo. Em especial, em

grande parte, a cultura americana nasceu daí. Contudo, a partir de um dado momento, foi se transformando em consumista e hedonista. Outros componentes da composição ideológica ganharam espaço e – se adequando melhor ao desenrolar-se da própria economia de mercado. O pequeno empreendimento familiar foi cedendo espaço a empresas maiores, a população e as necessidades aumentando e se diversificando, os costumes não só se liberalizando, mas admitindo a emergência pública da busca de prazeres e convivências de conforto, etc. A sociedade e a cultura se modificaram. O *puritanismo* continua impregnando a cultura americana, mas em um outro contexto, de produção em massa, da explosão da propaganda comercial, dos *persuasores ocultos* e do obsoletismo planejado¹⁵⁰, tudo isso ganha força, novos ritmos e amplitude, principalmente depois da Segunda Guerra.

Essas novas configurações da economia de mercado fortaleceram extraordinariamente o capitalismo (empresas mercantis, produtos que facilitam a vida de muita gente). Se isso se dá atrelado ao complexo industrial-militar¹⁵¹, no sentimento das pessoas comuns, dos consumidores, pouco importa. Suas necessidades e confortos (ao menos nas suas percepções) estavam sendo atendidos. Há, não obstante, as chamadas contradições e as *várias espécies de mal-estar na civilização* (não apenas as indicadas por Freud). Não obstante, as pessoas, de modo geral, não estão dispostas a arriscar o pouco que tem (ou que julgam ter) em troca de algo tão incerto e (para elas) não confiável, como é o caso de mudanças estruturais na vida social. O que Lênin chamava de *condições subjetivas para a revolução* estão a anos-luz de se realizarem.

As atrações do consumismo, do sonho da ascensão social e das *conspícuas* zonas de conforto atuais são extremamente

150 Vance Packard, *Estratégia do Desperdício* (IBRASA, 1965); Richard Sennett, *O Declínio do Homem Público* (Cia. das Letras, 1988) e *A Corrosão do Caráter* (Record, 2001).

151 Vide: J.K. Galbraith sobre o *complexo industrial-militar* (v. nas referências bibliográficas); Leonard C. Lewin, *A Paz Indesejável*, Ed. Laudes, 1969; Fritjof Capra, *O Ponto de Mutação*, Cultrix, 1988.

poderosas. Os críticos do sistema não conseguiram criar algo mais atraente. Proliferam as religiões seculares agora submetidas ao espírito do capitalismo. As mudanças possíveis no horizonte aparente – e talvez não só aparente – não vão além do caminho das reformas, ainda que se possa pensar numa sequência de reformas estruturais gradativas. Uma discussão antiga na *esquerda*, que está aí nos desafiando, cada vez com mais força.

Nesse tempo, o consumismo continua a fascinar os corações e as mentes da maioria.

Nos setores populares, no plano das práticas culturais, é preciso levar em conta a intensa disseminação do hedonismo mais barato e grosseiro: comer, beber, dançar, curtir festas o tempo todo. O *pão e circo* levado a impensáveis proporções. *Carnaval, suor e cerveja*, dizia Caetano Veloso. O roteiro é: diversão desregrada, banalização da vida, drogas. Legiões de jovens induzidos, por uma sociedade bloqueada, a preencher a vida com todo tipo de banalidade hedonista, que os coloca distante de qualquer ideia de assumir responsabilidades com a própria vida, menos ainda se preocupar com qualquer aspecto coletivo. Curioso como, nesse rumo, tornou-se símbolo de *status* tirar e postar fotos com um copo na mão. Milhões se orgulham de estar em festas com um copo na mão. Não há nem debate nem consciência política nesse contexto. É a anomia sob o (falso) controle do *beba com moderação*. É trágico, vamos repetir, preencher a vida com todo tipo de banalidade, banalizar a vida.

A HIPERVALORIZAÇÃO DAS PAUTAS IDENTITÁRIAS

Um dos mecanismos de cooptação e neutralização de movimentos críticos consistentes, ardilosamente postos em prática

pelo *establishment neoliberal* – e, também, por segmentos (auto-designados) *de esquerda* – tem sido a hipervalorização das pautas identitárias¹⁵². Por legítimas que sejam – e são – no modo como têm sido colocadas, negligenciam e ocultam a raiz do problema na dinâmica socioestrutural, o que precisa ser reconhecido como decisivo nas circunstâncias brasileiras. Não se trata de negligenciar as pautas ditas *identitárias*, mas preencher o horizonte de lutas só com elas (ou principalmente com elas) é um típico jogo *americanista* alienante, ou seja, pode-se assumir tudo, menos as raízes socioeconômicas das desigualdades, *as dinâmicas de classes* – e tudo vale para ocultar essa base conflitual (por mais que *luta de classes* seja hoje uma conceituação problemática¹⁵³).

Ser *gay*, mulher ou negro sendo pobre é radicalmente diferente de ser *gay*, mulher ou negro sendo rico (ou no topo das elites do capital simbólico). A depender do segmento social em que se vive, a discriminação não se exerce da mesma forma – e se dá de modo muito mais perverso sobre os pobres. E mais, a discriminação intraclasses é bem *diferente* da que se dá interclasses. Por outro lado, um foco excessivo numa questão identitária específica pode cegar a visão do todo sistêmico que precisa ser desafiado e superado (sem *esquerdismo*, sem *ódio* e sem *medo*).

Um exemplo problemático são as constantes referências ao *genocídio* de jovens *negros* nas periferias urbanas. Uma abordagem ou míope ou de má fé. Não se diz que os assassinos têm o mesmo colorido (a mesma “raça”) dos assassinados. Que também não são só *negros*, mas jovens pobres de todas as nuances de cor da

152 O núcleo do problema está no texto **As Artimanhas da Razão Imperialista**, de Bourdieu e Wacquant, sobre as ações dos centros reitores acadêmicos e financiadores americanos de hipervalorização das pautas identitárias, no Brasil, em grande medida apoiadas pelo PT, pelo PDT e pela Rede Globo. As lutas mal encaminhadas.

153 As classes perduram e são de importância considerável na dinâmica social, mas sem a natureza mecanicista (e abstrata) que lhes atribui o marxismo ortodoxo e sem o alcance histórico-metafísico que lhes procurou dar o neo-hegelianismo sobrevivente em Marx.

nossa população *miscigenada*. Os jovens das classes médias não entram nessas estatísticas nefastas, não porque não são *negros*, mas porque não fazem parte dos contingentes empobrecidos das periferias, criminosamente esquecidos por todos os governos que já passaram por este país.

Um efeito desse foco exclusivo nas *pautas identitárias* é que a atenção dos setores mais ativos da sociedade se desvia do foco socioeconômico, o que seria decisivo para alterar de fato as desigualdades mais brutais. Um foco exclusivo na pauta econômica ou classista também não resolve o problema.

As tensões e as *lutas* são plurais, mas há uma configuração discriminatória de fundo, que é sim *estrutural*, ou seja, é simultaneamente econômica (explora), política (domina) e ideológica (aliena). Focar os esforços de transformação (*a luta*) apenas nos aspectos (ditos) identitários, sem evidenciar os dispositivos socioeconômicos de fundo, alicerçados na rígida propriedade privada dos meios de produção, acaba sendo uma forma de garantir a preservação da estrutura atual. Se no lugar de Donald Trump tivermos uma Condoleezza Rice ou um Colin Powell, muda o quê? Se tivermos um forte setor *negro* nas elites econômicas e culturais, a maior parte, a esmagadora maior parte dos pretos, pardos e ditos brancos, quase todos *mestiços*, continuará pobre, marginalizada, sofrendo os mesmos tipos de violência que sofrem hoje, *a não ser que se realizem mudanças substantivas na dinâmica socioeconômica da sociedade*. Esta é a luta principal – o que não tira nem a legitimidade nem a urgência da desconstrução dos racismos (e de outros tipos de discriminação) todos abomináveis.

Se e quando pessoas de pele escura forem 50% em todos os setores da vida social brasileira, se continuam as favelas e a pobreza das periferias urbanas, se continua a estrutura socioeconômica atual, se continua a pobreza política, se continuam as práticas violentas nas tropas policiais, os jovens (desde a infância) submersos nos

ambientes degradados pela pobreza (negros, pardos e brancos) continuarão a ser a grande maioria dos assassinados e das vítimas da violência. As discriminações racistas poderão ser mitigadas, talvez – o que não é pouco – mas a injusta desigualdade estrutural permanecerá, oprimindo pretos, brancos e, a maioria (*parda* e) *mestiça*. A ascensão social de pessoas de cor (ou a formação de *uma burguesia negra*) não vai eliminar o fato de que a maioria dos brasileiros, além de *mestiços*, somos – e continuaremos a ser – a maioria (pobres e excluídos) vivendo em condições de habitação, renda, escolaridade, atendimento médico e segurança social de péssimas condições.

Há detalhes importantes – de grande importância no caso brasileiro, que precisam de melhor tratamento. Praticamente todos os (pseudo) teóricos dos racismos (são muitos os racismos, isto é, as discriminações e a negação de direitos decorrentes de supostas e falsas superioridades), praticamente todos os formuladores racistas enfatizaram que, do ponto de vista deles, a partir da distorção cognitiva deles, o maior problema são os *mestiços* (vamos nos poupar de citá-los – praticamente todos concordam nesse ponto: as tais “raças” (a melhor *ciência* hoje não reconhece a existência de “raças humanas”¹⁵⁴), as “raças”, diziam eles, mantidas cada qual no seu lugar, cada qual com suas características, é uma realidade com a qual se pode conviver. O grande problema, o vetor da “degeneração” das populações, seria a *mestiçagem*. Quando militantes dos *movimentos negros* importam para o Brasil a dicotomia (ortodoxa e puritana) de que o mundo é constituído por negros e brancos – o que é fundamentalmente falso – alinham-se com os piores racistas ao negar a realidade *mestiça* da ampla maioria dos brasileiros. Negam aos mestiços a sua condição de fato – que vem da história e do DNA – e tentam extirpá-los da existência, subsumindo-os numa identidade ideológica de

154

Praticamente em todos os contextos onde se fala em “questão racial” se dá legitimidade ao conceito estupefaciente de “raça” (apropriado e ressignificado pelos racistas). A questão nunca é “raça”, é racismo, onde se lê (ou se escreve) “racial” deve-se ler (ou escrever) *racista*. Não há “raças” a conciliar, há racismos a desconstruir – e eliminar os resíduos.

negros, para a maioria dos casos uma negritude fictícia, decorrente de uma expansão terminológica – que objetivamente se identifica com as leis do racismo norte-americano da *one drop rule*, as estúpidas leis da *gota de sangue* – que definiriam a “raça”¹⁵⁵.

Há uma minoria de origem europeia no Brasil, sem miscigenação. Alguns ficaram ricos e fazem parte das elites. Outros estão nas classes médias e outros são pobres, excluídos e sofredores. Os descendentes de africanos escravizados, a maioria deles continua nas camadas sociais mais pobres, mas não é desprezível o número dos que ascenderam legitimamente; as chamadas *exceções* não se explicam por *genialidades*, mas por espaços na vida real. Os *mestiços*, descendentes de lusitanos e africanas e índias – a maioria dos brasileiros – estão em todos os lugares sociais deste país, constituem a maioria. Há brasileiros negros, há brasileiros brancos e, a maioria, é de alguma tonalidade de marrom, mais claro ou mais escuro. Quer os designemos de pardos, mulatos, café-com-leite ou o que seja, somos os *mestiços* daquelas etnias que entraram na nossa formação. E o passado não volta. Nem voltam as etnias do passado. As elites africanas (negras), nos tempos da escravidão, não eram nem melhores nem piores que as elites europeias. O elenco dos méritos – e dos crimes – das elites brancas, negras, amarelas, etc. – ao longo da história – se equivalem. Pretender dicotomizar em negros e brancos a população brasileira é pura consequência de uma obstrução ideológica. Nega a identidade e a diversidade básicas dos brasileiros, filhos das miscigenações etnofenotípicas. As dicotomias e ortodoxias (puritanas, bizantinas ou stalinistas) falseiam a realidade. Não pode ser esse o nosso caminho.

155

Sobre esse tema, é preciso ler Demétrio Magnoli, **Uma Gota de Sangue** (Ed. Contexto, 2009) e Antonio Risério, **A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros** (Ed. 34, 2012). De nossa parte, alertamos que a miscigenação não se deu entre “raças”, mas entre etnias e populações fenotipicamente distintas. Não devemos embarcar no espúrio conceito de “raças humanas”. Por outro lado, a valorização de uma autêntica negritude, histórica e estética, fica obstruída e mistificada. *Black is beautiful*, tanto quanto todos os demais tons de pele e tipos de cabelo. Podemos celebrar cada um deles e todos eles. Eles, no caso, somos nós, a raça humana.

O DESCRÉDITO DA POLÍTICA

Outro mecanismo das estratégias do *establishment* é fomentar o descrédito na ação política, fomentar o ceticismo e a indiferença, ou seja, a inação. Para isso existe a tese do *voto facultativo*, como se a cidadania não implicasse em direitos e deveres, alguns inclusive obrigatórios. São diversas as formas insidiosas de pregar essa descrença: desde a pretensa malignidade da *natureza humana* até o egoísmo mais alienante, passando pelo mantra de que *todo político é ladrão* e de que *política é coisa suja*, gerando a atitude tão arrogante quanto equivocada do “*não voto em ninguém*”, “*é tudo farinha do mesmo saco*”. Às vezes é mesmo, mas nem sempre. As opções da cidadania ativa precisam ser construídas, o que não acontece sem ampla participação – participação crítica. É verdade, não se trata de uma nova política, mas de pôr em ação um comportamento político com metas precisas e meios condizentes com estas metas, que precisam ser compreensíveis, factíveis e éticas, com conexões efetivas com os interesses populares. Não será uma forma *nova* porque muitos, em todas as épocas, tentaram. Resta fazer de um modo que permita, induza, efetive exemplos a seguir. De novo, a conferir.

Não conhecemos nossos limites, mas podemos presumi-los a partir da análise de cada situação concreta. Isso não nos condena a metas medíocres. A extinção do tráfico de escravos, por exemplo, foi uma meta ousada – e, por muitos, considerada, à época, inatingível. Foi uma luta política e social, a partir de condições socioeconômicas que emergiram da revolução industrial e dos processos de organização empresarial do capitalismo. Sem uma ação política ampla, diversificada, longa, incansável, a captura e o tráfico de escravos estariam aí até hoje¹⁵⁶.

156

Dessa luta não surgiu o paraíso, mas a expansão do trabalho assalariado e outros desdobramentos. A luta continua. A extinção do tráfico (e das práticas de escravização, de escravos, de africanos, de indianos e *tutti quanti*) foi uma conquista humana. Não alterou o DNA de ninguém, foi uma luta civilizatória, cultural e política. Um passo gigantesco, da maior expressão. Ainda hoje subsistem casos extremos e residuais, que não eliminam a grandeza do passo histórico que foi alcançado – e que, entre outros, desmente o descrédito na ação política consequente.

AS CORRENTES RELIGIOSAS CONSERVADORAS

Já Rousseau (século XVIII) identificava o domínio social como exercido a partir da força e da persuasão. Gramsci chamou isso de *coerção* e *hegemonia*, esta, sendo o controle ideológico, o controle no plano dos condicionamentos culturais, a que as pessoas são submetidas desde a infância. A este controle introjetado na mente, Freud chamou de *superego*. Muitos autores trataram disso, sob vários aspectos.

Possivelmente o principal recurso dos sistemas dominantes, ao longo de toda a história humana, para exercer essa *hegemonia*, tenha sido a ação das religiões conservadoras. O poder político, concentrado no Estado, regra geral, sempre esteve associado a elites religiosas. Com muita frequência, na Antiguidade, estiveram identificados num só poder, na Idade Média, na Europa, o Papa e o Rei eram unha e carne. Um esforço de separação destes dois poderes só veio acontecer no século XVII, depois da Guerra dos Trinta Anos¹⁵⁷. Foi um processo lento, gradativo e complexo e – mesmo hoje – não é um assunto fácil. Por isso, entre outras coisas, Marx considerou a religião como o *ópio do povo* (ainda que não tenha sido o primeiro a dizer isso), no mesmo parágrafo disse que a religião é também o lamento (há quem traduza como o *grito*) dos oprimidos. O templo e o sacerdote sempre estiveram do lado do poder. Mas, o outro lado também é verdadeiro, a luta dos oprimidos sempre contou com a sua versão de religiosidade e com líderes religiosos lutando ao seu lado. Os opressores (e os oprimidos) sempre têm a racionalização ideológica de seus interesses – um fenômeno humano, antropológico, na maior parte das vezes com rotulagem religiosa e, às vezes, com

157

Guerras Religiosas, uma sequência de guerras tenebrosas entre nações europeias, de 1618 a 1648, envolvendo disputas de poder, territoriais e religiosas. A partir daí a ideia de separar religião e poder político passou a ganhar maior consideração.

(energúmenas) pretensões científicas (como no caso do racismo de Gobineau, Agassiz e outros).

As rebeliões camponesas, contra as brutalidades feudais, no mundo todo, sempre tiveram, lado a lado, líderes políticos e religiosos. Os *quakers*, no século XIX, estiveram entre os pioneiros na luta contra a escravidão, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Na luta contra as ditaduras militares na América Latina, nos anos 60-70, religiosos católicos, protestantes, umbandistas e outros, tiveram papel importante. Contra o racismo americano é óbvio lembrar, o ateísmo prático (ou teologia silenciosa) de Ângela Davis, o islamismo de Malcolm X e o cristianismo de Martin Luther King. No massacre dos índios nas missões guaranis, no século XVIII, uma das muitas tragédias históricas, padres jesuítas estavam entre os massacrados. Tinha padres e religiosos de todos os lados: Portugal, Espanha, Igreja, bandeirantes *caçadores de escravos* e os povos das missões, todos tinham os seus religiosos.

Curioso, portanto, que dizer-se religioso não quer dizer nada, não define lado, nem ética. É preciso ver no comportamento prático quem é quem.

Exemplo emblemático desse *imbróglia* são as chamadas *guerras hussitas*, na Boêmia do século XV (hoje República Tcheca). Jan Huss, líder religioso tcheco, foi queimado vivo por ordens do Papa e do Imperador (1415). O povo tcheco se revoltou. Deflagra-se uma revolta contra a Igreja, entrelaçada com lutas dos camponeses e de pequenos proprietários por melhorias de vida e pela autonomia nacional, tudo sob roupagens religiosas. Camponeses cristãos hussitas (seguidores de Huss) lutam contra nobres cristãos hussitas (seguidores de Huss) e, ambos, contra o Papa (cristão católico) e o Imperador (do que se intitulava *Sacro Império* Romano Germânico) seu aliado. São 40 anos de guerra, as três facções se matando entre si, cada facção com seus interesses e todas em nome de Jesus

Cristo. Milhares e milhares de mortos. Um exemplo emblemático de conflitos ideológicos.

Que lição tirar disso? Ou religião é uma *coisa de louco*¹⁵⁸, ou tem sido manipulada por interesses de todo tipo. Pode-se *esboçar*¹⁵⁹ uma abordagem que tenta examinar isso com mais profundidade:

1. Uma coisa são as questões psíquicas (ou psicossociais) que geram a busca e a identificação religiosa;
2. Diferente são as questões teológicas que, não raro, expressam formas de compreender e outras vezes mascaram interesses;
3. Outra coisa são os movimentos sociais que se identificam com formulações religiosas (ou teológicas) enquanto ideologia, ou seja, *formas de consciência social*, que podem significar a *consciência possível* naquelas circunstâncias históricas concretas¹⁶⁰ (a exemplo dos *hussitas*). Daí, talvez, porque simultaneamente *ópio do povo* e *grito dos oprimidos*. *Ópio ideológico*, uma forma de ver que esconde as raízes reais dos problemas e *grito dos oprimidos*, uma forma de se expressar historicamente condicionada. Sem dúvida este é um tema ainda atual – que merece reflexão. O que se constata em praticamente toda a história humana é a religião (nas mais diversas formulações) servindo de justificativa ou de pretexto para quase tudo.

158 Richard Dawkins, biólogo e cientista americano de prestígio, de convicções liberais, escreveu **Deus, um delírio**, onde defende a ideia de que não é preciso acreditar numa entidade superior e sobrenatural para *viver com ética, fazer o bem e apreciar a natureza*. Não é o único – nem são poucos – a pensar desse modo. Freud (**Mal-estar na civilização**) defende o emprego do termo *religião* apenas para as crenças populares – e não para abstrações filosóficas sofisticadas, Dawkins (**Deus, um delírio**), nesse ponto, diz a mesma coisa.

159 *Esboçar* não é resolver, é tentar delinear, tentar entender.

160 Sobre essa temática, multidimensional, uma fonte esclarecedora é **Ideologia e Contraideologia**, de Alfredo Bosi; também **A Questão da Ideologia**, de Leandro Konder e **Ideologia e Utopia**, de Karl Mannheim. Para um debate mais denso (e de difícil digestão) ver **O Poder da Ideologia**, de István Mészáros.

Assim, se não quisermos simplificar indevidamente as coisas, não cabe achar que a religião está aí a serviço dos opressores ou a serviço do sistema opressor (involuntariamente ou não). Quando se observa, então, que os *evangélicos* no Brasil (de 2018) majoritariamente apoiaram políticos *de direita*, a questão não é *a religião*, mas por que essa – e não outra – modalidade de religião. Ao menos no plano humano, há religiões que escravizam, há religiões que libertam – ou, ao menos, a isso se propõem. Também podem libertar sob alguns aspectos e aprisionar sob outros aspectos. O fato principal é que, no campo sociopolítico, por mais que os adeptos elevem os seus símbolos, os conflitos tendem a confundir e a capturar organizações e líderes religiosos para um lado ou para o outro. Quem vai explicar isso, a teologia ou a sociologia? Essa, certamente, será uma disputa de longuíssimo prazo. Religiosos e não religiosos, de todos os naipes, todos os que se opõem à opressão e à degradação da vida humana, precisam estar lado a lado na construção de um mundo social mais humanizado e mais justo.

A POBREZA EXTREMA E A DEPENDÊNCIA COMO FATALIDADES

Marx nunca contou com os extremamente pobres para a revolução que preconizava. Contava com *a classe operária* – mais do que aglutinada, solidarizada pelas condições de trabalho e objetivamente interessada na grande mudança. Os mais miseráveis¹⁶¹, o *lumpemproletariado*, como os chamou, viviam em condições tão

161

Importante considerar o que diz Roger Garaudy sobre o conceito de *pauperização* em Marx. Cf. Garaudy, Roger – **Karl Marx**, Zahar, 1967, pg. 171/180 [trecho que, salvo equívoco da memória de um militante, foi publicado clandestinamente pelo PCB, em plena ditadura militar no Brasil (anos 70), curiosamente numa brochura em formato minúsculo, algo como 10 x 5 cm].

precárias que a tendência maior é que fossem cooptados pelas manobras da classe dominante.

No mundo real de hoje amplia-se a exclusão: grandes contingentes humanos são colocados fora dos circuitos produtivos e ampliam-se as formas graves de pobreza material e política.

Os mais pobres resultam ser os sem esperança, tomados de fatalismo. Não acreditam em si mesmos, não veem qualquer futuro diferente, quedam-se na apatia e nas rotinas, tomam as desigualdades e as hierarquias como dados da ordem do mundo. Nada, ou melhor, muito pouco compreendem do que acontece e, muitas vezes, se acham privilegiados pelos restos a que têm acesso¹⁶².

De há muito a sociologia identificou que os mais carentes têm dificuldade em pensar cenários alternativos, tão focados precisam estar nas necessidades imediatas que os pressionam: muitas vezes não ter o que comer. Sartre, de há muito, identificou o problema:

*"... imerso na situação histórica, o homem [na situação de pobreza extrema] sequer chega a conceber as deficiências e faltas de uma organização política ou econômica determinada, não porque 'está acostumado', como tolamente se diz, mas porque [...] nem mesmo é capaz de imaginar que possa ser de outro modo [...] não é a rigidez de uma situação ou os sofrimentos que ela impõe que constituem motivos para que se conceba outro estado de coisas, [...] é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis"*¹⁶³.

À medida que se ampliam as populações excluídas amplia-se o desafio de despertá-las em mobilizações conscientes e organizadas,

162 Sobre a perplexidade dos muito pobres ver Bourdieu (e outros), **A Miséria do Mundo** (Vozes) e William T. Vollmann, **Por Que Vocês São Pobres** (Ed. Conrad, 2010). Também tem muito a ver com essa temática o conceito de pobreza política de Pedro Demo (**Pobreza Política**, Cortez, 1988).

163 **O Ser e o Nada**, Vozes, 1997 – pág. 538.

em passos estratégicos capazes, não de produzir meras insurreições, mas transformações efetivas. *Amplia-se o desafio* porque é patente a ineficácia do que tem sido feito. Culpar as elites, culpar o leão de sua ferocidade, não passa de lamentação inútil. A quem interessar possa, são indispensáveis alterações estratégicas nas formas de luta.

O CRIME ORGANIZADO, ALIADO SISTÊMICO DAS ELITES ALIENADAS¹⁶⁴

As áreas periféricas dos centros urbanos concentram os maiores contingentes das populações pobres. O Estado, focado nos interesses das elites e das classes médias, dá uma atenção irrisória aos oceanos de pobreza das periferias. Quando muito alardeia estar salvando o mundo com políticas compensatórias perpetuadoras da *pobreza das massas*. É um tipo de caridade feudal. As pessoas (e famílias) carentes continuam carentes, estruturalmente aprisionadas na pobreza e focadas no assistencialismo – que nada transforma. Ainda pior, cultiva-se a mentalidade do príncipe caridoso, preocupado com os pobres. E ainda aparece quem diga que isso é uma política *de esquerda*. É uma absoluta falta de imaginação.

Mas as populações destes oceanos de pobreza não ficam paradas, correm atrás dos *bicos*, das oportunidades de subemprego, dos biscates, contudo, sob a expectativa (quase sempre) ilusória de contar com a ajuda providencial de um governo generoso. Uma vida de impasses e frestas de sobrevivência. Isso cria uma dinâmica imensa quase que por fora da economia capitalista formal, cria um outro universo socioeconômico, ao lado de – e interagindo com –

164

Considerando que nem toda elite é alienada. Mas é interessante a expressão introduzida por Piero C. Leirner de que há uma *burguesia lúmpem* (Leirner, Piero C. – **O Brasil no Espectro de Uma Guerra Híbrida**, Alameda, 2020).

os setores mais formais da economia, acessando-lhes as sobras. Isso, de um lado, gera mão de obra barata, de outro lado, instala um pesado bloqueio a um verdadeiro desenvolvimento.

Esses oceanos de pobreza, socialmente intensos e economicamente multifacetados (e subdesenvolvidos), emanam anomia e impelem os indivíduos mais dinâmicos (ou mais impacientes – e, nessas condições, são muitos) para negócios de risco, ilegalidades e, no limite, parceria com iniciativas criminosas. Prolifera o crime e, no rastro, a atividade de milicianos, demandados pelos comerciantes indefesos. Só falta a construção de *Elysium*, a estação espacial que vai abrigar os privilegiados (do outro mundo socioeconômico) da economia formal. Os estágios preliminares de *Elysium* já estão instalados nos condomínios fortificados.

Este é o retrato de um mundo em decomposição. É a base social do Brasil de hoje – e de outros países pelo mundo. E nessa construção da catástrofe a disputa política predominante é saber qual o melhor populista para segurar os oceanos de pobreza, enquanto os ricos preparam a fuga para o que consideram o 1º Mundo, que também está em crise.

Neste palco, como as elites no poder, de fato, veem as milícias? Como incômodos aliados, provavelmente. Não deve ser por acaso que nada de sério se faz contra qualquer um desses componentes desse cenário caótico e perverso. As milícias são os gestores do caos (naqueles espaços).

As instituições políticas – os seus ocupantes de plantão – se consideram absolutamente incapazes de lidar com a dimensão real destes problemas – não os vêem como desafios, mas como fatalidades irremovíveis – e cuidam apenas de preparar os seus refúgios. Fazem de conta que a situação está sob controle e trata-se apenas de resolver detalhes administrativos. Uns se beneficiam da situação, outros fazem de conta que estão cuidando de resolver os problemas,

sem de fato mudar nada. Estamos no Titanic, rumando célere para a catástrofe, e os oficiais de comando, à direita e à esquerda, trocando insultos na polêmica de como arrumar as cadeiras no convés. Ninguém efetivamente muda nada e – a persistir essa situação – desastres maiores, além dos que já estão aí, virão inevitáveis.

O DOMÍNIO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

No livro *A IDEOLOGIA ALEMÃ*, de autoria de Marx e Engels, não publicado durante a vida deles (e que os próprios se resignaram a supor que teria ficado à *crítica dos ratos*, em alguma gaveta abandonada) entre inúmeros conceitos que vieram a ser objeto de grandes polêmicas, está o de que:

“As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual”¹⁶⁵.

Essa era a ideia básica – e é difícil não a reconhecer como verdadeira. A sequência do parágrafo a seguir se mostrou menos defensável:

“As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações

que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação”¹⁶⁶.

É interessante lembrar que essa era talvez a primeira vez na história que isso era dito com essa clareza, embora possa ter havido antecedentes, em Rousseau, por exemplo. A questão não é a precedência, é o conteúdo. A primeira das citações acima corresponde à realidade dos fatos, ao longo de toda a história. Seja através das pregações nos eventos religiosos seja na condução dos negócios civis e militares, seja no interior mesmo do processo produtivo, a classe de homens que detém a posse e o comando do conjunto da vida social impõe suas ideias.

As pessoas individualmente nunca pensam igual. O pensar é complexo e idiossincrático. Sempre devem ter surgido divergências e contestações a todo tipo de pensamento. Por isso a segunda das citações (“*as ideias... nada mais são...*”) se revela equivocada. São frases escritas há mais de 150 anos, nos primórdios de uma investigação pioneira. Acerta no básico e se equivoca no detalhe – detalhe que pode ser de grande importância.

O foco da nossa avaliação aqui é a situação atual – e é nítido que esse domínio ideológico existe, por mais que seja contestado por setores divergentes. Quando se foca nos mecanismos de hegemonia do atual *establishment*, do grande empresariado, das elites econômicas e militares, é notória a ascensão que gozam em todos os segmentos da vida social. Talvez uma das formulações mais pertinentes seja a de Pierre Bourdieu que chamou a atenção para que, ao lado do capital econômico, funcionam as diversas formas de capital simbólico (educacional, cultural, científico, etc.).

Por tudo isso – e por mais que busquemos aprofundar o assunto – causa espanto que, contemporaneamente, nos dias atuais, os setores de *esquerda*, contestadores do *establishment*,

principalmente nas últimas décadas, tenham se deixado ficar tão completamente desarmados no que diz respeito ao acesso aos *meios de comunicação de massa*. Tendo à disposição uma teoria que, desde mais de 150 anos atrás, chama a atenção para os instrumentos desse domínio ideológico, teoria aperfeiçoada desde Antonio Gramsci (com os conceitos de hegemonia e do papel dos intelectuais), deixaram-se ficar cada vez mais dependentes do acesso a veículos que lhes são hostis. Um completo *non sense*¹⁶⁷.

Não vamos buscar aqui as razões ou desrazões dessa situação, apenas registrar o fato. Analisar o porquê dessa situação demandará um tempo e um espaço considerável. Podemos tão somente indicar algumas provocações do tema.

As correntes revolucionaristas tinham como meta tomar o poder no curto prazo, não obstante Lênin e Trotsky tenham sido mestres na utilização dos mecanismos de comunicação de massa de sua época. Mas deu no que deu (os stalinistas e os hitleristas também aprenderam), os equívocos estavam nos meios e nos conteúdos. Numa quase banalização podemos dizer que fizeram o primeiro gol, parecia que iam ganhar o jogo, mas acabaram perdendo o campeonato do século. Mas estava longe de ser uma mera competição esportiva. Milhões de vida se perderam no caminho.

No enfrentamento com as configurações opressivas, os comunistas pecaram de um modo, os da social-democracia pecaram por outro. Erros que levaram ao fracasso várias experiências que pareciam fortes. O caso do Partido Socialista Francês é emblemático: depois do governo “socialista” de Mitterrand (1981-1995), o partido quase desapareceu. Aparentemente ressuscitado com a vitória de Hollande, de novo, mergulha no limbo. A imoral colagem desse

167

Houve um debate intenso em torno dos *aparelhos ideológicos do Estado*, restrito a certos círculos da *esquerda* mais intelectualizada, envolvendo interpretações distintas de Marx, de Althusser e Gramsci, principalmente. Mas os movimentos de *esquerda* não entraram nesse debate e, de modo ainda mais marcante, permaneceram extremamente tímidos nesse campo, impotentes em competir, mesmo quando partidos ditos *de esquerda* chegam a ocupar altos cargos em diversos governos.

partido com o receituário neoliberal do *establishment* tem tudo para explicar seu fracasso. Mas esse é um assunto para mais adiante.

A completa (nos melhores casos, quase completa) ausência das chamadas *forças de esquerda* dos grandes meios de comunicação só se explica por visões políticas seriamente equivocadas, ou excessivamente voluntaristas ou afastadas de *um efetivo projeto transformador*. Nos casos citados, em proporções diferentes, verificou-se um distanciamento da realidade. O *establishment* agradece. O time joga mal, perde, e culpa o adversário (ou o juiz).

Os jornais, as revistas, o cinema e os canais de TV eram, até pouco tempo atrás, imbatíveis como os *meios de comunicação de massa*. Hoje, os jornais caíram para terceiro plano e os canais de TV disputam com as redes digitais a primazia da influência na opinião pública. Nas redes digitais, com o uso dos *robôs*, estratégias refinadas e o controle político por parte dos proprietários e operadores dos aplicativos, os setores antes dominantes continuam dominantes. Sua influência se multiplica na medida em que repercutem a ação dos demais dispositivos institucionais e psicossociais que pontuamos acima: a atomização dos indivíduos, a hipertrofia dos identitarismos, as falácias do neoliberalismo, a infantilização dos públicos, o descrédito na política, etc.

COLOCAR O CAPITALISMO SOB CONTROLE HUMANO

Democracia, liberalismo e modernidade são fenômenos frequentemente confundidos como inerentes ao sistema capitalista. Não é o caso. São fenômenos que têm relativa existência própria. *Relativa* porque só podem existir enquanto práticas sociais, são iminentes à vida social. As práticas capitalistas se valem do que existe, no momento que aparecem numa formação social, (os portadores de sua lógica) aliam-se ao que puder para penetrar, sobreviver e crescer naquela formação.

O capitalismo pode muito bem existir sem democracia e sem liberdades políticas. Na Inglaterra (século XVII) fortaleceu-se na ditadura teocrática do puritanismo de Cromwell. Aliou-se ao xintoísmo e ao despótico centralismo japonês (séculos XIX e XX). Até certo ponto, estabilizou-se na Rússia sob o comando de Vladimir Putin (século XXI). Manteve-se consolidado nas ditaduras militares em vários países latino-americanos, inclusive no Brasil (século XX). A história real do sistema mostra que o liberalismo econômico e o liberalismo político podem não coexistir, um não depende do outro. No Chile (final do século XX), o neoliberalismo foi implantado pela ditadura sanguinária do general Pinochet. Os capitalistas se servem da democracia e do liberalismo quando lhes é conveniente, idem quanto às ditaduras.

Contudo, de fato, o que parece não ser possível é capitalismo sem *modernização* econômica e, até certo ponto, cultural. O pleno desenvolvimento desse sistema demanda uma modernização do consumo. Mas, ainda assim, pode ser uma modernização nefasta, por exemplo, valorizando alimentos enlatados e, na cultura, a promoção da mediocridade. Por outro lado, não vamos esquecer que, em situações específicas, os enlatados matam a fome e salvam vidas. O capitalismo, como tudo o mais, contém ambiguidades, paradoxos, contradições.

O que é mais nocivo é permitir completa liberdade à lógica do mercado capitalista a promover desigualdades desumanas e – como temos visto – alimentar os oceanos de pobreza e miséria¹⁶⁸, no entorno – e por dentro – das ilhas de prosperidade.

168

A miséria moral de amplos setores das elites (e de suas ramificações sistêmicas) não deixa de ser um tema importante a ser examinado (amplamente tratado na melhor literatura de todas as partes do mundo). A miséria humana também é *multifacética e heteróclita*. Como indicamos quando falamos de *natureza humana*, não somos (intrinsecamente) nem anjos nem demônios, mas podemos ser. A biologia e as configurações sociais condicionam o desenvolvimento das nossas singularidades. As *circunstâncias* (Gasset) carregam cargas existenciais que, com frequência, nos colocam diante das situações limites (de que nos falava Karl Jaspers).



A humanidade aprendeu a dominar e controlar o fogo, a energia elétrica e (até certo ponto) a energia nuclear. Conseguiu feitos admiráveis na medicina e avanços tecnológicos extraordinários em vários outros campos. Por que não aprenderá a submeter a lógica capitalista aos interesses humanos mais legítimos? É uma falácia dizer que o capitalismo é irreformável e que temos que destruí-lo e substituí-lo por completo. Esta é uma tarefa que não está no horizonte do possível. Não se tem disponível, hoje, qualquer sistema alternativo (para equilibrar a vida de 8 bilhões de pessoas). Não se cria um novo sistema social da noite para o dia, leva séculos. Só é viável pensar alternativas numa hipótese de muitas décadas à frente, alterando o sistema a partir de dentro, caso a tecnologia e a organização social sejam criteriosamente orientadas para essa evolução.

Criar um sistema socioeconômico que faça justiça ao potencial humano, esta é uma meta, ainda não realizada, a ser interpretada de modo abrangente e incisivo: eliminar essa convivência indecente do luxo excepcional para uns e penúria degradante para muitos. Construir uma situação de respeito, decência e dignidade para todas as pessoas. Essa é a meta, esse é o objetivo. Não será sonhando que se pode chegar lá. Há um longo caminho pela frente, de lutas legítimas e necessárias, com os pés no chão, com análises competentes, com providências exigentes e precisas. Trabalhar com fatos – e propostas, simultaneamente, claras, ousadas e realizáveis.

Uma das características mais estruturais que sustentam esse *establishment* é a propriedade privada dos meios de produção e um enorme acúmulo de riquezas nas mãos de poucos. Construiu-se historicamente uma exacerbação da propriedade de uma minoria e o despojamento de toda propriedade da maioria. As gerações que chegam encontram uma barreira de não direitos, salvo os que estiverem entre os *herdeiros* dos privilegiados¹⁶⁹. Esse é um problema a ser enfrentado pela exigência adequada do uso social da propriedade.

Disseminou-se a meia-verdade de que estamos na *era do conhecimento*, mas ainda é a poluição industrial que está ameaçando o planeta com a catástrofe climática. A questão ambiental é real e, também, precisa de prioridades, de providências urgentes e efetivas.

As empresas produtivas (e de serviços) são instituições de decisiva importância na vida social, na produção, na comercialização e no transporte, na geração de empregos e na alocação dos recursos. O arranjo capitalista que as produziu nos trouxe até aqui, criando um mundo novo. Não se descobriu um outro modo mais eficiente de gerar riqueza e tecnologias novas, indispensáveis ao mundo contemporâneo (e não tem sentido pensar-se uma sociedade moderna e tecnologicamente avançada sem Estado). Mas é indispensável – e possível – controlar os efeitos disfuncionais. Podem existir inúmeras formas de *capitalismo*. O sistema produtivo precisa ser e estar compatível com a dignidade e a qualidade de vida das pessoas, de todas as pessoas, dentro das regras éticas que precisam regular a vida humana. A democratização das empresas e a responsabilidade social (e ambiental) são temas centrais na abordagem para um mundo melhor¹⁷⁰.

As economias, impregnadas de iniciativas globais, vão exigir dos Estados uma revisão consistente de seus papéis – principalmente no sentido de atender às necessidades de suas respectivas populações e no sentido de eliminar as manchas, enormes, de penúria e pobreza.

A história da humanidade poderia ter sido diferente? É impossível ter uma resposta segura para esta pergunta. Contudo, o mais perto de uma resposta segura é que não, não poderia ter sido diferente, nos traços mais gerais. Os detalhes poderiam ter sido diferentes, o quadro geral não. Por quê? Porque *cada um age*

170

As propostas da velha Democracia Cristã, as propostas de Robert Dahl, os caminhos do socialismo evolutivo, as análises de Michael Harrington (*O Crepúsculo do Capitalismo*) – e muitos outros – certamente contêm pistas úteis para novas jornadas de trabalho e lutas.

conforme as luzes que tem. Como um homem (ou um grupo humano) primitivo, no mundo selvagem e impiedoso em que vivia, poderia ter agido diferente? O acúmulo de experiências histórico-culturais é que possibilita a compreensão de caminhos alternativos. As etapas da evolução biológica decorrem dos percursos permitidos pela configuração ambiental, em grande medida formada por caminhos aleatórios. As etapas da evolução cultural decorrem das oportunidades que foram criativamente aproveitadas, o que também depende, em grande medida, de fatos aleatórios e fortuitos. Os homens e mulheres dos primeiros grupos primitivos não tinham disso a menor noção. O desafio diário era sobreviver. Sem *a evolução cultural* ainda viveríamos nas mesmas condições de milhares de anos atrás.

A história se deu, portanto, simultaneamente produtiva e trágica – e aqui estamos. Se alguma coisa pode ser diferente é, até certo ponto, agora e no futuro. Ganhamos consciência de muitas coisas e, talvez, possamos, se houver empenho e lucidez, fazer diferente. O que, sem dúvida alguma, exige uma série complexa de providências preparatórias, não para chegar a algum tipo de terra paradisíaca, mas para abrir novos caminhos, superando o (generalizado e profundo) *mal-estar da civilização* (os oceanos de pobreza e violências multidimensionais) – e construir novas realidades, no âmbito do possível, cujos limites não conhecemos.

O processo civilizatório precisa ser compreendido, não para ser repetido, mas para que possamos fazê-lo avançar. De modo precipitado, sem prejuízo das urgências, jamais sairemos da confusão de onde estamos. Diagnósticos competentes, métodos e metas intermediárias são imprescindíveis. O diagnóstico mais consistente não pode deixar de levar em consideração as contradições, os paradoxos, na estrutura e na dinâmica constitutiva das coisas. O que vier a parecer como o *sumo bem* poderá trazer consigo o *sumo mal*. Nos extremos, já nos alertava Aristóteles, não encontraremos nem a felicidade nem a virtude, para tudo precisamos encontrar *a justa medida*¹⁷¹.

171

O que dá pra rir dá pra chorar, questão só de peso e medida, problema de hora e lugar, já dizia também uma musiquinha popular, bela e profunda: Canto Chorado, de Billy Blanco, anos 60, v. <<https://www.youtube.com/watch?v=kqaidHLj5ZY>>.

A propriedade privada e a acumulação do capital tiveram (e têm) os seus espaços de legitimidade, na história e no presente.

Proudhon, Kropotkin, Marx e Lênin, anarquistas e marxistas, os mais empedernidos adversários da propriedade privada (dos bens de capital) sabiam que, desde a origem e avançando pelo futuro, há um espaço legítimo para a propriedade privada. Por outro lado, notórios defensores da propriedade privada (como, por séculos, a Igreja Católica), a partir de um dado momento, passaram a *reconhecer a função social da propriedade*. Ao invés de radicalizar, de extremar, buscando conceituações absolutas, o que precisamos é ver tudo isso no quadro de uma evolução histórica conflituosa, elementos que precisam ser trazidos para a justa medida de nosso tempo, numa perspectiva de construção de um mundo humano melhor, que nos permita elevar a qualidade da vida, de modo generalizado, consistente e sustentável, sem ilusões paradisíacas ou escatológicas.

Os fisiocratas achavam que só a agricultura gerava riqueza. Os marxistas enfatizaram a geração da riqueza pelo trabalho (o que David Ricardo e os escravistas de todos os tempos já sabiam). No trabalho assalariado, dizia Marx, a expropriação da riqueza gerada pelo trabalho, fica oculta no pagamento do salário, na mais-valia (não contabilizada mas) apropriada e acumulada pelo detentor do capital¹⁷².

A acumulação do capital começa com a pirataria, o saque, a apropriação violenta (o que, no mundo selvagem, é a regra geral, ainda que existam as exceções e que a cooperação também tenha seu papel¹⁷³). Sabemos da corrida armamentista que nossa história produziu (da qual ainda precisamos nos libertar).

Hoje podemos compreender que a acumulação de capital decorre de uma série ampla de fatores (além da pirataria e do saque). As empresas modernas acumulam recursos:

172 Marx, contudo, compreendeu mal o trabalho de criação e de gestão. Cf., por exemplo, **Marx, Crítico de Marx**, de João Bernardo (Afrontamento, 1977 – vol. III).

173 Cf. Kropotkin, Piotr – **Ajuda Mútua**: Um Fator De Evolução.

1. Pela troca desigual (vendem a preços superiores ao custo de produção, uns ganham outros perdem, uns acumulam, outros se descapitalizam e quebram);
2. Pela mais-valia potencializada na alta tecnologia (a mão de obra necessária é especializada e incorpora a criatividade e o trabalho de gerações passadas, o trabalho criativo incorporado nas tecnologias potencializa o trabalho, que assim assume a aparência de alta produtividade);
3. Pela escala da produção (com as novas tecnologias, no tempo em que antes se produziam 100 peças, hoje se produzem milhões de peças que, mesmo vendidas por preços menores, permitem ganhos de escala antes inimagináveis).

Por outro lado, no mundo atual, é impossível gerar desenvolvimento sem investimentos, em máquinas, processos, capacitação técnica, remuneração de muitas pessoas, etc. Ou seja, se não houver capital acumulado (em mãos estatais ou privadas) o resultado é a estagnação e a pobreza.

Essa compreensão escapa às análises da *esquerda* ortodoxa que só vê o lado expropriador do mundo empresarial e – mais modernamente – a geração do consumismo. Mas tudo é muito mais complexo. A geração da riqueza, na proporção que as dimensões populacionais hoje exigem, não pode dispensar capital acumulado (que se traduza em investimento).

As deformações da hipertrofia da circulação financeira e da fantasia da geração de riqueza contábil é um grande problema, mas não elimina a necessidade do capital aplicado na produção.

Uma empresa estatal pode ser bem ou mal administrada. Uma empresa privada idem. Uma empresa estatal pode ser administrada de modo tirânico e ineficiente, oprimir e explorar seus empregados e extorquir os clientes de seus produtos ou serviços.



Uma empresa privada idem. As empresas privadas mal administradas quebram, e seus bens passam a outras mãos, aparentemente mais eficientes. Empresas estatais mal administradas podem ser corrigidas, dependendo dos dispositivos de aferição dos resultados (não só financeiros) e da democratização do sistema de governança. Empresas privadas podem ser bem geridas, tratar e remunerar bem seus empregados e fornecer a seus clientes bons produtos ou serviços. Empresas estatais idem. Estas situações podem ser as mais diversas. O problema não está nesse nível, de ser privada ou estatal. O ponto crítico, o *xis* do problema é se a empresa está ou não subordinada a um controle democrático eficiente (por dentro e por fora de suas estruturas)¹⁷⁴.

O que está oculto por trás desta problemática é que toda e qualquer riqueza produzida é social, indiretamente produzida pelo conjunto da sociedade, resulta do conjunto da cultura. Sem a base da cultura já estabelecida ninguém produz ou cria nada. A apropriação privada (e desigual) dos resultados é que constitui uma deformação esdrúxula, construída por armadilhas históricas as mais diversas, combinando estímulos à ambição pessoal e indiferença letal à *dor dos outros*. Seja num sistema privado ou num sistema estatal, os riscos de distorções desumanizadoras são praticamente os mesmos. A diferença estará apenas nos sistemas (internos e externos) de controle democrático (em particular sobre quem determina a distribuição do excedente econômico).

A compreensão dessa dinâmica mais ampla não é (nem será) fácil para quem nasceu e cresceu absorvendo esse paradigma de desigualdades mal explicadas. Um movimento nessa direção (evidenciar a desumanidade do individualismo possessivo e a necessária humanização de todo e qualquer dispositivo social) precisará de

174

Sobre essa abordagem, importante ver **Lutas, Jogos e Debates**, de Anatol Rapoport (Ed. Universidade de Brasília, 1980), em particular o capítulo *a defesa do coletivismo e a defesa do individualismo*, págs. 235 e segs.

estratégia e tempo. Tentar precipitar as coisas, imaginar construir um mundo melhor pela violência, já sabemos, resulta em mais violência e fracasso. A matriz capitalista, por muitas vias e dimensões, opera por uma lógica eficiente, que se sustenta, no limite, na violência – sem dispensar a ideologia. Construir algo diferente não pode ser a partir da mesma lógica de mistificação e violência. Desconstruir e, ao mesmo tempo, construir *uma casa nova*, um outro modo do viver social, vai depender de inteligência, criatividade e estratégias adequadas – e tempo¹⁷⁵.

Muita pressão social será necessária, na justa medida, para que não se vire contra os mais fracos. A questão da legitimidade será sempre central nesse movimento, que não deixará de ser plural. O que nos lembra Hannah Arendt:

“É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país, e este apoio não é mais do que a continuação do consentimento que trouxe as leis à existência. Sob condições de um governo representativo, supõe-se que o povo domina aqueles que o governam. Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder, elas petrificam-se e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las”¹⁷⁶.

Não estamos mais no tempo nem de Marx nem de Henry Ford. O mundo configura tendências que eles, a rigor, não imaginavam: o avanço tecnológico tende a deixar desempregada a maior parte da força de trabalho; a vida social terá que ser reorganizada, sob pena de termos uma catástrofe social muito maior do que já temos hoje (o cenário de *Elysium* já está instalado em grande medida). Adam Smith, Marx, Henry Ford, Schumpeter, Keynes e tantos outros têm hoje não mais que validades parciais. Nenhum pensador ou

175 Quanto a *desconstruir e, ao mesmo tempo, construir uma casa nova*, voltamos a essa metáfora, citando István Mészáros, no capítulo 13, págs. 355/6.

176 Hannah Arendt, **Sobre A Violência**. Relume-Dumará, 1994, pág. 34. Acrescentamos apenas que as leis resultam de e expressam o nível dos conflitos sociais. O ser social é sempre dinâmico.

grande empresário ou estadista tem hoje, individualmente, qualquer pertinência, a não ser como mito mistificador. Uma compreensão superior, o diagnóstico válido, as providências necessárias, na mais enxuta das hipóteses, têm que passar por construções coletivas, dos técnicos e dos setores envolvidos. Eficiência econômica e cidadania precisam andar juntas.

O mundo da globalização capitalista revela aspectos extremamente perversos. Nem por isso pode (ou deve) ser visto como o reino do mal. Materializa a resultante (ou um dos aspectos resultantes) da história humana. E traz também aspectos extremamente positivos, dos quais não iremos querer abrir mão. O modo de produção capitalista (com o atual *establishment* que gestou) não esgotou as suas condições de legitimidade, em que pese as contradições que apresenta. Lá na frente, em algum lugar do futuro, poderemos, em retrospectiva, ver esse período como uma etapa no percurso da reunificação da humanidade, depois da diáspora de 70 mil anos atrás. A emergência da crise climática acelera a urgência dessa compreensão.

A cada época do passado era inimaginável chegarmos ao mundo atual. Mas aqui estamos nós, nesse entrechoque multidimensional de paradoxos. O desafio é não nos deixarmos vencer e construir uma sociedade, uma vida social, que corresponda às nossas melhores potencialidades.

As estratégias autoritárias e beligerantes precisam ficar para trás. A paz, a democracia, o respeito aos direitos humanos e o respeito à natureza são exigências inegociáveis de nosso tempo.

6

A REVOLUÇÃO
INVIÁVEL

As opções (autodesignadas de) *revolucionárias* sonham em promover uma grande insurreição (*a revolução*, mítica) que irá quebrar as bases de sustentação do sistema capitalista e, a partir daí, reconstruir a vida social com novos parâmetros, mais justos, mais solidários e mais eficientes.

As fontes históricas dessa abordagem são conhecidas. Vamos encontrá-las principalmente numa certa interpretação da Revolução Francesa, da queda da Bastilha, da invasão do palácio de Versalhes, da decapitação do rei e – pouco mais de meio século adiante – da Comuna de Paris. Este modelo se renova na Revolução Russa de 1917, na *Longa Marcha* de Mao, na China, e na Revolução Cubana. O principal problema de tomar esses eventos históricos como modelos (para políticas atuais) é que eles, em nossos dias, além de inadequados, são irrealizáveis. Há razões históricas e estruturais efetivas que inviabilizam este caminho: 1) a complexificação da vida social; 2) as novas configurações sociais; 3) as experiências históricas fracassadas; 4) a subestimação dos instrumentos repressivos; 5) a superestimação do papel do Estado; 6) a desconsideração do fato de que as verdadeiras revoluções se constituem em longos processos históricos; 7) a subestimação da maleabilidade do capitalismo; e 8) a aposta em dicotomias simplificadoras irreais.

A COMPLEXIFICAÇÃO DA VIDA SOCIAL

A evolução social tomou rumos imprevistos pelos principais líderes, integrantes e atores dos movimentos sociais. A sociedade tornou-se bem mais complexa, os processos econômicos, políticos e culturais realizaram redirecionamentos imprevistos. O que era possível num mundo de manufaturas e de máquinas mecânicas não se configura mais, hoje, como realizável. Do carvão e das máquinas a vapor, do petróleo e da energia elétrica à revolução ininterrupta na

eletrônica, da Internet à robótica com *inteligência artificial*, mudou substancialmente a base tecnológica da sociedade e, com isso, acionam-se substantivas mudanças na configuração social.

Um exemplo emblemático se dá na complexidade crescente das classes sociais. Ao contrário do que pensaram Marx e Engels – e outros – a sociedade não se polarizou em duas classes antagônicas. Pelo contrário, todas as classes (como eles a viam) se fragmentaram em segmentos os mais diversos, tradicionais e modernos, acen-tuadamente distintos, conformando um tecido social, em grande medida, difuso, onde a psicologia social, os comportamentos, as vinculações políticas, o jogo político das alianças, tudo isso se dá de um modo que não guarda qualquer semelhança com o aguçamento da *prevista* polarização entre burguesia *versus* proletariado. As deter-minações estruturais básicas continuam a existir, mas fortemente diluídas e entrelaçadas, de modo que a velha previsão política da polarização extrema, vinculada a essas determinações (proprietários *versus* proletários) se não deixa de ter um sentido abstrato, deixa de ser a base a partir da qual se possam construir ações políticas consequentes. Algumas simples indicações: os gestores se multipli-caram e se subdividiram em densos segmentos de diversos níveis, as profissões ditas *liberais* se multiplicaram de modo antes impen-sável, as classes médias, internamente ultra diversificadas, em mui-tas formações sociais, se tornaram a maioria da população (exceto nos países muito pobres). Por outro lado, os avanços tecnológicos alteraram de tal modo a configuração das forças produtivas que o *exército industrial de reserva* se tornou – e esta é uma tendência crescente – uma imensa parcela de excluídos, cujo sonho (na maior parte das vezes irrealizável) é conseguir um emprego formal numa empresa capitalista – ou em uma instância de governo. Nos proces-sos econômicos, políticos, societários e culturais tudo mudou muito. A possibilidade ou a hipótese de unificar todos esses velhos e novos segmentos sociais num único processo de ação política revolucio-nária se desfaz, torna-se um desafio de outra natureza. Não soa mais

como verdadeira a afirmação do Manifesto do Partido Comunista (de 1848): *os proletários do mundo só têm a perder os seus grilhões*. Para a grande maioria dos trabalhadores das sociedades atuais, esse chamamento não guarda vínculos com a realidade. E isso não é mera *ideologia*. É que o mundo social hoje é outro. Ainda mais problemático que antes. Modificá-lo é um desafio diferente – para o que as estratégias dos séculos passados já se mostram inócuas ou, o que é mais próximo da realidade, desastrosas.

NOVAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS

Num aspecto, o mundo atual seguiu um padrão indicado por Marx: a modificação das forças produtivas (as novas tecnologias e as competências humanas para operá-las) impactou e alterou as relações sociais, a começar pelas relações de produção e trabalho. Mas, diferentemente do que pensou Marx, isso não aumentou a polarização. Tornaram-se difusos os limites entre as classes¹⁷⁷, entrelaçaram-se os comportamentos sociais, gerou-se um mundo social muito mais complexo. Os efeitos dos novos processos produtivos geraram

177

O conceito de *classes sociais*, que está no núcleo das formulações marxistas, não recebeu de Marx um tratamento bem definido, tão somente deixou um pequeno texto inacabado sobre esse tema. Diferentemente da versão em grande parte mecanicista na conceituação original (a do Manifesto de 1848, por exemplo) talvez se possa ver as classes hoje como correntes marinhas, campos de força que atravessam os mares e oceanos, usando o mesmo elemento que as circundam, indistinguíveis a água que faz parte da corrente e a que a envolve, uma dinâmica interna num processo único. Uma definição rigorosa na conceituação marxiana se encontra em Robert Henry Srour (**Modos de Produção**: elementos da problemática), cruzando os critérios de *Proprietário*, *Não-proprietário*, *Trabalho direto* e *Trabalho Indireto*. Para aprofundar no tema é preciso considerar os textos de Nicos Poulantzas. Ver também **Poder Simbólico e Fabricação de Grupos**: como Bourdieu reformula a questão das classes, de Loïc Wacquant. As classes compõem uma configuração de fundo (com certa pertinência), mas as ações políticas, mais do que entre classes – se é que se dão nesse nível – decorrem decididamente a partir dos grupos que conseguem se organizar (e agir em contextos precisos). Os avanços tecnológicos (as *forças produtivas*) e as ações políticas organizadas (em torno de ideologias e interesses) são os ingredientes mais decisivos da história.

um outro tipo de sociedade, ainda que dentro dos moldes básicos do capitalismo e marcadas por graves clivagens.

Surgiram inúmeras novas especializações, melhores padrões de remuneração, mas ampliou-se o número dos excluídos, tendência que já se agravava e ganhou mais celeridade com a pandemia. Os segmentos excluídos correndo o risco de serem empurrados para uma extrema degradação, uma outra humanidade. Em alguma medida, ser assalariado tornou-se um privilégio. Todos esses processos geraram não apenas uma maior diversidade social, produziram ou permitiram que se produzisse uma outra cultura, um outro complexo ideológico, onde fica praticamente sem sentido falar-se de *consciência de classe* do proletariado¹⁷⁸.

Em muitos lugares e em vários aspectos, o *exército de reserva* e o *lumpemproletariado* fundiram-se nas favelas e nas periferias, em massas humanas também diversificadas, mas física, operacional e ideologicamente bastante distintas da cada vez mais indefinível *classe operária* (que Marx via como a alavanca histórica que iria mudar o mundo).

Os universos ideológicos de todo esse povo e de todos esses segmentos sociais tornaram-se uma complexa colcha de retalhos, que vai dos sonhos consumistas mais vívidos aos fundamentalismos religiosos mais fechados. Talvez seja (ou venha a ser) possível falar de um humanismo (não romântico) que seja combustível para as ações de resgate da dignidade da espécie, da raça humana. Mas pensar em *consciência de classe* neste mundo múltiplo e heteróclito, de entrelaçamento e interação dos mais diversos paradigmas, é ficar fora da realidade.

178

Se consciência houver será a de exclusão – e da necessidade de construir modos de vida alternativos; Cf. Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva), escritor e militante comunitário, que expõe cruamente essa dificuldade, ver <https://www.youtube.com/watch?v=CRSi-5q54uU>.



Num plano mais concreto, é possível identificar fatores vários operando na neutralização de um hipotético *potencial revolucionário* (a desafiar nossa reflexão): 1) o fim da ameaça comunista ao sistema, com o desmoronamento da União Soviética e do esvaziamento dos partidos comunistas na maioria dos países ocidentais; 2) o predomínio do corporativismo nos sindicatos; 3) os objetivos inócuos para o sistema, se não a impotência política, dos movimentos identitários; 4) o poder de cooptação do sistema (desde o nível individual até o consumismo das classes médias e dos pobres); 5) o desarme teórico e ideológico e a obsolescência do marxismo ortodoxo; 6) a atomização das consciências; 7) os esforços voltados para a mobilidade social individual; 8) o medo da perseguição política e do ostracismo; 9) o papel compensatório do crime organizado (a falsa sensação de poder); 10) a ação combinada desse conjunto de fatores.

Fica cada vez mais difícil achar quem queira se engajar na *revolução*. Nas periferias das grandes cidades, nos bairros pobres, nas favelas, predomina uma mentalidade absolutamente heteróclita, onde há de tudo: hedonismos primários, fundamentalismos religiosos, crime organizado, um universo a destrinchar preenchido por pessoas com baixa escolaridade, baixa capacidade de abstração, estreitos limites para um desenvolvimento mais avançado. Ainda que daí saiam, muitas vezes, pessoas maravilhosas, a grande maioria não consegue ir além de perspectivas as mais imediatistas, numa pressão angustiante pela sobrevivência. Talvez haja mais do que isso, a pesquisar. De qualquer modo, um público, confuso, diversificado, sem a menor sensibilidade para um apelo do tipo "*Proletários de todo o mundo, uni-vos*". A ressonância desse apelo é nenhuma. Esse mundo é *um outro mundo* que não o dos *revolucionários* de décadas atrás (e da ideologia rígida dos ortodoxos sobreviventes). As *formas de consciência social* nas comunidades mais empobrecidas, ansiando por mudanças, transitam a anos luz de distância de qualquer pretensão revolucionarista.

Este contexto complexo gerou a conceituação de sociedade *pós-moderna*, da cultura *pós-moderna*. É um bom tema para o debate acadêmico e para confundir as mentes. Mas não gerou um pós-capitalismo, embora esse sistema prossiga com suas metamorfoses. As determinações básicas do sistema permanecem: a propriedade privada dos meios de produção, a apropriação do trabalho de muitos por uma pequena minoria, a crescente mercantilização da vida, a coerção pelo manejo dos instrumentos de repressão, a hegemonia pelos fetichismos e pelas ilusões ideológicas. Mas os efeitos sociais do sistema agora são outros, distintos dos de um século ou mesmo de décadas atrás¹⁷⁹. É um desafio novo conseguir lidar com essa nova realidade. A pandemia da COVID não alterou esse quadro.

Uma outra abordagem dessa dimensão é que a pretensão de produzir uma generalização de novas atitudes num conjunto amplo de pessoas, tipo *consciência de classe* (Lênin) ou a *construção do novo homem e da nova mulher* (Fidel Castro), a partir de discursos lógicos e racionais bate com a cara na parede. Gramsci chamou isso de pretensão *iluminista*. Não dá resultado. As pessoas, amplamente, não funcionam racionalmente – e só muito dificilmente alteram valores, crenças e bases comportamentais¹⁸⁰. Há um paradigma emocional-cognitivo, que leva anos para se formar e anos para mudar, quando muda. As teorizações revolucionaristas costumam dizer que “as massas” aprendem de forma acelerada nos processos revolucionários. Mera ilusão, as pessoas reagem circunstancialmente, a partir do paradigma emocional-cognitivo que têm. Em A PSICOLOGIA DE MASSAS DO FASCISMO, Wilhelm Reich demonstra como a educação autoritária dos alemães preparou o terreno para a adesão ao nazismo.

179 A concepção neo-hegeliana da história, sobrevivente no marxismo (Plekhanov continua a ser um dos seus mais lúcidos representantes – e, no Brasil, cabe lembrar de Roland Corbisier), não dá conta desse *admirável mundo novo*. Intelectuais às dezenas, foram ultrapassando as interpretações marxistas clássicas (além das ortodoxas), exatamente por conta dessa (sob vários aspectos) inadequação do esquema neo-hegeliano (marxista ou marxiano) aplicado à realidade.

180 Ou seja, é no mínimo difícil alterar o que parece adequado designar de *paradigma emocional-cognitivo* (a partir de Piaget, Kuhn, Albert Ellis e outros).

Kurt Lewin também aponta isso, comparando a educação de americanos e alemães¹⁸¹. Os processos efetivamente revolucionários, por conta de toda uma trama complexa de fatores, dos econômicos aos psicológicos, só se completam ao longo de décadas, muitas vezes passando por gerações. *Revoluções*, quando de fato acontecem, estão longe de ser uma tomada do poder. Levar isso em conta é lidar com a realidade como ela é – e não como algum dia possamos ter sonhado.

O RESULTADO PROBLEMÁTICO DAS EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS

A tentativa de construção de uma sociedade socialista na Rússia, a partir de 1917, depois de sete décadas de dramáticos acontecimentos, colapsou. Este fracasso não decorreu apenas dos erros dos atores da revolução. Deveu-se, sim, a graves erros cometidos, sem dúvida, mas deveu-se também aos ataques sistemáticos que a experiência sofreu enquanto conseguiu se manter de pé. Logo após a tomada do poder, os revolucionários tiveram que enfrentar uma encarniçada guerra civil, alimentada pelas potências externas. Em diferentes proporções, tropas francesas, inglesas, japonesas, americanas, tcheco-eslovacas, alemãs e polonesas entraram na Rússia para ajudar o *exército branco*, dos adeptos do antigo regime, inimigos da revolução. Foram três anos de guerra civil devastando um país que já tinha tido mais de um milhão e meio de mortos na Primeira Guerra. Os comunistas chegaram de fato ao poder num país devastado. Apenas 20 anos depois, em 1941, a Rússia era invadida pelas tropas da Alemanha nazista. Os russos tiveram que enfrentar o mais titânico esforço de guerra dentro de seu próprio território, enfrentando o mais

181

Em artigo em que compara a educação infantil na Alemanha e nos Estados Unidos. V. Kurt Lewin - *Problemas de Dinâmicas de Grupo*, Cultrix, 1973.

poderoso exército do mundo, à época. Derrotaram os alemães. Mas tiveram, mais uma vez, o seu território e a sua economia devastados. Perderam em torno de 25 milhões de vidas. Depois veio a Guerra Fria, com todos os tipos possíveis de boicote ao desenvolvimento da Rússia Soviética. Nesse contexto, os próprios erros (ou os erros próprios) do governo soviético assumiram também proporções fatais ao regime. Desse conjunto de fatos se pode concluir que o Ocidente capitalista em momento algum permitiu que a experiência socialista se desenvolvesse e mostrasse, por si só, seus méritos ou seus defeitos. Na verdade, esmagou essa experiência com as intervenções militares e os boicotes econômicos.

Dos erros soviéticos, provavelmente os mais graves tenham sido: (1) a falta de democracia e (2) uma avaliação equivocada das resistências que encontraria (logo, uma estratégia ou demasiado ortodoxa ou desesperada).

O desprezo que o experimento comunista, com Lênin à frente, tinha pela democracia, (que designava como *burguesa* e considerava uma farsa) coincidia com a profunda tradição autoritária da sociedade russa (desde a própria natureza despótica do czarismo, vinda desde os tempos de Ivan, o Terrível, de Pedro, o Grande e da Igreja Ortodoxa. Este autoritarismo prevaleceu no regime soviético, deformando-o de modo fatal, com a ascensão e a consolidação do *stalinismo*, que transformou a experiência que pretendia ser a de um regime socialista num novo tipo de capitalismo, um capitalismo de Estado¹⁸².

Em 1917 talvez existissem as condições para não subestimar a resistência que o novo regime despertaria no mundo capitalista. Mas essa preocupação não estava na pauta. Havia praticamente uma certeza de que as revoluções aconteceriam na Alemanha e no

182

A fonte principal desta formulação está em Charles Bettelheim (**A Luta de Classes na União Soviética**. Paz e Terra), uma análise da história e do regime soviéticos, realizada por um autor rigorosamente fundamentado na obra de Marx.

resto da Europa. A possibilidade de falha nessas avaliações nem se colocava, tal era a certeza da vitória (um componente talvez mais de fundo religioso que estratégico). Não havia essa avaliação do risco. As condições da época eram duríssimas, as estratégias eram sem volta.

A posição dos demais países do então chamado bloco soviético conta apenas como componentes arrastados pela influência do gigante russo. Não obstante, há que se levar em conta o papel importantíssimo que a União Soviética teve na descolonização da Ásia e da África e nas pressões que abriram espaço para a ascensão da social-democracia na Europa.

Na China a história foi diferente, sem ter sido menos dramática. Os comunistas chegaram ao poder depois do país ter sido espoliado e devastado por 150 anos pelas ações dos países imperialistas, em particular pela Inglaterra e pelo Japão. No século XIX a Inglaterra invadiu (e derrotou) a China por duas vezes, nas Guerras do Ópio (1839-42 e 1856-58), para obrigar o governo chinês a permitir, no território chinês, a venda livre do ópio produzido por ingleses e seus aliados na Índia. Em 1900, tropas inglesas, francesas, prussianas, russas e japonesas invadiram a China para derrotar, a ferro e fogo, a rebelião nacionalista conhecida como *a Revolta dos Boxers*. Na década de 30 o Japão invade a China, de onde só sai expulso pelos comunistas, que acabam por chegar ao poder em 1949 – de onde não saíram até hoje. Com mais de 70 anos no poder, o governo do Partido Comunista Chinês, tendo passado por várias etapas, algumas as mais extravagantes, se reinventa, faz alianças com muitas das maiores empresas capitalistas do mundo, moderniza o país e a sociedade – e caminha para ser em breve a maior economia do mundo. Um roteiro histórico particularíssimo, uma história impossível de ser vista como modelo e, simultaneamente, talvez, sob diversos e inesperados aspectos, um modelo para o mundo. Sem dúvida, ainda hoje, um enigma para os estudiosos e pesquisadores.



Uma lição decisiva dessa avaliação é que não levar em conta o poderio econômico, político, militar e ideológico do mundo capitalista tenderá a ser fatal para qualquer experimento político que se contraponha a esse sistema. De modo algum o capitalismo colapsou na *crise geral* que lhe preconizavam os soviéticos¹⁸³. Ninguém imagina que a atual situação da Venezuela seja sustentável por muito tempo. Com isso não se diz que não seja possível implantar e desenvolver um regime que possa ser considerado *de esquerda*. Mas uma alternativa consistente para as variantes atuais terá que ser compatível com o atual sistema-mundo, operar no âmbito dos limites e das contradições desse sistema. Um modelo radicalmente diferente não terá como sobreviver, muito menos se ocorrer em um país de grandes dimensões, como o Brasil, por exemplo. A vontade humana só pode incidir sobre a realidade, a história não faz saltos, comporta redirecionamentos exclusivamente a partir de condições existentes.

A completa hegemonia política, militar e ideológica dos parâmetros capitalistas no mundo de hoje são aspectos que já estão registrados nos tópicos acima, mas cabe também considerá-los no seu conjunto, enquanto contexto em que vivemos e atuamos. Um contexto que guarda similitudes com o que acontecia, por exemplo, em 1900. Os comunistas, naquela época, levantaram propostas de ação política que contestava todo aquele sistema. Explorando as contradições do sistema, até chegaram ao poder. Mas, por razões internas e externas, não tiveram como se sustentar, com a exceção da antiparadigmática (e pragmática) situação da China, as demais experiências de drásticas e rápidas mudanças revolucionárias, colapsaram todas. Não foi o capitalismo que colapsou, foi o modelo soviético. E colapsou, em grande medida, por ter se fechado às auto-transformações democráticas e por não ter avaliado corretamente o potencial de recursos criativos de seus adversários, tanto os recursos bélicos quanto os econômicos¹⁸⁴.

183 Draguilev: **A Crise Geral do Capitalismo**. Alba, 1961.

184 Sobre o potencial de autorreformulação do capitalismo, cf. Etienne Balibar, Sobre Os Conceitos Fundamentais do Materialismo Histórico. /n: Louis Althusser, **Ler O Capital** – vol. 2, Zahar, 1980.



Marx colocou-se frontalmente contra o que designou como *socialismo utópico*. Pretendeu construir um caminho científico para o socialismo. Não conseguiu. Suas propostas de ação política tiveram equivocadas avaliações tanto das relações de força quanto dos momentos históricos, quanto da eficácia dos métodos, em outras palavras, tiveram grande dose de voluntarismo e utopia. Lutou heroicamente, deixou um legado extremamente valioso, que, contudo, se não for lido criticamente, em nada ajuda nos tempos presentes.

A DISPONIBILIDADE DOS APARELHOS REPRESSIVOS

A Revolução Russa de 1917, ou melhor, a tomada do poder pelos bolcheviques, não teria ocorrido sem a guerra. Por mais que os intelectuais e revolucionários russos, Lênin e Trotsky à frente, tenham se esforçado para demonstrar que, de um modo ou de outro, o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção na Rússia daquela época já comportavam o passo socialista, isso não passava de uma ilusão. O passo possível na formação social russa seria democratizá-la cuidadosamente. A tentativa de torná-la socialista foi um salto no escuro, que não deu certo. Os bolcheviques, em termos de apoio social, em termos de assimilação social de suas propostas, sempre foram uma minoria. Os episódios que, naqueles últimos meses de 1917 permitiram a tomada do poder, foram conjunturais, sem bases reais para se manter. Conseguir enxergar isso naquele momento era, sem dúvida, um desafio crucial. Os mencheviques o viram, os ansiosos bolcheviques não. Mas esse passo só foi possível porque o sistema repressivo do Estado russo estava desmantelado depois da guerra, quando a Rússia já estava num franco processo de derrota. As ditas *massas operárias e camponesas* não sabiam o que seria o socialismo. Apenas queriam

(o que foi um dos melhores lemas do movimento revolucionário da época) *Paz, Pão e Terra*. Caso as elites políticas e militares russas não estivessem desmanteladas e desmoralizadas pela guerra não teria havido a *revolução*, ou seja, a tomada do poder pelos revolucionários. Os bolcheviques tiveram que governar como uma minoria, de início com um efetivo apoio conjuntural, é verdade, mas, logo a seguir, com a ausência de um amadurecimento econômico, tecnológico, político e cultural da formação social russa, a situação foi se tornando insustentável, daí o apelo irresistível ao velho autoritarismo e às velhas estruturas – com uma nova rotulagem, a da *construção do socialismo*. Mas não foi isso que conseguiram: primeiro por seus próprios equívocos estratégicos, depois pela violenta reação externa.

Nos dias de hoje, *strictu sensu*, não temos guerras entre as grandes nações. Os seus aparelhos repressivos – que são infinitamente mais sofisticados do que há 100 anos – estão intactos e plenamente disponíveis para a repressão interna. Não enxergar isso poderá levar a imensos massacres – que as elites comandarão sem a menor hesitação – contra populações desarmadas¹⁸⁵. A consigna de *armar a população* ou de *armar camponeses e operários* para, nos dias de hoje, enfrentar o sofisticado poderio bélico das forças armadas, das polícias e das milícias, é uma completa falta de senso.

O que os movimentos populares ganharam com o massacre de seus militantes no *Domingo Sangrento* de 1905 na Rússia? Com os massacres de 1848 e 1871 na França? Com os desfechos da *Primavera Árabe*? Qual a necessidade de produzir mártires? Nos dias de hoje, essas estratégias *clássicas* são, além de desatinadas, suicidas.

Por outro lado, incentivar e apostar em ações que possam levar a uma guerra civil já não é dar seguimento à *marcha da insensatez*, é favorecer aos mercadores da morte e desprezar as vítimas

185

Cabe não esquecer os recentes resultados da *Primavera Árabe*, levantes populares que derrubaram alguns governos, logo substituídos por outras ditaduras.

desarmadas. Em algum lugar Gandhi disse que *o que se consegue com violência só se mantém com violência*. As reações violentas à opressão tendem a levar a outras situações opressivas¹⁸⁶.

Isso não retira o valor das lutas do passado, mas já passou o tempo da glorificação romântica do sacrifício. Há outros heroísmos. As lutas hoje, sem que deixem de ser duras e absolutamente necessárias, para terem eficácia, para produzirem resultados transformadores, precisam de outros parâmetros, de outros métodos.

A META EQUIVOCADA DE INSTRUMENTALIZAR O ESTADO

Esta afirmação encontra um bom exemplo na polêmica de Gramsci contra concepções de Lênin e Bukharin¹⁸⁷. Gramsci discorda de Bukharin¹⁸⁸ num ponto decisivo da estratégia revolucionária, ponto em que Lênin, Bukharin e os bolcheviques de modo geral concordavam: o papel do Estado *na construção do socialismo*. A estratégia dos bolcheviques, de tomar o Estado para, a partir daí, reconstruir a sociedade, apontava Gramsci, teria correspondência com a realidade russa, país onde a sociedade civil era fraca. Mas, nos países ocidentais, onde a sociedade civil tinha muito maior densidade, o Estado era (e continua sendo) muito mais do que o Governo.

186 Assim se comporta o escravo que assume o poder e mantém a mentalidade do *ressentimento*, aponta Nietzsche (**A Genealogia da Moral**), diferente do escravo que se liberta e descortina a *consciência universal*, conforme indica Hegel na *dialética do senhor e do escravo*, na **Fenomenologia do Espírito**.

187 Bukharin foi um dos mais autênticos e sinceros revolucionários russos. Os stalinistas o assassinaram na prisão.

188 **V. Gramsci e o Estado**, Christinne Buci-Glucksmann. Paz e Terra, 1980.

As funções do Estado se distribuem no corpo da sociedade, principalmente as funções que implicam na construção da hegemonia cultural, ideológica, e a liderança efetiva da sociedade. O que vale também para as funções de coerção. Tomar o Governo, nas sociedades ocidentais, em absoluto não significaria nem travar o exercício do poder *burguês* nem viabilizar os instrumentos de construção da hegemonia e do poder proletário. Essa alteração de perspectiva mudaria drasticamente a estratégia revolucionária. Para construir o socialismo seria necessário construir uma hegemonia cultural no corpo da sociedade, não através de uma mera ocupação das instâncias estatais, mas pela construção de uma hegemonia, uma assimilação cultural por parte da sociedade, através da ocupação, do preenchimento, das entidades da sociedade civil. A luta de classes (ideológica e prática) se instala no seio das instâncias da sociedade civil. A construção do socialismo se dá, antes do mais, de baixo para cima. Uma implicação dessa perspectiva gramsciana é que, por essa via, o socialismo seria (ou será) democraticamente construído: *o socialismo, ou será democrático ou não será socialismo*.

A perspectiva dos que hoje defendem um caminho revolucionário clássico não se alinha com essa *visão* de Gramsci¹⁸⁹. Não pensam em trabalhar a moldagem do corpo da sociedade (escolas, empresas, sindicatos, ongs, governos locais, etc.) na construção de um outro modo de ver e de ser. Continuam a ter como alvo principal da ação política a conquista do Estado¹⁹⁰. Antes isso era ousadia, hoje é cegueira.

189 Não se tem aqui a intenção de tomar Gramsci como pai do novo socialismo. No início de sua carreira militante Gramsci defendia teses ortodoxas, que superou nas sofridas reflexões na prisão. Na análise histórica realista da situação concreta atual é que se vai encontrar o caminho das transformações possíveis, o que nada tem a ver com escatologias metafísicas, nem hegelianas nem marxianas.

190 E quando chegam lá se deixam cooptar, se corrompem, como se conhece de muitos relatos da história. Isso não gera provas, denota a complexidade do tema, denota que as conclusões simplistas são (quase) sempre falsas (quando acertam é por loteria).



Essa perspectiva se choca ainda com as críticas de outra fonte. As que vêm de Michel Foucault (e outros). Foucault chama a atenção para o fatal esquecimento das dimensões micropolíticas, por onde se destila e se exerce o poder. A clínica, o presídio, as relações pessoais, patriarcais, misóginas, dominadoras, se materializam em níveis macro e micro, nas relações e nas estruturas cotidianas, no dia a dia das pessoas. Essas interações diretas, pessoais, reproduzem sempre relações de poder. Não há a menor possibilidade de mudar a sociedade sem levar em conta essa realidade. O poder não se exerce apenas nas ações do Estado e dos mecanismos macro do poder. Se exerce até no olhar. As experiências pretensamente socialistas ignoraram essas dimensões da realidade humana. Teriam necessariamente que falhar, porque, inadvertidamente que tenha sido, o que fizeram foi reforçar e construir novas formas de poder opressivo sobre as pessoas. Essa crítica, sem dúvida, se aproxima de aspectos de uma dimensão anarquista, o que, em si, não a desqualifica. Tem muito a ver como as coisas realmente funcionam.

Essas questões se vinculam com duas outras, que formam um pano de fundo de certas concepções marxistas: uma metafísica da história e a questão da violência. Não é exagero dizer-se que em Marx há uma oscilação, uma ambiguidade, entre (1) uma concepção de história aberta, construída pelos humanos, num processo complexo e contraditório, a partir das condições dadas e (2) uma metafísica neo-hegeliana, onde as etapas da história se sucedem além da vontade das pessoas vivas. Esse segundo aspecto aparece com muita força no Manifesto do Partido Comunista (de 1848) quando se formula que os termos da contradição *burguesia x proletariado* se irão inverter, com o *proletariado* passando de dominado a dominante. Isso praticamente por uma dinâmica, uma *dialética*, inexorável. Em textos posteriores Marx torna essa dinâmica mais sofisticada, mas absolutamente não fica claro como isso se articula com a noção de

que os homens fazem a sua própria história¹⁹¹. A resposta fica a cargo das interpretações. No bojo desta questão vem uma outra, de grande importância: *o papel da violência na história*.

Marx e Engels formularam que o papel da violência é o papel da parteira. Ajuda no parto, mas não faz nem a mãe nem o bebê. O desenvolvimento das forças produtivas (que incluem as competências humanas) e as transformações das relações de produção é que produzem as condições e a necessidade de mudanças substantivas na configuração social. A revolução seria a parteira, que facilita essa mudança – e Engels, depois da morte de Marx, admite que essa passagem, esse nascimento de uma nova configuração social, possa se dar (não sem luta) mas, de um modo relativamente pacífico.

Para ilustrar a concepção que Marx tinha da *ditadura do proletariado*, ele a exemplificou com a Comuna de Paris, de 1871, ou seja, uma experiência de radical democratização do Estado. É, sem dúvida, muito questionável que seja possível administrar uma sociedade moderna a partir daquele modelo (que, já àquela época, fracassou drasticamente). Além disso, trata-se de alguma coisa completamente diferente do que se tornou o Estado Soviético. Lênin, em seu livreto *O Estado e a Revolução*, defende essa radical democratização, mas essa defesa ficou no papel. A realidade de várias experiências revolucionárias parece mostrar que isso é inviável. A coisa fica ainda mais complicada quando nos lembramos que Marx, talvez numa

191

Fica ainda um outro desafio teórico: como conciliar a vitória do proletariado como caminho para a transformação socialista com a sucessão histórica dos modos de produção (feudalismo, capitalismo, socialismo). Em nenhum caso histórico dessas macrotransformações uma das *classes fundamentais* de um modo de produção anterior assume o comando da sociedade num modo de produção seguinte, nem mesmo no processo de transição. Burguesia (industrial) x proletariado (capitalismo) surgem por dentro do sistema feudal (senhores x servos). A burguesia mercantil que é decisiva na transição, não é uma das classes fundamentais do sistema feudal. Quando ocorre a macromudança (da dominância) de um modo de produção a outro, mudam as classes em confronto: saem *senhores e servos*, entram *burgueses e proletários*. Cabem várias especulações, mas este está longe de ser um problema resolvido nas formulações marxianas e marxistas. É mais provável que a dinâmica da vida real venha a ser distintivamente outra.

concessão aos anarquistas, concebia como viável, numa etapa futura, a *extinção do Estado* (uma gradativa extinção da dominação política). Com isso vem à tona a dimensão histórico-metafísica da *revolução*. A questão básica não será então *como fazer a revolução*, mas aguardar e saber o momento de ajudar no parto, com ou sem *fórceps*.

Isso nos coloca frente a frente com uma questão crucial: o que vem a ser *uma atividade revolucionária*? É um ato de vontade, uma decorrência ética? Ou a constatação de uma evolução sistêmica? Ou ambas as coisas (como supõe Plekhanov em *O Papel do Indivíduo na História*). Ernst Bloch designa esse dilema como os aspectos *quente* e *frio* do marxismo: a análise e a ação. Mas acertar na avaliação do momento é a incógnita a descobrir. Marx, no prefácio de 1859, faz uma indicação genérica, para muitos, angustiante: “... *uma formação social nunca decai antes de estarem desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais é suficientemente ampla [para as conter], e nunca surgem relações de produção novas e superiores antes de as condições materiais de existência das mesmas terem sido chocadas no seio da própria sociedade velha*”. Isso é coerente com a ideia da intervenção da *parteira*, mas no caso das transformações históricas, identificar esse momento e a modalidade da intervenção é um problema cem por cento em aberto – e errar nesse ponto pode significar a morte da criança. Parece que até hoje ninguém acertou. Talvez ainda não tenha chegado a hora do *parto*. Talvez essa metáfora seja inadequada e a dinâmica seja outra. Hannah Arendt, em *DA REVOLUÇÃO* (Ed. Ática, 1988), analisando a revolução americana (a Independência, que instaura um regime novo), apresenta uma abordagem mais próxima de *uma análise concreta de uma situação concreta* (como pretenderia Lênin) – e até mesmo de uma intervenção maiêutica no processo histórico-social. As metáforas são indispensáveis, mas implicam em sérios riscos.

Voltemos então a Gramsci (ou a uma interpretação de Gramsci): *o socialismo ou será democrático ou não será socialismo*, não virá de uma ocupação abrupta do centro do poder político, mas,

a partir do amadurecimento das forças produtivas e das (técnico-políticas) relações de produção, será preliminarmente construído como hegemonia (cultural e *ideológica*) no corpo da sociedade civil. O sonho da insurreição gloriosa pode ser arquetípico, mas tende a não ser mais do que uma ilusão – ou, no máximo, um marco simbólico erigido depois de décadas (ou séculos) de transformações que constroem uma outra configuração socioeconômica.

AS REVOLUÇÕES COMO PROCESSOS HISTÓRICOS DE LONGO PRAZO

Um tema realmente relevante na história é o da ascensão (da dominância) do modo de produção capitalista, muitas vezes referido, pelo próprio Marx, como sendo o fenômeno da *revolução burguesa*.

Há pelo menos dois problemas quando se usa essa expressão (*revolução burguesa*). O primeiro é que este processo, quando se deu, esteve longe de se reduzir a uma insurreição, que derruba um poder e instaura outro. A *revolução burguesa* na Inglaterra, por exemplo, foi um processo que durou (pelo menos dois) séculos. Já no reinado de Elizabeth I, no século XVI, a ação política de uma alta burguesia mercantil se fazia presente. Elizabeth governou de 1558 a 1603, conseguindo um reinado de 45 anos sabendo *conciliar* os interesses da nobreza e de uma burguesia comercial já forte à época. No seu governo já se inicia o processo dos *cercamentos* de terras e expulsão dos camponeses que as ocupavam, o que fomentou a formação do proletariado urbano, ou seja, naquela época a *revolução burguesa* na Inglaterra já estava em curso. Mesmo de um ponto de vista estrito, a *revolução*, esse movimento em direção à hegemonia política, durou décadas, inicia-se em 1640 e se conclui em 1688, com a guerra civil e o governo de Cromwell nesse meio tempo. A Revolução Francesa

só se deflagra mais de 100 anos depois, também, com uma forte presença da burguesia bem antes disso, pelo menos desde Luís XIV e desde os iluministas. *Strictu sensu* a revolução na França começa em 1798 e se conclui em 1799, mas a *revolução burguesa*, a ascensão da *burguesia* ao praticamente completo controle dos poderes do Estado se inicia bem antes disso – e se conclui depois disso, para além do chamado período napoleônico, que se encerra em 1815.

O termo *revolução*, nesses casos, diz respeito a um processo de modificações históricas que estão longe de significar uma simples insurreição ou algum tipo de *noite gloriosa*. A tomada da Bastilha, o Terror, Robespierre e Napoleão não foram a *revolução burguesa* na França. Foram momentos políticos desse processo, que durou décadas, do seu início à sua consolidação. Quando Caio Prado Jr. escreveu *A Revolução Brasileira* tinha em mente algo parecido, um longo processo de mudanças estruturais, econômicas, sociais e políticas que alteram substantivamente a governança e a vida social do país. Escreveu sobre esse processo e sobre as ações estratégicas de longo alcance que deveriam, segundo ele, orientar os atores sociais da época. Não havia em seu horizonte uma insurreição *gloriosa*. Mas no dia a dia do jargão político, ditos de *esquerda* ou de *direita*, usa-se com frequência o termo *revolução* em relação a um instante insurrecional. E estes não são os únicos significados do termo. Quando se fala de *atividades revolucionárias* se está utilizando uma acepção próxima à do momento insurrecional ou da ação contestatória ou subversiva? Quando se fala em *revolução industrial* fala-se de um processo que durou séculos e que, em certo sentido, dura até hoje.

O segundo problema é que quando se diz *revolução burguesa* não se fala apenas de um processo em que a classe social *burguesia* assume por completo (ou quase) o poder do Estado. Muito além do controle do Estado nas mãos desta classe, a *revolução burguesa*, necessariamente também, significa a construção e a consolidação de dinâmicas econômicas, jurídicas, políticas e mesmo culturais na sociedade, a exemplo do trabalho assalariado, do funcionamento

parlamentar, da legitimação dos contratos, da laicização do Estado, da liberdade religiosa, etc. O controle do Estado é tão somente um dos componentes de uma ampla modificação estrutural, sistêmica, que leva o título de *revolução burguesa*, a passagem, no ambiente europeu, da estruturação feudal para a estruturação sistêmica sob a hegemonia das práticas dos múltiplos detentores do capital.

Desse modo, conformam-se algumas realidades:

1. O termo revolução, como tantos outros, é polissêmico, carrega em si vários significados, fortemente distintos um dos outros, às vezes com densidade semântica, outras vezes como pura retórica. Quando se usa o termo sem deixar claro a que processo se está referindo gera-se uma confusão semântica.
2. A hegemonia política que, nas décadas do pós-guerra, prevaleceu no chamado *mundo ocidental* (conceito altamente problemático) direcionou-se para – e conseguiu – criar em vários segmentos sociais uma paranoia anticomunista, que, por seu turno, as correntes ditas *de esquerda* nunca conseguiram desfazer¹⁹².
3. Resulta claro também que os processos políticos e os processos econômicos se dão com relativa independência uns dos outros. A *ascensão da burguesia*, ou melhor, a emergência de um sistema socioeconômico, liderado pelos segmentos burgueses (proprietários dos meios de produção, que os utilizam de um modo específico) se dá numa dinâmica onde o controle dos poderes do Estado por esses segmentos não se dá de imediato, mas num longo processo de dinâmicas políticas, vinculadas aos processos econômicos, mas deles relativamente independentes.

192

Vale ver Carla Luciana Silva, *A Onda Vermelha*, Edipucrs, 2001.

Levar em conta esse conjunto de observações pode – e deve – mudar significativamente o sentido de compreender uma *revolução socialista* (um processo de longo prazo) – que, por fora do desmonte soviético, pode estar (achamos que está) em curso.

Cabe observar que nestas dinâmicas, as classes jamais se apresentam homogêneas. Seus segmentos, suas frações, já se deixam notar desde o início e, não raro, os conflitos políticos entre elas são drásticos e violentos. Aqui cabe também lembrar a observação de Clausewitz de que *a guerra é continuação da política por outros meios* – e a observação de Lênin de que a dialética é *a análise da contradição na própria essência das coisas*. Os conflitos internos às *burguesias* europeias, no século XX, foram fatores preponderantes na eclosão de duas Guerras Mundiais¹⁹³.

É POSSÍVEL TRANSFORMAR O CAPITALISMO

Um pressuposto constantemente reafirmado pelos que preconizam uma *revolução abrupta* como inevitável é o de que, no seu âmago, o sistema capitalista é irreformável, ou seja, seu caráter essencialmente espoliador é insuperável. Seriam previamente fracassadas todas as tentativas de *reformular o capitalismo*.

Bem analisado, é inacreditável esse argumento. De quando surgiu até hoje, o capitalismo tem sido intensamente reformado,

193

A conceituação de Hannah Arendt, de que Política e Violência são antinomias (as maiúsculas por nossa conta) desvincula o conceito de Política das *relações de poder*; Política sendo para Arendt um avanço civilizatório no modo de proceder na resolução dos conflitos (entre os cidadãos da *pólis*); a violência seria um retorno à barbárie, uma antipolítica; o termo política ganha (mais) uma polissemia. Já Galbraith (**Anatomia do Poder**, Pioneira, 1999) designa o poder violento de poder *condigno*. Para superar a polissemia é preciso adjetivar. Tem razão Popper quando diz que não devemos sacralizar as palavras. As polissemias estão sempre aí a nos confundir.

transformado, adaptado e readaptado às mais diversas condições e situações¹⁹⁴. O capitalismo mercantil das cidades italianas do século XIV, o capitalismo industrial manchesteriano do século XIX, o capitalismo *hightech* japonês e o capitalismo sueco do século XX contêm entre si diferenças substanciais. As relações de trabalho do capitalismo inglês descritas por Marx e Engels não existem mais no capitalismo do mundo desenvolvido de hoje – e o capitalismo eletrônico da alta tecnologia, da cibernética e da robótica não necessita mais daquela exploração direta e desumana da mão de obra. Não há mais crianças nas fábricas (os índices de mortalidade infantil caíram praticamente no mundo todo), não há mais, no mundo capitalista *stricto sensu*, jornadas de 14 horas. Debate-se a previdência social e a generalização da jornada de seis horas já é visível no horizonte. O capitalismo não vai se tornar bonzinho, mas a sociedade pode impor-lhe limites.

O desenvolvimento do capitalismo não irá gerar, por si mesmo, uma *sociedade justa* (expressão de J.K. Galbraith). A necessidade da luta social não tem como sair da agenda, mas a história do capitalismo é a história de suas transformações – e *as modificações humanizantes, todas, decorrem das lutas sociais, políticas e sindicais – em ininterrupta interação (dialética) com o desenvolvimento tecnológico*. Não há dúvida de que *as lutas populares, democráticas, socialistas, civilizatórias, levarão o funcionamento do sistema para onde a densidade e as estratégias pertinentes destas lutas o levarem*. O que se precisa discutir é o método – e as estratégias. No mundo de hoje não cabem mais os métodos e as estratégias clássicas do século XIX ou do século XX.

194

Com Etienne Balibar (Sobre Os Conceitos Fundamentais Do Materialismo Histórico. In: Louis Althusser, **Ler O Capital** – vol. 2, Zahar) aprendemos que o potencial de autotransformação do capitalismo vai muito além do que imaginaram as teorias do colapso inevitável do sistema. Por outro lado Emmanuel Todd (**A Ilusão Econômica**) nos mostra como a matriz capitalista se altera significativamente a depender do contexto histórico e cultural onde se implanta. Inegavelmente, já se disse isso, são muitos os capitalismos, os existentes e os possíveis.

Se o próprio sistema se altera de modo complexo, faz todo sentido que também se altere o conceito de *revolução* – e mesmo de *luta social*. Está historicamente demonstrado que o capitalismo, quando seus centros decisores se sentem realmente ameaçados, se adapta, seja aos fascismos, seja aos *news deals*, seja a formas de barbárie, seja a formas mais civilizadas de viés democrático.

APOSTAR NA POLARIZAÇÃO EXTREMA NÃO É EFICAZ – NEM ÉTICO

A perspectiva de avanço dos discursos extremistas, num contexto bloqueado (por vários fatores, como indicado) levará ao isolamento político dessa linha de ação e à derrota. O fracasso das *esquerdas* extremistas (são vários os exemplos na história, em especial na América Latina) também são casos a analisar e não esquecer. No contexto atual, a exortação de *acreditar nas massas*, o romantismo guerrilheiro (garibaldiano ou guevarista) pode gerar boa literatura, mas na vida real só vai levar a becos sem saída e a catástrofes políticas¹⁹⁵.

O fortalecimento de um discurso *revolucionário-esquerdista* certamente vai sensibilizar parcelas da militância inexperiente, vai dividir (e danificar) os possíveis contingentes da cidadania ativa, vai dificultar o trabalho que precisa ser feito para uma ação firme e equilibrada no âmbito das possibilidades reais, vai dar argumentos para as tergiversações e as ações repressivas da direita. Não será fácil evitar que isso ocorra. Setores da sociedade estarão à beira do desespero

195 Confundir um extremismo voluntarista com autenticidade revolucionária nunca levou a bons resultados. O próprio Lênin fustiga essa confusão em **Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo**, mas o contexto atual é radicalmente diferente daquele onde atuou o brilhante e paradoxal líder russo.

e no pico da indignação, mantê-los no quadro de uma ação política consequente não é (e não será) uma tarefa fácil. Deixar-se conduzir pelo desespero dos segmentos sociais mais extremados é um caminho seguro para a derrota. Os gestores do poder estabelecido sempre contam com isso. Fica mais fácil confundir tudo e reprimir tudo¹⁹⁶.

No contexto de risco de hegemonia da *direita*, não se trata de unificar os extremos. O desafio é unificar os campos de forças que efetivem o diálogo e consolidem as práticas democráticas, abrindo caminho para transformações necessárias e possíveis. Isso parece com *ordem e progresso* (sem dispensar o *amor*), mas, por razões bem consistentes, é isso mesmo, tendo claro que os grupos e as ações de pressão fazem parte do processo democrático¹⁹⁷.

Não compreender o poder de atração ou repulsão das posições políticas no plano psicossocial pode facilitar o isolamento social e político de setores que teriam como contribuir para mudanças efetivas e empurrar outros campos para a *direita*. No Brasil de 2018, liberais, neoliberais, desempregados e minorias fascistoídes se uniram para derrotar o que *viam como* um governo *de esquerda* corrupto. A maioria dos eleitores deixou-se atrair para o campo da *extrema direita* – e um exclusivismo inconsequente (além de *personalista*) de uma *esquerda* aguada não soube fazer as alianças estratégicas necessárias, o que facilitou enormemente o desfecho nefasto da vitória fascistoíde. O crescimento de uma proposição política por mudanças drásticas e abruptas ("*por fora da ordem*", como se tem dito), em que pese sua completa inviabilidade, só irá empurrar para

196 Não deixa de ser interessante debater com o que diz Paulo Schilling em **Como Se Coloca a Direita no Poder** (Ed. Global, 1979).

197 Aliás, um tema a aprofundar é que um país como o Brasil é ingovernável sem uma política de frente democrática.

a *direita* os setores mais assustados com essa proposta que, não por acaso, tendem a compor uma maioria da população¹⁹⁸.

Não obstante, uma abordagem aparentemente ortodoxa, quando fora do poder, não raro desperta *insights* heterodoxos, pode exigir um aprofundamento da reflexão, pode nos tirar de zonas de conforto estéreis. Não deixa de ser curioso como Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, depois de uma análise radical propugnam medidas de natureza nitidamente reformistas. A necessidade do debate político consistente e consequente nunca deve ser desprezada. É preciso ouvir. Os diálogos, mesmo os mais insólitos, são necessários.

Nunca foi e nunca será fácil deter a *marcha da insensatez*. Deixar-se levar pelas visões puristas, dogmáticas, ortodoxas¹⁹⁹, fatalistas, voluntaristas, apocalípticas, é um meio certo para garantir a vitória das forças do *establishment*. Para mudar de verdade, é indispensável a construção de caminhos realistas. Nesse sentido uma visão mitológica da mudança social ajuda pouco (ou mais atrapalha que ajuda), por mais apaixonada que seja.

198 Um fenômeno da política, talvez de todos os tempos e lugares – e que mereceria atenção, pesquisa e reflexão – é que ela, a política, de *direita*, de *centro* ou de *esquerda*, parece que só funciona através de minorias ativas, ora maiores ora menores, mas nunca (ou quase nunca) *mobilizando* efetivas maiorias, salvo quando emergem, via eleições, *maiorias silenciosas*. Talvez um tema mal examinado pela sociologia política. O apoio ativo a uma proposta política parece que é sempre minoritário. As maiorias são sempre passivas? É possível que a maioria das pessoas se encolha nas suas zonas de medo e sensação de segurança, por mais falsas que sejam. Esse fenômeno, se for real, não vai favorecer as propostas de mudança, muito menos as abruptas. Esse é um dado do nosso labirinto. Talvez seja útil reexaminar as teorias das elites (de Pareto, Michels, Wright Mills, etc., Lênin entre eles).

199 Não cuidamos aqui das anomalias do discurso insincero, destoantes de **A Coragem da Verdade** (Foucault). *Muito discurso ortodoxo e extremista não passa de retórica para uma prática política de puro oportunismo*. Quando a teoria não se encaixa com a realidade, o discurso é só retórica e, na prática, vale tudo, a pura *realpolitik*. O *stalinismo*, nas suas múltiplas manifestações, distantes e próximas, é, nesse aspecto, emblemático.

7

SOCIAL-DEMOCRACIA



Os humanos emergiram da natureza²⁰⁰. Nessa emergência eram tão inocentes quanto os outros animais, como leões ou chimpanzés. Nenhum animal é bom ou mau por natureza. Ele é o que é e se comporta segundo os seus instintos estabelecidos pelas condições de sobrevivência na evolução. O que são, é o resultado das mutações genéticas que, em interação com o ambiente, lhes abriram os caminhos para a sobrevivência. Nesse processo, o ser humano surge com um conjunto de características novas, decorrentes de um cérebro ampliado: memória ampliada, capacidade de visualização imagética, ou seja, imaginação, capacidade de experimentar alternativas e escolher, capacidade de comunicação através de signos, capacidade de abstração, em suma, características emergentes de um cérebro mais desenvolvido que dos outros animais²⁰¹. No geral, o ser humano nunca foi um animal *manso* – nem fraco. Essa história de *fragilidade biológica* é conversa de intelectual de gabinete. Filho da natureza, nela selvagem, tinha que sobreviver, lidando com uma grande variedade de perigos extremos. Como os demais, ou se adaptava ou morria. Sua força (imensa) vinha da inteligência e do agir em grupo. Nasceu com enorme capacidade de luta, que cresceu com a capacidade de produzir instrumentos e armas, prolongamentos artificiais de seu próprio corpo²⁰², para caçar e se defender. Pode ter começado com o *machado* de pedra (ou um galho de árvore), hoje está no míssil teleguiado, na bomba atômica, no fuzil automático. Mas também no trator, nos navios transatlânticos, nos aviões, nos computadores, nos satélites artificiais portadores da mais alta tecnologia, consequências dos aperfeiçoamentos

200 Pela graça de Deus, dirão os religiosos tradicionais. Essa possível interpretação não altera os nossos resultados, uma abordagem religiosa imanentista é compatível com a pesquisa e o conhecimento científicos, sem apelar para milagres ou pensamentos mágicos.

201 Há uma densa bibliografia sobre esse tema, descontando as mais especializadas, há bibliografia mais palatável consistente, a exemplo de: **E O Cérebro Criou O Homem** (António Damásio), **Assim Caminhou A Humanidade** (Walter Neves e outros), **Os Humanos Antes da Humanidade** (Robert Foley), **A Pré-História da Mente** (Steven Mithen), **Evolução do Cérebro** (Paulo Dalgalarondo). Editoras e ano de publicação nas referências bibliográficas.

202 McLuhan, Marshall - **Os Meios São As Massagens**, Record, 1990.

do uso do cérebro, do aprendizado, ou seja, do progresso humano, da evolução cultural²⁰³.

Esse o resultado de todas as nossas diferenças em relação a (como dizia Aristóteles) os *outros animais* (a nossa condição animal já reconhecida há dois mil anos). A evolução biológica do *homo sapiens* pode até não ter se estancado, como defendem alguns²⁰⁴, mas, no mínimo, se desacelerou drasticamente, substituída pela evolução cultural²⁰⁵. Nesse complexo dinâmico, em movimentos cumulativos, se dão a divisão social do trabalho, as especializações, a formação de classes sociais e o sacrifício de uns em relação a outros. Da igualdade primitiva às diferenciações sociais, sofisticadas umas e brutais outras. A partir da *revolução agrícola*, quando ocorrem os excedentes econômicos, surge a possibilidade de escravizar os vencidos. O desenvolvimento desigual, num processo natural e espontâneo, alterou os conflitos, os vencedores que matavam os vencidos (era um mundo ainda imerso nas leis da selva) passam a colocá-los para trabalhar, as mulheres em especial²⁰⁶, e mesmo grupos inteiros de cativos. O *processo civilizatório* já estava em pleno curso. Lewis Morgan²⁰⁷ ordenou esse desdobramento histórico-social na sequência *selvageria, barbárie, civilização*. Outros, mais atualizados, estabeleceram trajetórias mais sofisticadas²⁰⁸. Os marxistas trouxeram a sequência excessivamente genérica mas, sob alguns aspectos didáticos, ainda operante: *comunismo primitivo, sociedade*

203 Vere Gordon Childe: **A Evolução Cultural do Homem; A Evolução Social; O Que Aconteceu na História**.

204 E.O. Wilson, Steven Pinker e outros.

205 Lewis Morgan, Friedrich Engels, Vere Gordon Childe e outros.

206 Claude Meillassoux, **A Antropologia da Escravidão**.

207 Lewis Morgan, **A Sociedade Antiga**. Presença, 1978-1980.

208 Darcy Ribeiro, **O Processo Civilizatório**; Jared Diamond, **Armas, Germes e Aço**; Gordon Childe, **A Evolução Cultural do Homem**; Yuval Noah Harari, **Sapiens**, entre muitos outros.

*antiga, feudalismo, capitalismo, socialismo*²⁰⁹. Ainda que o *capitalismo mercantil* tenha surgido desde a Antiguidade (Fenícia, Grécia, Roma), não resta dúvida que seu desenvolvimento máximo se deu a partir da chamada Baixa Idade Média, principalmente nas cidades-estados italianas (Pisa, Gênova, Veneza, Milão, Florença). Data dessa época um processo lento, mas irresistivelmente dinâmico, que foi se infiltrando e pressionando as estruturas feudais (e outras mais antigas) e conformando o multifacético sistema capitalista, que vem até os nossos dias.

Do século XI ao século XV, na Europa Ocidental, depois do desmoronamento do Império Romano, do florescimento dos *reinos bárbaros* e da difusão do modelo feudal, proliferam as vilas e pequenas cidades. Algumas vão se tornar dinâmicos centros comerciais e, depois, produtivos. Pouco a pouco intensifica-se o comércio e a produção de mercadorias, num processo que dura algo em torno de 500 anos. As cidades, as regiões, as nações vão gradativamente passando à hegemonia dos grandes comerciantes, que ampliam sua abrangência, até o ponto de assumirem parcialmente o controle dos países: Inglaterra e França à frente, depois da hegemonia transitória das cidades italianas, da Espanha e de Portugal. Desenvolvem-se as denominadas *revoluções burguesas*. O capitalismo (a lógica da mercadoria e da acumulação do capital), a hegemonia completa (econômica, política e cultural) dos proprietários do capital, amplia-se, aprofunda-se e, já numa outra fase histórica, domina os principais países do mundo, os centros comerciais e produtivos de todo o planeta.

209

Darcy Ribeiro, n' **O Processo Civilizatório**, revisa o esquema evolutivo apontado por vários autores. Assinala que a história humana passou por várias revoluções tecnológicas que lhe aceleraram ou alteraram os rumos. Para Darcy, oito revoluções tecnológicas (agrícola, urbana, do regadio, metalúrgica, pastoril, mercantil, industrial e termonuclear/eletrônica) marcaram a história humana, cada uma delas gerando configurações histórico-culturais específicas. Outros autores destacam que a eletricidade, a química moderna, a energia nuclear, a eletrônica são desdobramentos da primeira revolução industrial (v. Jeremy Rifkin, **A Terceira Revolução Industrial**. M. BOOKS, 2012).



Nesse processo se dá a acumulação de grandes capitais. De início foi uma lenta acumulação (dos recursos posteriormente investidos no modo de produção capitalista). Historiadores registram que, para os fenícios (há 5.000 anos), comércio e pirataria eram a mesma coisa²¹⁰. O mesmo valia para vários núcleos comerciantes da Antiguidade e da Modernidade (os gregos, os portugueses e os espanhóis). Se o interlocutor fosse forte, negociavam. Se o interlocutor fosse frágil, saqueavam. Desde épocas distantes começam a se formar as sementes do capital financeiro e do sistema bancário, com dinheiro emprestado a juros em condições escorchantes (os inadimplentes, em vários grupos sociais, ao longo de toda a Antiguidade, podiam ser punidos com a escravização). Ao longo dos séculos, o comércio foi se civilizando, sem nunca ter superado de todo essa ambiguidade entre troca e roubo. Desde muito longe, um dos itens mais comercializados eram seres humanos (capturados com violência extrema e) escravizados. Eslavos (de onde vem a palavra *escravo*), brancos de olhos azuis, e africanos negros, foram os preferidos em distintas épocas históricas. No transcorrer da Idade Média, foram se adensando redes locais e internacionais de comércio – e os comerciantes se fortalecendo, principalmente entre os árabes e, depois, os europeus. Configura-se um mercado internacional. Deflagram-se as grandes navegações, buscam-se novas formas de produzir mercadorias para esse denso mercado emergente²¹¹. Todo esse movimento deságua em duas vertentes socioeconômicas: (1) as colônias (de exploração e de povoamento) e (2) os primórdios da revolução industrial. Estas vertentes provocam grandes deslocamentos de populações: (1) os escravizados para operarem as grandes plantações coloniais de cana-de-açúcar e de algodão (Brasil, Cuba e sul dos Estados Unidos) e (2) os camponeses expulsos de suas terras que, migrando sem eira nem beira para as cidades que davam os primeiros passos no processo de industrialização,

210 José Jobson de Andrade Arruda, **História Antiga e Medieval**, Ática, 1982.

211 Polanyi, Karl - **A Grande Transformação**: As Origens da Nossa Época, Elsevier, 2000.

formaram os primeiros contingentes do proletariado industrial (Inglaterra principalmente). Saqueando e destruindo civilizações e formações sociais antigas, escravizando milhões de homens, mulheres e crianças, criando a exploração assalariada nas manufaturas e fábricas, obrigando os pauperizados (homens, mulheres e crianças, ditos *livres*, despojados de tudo) a jornadas de trabalho de 14 horas ou mais, assim se dá a acumulação originária do capital. Daí porque a afirmação de Marx: *o capitalismo surge no mundo pingando sangue e lama por todos os poros*.

Acompanhando, quase em paralelo, todo esse complexo movimento socioeconômico, ocorrem grandes transformações políticas e societárias em praticamente todo o mundo. Nas formações sociais hegemônicas desses processos, assumem o poder político os representantes dos setores das novas classes dominantes, no conjunto designado de *burguesia*. Antigas classes (nobres, aristocratas, plebeus) se modificam e novas classes (e alianças de classes) ocupam a cena social (comerciantes, industriais, banqueiros, aristocratas transformados). Nas colônias americanas forma-se um novo mundo (produtor, comercial, escravista): os produtores e fornecedores de açúcar, fumo, algodão, os senhores de escravos e seus cativos. A revolução industrial na Inglaterra deu um novo impulso à produção escravista nas Américas, principalmente em Cuba, no sul dos Estados Unidos e no Brasil²¹².

A Revolução Industrial, já no bojo das transformações capitalistas, impactou profundamente a vida humana. Não foi um processo rápido. Toda essa história se formou, se consolidou, ao longo de séculos: desde a Idade Média, em torno do ano 1000 a 1400 e, de modo mais nítido e de aceleração crescente, de 1400 a 1800, dos

212

Capitalismo e Escravidão, de Eric Williams é um livro fundamental sobre esse ponto. Importante também ver: **Escravidão e Capitalismo Histórico no Século XIX**: Cuba, Brasil e Estados Unidos, de Rafael Marquese e Ricardo Salles (orgs.); **O Escravidão Colonial**, de Jacob Gorender; **Formação do Brasil Contemporâneo** de Caio Prado Jr. e **Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial** de Fernando A. Novais.

séculos XV ao XIX, período que coincide com a formação do Brasil Colonial. Durante esse período, surge um verdadeiro *mundo novo*. Surge, se desenvolve e continua a se desenvolver. Domina hoje as mais dinâmicas áreas do planeta. O modo de vida de grande parte da espécie humana se alterou drástica e dramaticamente²¹³. As transformações dessa hegemonia da lógica capitalista (e seus desdobramentos práticos) são, em grande medida, a história do mundo, deste mundo que hoje nos desafia²¹⁴.

Temos mais informações e compreensão do que ocorreu no século XX. Parte de nós ainda viveu nesse século e passou por parte de suas turbulências, que se prolongam pelo século XXI, quando se anunciam grandes transformações, vividas já por parte da humanidade, ainda distantes para a maioria.

No século XX se deram a Primeira e a Segunda guerras mundiais (as duas juntas mataram mais de 60 milhões de pessoas), a Revolução Russa, a Crise de 1929, a ascensão e queda da União Soviética, a Guerra Fria, as bombas atômicas, a dissolução do Império Britânico, a independência da Índia, a revolução comunista na China, a emergência da hegemonia americana, a emergência da *affluent society* e do Estado de Bem-Estar Social, a ascensão da social-democracia.

Duas guerras mundiais marcaram a primeira metade do século XX. A Guerra Fria marcou a segunda metade. Em ambos os períodos, de um lado a ascensão das propostas e ações do *imperialismo ocidental*, do outro lado as propostas e as ações *comunistas*. Os dois grupos, um demonizando o outro, se acusavam mutuamente

213 Jared Diamond, **Armas, Germes e Aço** (Ed. Record, 2005); Tzvetan Todorov, **A Conquista das Américas** (Ed.WMF Martins Fontes, 2010).

214 O capitalismo não surgiu com a revolução industrial, transformou-se em um processo de início lento, contínuo, com solavancos bruscos, que levou séculos se formando e se alastrando, até chegar ao que é hoje. E há quem pretenda desmontá-lo e substituí-lo no espaço de uns poucos anos. Crises são endêmicas no capitalismo, mas a *crise geral*, que (na visão ortodoxa) iria abatê-lo, não está à vista.

de opressão e atrocidades. Um conflito agudo entre razões parciais e muitas distorções de propaganda política. Verdades e mentiras em ambos os lados.

Os primeiros tempos da revolução industrial foram muito cruéis para as classes trabalhadoras, para os assalariados. As jornadas eram infundáveis, de 14, 16 horas, em ambientes absolutamente insalubres, as remunerações dramaticamente baixas, as fábricas repletas de homens, mulheres e crianças, oprimidos sob todos os aspectos, as condições de habitação e de vida as mais precárias, uma situação próxima da condição de escravos, ainda que conceitualmente distinta. Isso nas principais cidades industriais do mundo à época.

A revolução industrial não decorreu de um ato ou pensamento genial de quem quer que seja. Decorreu da confluência de várias causas: do (lento) adensamento do comércio de longa distância; do desenvolvimento dos meios de transporte, principalmente marítimo, do desenvolvimento urbano e a formação de especializações técnicas e institucionais, da formação de mercados (numa das muitas fases de mundialização das trocas comerciais, conectando elites), da acumulação primitiva de montantes de capital, da intensificação dos mecanismos de competição, da formação (espontânea e forçada) de um proletariado urbano, etc. Essas convergências, por sua vez, foram, de modo cumulativo, viabilizando outros desenvolvimentos, deflagrando uma dinâmica, cada vez mais intensa e cada vez mais complexa (de conhecimento, inovações e práticas) que, num desdobrar-se de configurações histórico-sociais, dura até hoje.

Dessas convergências, num dado momento, estava dada a configuração da emergência de um novo mundo, em dinâmicas transformações²¹⁵.

215

Várias obras literárias descreveram as sociedades deste tempo. Vale a observação de Félix Guattari (*As Três Ecologias*, Papyrus, 1995) de que as obras poéticas e literárias muitas vezes descrevem melhor as realidades humanas que os textos de pretensão científica. É possível fazer um estudo profundo da história de um tempo e de uma sociedade através das obras literárias. Ou melhor, ao contrário, não é possível compreender uma sociedade e um tempo histórico sem o estudo de sua arte, de sua poesia, de sua literatura.

Essa situação gerou reações organizadas, pacíficas umas, mais agressivas outras – e, algumas, de extrema violência, com a ocorrência de massacres dos descontentes, camponeses e proletários urbanos, brutalmente explorados e oprimidos²¹⁶. Os séculos XVIII e XIX, de um lado, foram os séculos da montagem do colonialismo e do imperialismo europeu sobre o resto do mundo. Europeu? Não, não foram os *europeus*, foram as elites europeias, aliadas a tantas outras pelo mundo afora. Os desenvolvimentos técnicos e institucionais ocorridos na Itália, Espanha, Holanda, Portugal e, na sequência, Inglaterra e França, permitiram que suas elites (e suas pirâmides de conhecimento e poder) saíssem na frente nessa investida de dominar o mundo. Enquanto isso, ocorriam outras dinâmicas importantes para o desenrolar-se do destino humano: (1) a espoliação dos pobres urbanizados no assalariamento iníquo das cidades industriais europeias e (2) o crescimento dos mecanismos escravistas, na África e nas Américas. Dinâmicas que se entrecrocavam e se entrelaçavam com (3) a brutal competição entre os Estados de algum modo mais poderosos da época. Essas as três macrodinâmicas da época colonial se estendem, se desdobram nos tempos iniciais da revolução industrial e se prolongam até o século XX.

216

Massacres de pobres, operários e camponeses – e massacres de nativos de regiões conquistadas – são talvez incontáveis, no processo de consolidação do sistema dominante. A Revolução Francesa, com a intenção de extirpar a aristocracia, levou à decapitação na guilhotina cerca de 40 mil pessoas, em oito anos. A serviço da burguesia dominante, tropas militares francesas realizaram massacres de cidadãos franceses rebelados em 1848, em 1871 e ainda outras vezes. O mesmo ocorreu em vários países da Europa e do mundo. A afirmação de Marx de que *o capitalismo surge no mundo pingando sangue e lama por todos os poros*, pode ser lida como um eufemismo diante dos banhos de sangue que essa implantação gerou pelo mundo. Isaac Deutscher, político e historiador marxista/trotskista, completa: *o socialismo também*. A modernidade é filha da tragédia. Talvez, a primeira condição de fazer algo de verdadeiramente novo na vida política seja, de fato, na linha de Gandhi, a recusa determinada à violência, o caminho da não violência. Pode parecer impossível, mas Sun Tzu, o lendário estrategista chinês, autor de *A Arte da Guerra*, ali escreveu que *o grande general é o que ganha a guerra sem combater* (Sun Tzu valorizava a paz). Por outro lado, é possível registrar que primeiro alguém escravizou alguém antes que esse alguém quisesse se libertar, essa talvez a diferença preliminar entre *direita* (os que escravizam) e *esquerda* (os que, ao menos em teoria, se colocam ao lado dos que precisam ou tentam se libertar). É preciso, também, enfrentar o fenômeno da *servidão voluntária* e/ou o poderoso controle ideológico das tradições dominantes.



Tudo isso se entrelaça numa dinâmica global (global desde há muito) que acabou por configurar um sistema dinâmico, internamente paradoxal, de um lado, gerador de riquezas e luxo, para suas elites e agregados, e, de outro lado, gerador de exploração, opressão e penúria, para a maioria de seus operadores na parte de baixo da pirâmide social e das fronteiras externas em processo de captura para o sistema. Grandes benefícios para uns e grandes sofrimentos para a maioria. Esse sistema, por conta de seus dispositivos auto alimentadores (e pela violência com que se impôs), conquistou o mundo. Os seus adeptos o chamavam de *sistema de livre-iniciativa*, os seus contestadores o designaram de *imperialismo*, *sistema colonial* e *modo de produção capitalista*.

A segunda metade do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX, a configuração política do mundo europeu nessa época, foi marcada pelo debate e pela disputa entre, de um lado, as facções das elites dominantes (banqueiros, industriais, potentados agrários, comandos militares) e, de outro lado, os contingentes populares, aí incluídos operários industriais, desempregados, camponeses, artesãos e pequenos empreendedores. Elites e massas populares, burguesia e proletariado. Cabem as várias denominações, ao gosto do freguês. A disputa política básica, que polarizava as sociedades (Inglaterra, França, Alemanha, se estendendo de modo variado pelas demais) era o funcionamento econômico comandado por segmentos da chamada *burguesia* (financeira, industrial e comercial – e seus aliados militares), cujos defensores se diziam adeptos da *economia liberal* contra os *socialistas* (que nessa época se designavam como *social-democratas*²¹⁷ e – depois da revolução russa – de comunistas.

217

Os gramáticos (nem todos) dizem que a grafia correta, nesse caso, é *sociais democratas*, porque o adjetivo (social) deve concordar com o substantivo (democratas). Tem lógica, ocorre que ninguém fala desse modo. Os gramáticos, às vezes, costumam burocratizar a língua. Seria ainda mais prático escrevermos sem o hífen. Mas, há o ditado que diz *amarra-se o dono de acordo com a vontade do burro, contudo, nem sempre*.

Essa polaridade poderia ser enganosa, não deixava, contudo, de ser uma percepção muito difundida à época. Cada um dos dois campos, país por país, era fragmentado em diversos subcampos e facções políticas.

As divergências entre as elites eram tão brutais – com base em alianças e competição entre grupos empresariais, que conduziram o mundo para a catástrofe da Primeira Guerra Mundial – de onde saíram ainda mais divididos e, de quebra, com a eclosão da *revolução comunista* na Rússia. Situação que levou à Segunda Guerra – de consequências ainda mais catastróficas.

No campo dos segmentos populares – é necessário nunca perder de vista a pluralidade de situações e de interesses – pululavam as facções: conspiradores revolucionários, anarquistas, fabianos, comunistas e socialistas de vários matizes, revolucionários e *utópicos*. No fundo, pelo que lutavam essas facções? Pelo aprofundamento das teses e das consequências da Revolução Francesa, como a viam. *Liberté, Egalité, Fraternité*, para todos, não apenas para os grandes proprietários e seus aliados das classes médias.

O debate entre estes dois campos era intenso e multifacético. Mas o que levou à guerra mundial (a primeira) foram as divergências dentro do campo das classes e elites dominantes. Os setores populares, tomados pela propaganda e pelos sentimentos nacionalistas, *grosso modo*, embarcaram no paradigma dominante e todo mundo queria derrotar todo mundo. A guerra foi vendida para o povão, para a sociedade como um todo, como algo heroico e necessário. E o povão comprou essa ideia imbecil e foi à guerra – em consequência do que, entre 1914 e 1918, mais de dez milhões de pessoas perderam a vida, além dos incontáveis mutilados e traumatizados de todo tipo. Logo depois veio a *gripe espanhola* que matou mais alguns milhões.

A essa altura a configuração política muda bastante. No campo popular, o campo das chamadas *esquerdas*, se subdivide



entre, principalmente, comunistas (animados com a revolução russa e o crescimento dos partidos comunistas no chamado Ocidente), socialistas (propositores de uma transformação gradual do sistema e da ascensão ao poder pela via eleitoral) e anarquistas. Estes últimos eram fortes na Itália e, principalmente, na Espanha. No campo da *direita*, hegemonizado pelo alto empresariado e comandos militares, despertam com força as tendências autoritárias, que chegam ao poder, na Itália desde 1921 e na Alemanha desde 1933. O período entre as duas grandes guerras foi de intensa agitação política: crescem a influência comunista e os movimentos fascistas, em toda a Europa e no mundo. Em 1936 explode a guerra civil espanhola, confrontando fascistas, comunistas e anarquistas. Ganham os fascistas, com o apoio militar dos fascistas italianos e alemães. Estima-se, só aí, quase um milhão de mortos. Pouco depois, a Alemanha invade a Tchecoslováquia, a Polônia e a França. Estava deflagrada a segunda grande guerra no século. Finda a guerra – mais de 50 milhões de mortos, metade disso só na Rússia – derrotada a Alemanha nazista, começa a Guerra Fria. Do ponto de vista da guerra psicológica americana, era o conflito *democracia* (o Bem) contra o *comunismo* (o Mal); do ponto de vista soviético, comunista, era o conflito entre o Imperialismo (o Mal) contra a libertação dos povos e o caminho do socialismo para uma sociedade sem classes (o Bem). Autoproclamados democratas e autoproclamados revolucionários emergiram e se conflitaram praticamente no mundo todo, apoiados, com maior ou menor ardor, pelos americanos e pelos russos.

Esse, claro é um resumo panorâmico e abstrato que, historicamente verídico ou não, correspondia à percepção predominante à época. No fundo, o mundo capitalista se unificava contra o que considerava *a ameaça comunista*. Os comunistas, em que pese, divididos em algumas facções, ampliavam sua influência no mundo. Em 1949 os comunistas tomam o poder na China – e, *reinventados*, estão lá até hoje.

Essa configuração – e as percepções políticas que dela emanavam – precisa ser vista de modo amplo, para podermos compreender todo o quadro e suas tendências. Desde o fim do século XIX, ao longo de todo o processo que levou às grandes guerras e à Guerra Fria, por dentro desse complexo processo maior, dois processos (à época) cresciam paralelamente:

1. O campo socialista se cindia entre *revolucionários* e *reformistas* (ou seja, os que só viam o caminho da *revolução* – com o inevitável uso da violência – e os que defendiam um caminho pacífico e democrático para o socialismo); os próprios Marx e Engels, no século XIX, já se debatiam com essa tendência (Marx, céptico, Engels, menos resistente)²¹⁸.
2. O campo capitalista liberal, se cindia entre os *duros* e os *reformistas*, estes reconhecendo necessidades de mudanças (maiores ou menores) para corrigir contradições graves no sistema. Sob alguns aspectos, até Bismarck, o chanceler de ferro da Prússia, posava de reformador. Parece que ninguém queria repetir 1848 (quando, a partir da França, de novo, quase toda a Europa se convulsionou com protestos populares e vários massacres repressivos). Ao longo dos anos esses grupos foram ganhando denominações indicativas de suas posturas: na linguagem americana (posterior), os *falcões* (republicanos e mais conservadores) e os *pombos* (*liberais*); na linguagem britânica, os *tories* (mais conservadores) e os *whigs* (com tendências mais liberais) e os trabalhistas na Inglaterra; na França, republicanos e socialistas. Com frequência, com variações doutrinárias, outros partidos buscaram preencher esse espaço, como foi o caso da Democracia Cristã (não só na Itália) e o (corporativista) PTB no Brasil.

218

Uma temática correlata à questão do *reformismo* é a *teoria das elites*. A este respeito é interessante ver Gimenes, Éder Rodrigo - Teoria Das Elites e as Elites do Poder: **Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR**, vol. 2 – n. 2, 2014: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/49>.

É possível identificar, nessa época:

1. Um campo de forças, maior, liberal conservador, ocupando os governos, que dominava o cenário no fim do século XIX e início do século XX;
2. Um outro campo de forças se formando paralelamente, uma reação de intelectuais e das classes populares – subdividido em:
 - Comunistas revolucionários, os formadores do marxismo-leninismo e
 - Os *sociais-democratas* e socialistas democráticos, além de
 - Os anarquistas (menos expressivos numericamente, mas presentes).

No pós-Guerra (na montagem da Guerra Fria), os comunistas, já investidos da ortodoxia stalinista (e seus contestadores, trotskistas e outros), ocuparam um grande espaço: Rússia, países da Europa Oriental, China – mais a ação internacional dos partidos comunistas (Europa Ocidental, Ásia, África). Os democratas sociais, com maior ou menor influência liberal, com visões de transformação social através de reformas gradativas (e não de rupturas, drásticas), chegaram ao poder em vários países, em versões e denominações variadas: trabalhistas, socialistas (não comunistas) ou meramente *democratas*, como nos Estados Unidos do New Deal de Franklin Roosevelt. Aprofundar a democracia, garantir o *estado do bem-estar*, chegar ao socialismo democrático, estas tendências se entrelaçaram nos partidos dominantes no Ocidente, em contraposição, de um lado, aos comunistas e, de outro, às ditaduras, de algum modo, herdeiras dos fascismos (caso de Portugal, Espanha e América Latina – ironicamente compondo o chamado *Mundo Livre*, liderado pelos Estados Unidos, na Guerra Fria).

Na prática política, na Europa (mas, na sequência, como um fenômeno mundial) as duas tendências reformistas (liberais e socialistas não ortodoxos) foram se aproximando e configuraram os partidos da *social-democracia*. Essa denominação vinha dos partidos de orientação marxista, mas com a crescente opção destes de se autodenominarem comunistas, a social-democracia foi se transformando – e se consolidou – como o rótulo dos reformistas, vindos dos marxistas não ortodoxos e dos socialistas democráticos ou vindos daqueles liberais que, além dos ganhos do capital, viam a necessidade de construir uma sociedade mais equilibrada. O dado mais importante – de máxima importância na vida política – foi que, a partir desta aproximação, adensa-se a ocupação de um espaço (constituído pelos da social-democracia) entre os extremos (*capitalismo selvagem*, um extremo, e *revolução comunista*, o outro)²¹⁹. E também ocorre que essa social-democracia, cada vez mais se descola do marxismo e, recebendo contribuições liberais, não só cresce como assume a liderança política nos países mais desenvolvidos²²⁰.

Recusando, de um lado, o capitalismo sem peias e, de outro, o caminho comunista, os partidos da social-democracia foram a via política do *welfare state*, o Estado do Bem-Estar Social, fonte de muito otimismo, mas colocado em xeque principalmente nas últimas três décadas.

219 Ainda quanto à denominação dessa tendência política: na Inglaterra o partido liberal não se consolidou, essa tendência se dá no Labour Party, o Partido Trabalhista; na França, no Partido Socialista; na Alemanha no SPD; nos Estados Unidos, no Partido Democrata. O importante são as propostas, o conteúdo político – e as práticas. Com muita frequência, num país, se formam mais de um partido de conteúdo social-democrata.

220 Claro que é necessário aprofundar esse relato. Nada disso se deu com essa simplicidade, pelo contrário, foram infinitas idas e vindas, uma longa e complexa tecitura histórica. Contudo, se nos focarmos nos detalhes, nesse momento, não vamos identificar a dinâmica mais ampla desses processos. É polêmico e problemático isolar fatos históricos para estudá-los (como parece defender Hannah Arendt (*Entre o Passado e o Futuro*). Uma abordagem incomum, se não original, que dá uma ideia da complexidade do empreendimento, se encontra em *Anatomia de um Instante*, de Javier Cercas (Ed. Azul, 2012).

8

LIBERALISMOS

Sartre, em certo momento, afirmou que o *marxismo* era a filosofia *insuperável* do século (XX)²²¹. Fazia uma aproximação crítica, porque, na sequência do texto, desenvolve críticas substantivas à filosofia de Marx. No entanto, no século XX, mais presente que o *marxismo* foi o *liberalismo*.

Uma das contribuições mais permanentes do pensamento dialético é o de chamar a atenção para a presença inevitável das *contradições*, dos campos de força opostos, das tensões internas a todos os sistemas²²². Se a contradição está na essência das coisas, no âmago estrutural da realidade (exemplo: o átomo está carregado de energia positiva e energia negativa – em equilíbrio), o pensamento, para corresponder com o real, precisará apreender – e provavelmente incorporar – a realidade das tensões internas em todas as coisas, sejam materiais ou sejam abstratas. Essa pode ser uma excelente polêmica. Isso para constatar que *liberalismo*, *marxismo*, *anarquismo*, *existencialismo* – e o que mais – tudo isso também está eivado de contradições, de tensões internas, de fissuras, de potenciais fragmentações e de inevitáveis pluralidades. Ninguém registrou como que uma patente de o *liberalismo*. Não há, nunca houve, um liberalismo – o liberalismo nasce plural.

O mundo da Idade Média – na tecnologia, na economia, na política, na religião, na cultura, no modo de vida – era bem diferente do nosso. Sobre tudo era um mundo pouco afeito ao novo. A tradição era a regra mais poderosa. Isso na cabeça e na prática dos homens, sem que deixassem de existir as contradições, as tensões internas, as exceções. No geral era um mundo fechado, circular. Infiltrando-se

221 Sartre: **Questão de Método**, Difusão Europeia do Livro, 1967.

222 Lênin resumiu numa fórmula precisa: *dialética é o estudo da contradição na própria essência das coisas*. A dialética não surge no mundo com Hegel. O pensamento taoísta, dos confins do passado chinês, já era dialético e buscava, como condição do conhecimento, interpretar os paradoxos da vida. Há uma pesquisa necessária a realizar, veja-se, como importante contribuição, **O Tratado da Eficácia**, de François Jullien (Ed. 34, 1998). Já indicamos acima que Eric Fromm (**A Arte de Amar**) indica as raízes taoístas da dialética.

nos interstícios deste mundo, se desenvolve o comércio, amplia-se a urbanização, insinua-se o modo de produção capitalista e aquele mundo fechado vai sendo flexibilizado, desconstruído e, por fim, ultrapassado, implodindo, caso a caso, com maior ou menor ruído. Isso é o que nos mostra a melhor pesquisa e a melhor literatura²²³.

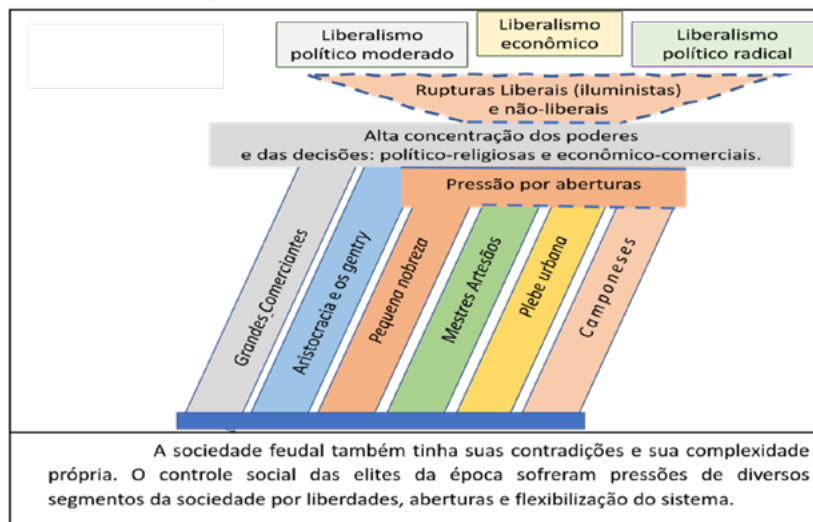
As pressões por mudança, naqueles tempos (ainda estamos falando de Europa), vinham de todo lado: o desenvolvimento do comércio, as polêmicas teológicas e cismas religiosos, a urbanização alterando costumes milenares, a emergência de novas classes sociais, as revoltas camponesas, os anseios por consolidação dos Estados nacionais, o adensamento dos conflitos militares, etc. Um mundo social em ebulição, buscando novos espaços – e uma capa de poder medieval, teológico, violento e feudal ainda predominando nas tradições e no exercício dos poderes. E todo esse sistema evoluindo em suas contradições e tensões internas. A complexa estrutura social inglesa, por exemplo, se conflagra na luta entre Parlamento e Coroa (a grande burguesia da época se divide) e se dá a derrubada e a decapitação do rei Carlos I (1649), um governo (Cromwell) profundamente contraditório se instala, teocrático, puritano, revolucionário para a época, pequeno-burguês – as contradições se agravam (uma guerra civil, ora fria ora quente, dura meio século); as coisas só vão se acomodar com a chamada *Revolução Gloriosa* (1688), com o restabelecimento da monarquia, com a grande burguesia comercial em aliança com o rei, uma mudança profunda havia se dado. As colônias americanas desenvolvem sua economia e seus anseios de autonomia – o que leva à Independência e à formação dos Estados Unidos. Na França, a incompetência e a luxúria da aristocracia chegam a um impasse com as pressões populares, explode a Revolução Francesa. Nesse clima de fraturas e choques sociais os mais diversos, se desenvolve um movimento cultural novo, o Iluminismo, que funciona como uma alavanca para fazer desmoronar aquele mundo antigo,

223

Podemos aí incluir *O Capital*, de Karl Marx, *A Grande Transformação*, de Karl Polanyi, *A Evolução do Capitalismo* de Maurice Dobb – e outros.

tradicional, medieval. Um mundo novo surge, não só da descoberta de um novo continente (as Américas) mas da evolução interna e contraditória do Velho Mundo. Proposições intelectuais e posicionamentos inovadores também surgem por todo lado. Esse foi um *processo revolucionário*, sem dúvida, mas transcorreu durante mais de 150 anos (considerando do início da guerra civil inglesa à independência dos Estados Unidos – e publicação da RIQUEZA DAS NAÇÕES, de Adam Smith), quando, naquele mundo travado pelas mais pesadas tradições, começam a surgir (e desabrocham) as mais diversas manifestações de inconformismos, de busca de novos valores, de novas liberdades. Assim vêm à tona os liberais: Locke, Voltaire, Rousseau, Adam Smith, cada um deles expressando uma profusão de anseios de libertação daquele mundo travado e tradicional.

DIAGRAMA 01: as pressões antifeudais

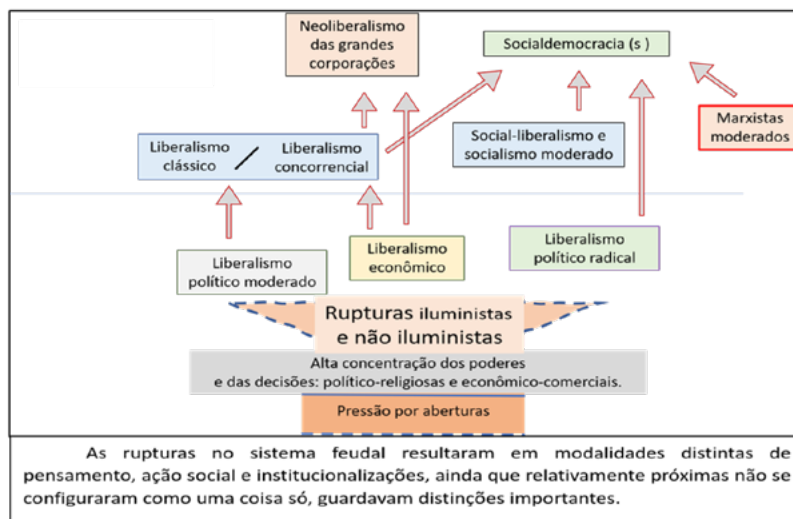


Essa diversidade de pressões se dando: (1) na teoria política, operando a derrocada do absolutismo monárquico, Locke, mas logo em seguida, Montesquieu e Rousseau; (2) na economia, apontando os caminhos para a superação dos monopólios reais, Adam Smith e

outros; (3) na cultura, Voltaire – e os *libertinos* (Restif de La Bretonne e outros). Os séculos XVI, XVII e XVIII, décadas, séculos de rebeliões, religiosas, culturais, tecnológicas, econômicas, políticas – tudo emolado, tudo entrelaçado, tudo simultaneamente – um mundo violento, transtornado, em ebulição. Nasceu²²⁴ assim a Modernidade (rompendo as barreiras feudais) e, com ela, os liberalismos: na política, na economia, na cultura, nos costumes.

Dessas pressões múltiplas se dá, caso a caso, o desmoronamento do mundo feudal. Dessas múltiplas rupturas parciais emerge um mundo novo – que desdobra novas realidades. Sendo, então, esse o retrato (ou o filme) do surgimento do mundo moderno e, a partir daí, do mundo contemporâneo, o nosso mundo – que irá sabe-se lá para onde, a depender do que formos ou não formos capazes de fazer.

DIAGRAMA 02: as diásporas liberais



Assim, não há e nunca houve *O Liberalismo*, o que há são várias formulações que, em campos diferenciados do viver humano, buscam superar as travas do mundo medieval (enrijecido pelas tradições). Mas isso se dá no contexto das contradições da vida social da época – e do que dela se estende até o nosso tempo.

Tomando, como exemplo, a revolução na França (a partir de 1789 até o estabelecimento da ditadura de Napoleão (1804): o eixo temático da revolução foram as formulações liberais. Seus grandes marcos foram a expressão popular, a queda da Bastilha, a decapitação do rei (o símbolo do absolutismo), a Proclamação da República, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, tudo isso resultante de embates políticos e filosóficos que vinham de La Boétie, de Rousseau, de Montesquieu, dos deputados e das facções na Assembleia Nacional e dos conflitos nas ruas. Esse era o foco: reconhecer os direitos da cidadania, colocar em pauta e aprovar propostas liberais e populares. Contudo, isso nasce do olho de um furacão, é fruto dos conflitos e expressa múltiplos interesses (econômicos, políticos, ideológicos). Assim, a partir dessa ebulição (múltipla, diversa, emergente de vários paradigmas) surgem as ideias liberais, quebrando entraves, monopólios econômicos, reestruturando as instituições, recriando as artes, alterando os costumes – e produzindo inovações diferentes em países e culturas diferentes (França, Inglaterra, Itália), toda a Europa e reverberando praticamente no mundo todo.

A Modernidade teve, desde o início, um aliado poderoso, de tempera (até hoje) praticamente imbatível: a dinâmica do sistema do capital. Os princípios da modernidade, os destravamentos ideológicos, muitas liberações nos costumes, a ideia do progresso e a dinâmica capitalista, praticamente nasceram ao mesmo tempo (e cresceram juntas), com vínculos fortes entre si – e vários conflitos também. Podem continuar juntas (numa relação que muitas vezes é de puro amor e ódio) mas, um dia, podem cada qual seguir caminhos históricos diferenciados.

Um traço comum aos liberais (ou aos liberalismos) é a atribuição de valor ao indivíduo, o foco na dignidade da pessoa humana. Mas isso ainda num contexto de escravização generalizada, da expulsão dos camponeses da terra e da exploração desumana da mão de obra assalariada. Onde fica o liberalismo? Estanca ou prossegue, de acordo com os interesses e as interpretações que a eles correspondem.

As clivagens sociais se refletem na ideologia? Ou as ideologias são adotadas de acordo com os interesses? Essa segunda hipótese é mais realista, mas nunca absoluta.

Não temos então uma *ideologia burguesa* (pronta e acabada), mas o uso burguês (o uso limitado a determinados interesses) de uma ideologia historicamente disponível, a ser torcida, moldada, de acordo com esses interesses particulares: a interpretação que *nos convém* (o Renascimento italiano, por exemplo, criava algo qualitativamente novo sob a roupagem de um suposto classicismo grego). Vimos isso com o cristianismo na Inquisição espanhola, com o liberalismo na ascensão burguesa e com o marxismo stalinista no *capitalismo de Estado* russo. Não são as ideias que usam os homens, são os homens (em situações concretas) que usam as ideias. Mas ideias compartilhadas aglutinam homens e mulheres, um caso típico de retroação: ideias induzem a comportamentos, comportamentos testam ideias, geram imitação, aglutinações, ações e evoluções, múltiplas.

1. As elites econômicas assimilam (e produzem a partir de) as ideias que se compatibilizam melhor com os seus interesses. Adotam – e desenvolvem (são inteligentes) as versões dos ideários liberais que se ajustam melhor a seus interesses (parciais e restritivos).
2. Os *republicanos*, mais vinculados às classes médias (a exemplo de Robespierre), adotam versões liberais mais democráticas, em alguns aspectos menos restritivas e, em outros aspectos, mais restritivas.

3. Líderes e intelectuais mais vinculados às classes populares buscam as raízes dos problemas com mais afinco, são mais radicais, querem ir às últimas consequências da valorização das pessoas e da dignidade humana, não aceitam as restrições que, muito mais do que coerência doutrinária, correspondem a interesses restritivos e a manutenção de privilégios.

Estas três linhas de interpretação dos ímpetus libertadores, que emergiram da Idade Média e do mundo medieval, se apresentaram com toda clareza no processo e nos debates da Revolução Francesa. Se chamavam de realistas, monarquistas, jacobinos, girondinos, hebertistas, igualitários, etc. A dinâmica social gerava uma realidade complexa e os envolvidos a interpretavam de acordo com os seus interesses, adotando – e ajustando – as ideias da época aos seus interesses, em nome de uma coerência que cada um definia a seu próprio critério. As ideias evoluem nas práticas sociais²²⁵.

Uma marca a ser examinada no processo da Revolução Francesa é que, pelo visto, todos (ou quase todos), em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade, se achavam no direito de matar seus adversários. Primeiro os revolucionários matam os aristocratas, depois matam os girondinos (os revolucionários mais moderados), depois os republicanos se matam entre si, o que sobra mata os igualitários (os mais radicais). Quando quase todos tinham sido guilhotinados, a monarquia voltou. A revolução, realizada em nome da Razão, se revelou o mais irracional, violento e brutal, processo de resolução de conflitos. 50 mil mortos depois, de tudo isso, ficou a chamada *hegemonia burguesa*, a entronização dos controles sociais das políticas que interessavam aos proprietários do capital. Difícil considerar isso modelo para o que quer que seja.

225

As abordagens e os resultados dos métodos científicos provocam rupturas nos percursos ideológicos.

Desse *imbróglío* ficou a impressão de que os liberais eram, por excelência, os representantes da burguesia vencedora. Mas muitos outros, dentro desse campo de pensamento (nesse sentido Condorcet e Tom Paine podem ser emblemáticos) também se guiavam por formulações ideológicas liberais, diferindo que queriam levá-las a consequências mais coerentes. Não só havia liberais *de direita* e *de esquerda*, como havia liberais monarquistas, republicanos e socialistas. Os anarquistas, por exemplo, são por excelência liberais, *de esquerda* ou *de direita* (há neoliberais, hoje, que se consideram anarquistas, radicalmente contra o Estado e a favor da mais radical *livre iniciativa*). Não só anarquistas; sempre houve socialistas liberais, Marx os chamava de *socialistas utópicos*. Mas até mesmo os fundamentos filosóficos de Marx têm raízes profundas no ideário liberal: a sua indignação contra as condições desumanas dos operários e operárias, o valor que atribui à conquista da dignidade para todas as pessoas, a visão de uma sociedade sem classes, tudo isso se compatibiliza com o que pregava Tom Paine e vários outros liberais *de esquerda*²²⁶, sejam anteriores ou posteriores à pretensão marxiana de um *socialismo científico*.

É verdade que liberais clássicos, Locke entre eles, se alinharam inteiramente com o domínio burguês. Mas isso não faz do liberalismo uma doutrina colada à dinâmica capitalista. Legitimamente, os

226

O Dicionário de Política, coordenado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (Ed. UNB, 1991) utiliza duas páginas e meia para falar do liberal-socialismo. Entre outras coisas ali registra: "Historicamente, vale a pena recordar que, desde a primeira metade do século passado, se falou, na Europa, em Liberal-socialismo ou liberalismo socialista. Na Alemanha, enquanto Marx ditava o **Manifesto do Partido Comunista**, já circulava no debate político a expressão *liberaler Sozialismus*; ao mesmo tempo, na França e na Inglaterra, apareciam expressões análogas." E mais: "... será útil fazer referências precisas aos teóricos que falaram do liberal-socialismo ou socialismo liberal de forma explícita, tornando-o o centro de suas investigações, mais que aos fabianos ou a Bernstein ou, em geral, a todo movimento revisionista europeu do começo do século XX. Neste sentido, o fio condutor pode partir do inglês L.T. Hobhouse, passa pelo italiano Saverio Francisco Merlino e chega, mais recentemente, a Carlo Rosselli e Guido Calogero, bem como a todos os outros teóricos do movimento social-socialista dos anos 30 e 40. [...] ... mesmo sem esquecer o aparecimento de movimentos e ideias análogas em vários países, principalmente no período entre as duas guerras mundiais..."

princípios liberais não podem ser reduzidos à ideologia da dinâmica capitalista, porque, a toda evidência, nem todo burguês é liberal e nem todo liberalismo é burguês, nem todas as formações sociais capitalistas são liberais.

Essa formulação se choca frontalmente com a ortodoxia que supõe que a cada formação socioeconômica corresponde uma ideologia, sendo assim, "*o liberalismo é a ideologia do capitalismo*". Isso é um completo equívoco:

1. O universo ideológico não tem uma correspondência mecânica com a suposta base econômica – os teóricos marxianos mais sofisticados (Poulantzas, por exemplo) insistiram que as instâncias sociais básicas (econômica, jurídico-política e ideológica) guardam entre si uma autonomia relativa, que produz efeitos reais;
2. A uma observação não muito sofisticada fica evidente que o sistema capitalista pode muito bem conviver com sistemas de governo despóticos, como são inúmeros os exemplos, alguns bem recentes – o Chile de Pinochet o mais emblemático e a *nova direita reacionária* o mais aceso (Marie Le Pen, na França, Orban, na Hungria, etc.);
3. O neoliberalismo das corporações transnacionais é bem distinto de um liberalismo clássico (como o de Adam Smith) e incompatível com um *liberalismo* que se poderia dizer como *de esquerda* (como o de Tom Paine ou de Condorcet – ou de Bernie Sanders) voltado a transformações democráticas e humanitárias.

As ortodoxias não costumam ser capazes de fazer distinções que vão além das dicotomias primárias, deformadoras das complexidades da vida. O liberalismo político, o liberalismo econômico, o liberalismo nos costumes (cada um destes com várias versões e formas de expressão diferenciadas) têm vínculos e similitudes e, com

frequência se misturam. Contudo têm também distinções que os tornam muitas vezes distantes entre si e mesmo, às vezes, antagônicos. *Liberté, Egalité, Fraternité*, podem conviver em equilíbrio dinâmico, esta é uma visão liberal. Um igualitarismo coletivista, que reprima as diferenças, é claro, nada tem de liberal. Por outro lado, absolutizar a *liberdade*, esmagando a *igualdade* (a dignidade intrínseca da condição humana), pode ser *neoliberalismo*, uma adulteração dos princípios liberais nascidos do movimento iluminista (que promoveu a *revolução humanitária*).

Estas distinções são importantes porque algumas conquistas trazidas pelos liberais, pelo liberalismo, pelos liberalismos, foram – e são – conquistas da humanidade, conquistas civilizatórias que trazem dignidade à condição humana. Já citamos a *revolução humanitária* apontada por Steven Pinker. Podemos discordar dos detalhes dessa história, mas o seu conteúdo básico não é descartável, são conquistas humanas a preservar, porque plenamente valiosas para a vida humana. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Assembleia Geral da ONU, em dezembro de 1948, é uma súpula aceitável dessas conquistas. São metas e realizações que advêm do ímpeto das lutas liberais, mitigadas ou não pelas dificuldades da vida real. A luta para fazê-las plenamente respeitadas em todos os cantos do planeta, é a melhor de todas as causas.

Pretender identificar *liberalismo* e *capitalismo* é propugnar uma falsidade. Só serve a quem interessa mistificar a realidade (ou uma *direita* cínica, que precisa da superficialização dos conceitos, para edulcorar a realidade e iludir as pessoas, ou uma *esquerda* ortodoxa que nada tem a oferecer, a não ser, talvez, revivescências de erros do passado e sacrifícios inúteis).

As ideias, os pensamentos, nunca são de concreto ou aço carbono, assim as querem os ortodoxos de todos os matizes que, depois de produzirem muito mal, sempre fracassam. As ideias e princípios autênticos são sempre flexíveis e não se prestam a serem

tomados como certezas, uma lição que vem desde Sócrates e reforçada por Max Born²²⁷. A mensagem cristã de paz e amor ao próximo foi utilizada na Inquisição Espanhola como instrumento delirante de poder, tortura e sadismo autorizados (pelo Papa). A pregação indignada de Marx por uma sociedade sem classes, redundou no capitalismo de estado *soviético* e no domínio da burocracia *stalinista*. Há o atual *neoliberalismo*: um extrato dos princípios liberais, devidamente torcidos, numa combinação de falácias, para pretensamente justificar a ação predatória realizada pelo capital financeiro e por grandes corporações privadas transnacionais sobre os povos do mundo.

O mundo contemporâneo, nucleado ainda pelo desdobramento da revolução industrial (em sua terceira ou quarta fase)²²⁸, com a economia imersa numa vida social e política marcadas pelas desigualdades (resultantes das dinâmicas de desenvolvimento desigual do passado, as armadilhas históricas), esse *nosso* mundo de hoje, como tudo que existe, ao menos na perspectiva humana, é impregnado de contradições e paradoxos, não temos como fugir das complexidades.

O mundo da chamada *globalização*, confuso e enevoado pela ideologia neoliberal, sob regência das altas hierarquias empresariais, políticas, tecnoburocráticas e militares, é também o mundo da modernidade *hight tec*, das tecnologias de ponta, dos automóveis, dos computadores, dos aviões, dos remédios que salvam vidas, dos computadores e dos celulares, dos satélites artificiais, da Internet, enfim, de todo um aparato tecnológico sem o qual a população humana, hoje, na casa de oito bilhões de seres, entraria em colapso, produzindo catástrofes inimagináveis.

227 **A Causa de Todos os Males:** <https://www.bbc.com/portuguese/media-63859637>

228 Falou-se, numa metáfora exagerada, que estamos na *era do conhecimento*, mas é a poluição industrial que continua a ameaçar o equilíbrio climático do planeta.

Tudo que cria esse *admirável mundo novo*, também empurra para as zonas de exclusão e pobreza milhões de seres humanos, inclusive dentro dos próprios países mais desenvolvidos. Uma realidade paradoxal, um gigantesco sistema de paradoxos. O mesmo sistema que eleva a riqueza e a qualidade de vida (não para todos) promove a miséria de muitos, sob muitos aspectos inclusive, para além da pobreza material.

Os fervorosos adeptos desse sistema focam a atenção exclusivamente nas realizações consideradas positivas e veem os críticos como impertinentes desvairados. Os fervorosos críticos veem esse sistema como maligno e como urgente necessidade humana superá-lo desde as raízes. Provavelmente estes dois extremos estão equivocados – ambos mutilam a percepção pela unilateralidade. Como dizia a velha (e pouco compreendida) dialética, é preciso levar na devida conta a dinâmica sistêmica: totalidade, movimento e a ineludível *contradição na essência das coisas*.

O sociólogo Göran Therborn nos diz que *comparadas às superpotências, as corporações são nanicas*²²⁹. Ainda que baseada em quantitativos reais, esta visão é enganosa. Deixa de lado a real influência destes megagrupos econômicos sobre os governos onde atuam. É preciso considerar as ações de *lobby*, formais e informais, as pressões de todo tipo que estas empresas realizam sobre os governos, incidindo sobre as instâncias de decisão, com ações diretas

229 Göran Therborn, **O Mundo**: um guia para principiantes (Ed. Contexto, 2013, pág. 185/6), textualmente: “Comparadas às superpotências, as corporações são nanicas. Quando seus ganhos atingiram o pico, em 2006, as corporações listadas na *Fortune US 500* registraram lucros correspondentes a 16% da arrecadação total de impostos do governo estadunidense. A receita bruta das 10 maiores corporações do mundo juntas corresponde a um pouco mais de um décimo da carga tributária estadunidense (dados relativos a impostos oriundos da OCDE, <http://stars.ocde.org>). O maior empregador privado do mundo é, de longe, a rede varejista antissindical estadunidense Walmart, com cerca de 2 milhões de empregados no mundo todo. Esse número representa, todavia, menos de um décimo de todos os cargos do setor público civil dos EUA, registrado em 22,6 milhões em 2009 (www.bls.gov/news.release), e pouco mais da metade dos empregos da iniciativa pública alemã [...]. As corporações são grandes, ricas em recursos e poder, mas é só compará-las com países que elas já não se mostram mais tão dominantes.”

e a cooptação sobre os ocupantes dos cargos públicos, o que dá a elas um protagonismo na economia e na política do mundo²³⁰. Não vamos tentar destrinchar aqui essa história. A pergunta aqui e agora é apenas a seguinte: estas empresas têm o que a ver com o chamado neoliberalismo?

As grandes empresas têm como meta prioritária *crescer*. Isso com vistas a bater seus concorrentes, ampliar seus mercados e seus lucros. A ideologia, profundamente arraigada no interior dessas grandes empresas é crescer (em tamanho, mercados, lucros). Para isso vão aliar-se a qualquer deus e a qualquer demônio disponíveis. Aliam-se a todas as democracias e a qualquer ditadura. As doutrinas acadêmicas e/ou filosóficas são meros instrumentos de ação, a depender das circunstâncias, não têm nem religião nem filosofia que não seja a do próprio engrandecimento, riqueza e poder. Quanto à competição, levam a sério, mas aprenderam a se manter nos limites necessários para evitar guerras entre elas. E assim levaram a desigualdade no mundo a níveis escandalosos e, na adequada expressão de David Korten, *regem* a economia do mundo, influenciando fortemente nos governos e parlamentos onde querem, dos Estados Unidos, da

230

Bonissoni e Maisonnnet (O Papel das Corporações Transnacionais na Sociedade Contemporânea: um olhar sobre a (in)efetividade dos direitos humanos, <https://www.indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/4162>), registram que: 'Korten já alertava que o poder das corporações transnacionais se propagava por meio da televisão, uma vez que, atualmente, nas sociedades modernas a televisão constitui o meio de maior alcance de informação, com influência consideravelmente maior que as escolas. O interesse principal das corporações transnacionais não é somente atingir o consumo da população, 'é também criar na mente do público uma cultura política que iguale os interesses das corporações com os interesses humanos' (1996, p. 174). Hawken, entende que 'nossas mentes estão sendo dirigidas pela mídia corrompedora a serviço dos mentores das corporações, cujo propósito é reorganizar a realidade de maneira que os observadores esqueçam o mundo em volta deles' (1993, p. 132). Desta forma, os meios de informações advindos da globalização configuram uma comunicação em rede, acarretando novidades para toda a sociedade, considerando que 'a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital de bens, serviços, comunicação, ciência e tecnologia, atômica, política e simbólica' (CASTELLS, 1999, p. 501). As referências (citadas por Bonissoni e Maisonnnet) são respectivamente: KORTEN, David C. (Quando As Corporações Regem O Mundo, Ed. Futura, 1996), HAWKEN, Paul (The Ecology Of Commerce: a declaration of sustainability, Nova York. Happy Business, 1993) e Manuel CASTELLS, (A Sociedade Em Rede, Paz e Terra, 1999).

Europa e, talvez, mesmo da China. Em alguns países a influência é mais desenvolvida (caso do Brasil) em outros têm que negociar a sério (caso da China). A ideologia deles é fazer negócios lucrativos, com liberalismo político ou sem ele.

O que fazem então, na maior parte das vezes, não é divulgação doutrinária, é pura *guerra psicológica*, para, usando de todas os artifícios do marketing e da psicologia mais sofisticada, conquistar corações e mentes, isto é, mercados. Uma profusão de institutos, com títulos de filósofos megaliberais, com muita pompa e nenhuma seriedade, expressam a falácia da *liberdade para explorar*, não passam de arapucas, de trincheiras da *guerra psicológica* que põem em ação o tempo todo. Para os mal informados é *liberalismo*, para deixar os governos à míngua, impotentes, é neoliberalismo. Para eles é negócio, conquistar e garantir mercados.

Nessa linha de instrumentalização em relação às ideologias, se achar espaço, os operadores da globalização (e do predomínio do capital financeiro) vão fazer o possível para implantar as teses neoliberais nos governos e na opinião pública. Aí entram os organismos internacionais e os *lobbies*, os prepostos – e os *princípios dos mestres liberais*. Por trás deles as empresas que os instigam e os patrocina.

Na prática, a ação das grandes corporações resulta em danos para a gestão dos interesses nacionais através de medidas que lhes garantem:

- Privilégios tributários (renúncias e sonegação fiscal);
- Transações comerciais fictícias (com suas filiais no exterior) para maquiar os custos e os lucros reais;
- Drenagem de capital, através das remessas de lucros;
- Leniência do Estado para garantir espaços livres (*Estado mínimo* e privatizações);

- Mudanças nas leis (trabalhistas, previdenciárias e ambientais) para lhes reduzir os custos e garantir privilégios;
- Cooptação de políticos e altos funcionários;
- Pregação ideológica da dependência e da subordinação cultural;
- Direcionamentos de investimentos públicos a seu favor.

Por essas e outras ações mais sofisticadas geram um tipo de desenvolvimento não inclusivo que ajuda de um lado e prejudica de outro, um balanço ambíguo. Aí a emergência da contradição, o paradoxo agudo: apesar de tudo, (nós, dos países semidesenvolvidos, subdesenvolvidos, dependentes) precisamos dessas megacorporações. As mais avançadas tecnologias do mundo estão nas mãos delas – e do governo da China. Estamos realmente num mundo novo. Entregar-se a elas é perpetuar e agravar as desigualdades e liquidar as chances de um futuro decente. Mas, expulsá-las é também outra forma de liquidar o futuro.

A forma de resistir a esse domínio é a consolidação de governos lúcidos, bem estruturados, com forte apoio popular – que saibam trabalhar a construção de uma relação negociada e transformadora. A China e a Coreia do Sul (aparentemente) têm conseguido²³¹, o Brasil, não.

É irônico, o liberalismo filosófico, o liberalismo político e mesmo um liberalismo econômico não distorcido, têm sido espezinhados, sob o discurso midiático e mercadológico de uma doutrina (neoliberal) espúria, a serviço de um modo de agir ilegítimo.

231

A situação dos países desenvolvidos é outra, mas mesmo lá a situação não é fácil. Cada caso é um caso, a situação do Brasil é das mais delicadas, entre dois impasses: aprofundar a desigualdade (até chegarmos ao caos e ao desmonte do país), ou, fechando-se, gerar todo tipo de retaliação e travarmos gravemente as possibilidades de desenvolvimento real do país. Para nós é questão de sobrevivência nacional encontrar outro caminho, diferente do que tem ocorrido nas últimas décadas.

O domínio cultural é um dos objetivos estratégicos dos operadores da pauta neoliberal.

O neoliberalismo (em grande medida já sendo questionado em toda parte) é uma exacerbação do liberalismo econômico, através de distorções e falácias grosseiras. É um análogo do falso cristianismo da Santa Inquisição e do falso socialismo do regime burocrático stalinista. É a religião dos milionários. O liberalismo dito clássico, como qualquer filosofia, pode ser criticado, mas é enganoso confundi-lo com esse chamado neoliberalismo, ideologia pré-fabricada pelos que se pretendem donos do mundo.

9

MARXISMOS

A exploração do homem pelo homem se instalou depois da Revolução Agrícola, por volta de dez mil anos para cá. As comunidades primitivas, até o período neolítico, se conflitavam e guerreavam, impelidas pela disputa por territórios, *estranheza étnica* e desenvolvimento desigual (coletores *versus* agricultores *versus* pastores). Só a partir da agricultura e do pastoreio, com a produção de excedentes econômicos, surge e se desenvolve a escravização. O sentido de humano, àquela época, não se estendia além do próprio grupo e dos grupos de parentesco próximo.

Da corrida armamentista (que se seguiu à agricultura e ao pastoreio) evoluem os impérios guerreiros da Antiguidade, que, no Ocidente, chegam ao auge no Império Romano. O esfacelamento do Império Romano dá origem ao feudalismo. Deste vem o capitalismo. Relativamente a todo esse período (dez mil anos de processo civilizatório ainda impregnado de barbárie), a caracterização dada por Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848, é (parcialmente) verdadeira: a história (essa história) foi continuamente uma luta de opressores e oprimidos: homens livres e escravos, patrícios e plebeus, barões feudais e servos [...] uma guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada²³². “A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe [...] não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado.” Os conflitos entre grandes segmentos sociais imbrincados são transversais à história humana, da Revolução Agrícola até hoje.

Por conseguinte, é muito claro que não foram Marx e Engels que *inventaram* as lutas de classes – não raro sangrentas, em nosso trajeto histórico, como no caso da rebelião de escravos liderada por Spartacus, na Roma antiga. Quando Marx e Engels entram na história grandes conflitos sociais já corriam soltos. Quando do

232

Marx e Engels, aqui, deixam de fora as guerras entre etnias e nações, por isso é, desde já, uma abordagem parcial.

lançamento do *Manifesto do Partido Comunista* (semanas antes), a França estava às voltas com um grande desses conflitos que, mais uma vez, terminou com um massacre de populares revoltosos. Isso foi frequente e praticamente no mundo todo – e até hoje não estamos livres desse tipo de repressão – por mais travestidas que se expressem a cada momento e a cada lugar. O genocídio em Ruanda, em 1994, por exemplo, teve o entrelaçamento de conflitos étnicos, fomentados anteriormente pelos colonizadores belgas, que privilegiaram os tutsis. Quando os hutus chegaram ao poder, depois da saída dos belgas, um governo hutu, delirante, promoveu o genocídio.

Não deveria ser necessário chamar a atenção para esse ponto. Contudo, a massificação ideológica praticada pelos detentores dos meios de produção cultural é tão intensa e distorcida que não são poucos os desavisados que acreditam que foram Marx e Engels que *inventaram* a luta de classes. Disso são completamente inocentes.

Karl Marx foi um homem do século XIX, nasceu em 1818 e morreu em 1883, pobre, velho e doente aos 65 anos. Teve uma vida difícil, numa época cruenta. Por toda a vida pensou, escreveu e lutou ao lado dos oprimidos. Nasceu, cresceu e estudou na Prússia (a Alemanha, àquela época era ainda fragmentada em vários territórios independentes). Por perseguição política foi banido da Prússia, da França e da Bélgica. Conseguiu se fixar na Inglaterra, onde viveu a maior parte do tempo. Empobrecido, perseguido, sofrendo duríssimas pressões, nunca se desviou de seu foco de indicar aos oprimidos o caminho da libertação e da construção de um mundo novo. Seu grau de sucesso ou fracasso, é outra história – uma história ainda em curso.

Marx não acreditava que a história fosse conduzida por grandes líderes. Achava ele que a evolução social se dava pela dinâmica de processos socioeconômicos de grande envergadura, passando pela configuração de grandes forças em entrelaques, as *classes*, o que dependia da tecnologia (as forças produtivas), das formas de

consciência social (as ideologias) e da capacidade de ação política dos grupos organizados, dentro da dinâmica das lutas de classes. Era isso que lhe mostravam os gigantescos choques sociais de seu tempo.

A escravidão foi abolida na Inglaterra e seus territórios em 1833. Mas o século já testemunhava uma nova onda de escravização e tráfico incentivados pela ampliação dos mercados provocada pela revolução industrial (e suas demandas crescentes por algodão e açúcar). Por outro lado, nos centros industriais da época, ondas de camponeses expulsos das terras (exigidas para a criação de carneiros e lã), formavam contingentes de miseráveis (*livres*, isto é, despojados de tudo), de onde saía o proletariado, disponível para a exploração sem limites nas fábricas da 1ª revolução industrial²³³. Só para completar o quadro, em 1885, acontecia a *Conferência de Berlim*, quando as potências ocidentais dividiram entre si a colonização da África e da Ásia.

Não há dúvida, o século XIX foi um século brutal²³⁴. Naquele contexto, então, proliferavam as iniciativas, organizações e lutas com vistas à libertação daquelas situações opressoras. Uma dessas muitas iniciativas rebeldes era a *Liga dos Justos*, na qual Marx e Engels ingressaram em 1847 e que, logo depois, viria a se denominar *Liga dos Comunistas*. Em 1848, das atividades dessa Liga, sai o MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA e, a partir daí o conjunto desses movimentos ganham uma formulação (que se pretendia) científica, imprimindo um viés particular às lutas – que passavam a ter uma meta clara: organizar a classe operária para a conquista do poder político e o estabelecimento da *ditadura do proletariado* (em contraposição à vigente, assim pensavam, *ditadura da burguesia*).

233 Literatura básica para esse período: Eric Williams, **Capitalismo e Escravidão** (Ed. Americana, 1975); Rafael Marquese e Ricardo Salles (orgs.), **Escravidão e Capitalismo Histórico no Século XIX** (Ed. Civilização Brasileira, 2016); Karl Marx, **O Capital**, Livro I, vol 1, cap. 26 a 33: A Chamada Acumulação Primitiva (Ed. Civilização Brasileira, 1968); Émile Zola, **Germinal** (Círculo do Livro, 1976).

234 O século XX, não obstante, conseguiu ser pior.



Cem anos depois, em 1949, com a sofrida vitória dos comunistas na China, uma parcela enorme da humanidade estava sob a liderança de herdeiros ideológicos de Marx e Engels. Nesse meio tempo havia acontecido a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a ascensão do fascismo, a Segunda Guerra Mundial, a derrota do nazismo com um grande papel da União Soviética nessa derrota (os russos derrotaram os invasores alemães e ocuparam Berlim). Os partidos comunistas eram fortes ou expressivos em vários países do mundo (desenvolvidos e subdesenvolvidos) e lideravam lutas de libertação em países africanos e asiáticos, contra os imperialismos inglês, francês e americano (os imperialismos alemão e japonês já derrotados). Era crível a expectativa de que não demoraria muito para o mundo todo tornar-se comunista ou socialista.

Cinquenta anos depois, contudo, ao fim do século XX, a proposta comunista estava derrotada praticamente no mundo todo (à exceção, talvez, da improvável Venezuela, da cambaleante Cuba e do enigmático processo chinês).

Precisamos compreender a dinâmica real desse processo. O que de embates econômicos, políticos, militares e ideológicos provocaram esse resultado? O que aconteceu no multivariado campo capitalista? O que aconteceu no também multivariado campo dito *socialista*? Esse resultado é consolidado ou, como temem os extremistas *de direita*, o *comunismo* ressurgirá das cinzas?

Precisamos também compreender, mais do que no plano ideológico, no plano da compreensão dos desafios renovados, quais as exigências de ação, já que os problemas humanos continuam a apresentar condições e dimensões dramáticas.

O liberalismo burguês (que, como vimos, não é o único), ou seja, a versão mais tipicamente burguesa do liberalismo clássico – e sua versão de guerra psicológica, o *neoliberalismo* (promovido por corporações transnacionais) – constituíram o pano de fundo

ideológico da vitória (provisória ou não) do mundo capitalista, que se fortaleceu como percepção de caminho único, sem alternativa, para a condução dos negócios humanos. De fato, é assim?

O marxismo, como o liberalismo, também se desdobrou em incontáveis versões. Mobilizando milhões, foi capaz de dar a impressão que, de fato, orientava o sentido da história. Mas, ascendeu e se fragmentou em crises. Definitivamente faliu? Ou ainda guarda lições valiosas para a prática política e para os desafios que temos à frente?

Para aprofundar nessas questões, três caminhos se apresentam:

1. Elucidar o que Marx realmente disse, o que aquele pensador realmente descortinou, onde acertou e onde errou, em relação a seu próprio tempo e em relação ao desdobramento dos fatos (e, de passagem, qual o valor dessa exegese).
2. Identificar onde os movimentos socialistas erraram, onde perderam espaço. Onde se deixaram deformar (e se transformaram em capitalismo de Estado e ditadura de burocratas) e criaram as condições para a vitória dos adversários.
3. Reconhecer onde o mundo capitalista e seus operadores foram mais efetivos; o que fizeram – ou o que aconteceu – que permitiu que saíssem da aparente defensiva, vencessem a Guerra Fria e, como se apresenta hoje, tenham conquistado a hegemonia em quase todo o planeta.

Na linha do intelectual francês Henri Lefebvre, podemos começar reconhecendo que o marxismo inaugurou uma *visão de mundo*²³⁵. Não se trata apenas de uma filosofia ou uma *economia*. Trata-se de uma abordagem ampla e profunda, que inova na abordagem aos principais campos do conhecimento e da ação humanas.

Introduz uma abordagem que impactou e promoveu contribuições decisivas para a filosofia, a história, a economia, a política, a vida social. E ainda impacta a partir da análise e do pensamento crítico.

Na base desta inovação gnoseológica, na forma de abordar a dinâmica social, está uma atitude ética de profunda indignação pelo descaso com a dignidade humana, com que a sociedade moderna, estruturada pelo modo de produção capitalista (burguesa, como Marx a denominava) tratava os segmentos sociais empobrecidos. Marx então se dedica à busca científica e política para superar a opressão do homem pelo homem.

Pretende que encontra a chave para essa superação na luta de classes, já historicamente instalada, intensificando a mobilização do *proletariado*, nas inevitáveis crises do capitalismo, para pô-lo abaixo e implantar um regime provisório, a *ditadura do proletariado*, que iria levar a humanidade ao *comunismo*, uma sociedade sem classes. Temos assim identificados componentes básicos da visão de mundo *marxiana*:

1. Uma ética intransigente, que se expõe na luta pela dignidade humana.
2. Uma abordagem que se pretende científica, para encontrar caminhos efetivos para superar um sistema de injustiças.
3. A consideração da vida social como complexa e contraditória, que contém dentro de si mesma as tensões que criam as condições para a sua transformação.
4. O estudo das realidades econômicas, políticas e ideológicas, em particular o estudo de suas contradições e de suas dinâmicas históricas que, tratadas adequadamente, realizariam as profundas transformações que vislumbrava e propugnava.

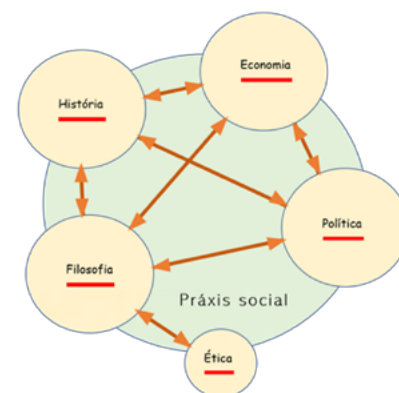
Como uma das contribuições mais importantes de Marx, vemos esse aporte a uma abordagem sistêmica da vida social,

reforçando a necessidade de superação da visão linear *cartesiana*. Os desafios epistemológicos do nosso tempo já deixaram para trás o mecanicismo de Descartes e Newton e os organicismos (iniciados desde Aristóteles), contribuições importantes mas insuficientes para uma mais plena compreensão da realidade. Estes desafios em nosso tempo passam pela cibernética e pelas teorias do caos e da complexidade. Marx dá uma importante contribuição para esse pensamento capaz de abordar a complexidade do mundo. Não foram todos os seus discípulos e/ou seguidores que compreenderam isso. A Rússia soviética, por exemplo, caiu presa, enredou-se, no erro fatal de uma abordagem ortodoxa que impediu que seus operadores (stalinistas) evitassem os erros que os derrotaram.

A abordagem marxiana inaugura uma visão complexa da vida social. Ou seja, os fatos da vida econômica, política e cultural se influenciam reciprocamente o tempo todo.

DIAGRAMA 03: a abordagem marxiana

Marx formulou uma abordagem complexa, estrutural, da vida social, focando em instâncias macro: economia, política e *formas de consciência social* (as ideologias). Buscou um tratamento científico. Não obstante é impossível não identificar que o ímpeto original de sua vida política e intelectual se originava de uma base profundamente ética.

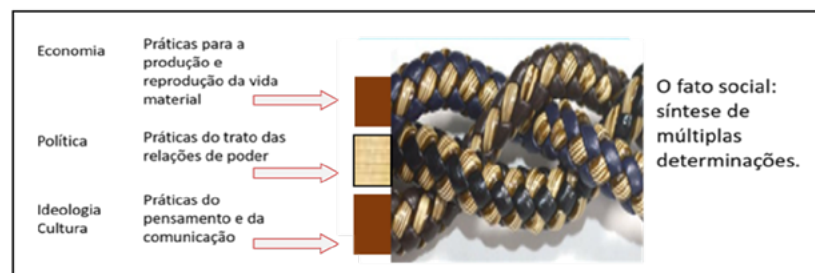


No prefácio do livro CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, de 1859 (mesmo ano da primeira edição de *A ORIGEM DAS ESPÉCIES*, de Darwin), Marx, fazendo um resumo de sua trajetória de pesquisas, usa uma metáfora de *base e superestrutura* para os fatos sociais. Esse trecho mal compreendido, foi muito usado por seus

detratores – e mesmo por vários dos seus seguidores, atribuindo a Marx uma visão mecanicista da vida social. Isso é desconsiderar o conjunto da obra do autor, que, à exaustão, demonstra ter uma concepção bem mais sofisticada dos processos sociais. Esse assunto é já cansativo. Quem quiser compreender o que Marx realmente disse e propôs, deve considerar a visão que ele tem, como um dos pioneiros da compreensão da complexidade. Na abordagem de Marx, os fatos econômicos, políticos e ideológicos – sempre – se entrelaçam e se influenciam reciprocamente, num processo *totalizante* (sistêmico), *contraditório* (tensionado) *em movimento* (dinâmico).

Esse processo de construção de um novo modo de ver não foi tranquilo, deu-se no contexto brutal das lutas sociais do século XIX e de uma sofrida militância. Como não poderia deixar de ser, Marx errou e acertou. Como todos nós, deve ter errado mais do que acertou, desde há muito sabemos que errar é mais fácil do que acertar.

DIAGRAMA 04: As instâncias da análise marxiana



A vida e a obra de Marx estão contadas de todos os modos possíveis, algumas bem contadas, outras, criminosamente deformadas. Alguns autores o apresentam como um boêmio, desorganizado e irresponsável, sob todos os aspectos. É falso. Caso isso fosse verdade, esse homem não teria escrito o que escreveu, liderado o que liderou, influenciado de modo tão gigantesco a vida política de seu tempo e, talvez, de toda a história humana. Não foi nem um deus nem

um semideus, foi um ser humano que (usando uma figura de Bertold Brecht) *viveu em um tempo sem dó* e lutou ao lado dos oprimidos.

A maioria dos textos marxianos estão disponíveis em português, não todos, os principais. Por maior valor que tenham tido a vida e as lutas deste homem incomum, importa bem mais o que vem depois dele, o que fizeram seus seguidores e seus adversários.

É preciso nunca perder de vista a evolução do contexto. Na Inglaterra, com a restauração da monarquia sob controle do Parlamento (a partir de 1688), cria-se uma situação de estabilidade política que facilita o desenvolvimento do comércio – e impulsiona a revolução industrial. Na França as inquietações e as turbulências políticas têm erupções periódicas, sempre terminando no massacre das rebeliões populares (1832, 1848, 1871). A Alemanha e a Itália sempre em guerras e tensões agudas nos respectivos processos de unificação, consolidados em 1871. A guerra civil americana mata quase um milhão de americanos entre 1861 e 1865 (ao fim da guerra o presidente dos Estados Unidos (Abraham Lincoln) é assassinado).

As lutas pela consolidação dos Estados nacionais sob *regime burguês*, pelo fim da escravidão e as lutas operárias, se entrelaçavam como pano de fundo de todos esses acontecimentos. O movimento socialista europeu, liderado por anarquistas e comunistas, cria a (primeira) *Associação Internacional dos Trabalhadores*, liderada por Marx (que depois consegue a expulsão dos anarquistas – o que, entre outros fatores, implode a Associação). Cria-se a II Internacional, agora sob a liderança clara dos comunistas (que, à época se intitulavam adeptos da *social-democracia*), vem a Primeira Guerra Mundial e, ao fim dela, a Revolução Russa. Instala-se o que deveria ser (no sonho dos marxistas) o primeiro Estado Operário do mundo. Os comunistas passam, de novo, a se intitularem de *comunistas* – e a expressão *social-democrata* passa para os marxistas mais moderados, cada vez mais reformistas, que dominam a II Internacional. O conflito entre moderados (da social-democracia) e revolucionários (bolcheviques)

implode a II Internacional. Surge depois a III Internacional, agora sob o comando soviético stalinista. Depois da derrota de Trotsky – que denunciava o regime stalinista – os seus seguidores criam a IV Internacional. O regime stalinista hegemoniza os partidos comunistas do mundo do final da década de 1920 até a morte de Stalin, em 1953, após o que, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956), Nikita Khrushchev denuncia ao mundo os crimes de Stalin – e dá início ao desgaste do comunismo. Nesse ínterim, contudo, (em 1949) outro polo comunista chegara ao poder na China. De 1955 a 1975 acontece a guerra no Vietnã, que termina com a fragorosa derrota do governo americano.

Os movimentos comunistas, assim, se organizam no século XIX e chegam à sua influência máxima nas décadas de 50-60, do século XX, após o que sua influência decai, até a implosão da União Soviética no final dos anos 80.

Compreender os motivos que levam os países, as nações e os homens à guerra é um assunto difícil e multidimensional – e esses motivos variam a cada grande época histórica, de comum entre eles só os homicídios em massa. Quando os mongóis invadiram Bagdá, no ano de 1258, mataram praticamente toda a população da cidade, não se sabe ao certo quantas pessoas, mas as estimativas mínimas falam de 200 mil pessoas (pode ter sido muito mais). Milhares de guerreiros saqueando a cidade, durante uma semana, e matando todas as pessoas que encontravam pela frente. A guerra civil americana, de 1864 a 1865, a guerra civil espanhola, 1936 a 1938, e o genocídio em Ruanda, 1994, cada um desses conflitos produziu perto de um milhão de mortos. A Segunda Guerra Mundial, 1939 a 1945, matou mais de 50 milhões de pessoas, incluindo seis milhões de judeus, meio milhão de ciganos e mais de 20 milhões de russos. A bomba atômica sobre Hiroshima, lançada pelo governo dos Estados Unidos, matou, num só dia, praticamente toda a população da cidade, mais de cem mil pessoas. Essa lista pode continuar por algumas páginas. Ou seremos capazes de definitivamente pôr um fim a essa trajetória

de estupidez sem limites ou será melhor mesmo extinguir a espécie humana da superfície do planeta.

A ganância imperialista entre os países europeus, no início do século XX, deflagrou a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918. Os russos estavam perdendo a guerra quando emergiu o processo revolucionário, os comunistas tomam o poder (usando a palavra de ordem *Paz, Pão e Terra*). Enfrentam uma guerra civil e se consolidam no poder. Na Alemanha, prometendo liquidar os comunistas, os eslavos e os judeus, Hitler e os nazistas, sob o olhar complacente da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, rearmam a Alemanha, montam um exército gigantesco e ameaçam toda a Europa. Ocupam a França, com a cumplicidade de parte do exército francês²³⁶ e, como insistentemente havia prometido ao longo de sua ascensão política, invadem a Rússia – e perdem a guerra. Hitler suicidou-se quando os russos tomaram Berlim²³⁷. A ganância imperialista provocou a Primeira Guerra. O anticomunismo provocou a Segunda. A Rússia, investida de União Soviética, venceu os alemães, mas não saiu da guerra em condições de competir com os Estados Unidos na Guerra Fria – e foi derrotada. O irônico (e trágico) é que o comunismo russo tinha se transformado num capitalismo de Estado, com uma classe dominante de burocratas e um governo despótico.

A Rússia saiu da guerra devastada, a França e a Inglaterra fortemente abaladas. Os Estados Unidos, com a guerra, ganharam o *status* de país mais poderoso do mundo. Nenhuma batalha se deu dentro de seu território (a não ser Pearl Harbor, uma ilha distante das áreas povoadas). Os impactos da guerra nos Estados Unidos, do ponto de vista militar e econômico, foram vantajosos. O país saiu da guerra mais forte e mais rico – e ativamente anticomunista.

236 O Marechal Pétain, que se aliou aos nazistas e governou parte da França durante a ocupação nazista, depois da guerra, foi julgado como traidor e condenado à morte. Como tinha sido considerado *herói de guerra* na Primeira Guerra, teve a sentença comutada para prisão perpétua, morreu na prisão.

237 Ver o filme **A Queda! As Últimas Horas de Hitler**, de Oliver Hirschbiegel (2005). Imperdível.



Investiu pesado para recuperar e desenvolver a parte ocidental da Alemanha – em contraposição à parte oriental que ficou sob domínio russo e comunista. Investiu pesado no Japão – em contraposição à China comunista (depois de 1949). Também investiu na França e na Inglaterra. Foram ações estratégicas de peso, desde o início da Guerra Fria – que começara mesmo antes da guerra maior terminar. Mas não foi só por essas razões que os Estados Unidos derrotaram os russos na competição econômica e política.

O sistema russo era fechado, antidemocrático. Além dos gigantescos prejuízos que sofreram na Guerra, o sistema estatal russo não tinha dinamismo tecnológico para competir com o capitalismo americano. Tinha que investir nos setores básicos, de bens de produção, na recuperação dos estragos da guerra, sem os recursos financeiros e tecnológicos de que dispunham os Estados Unidos e os países do Ocidente. Não tiveram a ousadia de democratizar-se, de abrir a economia, cometeram graves erros econômicos e políticos – e o regime ruiu. Enquanto isso, a China, que tinha sido abandonada por Stálin, depois de um período de confusão interna, passou a atrair para lá as maiores empresas do mundo, copiou-lhes a tecnologia (exigiu a cessão da tecnologia em troca de vantagens) e, até agora, está dando a volta por cima.

Aquele livrinho de 1848 (O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA), num mundo conturbado, não criou, mas impulsionou e catalisou movimentos e conflitos gigantescos. As revoluções aconteceram na Rússia e na China (e em Cuba) por conta das situações de extrema opressão por que passavam os seus povos. Durante todo esse período o imperialismo britânico refluíu e a população inglesa não sofreu maiores abalos.

Claro, aqui não estamos fazendo um tratado de história. Estamos pinçando fatos para sumarizar um ensaio interpretativo. Um século e meio de acontecimentos tectônicos, dantescos, marcados por grandes conflitos que precisamos minimamente compreender em conjunto.

As tempestades parecem (ou pareciam) ter serenado, mas ainda com focos, agudos e crônicos, preocupantes, muito à vista. Potenciais conflitos não resolvidos, pobreza extrema e crime organizado por todo lado²³⁸. Crises econômicas, crises humanitárias, crises civilizatórias. Há coisas que visivelmente deram certo, outras deram em desastres. Os construtores da torre de Babel ainda não reaprenderam a dialogar. Sob muitos e importantes aspectos ainda não sabemos o que fazer. Em 1902 Lênin, diante de uma imensa interrogação histórica, lançou o livro *Que Fazer?* Talvez devêssemos relê-lo com atenção – com outro olhar. Uma pergunta que fazemos agora é: depois de todas essas tempestades, depois de percorrido todos esses caminhos, o que sobrou do marxismo?

Eric Hobsbawn (um dos mais influentes historiadores do século XX) organizou uma *História do Marxismo*, publicada no Brasil em 12 volumes²³⁹, que contam uma parte dessa história. Os fatos de toda essa época foram intensos e dramáticos. A bibliografia é grande e fascinante. As múltiplas influências das ideias de Marx fazem parte da história do mundo – e é temerário dizer que acabou. O *judaísmo*, o *cristianismo*, o *islamismo*, o *liberalismo*, o *existencialismo*, o *marxismo*, estão incrustados na história da humanidade – nas mais diversas versões. O *budismo*, o *taoismo*, também. Agora, temos visto uma surpreendente revivescência do *confucionismo* adotado e divulgado pela China.

Há sim os que tomaram a obra de Marx como textos sagrados. Podem chegar a perigosos níveis de fanatismo. No período do *stalinismo*, criou-se uma mística ortodoxa (e escolástica) que citava Marx, Lênin, Stalin, como se fossem portadores de verdades eternas. Nada mais esdrúxulo e oposto ao modo de pensar de Marx (e do próprio Lênin). Tão esdrúxulo quanto os sádicos torturadores da

238 Seguindo em direção a **Elysium**, a metáfora do filme.

239 Editora Paz e Terra.

Inquisição Espanhola que agiam em nome de Cristo. Mas aconteceu e provocou danos seríssimos, políticos e sociais.

A versão russa, *stalinista*, do marxismo ortodoxo ultrapassou os níveis mais absurdos, na teoria e na prática. Fazia da obra de Marx uma caricatura grotesca. Caracterizava os seus adversários também como caricaturas. O raciocínio prevalecente era superficial, simplório e rígido, caricatural, embora, às vezes, tenha chegado a uma certa profundidade escolástica. Na prática política, liquidou fisicamente os protagonistas do período revolucionário que não se submeteram à ortodoxia, vários deles assassinados, como Trotsky e Bukharin. Ainda que Lênin operasse em um nível de sofisticação cognitiva muito superior (contra cada divergência escrevia um livro *fulminante*), tinha, por vezes, uma carga de intolerância exacerbada, como no caso dos que considerava *reformistas*. Atacava-os como se fossem hereges malditos, designando-os como renegados e traidores abjetos.

Compreender todo esse processo inclui identificar porque estas primeiras experiências socialistas se transformaram em regimes autoritários e repressivos – preservando a compreensão das circunstâncias que as deformaram²⁴⁰.

Atribuir ao que Marx realmente disse, escreveu e batalhou o desenrolar dos fatos das experiências comunistas posteriores é como atribuir a Jesus Cristo a criação da Inquisição espanhola. É falso. É exigir demais. Quando estudamos e procuramos analisar essas experiências, décadas depois, temos informações que os autores daquelas ações não tinham. Já nós, até certo ponto, sabemos

240

Terry Eagleton diz que “Se alguém quiser um relato convincente de como o stalinismo surgiu, terá de recorrer ao marxismo” (**Marx Estava Certo**, Nova Fronteira, 2012 – pág. 21). Esta condição está plenamente atendida, pelo menos nos textos de Isaac Deutscher e Charles Bettelheim (deste último, **A Luta de Classe na União Soviética**, Ed. Paz e Terra). Esse reconhecimento, contudo, não significa ignorar o que de bom aconteceu na União Soviética, mesmo nos piores momentos. A riqueza e a diversidade da cultura russa (e do bloco de seus aliados à época) não deixaram de conter aspectos admiráveis. Mesmo no campo do que podemos considerar *ortodoxo*, nas suas margens e interstícios, vamos encontrar autores que produziram obras importantes sob vários aspectos.

o fim daquele filme. Assim interrogamos sobre detalhes que possivelmente nunca passaram pela cabeça dos pioneiros. É como responsabilizar Adam Smith pela guerra do Vietnã, ou o apóstolo Pedro pelos atos de Rodrigo Borgia (o Papa Alexandre VI), é como responsabilizar o apóstolo Paulo pelo comportamento abominável da Inquisição – é tudo cristão, poder-se-ia dizer, ilegítimamente. Já se escreveram textos muito pertinentes sobre a frequente atitude dos que vêm depois das lideranças autênticas, os *epígonos* (como os designava Trotsky²⁴¹) que, em vez de aplicar criativamente um método, querem copiar ações do passado e se tornam executores medíocres. A responsabilidade pelo que fazem é deles – não dos que os precederam (que já tiveram seus próprios erros). A estes, os pioneiros, não podemos fazer cobranças completamente fora do tempo. As suas ações só podem ser analisadas no contexto do seu próprio tempo. Do contrário, não os vemos como humanos, queremos que sejam profetas infalíveis. Não tem cabimento.

A influência da obra de Marx e seus desdobramentos não acabou. Quem quiser estudar a sério Economia, Sociologia, História, Filosofia, não pode fazê-lo sem estudar Marx e seus desdobramentos (além de outros autores decisivos). Não que seja portador de verdades perenes, mas porque apresentou contribuições substantivas, que não podem ser esquecidas. Quem quiser estudar Economia, não pode deixar de estudar Marx, Keynes, Schumpeter e mais alguns poucos. Quem quiser estudar Sociologia, não pode deixar de estudar Marx, Durkheim, Weber, Bourdieu e mais alguns poucos. Quem quiser estudar Filosofia, não pode deixar de estudar Platão, Aristóteles, Kant, Marx, Sartre e tantos outros. Quem quiser estudar História... A obra de Marx ainda é uma importante fonte de *insights* em todas as ciências humanas. E o mesmo vale para alguns marxistas mais originais, como Gramsci, Poulantzas, e outros que, cada qual a seu modo, desenvolveram aspectos diferenciados da obra marxiana.

241

V. Trotsky, *A História da Revolução Russa* (Ed. Saga, 1967), 3º vol., Apêndice Um.

Por que os regimes comunistas evoluíram para regimes autoritários? Os países onde os comunistas provisoriamente venceram já eram sociedades com forte tradição autoritária. Dostoiévski, em algum lugar, teria dito que *os russos tomam como verdades inabaláveis o que em outros lugares são meras hipóteses*²⁴². Enquanto os Estados Unidos, por exemplo, nasceram de um processo plural e democrático, a Rússia nasceu nos tempos medievais a partir de líderes como Ivan, o Terrível – e prosseguiu com a sequência despótica dos czares. A religião predominante na Rússia, há séculos, é o catolicismo ortodoxo. Stálin foi seminarista nessa religião, seu modelo mental era dicotômico e ortodoxo²⁴³. A China, além de ter, milenarmente, governos montados nas tradições, distantes do povo, passou o século XIX sob as botas do imperialismo ocidental e, em parte do século XX, do imperialismo japonês; por dois séculos foi uma nação espoliada e humilhada.

Os comunistas, tentando o socialismo em formações sociais que não tinham densidade, nem cultural nem tecnológica para isso, acabaram por se moldar (sendo engolidos) por essas tradições. Por isso *os cinco comunismos*²⁴⁴: russo, chinês, cubano, tcheco, iugoslavo (cada qual exigindo uma avaliação diferenciada), faltando incluir o vietnamita, e as monstruosas deformações do *khmer vermelho* cambojano e do regime norte-coreano (o khmer cambojano desapareceu, o norte-coreano, de comunista, não tem nada além de uma retórica grosseira).

Do pensamento de Marx e Engels, das idas e vindas desses pensadores militantes, no intenso contexto das lutas de seu tempo – e das décadas imediatamente a seguir – se desenvolveram duas grandes vertentes do movimento. De um lado, uma visão mais dura, que não via caminho que não passasse por uma revolução violenta,

242 *Apud* Dobzhansky, **O Homem em Evolução** – Ed. Polígono, 1968, pág. 148.

243 Cf. Isaac Deutscher, **Stálin**: História de Uma Tirania, Civilização Brasileira,

244 Gilles Martinet, **Os Cinco Comunismos** (Publ. Europa-América).

uma derrubada abrupta dos governos, considerados *comitês gestores da exploração capitalista* em cada país. Lênin foi o seu principal líder, refletindo o desafio de vencer o governo absolutamente despótico russo. A outra vertente, vinda principalmente da Alemanha, propugnava uma ação nos limites da democracia, o socialismo como uma evolução gradativa. Este campo, liderado por Edward Bernstein e vários outros, estilo que também sempre foi o preferido pelos socialistas ingleses, não-marxistas, fabianos, cartistas e trabalhistas. Essa versão mais moderada acabou obtendo a hegemonia na II Internacional, razão por que os bolcheviques, vitoriosos na Rússia, patrocinaram a criação da III Internacional, dos partidos comunistas do *marxismo-leninismo*, já enveredando para o viés autoritário do *stalinismo*.

Gostando ou não, é forçoso reconhecer o papel decisivo que a União Soviética e os comunistas tiveram nos movimentos de libertação nacional dos países africanos e asiáticos, combatendo os imperialismos inglês, francês, alemão e japonês – que devastavam essas regiões.

Nos países ocidentais mais desenvolvidos predominaram as versões mais moderadas, de chegar ao socialismo pelas vias democráticas. O quadro era muito confuso, antes e depois da Segunda Guerra. A maioria dos comunistas do chamado Ocidente absolutamente não acreditava nas denúncias dos crimes da burocracia stalinista, vistos como calúnias dos inimigos. Quando, morto Stalin, Nikita Khrushchev, o novo dirigente russo, denunciou ao mundo o que de fato acontecia. Começou aí a derrocada do *socialismo realmente existente*, como se dizia à época.

Em cada país, em cada lugar, esse denso movimento histórico se constituiu de modo diferenciado, de acordo com as circunstâncias locais. Muito poucos eram os que tinham real conhecimento do que acontecia na Rússia. Na maioria dos países, principalmente no chamado 3º Mundo, os comunistas lutavam por democracia, por

liberdade, por desenvolvimento – e foram duramente perseguidos. Quem quiser saber o que foi o comunismo no Brasil, além de uma bibliografia especializada, não pode deixar de ler *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado.

Os textos e as ações militantes de Marx e Engels, justos ou não, catalisaram indignações profundas e generalizadas contra os vários sistemas de opressão e exploração existentes no mundo. Se ramificaram em diversas versões, de acordo com as condições locais, provocaram reativamente movimentos tectônicos – que não mudaram o mundo, mas evisceraram as condições de funcionamento do sistema dominante. Provou-se que ninguém é dono da verdade. Essa grande onda humana contra os sistemas de opressão esborroou-se na praia e refluiu cheia de areia. As condições simultâneas de opulência e miséria (material e moral) continuam a nos desafiar.

A social-democracia, *mix* de *marxismo* e *liberalismo* (proporções de um e de outro *ao gosto do freguês*) tem hoje, se não a hegemonia, uma forte presença no mundo²⁴⁵, desafiada pelo neoliberalismo *de direita* apoiado por grandes corporações. Resolveu muitos problemas, deixou sem resolver outros – que se agravam.

Dos conteúdos intrínsecos das propostas de Marx, Engels e da social-democracia original o que sobrou? O que, no mundo de hoje, ainda tem utilidade ou pertinência? O que ficou para trás?

A *luta de classes* presume um grande esforço de abstração. Os conflitos nas sociedades *realmente existentes*, os conflitos que impactam a dinâmica das sociedades, ainda que tenham um pano de fundo de *classes*, se dão entre frações e segmentos que fragmentam as classes. Os percursos históricos não se deram do modo que imaginou Marx, profetizando a *ditadura do proletariado*

245

Sociais-democratas, trabalhistas, socialistas democráticos, liberal-socialistas, democratas e liberais americanos, etc. São muitos os títulos, designações e rótulos, o conteúdo, por toda parte, é praticamente o mesmo, versões diversas da social-democracia.

(em oposição à ditadura da burguesia). Ao que mais parece, a *ditadura do proletariado*, para Marx, era o que ele viu como democracia direta na Comuna de Paris, de 1871. Para Lênin, era a ditadura do Partido, em nome do proletariado. Para Stalin, era a ditadura dele mesmo, pretensão *guia genial dos povos*. Um desdobramento que faria Marx (se vivo fosse) ter um colapso cardíaco.

A *crise geral do capitalismo* – o colapso inevitável que os marxistas anunciavam o tempo todo – nunca ocorreu e não parece que vá ocorrer. O capitalismo, apesar de algumas crises graves, sempre soube se reciclar, até se revolucionar. Depois da experiência soviética, então, tudo ficou mais difícil para a visão apocalíptica: não há *crise geral* e, se houver, não há o que colocar no lugar. O mundo socioeconômico avança de modo diferente do que imaginaram os marxistas, mesmo os não ortodoxos.

A *classe operária*, ao contrário da previsão, não se tornou imbatível, se fragmentou. Divide hoje o espaço social, com uma pluralidade de segmentos de classes médias, baixa, média e alta, operários especializados, *aristocracias operárias* e um número cada vez maior de *precarizados* e, pior, cada vez mais excluídos do processo produtivo e mesmo do processo econômico. Os avanços tecnológicos se revelaram muito mais revolucionários do que se imaginou – o que altera a lógica da apropriação da mais-valia. Serge Latouche já indicava, há décadas, que *a mais-valia é inquantificável*. Paul Baran destaca que o importante é *o excedente econômico* (efetivo, potencial, planejado), gerado pelo conjunto do processo econômico²⁴⁶.

A complexidade chegou a tal ponto que centralizar o planejamento de toda a produção é impensável. O mercado se mostra indispensável. Pode-se criar mecanismos flexíveis de controle, que só têm viabilidade em sociedades democráticas, flexíveis e pluralistas.

246

Serge Latouche - *Análise Econômica e Materialismo Histórico*, Zahar, 1977; Paul Baran - *A Economia Política do Desenvolvimento*, Zahar, 1972.

O atual regime híbrido chinês ainda é uma incógnita. O que se tem de gerir é toda uma dinâmica de equilíbrios. Tudo aponta para um mundo novo. Precisamos de um gerenciamento sistêmico, que não leve em conta apenas os interesses das elites. Volta a ter sentido questionar a propriedade dos meios de produção – agora demandados pelo conjunto da espécie humana. Da esquecida *democracia-cristã* surgira uma tímida proposta, que pode vir a ser a semente de uma árvore frondosa: *a função social da propriedade*. Quem, em nome do quê, pode negá-la?

Uma das lacunas da obra de Marx foi não analisar o papel das empresas (até certo ponto compreensível, talvez, pelo ineditismo de sua pesquisa e pelo escasso desenvolvimento dessas entidades na sua época), mas, de qualquer modo, uma grande lacuna. Marx quase que reduziu a empresa ao capitalista (o *burguês*, o *capital personificado*) e à extração da mais-valia (que, no desenvolvimento posterior dos capitalismo, também assume dimensões imprevistas: *inquantificáveis* e só localizáveis no montante do *excedente econômico*). As empresas são um universo (passou-se a situá-las numa *microeconomia*), por onde perpassam, onde se realizam, os fluxos econômicos, políticos e ideológicos, toda uma dinâmica social concentrada. Mas, um microuniverso que é o tecido da economia capitalista. Têm razão os teóricos, como Althusser, que as veem inclusive como componentes do Estado (o sistema de controle social). Paul Ormerod (o EFEITO BORBOLETA, Ed. Campus, 2000) registra: “As empresas são a pedra fundamental das economias capitalistas”. Quem pretender lidar com transformações sociais efetivas precisa *cuidadosamente* levar isso em consideração. A dinâmica das empresas opera a criação das riquezas²⁴⁷. Por outro lado, com a (r)evolução tecnológica, no sistema atual, a maioria da humanidade está ficando fora disso.

247

As empresas, em boa medida, podem ser vistas como pequenos Estados, muitas delas, a maioria talvez, ainda regidas por *déspotas esclarecidos*.

O trabalho criativo e o trabalho de gestão foram mal considerados nas abordagens de Marx e dos marxistas. Seu enquadramento teórico ainda é um desafio. O marxista heterodoxo português, João Bernardo – e muitos outros (marxistas e não-marxistas) – insistem que os *gestores* formam uma classe, socialmente importante, fenômeno mal compreendido por Marx²⁴⁸. A profunda análise que Marx faz do *modo de produção capitalista* não deixou de fora o papel das empresas, mas não considerou adequadamente o complexo empresarial, a rede tensionada de unidades de produção, de controle político e de disseminação ideológica, além da extração da mais-valia (agora, com os mecanismos de automação, mais potencializada e inquantificável do que nunca). A partir das análises de Michel Foucault – e de Gramsci – fica patente que nenhuma grande transformação virá apenas das dimensões macro. É indispensável o movimento vindo das dimensões micro. As grandes mudanças, se vierem – estão vindo – virão em conjunto, do macro e do micro, econômicas, políticas, culturais, comportamentais, éticas.

Marx ficou para trás. Marx é insuperável. As duas afirmações são verdadeiras, parcialmente verdadeiras. Os temas por ele levantados somos nós. Marx pensou que tinha encontrado as grandes respostas. Descobrimos que não. Para que as respostas tenham alguma efetividade, temos que revisá-las ou mesmo reinventá-las, com elementos que ele mesmo e outros nos deixaram – e elementos novos. A nossa parte na história é diferente da de ontem, temos nós que construí-la.

248

João Bernardo, **Marx Crítico de Marx**. Afrontamento, 1977. De modo mais complexo, o papel dos gestores na sociedade talvez nem possa ser compreendido a partir de uma análise marxiana ou marxista das classes. Os gestores estão em praticamente todos os níveis da sociedade moderna, em todas as classes. É bem possível que apenas uma análise sistêmica (para além das *classes*) possa adequadamente considerar o seu papel e a sua função na dinâmica social.

10

**DIREITA
E ESQUERDA**

DICOTOMIAS

É possível que tudo tenha começado com a observação do dia e da noite. Nos princípios dos tempos humanos, no alvorecer das culturas, há milhares de anos, os humanos tinham mais medo do que hoje – mas deviam, ao mesmo tempo, também, ter mais coragem. Os confrontos com os perigos do mundo não podiam deixar de ser uma tensão permanente. Os suricatos, os babuínos, os grupos de macacos de vários tipos, dão ideia de como a atenção aos perigos do mundo deveriam acompanhar a vida humana no dia a dia. Da cobra na moita ao leão nas savanas, o perigo, daí a vigilância, a tensão e a atenção não podiam deixar de ser requisitos básicos para a sobrevivência.

Se os riscos já eram tenebrosos durante a caça e a coleta diurna dos alimentos, imagine-se durante a noite. Uma descrição (bela e possivelmente) realista dessa situação está no pequeno livro de Arthur Clarke – 2001 *Odisseia Espacial* (cap. 4)²⁴⁹ – na cena do medo e do ataque noturno do leopardo (cena que não está no filme). A sucessão dos dias e das noites, com seus perigos e seus medos, com as emoções que gerava, pode (ou deve) ter inscrito na mente humana, na genética ou simplesmente na cultura, ao menos uma tendência para a forma dicotômica de abordar o mundo, o mundo luminoso dos dias e o mundo escuro das noites, onde os receios e os medos são ainda estimulados pela dificuldade de enxergar as feras noturnas à volta e – mais – pela estimulação do mundo dos sonhos. À escuridão podem ter se associado os maiores perigos e os maiores medos.

Tudo isso, naturalmente, iria passar às representações primordiais, expressas nos mitos e nas religiões da pré-história e das primeiras civilizações. O dia e a noite foram vistos, na antiga

Babilônia, como expressões ou metáforas primais de uma guerra cósmica entre entidades de um mundo espiritual conflagrado entre o bem e a luz (Ahura-Mazda) *versus* o mal e as trevas (Arimã). Isso também pode ser localizado nas pregações de Zoroastro, religioso (possivelmente persa, de cerca de 3.200 anos atrás) que teria elaborado e difundido uma religião focada num mundo espiritual dividido entre, de um lado, o mundo da luz (e do bem) e, de outro lado, o mundo das trevas (e do mal).

Cerca de mil anos depois de Zoroastro, essa abordagem se revigora através da pregação de Maniqueu, líder religioso da mesma região. Curioso que as construções teológicas, tanto de Zoroastro quanto de Maniqueu, continham uma certa complexidade, pelo que contam os pesquisadores: separação dos fiéis entre eleitos e ouvintes, hierarquias místicas e sociais, juízo final, premiações e punições escatológicas, etc. Não obstante, a crença básica era na nítida separação de dois mundos, Luz (o Bem) e Trevas (o Mal). Justamente (ou não), Maniqueu se transformou no emblema da dicotomia cognitiva ortodoxa: o *maniqueísmo*, ou seja, tudo se explica pela contraposição de dois *opostos* (*antagônicos e inconciliáveis*): preto x branco, bom x ruim, corpo x alma, *esquerda x direita, burguês e proletário*, etc.²⁵⁰

De modos diversos, essa abordagem ampliou (e fez vinculações sutis entre) o mundo da noite e das mulheres, o mundo feminino, isso já na pré-história e na Antiguidade (veja-se, por exemplo, Jung, sobre Lilith, a *lua negra*) e, bem mais tarde, o mundo das trevas,

250

O professor Pedro Menezes, num texto didático (<https://www.todamateria.com.br/maniqueismo/>), põe o dedo na ferida do pensamento simplificador: "... não dá conta da complexidade dos agentes envolvidos e busca reduzir tudo a uma relação entre bem e mal, certo e errado [...]. A 'demonização'... e a 'santificação'... acompanham o pensamento maniqueísta [...] os adversários políticos abandonam a complexidade de suas relações e das diversas teorias políticas [...] a política é reduzida a um embate simplista...". Isso tende a alimentar preconceitos e polarizações acríicas, ou seja, a falsificar a compreensão da realidade. Pior ainda quando, com a redução da racionalidade, amplia-se a emocionalização, o que atrapalha ainda mais a possibilidade de compreensão.

o mundo do mal, às esquerdas políticas que ameaçaram o mundo (tido como solar) dos setores sociais dominantes²⁵¹.

O maniqueísmo antigo supunha estarmos numa fase da evolução universal onde a separação original dos mundos da luz e das trevas teria se transformado num mundo onde os dois universos se entrelaçavam²⁵² – por isso era necessária a luta, a guerra, para de novo distingui-los nitidamente e recolocar as coisas nos seus devidos lugares. As disputas terrenas ganhavam, desde lá, uma rotulagem cósmica.

A visão do mundo dicotômica, portanto, tem raízes antigas, na história e no psiquismo (do indivíduo-social) humano. A luz e as trevas, a coroa vermelha e a coroa branca, o vermelho e o negro, branco e preto, corpo e alma, matéria e espírito, tempo e espaço, ciência e religião, cristãos e mulçumanos, capitalismo e comunismo, razão e emoção, o bem e o mal, negativo e positivo, esquerda e direita, o dia a noite – e, possivelmente entrelaçadas com tudo isso, as perplexidades diante dos polos feminino e masculino. Essas e outras dicotomias, essas percepções míticas de uma suposta polarização cósmica, de várias formas, atravessam toda a história da vida humana.

Ocorre que, assim como a sensação de que o mundo se divide em dia e noite, luz e trevas, essa dicotomia é falsa. É uma redução do mundo ao que ele não é. Olhar o mundo pelas lentes fixas de uma dicotomia, seja lá qual seja ela, é uma redução mental, a geração de uma profusão de pontos-cegos em nosso modo de ver,

251 Uma outra abordagem, indica, na antiga civilização egípcia, a separação histórica entre o alto Egito e o baixo Egito, a coroa vermelha de um e a coroa branca do outro – e os deuses *Amon* e *Ra* de cada um dos reinos. Separação que se repete, nos aspectos simbólicos, nos signos da Guerra Fria, entre russos e americanos, os vermelhos e os brancos. Contudo, no caso egípcio os dois polos se unificaram, o Alto Egito e o Baixo Egito se unificaram num só reino, a coroa se tornou vermelha e branca e os deuses se fundiram em Amom-Ra, depois contestado pelo deus solar do faraó Akenatón (possivelmente o primeiro monoteísta da história).

252 Wikipédia.

a criação de um mundo falsificado, um modo de ver extremamente limitado, restritivo.

É preciso ter claro que tudo que existe no mundo é complexo. Nada existe de simples. *Simples* significa apenas *menos complexo*. O processo de abstração, característico da mente humana, opera através de um extremamente complexo processo de *simplificações*. Que paradoxo! Mas é o que acontece. Os estímulos externos nos atingem pelos sentidos (visão, audição, olfato, etc.). São então processados pelo cérebro que, numa dinâmica neural (eletroquímica) extremamente complexa, constrói um *mapa mental* do estímulo e, a partir das experiências anteriormente memorizadas, interpreta o estímulo. Após esse processamento extremamente complexo, cria uma imagem que não é uma reprodução fiel da fonte do estímulo, mas uma *representação* (só aparentemente) simplificada. A partir desse processamento, a elaboração dessa *réplica* (deformada, simplificada, menos complexa) do estímulo, a dinâmica cerebral aciona outros circuitos neurais vinculados a outros mapas neurais e vinculados à memória e às demais partes do corpo. Aqui precisamos apenas reter que o cérebro elabora uma imagem simplificada (menos complexa) e deformada da realidade externa. Para sabermos se essa imagem, se essa representação, corresponde de fato à realidade, precisaremos reagir a partir desta representação e, através da verificação prática, vamos ver se ela corresponde ou não à realidade (ou a alguma realidade). De forma variada, muitos já indicaram que *o critério da verdade é a prática*, por mais que possam existir fenômenos que dificilmente (ou nunca) poderão passar pelo teste da prática. Bater a cabeça numa parede: se doer é porque a parede existe, seja lá o que for ela *em si*. A prática confirma ou desmente a representação (a teoria). Quando não se pode testar, não se pode saber, apenas conjecturar²⁵³.

O processo de conhecer é um processo individual e social, simultaneamente. Só aprendemos a falar e a conhecer o mundo

no interior de um grupo social²⁵⁴. Tornar-se humano é um processo simultaneamente individual e social. A potencialidade, a possibilidade do cérebro registrar e processar as experiências que nos moldam enquanto pessoas, enquanto humanos, só se realiza na interação social, desde a criança que aprende a andar e a falar até o treinamento técnico ou científico mais sofisticado. Sozinhos no mundo nada mais seremos que uma pura perplexidade, sem saída.

O mundo é complexo. O processo de aprender é simplificador e acumulativo, ou seja, o aprender, o saber, é uma construção cumulativa. A condição da vida humana é a sociabilidade efetiva. O *homo* é um ser social, com tudo que isso implica. Nesse processo de aprender, de apreender o mundo e nele sobreviver, a partir de testagens práticas das representações, ocorre o fenômeno da classificação. Em nosso processo mental simplificamos os objetos para poder operar num mundo complexo e diversificado ao extremo. Temos então situações de incômodo e conforto, dor e prazer, expectativas positivas e medo. Não é impossível que, no fundo, tudo comece com classificações binárias desse tipo. Mas se ficarmos só nesse nível de compreensão mental muito pouca coisa vamos conhecer do mundo.

O próprio mundo, a própria natureza, no processo de nossa formação biológica, se encarregou de nos capacitar para ir além das classificações meramente dicotômicas, tipo dia e noite. Desde cedo, isto é, desde bebês, todos nós aprendemos que o mundo é extremamente complexo: aprendemos que há coisas duras, macias e nem tanto, pessoas que são aconchegantes em vários graus, incômodos e confortos de vários tipos, coisas vermelhas, verdes, amarelas, azuis, brancas, escuras, sons agradáveis, desagradáveis e assustadores, etc. Desde crianças pequenas aprendemos a conhecer a diversidade de aspectos embutidos em todas as coisas. À medida que

254

Cf. A. Luria, **A Construção da Mente**, Ed. Ícone, 1992; Greenspan, Stanley - **A Evolução da Mente**, Record, 1999.

progredimos em nossa capacidade de nos situarmos no mundo precisamos ir além das divisões dicotômicas.

Uma questão pertinente é: por que algumas pessoas – e não são poucas – regridem para algum tipo de visão dicotômica do mundo e – o que é pior – emocionalizam e se apegam às suas dicotomias de modo a não conseguirem delas se afastar.

Apoiado numa base biológica, o desenvolvimento sócio-histórico evoluiu, avançou, a partir do desenvolvimento da linguagem e das técnicas. Daí chegamos a conhecimentos e a elaborações crescentemente sofisticadas, no plano dos hábitos consolidados e na constituição das culturas. Ainda que possa, nos estágios primais, ter se iniciado em representações deformadas, incompletas e binárias, rapidamente avançou para o reconhecimento da complexidade das coisas. Há pedras que são adequadas para fazer um machado de mão, outras nem tanto, outras imprestáveis. Há um cipó ou um tendão que é bom para fabricar um arco, outros nem tanto, outros imprestáveis. Há uma fruta gostosa e que alimenta, outras nem tanto, outras amargas e venenosas. Assim por diante. Até que as técnicas e os hábitos passam, eles próprios, a serem objeto de nossas representações mentais e, juntando as técnicas e seus usos com o processo de gerar abstrações imaginativas (a serem testadas) chegamos à ciência.

Descobrimos o átomo. Não tem nada de simples. Contém uma quantidade inacreditável de energia. Reúne em si partes, elementos, com energia de carga positiva, de carga negativa e neutra. Contém em si enorme poder de coesão e de repulsão, tudo num equilíbrio dinâmico intenso. Para entender um átomo, uma abordagem binária é inútil.

Além dos átomos descobrimos as moléculas, a profusão dos elementos químicos – e a célula viva, com sua extrema complexidade. Depois os organismos pluricelulares, a infinidade de plantas, os

animais, os sistemas ecológicos. Descobrimos que tudo que existe é vinculado a um contexto. Nós humanos somos um sistema complexo (corpo, emoções, mente, sociabilidade) imersos numa profusão de outros sistemas, interligados *até o infinito em todas as direções*²⁵⁵.

Também descobrimos que tudo passa por um evoluir, uma história: o planeta que habitamos vem de uma história cósmica e geológica. A vida, como a conhecemos, teve uma história. A humanidade vive um processo histórico. As sociedades, as civilizações, as culturas, também, passaram por uma história, um evoluir (que nos parece ser inscrito no espaço e no tempo²⁵⁶).

Cada um de nós vem de uma história, em grande parte desconhecida. A história da raça humana, a história das culturas, a história das tecnologias, a história das sociedades. O mundo é misterioso, mas, até onde podemos entender, nada surgiu do nada. Supremo paradoxo, tudo evolui de algo anterior, talvez um evoluir a partir de uma eternidade e sem retornos. Mas aí já estamos nos abismos da filosofia cosmológica e no que o filósofo Immanuel Kant designou como incognoscível, isto é, para além da nossa capacidade de compreender (mistério que muitos transferem para alguma forma de visão religiosa).

Deixemos as ontologias e as teologias para depois. O que se pretende aqui é tão somente focar num aspecto da interpretação da história social, a conceituação das ideias e práticas políticas como sendo *de esquerda e/ou de direita*. Desde já prevenindo, contudo, que essa é uma dicotomia, como tantas outras, que leva a uma compreensão insuficiente dos processos políticos.

255 Dyson, Freeman - **Infinito em Todas as Direções**, Cia. das Letras, 2000.

256 Ainda que definir ou apreender o que sejam espaço e tempo (ou espaço-tempo), distinguir tempo de duração, etc., sejam questões extremamente complexas.

SIMPLIFICAR A POLÍTICA DEFORMA A REALIDADE

Situa-se já no plano do lugar comum, do amplamente sabido, que essas designações, de *esquerda* e de *direita*, vêm dos embates políticos da Revolução Francesa. Contudo, a mais superficial análise do processo revolucionário francês, ocorrido nas décadas que encerraram o século XVIII, da queda da Bastilha (1789) à entronização de Napoleão como Primeiro Cônsul (1799) – e eventos subsequentes – demonstra como absolutamente inadequada qualquer tentativa de explicar aqueles eventos políticos como sendo uma disputa entre *direita* e *esquerda*. Qualquer pequena história daqueles eventos vai revelar uma complexa realidade social e política, onde se conflitaram atores sociais diversos, numa sucessão de quadros que, *para serem minimamente compreendidos*, vão exigir uma identificação bem mais sofisticada dos atores sociais e políticos envolvidos, bem mais complexa do que a dicotomia *esquerda/direita*.

Nem a história nem a vida social são uma sucessão de situações binárias. No mínimo podemos pensar em uma sucessão de configurações complexas, *gestálticas*. Rotular toda essa história de uma sucessão de momentos de uma *esquerda versus* uma *direita*, será uma simplificação que, na verdade, esconde o que de fato aconteceu, deforma, mutila os fatos e não ajuda nem um pouco a um razoável entendimento daquele momento histórico. Sempre são várias *esquerdas* e várias *direitas*, em conflitos e alianças complexas, voluntárias ou involuntárias²⁵⁷.

257

O marxismo ortodoxo desenhou um método menos tosco, ainda que também insuficiente: identificar as contradições e a contradição principal (em função dos objetivos). Já é algo bem mais sofisticado do que separar o mundo político em *direita* e *esquerda*, ainda que não seja suficiente para dar conta dos fenômenos complexos. Já significou, contudo, um avanço epistemológico. No mesmo sentido Mao discorreu sobre as contradições no seio do povo. Marx, Engels, Lênin, decididamente não operavam a partir deste tipo de esquema que, como dispositivo heurístico, contudo, em situações menos complexas, pode ter lá alguma validade experimental. Marx já insistia que os fatos sociais são *sínteses de múltiplas determinações*, múltiplas e multidimensionais, insistimos nós.

Se existissem apenas *direita* e *esquerda*, (+1 e -1), nada se moveria. São as múltiplas diferenças que nos movem. São as múltiplas diferenças que tornam possíveis o diálogo e os acordos. O bem absoluto e o mal absoluto não podem chegar a qualquer acordo, ou se separam eternamente ou se aniquilam. Temos, além do dia e da noite, também as múltiplas aparências do amanhecer e as eternamente mutáveis aparências do crepúsculo. O mais inculto dos seres humanos saberá distinguir, pelo menos, as cores visíveis do arco íris.

Esse maniqueísmo, essas contraposições simplificadoras, puritanas, carregadas de emocionalidade, tendem a exacerbar as ideologias: ou se está 100% certo ou 100% errado. Tende a pretender a pureza dos conceitos, o que é *o bem* e o que é *o mal* – isso falseia a compreensão das coisas.

Acontece com frequência no âmbito das religiões, onde a base da incompreensão muitas vezes já parte de um conceito emocional (a fé) e não racional. *Puritanos* e *pecadores*, *irmãos* ou *infiéis*, *congregados* ou *desviados*. Acontece também na política. As dicotomias, aplicadas onde não cabem – a maioria delas ilusórias – sempre configuram uma simplificação perigosa. Poucas coisas comportam essa divisão entre ser ou não ser, tudo ou nada. Os fanatismos e os racismos são dicotômicos: “*nós*” (que somos *puros*, *superiores*, *melhores*) *versus* “*eles*” (que são *mestiços*, *sujos*, *inferiores*).

Estes termos (*esquerda* x *direita*), enquanto denotação política, está visto, surgiram na Revolução Francesa de 1789. Mas é curioso que praticamente ninguém tentou explicar aquela revolução em termos de *esquerda* e *direita*. Quem quer que tente compreender aquele processo, de cara, se vê diante de uma situação tão complexa que tem logo que identificar uma variedade grande de atores: realistas, girondinos, jacobinos, *sans culotes*, etc. Ou penetra naquela complexidade ou não entende nada.

Marx e Engels, no MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA, de 1848, imaginaram ver uma simplificação acontecendo na vida real. Nesse

ponto se equivocaram, com sérias consequências. Está escrito lá no texto do MANIFESTO:

“Nas épocas anteriores da história, em quase todos os lugares, encontramos sociedades estruturadas em vários segmentos, em uma hierarquia diferenciada das posições dos indivíduos. [...] A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas. *Nossa época – a época da burguesia – caracteriza-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade se divide, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas: a burguesia e o proletariado*”²⁵⁸ [grifo nosso].

Na realidade, na moderna sociedade capitalista o que aconteceu foi o contrário: a “classe dominante” se diferenciou em segmentos cada vez mais complexos – aumentaram a competição e as diferenciações; e a “classe operária” se diferenciou ainda mais; a “pequena burguesia” e as classes médias também se fragmentaram em diversas modalidades e, no conjunto, resultaram enormemente ampliadas, gerando efeitos sociais imprevisíveis no século XIX. Ou seja, a polarização em dois grandes campos inimigos, duas grandes classes, não aconteceu.

Este tipo de polarização ganhou uma versão ainda mais macabra no fascismo alemão, o nazismo, que dividiu a humanidade entre os arianos e o resto, arianos destinados a serem os donos do

258

Marx e Engels, **Manifesto do Partido Comunista**, Ed. Expressão Popular, 2008, pág. 11. Na análise d'A Guerra Civil na França, n'A Comuna de Paris e n'O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Marx se corrigiu, enfrenta e discorre sobre uma complexidade de atores em luta. Mas o mal já estava feito. Aquela dicotomia do manifesto, *burgueses e proletários, opressores e oprimidos*, se tornou a matéria prima para a ortodoxia marxista que veio depois e se adensou na burocracia stalinista – que elevou a níveis inacreditáveis o pensamento dicotômico ortodoxo (que já era uma tradição russa), numa nefasta caricatura do pensamento dialético. Alguns textos (e práticas) daquela época só são comparáveis aos textos da “Santa” Inquisição.

mundo e o resto, o lixo, que precisava ser incinerado – o que, estupidamente, pretenderam fazer assassinando seis milhões de judeus, meio milhão de ciganos e mais de vinte milhões de escravos (este último crime gigantesco permanece muito esquecido pela historiografia dominante)²⁵⁹.

A polarização dicotômica é propositadamente criada nas guerras psicológicas. Durante a chamada Guerra Fria os dois lados fizeram isso à larga, sem dúvida, visando demonizar o adversário. A *burguesia imperialista* foi demonizada pelos soviéticos que, não obstante, desenvolveram práticas violentas semelhantes (sobretudo no sistema repressor interno).

Os comunistas foram demonizados ao extremo, nos Estados Unidos e, principalmente, no seu campo de aliados, na periferia do sistema. O governo americano patrocinou, de várias maneiras, ditaduras sanguinárias pelo mundo afora, em nome da liberdade. Uma delas, completamente esquecida na imprensa e na literatura do chamado Ocidente, na Indonésia, onde uma onda de repressão assassinou mais de um milhão de pessoas, comunistas e democratas, entre 1965 e 1966. Episódio sistematicamente ausente nos *nostros* manuais de história.

259 William Shirer, no seu grande documentário sobre o nazismo, se exclui desse esquecimento mais que suspeito. Cita Hitler: *'A mistura de sangue, e a consequente queda do nível racial, é a única causa da derrocada de velhas civilizações; pois o homem não perece como resultado de guerras perdidas, mas pela extinção daquele poder de resistência existente apenas no sangue puro. Todos que não sejam de boa raça são escória [...]'* – e conclui Shirer: "Escória [para os nazistas] eram os judeus e os escravos, e mais tarde, ao se tornar ditador e conquistador, Hitler proibiria o casamento de alemães com qualquer membro dessas raças [sic] embora qualquer professora primária estivesse em condições de dizer-lhe que os alemães tinham nas veias muito sangue eslavo, especialmente aqueles que habitavam as províncias orientais. Ao pôr em prática suas ideias raciais, é preciso admitir mais uma vez, Hitler cumpriu à risca suas palavras" (**Ascensão e Queda Do Terceiro Reich**, Civilização Brasileira, 1975, pág. 143). O historiador Niall Ferguson, também registrou: "Para Heinrich Himmler, o chefe da SS, os povos eslavos eram todos 'tipos mongóis' que deveriam ser substituídos por 'arianos' a fim de criar uma nova 'província loura' no Oriente. Para Hitler, os russos poderiam ser facilmente equiparados aos 'peles vermelhas'" (**Civilização: Ocidente X Oriente**, Ed. Planeta do Brasil - Crítica, 2021, pág. 225).

A desumanização dos adversários está presente em todos os genocídios – e começa com a dicotomia “nós” e “eles”, num crescendo, sem limites porque não obedece a qualquer racionalidade. Isso começa com as caricaturas. Todo cuidado é pouco.

Como vários outros observadores, Félix Guattari²⁶⁰ vê o capitalismo globalizado como a expressão de um complexo de desequilíbrios: da vida social, das subjetividades, do ambiente natural, a ponto de, registra, o modo de vida da humanidade hoje, colocar o mundo em crise. Para Guattari, como para Edgar Morin, uma dimensão crítica da crise é a incapacidade de compreendê-la, as pessoas (em seus postos, nas empresas, nos governos, nos partidos, nos movimentos sociais) parecem incapazes de apreender a gravidade da situação, na própria medida em que fazem abordagens parciais e insuficientes. Félix Guattari e Edgar Morin chegam assim à conclusão da falência das dicotomias (*campos bipolarizados*), que têm forte presença em nossa tradição. Assinalam que só uma articulação ético-política que considere o múltiplo registro ecológico (ambiental, social, mental) pode esclarecer a situação – e criar as condições para uma efetiva transformação social. Essa *revolução*, processual e evolutiva, só virá com a ação humana ampla e profundamente reorientada.

Guattari ainda observa que as antigas dicotomias perdem eficácia, principalmente quando se entrelaçam com demandas sociais multipolares, incompatíveis com adesões maniqueístas. Os alinhamentos sociais e políticos se diversificam em novas subjetividades (nacionais, identitárias, singulares). Conflitos transversais (feministas, geracionais, antirracistas, lutas urbanas, pedagógicas, artísticas etc.) se entrecruzam e se alinham e realinham dos modos mais inesperados. As velhas dicotomias não têm como servir neste mundo tornado (ou reconhecido) tão complexo. Novas problemáticas multipolares (na imbricação das múltiplas ecologias), com a complexificação extrema dos contextos sociais, econômicos e

internacionais, com a intensificação das reivindicações individuais e coletivas de singularidade, sem substituir inteiramente as antigas lutas, tenderão cada vez mais a se deslocarem para o primeiro plano.

Abordar o sentido do uso político desses termos, *direita* e *esquerda*, precisa ter em conta o conjunto destas observações. A compreensão da vida real não pode ser reduzida a uma visão bipolar.

RÓTULOS NÃO SÃO CONTEÚDOS

Direita e esquerda, não há dúvida, não são conceitos científicos²⁶¹, são termos do mundo político e da dinâmica social. O uso é moderno, mas o conteúdo é antigo. Na linguagem popular é polissêmico, usado com vários significados, com frequência difusos e ambíguos. Talvez seu maior problema seja a amplitude de significados pouco precisos, com a propensão a estimular entendimentos excessivamente abstratos e pobres de conteúdo. Dizer que alguém é *de direita* ou *de esquerda*, sem especificar contexto e conteúdo, a rigor, não significa nada: tende a ser uma cortina de fumaça ou mero xingamento. O uso comum desses termos deixa-os quase vazios, um índice de empobrecimento conceitual. Mas é problemático abandoná-los, dada a frequência do seu uso e, talvez, os pressupostos (ou preconceitos) que carregam. O esforço de especificar um conteúdo aceitável é necessário, em contribuição à superação dos diálogos de surdos e da realização de uma comunicação efetiva, na busca por soluções para os conflitos de nosso tempo.

261

O Dicionário de Política, coordenado por Norberto Bobbio (Ed. UNB, 1991), não registra esses termos, ainda que o próprio Bobbio tenha textos publicados sobre o assunto. O metuculoso **Ideologias Políticas Modernas**, de Andrew Vincent (Jorge Zahar Ed., 1995), também não trata do termo, o mesmo acontece com o denso **Sociologia Política**: elementos de ciência política, de Roger-Gérard Schwartzberg (DIFEL, 1979).



No processo da Revolução Francesa (1789), na Assembleia Nacional Constituinte, o debate se fazia em torno do tema do possível direito de veto do rei quanto aos artigos aprovados pela Assembleia. Os favoráveis a conceder ao rei o poder de veto reuniam-se à direita do presidente dos trabalhos. Os contrários, favoráveis à soberania popular, vedando ao rei o direito de veto, reuniam-se à esquerda do presidente. Daí surge o uso das expressões, estendidas a temas correlatos. Mas daí também as dificuldades: quais são esses temas correlatos? Essa dificuldade se aplica ainda no mundo político de hoje (mais de 200 anos depois).

Muita gente continua a ver o espectro político a partir dessa dualidade, o que resulta em formas superficiais de ver os conflitos sociais. Há ideólogos que acham essa discussão superada, pelo fenômeno do *fim das ideologias*, substituídas pelo pragmatismo e pelo foco nos resultados. Isso não passa de mais uma formulação ideológica.

O uso moderno dessas expressões é uma questão menor. Quanto ao conteúdo, a história é muito mais antiga, mais séria e mais importante, e tem a ver com a adoção de valores conflitantes na dinâmica e contraditória evolução social.

Temos um mundo social cada vez mais desigual, fragmentado e, é necessário insistir, complexo. A globalização, hoje (regida pelos interesses dos grandes grupos econômicos, pelo alto empresariado e pela geopolítica dos países capitalistas centrais) impacta o mundo, produz um consenso ideológico restrito a esses setores hegemônicos e seus aliados (uma nova classe média, diversificada, que se apegua a seus benefícios e privilégios). O resto da população mundial – a grande maioria – segue imersa nas suas respectivas culturas nacionais e regionais²⁶², onde continuam a predominar ideologias tradicionais, sejam religiosas ou seculares.

262

Os sociais-democratas que aderiram ao *establishment* neoliberal adotaram as pautas identitárias e o multiculturalismo, exacerbando-as, como que para ocultar a pertinência crítica das abordagens socioeconômicas, reduzindo as metas das lutas a mobilidades sociais parcelares, que não abordam o problema socioeconômico sistêmico (os oceanos de pobreza), estruturalmente cada vez mais desigual e insustentável.

Há uma discussão, na maior parte das vezes conduzida por acadêmicos e políticos mais intelectualizados, sobre *direita* x *esquerda*, centrada nos temas de liberdade x igualdade. A *direita* estaria mais focada na liberdade e a *esquerda* na igualdade. É uma discussão insuficiente e abstrata, não chega às bases do problema, na verdade falsifica o problema.

A questão central – e prática – tem a ver, na história e na vida real, com modalidades de opressão social, tem a ver com modalidades de *opressores* e *oprimidos* (entre os quais, os desapropriados e os excluídos).

Muito lá atrás, dez mil anos, nos tempos da *revolução agrícola*, quando um grupo humano primeiro escravizou outro grupo humano, aí nasceu um conflito social de novo tipo e aí nasceu a luta pela liberdade, aí nasceram as possíveis bases objetivas de *direita* e *esquerda*: o senhor e o escravo, o opressor e o oprimido. Onde ficou a questão da liberdade? Na *direita*, no pretensão direito de subjugar, de oprimir, de expropriar; na *esquerda*, no direito de se libertar. Essa pseudo liberdade (da *direita*), no fundo, a liberdade de uns de tirar a liberdade de outros, nunca passou de uma empulhação.

A liberdade política, no que possa ter de autenticidade e de *práxis* (teoria *versus* prática) nasce a partir desse ponto, da *luta pela emancipação dos oprimidos*. Essa pode ser a *essência*, o núcleo básico, da *esquerda*, do posicionamento político *de esquerda*. No plano da abstração pode ser equiparada a uma luta pela igualdade, deduzindo que iguais não se oprimem, isso é importante, mas, o que se trata mesmo, na vida real e prática, *na existência social concreta*, é o posicionar-se *contra a opressão*, contra a exploração do homem (e da mulher) pelo homem, uma circunstância histórica superável. Superável na história, pelas lutas sociais, pela racionalidade abrangente e pela construção sociocultural humanamente redirecionada.

As posições políticas *de direita* (são várias) se constroem sempre a partir de uma suposta desigualdade essencial entre os

humanos. As posições políticas *de esquerda* (também são várias) se constroem, se não de uma igualdade, a partir da atribuição (ou do reconhecimento) de uma dignidade básica a todos os seres humanos, as desigualdades sociais, tendo se formado historicamente, são superáveis pela ação política libertadora.

Isso põe a nu a realidade íntima da *direita*: sua existência depende da prevalência de uma (falsa, mas imposta) *desigualdade essencial*, a dos mais fortes contra os mais fracos e (em versões mais sofisticadas), no contexto de uma evolução socioeconômica e tecnológica – que já lhe dá condições técnicas e sociais de explorar o trabalho alheio – através de mecanismos diversos de opressão.

Em contraste, as lutas coletivas fazem fortes aqueles que eram fracos, o que põe em cena a discussão da eficácia dos métodos. Os opressores (ocupando posições privilegiadas) podem falar de ordem, de eficiência, de produtividade, etc. Mas não têm qualquer legitimidade em se propor como expressão da liberdade ou da justiça (aferrados que são às práticas da *desigualdade essencial*). No básico, no real, é a vida humana como ela é: histórica, contraditória, conflitiva e evolutiva. Subsidiariamente se trata de uma discussão de valores, mas também de visão de mundo, de objetivos, de métodos e de meios (além de outros aspectos). Se for para resumir numa fórmula, a questão é que os *de direita* se acham no direito de serem dominantes – e os *de esquerda* propõem repor a dignidade humana em níveis os mais próximos possíveis de uma igualdade efetiva.

Nesses níveis de generalização, a polaridade esquerda/direita alcança um grau de legitimidade. Na vida prática, real, porém, tudo é mais complexo, porque nem *esquerda* nem *direita* são unívocas ou homogêneas. Não foram poucas as vezes em que a dignidade humana foi agredida por atores *soi disant de esquerda*.

Tudo isso vai variar intensamente. Não é exagero dizer que *direita* e *esquerda* serão diferentes em cada lugar e em cada

momento da história. *Direita e esquerda* são posições em relação a algum ponto de referência. E, no processo de análise e identificação dessas posições, sempre vamos encontrar várias formulações de cada um dos termos. Os pontos de referência, a consistência da análise e os objetivos vão variar. Não são pontos fixos.

Os primeiros escravizados talvez não tenham sido escravos, mas escravas (escravizadas). Na evolução (antropológica e cultural) a divisão do trabalho (homem-mulher) nasce colada à criação de privilégios que, a partir de um dado momento, em contextos rústicos, envolvendo força, tecnologias e jogos de interesses, foram formando diferenciações estruturadas – e estruturantes – de sociedades crescentemente desigualitárias. Armadilhas histórico-sociais (essas e outras de que falamos em capítulo anterior) que os contemporâneos não souberam desmontar – e que até hoje nos aprisionam.

Outros elementos de uma complexidade inicial também podem ser identificados: a liberdade de inovar: um primeiro grupo aprende a plantar – mas para isso é necessário ocupar um pedaço de terra – quando não existia o conceito de propriedade.

Rousseau põe o dedo na ferida: “O primeiro que, ao cercar um terreno, teve a audácia de dizer ‘isto é meu’ e encontrou gente bastante simples para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil”²⁶³.

Rousseau supõe que se alguém tivesse contestado esse feito teria livrado a humanidade “*de guerras, assassínios, desgraças e horrores*” ... [se] tivesse gritado “*Não escutem esse impostor! Estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e a terra é de ninguém.*”

Essa formulação de Rousseau gera uma certa confusão. A história nunca foi tão simples. Em parte, o próprio Rousseau reco-

263

Jean-Jacques Rousseau - **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. Ed. UnB, 1985.

nhece isso quando assinala que a propriedade privada não se forma de repente e que foram necessárias séries complexas de eventos para consolidá-la. Proudhon e Marx, que visceralmente contestaram a propriedade privada *dos meios de produção*, reconheceram uma legitimidade original na pequena propriedade; por outro lado, o futuro aponta para a exigência do *uso social* da propriedade (salvo engano, uma ideia trazida ao nosso tempo pela *doutrina social* da Igreja Católica), o que já está, por exemplo, na Constituição do Brasil – ou seja, há uma dinâmica histórica complexa que não pode ser desconsiderada.

A estatização (ou *socialização*) de tudo nunca passou pela cabeça nem dos mais delirantes *esquerdistas*. A contestação reclamada por Rousseau, ao contrário do que ele diz, de fato ocorreu – não como evento individual, mas como choque entre comunidades em diferentes estágios de desenvolvimento – uns ainda coletores e forrageadores, outros já agricultores – e, ao contrário do que pensou Rousseau – foi exatamente aí que começou a corrida armamentista que gerou a sucessão sangrenta dos *Estados Guerreiros* da Antiguidade (os chamados *Impérios*).

Por essas vias se formaram, desde a *revolução neolítica*, as sociedades profundamente desiguais, depois de milênios das comunidades gentílicas, mais igualitárias, dos grupos primitivos. Darcy Ribeiro (O PROCESSO CIVILIZATÓRIO) relata que os primeiros grupos humanos evoluíram para aldeias agrícolas que se organizaram de modo diferenciado, umas de modos mais coletivistas e outras de modos mais privatistas. Em ambas, destacamos nós, se desenvolveram formas de escravização. Esse, talvez, o verdadeiro *pecado* da espécie humana: a escravização dos vencidos, a escravização dos mais fracos, a escravização das mulheres. Podia-se pensar diferente àquela época?

Estas foram as bases objetivas para o desenvolvimento de uma *compaixão* politicamente ativa, no sentido de combater essas

práticas e desmontar esse padrão de comportamento bárbaro. Mas, naquela época, isso não ocorreu. Não havia ainda uma evolução e um adensamento cultural que possibilitasse aos grupos humanos essa consciência de si, esse reconhecimento da humanidade comum, essa sensibilidade pela *dor dos outros*. Isso, em proporções socialmente expressivas, só emerge na história humana muito depois²⁶⁴.

Ao longo da história, as lutas dos oprimidos, dos expropriados, constituíram as bases onde vão se conformando atitudes por medidas e ações políticas em torno dos interesses dos oprimidos e dos excluídos. Subjacente a estas posturas se adensa a consciência, em princípio, da *igualdade substantiva* de todas as pessoas, de todos os seres humanos.

Ao longo de milhares de anos, da criação do gosto pelos privilégios, naturalizados por um ambiente cultural primitivo, com desenvolvimentos desiguais em vários níveis, conflitos por *estranheza étnica*, disputa por territórios e corridas armamentistas, saímos das comunidades primitivas e chegamos aos impérios guerreiros da Antiguidade. Aí já estávamos no auge de sociedades firme e brutalmente desiguais. Esse roteiro foi diferente de povo para povo, de região para região, mas, dinâmica e estruturalmente, muito parecido, em todos os continentes.

Uma dimensão trágica de todo esse *processo civilizatório bárbaro* foi que – das primeiras escravizações, no contexto da *revolução agrícola* – até os primeiros tempos da *revolução industrial* – estamos falando de algo em torno de 10 mil anos – escravizar, capturar,

264

Quando? Na Grécia Antiga, talvez com o *orfismo*. No Oriente Médio, com o *cristianismo*. Na Índia, na China, no resto do mundo... uma pesquisa a realizar. Max Beer (**História do Socialismo e das Lutas Sociais**, Ed. Expressão Popular, 2006) faz um esforço de síntese do que havia até a sua época, um livro valioso, apesar das ingenuidades que contém, como considerar Esparta uma modalidade de *comunismo*. O grande momento de uma ação *de esquerda* na História da Antiguidade (atacava o coração do domínio romano) foi a revolta de escravos liderada por Spártacus, na Roma do século I a.C., que, na prática, nos termos da época, talvez buscasse a criação de um mundo novo. Foram massacrados, com a literal crucificação (não de apenas um *filho de Deus*, mas) de milhares.

submeter à força seres humanos semelhantes, tratá-los como coisas, *bibelôs* de luxo, objetos sexuais ou animais de carga e trabalho, foi um traço comum e frequente por todo esse período. Não foi só o capitalismo, como disse Marx, que *surgiu no mundo pingando sangue e lama por todos os poros*. Foi o processo civilizatório inteiro²⁶⁵.

Não teria acontecido assim se *as formas de consciência*, o que pensam os indivíduos-sociais nos seus respectivos contextos, não estivessem vinculadas às condições da vida, ao ambiente social daquele momento histórico, às condições materiais e às concepções de mundo a que aqueles povos conseguiram chegar. Os astecas realizavam centenas e centenas de sacrifícios humanos – foram encontradas pilhas de crânios – com a concepção, supõe-se, de que aquilo era necessário para manter a luz e o calor do sol. Esse exemplo dá uma ideia da densidade da ignorância que os humanos tiveram que superar e do valor da evolução cultural e da ciência.

Durante os (mais ou menos) 10 mil anos em que a *escravização* (em modalidades diversas) era considerada como um ato natural, normal, legítimo, foram muito poucas as vozes que se levantaram para protestar. Essa dinâmica só começou a mudar de fato depois de deflagrada a revolução industrial. Talvez por isso o lado cientista de Marx (no prefácio de 1859) tenha dito que “... a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir”²⁶⁶.

Não obstante, não só ocorreram protestos verbais (poucos), como as resistências e lutas pela libertação nunca deixaram de existir. Não vamos aqui contar essa história, mas (sem essa denomina-

265 Estamos falando da plasticidade da natureza humana, que o contexto histórico condiciona, limita ou estimula, definindo quais potencialidades predominam a cada grande época. Nossa genética possibilita nossa plasticidade, o contexto social e as experiências vividas fazem o resto.

266 Marx - **Contribuição À Crítica da Economia Política** – Prefácio (Ed. Expressão Popular, 2008, p. 48).

ção) a *esquerda*, a luta contra o *establishment* opressor, nasce desde aí – e se transforma ao longo da trajetória humana. Muito poucas (se não raríssimas) foram as situações em que grupos ou líderes efetivamente *de esquerda* governaram quaisquer sociedades. A história humana é, portanto, marcada por uma infinidade de governos opressores, *de direita*, representantes dos segmentos dominantes.

Um passo necessário para se compreender mais adequadamente o que sejam os posicionamentos políticos (*direita, esquerda, liberalismo, marxismo, anarquismo* etc.) é trazer alguma luz à concepção da história. Também essa compreensão maior nos colocará mais em contato direto com a complexidade da vida social.

Quando Marx e Engels insistiram em afirmar uma concepção *materialista* da história, se colocaram como alvo de execração por parte dos clérigos de plantão. É possível que a coisa pudesse ter sido melhor colocada. Marx e Engels, sem dúvida, eram adeptos de uma ontologia materialista (conquanto nunca se tenham dado ao trabalho de serem ateus militantes). E, não é inteligente negar, a concepção da história que defendiam tinha vínculos lógicos com a ontologia que adotaram. Também não é inteligente confundir as coisas. Uma concepção imanentista da história pode muito bem ser adotada por quem não seja adepto de uma ontologia materialista. A questão é interpretar a história atendo-se ao desdobrar da realidade humana sem a interferência de fatores sobrenaturais ou metafísicos. Lidar com a vida social como ela é: um assunto humano.

É curioso como os segmentos politicamente dominantes insistem em se apresentar, direta ou indiretamente, como representantes de Deus na Terra, o uso da religião como justificativa do poder. Os faraós do Egito Antigo faziam isso, os reis do Absolutismo europeu faziam isso, os presidentes dos Estados Unidos também, quando prestam juramento perante a Bíblia. Sem mais as práticas bárbaras (como as dos astecas), a ideia de que o destino humano (ou o destino dos povos) é traçado por uma força transcendente ainda tem presença e força.

Uma compreensão imanentista da história, admitindo que somos responsáveis por nós mesmos, em grande medida, ainda é um espaço social a conquistar.

O historiador e filósofo russo, Plekhanov, num texto de 1898²⁶⁷, nos apresenta uma síntese das concepções da história (até a sua época). Descreve uma evolução das abordagens históricas, da antiguidade à modernidade, do animismo à ciência.

Plekhanov nos lembra os avanços da ciência sobre o animismo. Em algum momento se acreditou que o eclipse lunar era um capricho dos deuses – ou algo assim. A evolução da astronomia nos demonstra que não é nada disso. O eclipse decorre de causas estritamente materiais e compreensíveis, sem necessidade de fatores sobrenaturais. A partir do momento que sabemos que a Terra gira em torno do Sol e a Lua gira em torno da Terra, o mistério foi afastado (quanto a esse ponto). Plekhanov não tenta aí demonstrar uma ontologia materialista, apenas mostra que o eclipse lunar não é um capricho dos deuses. Daí vamos para a história, para os fatos humanos, onde algo semelhante acontece. Cada época tem a sua própria filosofia da história dominante. Agostinho e Bossuet, dois bispos católicos – que escreveram sobre teologia e sobre História – acreditavam que a Providência Divina conduzia os fatos históricos. Se um império vencia ou perdia uma batalha, isso era uma manifestação da vontade e da intervenção divinas. Muita gente hoje ainda acredita nisso. Plekhanov (e muitos outros), ontem e hoje, percebem que não é assim que as coisas acontecem. O desenrolar dos fatos humanos se dá por causas naturais e pela própria ação humana. Assim como encontramos as causas naturais dos eclipses, podemos encontrar as causas naturais – e humanas – dos fatos humanos. Marx e Engels chamaram isso de concepção *materialista* da história. Ou seja, a história não depende de causas sobrenaturais. Muitos filósofos e historiadores, de todas as épocas, desde Aristóteles até

hoje, pensam assim – sem designar esse modo de ver de *materia-
lista*. Uma polêmica teológica é o *deísmo versus* o *teísmo*. Os deístas
acreditam que o mundo, obra de um Criador, segue sujeito apenas à
ação de suas próprias leis, leis da Criação. Deus (ou o Criador) não
fica cotidiana e eternamente interferindo na sua criação. Aristóteles e
Voltaire, dois intelectuais de tempos diferentes, eram *deístas*²⁶⁸. Marx
não era *deísta*, mas sua filosofia da história é compatível com uma
visão deísta e – mais ainda – com uma visão imanentista, como a
de Spinoza, para quem a natureza é o corpo de Deus ou a de Albert
Einstein que, perguntado, disse que seu Deus era o Deus de Spinoza.
Por outro lado, diz outra abordagem, desde que *Deus deu ao homem
o livre arbítrio*, a partir daí o homem é responsável por sua própria
história. Essa visão é compatível com os que pensam que os *homens
fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua vontade,
mas sim a partir de condições dadas*. A partir das condições naturais,
como o eclipse da Lua, sem a interferência de fatores sobrenaturais,
os homens constroem, como podem, a própria história. Se os homens
fazem sua própria história, esta é uma história em aberto. Faremos de
nós o que formos capazes de fazer. Pelo menos enquanto a natureza
não nos destruir com um meteoro ou, se não pudermos ir para outra
galáxia, com a decadência do Sol.

Plekhanov (filósofo marxista e historiador russo) faz um
resumo da evolução da interpretação histórica. Os gregos antigos,
com Homero, iniciam a prática dos relatos históricos, atribuindo aos
deuses tudo (ou quase tudo) quanto acontecia. Notáveis filósofos que
tiveram grande influência na Idade Média, como Agostinho (Santo,
para os católicos) e Bossuet, já ampliavam a responsabilidade dos
homens no que acontecia, mas ainda supondo que *a providência
divina* é que dava as cartas. Até aquela época, a maioria dos histo-
riadores (se não todos) contavam a história da influência dos deuses
nos assuntos humanos. Católicos e maometanos, na Idade Média,

268

Aristóteles, segundo os pesquisadores, viveu na Grécia Antiga de 384 a 322 a.C. Voltaire, na França,
de 1694 a 1778.

vão pelo mesmo caminho. A partir do *Iluminismo* (séc. XVIII) é que surgem (ou proliferam) historiadores (franceses, alemães, italianos, britânicos) que passam a ver, interpretar e relatar os fatos históricos a partir das condições socioeconômicas (Augustin Thierry, Mignet e outros, relata Plekhanov). Não vamos arriscar aqui a contar essa história (da história), bons historiadores têm feito isso – é um tema rico e delicado. O que há a registrar é que a partir dessa época, pelo menos, uma parcela expressiva dos historiadores e pensadores da condição humana passaram a interpretar a história como uma consequência dos atos humanos, sem interferências sobrenaturais.

Um passo seguinte, na linha de Plekhanov, é compreender *o papel do indivíduo na história*, questionando a concepção de que a história é conduzida pela ação individual de grandes líderes. Para Plekhanov é o contrário, os acontecimentos históricos, as correntes e contracorrentes da vida social é que produzem os líderes e delimitam os seus espaços de atuação.

Depois do Iluminismo, vieram a independência americana (1776) e a revolução francesa (1789), desdobrando processos (econômicos, políticos e culturais) que já vinham se acumulando e mudando a face do mundo (agora interpretados como *fatos humanos*). Essa foi (e continua sendo) uma visão mais adotada pelos pensadores e líderes ditos *de esquerda*. É conhecida a afirmação de Marx de que “Os homens fazem sua própria história, contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram”²⁶⁹.

A dinâmica das circunstâncias, estruturais e conjunturais, abre espaço para o surgimento dos líderes que, assim, mais expressam as circunstâncias do que as moldam. Mas, suas idiossincrasias, as características pessoais, no contexto dos detalhes, também

marcam os processos históricos. Essa dinâmica (essa dialética) de estruturas, conjunturas, agentes humanos múltiplos, fazem evoluir o processo histórico e social. Em grande medida, líderes, só o são em configurações histórico-sociais específicas.

Esse modo de ver, não obstante, não ficou só na *esquerda*. Alguns pensadores *de direita* também o adotaram – e não são poucos os *de esquerda* que ainda veem propósitos divinos nas lutas de libertação dos povos e das pessoas. Isso é parte da complexidade do tema. Não obstante, essa ideia de que nós podemos redirecionar a nossa história é, predominantemente, uma compreensão *de esquerda*. Os pensadores *de direita* que abandonaram, ao menos em parte, a visão de (episódicas) interferências divinas, passaram a acreditar que um sistema automático e autocorretivo de mercado é o que comanda (ou deve comandar) a vida social. E são muitos os teóricos *de direita* que se declaram “céticos” de que o ser humano possa reorientar o destino humano. Os dois lados *gostam* da figura de *Prometeu*, que, na mitologia grega antiga, roubou o fogo dos deuses para uso humano. A *esquerda* toma isso como um metafórico exemplo a ser seguido, a *direita* aponta isso (o ser humano, como espécie, como coletividade, decidir seu destino) como um sonho irrealizável; aposta na exacerbação do individualismo (no *self made man*, o pobre que fica rico graças ao próprio esforço inventivo). A utopia da *esquerda* é a redenção da humanidade. A utopia da *direita* é ficar rico (ou uma sociedade, necessariamente desigual, onde o pobre pode ficar rico – e a maioria “*sem talento*” continua pobre).

A configuração histórica da (segunda) evolução humana (a primeira biológica, a segunda cultural) é que estabeleceu o quadro objetivo para o embate entre *direita* e *esquerda* (até onde esse nível de generalização tem alguma validade). De uma perspectiva, *opressores*, que se acham no direito de ter a *liberdade* de oprimir, de expropriar, de explorar, de excluir e, de outra perspectiva, *oprimidos* (e solidários) que se acham no direito de resistir e acionar processos de libertação.

Isso é o básico, mas ainda é pouco para uma compreensão mais completa do que realmente se trata. Na medida humana, a história é longa, tortuosa, dramática, trágica, refratada em etapas e épocas bem diferenciadas. Dissemos já que *direita* e *esquerda* serão diferentes em cada lugar e em cada momento da história.

Interessante notar que os sistemas de opressão que funcionam são sempre piramidais e hierárquicos, uma pirâmide de opressores, os de cima oprimindo os de baixo. Esse pode ter sido um aspecto da compreensão dos sacerdotes e faraós egípcios que sacralizaram as pirâmides.

O gladiador Spártacus²⁷⁰ tinha duas opções: matar ou morrer para divertir os romanos ou matar ou morrer numa luta para se libertar. Drama histórico existencial. Não tinha a opção de esperar *para ver a banda passar*. Omitir-se era uma opção inexistente para ele e seus companheiros.

De passagem, vamos registrar uma outra característica do campo da *esquerda*: a existência dos *companheiros* o que, para *as esquerdas*, tem um valor quase místico. Todo movimento *de esquerda* implica uma coletividade solidária e participante, diferente da *direita* que valoriza a competição individual. Isso não significa que não haja competição entre *as esquerdas*, pelo contrário, há – e muita. Companheirismo na *direita* também existe, num viés diferente, mas também existe, mais restrito aos círculos de amizade, muitas vezes, submetido ao *espírito de corpo* militar ou empresarial. Na *esquerda* a fraternidade é mais ampla, mais politizada, mais essencial. Contudo, muitas vezes se fecha no círculo de um pequeno tribalismo. A diferença é de grau. Mas não existe *esquerda* sem *os companheiros*, ainda que, não raro, essa atitude solidária se fecha no próprio grupo. Hoje, poderíamos falar das *bolhas*.

As resistências e rebeliões dos oprimidos marcam toda a história humana, depois do longo período das comunidades gentílicas (quando os conflitos eram outros, marcados pelas disputas por territórios, *estranheza étnica* e *desenvolvimento desigual*). Marx, no MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA (1848) enumera: senhores e escravos, patrícios e plebeus, servos e barões feudais, burgueses e proletários... "*numa palavra, opressores e oprimidos*".

A história desses conflitos é múltipla e heteróclita, desdobra-se em uma profusão de outros conflitos, internos a esses dois campos mais amplos, que quase nunca se unificam – e não caminham para uma consolidação da dicotomia *burgueses x proletários*, como vaticinava o manifesto comunista de 1848. As grandes guerras se deram a partir dos conflitos entre os setores dominantes, todos *de direita*. As classes populares e as classes médias apresentam o mesmo fenômeno, se desenvolvem em inúmeras variedades, apresentam efeitos sociais e políticos diversificados, o que alimenta, por seu turno, inúmeras versões da *esquerda* que, com frequência, se digladiam mortalmente entre si. Sem contar que as ações políticas não têm correspondência direta e unívoca com a realidade social: cada indivíduo e cada grupo social, na vida real, desenvolve suas idiossincrasias, seus objetivos e estilos próprios, ainda que – até certo ponto – *condicionados* pelo contexto sociológico. Moral da história: os setores dominantes se conflitam seriamente – e os setores médios e populares também. Daí a multiplicidade e a complexidade da política – e a enormidade do desafio de se construir um mundo social concertado e equilibrado. Não obstante, grandes passos foram dados²⁷¹. Em grande medida, superamos a escravidão, porém *a pobreza das massas* ainda não foi vencida.

271

A Revolução Humanitária, capítulo VI (já citado) do livro **Os Anjos Bons da Nossa Natureza**, de Steven Pinker, faz disso um razoável e, no fundamental, convincente relato. Os impasses e paradoxos, contudo, da paz à sustentabilidade socioambiental, continuam a nos desafiar.

Este então um questionamento contemporâneo: o que continua a existir de miséria humana, no plano social, vinculada às clivagens econômicas, políticas e culturais, deve-se ao gosto (ou *necessidade*) de alguns de oprimir e explorar – ou decorre de causas técnicas (históricas ou sistêmicas) ainda mal abordadas? Uma exploração de textos e de posicionamentos tenta responder.

Roger-Gérard Schwartzberg (SOCIOLOGIA POLÍTICA: ELEMENTOS DE CIÊNCIA POLÍTICA), tratando da relação dos grupos de pressão com a *estrutura do poder*, distribui a bibliografia em três tipos de fontes: elitistas, pluralistas e marxistas. Adotando, provisoriamente que seja, essa tripartição, podemos derivar daí modalidades de ação tanto de *direita* quanto de *esquerda*. Ou seja, a concepção de mundo, a concepção de como se dão as dinâmicas sociais, é o que orienta o que vem a ser *direita* e *esquerda* no plano político. A consequência mais direta disso é que, em cada momento e em cada lugar, sempre vamos encontrar, simultaneamente, várias correntes políticas *de direita* e *de esquerda* – formando sempre configurações políticas mais ou menos complexas. Estas pluralidades, *de esquerdas* e *de direitas*, não se explicam por serem mais autenticamente *de esquerda* ou *de direita*, mas por conteúdos mais densos e raízes mais profundas, que estes termos, como rótulos, podem abarcar, mas não explicam. Para entender é preciso cavar mais fundo.

Dizendo mais positivamente, *direita* e *esquerda*, enquanto correntes políticas mais ou menos organizadas, implicam em sujeitos, valores, contextos, temas específicos, métodos e estilos de ação, alianças e antagonismos estruturais e conjunturais. Cada grupo e cada corrente tem a sua combinação, o seu *mix*. Há contextos e situações onde umas poucas correntes dominam a cena (cada corrente administrando suas diversidades internas) e outros contextos e situações mais plurais, em que as diversidades se expressam mais intensamente.

A história das *esquerdas* é marcada por clivagens profundas, de visão de mundo, de objetivos específicos e de métodos. Historicamente as correntes principais foram: anarquistas, comunistas e socialistas democráticos. Mas não é assim tão simples, isso tem uma história complexa e não foram raros os momentos em que adeptos dessas correntes tiveram entre si conflitos sangrentos, a exemplo da guerra civil espanhola na década de 30, com anarquistas *versus* stalinistas *versus* trotskistas (*versus* republicanos *versus* fascistas) e dos expurgos stalinistas na Rússia, também por essa época²⁷².

No campo das correntes da *direita*, na ganância por mais poder, as elites ditas *liberais* produziram, entre si, a sangrenta Primeira Guerra Mundial. Por fora dessas situações extremas, não obstante, os conflitos internos (dentro do próprio campo) nas correntes de *esquerda* e de *direita*, com frequência são bastante amargos²⁷³.

Isso nos leva a um outro tipo de reflexão, sobre a autenticidade dos discursos e das práticas. Tanto na *esquerda* quanto na *direita* vamos encontrar a presença (muito frequente) dos seguintes tipos:

1. Os adeptos autênticos, que acreditam seriamente nos valores que defendem e buscam, com maior ou menor consistência, levá-los à prática; se sabem (ou não) aplicar a adequada avaliação crítica ao que pensam e fazem é outra história.

272 As chamadas *esquerdas* se reiteram em alguns erros graves. (1) pretender caçar *leões* com armas artesanais, enfrentar canhões e metralhadoras com estilingues. Provavelmente uma herança romântica das barricadas dos tempos da Revolução Francesa. Costuma não dar certo. Depois, não há que lamentar o resultado bem previsível: o leão as devora com muita facilidade. (2) outro erro frequente é combater, não os adversários, mas tão somente as suas caricaturas. O episódio stalinista fortaleceu muito essa tendência. Além de entrar no jogo de *destruir reputações*, erram o alvo, combatem moinhos de vento e monstros imaginários e... perdem o jogo. Sobra depois a lamentação, *choramingar* a crueldade do leão, o que é inútil e patético. (3) outro comportamento inexplicável dessas mesmas *esquerdas* é comemorar fragorosas derrotas como se fossem vitórias, o que induz a repetir os erros e a perder novamente, *ad aeternum*. Falam muito de autocritica, mas quase nunca a fazem.

273 Ver *Os Deuses Malditos*, de Luchino Visconti: este filme relata um conflito mortal no seio de uma família de altos industriais alemães, no processo de ascensão dos nazistas. Imperdível.

- 
2. Oportunistas e carreiristas que buscam estar do lado que acham que vai vencer ou do lado que está no poder; existem em todos os governos, profusamente. Dispensam a coerência nas suas áreas de responsabilidade e os resultados sempre serão pífijs. Não se pode tomar os espúrios como autênticos²⁷⁴.
 3. Os mais emotivos, que estão na *esquerda* por *ressentimento* e na *direita* por *ganância*; em geral terminam frustrados – o que não é privilégio deles. É de se perguntar, talvez, quem não carrega em si uma dose de ressentimento e/ou de interesse autoafirmativo? A questão é saber como lidar com isso (um desafio para a *psicanálise existencial*).

Por outro lado, tudo é movimento, a realidade sempre muda, as pessoas idem: crescem, aprendem, amadurecem, mudam (alguns regridem). Militantes da *esquerda* na juventude, ou porque amadureceram ou porque superaram seus ressentimentos, se deslocam para outras visões de mundo e se tornam executivos neoliberais ou coisas assim. Analisando *esquerda* e *direita*, analisando vida social, vamos encontrar complexidades – e excentricidades – de todo tipo.

No plano próprio da política, Lênin, com razão, era enfático ao formular a necessidade de, a cada situação, fazer *a análise concreta da situação concreta*, ou seja, não apostar nas generalidades, cada situação é uma situação única. Esta é uma lição de muitos líderes, à *esquerda* e à *direita*. Mas estamos tentando esboçar um quadro geral. Surge então a questão de uma possível representação gráfica desses temas.

274

Estilo Joseph Fouché, cuja biografia é contada por Stefan Zweig, o homem que transitou por vários governos, durante e depois da Revolução Francesa, traindo a todos para se dar bem e permanecer por cima. Por um período fingiu ser aliado de Babeuf, líder de extrema esquerda no processo revolucionário francês. Há quem o considere um ícone do político moderno. Consta que Napoleão (que também não era confiável) o designou de *o traidor perfeito*.

A forma mais tradicional de representar *direita x esquerda* é a de uma linha reta, uma faixa, mas onde não se pode colocar apenas estes dois termos. Três outros termos são necessários sob pena de ficarmos muito longe de qualquer realidade. Assim podemos ter:

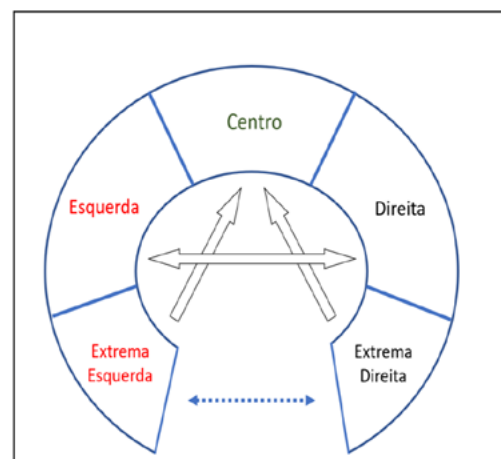
DIAGRAMA 05: Direita-Esquerda, esquema linear



Numa sociedade moderna, não é possível pensar em *direita* e *esquerda* sem pensar na presença de seus extremos e na presença de um *centro* que, além de ser expressivo, decide com frequência quem vai levar uma eleição.

Ocorre que quem lida com processos políticos percebe que esse tipo de representação gráfica não dá conta do jogo de alianças. Chegou-se então ao gráfico estilo *ferradura*²⁷⁵:

DIAGRAMA 06:
Esquerda-Direita, esquema ferradura

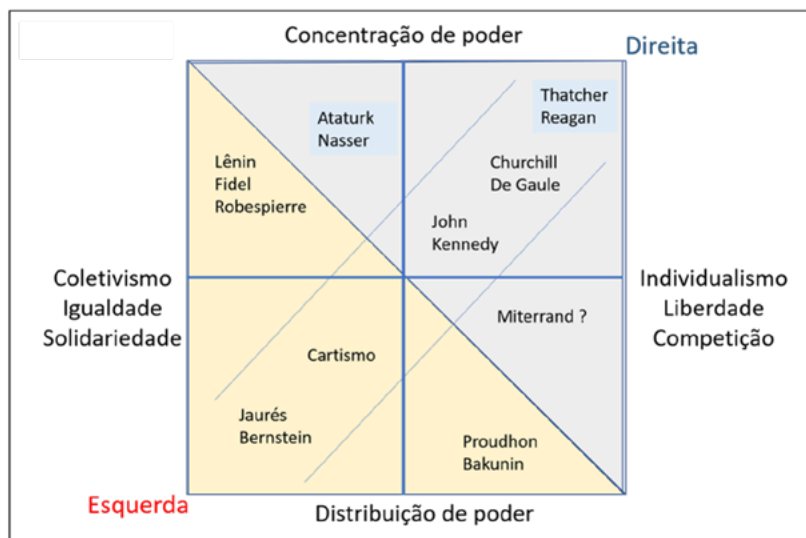


Esse gráfico se revela mais operacional, mais realista. Subdividindo os campos e distribuindo-os pela ferradura pode-se ter uma representação mais operacional das possibilidades de alianças e conflitos. Um governo de centro vai perceber como os extremos, na prática podem se aliar como uma oposição. Também os campos podem girar na ferradura e evidenciar outras oportunidades de aliança, etc.

Mas este diagrama ainda não mostra como pode existir uma esquerda autoritária e uma esquerda democrática, uma direita fascista ou liberal, ou seja, a pluralidade verificada na vida real não aparece nesses modelos de representação gráfica.

Podemos então examinar as possibilidades de uma matriz de coordenadas cartesianas:

DIAGRAMA 07: Esquerda-Direita: coordenadas cartesianas

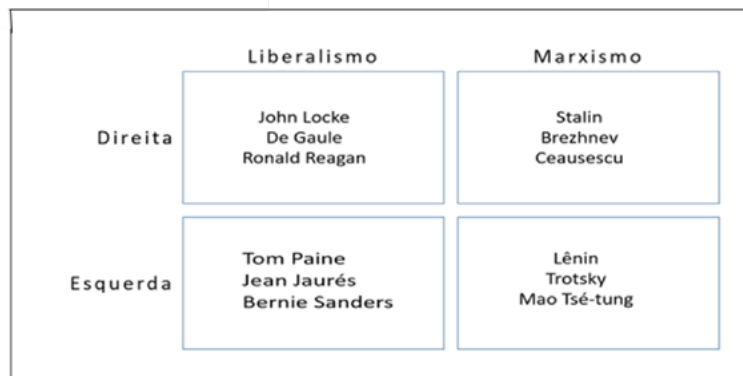


Os posicionamentos então se distribuem relativamente a quatro valores básicos: num eixo, concentração *versus* distribuição de poder, no outro eixo, individualismo *versus* coletivismo. Saímos já

dos rótulos genéricos *esquerda-direita* e vamos para a identificação dos valores colocados em ação, surgindo um leque amplo de possibilidades. *Esquerda* e *direita* ocupam cada qual metade do espaço dividido diagonalmente. No campo da esquerda, o ângulo inferior extremo é ocupado pelos anarquistas, libertários, individualistas, adeptos de uma completa distribuição do poder. No vértice oposto, no mesmo campo, ficam os comunistas ou os jacobinos – ou outros, a depender do momento histórico a ser configurado. Esse esquema nos permite ver com clareza a existência de esquerdas libertárias, democráticas e autoritárias. E se vê também um *centro à esquerda*, a exemplo dos cartistas e socialistas democráticos. Distinções à direita poderão ser identificadas no mesmo modo, uma *extrema direita* fascista estará no vértice superior, uma direita moderada estará mais abaixo no seu espaço próprio, etc. É um diagrama que permite ver melhor o mapa ideológico de um período em um país (os nomes no gráfico não pretendem aqui ter qualquer precisão histórica, são meras exemplificações).

Mais curiosa é a constatação de que os termos, muitas vezes, trocam de significado. Vamos encontrar, então, em contextos específicos, liberais nitidamente à esquerda e *de esquerda* – e “*marxistas*” à direita e *de direita*. O gráfico representativo desse enfoque pode ser o seguinte:

Diagrama 08: Inversões ideológicas



À *direita* significa o posicionar-se num espectro político específico. De *direita*, um posicionamento atitudinal incorporado na personalidade. À esquerda e de *esquerda*, do mesmo modo. Um “*marxismo*” de *direita* se configurou nitidamente na União Soviética do período stalinista: mando autoritário (despótico), modos de vida privilegiado, apropriação privada do produto do trabalho social (justificada pela racionalização ideológica). Mesmo naquele período, militantes comunistas do ocidente europeu e na América Latina, sem acesso a informações consistentes, acreditavam que defendiam um regime de igualdade e de liberdade. Nas lutas locais faziam isso, lutavam por igualdade e liberdade e, por isso, eram duramente reprimidos. Nas referências internacionais circulavam na fraude de um mundo ideológico oposto. O mundo real era outro, mas os militantes não sabiam disso.

Será ilusório, ainda assim, achar que gráficos resolvem o problema. Ao examinarmos inúmeros casos concretos vamos identificar que pares de valores dicotômicos não dão conta dos conjuntos de marcos temáticos dos diversos posicionamentos políticos. As distinções, na economia, na política, na cultura, exigiriam gráficos diferentes – as posições não se ligam obrigatoriamente no mesmo padrão. Uma direita nacionalista pode ser neoliberal em economia e conservadora ou liberal na cultura. As combinações serão as mais diversas. Teríamos então de pensar em modelos tridimensionais – e ainda assim o problema (de dispor de uma representação gráfica completa) não será resolvido. As representações gráficas podem ter alguma utilidade pedagógica (ou mesmo heurística), mas temos de usá-las, se for o caso, sob suspeita e prudência. Onde ficamos então? A única fórmula realmente válida para diagnosticar as configurações políticas passa pela velha – e indispensável – *análise concreta da situação concreta*. Do contrário vamos correr o risco de confundir gato por lebre, ou onça por gato. Muitos políticos alardeiam uma coisa e, intencionalmente ou não, são (e fazem) outra²⁷⁶.

276

A ocultação das intenções e a edulcoração dos discursos, na política principalmente, é a regra de todos os malfetores, sejam alinhados à *esquerda* ou à *direita*. Em todos os espaços sociais amplos vamos encontrar pessoas excelentes e problemáticas (seja nos partidos, nas igrejas, nas torcidas de futebol, etc.). Está visto que não existe o monopólio da ética.

São sempre muitas as posições políticas possíveis, a depender da combinação de valores e do contexto temporal e local em que se dão. Mais diversas ainda são as personalidades políticas, dos anônimos militantes aos grandes líderes. Cada qual tem sua idiosincrasia, sua visão de poder, sua ética ou falta dela. Tudo reforça a falência, a nulidade, dos rótulos e das dicotomias. Na política, vai valer sempre, é indispensável fixar – e saber fazer – *a análise concreta da situação concreta*: que papel, que função aquele gesto, aquela ação, exerce naquele momento, naquele contexto.

Ainda assim há um quadro geral, uma visão básica e indicativa. Começa pelos valores. Em princípio, na *esquerda* é preciso encontrar (a depender da autenticidade de quem dela se pretende portador):

1. Uma disposição de luta contra qualquer tipo de opressão (*somos todos iguais, braços dados ou não*²⁷⁷). O que acontece a um atinge a todos, admitir a degradação de um ser humano me degrada.
2. Uma convicção de que é possível fazer a história, não a partir dos sonhos, mas a partir da realidade. Construir, para os humanos, um mundo mais humano.
3. O foco, o objetivo, a meta, é a realização social da dignidade humana, uma pauta de progresso. É uma luta de todos, para todos.
4. Um processo de ações coletivas (os companheiros)²⁷⁸.

277 *Para não dizer que não falei de flores*, canção de Geraldo Vandré.

278 O culto à personalidade de *grandes líderes* é uma completa deformação dos valores mais autênticos das chamadas *esquerdas*, é próprio dos que deixam de lado os valores e as análises dos fatos e preferem os rótulos. Os líderes podem personificar as tendências de uma época e um lugar, os contextos e as idiosincrasias podem se combinar numa dada liderança, mas pensar que *um líder* faz uma época é uma tolice.

5. A disponibilidade para uma boa dose de sacrifício, é um aspecto de *uma luta renhida*²⁷⁹. Mas também não é só pugna, é também trabalho, metas e métodos.

Os valores da direita são o contrário disso? Não necessariamente. O espírito aguerrido, na *direita*, é mais direcionado para a vitória individual:

1. Os mais fortes, ou os mais inteligentes, têm o direito de subir na vida.
2. Tenho que nadar no mar como ele é, preciso me salvar e não tentar o impossível.
3. O mundo é assim, não vou mudar, a natureza humana não muda.
4. Se cada um fizer a sua parte o mundo melhora.

As dimensões e as complexidades das sociedades hoje (propositadamente referidas no plural) são irreduzíveis a uma dicotomia política. O pesadelo do *partido único*, seja comunista ou fascista, nunca foi o melhor para a condição humana – e continua não sendo²⁸⁰. Por isso, também, de modo geral, os extremos são equivocados. Não se deve confundir radicalidade com extremismo. *Radical* é ir às raízes, sabe-se disso, *extremismo* é ser unilateral.

279 *Canção do Tamoio*, Gonçalves Dias.

280 O caso da China não foge dessa avaliação, mas merece um exame à parte, aliás, de novo, cada caso é um caso. *Partido*, na China, não significa o mesmo que para nós, dessa cultura dita Ocidental. *Partido*, na China – e em Cuba – pode ser visto como um (informal ou exótico) órgão de Estado, um corpo de *governança*, com a função de ordenar o exercício das práticas políticas e, até onde couber (sem ameaçar o sistema), da cidadania. No Ocidente (dito democrático) esse papel caberia a uma pluralidade de correntes políticas organizadas, os partidos políticos – que fazem isso muito mal. Nesses remanescentes ditos *comunistas* (China e Cuba), um órgão *estatal*, o partido único, da base ao topo – e vice-versa – buscaria cumprir essa função. Essa forma de ver pode (ou deve) ser questionada, mas talvez explique (parcialmente) a longevidade e um significativo enraizamento popular do regime nesses países. Coreia do Norte e Venezuela não se enquadram nessa possibilidade.

Um diagnóstico médico precisa ser radical, se há um câncer (ou outra doença grave), o diagnóstico precisa detectar o mal, pela raiz. O tratamento é outra coisa, precisa de urgência e também de prudência, cuidado, justas medidas.

Dizer-se ou considerar-se *de direita* ou *de esquerda* não dá superioridade moral a ninguém. Centro-esquerda, centro e centro-direita podem ter objetivos políticos diferentes, a depender do aspecto político considerado. Mas podem também ter objetivos políticos muito próximos, divergindo não nas metas, mas nos métodos. Nem todo adepto ou militante *de direita* é um fascista, muito menos um torturador. Nem todo adepto ou militante *de esquerda* é um extremista, muito menos um terrorista.

Dadas as dimensões e as complexidades das sociedades hoje, é indispensável preencher a maioria do espaço político com correntes políticas que, se achando *de esquerda* ou *de direita*, aprendam e saibam conviver entre si. Do contrário, é preparar-se para a guerra civil e a guerra de todos contra todos, ou seja, apostar na barbárie. O caminho adequado é democrático – que, por seu turno, também é contextual, sujeito a erros, acertos e correções.

Ocorre que há outras dimensões do universo social. Tudo quanto temos falado está focado na dimensão macropolítica, dos *atos sociais objetivos*. É fatal, contudo, esquecer a dimensão micropolítica, isto é, o trato do poder nas relações interpessoais do cotidiano, a política presente nos detalhes do dia a dia. Não é muito difícil encontrar figuras *de esquerda*, autênticos heróis anônimos nas lutas sociais, que são conservadores ou, não raro, despóticos, por exemplo, nas suas relações familiares. Também o inverso, algumas notórias figuras da *direita* mais egocêntrica podem ser, nos seus círculos mais íntimos, pais amorosos e amigos solidários. Há *esquerdas* ortodoxas e *direitas* flexíveis – e vice-versa. Há *direitistas* honestos e *esquerdistas* desonestos – e vice-versa. Não há estereótipo que seja verdadeiro.

Na prática tudo ainda fica mais complicado, pelas razões que já sinalizamos e, possivelmente, ainda outras. As *esquerdas* e as *direitas* com muita frequência, se guerreiam, entre si, de todas as formas, como já seria tedioso exemplificar. Declarar-se de uma determinada posição política (ou de uma determinada religião) não diz muita coisa: não garante nem compreensão crítica nem coerência nem competência. É preciso ir mais fundo.

Direita e esquerda, enquanto uma dicotomia que pretende abarcar o mundo político, encobrem uma forma superficial de abordar que enviesa (e tende a falsear) a compreensão da realidade. Como partes de um espectro político mais amplo e mais complexo, têm uma validade muito relativa, são insuficientes para explicar a dinâmica política. Nem são suficientes para fundamentar um programa de ação. A análise política real passa pela *análise concreta da situação concreta*, pelas teorias e práticas de desconstrução das pseudoconcretidades²⁸¹, pelo exame sistêmico dos processos econômicos, institucionais e culturais – isso acrescido do que o General Golbery chamava de fator *psicossocial* – e Lênin chamava de *condições subjetivas*.

Considerar-se de *esquerda* ou de *direita* é uma apreciação subjetiva, que pode não corresponder a dados objetivos. Muitas vezes os rótulos (*direita* e *esquerda*) podem não passar de *propaganda enganosa*. Política não é torcida esportiva, não é uma corrida de vermelhos contra azuis, ou um jogo de verdes contra amarelos (isso pode ser uma forma de infantilizar pessoas, de gerar obliterações cognitivas). O que é mais grave, não há como conduzir processos reais de transformação social a partir de conceitos que, generalistas e simplificadores (quando não caricaturais), de modo algum identificam adequadamente os problemas.

A combinação de valores, objetivos e métodos que tornarão possíveis efetivas transformações (necessárias) precisará especificar metas e meios, capazes de gerar alianças que mobilizem a sociedade para uma autotransformação. Os rótulos de *direita*, *centro* ou *esquerda* não têm como gerar as energias para esse fim. Ao contrário, tendem a paralisar ou estiolar o processo político. Poderão servir para fantasiar frágeis projetos de poder. Propor mobilizar uma sociedade pelo fato de ser um projeto *de esquerda* ou *de direita*, ou *de centro*, é fugir de uma ação verdadeiramente política. É urgente ir além destes rótulos (em geral sem conteúdo) e – respeitando os valores, as culturas, as tradições, a história – propor algo preciso, aglutinador, consistente, mobilizador. Isso só se fará, entre vários outros e importantes aspectos, com propostas bem mais específicas. Um projeto de país, por exemplo, que leve em conta o conjunto de fatores diacrônicos, sincrônicos, econômicos, políticos, culturais, éticos, ou seja, sistêmicos.

11

**SOCIAL-DEMOCRACIA
EM CRISE**

Uma das nossas dificuldades para interpretar a política está no uso confuso dos termos de uso comum nesse campo, a exemplo de *democracia*, *revolução*, *socialismo*, *liberdade*, etc. Para cada uma dessas palavras vamos encontrar vários significados, com conteúdos não raro frontalmente conflitantes. Isso para não falar dos usos francamente desonestos, quando se quer mesmo confundir as coisas. É preciso descobrir como lidar com isso. Popper nos diz que *não devemos brigar sobre palavras*. É preciso especificar o que se quer exatamente dizer com o uso de um termo.

Num dado momento histórico, recusando, de um lado, o capitalismo sem peias, a exploração econômica a mais desumana, e, de outro, o caminho *marxista*, de ruptura total com o sistema e a tentativa de construir algo completamente diferente, os partidos da social-democracia foram a via política do meio termo: regulamentar a duração das jornadas de trabalho, estabelecer leis de proteção aos assalariados, reduzir o desemprego, estabelecer sistemas de aposentadorias, abrir espaços para a atuação dos sindicatos, democratizar o Estado, tudo sem atacar o sistema de mercado e de concorrência. Por aí se construíram melhores condições de vida, de trabalho e, inclusive, crescimento do mercado dos bens de consumo – e prosperidade das empresas. A esse caminho se adequou a designação de *estado do bem-estar social*, o famoso *welfare state*, fonte de muito otimismo, mas colocado em xeque nas últimas décadas (vem se erodindo desde o final dos anos 60).

Na verdade, nas últimas décadas, nos países mais desenvolvidos, diferentes versões da social-democracia (já distantes da influência marxista) disputaram o poder. A maioria se constituindo de uma particular combinação de valores liberais e do reconhecimento da necessidade de reformas estruturais no processo socioeconômico, sendo esta, basicamente, até mesmo a postura dos partidos comunistas nesses países, em que pese uma retórica – e, às vezes, uma atuação – mais ou menos contundente. Em grande medida,

assim se deu o processo político no âmbito dos países ditos ocidentais, no pós-guerra, até o fim do século XX.

Alguns fatores começaram a desestabilizar essa situação:

1. A cooptação que o *establishment* e os *lobbies* empresariais fizeram sobre as lideranças políticas, fazendo-as comportar-se com teses cada vez mais moderadas (ou mais cúmplices com a hegemonia do modo de ver desse *establishment* do grande capital).
2. A atração cada vez mais forte que a ideologia do consumismo exercia sobre os assalariados – a ponto de disseminar-se uma mentalidade comparável ao de uma *aristocracia operária*, ou seja, a consolidação da ideologia de uma classe dominante nos segmentos assalariados, alheios a um projeto de sociedade mais adequado a eles próprios.
3. O clima de Guerra Fria e a guerra ideológica induzindo a posturas duramente repressivas quando qualquer movimento ameaçava sair do controle, inclusive com as empresas aprendendo a manter os sindicatos sob controle (em particular depois de Margaret Thatcher).
4. A consolidação crescente e expandida da concorrência asiática (com melhores tecnologias de produção e de gestão).
5. A *globalização* da produção, com a transferência de fábricas para países com mão de obra mais barata, impostos menores e *externalidades diversas* (infraestrutura e outros benefícios). Esse processo se intensifica, com a transferência de plantas industriais para a Índia, Indonésia, China e outros países (que têm com isso certas vantagens, relativas e diferenciadas caso a caso).
6. Novas tecnologias liberadoras de mão de obra ganhando impulso.

7. As doutrinas do monetarismo e do neoliberalismo, ou seja, de um anarquismo libertário para o capital, garroteando o Estado. Cúpulas empresariais sedentas por mais lucros e acadêmicos delirantes, sedentos por glória no *campo do poder*, se unem para estrangular a configuração social-democrata, indicando uma expansão do capitalismo que o liberta dos incômodos e dos custos do *welfare state*.
8. Nesse ínterim, nessas décadas, de 70 para cá, os projetos de libertação nacional, na África e na Ásia, parcialmente bem-sucedidos, foram ficando para trás: sem a Guerra Fria para animá-los, sem ter gerado desenvolvimento socioeconômico efetivo, sem terem consolidado processos democráticos, esses países se tornaram exportadores de desempregados e de excluídos, suportados nos países desenvolvidos por constituírem mão de obra barata.

Estes (e, por certo, outros) fatores, agindo em conjunto, foram solapando as bases da hegemonia social-democrata onde ela, de algum modo, se exercia. O mais grave é que tudo isso – ou partes substantivas desses dispositivos – passaram a ser entusiasmaticamente apoiados e operacionalizados pelos próprios partidos da social-democracia no poder. Se antes, ao contrário dos grandes objetivos pioneiros, a atuação já era tímida, passou-se ao mais puro abandono dos ideais da social-democracia, em favor de uma globalização do capital, cega aos bolsões de pobreza, desemprego e dificuldades nos próprios países *desenvolvidos*. A partir daí o apoio aos partidos e lideranças de uma nova direita começou a crescer e a hegemonia social-democrata a declinar. Da ação conjunta desses fatores emerge uma onda de fortalecimento de partidos *de direita*, autoritários e xenófobos. A onda *de direita*, assim, corresponde aos resultados da pusilanimidade da social-democracia vigente.

Chegamos assim a gravíssimos impasses:

1. Os países capitalistas, sob governos da social-democracia, deram corda às cúpulas empresariais, militares e acadêmicas a serviço do grande capital, industrial e financeiro elaboraram as teses do chamado neoliberalismo, resultado do que acontece *quando as grandes corporações regem o mundo*.
2. As propostas e os partidos *revolucionários* de 100 a 50 anos atrás se revelaram completamente impotentes e anacrônicos face a hegemonia e o poder desse *admirável mundo novo*.
3. Os partidos da social-democracia fascinados com os ganhos civilizatórios dessa *globalização*, fechando os olhos ao fato de que esses ganhos trazem acoplados um aumento das desigualdades e grande potencial de empobrecimento e crises.

Em diversos países, os problemas internos se agravaram. Com as *esquerdas* extremistas desacreditadas e impotentes e as *esquerdas* moderadas (da social-democracia) cúmplices do desequilíbrio social crescente, fortalecem-se as correntes *de direita*. A social-democracia hegemônica entra em crise. Ou se encontra uma saída ou, nós e as próximas gerações, vamos testemunhar e sofrer barbaridades inéditas. Prosseguiremos acelerados para o mundo de *Elysium*: as mais privilegiadas elites numa estação espacial (ou nos condomínios fortificados) e, aqui na Terra (nos espaços da maioria de nós), pobreza absoluta, pobreza relativa, violência de todo tipo, o inferno.

Em cada país o desgaste das correntes da social-democracia se prende a fatos específicos, o que deixa na sombra as causas de fundo. Na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, a crise com os imigrantes e o desemprego na indústria tradicional, no Brasil, os escândalos de corrupção. Em todos os casos (e outros aqui não referidos) a falta de rumos e de propostas claras diante de um mundo que se transforma de modo inesperado.

12

O AMBIENTALISMO

O modo de integração dos humanos com a natureza variou bastante de acordo com o tempo e o lugar. A humanidade criou para si *uma segunda natureza*: a cultura. Os peixes vivem dentro da água, os macacos vivem na mata, os humanos vivem dentro da cultura, uma *segunda natureza* que se sobrepõe à primeira (e se impregna na mente e no comportamento dos indivíduos). Vivemos as duas, a *natureza natural* e a *natureza cultural*. Só que essa segunda natureza foram os próprios humanos que a criaram, a partir da primeira. Mas é interessante notar que nunca nos desligamos da vida natural, por mais que essa relação se altere, para pior ou para melhor. De um modo geral não deixamos de respirar, mesmo com um ar mais poluído (mas quantos morreram contaminados por poluição atmosférica?); de um modo geral não deixamos de beber água (mas quantos morreram por conta da água contaminada?), não deixamos de comer: o alimento, cozido ou não, continua sendo de origem natural – e não tem como ser diferente (mas quantos morreram por alimentos contaminados ou por subnutrição?).

Por maior que seja a fé, ninguém vive de orações, se não se alimentar morre. As crianças e a reprodução dos nossos corpos continuam a se fazer do mesmo modo: cópula, gestação, parto, amamentação. Enfim, nunca deixamos de ser plenamente integrados à natureza. A questão é como alteramos a natureza, prejudicando as nossas próprias condições naturais de sobrevivência, como danificamos as condições e as relações com um ambiente mais saudável ou mais enfermo.

As criações culturais, o modo de fazer, nos mínimos detalhes, foi alterando o nosso modo de nos relacionarmos com a vida natural – que, sem nunca ter deixado de existir, passou a ter outros formatos: vestimos roupas primeiro de pelo, depois de palha trançada, depois, num estágio mais sofisticado, de tecidos de algodão e outros. Cozinhamos os alimentos. Nossos antepassados criaram a agricultura e o pastoreio. Tomamos o leite de outros animais – e, a maioria de nós, comemos a sua carne.

Khalil Gibran diz de um modo poético e profundo algo terrível: a vida é *um fogo que se auto alimenta*²⁸². Pelo menos a vida animal, para sobreviver, precisa devorar outra vida. Há quem pretenda contrariar essa realidade (tornando-se vegetariano), mas por milhões de anos a vida animal se perpetuou desse modo impiedoso, criado na natureza, cem por cento natural. Hayakawa busca amortecer o impacto dessa crueza natural afirmando que nenhuma espécie se alimenta da própria espécie (devora outras espécies)²⁸³, uma tese difícil de sustentar e que não supera o fato de que a vida [animal] devora a vida. Já os vegetais se alimentam de elementos não vivos, ainda que uns tomam os espaços dos outros. Um tema aberto às especulações filosóficas. Mas continua sendo um tema ingrato procurar piedade na natureza.

Essa noção de *segunda natureza*, indiretamente, vem desde Aristóteles. O animal humano não nasce pronto, se forma no processo da vida social e política, em especial pela formação dos hábitos, ou seja, pela educação e pela autoeducação²⁸⁴. Nesse processo, entra a capacidade especificamente humana da deliberação, a capacidade de decidir sobre as bifurcações do próprio caminho. Para Aristóteles esse tornar-se pronto não diz respeito apenas ao social, mas tem a ver com a integração cidadã na *pólis* (na vida da cidade), a dimensão social só se completa na dimensão política, na cidadania, não acessível a todos, já que, acompanhando os costumes atenienses (daquela *idade do ferro*), exclui os estrangeiros, os escravizados e as mulheres.

Assim, o ser humano, para se completar, precisa evoluir em duas dimensões: a do desenvolvimento físico e a da integração social. Vivemos simultaneamente nas duas dimensões. Seres biológicos, que só no plano cultural (da socialização cultural e da autoconstrução)

282 Gibran Khalil Gibran, *O Profeta*, ed. Acigi, s/d, pág. 83.

283 S. I. Hayakawa, *A Linguagem no Pensamento e na Ação*, Pioneira, 1972.

284 Esse um ponto curioso e próprio de Aristóteles, o papel do indivíduo na formação do seu próprio caráter, uma das virtudes do homem nobre (*Ética A Nicômaco*).

nos tornamos completos²⁸⁵. Outros autores (Mészáros²⁸⁶, Fernando G. Rey²⁸⁷) falarão disso como do *indivíduo social* (não há o indivíduo sem a sociedade, não há sociedade sem o indivíduo). Por outro lado, os humanos não são como abelhas, formigas ou cupins; somos simultaneamente iguais e diferenciados, saímos da mesma matriz, semelhantes, mas cada qual com suas singularidades. Sérgio Danilo Pena²⁸⁸ destaca que cada ser humano é, do ponto de vista genético e psicossocial, um indivíduo único. O que se destaca aqui, entretanto, é a criação histórico-social de uma dimensão objetiva externa ao indivíduo, a cultura, um complexo objetivo (tensionado e dinâmico) de práticas e instituições (o contexto cultural) no interior do qual cada um de nós se descobre num dado momento da vida – e ao qual tem que reagir de algum modo. O eu é sempre interligado ao mundo dos outros, somos sempre parte de uma rede de interações²⁸⁹. Somos todas ilhas (indivíduos únicos), mas ilhas interconectadas (em rede). Se essa interconexão se desfaz, nos perdemos.

Nos perdemos se se desestrutura a nossa conexão com a dimensão social e nos perdemos se se desestrutura nossa conexão com a dimensão biológica. Desestrutura-se também a dimensão psíquica (que, para muitos, constitui a dimensão *espiritual* – independentemente do conteúdo que se atribua a essa dimensão). O coronavírus

285 Esse desenvolvimento do caráter e da personalidade parece ter uma homologia com o desenvolvimento da fala e da linguagem, são processos constitutivos do desenvolvimento do indivíduo. Aristóteles o estende até a dimensão política.

286 István Mészáros, **A Teoria da Alienação em Marx**, Boitempo, 2006.

287 Fernando Luis González Rey, **Sujeito e Subjetividade**, Ed Pioneira - Thomson, 2005.

288 Sérgio Danilo J. Pena, **Humanidade Sem Raças?** Ed. Publifolha, 2008.

289 Edgar Morin: "Quando em uma sociedade os indivíduos são levados em consideração, eles aparecem claramente como separados uns dos outros; (...) porém, se passarmos do indivíduo à sociedade, esses indivíduos parecem, então, partes inseparáveis no interior da organização social (...) a noção de espécie representa uma continuidade que se efetiva por meio da reprodução e do DNA; não obstante, cada indivíduo encontra-se expressamente separado de qualquer outro indivíduo e, sobretudo, separado no tempo. Dito de outra maneira, tudo o que se encontra separado é, simultaneamente, inseparável." (*In*: Michel Cassé & Edgar Morin, **Filhos do Céu**, Bertrand Brasil, 2008, págs. 81 e 82).

nos desestrutura na dimensão biológica – e, a nossa forma de reagir (ao vírus), pode nos desestruturar na dimensão social. Mas, nesse caso, *desestruturar* é uma palavra excessiva. Impacta, atinge pessoas e famílias de forma às vezes fatal, mas, em termos de sociedade, não chega efetivamente a *desestruturar*, apesar dos abalos que provoca.

Cada milhão de pessoas que morreu pelo vírus da COVID-19 significou 0,015 % de vítimas da espécie humana. Um dado novo nessa história é que governos, instituições internacionais e pessoas, por razões econômicas e culturais, reagiram de modo inédito à expectativa dos números previsíveis de vítimas. A economia hoje é bem mais densamente interligada que há 50 anos. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) matou 10 milhões de pessoas (ou mais), quando a população do planeta não passava de dois bilhões e alguma coisa. Isso quer dizer que a guerra matou 0.5% da população mundial. A Segunda Guerra Mundial matou muito mais (cerca de 50 milhões), com a população mundial em torno de três bilhões. A Segunda Guerra matou 1,7% da população do mundo. Mas não foi o número de mortes que fez parar a guerra, predominava a irracionalidade. A pandemia da Covid-19, como a *gripe espanhola* (que não surgiu na Espanha), evidencia a nossa humanidade (biológica) comum (condição que o sistema socioeconômico dominante, num plano macro, teima em desconsiderar, privilegiando uns e abandonando muitos outros, num exercício escandaloso de desigualdades). Não obstante a densidade das conexões econômicas hoje, depois da Segunda Guerra, depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos e de várias outras ações afirmativas, a vida humana hoje é bem mais valorizada do que antes desses eventos. Alguma coisa se aprendeu. O mundo está mais humano? Esta é a tese de Steven Pinker, *OS ANJOS BONS DA NOSSA NATUREZA* (Cia. das Letras). Mas, diante das barbáries de todo tipo, ainda cometidas, é difícil ter uma conclusão. A hipótese de brutais regressões nunca deve ser descartada.

É de se questionar se o que nos desestrutura é o vírus ou a condição sistêmica desestruturada a que chegou à configuração

social. Podemos dizer que são os dois fatores combinados: (1) um agente patológico, um fenômeno da natureza, agindo sobre (2) um sistema social desequilibrado, o que provoca impactos maiores nos que já estavam em desvantagem.

O desequilíbrio civilizatório é antigo, mas não estaríamos aqui não fosse essa civilização, por mais desequilibrada (ou deformada) que tenha sido e que ainda seja. O vírus como elemento desequilibrador da dimensão biológica poderia ter sido previsto e seus impactos prevenidos. Mas para isso teríamos que ter um outro tipo de processo civilizatório. Não foi o que aconteceu, não é o que acontece. Identificar o que fazer, é o que tentamos.

Por mais que queiramos contornar os temas difíceis, eles voltam, invariavelmente. Dois desses temas difíceis, interligados, são (1) a natureza da condição humana e (2) as bases do percurso histórico da humanidade, ou seja, a realidade histórico-social e o modo como a concebemos. O modo como concebemos a natureza humana e o modo como compreendemos a história orientam as nossas ações²⁹⁰. Isso vale em vários níveis: a chefatura africana no século XVIII, o governo prussiano no século XIX, o chefe fascista do século XX (ou Donald Trump no século XXI), todos esses se orientaram por uma concepção de natureza humana inigualitária, belicosa e conflitiva. Isso vale também no plano individual. O americano (ou o paulistano) que acredita no *self made man*, o fanático homem-bomba ou a dedicada enfermeira dos Médicos Sem Fronteiras, todos agem impelidos e autojustificados pelo que pensam do ser humano e de sua história (o que, também, vem acoplado a uma concepção de mundo). Numa abordagem mais atual, isso quer dizer que *as narrativas importam*, de modo especial quando, nas ideologias, se mesclam com tipos diversos de emocionalidade. Os valores (sejam científicos, heurísticos ou fantasiosos), inseridos nas narrativas, fazem diferença. A pretensão de fazer parte de um grupo superior é nefasta para a vida humana.

Acima falamos das estratégias de ação das elites econômicas e políticas e dos que pretendem contestá-los com ações abruptas (pretensamente *revolucionárias*). Agora queremos abordar o leque das visões que tentam ver o todo, o conjunto mais amplo (e mais profundo) das dimensões que envolvem a vida humana. Estas abordagens, que podem ser designadas como *holistas*²⁹¹, se distribuem em três tipos de abordagens: (1) as de natureza espiritualista (ou religiosa); (2) as de natureza mais científica, que de preferência designaremos como sistêmicas; e (3) as que buscam se fundamentar nos dois campos²⁹².

É muito possível que as primeiras tentativas de uma visão holística da vida e do mundo coincidam com as primeiras formulações religiosas, mesmo as animistas. Talvez a própria conformação do cérebro humano e/ou de sua dinâmica fisiológica induzam a uma demanda por compreender a globalidade das coisas. O ser humano sempre quer entender como as coisas funcionam e de onde vêm. Por isso os mitos das comunidades primais, que, em determinados contextos, evoluem para as narrativas religiosas.

Vários autores já apontaram para a multifuncionalidade das religiões²⁹³. Num contexto social dado, definem o bem e o mal, organizam as regras de comportamento, interligam pessoas, possibilitam

291 O termo *holismo*, vem do grego *hólos*, todo, dizem os dicionários. A tentativa de ver o todo pode vir (1) de uma concepção de base religiosa ou metafísica (ontológica, matéria e espírito) e/ou pode vir (2) de uma concepção científica (epistemológica) sem vínculo espiritualista. Estes fundamentos (ontológico ou epistemológico) diferenciados podem levar a diferentes práticas, mas também podem levar a práticas compatíveis e conjuntas; podem levar a afastamentos, podem também, na prática, levar a ações conjuntas e convergentes.

292 Formulações *heurísticas* também trilham alguma modalidade de caminho do meio, enquanto abordagens sem comprovação científica que, na prática, ou parecem funcionar ou expressam um alto grau de razoabilidade (o *princípio da precaução*, por exemplo).

293 Em particular ver Freud, **O Futuro de Uma Ilusão**, (Imago, 1997) e Daniel Dennett, **Quebrando O Encanto**, Ed. Globo, 2006.



e organizam a socialidade, dão um sentimento de pertencimento e direcionamento da vida, dão respostas de fundo existencial, possibilitam conforto nos sofrimentos, acalmam o medo da morte, aplacam o sentimento de perplexidade diante de um mundo incompreensível, assustador e perigoso. Em outras palavras, têm explicação para tudo, da configuração da ordem social aos mistérios do eu e do universo. É possível que algumas narrativas religiosas separem os humanos da natureza, num certo sentido os destaca da natureza crua e lhes desperta a aspiração de um além.

De um modo geral, pelo visto, a maioria das narrativas religiosas criam modos de harmonizar o ser humano com a natureza e com a *ordem social* vigente (o que não impede – ou até estimula – os conflitos entre os grupos com diferentes versões). Justas ou injustas, independentemente dos meandros das narrativas, realistas ou fantasiosas, abordam a vida no seu contexto, no seu conjunto, nas suas múltiplas dimensões. Em resumo, o ser humano tem, desde a infância (a do indivíduo e a da espécie) um anseio de entender tudo, de entender cada detalhe e de entender o todo. Desde logo cria as explicações mitológicas. Em seguida, concomitante ao desenvolvimento das culturas, vai substituindo as explicações mitológicas pelas explicações mais elaboradas das religiões. Em seguida, gradativamente, vai encontrando explicações mais específicas, não vinculadas a um mundo imaginário, vai encontrando explicações naturalizadas e desenvolvendo as explicações científicas, que não apelam para o sobrenatural. Na história da cultura e do pensamento humanos, esses processos (mitológicos, teológicos, filosóficos, científicos) ora se aproximam ora se distanciam, ora tentam se complementar ora tentam se constituir autonomamente, ora geram práticas antagônicas, ora geram práticas compatíveis, ora geram guerras ora geram fraternidades. Essa dialética pode gerar um debate interminável e irresolúvel. Vamos reter aqui que tudo isso faz parte de um crescente

esforço do ser humano para entender *quem somos, de onde viemos, para onde vamos*, ou seja, o que somos e o que é o mundo²⁹⁴.

A relação indivíduo-sociedade-natureza sempre esteve no centro dessa tensão processual que é a história da vida e do pensamento humanos. Seja afastando seja aproximando esses termos.

Não obstante, os mitos, as religiões, as filosofias e a ciência, nenhuma dessas *formas de consciência social*, impediu as catástrofes dos conflitos humanos, as guerras, os genocídios e barbáries similares. Algo mais profundo, deve estar atuando para que o simples modo de pensar não dê a solução para os desencontros destrutivos entre os humanos. Na prática, a teoria que prevalece deve ser outra. Não vamos esquecer do caso dos *hussitas*²⁹⁵. É um fato curioso que as religiões (e as ideologias políticas) sempre se fracionam, se dividem, se conflitam. Com frequência na história vimos judeus matando judeus, cristãos matando cristãos, islamitas matando islamitas, liberais matando liberais, comunistas matando comunistas e por aí vai. Dizem uma coisa e fazem outra. Que acontece? É preciso distinguir as crenças razoáveis daquelas que se tornam ideologias, racionalizações,

294 O jornalista e professor Jair Donato, de Cuiabá (MT), em uma série de pequenos artigos na *Gazeta Digital* (<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/opiniao/religiao-e-meio-ambiente/217847>) chama a atenção para a presença das preocupações ambientais em todas as grandes religiões e tradições espiritualistas: budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo, jainismo, judaísmo, seicho-no-iê. Parece que ficou devendo o registro ao taoísmo, talvez a mais ambientalista de todas (v. François Jullien, *Tratado da Eficácia*, Ed. 34). Ficou devendo também o registro do candomblé e outras religiões nascidas do sincretismo afro-brasileiro, que têm o respeito à natureza como um dos seus marcos centrais. Donato cita Ralph Waldo Emerson, filósofo americano do século XIX: "Todo o processo da natureza é uma tradução de um texto que revela a moral. Os princípios da moral estão no centro da natureza e são eles que emitem a luz ao seu redor. Que é uma propriedade rural senão um evangelho do silêncio? A palha e o trigo, a erva daninha e a vegetação, a praga, a chuva, o inseto, o Sol – são todos emblemas sagrados de todo ano, desde o preparo da terra para as plantações até o recolher". A visão holística é surpreendentemente bem anterior à ciência e perpassa praticamente por toda a história humana. As abordagens científicas demoraram mais a encontrar o caminho de um vínculo sistêmico entre todas as coisas, já apontado no Tao te king e na dialética hegeliana e, agora, enfocado com ênfase nos estudos da complexidade, do caos e do pensamento sistêmico.

295 Referido no capítulo 5.

rótulos para outros interesses. O mesmo vale para as ideologias políticas. A mensagem cristã, de amor ao próximo, por um certo percurso histórico, chegou à ortodoxia e à crueldade da Inquisição (que se autodenominava de *Santa*). A proposição secular marxiana de construir uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, por um dado percurso histórico, desaguou no totalitarismo stalinista. A tentação pelo poder, pelos privilégios, é muito forte, mas deve haver algo na dinâmica social que impele nessa direção, algo como o efeito conjunto da disputa por território, a estranheza étnica e o descompasso no desenvolvimento socioeconômico e cultural.

Hegel, na *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO*, indica o caminho pelo qual o *escravo*, aprendendo com o trabalho, evolui de uma consciência limitada ao medo da morte, para a consciência estoica, depois cética, depois dividida e infeliz e depois *universal*, ao superar a condição escrava. Marx traz isso de um plano idealístico para uma proposta prático-política de libertação do proletariado. Nietzsche aponta que o escravo, quando chega ao poder, sem superar o *ressentimento*, torna-se um outro tirano²⁹⁶. Alcançar uma consciência *universal*, humanista, que consiga equilibrar *Liberté, Egalité, Fraternité*, que não traga a ânsia de se sobrepor aos demais, que consiga agir, para citar Proudhon, *sem ódio e sem medo*, é, no mínimo, *um desafio complexo, histórico e sistêmico*. Esse é o ponto onde queremos chegar, como resolver um problema complexo, histórico e sistêmico, ou seja, como reformular ou superar o modo de vida que está pondo em risco a vida humana no planeta.

Assim, consideramos que os nossos problemas fundamentais decorrem de um *imbróglio* de duas dimensões: (1) a relação dos humanos com a natureza e (2) a relação dos humanos entre si; as duas superpostas, entrelaçadas e simultâneas. As concepções que emergem dessa conjunção se identificam com os modelos éticos,

decorrem do mundo como ele é – e decorrem de como conseguimos conhecer, pensar e agir²⁹⁷.

Os modelos epistemológicos (como pensamos, como aprendemos, como conhecemos) sofrem uma notável transformação ao longo da história, ainda que identificar os paradigmas seja um tema polêmico. As questões de *como é o mundo, como conhecemos o mundo, como devemos nos comportar*, de Pitágoras a Kant, passando por centenas de pensadores de todas as épocas, dos quatro cantos do mundo, persistem, como a Esfinge, cobrando respostas. É inevitável tentar *simplificar* (abstratamente tornar menos complexo) para tentar entender. As quatro abordagens que, desde o início, identificamos (*establishment, revolucionaristas, holistas/ambientalistas e democratas sociais*), fazem parte dessa tentativa de compreensão simplificadora da realidade (sempre complexa). Mas só conseguimos pensar através de abstrações simplificadoras – e com elas modelar parcialmente a complexidade do real.

As religiões trouxeram contribuições para uma tentativa de superar a mera visão das árvores e ver o todo (a floresta), contudo, sem resolver o problema. Os conflitos destrutivos continuaram a acontecer. Para muitos, essa contribuição religiosa precisa evoluir para uma visão mais ecumênica e espiritualista, que, para além das religiões tribais, traga à tona (permita o emergir de) um estrato, uma *essência* comum, seja de religiosidade, de espiritualidade ou de *humanidade*.

A evolução do pensamento científico (depois dos modelos matemáticos, dos empirismos, dos positivismos, das fenomenologias, dos estruturalismos e das dialéticas) se depara com a necessidade

297

Para enfrentar um conjunto de problemas complexos, históricos e sistêmicos, as dicotomias tendem a não ajudar. Podemos encontrar um leque de ontologias (*idealistas, materialistas, dualistas, imanentistas, etc.*), cada uma delas com variantes. Os modelos éticos serão desdobramentos, com ou sem elaborações mais sofisticadas, dessas ontologias, sem uma relação unívoca (uma ontologia, uma concepção do mundo, pode abrigar diferentes modelos éticos, paradigmas de comportamento).

de compreender os fenômenos complexos e caóticos, chegando ao tratamento dos *sistemas* sob a ótica da *complexidade*²⁹⁸. Sem assumir qualquer dicotomia, chegamos a dois amplos campos nas formas de abordar o mundo, a vida, as sociedades, a humanidade, buscando ver o todo. Um campo que traz a marca da espiritualidade e outro que traz a marca da cientificidade, os dois podendo ou não coexistirem nas diversas formas de abordar²⁹⁹.

O campo do *establishment* empresarial, em geral, não tem esse tipo de abordagem – mas nada impede que venha a adotá-lo³⁰⁰. Não o faz, ainda, colado à intensa valorização da desigualdade e do *status* de privilégios. Tenta ver *o todo*, mas a partir de uma perspectiva estreita, só vê o mercado. Não obstante há avanços, ainda que mais na teoria do que na prática³⁰¹.

O campo que se pretende *revolucionário*, cultivando uma concepção de transformações rápidas, totalizantes, também adota uma visão sistêmica parcial, fixado a visões *marxistas* de transformações por etapas abruptas (capitalismo-revolução-socialismo), inviáveis, em que pese Marx tenha proporcionado uma base expressiva para a compreensão dos fenômenos complexos (quando formula

298 John Holland (**A Ordem Oculta**, Ed. Gradiva, 1997) nos fala de *Sistemas Adaptativos Complexos*, existentes nos mundos físico, biológico e humano.

299 Sem esquecer que estamos aqui considerando formas holistas de abordar os problemas sociais, agregando-lhes um enfoque científico nos mecanismos e tensões internos, que se combinam nos recortes sistêmicos. As abordagens sistêmicas, mesmo as mais estritamente científicas, se incluem no tratamento e no campo das *incertezas*. Voltamos a Sócrates, *sábio* só se for no sentido daquele que *sabe que não sabe*. Cf. Ilya Prigogine, **O Fim das Certezas**, Ed. UNESP, 1996; Abraham Moles, **As Ciências do Impreciso**, Ed. Civilização Brasileira, 1995.

300 Na verdade, há personalidades e setores que já fazem um esforço nesse sentido, ainda que, infelizmente, extremamente minoritários. Na maior parte das vezes esse esforço fica em limites retóricos e cosméticos.

301 Cf. Fernando Almeida, **O Bom Negócio da Sustentabilidade**, Nova Fronteira, 2002. Há uma bibliografia sobre esse tema, densa e qualitativamente desigual. Não vamos aqui tentar localizá-la. Mas pode ser uma sugestão válida começar por uma consulta às experiências do Instituto Ethos e do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável.

uma análise que precisa considerar simultaneamente os fenômenos históricos, econômicos, políticos, ideológicos e científicos)³⁰².

O campo que se pretende *holista*, ver o todo, traz essa possibilidade para bem mais perto de uma realização efetiva, mesmo que ainda não seja capaz de gerar uma aceitação ampla da abordagem. Num passado recente era uma forma isolada de ver (caso, por exemplo, de Henry Thoreau). Hoje, várias abordagens desse campo ganharam notoriedade e consistência, que passam pelos trabalhos de Edgar Morin, Fritjof Capra, Al Gore, James Lovelock e dezenas de outros pensadores e militantes de uma visão sistêmica do mundo e do nosso lugar no mundo³⁰³. Ainda assim notam-se vertentes diferenciadas, umas de fonte mais espiritualista, outras de base científica mais estrita, outras buscando combinar as duas fundamentações. Excluídos os casos mais nítidos, será difícil identificar onde começa e onde difere a complementaridade entre elas. Algumas das adoções espiritualistas chegam a ser cândidas expressões de romantismo, como se *o amor* fosse a lei de tudo, até da relação presa-predador: *o lobo devora o cordeiro para realizar a harmonia no mundo*. Na prática, contudo, as várias vertentes se reforçam, o que não inibe nem o debate nem o diálogo, muito menos a pesquisa científica³⁰⁴.

302 Lukács: "...é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa. A categoria da totalidade, a dominação do todo sobre as partes [...] constituem a essência do método que Marx tomou de Hegel..." in: Celso Frederico (USP), **O Marxismo de Lucien Goldmann** <FILE:///C:/USERS/CLIENTE/DOWNLOADS/CRONOS EDITORES,+3239-7617-1-CE.PDF>.

303 É justo assinalar que, ainda que não se proponham exatamente a uma abordagem holística, podemos incluir nesse campo teóricos que se aproximam dessa visão através da *teoria dos jogos*. Parece muito pertinente a essa abordagem o conceito de *coopetição* de Barry Nalebuff (**Coopetição**, Barry J. Nalebuff e Adam M. Brandenburger, Ed. Rocco) assim como as abordagens sistêmicas de Anatol Rapoport (**Lutas, Jogos e Debates** – Ed. UNB), entre outros.

304 Alguns estudiosos nesse campo são estritamente científicos (caso de Ludwig von Bertalanffy) e outros mais militantes (caso do pessoal da Greenpeace). Fritjof Capra, David Bohm, Ervin Laszlo e muitos outros circulam pelos vários campos (espiritualista, estritamente científico e filosófico). Para um caso prático expressivo ver **The Natural Step**, de Karl-Henrik Robert (Cultrix, 2011).

É inegável, contudo, que as preocupações sistêmicas, ecológicas, ambientalistas, entraram na agenda da humanidade e do mundo atual. E chegam à vida política, como não poderia deixar de ser³⁰⁵.

O texto *A PRIMAVERA SILENCIOSA*, de 1962, da americana Rachel Carson, seguido de *OS LIMITES DO CRESCIMENTO*, de 1972, do Clube de Roma, a Conferência de Estocolmo, de 1972 (convocada pela ONU) e o texto *Nosso Futuro Comum*, de 1987, (o *Relatório Brundtland*) da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, da ONU, foram os principais marcos da efervescência ambientalista que ganhou o mundo nas últimas décadas. Depois vieram vários outros eventos que deram sequência à amplificação das preocupações ambientais e aos movimentos ambientalistas, incluindo a Rio-92, a Conferência de Paris, de 2015 – onde, por conta não só (mas significativamente) pelas posições negacionistas assumidas pelos Estados Unidos (na presidência de Donald Trump), o mundo chegou ao impasse atual, quando muito pouco de sério está se fazendo para evitar a catástrofe climática. Há muita retórica e muito *marketing* – e raras ações efetivas. Provavelmente vamos todos pagar um preço muito alto por toda essa negligência.

Ao longo desse percurso, ganhou grande circulação o mote de que o *desenvolvimento sustentável* (tese levantada pelo Relatório Brundtland, de 1987) dependeria do *tripé da sustentabilidade*, ideia atribuída ao “sociólogo britânico” John Elkington, que teria reduzido o conceito para aplicá-lo às práticas empresariais, combinando *People, Profit, Planet* (Pessoas, Lucro, Planeta) – isso, depois, ganhou uma generalização, inclusive em documentos da ONU, no sentido de que o desenvolvimento sustentável dependeria de combinar os *fatores* econômico, social e ambiental. Essa formulação ganhou curso (gerou muito discurso e belos diagramas) e muita gente importante se encantou com ela, como se apontasse para uma efetividade ampla. Essa fórmula, contudo, é equivocada e gera impotência

efetiva. Primeiro porque o econômico não pode ser visto separado do social, o econômico está *dentro* do social. A relação social-ambiental, sociedade-natureza, é de fato uma relação importante, mas sempre mediada pela configuração histórico-social predominante em cada momento. A fórmula, portanto, é confusa e simplória. Sua falha incapacitante é que omite o fator decisivo para as mudanças necessárias: a política. Não tem economia sem política, não tem sociedade (nem *social*) sem política e não tem política ambiental sem política, macro e micro. Então a fórmula desse tal *tripé* fica solta no espaço, ou melhor, não passa do nível retórico. Pode acabar servindo mais para confundir do que para mudar a realidade que precisa ser mudada.

Não por acaso as ações e movimentos que usam essa fórmula, conceitualmente capenga, praticamente nada (ou pouco) conseguem. Os *grupos de pressão* que atuam, por outro lado, com forte teor político, seja como grupo de pressão às instâncias de decisão política, seja como ação política direta, são os que conseguem um mínimo de efetividade. Os holistas mais atilados sabem disso. Os que não levam isso na devida conta se perdem em ações românticas de nenhuma efetividade. Uma lição a ser considerada por todos os holistas (espiritualistas e/ou científicos) é que o amor, a verdade, a fraternidade, a empatia – ou o que quer que seja – vão mudar o mundo só – e somente só – se souberem se traduzir em ações políticas competentes, mobilizadoras, firmes e efetivas. Esse é um dado a analisar, a conferir, a aprender, a construir – na luta, por mais que ela seja dialógica ou orientada pela não-violência. Trabalho, criatividade – e luta – *sem ódio e sem medo*. E luta é gente consciente, organizada e ativa – ação, com metas e métodos.

Entretanto compreender que é necessário caminhar pela política não quer dizer que seja claro como fazer isso. Na política, como em qualquer outra atividade humana, é mais fácil errar do que acertar. E a política é um terreno pantanoso. São muitos os labirintos e becos sem saída. É preciso aprender. Um exemplo de como não fazer tem a ver com a vida de um dos primeiros militantes da

causa *verde*: Rudolf Bahro³⁰⁶. Tentou de várias formas, mais errando do que acertando, tendo uma vida difícil e sacrificada, com poucos resultados. Os *partidos verdes*, em vários países, começaram gerando boas esperanças, mas se perdendo no meio do caminho e, hoje, em toda parte, são fracos e sem efetividade³⁰⁷. A ação através das *ongs* (que não deixa de ser política) tem apresentado melhores resultados. Como fazer? É preciso estudar, analisar, testar, aprender, um desafio em aberto.

Principalmente a partir da segunda metade do século passado, o tema ambiental está colocado – e assumido por setores sociais significativos. Uns fundamentados em visões antigas, holísticas, outros, ingenuamente românticos (*devaneios de um caminhante solitário...*), outros fundamentados em observações científicas sérias e meticulosas. A preocupação e o envolvimento ambientalista, contudo, trouxeram uma contribuição mais densa e mais decisiva para os *negócios humanos* (para usar uma expressão cara a Hannah Arendt). O ambientalismo leva a uma abordagem ecológica, necessariamente sistêmica.

Essa ascensão da preocupação e dos estudos ambientais, até certo ponto, coincidem no tempo, com a ascensão das abordagens epistemológicas e pesquisas científicas também apontando para a necessidade de considerarmos as realidades sistêmicas. Parece muito verdadeiro que a consciência ambiental e a consciência sistêmica emergem em interação, se interinfluenciando, e nos desafiando a abordar o mundo de um outro modo, para além do pensamento linear, do mecanicismo e do empirismo, até então

306 Rudolf Bahro: dissidente do comunismo, na Alemanha Oriental, em plena Guerra Fria. Tentou, sem êxito, formular uma espécie de ecossocialismo, esteve na raiz do surgimento internacional dos *partidos verdes*, principalmente com o seu livro **A Alternativa** (teve publicação no Brasil). Não foi feliz, apanhava da *esquerda* e da *direita*, muito pressionado, pouco compreendido, teve sua vida pessoal fortemente afetada. Uma trajetória valiosa, pioneira, confusa, que hoje pouca gente conhece.

307 Avanços recentes dos partidos verdes na União Europeia podem (ou não) estar inaugurando um novo capítulo nessa história.

predominantes nas ciências da modernidade – em que pese as vozes discordantes minoritárias.

Félix Guattari põe o dedo na ferida quando precisa que o modo de vida predominante está colocando em risco a vida no planeta³⁰⁸. Não é mais possível ignorar esse fato, nem deixar isso para depois. A abordagem para lidar com essa realidade e esse risco, só pode ser ecológica, sistêmica – e política. É necessário compreender a ecologia como um modo de ser (se não universal no mínimo) vital. Tudo o que é vivo é vitalmente inserido num sistema, que é um sistema constituído de microssistemas e parte de macrossistemas. Guattari chama a atenção para a ecologia da natureza, a ecologia do social e a ecologia mental (a ecologia da subjetividade humana, *singular & plural*). Há que ver a ecologia dos corpos e a ecologia da ação (Morin). É indispensável que estejamos dispostos a lidar com as *múltiplas ecologias* – que garantem as dinâmicas de cada aspecto da realidade e do mundo como um todo.

O que há para reter, pelo menos, é que a luta contra as consequências destruidoras dos resíduos industriais e as consequências catastróficas previsíveis da negligência com o meio ambiente não podem mais sair da agenda prioritária de nosso tempo.

Também há de ficar a compreensão de que ecologia é o equilíbrio dinâmico de situações complexas, que se estruturam em cada um dos indivíduos humanos, nas relações sociais e na relação com a natureza. Somos um complexo de complexidades, nos situamos num universo de *múltiplas ecologias*. Isso nos encaminha para muitos e interessantes desdobramentos, especialmente no sentido de valorizar o equilíbrio (sempre dinâmico e tensionado, muitas vezes homeostático) entre todas coisas e entre nós e elas. Os nossos grandes problemas são grandes desequilíbrios.

308

Félix Guattari: "o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta..."
As Três Ecologias, Papirus, 1998, 7ª ed. (pg. 8).

13

**A ABORDAGEM
SISTÊMICA**



Não é fácil encontrar uma teoria verdadeiramente nova. Uma das crenças mais arraigadas do antigo conhecimento não poderia deixar de ser a noção de que o Sol gira em torno da Terra. Numa época em que todo mundo acreditava nisso, há mais de dois mil anos, aparece um Aristarco³⁰⁹, de uma cidadezinha chamada Samos, na Grécia Antiga, dizendo que a Terra girava em torno do Sol, tendo chegado a esta conclusão observando e pensando. Todo mundo achava que ele estava errado. Cerca de 1.700 anos depois Nicolau Copérnico demonstrou que Aristarco estava certo, quanto ao heliocentrismo³¹⁰. Aristarco foi capaz de ver e compreender o que, na sua época, ninguém viu. Para muitas descobertas e teorias modernas acontecem fatos semelhantes: muitas vezes tem um ou mais precursores. O princípio da energia a vapor também foi descoberto na Grécia Antiga – e visto como mera curiosidade. Os tipos móveis, que geraram a imprensa na Europa, já eram conhecidos na China há muito tempo. Os exemplos são muitos. Quem quiser pesquisar sobre isso vai encontrar muitos outros casos.

Isso indica que, não obstante eventuais precursores, as teorias só valem – e as descobertas só passam a ser realmente úteis – quando encontram um contexto social minimamente maduro para esse desenvolvimento. Como fato isolado, nada acontece.

Isso vale também para aspectos mais sofisticados da cultura, como é o caso da teoria da complexidade. Inúmeros pensadores e práticos, de todas as épocas, já lidavam com essa conceituação, em aproximações diversas, sob vários aspectos. Vários exemplos podem ser encontrados na Grécia, na Índia, na China e, provavelmente, em todo o mundo antigo. Teorias que consideram a complexidade do mundo, ainda que de modo parcial, também aparecem no mundo

309 Aristarco de Samos, 310 – 230 a.C.

310 Hoje se tem notícia que Copérnico teve, além de Aristarco, outro predecessor, o bispo Nicolas d'Oresme (1323-1382), que teria sugerido o heliocentrismo em torno de 100 anos antes de Copérnico: <https://maestrovirtuale.com/nicolas-oresme-biografia-contribuicoes/>.

medieval e nos primeiros tempos do mundo moderno. Qualquer pesquisa séria vai encontrar precursores por todo lado, mais consistentes ou menos consistentes.

Também na vida prática, foram (e são) muitos os líderes, por todos os tempos e lugares, que compreendiam a complexidade da vida e trabalhavam com conceitos heurísticos para lidar com a complexidade da dinâmica social.

Por conta das formulações precursoras, que podem ser identificadas em vários estágios, níveis e formatos, é muito difícil identificar uma periodização no desenvolvimento das teorias do conhecimento, das epistemologias. Uma relativa compreensão *organicista* já existe em Aristóteles, que também já identificava uma especificidade nos fenômenos sociais humanos. Descartes faz inovações rumo a um pensamento linear, mas não deixa também de identificar complexidades (a exemplo da matriz de coordenadas). Newton inaugura um mecanicismo já esboçado por Demócrito. Auguste Comte tenta classificar a evolução cultural, do mito à religião, desta à metafísica e à ciência. Durkheim recria um *organicismo* mais complexo. Francis Bacon critica os *ídolos* e orienta para o empirismo. Adam Smith considerava que há uma ação sistêmica no mercado (a *mão invisível*). Marx avança com a estruturação de uma abordagem de tecitura de interações entre o histórico, o econômico, o jurídico-político, o ideológico e o científico-filosófico. Einstein (com a teoria da relatividade) e Max Planck (com a física quântica) dão passos relativamente inéditos, que eram já, talvez, intuídos por líderes religiosos da Antiguidade Oriental³¹¹. Não há linearidade nessas trajetórias de aprendizado e conhecimento, embora se possam localizar conexões.

O que surge de novo, ao longo do século XX, são abordagens mais formais e teorizações mais explícitas, passando pelo *organicismo*, pelos *mecanicismos*, pelos *positivismos*, pela onda

estruturalista – ora simultaneamente, ora de modo alternado, preparando o caminho para as abordagens sistêmicas mais completas. No século XX há uma verdadeira explosão de abordagens. Algumas delas ganharam ondas de grande notoriedade, em países diversos (principalmente, mas não só, França, Alemanha, Estados Unidos). Não há uma história linear no desenvolvimento das abordagens científicas e, também, nenhuma delas chegou a uma hegemonia incontestada. O mundo atual, nesse sentido, pode ser considerado verdadeiramente pluralista. De um lado, isso pode ser visto como um enriquecimento intelectual; de outro lado é uma nova *Torre de Babel*, onde e quando, predominando o conflito azedo, ficam mais difíceis a comunicação, o diálogo, a compreensão e as convergências.

Os debates nesse nível ficam inevitavelmente inconclusos. Pode ser que ajude adotarmos *a prática como critério da verdade* (seja numa versão marxiana, seja numa versão utilitarista ou pragmática). Mas a prática histórica precisa de longas durações: a democracia, que emergiu na Grécia Antiga – ou, certamente, antes – ficou fora de cena por séculos, até ressurgir (polemicamente vitoriosa) no mundo moderno. Esse pode ser um bom e forte exemplo de que realmente vivemos numa *era de incertezas*³¹².

Hoje, as reconhecidas como grandes universidades (americanas, inglesas, francesas, alemãs) se apresentam como as principais fontes geradoras do conhecimento, aliadas aos laboratórios – e ao capital – das megacorporações empresariais. Isso, sem dúvida, garante um viés de interesses particulares nas pesquisas (denunciada por vários pensadores, inclusive acadêmicos). Não obstante isso não garante unanimidade de paradigmas. Há um espaço de liberdade acadêmica, mas fica claro também uma concertação

312

Ilya Prigogine, **O Fim das Certezas**, Ed. UNESP, 1996; Abraham Moles, **As Ciências do Impreciso**, Ed. Civilização Brasileira, 1995). Karl Popper, **Conjecturas e Refutações**, Ed. Univ. Brasília, 1972. Albert Jacquard, com base em Gödel, considera que as verdadeiras questões éticas são [cientificamente] indecidíveis.

(universidades, empresas, grande mídia) que privilegia os enfoques preferidos pelo *establishment* empresarial. Há um preço humano a pagar por essa situação, os interesses dos excluídos resultam nitidamente sub-representados e prejudicados. As visões alternativas (mesmo acadêmicas) precisam suar sangue para se tornarem conhecidas. Para não falar da desvalorização do aprendizado da vida, este, relatado por Gorki em *As Minhas Universidades*³¹³.

Não obstante: por um lado, (1) a mais notória produção acadêmica coincide com os interesses do *establishment* do alto empresariado; por outro lado, (2) nos interstícios da influência das megainstituições (reitoras do campo do poder), flui uma produção intelectual que denuncia a poluição industrial, a aproximação das catástrofes ambientais e – também – aspectos importantes da dinâmica socioeconômica e política que geram esses e outros riscos de colapso civilizatório, de aprofundamento das desigualdades, de miséria para bilhões de pessoas.

Paradoxalmente, decidir pela adoção de um paradigma epistemológico, no atual nível de debate, não é uma decisão que possa apresentar uma segurança científica, se é que isso existe. O grau de incerteza é, de fato, considerável. As decisões, nesse nível, não têm como deixar de ficar no contexto das teorias *corroboradas* pela *interpretação* – todas impregnadas de um grau considerável de subjetividade. Fatos tidos como consistentes são levados em consideração, assim como resultados de amplo espectro factual e histórico, contudo, em última instância, a adoção de um paradigma epistemológico, acaba no nível de uma aposta ética e política – entre (1) o campo de uma busca orientada pela condição humana como um todo e (2) o campo histórico de uma servidão à clivagem de duas humanidades: privilegiados e condenados, manipuladores e

313

No caso dos países dependentes, os segundos e terceiros andares de Arrighi (**A Ilusão do Desenvolvimento**), a produção do conhecimento custa a se acoplar aos interesses mais legítimos.

manipulados, superiores e inferiores, ricos e pobres). Não é uma escolha simples³¹⁴, é (pode ser) uma aposta informada, mas, no limite, uma aposta³¹⁵. Isso talvez reduza a ciência a algo *demasiado humano*. Mas, (sem embarcar em Nietzsche) é o que temos.

Considerando que, no contexto contemporâneo (antes e depois da pandemia) estamos diante de quatro macro-opções políticas: (1) aderir ao neoliberalismo do capitalismo globalizado, (2) empenhar-se por uma ruptura revolucionária, (3) engajar-se na social-democracia, (4) aderir ao ambientalismo. Dessas quatro, a social-democracia pode ser vista como uma forma de governo capaz de alguma sustentabilidade neste nosso tempo: o *capitalismo globalizado* (e seu *establishment* dirigente) é um sistema socioeconômico e cultural – como indica Wallerstein³¹⁶, comporta portanto diferentes formas de governo; a *ruptura revolucionária* é um sonho que não se completa; as inúmeras versões da social-democracia, significam (ou em algum momento significaram) a busca do equilíbrio, da justa medida, entre *as necessidades do capital e as necessidades das pessoas*³¹⁷.

O *ambientalismo* pode se restringir a uma preocupação específica com o meio ambiente e com os riscos climáticos. Contudo, seu potencial é muito maior. Pode estender-se a uma consideração consistente, ampla e aprofundada, da ecologia, melhor, das ecologias, o equilíbrio dinâmico de todas as coisas. Equilíbrio dinâmico: sistêmico (um todo complexo), tensionado interna e externamente (operando

314 Aliás, de novo, simples é uma coisa que não existe. *Simples* quer dizer, sempre, *menos complexo*.

315 Edgar Morin: "Estamos ao mesmo tempo: na aventura desconhecida; na pré-história do espírito humano; na idade de ferro planetária, na agonia planetária. Em situação de incerteza e de complexidade, a aposta deve substituir a evidência, e a estratégia [...] deve substituir o programa...". **Em Busca dos Fundamentos Perdidos**, Sulina, 2010, págs. 121/2.

316 Wallerstein, Immanuel - **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista**, Ed. Contraponto, 2001.

317 Cf. Noam Chomsky, **O Lucro ou as Pessoas?** Ed. Bertrand Brasil, 2002.

com e por *contradições* e por homeostasias), aberto a trocas com o contexto, relativamente estável, sujeito a reconfigurações³¹⁸.

Explicitando melhor: os comunistas chineses (com Mao à frente), nas décadas de 30 e 40, não viram outro caminho que não uma luta armada (heroica, quase suicida) para libertar o país da invasão japonesa e das tradições opressivas. Na Índia, para expulsar a dominação e as tropas britânicas, Gandhi, com a estratégia da não-violência, tentou algo diferente. Ele (com seus adeptos) conseguiu vitórias parciais, reconfiguradas pelo que veio depois. O mundo globalizado de hoje (que só atende bem a parcelas minoritárias – e de modo insustentável – exige posturas e estratégias completamente diferentes. Raymond Aron contesta os mitos de uma esquerda redentora, de uma revolução catártica e de um proletariado messiânico³¹⁹. Se estudarmos a densa obra de István Mészáros, adepto e profundo conhecedor da obra de Marx e da história das lutas sociais, vamos ver que ele próprio não vê uma saída *pós-capitalista* senão no longo prazo, melhor dizendo, longuíssimo. Essa compreensão não pode deixar de buscar estratégias outras que não as do século passado.

Tanto quanto de estratégias, como aponta Edgar Morin³²⁰, para superar os grandes problemas de nosso tempo, precisamos de outros fundamentos antropológicos e epistemológicos, à luz da

318 Alguma coisa bem distinta da simplificação deduzida de uma certa leitura de Hegel. Algo já contido na polêmica mal orientada de Lênin contra Bogdanov (**Materialismo e Empiocrítica**). Bogdanov avançou passos originais na direção de uma compreensão sistêmica numa obra que chamou de *Tectologia, a Ciência Universal da Organização*. A teoria dos sistemas busca descobrir uma outra *dialética da natureza*, em bases outras que não as de Engels? É possível, mas não se trata de provar uma teoria filosófica; trata-se de buscar conhecer como de fato as coisas são e como funcionam, um avanço da ciência, onde não cabem dogmas. Lênin discordou frontalmente das concepções filosóficas e científicas de Bogdanov e o condenou ao ostracismo. A análise de Piotr Sztompka (**A Sociologia da Mudança Social**) indica claramente a necessidade de uma abordagem que considere a dialética entre as dimensões macro e micro. John Bellamy Foster (**A Ecologia de Marx**) demonstra como o pensamento de Marx considerou seriamente as questões ecológicas, ou seja, a apreensão sistêmica das coisas, ao contrário de muitos de seus seguidores.

319 Raymond Aron, **O Ópio dos Intelectuais**, Ed. Três Estrelas, 2016.

320 Edgar Morin, **Em Busca dos Fundamentos Perdidos**. Sulina, 2010.

realidade e dos conhecimentos de hoje. As abordagens – e as ações – do passado precisam ser vistas muito criticamente, as que conseguiram bons resultados, as que deram resultados ambíguos e as que deram errado e mesmo resultaram em catástrofes, à direita e à esquerda. *Receitas* ultrapassadas só irão nos atrapalhar.

Os fundamentos para uma nova compreensão da vida humana emergem da história, vista de modo não dogmático, e emergem da compreensão ecológica, trazida à máxima atenção, pelo ambientalismo. Já não se trata apenas de preservação do meio ambiente. Trata-se de compreender a complexidade existente em todas as coisas, na natureza, na vida, nas pessoas e nos sistemas sociais, na economia, na sociabilidade, no pensamento, nas formas de consciência social. Também na política, na forma de organizar e de administrar a complexa vida social. Há que considerar que a política, prioritariamente, deve estar, no presente, voltada para o futuro.

A abordagem sistêmica não comporta qualquer tipo de resposta pronta, de fórmulas fáceis. Isso já não cabia anteriormente, muito menos agora³²¹. São vários os autores (ou relativamente recentes ou contemporâneos) que têm importantes contribuições para essa *nova* abordagem – que de modo algum eliminará as incertezas e os temas polêmicos. Implicará em atitudes, estudo, observação e diálogo – e ações coletivas, experimentais, cuidadoso monitoramento. As realidades complexas não se comportam de modo mecânico, podem reagir de modo imprevisível, a depender do momento, do estado, da

321

Lênin, que fez um estudo sistêmico do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, concluiu que na ação política são indispensáveis: (1) *a análise concreta da situação concreta*, (2) *o estudo da contradição na própria essência das coisas* e (3) *uma teoria que dê fundamentos consistentes às ações que se pretendem transformadoras* (“Sem teoria revolucionária não há ação revolucionária”). Lamentavelmente, anexou esses *insights*, de grande valor, a uma ansiedade dogmática. Talvez, em alguma medida, tenha acertado no diagnóstico, errou na dosagem da ação *revolucionária*. Paradoxalmente, escreveu, depois, **O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo**. Esse exemplo já indica quão perniciosas podem ser as proeminências personalistas e as atitudes de ortodoxias pretensamente *puras*.

acumulação de pequenas mudanças, dos equilíbrios homeostáticos, da interferência de fatores absolutamente imprevistos³²².

É preciso estudar as teorias da complexidade, do caos, das realidades sistêmicas. A sociedade, os grupos sociais, as pessoas são sistemas complexos. Como esses sistemas se transformam? Como se reconfiguram? Como se faz isso intencionalmente? Como gerar um consenso substantivo na vida social, capaz de evitar guerras civis e governos ditatoriais?³²³

A revolução francesa de 1789 não teria ocorrido como ocorreu, se é que teria acontecido, sem as obras dos iluministas, sem Diderot, d'Alembert, Rousseau, Voltaire – e outros. A chamada Revolução Gloriosa inglesa, 1688, não teria consolidado o governo burguês na Inglaterra sem OS DOIS TRATADOS DO GOVERNO CIVIL, de Locke e, quase 100 anos depois, sem A RIQUEZA DAS NAÇÕES de Adam Smith. A Independência americana não teria acontecido nem se consolidado sem o trabalho intelectual de Thomas Jefferson, George Washington, Tom Paine, James Madison, os *federalistas* – e outros – todos com suas contradições. A libertação dos escravos não teria acontecido sem o grito dos *quakers*, as articulações de William Wilberforce, – e outros (no Brasil, de Luiz Gama, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, etc.).

322 Interessantes análises desses aspectos no plano da economia estão em **O Efeito Borboleta**, de Paul Ormerod, Ed. Campus, 2000. Num plano mais geral ver Françoise Kourilsky-Belliard - **Do Desejo ao Prazer de Mudar**: compreender e provocar a mudança, Manole, 2004. **O Homem Simbiótico**, de Joël de Rosnay (Vozes, 1997), no 1º capítulo, traz um muito bom resumo da evolução, do ponto de vista técnico, da abordagem sistêmica científica. Aqui se insiste, contudo, na construção historicamente gradativa dessa abordagem; já estava presente em Marx, em Aristóteles e vários outros pelo caminho. **O Efeito Borboleta** já está contido na antiga anedota (medieval? chinesa?) da perda do reino a partir da perda de um cravo na ferradura. O Marquês de Pombal, em meados do século XVIII, já notava que *"As sciencias estão connexas entre si, com um nó muito estreito"* (Iverson Geraldo da Silva: file:///C:/Users/CLIENTE/Desktop/P%20O%20M%20B%20A%20L.pdf).

323 *Socialismo ou barbárie*. Um belo *slogan* – e uma bifurcação de um cenário provável. Como construir um socialismo (ou uma *sociedade justa*) sem apelar para a barbárie (das ações violentas – que, aliás, só geram derrotas)? A esse respeito, **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**, de Luciano Gruppi, Ed. Graal, 1980, é um livro pertinente e importante.

Em outras palavras: (1) as condições socioeconômicas, (2) as ideias, as interpretações, (3) as ações e iniciativas políticas, esses três conjuntos de fatores amadurecem em entrechoques dialéticos *num mesmo processo*.

A configuração social avança ou regride (humaniza ou desumaniza) em configurações sistêmicas onde entram em ação múltiplos fatores interagentes. Mesmo as mais estáveis configurações são sujeitas a catástrofes. Como se altera um sistema social de modo consciente? Como podemos, nós humanos, conduzir a história? Será essa a maior das utopias?

Compreender a complexidade, por outro lado, implica em colocar sob suspeita toda e qualquer previsão. Isso significa considerar o que Edgar Morin chamou de a *ecologia da ação*:

“...uma ação escapa cada vez mais à vontade e às intenções de seu iniciador porque ela entra nos jogos de inter-retroações que são aqueles do meio social ou políticos. As consequências a longo prazo de uma ação política são totalmente imprevisíveis”³²⁴.

No mesmo sentido argumenta Paul Ormerod:

“O impacto de uma dada mudança em qualquer fator particular, seja alíquota do imposto de renda ou a severidade do sistema de justiça criminal, pode variar substancialmente, dependendo das circunstâncias exatas nas quais ocorre a mudança. Esta é a lógica de nossa abordagem de sistemas complexos. Como vimos no modelo da criminalidade, pequenas mudanças em geral têm pequenos efeitos, como esperaríamos logicamente. Mas, de forma ocasional, dependendo de nosso ponto de partida, podem ter grandes, e até muito grandes efeitos”³²⁵.

324 Edgar Morin, **Em Busca dos Fundamentos Perdidos**. Sulina, 2010, pág. 116.

325 Paul Ormerod, **O Efeito Borboleta**, Campos, 2000, pág. 132.

Ainda um outro trecho de Ormerod:

“Os governos têm importância e suas ações nos afetam a todos nós, para o melhor ou para o pior. Mas está na hora de parar de fingir que eles sabem o que estão fazendo quando brincam com os controles econômicos de curto prazo. As implicações básicas do comportamento das nossas formigas, a imprevisibilidade dos resultados de curto prazo em termos do sistema como um todo, não se aplicam em parte alguma, com mais força do que aqui”³²⁶.

Ormerod enfatiza a imprevisibilidade das medidas de curto prazo, Morin foca nas de longo prazo. De qualquer modo, voltando a Edgar Morin: “Não existe progresso assegurado, mas uma possibilidade incerta, que depende muito das tomadas de consciência, das vontades, da coragem, da oportunidade”³²⁷.

O capitalismo, enquanto hegemonia sistêmica, enquanto modo de produção dominante numa formação social³²⁸, iniciou a sua trajetória desde a Inglaterra da dinastia Tudor, no início do século XVI. Isso se deixarmos de lado o desenvolvimento do comércio internacional protagonizado pela burguesia das cidades italianas no século XIV, ou mesmo antes.

Uma das decorrências desse processo foi a *revolução industrial*, que ganha impulso definitivo a partir do século XVIII. Ou seja, a depender do critério utilizado, o capitalismo dura há 400 anos ou mais. Mecanismos de produção, de comercialização, de gestão social e de hegemonia cultural decorrentes, foram se implantando no mundo gradativamente (em que pese a violência dos métodos). Séculos de impregnação social – e sempre ampliando seu raio de ação, a ponto de hoje estar hegemônico em quase todo o planeta. As sucessivas previsões de crise geral e colapso do capitalismo falharam todas, em

326 *Ibidem*, pág. 140.

327 Edgar Morin, **Em Busca dos Fundamentos Perdidos**. Sulina, 2010, pág. 117.

328 Robert Fossaert, **A Sociedade**, Zahar, 1979.

que pese a ocorrência das crises periódicas, mais ou menos graves. O capitalismo sempre conseguiu se superar, transformando-se³²⁹. Essa resiliência é indício de um sistema bem consolidado.

Uma das características dos sistemas complexos é que a sua relativa estabilidade dinâmica (tensionada, homeostática), se perturbada de um modo específico e inesperado, pode se transformar em instabilidade e desabar. A sua capacidade de resistir a impactos e tensões, externos e internos, não é mecânica – e é de difícil previsibilidade³³⁰. A passagem de uma configuração sistêmica a outra configuração, essa *transição*, na história humana, é sempre de longa duração. Outro aspecto dessa duração da ascensão do capitalismo foi, do outro lado da moeda, a duração da superação do feudalismo na Europa: pelo menos cinco séculos. No período mais antigo, desde a formação dos impérios guerreiros no Oriente Médio, dos sumérios aos persas, ao ápice desse modelo (com o Império Romano), foram mais de três mil anos. Na Europa, esse modelo levou 400 anos se desmanchando no feudalismo, gerando uma miríade de novos núcleos guerreiros. Em resumo, as configurações histórico-sociais não se desfazem em curto prazo (a não ser no caso de grandes catástrofes). São fenômenos de extrema complexidade e a sua temporalidade, sua duração, em termos humanos, se medem por muitas gerações.

Considerando todos os mecanismos de integração do sistema (contraditório, tensionado, dinâmico, desumano que seja, mas extremamente adaptável), imaginar uma superação do capitalismo

329 Cf. Étienne Balibar - Os Conceitos Fundamentais do Materialismo Histórico. *in*: Althusser, **Ler O Capital**.

330 Caso o sistema, o *capitalismo*, desabe – ou se paralise – como alguns imprevidentes gostariam que acontecesse, o resultado não será nenhum “socialismo”, mas sim o caos, o desabastecimento, uma catástrofe social inimaginável. Se alguém quiser superar esse tipo de ordem social, por injusta e insustentável no longo prazo, tem que descobrir a forma de fazer isso, com extremo cuidado – e no longo prazo, longuíssimo. A fórmula da *revolução proletária* nunca passou de um tremendo equívoco. Está longe de ser um destino histórico. A dimensão dos nossos desafios não tem precedentes históricos, logo, todo cuidado é pouco – o afã revolucionário costuma ser suicida. Quem quiser o socialismo precisa cultivar a paciência estratégica.

no curto prazo é uma previsão absolutamente inconsistente. E, como se dará essa possível transformação, é uma grande incógnita. As previsões visionárias dos revolucionários do fim do século XIX e início do século XX se revelaram equivocadas. Acreditando numa história teleológica, não tiveram na devida conta a complexidade do sistema e da tarefa: o fracasso era inevitável – o que não retira o valor moral do esforço – mas o preço (desse aprendizado de como não fazer) foi muito alto.

Alterar um sistema social, hoje mundializado, de modo consciente e intencional, é uma tarefa gigantesca – que, hoje, ninguém sabe como fazer. A receita esdrúxula da *ditadura do proletariado*, ainda que ganhe novos rótulos e certa sofisticação, não tem hoje o menor sentido – se é que algum dia teve³³¹.

Um projeto socialista, o projeto de *uma sociedade justa*, para ter sentido, precisa ser reinventado, com outra visão da história, outras metas e outros métodos. Esse caminho, o que não é novidade, dependerá de *condições objetivas e subjetivas*:

1. A necessidade de se reinventar é um desafio contínuo. Seguindo Sartre, isso se dá também num plano existencial, porque se você não tem como mudar de rota, deixou de ser livre, sua condição humana está em xeque.
2. No nível que aqui nos interessa, nesse ponto, cabe a formulação de David Bohm, que distingue *o pensado* (que já ficou no passado) do *pensamento* (que precisa ser criativo diante de realidades sempre novas)³³².

331 Marx, pelo que se sabe, tinha a efêmera Comuna de Paris (1871) como o modelo da *ditadura do proletariado* (em contraposição às formas mais ou menos sofisticadas de ditaduras da burguesia). Da perspectiva de hoje, pelo menos, é delirante imaginar aquele episódio como modelo de governo. Só uma visão mítica pode explicar aquela conclusão.

332 David Bohm, *O Pensamento Como Um Sistema*, Madras, 2007.

3. Um esboço do caminho já se fez na social-democracia – que, como tudo, principalmente tudo que fraqueja, precisa ser reinventada. Reinventar-se aqui, à semelhança de uma superação no sentido hegeliano, preservar o que se é colocando-se noutro (e novo) patamar de desempenho, transformar-se, sem perder as características básicas, abandonar o que lhe bloqueia, recriar-se a partir de si mesmo – capacidade iminente (também) da condição humana.
4. A social-democracia, se conseguir recriar-se, poderá superar o capitalismo (incorporando alguns dos seus elementos e abandonando outros) e poderá ser uma designação equivalente a *socialismo democrático* – ou não – a depender do que virá.

Para os socialistas democráticos (que não querem nenhum nível de barbárie), o dilema *reforma ou revolução* se resolverá no plano das *reformas estruturais*, possíveis a cada passo histórico, e *revolução* no sentido de transformações substantivas realizáveis e realizadas no longo prazo (sem que nenhum vidente vá nos dizer o que é esse longo prazo).

István Mészáros nos dá uma indicação do que isso pode ser citando um pequeno relato de Goethe (sobre um estratagema do pai). Resumindo, a citação de Goethe:

“Em Frankfurt [...], existia a prática de ganhar espaço em prédios de madeira fazendo [...] os pisos mais altos [das casas], se projetarem sobre as ruas [...] foi feita uma lei permitindo que apenas o primeiro andar de uma casa nova se projetasse para fora do terreno, enquanto os andares superiores deveriam se manter nos limites do térreo. Para evitar perder o espaço que se projetava sobre a rua no segundo andar, meu pai *contornou esta lei*, como outros [...] antes dele [...] escorando as partes mais elevadas da casa, tirando um andar depois do outro, da base para cima, enquanto ele introduzia a nova estrutura, de

tal modo que, apesar de ao fim nada da velha casa ter restado, o prédio totalmente novo poderia ser considerado mera renovação.”³³³

Comenta Mészáros:

“Como no caso do pai de Goethe, ainda que por razões fundamentalmente diversas, não é possível demolir o prédio em que todos nós vivemos e erigir em seu lugar um outro edifício sobre fundações totalmente novas. A vida deve continuar na casa escorada durante todo o curso da reconstrução, ‘tirando um andar depois do outro [...] enquanto introduz-se a nova estrutura, de tal modo que, ao fim, nada da velha casa [terá] restado.”

Acrescenta:

“... não pode haver ‘barganha’ quanto à meta da reestruturação radical [...] imperativa a busca pelo tipo de reestruturação radical capaz de abranger tanto a destinação da jornada, como o percurso que conduz à destinação escolhida, provendo ainda, simultaneamente, a medida do sucesso da aproximação – ou desvios – dos objetivos fundamentais...”³³⁴.

Mészáros tem a expectativa de que é possível fazer-se um planejamento de reformas estruturais, que modelará uma estrutura nova a partir da estrutura velha (“A vida deve continuar na casa escorada durante todo o curso de reconstrução...”³³⁵).

Acrescentamos nós: sem uma aprofundada compreensão da realidade extremamente complexa dos sistemas sociais envolvidos, não teremos uma casa nova – e sim um grande desastre. Ocorre ainda que cada *geração* definirá suas metas.

333 István Mészáros, **O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico**, Boitempo, 2007, pág. 329.

334 *Ibidem*. Vale destacar os termos: *a destinação...* *a jornada...* o percurso... a medida do sucesso... *aproximação...* uma formulação radical e rigorosa no diagnóstico e nos propósitos, inequivocamente reformista nos meios.

335 *Ibidem*.

Mészáros se fundamenta na obra de Marx, buscando atualizá-la. Edgar Morin, considera que *"Marx deve ser superado, isto é, integrado na constelação dos pensadores que podem iluminar nossa reflexão..."*, e propõe uma política de civilização³³⁶, que precisa começar pela refundação do pensamento, inclusive – ou prioritariamente – pelo pensamento político.

Voltando a Edgar Morin:

"Somos hoje vítimas de dois tipos de pensamento fechado: um, o do pensamento parcelar da tecnociência burocratizada, que corta em fatias o tecido complexo do real; outro, do pensamento cada vez mais local, voltado para a etnia ou a nação, que fragmenta como num quebra-cabeça o tecido comum à humanidade.

O pensamento reducionista continua a procurar de modo míope a causa e o efeito, a determinar o Bem e o Mal, a nomear o culpado e o salvador. Continua a eliminar toda ambiguidade, toda a incerteza. Continua a acreditar que a solução econômica resolverá todos os problemas.

[...]

Não precisamos nem de um pensamento parcelar ou reducionista, incapaz de ver o contexto e a globalidade, nem de um pensamento global e oco. Precisamos de um pensamento que considere as partes em sua relação com o todo e o todo em suas relações com as partes."³³⁷

O pensamento complexo (aplicado a realidades complexas) passou a ser objeto de estudos específicos, em particular após a publicação dos estudos de Ludwig Bertalanffy, com raízes predecessoras várias, como já nos referimos. Assim como não se pode identificar uma linha reta na história das epistemologias, o mesmo ocorre na história do pensamento focado nas complexidades.

336 Edgar Morin e Sami Nair, **Uma Política de Civilização**, Ed. Instituto Piaget, Lisboa.

337 Edgar Morin, **Em Busca dos Fundamentos Perdidos**. Sulina, 2010, págs. 112 e 113.

Não foi nenhum *autor genial* que descobriu o método, as raízes estão por toda parte, na realidade sobretudo.

Ainda há uma imprecisão terminológica em torno do assunto: teorias da complexidade, do caos, dos sistemas – e outras denominações – cobrem áreas afins, com identidades e distinções, mas, digamos, cobrem um campo de estudos e fornecem elementos para a construção de uma ciência do pensar realidades complexas, ou seja, repensar tudo em novas perspectivas, principalmente em suas *conexões ocultas*³³⁸.

O pensamento sistêmico, *mutatis mutandi*, prolonga, reformulando, o pensamento estruturalista. Alguém poderá supor, com razão, que o pensamento da complexidade, a teoria geral dos sistemas (e outras denominações ou distinções afins) funde o pensamento organicista com uma matriz estruturalista. Quem pensar assim não estará longe da verdade³³⁹. Veja-se, por exemplo, a versão estruturalista de Piaget (bem distinta de versões ortodoxas)³⁴⁰ e o seu pleno uso (e desenvolvimento) de uma epistemologia complexa em *BIOLOGIA E CONHECIMENTO*³⁴¹. Não se trata de um empreendimento de abstrações filosóficas, incorpora especificações científicas concretas e abre um efetivo campo de estudos, com aplicações práticas decisivas.

O estruturalismo exacerbou-se a ponto de negar a existência do sujeito humano – não seríamos mais do que agentes alienados,

338 Fritjof Capra (**Conexões Ocultas**, Ed. Pensamento-Cultrix, 2009). A expressão *sistemas adaptativos complexos*, é explícita na obra de John Holland **A Ordem Oculta**, Ed. Gradiva, 1997.

339 David Bohm considera *estrutura* os componentes mais estáveis de um sistema (**O Pensamento Como Um Sistema**, Madras, 2007, pág. 32): "Um sistema não é necessariamente fechado. Pode ser aberto para vários tipos de influência de coisas que entram e saem. Essa é a ideia completa do sistema. Não é necessariamente fechado, mas apresenta uma certa estabilidade na estrutura. Tem a tendência de sustentar e de manter a sua estrutura..."

340 Jean Piaget, **O Estruturalismo**, Ed. DIFEL, 2003.

341 Jean Piaget, **Biologia e Conhecimento**, Ed. Vozes, 1996.

suportes, das forças da dinâmica das estruturas³⁴². Essa visão não se sustentou, nem no campo científico nem no campo político. O próprio Bertalanffy adverte contra esse risco na abordagem sistêmica e se propõe a enfrentá-lo, chegando à conclusão de que a sociedade estará *"...condenada se o indivíduo for transformado em uma rodadentada da máquina social."*

Acrescenta que a teoria dos sistemas

*"... não é um manual para ditadores de qualquer denominação subjugar mais eficientemente os seres humanos pela aplicação científica de Leis de Ferro, mas uma advertência de que o Leviatã da organização não deve engolir o indivíduo sem selar sua própria inevitável ruína."*³⁴³

Tudo está sujeito ao mau uso, a teoria dos sistemas complexos – e seus componentes constitutivos – não é exceção. É um campo amplo e novo e não está imune de ser capturado por igrejinhas e *guetos* instrumentalistas ou corporativos. Isso já ocorre na área empresarial, por exemplo. Metodologias sistêmicas a serviço de objetivos unívocos e tradicionais. Mais uma demonstração de que os ganhos científicos não se colocam *além do bem e do mal*. Não há panaceias, há instrumentos novos, de grande valia. Mas é preciso aprender a usá-los. Além do que, ainda que a ciência nos ajude a abrir os olhos, a superação dos nossos grandes problemas não é apenas um problema científico, é um problema ético e político. Não chegaremos lá sem muita paciência estratégica, coragem, firmeza e equilíbrio – e ação, luta. Com instrumentos adequados ao nosso tempo – alinhando os meios com os objetivos que queremos atingir.

342 Assim formularam, entre outros, Lévi-Strauss e o Foucault de AS PALAVRAS E AS COISAS. Alguns dos últimos livros de Foucault, no entanto, são verdadeiras odes ao sujeito, considerado em seu contexto cultural e histórico: **A Hermenêutica do Sujeito, a Coragem da Verdade, o Governo de Si e dos Outros** - Ed. WMF Martins Fontes, 2010-11.

343 Ludwig von Bertalanffy, **Teoria Geral dos Sistemas**, Ed. Vozes, 2000, pág. 81.

A partir da possibilidade de nos aproximarmos melhor da realidade como ela é – e não a partir de modelos insuficientes – a análise dos sistemas e da complexidade que nos envolve e nos modela – e nos modula, por fora e por dentro – pode trazer-nos ferramentas conceituais de grande valor para a construção de novos modos de ver, de compreender e de agir³⁴⁴.

O mal-estar da civilização, as desigualdades, a beligerância instalada, a miséria do mundo, física e moral, nos desafiam por grandes transformações. O paradigma dominante, adequado ao capitalismo histórico e à civilização capitalista, funda-se numa conceitualização de várias humanidades e de desigualdades desnecessárias, tidas como essenciais (étnicas, “raciais”, genéticas ou aleatórias) que nos condenam à tragédia permanente de fragmentação e violência.

Os socialistas, de todas as épocas, pensaram um mundo diferente, com mais liberdade, mais igualdade, mais fraternidade. Marx e Engels, filósofos proativos, ainda que se quisessem científicos e tenham dado grandes contribuições à crítica do capitalismo e à epistemologia da complexidade, acabaram caindo (ou sendo interpretados) em simplificações mecanicistas que, levadas à prática, redundaram em impasses, alguns desastrosos.

A abordagem dos sistemas complexos não garante o caminho do paraíso, abre novos caminhos de interpretação que, com o devido empenho, poderá resultar em práticas mais consistentes e mais eficazes, sem guerras e sem ditaduras, com o potencial de estender-se a um projeto de transformação social em larga escala.

Contudo, nada está pronto. O caminho está delineado, algumas importantes ferramentas conceituais estão disponíveis, mas

344 Buscar um outro paradigma de ação... este o nosso desafio – ou uma das facetas dele. Paradoxalmente ainda é útil estudar o passado, os insights estarão lá e cá. Cf.: George Peter Murdock, *Como A Cultura Se Modifica* (in: Harry L. Shapiro, **Homem, Cultura e Sociedade**, Ed. Fundo de Cultura, 1956); Malcolm Gladwell, **O Ponto do Desequilíbrio** (Ed. Rocco, 2002); e tantos outros.

o trabalho está a ser feito – e novas abordagens, por si só, nada constroem – são indispensáveis as ações – e serão complexas. Resta ainda muito aprendizado³⁴⁵. Quanto mais rápido compreendermos isso, menos demoradas serão as providências efetivamente transformadoras. Quanto mais continuarmos atolados no pensamento fragmentário (e belicoso) mais rápido nos aproximaremos de novos e continuados desastres.

A complexidade implicará em *decisões a partir de dados incertos*. Uma metodologia criativa e de grande valor foi o *insight* de trabalhar com cenários possíveis. Incorpora as informações disponíveis, projeta possíveis riscos e trabalha com as incertezas, especula sobre imprevisibilidades. Se tivermos delineados três ou cinco cenários – e nos prepararmos para as hipóteses de ocorrências diversas, o risco de grandes erros vai diminuir consideravelmente. Isso vai exigir capacidade de planejamento, considerar sempre os cenários possíveis e monitorar com atenção os indícios de desvios, em cada projeto específico e no todo³⁴⁶.

Entretanto, que ninguém imagine que transformações substantivas serão feitas sem ampla participação, fortalecimento da cidadania e da sociedade civil e grandes mobilizações, dentro de um sentido do historicamente possível.

Os projetos de reformas estruturais (e sistêmicas) são vitais, são indispensáveis: (1) pelo que significam na dinâmica da vida (estagnar não é uma opção, muito menos estagnar num patamar de crises) e (2) pelo que significa em termos de sobrevivência (está cada vez mais claro que se adensam os fatores de um caos social

345 Cf. Peter Senge – **A Quinta Disciplina**: Arte e Prática da Organização que Aprende, Ed. Best Seller, 2006.

346 Cf. Peter Schwartz, **A Arte da Previsão**: Planejando o Futuro em um Mundo de Incertezas; Ed. Página Aberta, 1995. Aparentemente primário, mas muito útil também pode ser **Os Seis Chapéus do Pensamento** de Edward de Bono (Ed. Sextante, 2008).

e ambiental; o desastre está no horizonte, para muitos, mas, para muitos outros, o desastre já chegou – e já os destrói.

A abordagem dos sistemas complexos implica, na execução, em combinar análise acurada com urgência e com prudência. Perder, de novo, não é uma opção.

As abordagens parcelares, fragmentárias, nos permitem as especializações em múltiplos aspectos, mas vistos de *per si*, isoladas dos demais; deixa-nos repletos de *pontos cegos*, visões parciais do mundo. As ações daí decorrentes dão bons resultados parcelares, em pontos específicos, contudo, no todo, deixa-nos em sucessivas crises. Abordagens mutiladas darão resultados mutilados. A abordagem sistêmica tenderá a identificar os pontos cegos e pesquisá-los, compreender melhor o todo nos permitirá cuidar melhor das partes e vice-versa. Sem uma abordagem sistêmica isso não se faz e fica um preço a pagar, na maior parte das vezes, muito alto³⁴⁷.

347

Não é fácil definir uma bibliografia sobre este tema. Pode ser muito injusto não indicar importantes predecessores. Além disso, a abordagem sistêmica é utilizada, de modo incompleto, que seja, por diversos autores e atores, nas práticas de diversos campos. Citamos a seguir alguns trabalhos que aqui nos ajudaram (as editoras e o ano de publicação são indicadas na seção das referências bibliográficas): Almeida, Fernando - **O Bom Negócio da Sustentabilidade** / Andrade, L. (et al.) - **Pensamento Sistêmico**: caderno de campo / Bertalanffy, Ludwig von - **Teoria Geral dos Sistemas** / Bohm, David - **O Pensamento Como Sistema** / Capra, Fritjof - **A Concepção Sistêmica da Vida** / Capra, Fritjof - **Conexões Ocultas** / Carson, Rachel - **Primavera Silenciosa** / Diamond, Jared - **Colapso** / Foster, John Bellamy - **A Ecologia de Marx** / Fossaert, Robert - **A Sociedade** / Gore, Albert - **O Ataque À Razão** / Gore, Albert - **Uma Verdade Inconveniente** / Guattari, Félix - **As Três Ecologias** / Holland, John - **A Ordem Oculta** / Jullien, François - **O Tratado da Eficácia** / Kahane, Adam - **Como Resolver Problemas Complexos** / Kourilsky-Belliard, Françoise - **Do Desejo ao Prazer de Mudar**: compreender e provocar a mudança / Kuhn, Thomas - **A Estrutura das Revoluções Científicas** / Laing, Ronald - **A Política da Família** / Laszlo, Ervin - **O Ponto do Caos** / Lewin, Roger - **Complexidade**. / Lovelock, James - **A Vingança de Gaia** / Lovelock, James - **Gaia**: cura para um planeta doente / Luhmann, Niklas - **Introdução À Teoria dos Sistemas** / Meadows, Donella H. - **Limites do Crescimento**: a atualização / Morin, Edgar - **Introdução ao Pensamento Complexo** / Morin, Edgar - **O Método 5**: a humanidade da humanidade / Morin, Edgar - **O Método 6**: ética / Nalebuff, Brandenburger - **Coopetição** / Ormerod, Paul - **O Efeito Borboleta** / Piaget, Jean - **Biologia e Conhecimento** / Piaget, Jean - **O Estruturalismo** / Rapoport, Anatol - **Lutas, Jogos e Debates** / Robèrt, Karl-Henrik - **The Natural Step** / Rosnay, Joël de - **O Homem Simbiótico** / Peter Senge - **A Quinta Disciplina** / Sztompka, Piotr - **A Sociologia da Mudança Social** / Vasconcellos, Maria José Esteves de - **Pensamento Sistêmico** / Wright, Robert - **Não-Zero**: a lógica do destino humano. Além, por certo, de outros tantos.

A abordagem sistêmica também elimina as exacerbações personalistas e a nocividade dos pretensos grandes líderes, falsos *guias geniais dos povos*. O papel das lideranças precisará ater-se aos limites da razoabilidade. A abordagem sistêmica supera também a atomização das pessoas, organizando-as em ações consistentes e viáveis. Aposta no diálogo e não em qualquer tipo de violência, sem prejuízo de eventual intervenção cirúrgica, quando conscientemente necessária.

O que parece mais essencial é conseguir transformar essa nova compreensão em ações políticas efetivas e abrir o caminho para verdadeiras transformações sociais – para superar a fragmentação e as mutilações deste nosso tempo – sem a ocorrência de aberrações colaterais.

14

**OUTRA
SOCIAL-DEMOCRACIA**

UM SISTEMA A TRANSFORMAR

O mundo social é um complexo sistema de forças, de atores e de suas respectivas capacidades de ação, pressões e contrapressões. Um sistema potencialmente duro e, mesmo assim, instável, de estabilidade relativa.

Há uma rede dominante, hegemônica, um *establishment*, uma matriz de práticas e de interpretações que rege o mundo. Não é uma pessoa regente, é um modelo, um paradigma, uma lógica (que tem uma multiplicidade de operadores). O sistema opera nos níveis emocional, cognitivo e comportamental das pessoas³⁴⁸. Quando não prevalece diretamente, essa influência se dá indiretamente, por outras lógicas, a ele subordinadas. Mais incisivamente, modula valores em nossa plasticidade. Orienta comportamentos políticos, macro e micro, as políticas de Estados e corporações – e o dia a dia das pessoas. É o paradigma, a matriz psico-operacional, da globalização capitalista. Interfere no mundo objetivo e na construção das subjetividades.

Um modo realista de lidar com isso é compreender que, por dentro desse campo de forças, de modo diferenciado e simultâneo, esse sistema nos traz vantagens e desvantagens. Esse sistema foi se formando, pelo menos, ao longo dos últimos 500 anos. Mudou a face do mundo e o modo de viver da espécie humana. Foi – e certamente continua sendo – uma etapa na evolução da humanidade. A humanidade, hoje, somos nós. Este modelo, como os anteriores, nunca foi unívoco nem homogêneo, variou muito de lugar para lugar e, como

348

Muitas vezes as pessoas não percebem que seguem um padrão. Sob uma variedade de aparências e pequenas diferenças, as influências sociais (muitas vezes contraditórias) vão formando o modelo mental e emocional da pessoa, desde o berço, transmitindo predisposições cognitivas e emocionais, valores e atitudes, absorvidos de modo inconsciente. Assim se molda a *segunda natureza*, o caráter da pessoa, cujas consciência e memória também participam desta interação e desta moldagem. Esta segunda natureza se constitui nos *indivíduos-sociais*, indivíduos que se formam interagindo nos grupos sociais, indivíduos e grupos se constituindo interativamente, sem contudo formarem entidades estanques (a não ser em casos patológicos).

tudo que existe, contém intrínsecas contradições, paradoxos, tensões internas. Em grande medida é caótico, por isso instável, sempre sujeito a grandes ou pequenas crises e catástrofes.

A História está aí, para ser estudada, aberta a novas pesquisas. O mundo sincrônico, o atual, está aí. Ou nós o compreendemos – e agimos certo – ou ele (como a esfinge) nos devora. Ocorre que ninguém nasce sabendo. Temos apenas – e não é pouco – alguma capacidade de aprender. E também a cultura (que resulta do aprendizado) é evolutiva, ao que parece, sem regras, relativa e aleatória, mas, alguns fatos levando às condições de outros – por isso é uma história e não uma sucessão caótica. O que somos, individual e coletivamente, vai mudando, muda sempre.

Esse sistema (social, humano ou desumano) não opera por si só, autônomo, embora muitas vezes pareça funcionar por sobre a consciência das pessoas. No limite, sempre depende de pessoas. Por mais automatizado que possa ser, ou vir a ser, no limite, sempre depende – e dependerá – das pessoas que o construíram ou das que o operam, ainda que, sob determinadas condições, possam ocorrer situações em que o sistema – ou parte dele – foge do controle, em catástrofes (exemplo: Chernobyl) ou em *armadilhas históricas* que nos envolvem (exemplo: o aquecimento global).

A população do mundo hoje já alcançou os oito bilhões de pessoas. Pensando bem, é algo assustador. Essa imensidão de pessoas distribuída por perto de 200 países, a grande maioria com fronteiras políticas bem delimitadas. Já a prosperidade econômica fica limitada a menos de 20 países (que reúnem metade da população mundial). Mesmo dentro destes países mais ricos existem verdadeiros oceanos de pobreza. Os Estados destes países são os principais atores da política mundial. Seus grandes sócios, contudo, são as grandes corporações empresariais, que atuam em âmbito internacional.

Em relação aos Estados, as corporações empresariais são relativamente pequenas³⁴⁹. Mesmo assim têm uma enorme influência (na política dos países) porque, direta ou indiretamente, têm relativo controle sobre os governos e parlamentos, financiando as campanhas e trajetórias políticas de seus ocupantes; além disso, controlam os grandes meios de comunicação, mesmo no tempo das redes sociais, que também controlam. O contexto cultural construído facilita esse tipo de desempenho, de controle, relativo, mas efetivo. As coisas não funcionam bem azeitadas, mas funcionam. De um modo que promove vantagens e desvantagens, distribuídas de modo muito desigual.

Igrejas (religiosas ou não) e movimentos sociais têm um papel, ora estabilizador ora provocador de transformações³⁵⁰.

A ONU tem um extraordinário papel positivo, crescente desde a fundação (logo após o fim da Segunda Guerra) mas agora em crise. Exerce mais uma influência simbólica, ainda tutelada pelo conjunto de interesses das grandes potências. Não deixa de ser, contudo, uma caixa de ressonância de interesses mais legítimos (dos mais pobres e dos que buscam a paz).

É nessa composição de atores e forças (na qual estamos mergulhados) que se dão as lutas políticas e as transformações histórico-sociais.

Na prática isso significa a existência de redes de poder, relativamente autônomas, com interesses concorrentes, mas todas intensamente interessadas no jogo capitalista, que lhes proporciona os privilégios, que alimentam a motivação dos operadores. Nesse sentido, trata-se de um sistema que se auto alimenta, devorando

349 Gôran Therborn, **O Mundo**: Um Guia Para Principiantes, Ed. Contexto, 2013, pág. 185.

350 Não será destituído de sentido considerar as lojas maçônicas como igrejas; o mesmo em relação aos partidos comunistas da era do Comintern. Foram (e são) muitas as confrarias empresariais que atuam como igrejas. Talvez este seja um ponto pouco estudado.

a si mesmo e o que estiver por perto. Os que conseguem permanecer na operação gozam de uma vida de privilégios, navegando sempre em águas perigosas (mesmo com a criação de modalidades de seguro e previdência – para os que podem pagar). O capital e bens dos que naufragam são imediatamente absorvidos pelos que sobrevivem nesse sistema antropofágico. Quanto maior a crise, mais os ricos ficam mais ricos.

Há uma mística em torno do *mercado* (campo de troca de mercadorias e arena de interesses em disputa). Mas a competência organizada e o volume de capital são fatores decisivos nessa competição. As grandes empresas hoje operam por sobre as fronteiras dos Estados, mas estão longe de poder desprezar estas fronteiras e os Estados com que têm que lidar. Ocorre que a imensa maioria dos atores menores não sabem como fazer. Esse é um ponto crítico: *a imensa maioria dos atores menores não aprenderam a organizar os instrumentos políticos que lhes permitiriam negociar em melhores condições.*

Os Estados têm um espaço regulatório e oportunidades de indução e negociação. Um grande problema são os governos subordinados aos *lobbies* de meia dúzia de grandes atores ativos. Daí o sentido amplo do desafio de democratizar o Estado: trazer à cena política o conjunto dos demais atores, para autonomizá-los minimamente em relação aos interesses de meia dúzia de capitalistas, torná-los conscientes, alertas e ativos, orientados pelo interesse humano mais legítimo – o que, de modo algum – significa estrangular o sistema produtivo.

O sistema econômico atual é pequeno, no sentido de que não acolhe, no processo, o conjunto da população humana; permite e concebe só o desenvolvimento para poucos – mas, sobretudo, é pequeno porque pensa pequeno, nasceu e cresceu acreditando numa *desigualdade essencial* entre os seres humanos: os fortes e os fracos, os espertos e os tolos, os que podem dominar e os que se deixam ser dominados.

Precisamos reorientar a chave: progresso e desenvolvimento para todos, nos limites de um *equilíbrio ecológico*, figura contemporânea de justiça social. Contudo, há que não ter ilusões, isso aponta para uma reorientação civilizatória, exigirá lucidez, trabalho e luta, paciência estratégica – vai ser um processo longo, difícil e demorado. Mas, com o potencial de dar um sentido à existência humana – até que um meteoro ou o decaimento solar nos tire da cena universal.

Chamamos de *armadilhas históricas* formas de comportamento induzidas por situações não percebidas, que se tornam crônicas, nos aprisionam e nos prejudicam seriamente. A partir do que dizem os pesquisadores, supomos ter identificado, nas ocorrências de um passado longínquo: (1) a *estranheza étnica*, (2) a *disputa por territórios*, (3) os choques entre grupos humanos em níveis desiguais de desenvolvimento cultural (coletores *versus* agricultores *versus* pastores), (4) a conjunção desses fatores gerando uma *corrida armamentista* infindável – que impacta decisivamente toda a história humana. A própria corrida armamentista é uma dessas armadilhas – talvez a maior delas³⁵¹.

O sistema atual trouxe consigo novas armadilhas. Uma outra, a *personificação do capital*³⁵², pessoas que agem cegamente, colando as pressões operacionais do sistema ao seu caráter, à sua personalidade e a todos os seus atos; vivem para viabilizar a acumulação do capital, esquecem que são pessoas – esquecem que os outros são

351 No bojo do desenvolvimento dessas armadilhas históricas outras emergem, a exemplo de: o apego dos líderes a privilégios, a divinização dos chefes, a construção das desigualdades sociais, a exacerbação da propriedade privada (formal ou informal), os processos de escravização dos vencidos, a poluição industrial e certamente outras mais, seguindo a lógica dos efeitos imprevistos das ações humanas.

352 *Personificação do capital*, figura utilizada por Marx: "Como capitalista, apenas personifica o capital. Sua alma é a alma do capital. Mas o capital tem [...] o impulso de valorizar-se, de mais-valia, de absorver com sua parte constante, com os meios de produção, a maior quantidade possível de trabalho excedente. O capital é trabalho morto que, como um vampiro, se reanima sugando trabalho vivo, e, quanto mais o suga, mais forte se torna" (**O Capital**, Civilização Brasileira, livro I, 2008). Há uma cumplicidade e uma complementaridade entre a lógica do capital e os valores das pessoas que a adotam.

peçoas, gente, uma ordem de seres diferentes dos números dos ganhos e perdas nas contas bancárias. Muitos ricos, às vezes, não passam de personalidades imaturas, infantilizadas, se lambuzando com o sorvete de um modo de viver hedonista e oco.

O sistema dispõe de uma lógica, uma dinâmica, que induz diretrizes e comportamentos. Induz, condiciona, influi, muitas vezes poderosamente, mas não *determina* o comportamento das pessoas. As pessoas podem ter a última palavra (mesmo quando isso implica risco de morte), há a questão ética envolvida. A velha questão da responsabilidade do *sujeito*. Somos ou não somos livres para decidir (diante das situações)? De Sócrates a Aristóteles, de Hegel a Hannah Arendt, um bom debate. A questão tem a ver com o caráter das pessoas e com a estratégia adequada a determinada situação. Tem a ver com o valor dos valores (Antígona, que desafia o rei numa situação agônica). Tem a ver, também, com a velha questão da *servidão voluntária* (e das conveniências da covardia)³⁵³.

Um dos pressupostos básicos desse sistema dominante é a presumida desigualdade profunda entre as pessoas – o sistema conduz a que se exacerbem pequenas desigualdades naturais – e consegue fazê-las parecer enormes e estanques, praticamente intransponíveis, só intercomunicáveis quando (e na medida em que) interessam aos operadores do sistema.

Esse sentimento de *desigualdade essencial* vem das profundezas dos tempos (talvez do tempo em que a cultura era a lança e o fogo), se fortalece e emerge das armadilhas históricas que mencionamos, ganha formas novas ao longo do processo histórico e cultural³⁵⁴. Racionaliza, dá uma explicação falsa para os genocídios,

353 Veja-se **Contra A Servidão Voluntária** de Marilena Chauí.

354 Um indício de que esse sentimento vem de longe está na informação trazida por Chimamanda Adichie que o localiza numa palavra dos igbos, na Nigéria (já citado no capítulo 5). Em dadas condições, esse sentimento, coletivamente exacerbado, alimenta os fanatismos (religiosos, étnicos, políticos, sexistas, etc.). Os racismos são uma expressão mais *recente* desse fenômeno.

a escravização, o confisco de terras das comunidades naturais, a expulsão dos camponeses das terras feudais, a espoliação do proletariado urbano, etc. O capitalismo não cria esse sentimento arraigado de desigualdade, dele se aproveita.

Esse *sentimento de desigualdade essencial*, ao longo de milênios, desde a pré-história, dá sustentação ideológica às falsas explicações das versões de *opressores e oprimidos*, no plano da *segunda natureza* (que nos é inculcada pelos contextos sociais): a configuração social moldando o indivíduo que molda a configuração social, a espiral de autoconstrução (indivíduos-grupos-sociedade), da qual, de início, somos meros joguetes, mas podemos nos tornar conscientes, pela evolução cultural, pela análise crítica e pelas experiências da vida³⁵⁵. O contexto social nos inculca normas e preconceitos, mas podemos superá-los.

As armadilhas históricas são ardilosas. Num dado momento foram as ocupações de territórios, a aniquilação dos nativos, etc. Num segundo momento foi a escravização dos vencidos (os dórios *versus* os hilotas, em Esparta, na Grécia Antiga, é um modelo emblemático, dentre muitos). O proletariado urbano, os camponeses expulsos da agricultura de subsistência, são efeitos do *avanço* capitalista: o uso dos recursos desconsiderando as pessoas. Com a propriedade das terras, dos prédios, das tecnologias, nas mãos de uns poucos, os expropriados não foram apenas os diretamente expropriados naquelas épocas, foram as gerações posteriores, que nascemos em um mundo, por todos os lados, já apropriado, *um mundo que já tem dono*.

O capitalismo, que floresceu em diversas modalidades, nasceu e cresceu num mundo já ocupado por outras configurações socioeconômicas. Foi crescendo nas brechas do mundo

355 Processo metaforicamente indicado por Hegel, na dialética do senhor e do escravo (Hegel, **Fenomenologia do Espírito**). Também ver a letra de Disparada, de Geraldo Vandré: “Na boiada já fui boi / Mas um dia me montei [...] / Mas o mundo foi rodando / Nas patas do meu cavalo / E nos sonhos / Que fui sonhando / As visões se clareando [...] Até que um dia acordei.”

medieval, até se tornar hegemônico. Em alguns países, hoje tidos como centrais, tornou-se dominante. Atualmente dá as cartas em praticamente todo o planeta, ainda que não seja diretamente dominante em várias regiões.

Nesse processo surgiram várias contestações. Algumas vindas dos sistemas anteriores, aristocráticos, feudais, foram vencidas, nos processos das chamadas *revoluções burguesas*, de forma emblemática na Inglaterra, na França, mas em quase toda parte. Outros tipos de contestação surgiram no interior do próprio sistema, principalmente dos anarquistas e dos socialistas. No processo mais amplo, os anarquistas (*de esquerda*), que em alguns momentos, mas em poucos lugares, foram fortes, perderam significação e hoje estão reduzidos a raros nichos. Os socialistas se subdividiram em trabalhistas, democratas sociais e comunistas. Trabalhistas, democratas sociais, socialistas democráticos, liberal-socialistas, por seus conteúdos e práticas, podem hoje ser aglutinados numa designação comum de *social-democracia*. Os comunistas ortodoxos, tiveram força expressiva entre os anos 30 e 50 do século XX, mas hoje só são encontrados em alguns guetos. Fato é que vivemos sob uma hegemonia mundial do sistema capitalista que (como sempre, marcado por tensões internas) continuamente se transforma e é hoje bem diferente de suas etapas anteriores.

Considerando a Guerra Fria, é tentador espelhar as arbitriedades e violências dos Estados Unidos e da União Soviética. Hannah Arendt fez mais, espelhou o regime stalinista com o nazismo alemão. Esse não é um assunto bem passado a limpo. Não se nega a brutal repressão política stalinista, mas a proporção dela fica enevoadada pela natureza de guerra ideológica em que essas informações vieram a público. Há relatos irrecusáveis, mas não todos. Dúvidas, até onde existam, não absolvem o regime burocrático-stalinista. Os crimes foram hediondos. Mas equipará-los aos crimes nazistas pode não ser uma correspondência realista.



São equivalências problemáticas. Na invasão de Bagdá, em 1258, os mongóis assassinaram mais de 200 mil pessoas (Justin Marozzi, BAGDÁ: CIDADE DA PAZ, CIDADE DE SANGUE, Ed. Amariyls, 2014). Isso não pode ser igualado ao massacre de Srebrinica, onde militares e paramilitares sérvios assassinaram cerca de nove mil pessoas, incluindo jovens e adolescentes, já aprisionados. É complicado (ou impossível) comparar as duas monstruosidades. As duas são hediondas, uma 20 vezes maior do que a outra. Os nazistas alemães, na Segunda Guerra, assassinaram seis milhões de judeus, cerca de meio milhão de ciganos e mais de vinte milhões de escravos (russos, tchecos, eslovacos). São monstruosidades em diferentes escalas. O stalinismo foi um episódio histórico abominável. O nazismo também, numa escala bem maior. Não há o que escolher ou o que preferir, uma escolha insuportável, uma *escolha de Sofia*. Não é a mesma coisa matar uma pessoa inocente, matar vinte, matar um milhão, matar milhões. As pessoas não são apenas números, a grandeza dos números expressa a enormidade dos crimes e das perdas humanas perpetradas. Há que haver uma condenação absoluta a todos estes atos, mas a *dimensão do horror* não é a mesma, conquanto ambas nos aterrem e nos destruam. Stalinismo e nazismo tiveram em comum as práticas totalitárias, não há que absolver nenhum de seus crimes, mas não se trata de uma equação abstrata, a dimensão de seus crimes não foi a mesma. Contudo, para as vítimas, sejam lá de que sistema for, não faz diferença se se está sendo assassinado por um stalinista ou por um nazista. A dimensão do horror depende se você está nele incluído ou não.

Algo talvez comparável vem à tona com os Estados Unidos e a União Soviética no pós-Guerra. No século XIX e início do século XX, os Estados Unidos desenvolveram uma política de distanciamento dos principais conflitos internacionais. Isso beneficiou o próprio Estados Unidos, mas também deixou à vontade as ações imperialistas britânicas, francesas e outras. Na verdade, no fundo, as apoiava, como se viu no Vietnã. As guerras do século XX não se

deram em território americano. O principal papel dos americanos foi produzir e fornecer armas. A Segunda Guerra agigantou o complexo industrial-militar americano. Ganharam muito com isso. Tornaram-se a principal potência econômica e militar do mundo, com as duras oportunidades que a guerra lhes ofereceu. Gostaram desse resultado, o complexo industrial militar teve seguimento – e, hoje, ainda exerce nefastas influências. Isso não é tudo, mas é um dado histórico real. A ordem mundial não surgiu de um processo benévolo, tem ainda a marca da barbárie.

Pensar em superar um sistema tão profundamente arraigado, nas personalidades, nos paradigmas emocional-cognitivos das pessoas, nas instituições, nos valores identitários de nações, nas práticas de milhões de empresas e unidades de produção pelo mundo afora, se isso for possível, é uma tarefa para um verdadeiramente longo prazo, muitas décadas, na melhor das hipóteses.

Porém, um dos graves problemas do pensamento dicotômico (ser ou não ser, tudo ou nada, preto ou branco) é obstruir o caminho, entre os extremos, de soluções criativas, mais realistas. Os impérios guerreiros da Antiguidade surgiram a partir da evolução, da transformação, da tecnologia e da corrida armamentista das sociedades comunitárias (nos contextos culturais) do neolítico. O feudalismo europeu surgiu do desmoronamento dos impérios guerreiros, em confronto com hordas bárbaras que, em sequência, se sedentarizaram. O capitalismo emergiu nas fissuras e por dentro das sociedades feudais europeias, em interação com as formações sociais diferenciadas da Ásia, das Américas e da África. As formações sociais se transformam sem a presença do que quer que seja parecido com *leis históricas*.

A novidade poderá estar na passagem de um conjunto de transformações que se dão sem intervenção consciente para um conjunto de transformações que obedeçam a um roteiro estratégico condizente com objetivos humanos. O projeto de uma sociedade justa,

chamemo-lo de socialismo (ou de qualquer outra coisa), não nasce, portanto, da fantasia de *leis históricas*, nasce dos desejos humanos, das competências estratégicas e, no contexto civilizatório, da ética.

A responsabilidade pelo fracasso ou pelo sucesso será toda nossa, coletivamente nossa. Uma condição indispensável para algum grau de sucesso, à esta altura, é compreender a complexidade dos sistemas que nos constituem e dos sistemas que nos envolvem. Projetos simplórios vão dar com os burros n'água, vão nos levar, literalmente, para buracos mais fundos, abismos mais tenebrosos.

EXTIRPAR A BARBÁRIE: A VIOLÊNCIA, A POBREZA, AS DESIGUALDADES

A previsão marxista era a de que o capitalismo, dadas as suas inerentes contradições, em pouco tempo, entraria em uma crise insuperável – e, pela luta revolucionária, deveríamos apressar a transição, como que realizar o parto para um novo sistema. Essa perspectiva (imaginada há 150 anos) não se realizou³⁵⁶. O sistema capitalista, crise após crise, se transforma e está mais forte do que nunca. Pelo que ocorreu, para manter a metáfora, não chegou a hora do parto³⁵⁷.

Um grande marco da história humana foi a Segunda Guerra Mundial (1939-45); encerra uma etapa e inicia outra. Analisando o

356 Cf. Etienne Balibar, Sobre os Conceitos Fundamentais do Materialismo Histórico. *in*: Louis Althusser, **Ler O Capital**, Zahar, 1980.

357 Essa metáfora, como qualquer outra, é questionável. Tradicionalmente, a hora do parto se espera. As transformações sociais (consciente ou inconscientemente) se constroem, e precisam de um bom tempo para se realizarem – quando é o caso. Médicos progressistas já demonstraram, há décadas, que, no mínimo, a literalidade da condenação mítica de que a mulher está condenada à dor do parto ("*parirás com dor*") não tem sentido. Ver, por exemplo, **Parto Sem Dor**, do médico Pierre Vellay (Ibrasa, 1980) e, por extensão, **Nascer Sorrindo**, de Frederick Leboyer (Ed. Brasiliense, 1974). A não adoção generalizada desses métodos naturais demonstra como ainda predomina a irracionalidade.

pós-guerra sob esse prisma, parece acertado considerar que essa guerra só se conclui ao fim da Guerra Fria³⁵⁸. Com o desmoronamento da União Soviética, de fato, começa a se esboçar uma nova configuração mundial, do ponto de vista econômico, político, cultural, demográfico e ambiental, uma configuração (capitalista) nova, com novas contradições, ainda que não superadas várias das contradições antigas. A partir da década de 90, do século XX, esboça-se um outro mundo, relativamente às décadas e séculos anteriores. O contexto do mundo altera-se, em especial, nas tecnologias. As soluções pensadas para o período anterior passaram do prazo de validade.

O sistema capitalista não colapsou, longe disso. Contudo, não deixaram de se expandir as suas contradições (velhas e novas), que se abatem sobre as pessoas, dos modos mais variados: pobreza, exclusão social, dominação política, despersonalização, exploração econômica, *estresses* agudos e crônicos, paranoia consumista, frustrações, desperdícios, degradações de todo tipo, etc.³⁵⁹. Registra Jeffrey Sachs, insuspeito adepto do sistema globalizante: “Atualmente, mais de 8 milhões de pessoas em todo o mundo morrem a cada ano porque são pobres demais para permanecer vivas”³⁶⁰. Escreveu isso em 2004-2005, de lá para cá não se tem notícia que a situação tenha melhorado.

358 A Guerra Fria foi um período de grandes sonhos e de grandes mentiras. O bloco *ocidental*, liderado pelos Estados Unidos, se apresentava como o reino da liberdade (a “civilização ocidental e cristã”, o outro “a cortina de ferro”). O bloco soviético se apresentava como a construção da paz, do socialismo e da autonomia dos povos (o outro: o imperialismo). Os dois blocos surgiram de anseios autênticos, os dois blocos cometeram barbaridades inomináveis. Autênticos defensores das liberdades democráticas foram oprimidos dos dois lados. Os dois lados se acusavam de cínicos e perversos, os dois lados tinham razão. Ambos os lados apoiaram ditaduras sanguinárias. Só na retórica era uma guerra fria, no fundo, foi uma guerra suja e sangrenta.

359 Fritz Pappenheim, **A Alienação do Homem Moderno** (Ed. Brasiliense, 1967); Leôncio Basbaum, **Alienação e Humanismo** (Ed. Símbolo, 1977), István Mészáros, **A Teoria da Alienação em Marx** (Ed. Boitempo, 2006), Ronald Dworkin, **Felicidade Artificial**, (Ed. Planeta, 2007); Martín Caparrós, **A Fome** (Ed. Bertrand Brasil, 2016), Pierre Bourdieu (coord.), **A Miséria do Mundo** (Ed. Vozes, 2008).

360 Jeffrey Sachs, **O Fim da Pobreza**, Cia. das Letras, 2005, pág. 27.

Diante dessa realidade, os ardorosos adeptos da configuração atual, aqueles que preferem olhar para a água contida no copo, que não dá para matar a sede de todos, optam por apostar no reforço ao sistema em suas dinâmicas: ou porque não se importam que a maioria morra de sede (ou de fome) ou porque acreditam (como Jeffrey Sachs) que o sistema contém as condições de fazer jorrar mais água – e ainda multiplicar pães e peixes.

É inegável, para quem tenha um mínimo de empatia humana, que o sistema precisa de correções estruturais.

Os adeptos das velhas ortodoxias têm como dogma que o capitalismo é irreformável e incontrolável, o que contraria os fatos da história. Um ponto decisivo é saber se a dimensão sistêmica sufoca completamente a competência humana. Não é o caso. O difícil de aceitar para os dogmáticos é que a dimensão humana, num exercício de ética e política, possa, em dadas circunstâncias, se impor à condição estrutural da dinâmica econômica. Isso não é fácil, mas a história demonstra que é possível. O fim do escravismo é uma dessas demonstrações. O avanço tecnológico faz parte das condições que tornam o progresso social possível – o que vem colado a uma ética que supere as tradições bárbaras. Também a ética é uma escolha.

O próprio *establishment* poderia se autorreformular, como parece propõe Jeffrey Sachs. Mas não o faz, fica impedido de fazer pela ganância induzida pelo sistema e aceita pelas pessoas que compõem as elites. O foco exclusivo em *ganhar*, ganhar mais, deixa os operadores do sistema cegos a caminhos mais abrangentes e mais humanos. A grande maioria deles terá que ser levada a essa possibilidade pelo apelo à inteligência e pela pressão social.

Defender a dinâmica atual do sistema – e aprofundar suas tendências – é de uma amarga insensibilidade, que (não se restringe aos altos burocratas das megacorporações, aos seus prepostos nos aparelhos do Estado) se estende aos desavisados que os acompanham.

O conservadorismo aliou-se ao neoliberalismo. Comandam os principais países do mundo – em aliança com correntes e partidos da social-democracia *de direita*, ricos privilegiados – que ainda assim mantém uma retórica de justiça social.

Ter chegado a essa situação revela até que ponto se estiolaram os partidos da social-democracia, praticamente sem exceção. Uma *direita* egocêntrica e xenófoba (Trump, Le Pen & Cia) bate às portas dos poderes de Estado, inclusive absorvendo bandeiras tradicionais *da esquerda*, abandonadas pela social-democracia globalista. As empresas multinacionais criam empregos nos países pobres semi-industrializados (usando mão de obra barata e benefícios fiscais) e deixam desempregados (ou subempregados) parcelas de seu operariado tradicional, nos países de origem, onde só mantêm os setores de alta tecnologia. Cria-se um quadro de interconexões globais, que simultaneamente traz benefícios e prejuízos, cobra de todos um alto preço. Um quadro complexo, de difícil resolução.

As deformações vêm de longe, da história colonial e mesmo de antes. Foram se acumulando, gerando estas deformidades sociais que são os *oceanos de pobreza* pelo mundo afora, inclusive dentro dos próprios países mais desenvolvidos; a situação sendo muito mais grave, nos países vítimas da rapina colonial: África, Ásia e América Latina.

Não há um grande problema, há um conjunto intrincado de grandes problemas³⁶¹. É uma dinâmica sistêmica, que abordagens particularistas não têm como dar conta. A grandiosidade, o enraizamento profundo e a interconexão de todos os problemas exigem uma abordagem sistêmica. Temos um organismo sob múltiplas metástases. Ou cuidamos muito bem delas ou vamos sucumbir.

361

"Os desafios são tão grandes, tão múltiplos e tão ligados que é difícil diagnosticar o mal principal, o perigo principal, o bem principal. É mais do que provável que o problema principal seja a sobreposição de problemas, todos vitais e mortais, da economia, da ecologia, da demografia. Da civilização do pensamento..." (Edgar Morin, **Em Busca dos Fundamentos Perdidos**, Ed. Sulina, 2010, pág. 110).

Ocorre que lidar com uma realidade tão intrincada exige, além da compreensão sistêmica, um conjunto de ações políticas que uma sociedade fragmentada não tem condições de patrocinar. O esforço preliminar, portanto, não pode ser saber *quem vai derrotar quem*, mas compreender a dinâmica, as redes recursivas de causa-efeito, ter um diagnóstico em um outro nível de análises, que vá muito além dos modos de ver cediços que comandam a vida política.

A ambivalência, o paradoxo operante, é que esse sistema, malgrado o mal-estar que produz, se mantém – traz benefícios vitais a muita gente, e não deixa entrever alternativas que possam ser efetivas. Este é o (grande) desafio: *hoc opus hic labor est*. O sistema tem que ser reconstruído por dentro, ao menos em grande medida (como a casa do pai de Goethe, citada por Mészáros³⁶²). Por dentro, convivendo com ele, aperfeiçoando, corrigindo, inovando. Chegará o momento em que estaremos em outro patamar, em um outro novo mundo.

Nada é fácil, nesse campo, mas precisaremos chegar ao patamar máximo pelos caminhos possíveis. Definir o que é possível (e o que não é), por si só, já é um grande desafio. A rigor ninguém conhece os seus limites. Daí a importância das competências estratégicas, que vão da adequação dos paradigmas às táticas, continuamente avaliando os recursos e as movimentações. Há uma história a pesquisar, há um *futuro propulsor* a construir e uma compatibilização dos meios aos objetivos, uma avaliação meticulosa a fazer, da correlação de forças e suas tendências. Daí porque é também uma aposta, uma decisão que não é puramente racional, no limite, uma decisão do *coração informado*. Estamos falando de decisões, de lutas sociais, que envolvem coletividades, o cálculo mal feito pode levar a catástrofes. Muitas vezes a decisão mais prudente é a que exige mais coragem.



Pretender quebrar o sistema como um todo é delirante, não tem qualquer eficácia num horizonte visível, apenas leva a impasses, um caminho equivocado, a menos que se projete uma estratégia claramente reformista, de longo prazo. O sistema que está aí trouxe grandes benefícios para muita gente – e os aspectos legítimos desses benefícios precisam ser mantidos e estendidos à maioria. Só quem alimenta uma visão abstrata e ingênua (uma abstração cega) vai achar, a essa altura, que o sistema pode ser “destruído” e, no seu lugar, erigido um outro – e perfeito. É delirante pensar assim. Alguns exóticos insistem nisso. As mudanças terão que vir gradativamente, conquistadas passo a passo, umas menores, outras de mais longo alcance. O objetivo deve ser uma sociedade justa, equilibrada, sustentável, humana, humanista, saindo do que temos para o que queremos. Poderemos chamar isso de democracia social, de socialismo democrático ou do que quiser, importa é o conteúdo. Mudanças, conquistas sociais que signifiquem (não *expropriações*, mas) avanços civilizatórios. O que levou quinhentos anos se construindo – com grandes benefícios e, simultaneamente, grandes prejuízos e tragédias, não tem como ser corrigido no curto prazo.

Dentro das limitações históricas, alguns pontos precisarão passar a um elenco de prioridades máximas, particularmente no sentido de dar atenção à dignidade de todas as pessoas. São indispensáveis medidas fortes no sentido de fazer regredir as desigualdades, a pobreza extrema e a pobreza – e melhorar as condições de vida de toda essa gente sofrida. São indispensáveis medidas firmes para reduzir drasticamente os índices de todo tipo de violência. Há que se promover o trabalho, o emprego, a vida solidária. Promover modos de vida sustentáveis, compatíveis com múltiplos equilíbrios ecológicos.

Haverá de se *construir uma agenda consistente de reformas reestruturantes da vida social, no sentido de atender aos mais carentes. E fazer isso sem agressões desmedidas – sem vitimizações, valorizando as pessoas, todas as pessoas.*

Não se trata de destruir o capitalismo, mas de inserir nele salvaguardas à dignidade das pessoas, o que, aliás, já se fez e se faz, nas lutas democráticas, de mais de cem anos para cá, como a redução da jornada, a proibição do trabalho infantil, a proteção da maternidade, etc. A luta continua, com os pés no chão e a cabeça no lugar. O que se trata agora é de estender essas conquistas, no limite, a todas as pessoas, extirpar a barbárie.

Contudo, apesar de todas as prudências, não se fará isso apenas com medidas cosméticas. Há a necessidade de medidas de natureza estrutural, não uma, mas várias batalhas (processuais) que questionem a lógica do sistema, a mercantilização de tudo. Robert Fossaert³⁶³ faz uma indicação de decisiva importância quando distingue a lógica do *valor de uso* (VU) da lógica do *valor de troca* (VT – a lógica por excelência do capitalismo), e propõe a lógica do *desenvolvimento humano* (VD). Também, entre outros, Félix Guattari precisa ser levado em conta quando destaca que entramos na época da revolução molecular, do campo das micropolíticas, e aponta para os caminhos ecológicos³⁶⁴.

Sem dúvida, poderemos ainda retirar lições (positivas e negativas) dos modelos passados, porém, decisivamente, é preciso compreender que estamos em transição para um novo tempo, uma nova grande etapa da existência humana, que pode ser um avanço para uma civilização superior ou uma queda para um inferno de autodestruição da espécie.

Por outro lado, posar de progressista, usar um discurso ambíguo e, na prática, fechar os olhos às barbaridades sustentadas por (pessoas que se beneficiam com) esse sistema, sem mover uma palha para efetivamente modificá-lo, é um exercício de ignorância

363 Robert Fossaert: **A Sociedade**, Zahar, 1979; **As Estruturas Econômicas**, Zahar, 1981.

364 Félix Guattari, **A Revolução Molecular**: Pulsações Políticas do Desejo, Ed. Brasiliense; e **As Três Ecologias**, Papyrus, 1999.

combinada com uma forma de cinismo e covardia. A maioria dos homens (e também mulheres) da vida política hoje transita por algum tipo de inércia cúmplice. Isso precisa mudar.

Há que haver um ideal de justiça, de dignidade, de humanização, traduzido em metas – e uma prática firme nessa direção. O capitalismo selvagem não pode prevalecer.

Diz bem Edgar Morin quando formula que *a política não é tudo, mas há uma dimensão política em tudo*³⁶⁵. A dimensão política é a luta, são as providências para que os poderes, em todas as suas manifestações, estejam em equilíbrio, respeitando o reconhecimento dos direitos, a tolerância e a liberdade, a democracia, *o reconhecimento ativo da dignidade substantiva de todas as pessoas*. Daí virão metas e métodos, sobre os quais devemos nos acertar. Fora disso, é um *jogo falso* (como disse David Bohm), um jogo de *faz de conta*, atos de *má fé* (como disse Sartre), inúteis, nocivos, a todos.

As lutas corporativas e *identitárias* (seja lá o que isso signifique), para se manterem legítimas, precisam estar alinhadas, subsumidas mesmo, à luta maior, humanitária. Se desbordam para criar alguma outra humanidade, separar em lugar de agregar, perdem o sentido, aliam-se aos componentes perversos do *establishment* e passam a ser disruptivas do processo civilizatório humano.

O conjunto destas lutas hoje está fragmentado, estilhaçado, impotente. No passado se colocaram (ou nos colocamos) objetivos inalcançáveis. As presumidas bases sociais não eram realistas. A derrota foi se instalando, em troca de migalhas ou de falsos êxitos. Algum equilíbrio foi alcançado, mas o todo é um desconcerto. É preciso recomeçar. Cada dia é um novo dia, cada noite é uma nova noite. Sempre é preciso recomeçar – sem perder de vista que o foco

não pode deixar de ser uma melhoria sistêmica na qualidade de vida das pessoas, de todas as pessoas.

OUTRA SOCIAL-DEMOCRACIA: FAZER DIFERENTE

Esta social-democracia que está aí (com suas várias denominações), frouxa, pusilânime, cooptada pelas *benesses* do neoliberalismo, não conduzirá um projeto de transformações efetivas. Essa social-democracia de retórica tem outro conteúdo real: cumplicidade.

Os chamados partidos *de esquerda*, com objetivos e métodos ultrapassados, não conseguem sintonizar com os pobres, os oprimidos, os excluídos, nem conseguem galvanizar amplos setores sociais. Nenhum deles, na verdade, tem um projeto catalisador de novas esperanças. Trabalham com o *contra*, não sabem do que são *a favor*, não têm metas desafiadoras voltadas para o futuro. Na prática, vivem de responsabilizar os outros por suas próprias deficiências. Por conta disso não conseguem sair do discurso. Pior, quando o enfoque teórico não tem correspondência com a realidade, a prática fica desnorteada e aí vale tudo, o mais nefasto oportunismo ocupa o espaço, mesquinhas vantagens imediatistas passam a ser o norte desnorteado, um descaminho.

Para mudar a rota para um mundo novo precisamos abrir novas veredas. Para compreender o cipoal (mais adequado talvez falar do pântano) em que estamos envolvidos, precisamos de uma abordagem sistêmica. Para pô-la em ação precisamos de iniciativas e disposição de luta, sem bandeiras esquerdistas inviáveis, sem extremismos, não se trata de fazer bonito. Precisamos de mudanças efetivas. É preciso agir com coragem e bom senso, exigir o defensável, unir ousadia e firmeza com equilíbrio.

O capitalismo se impôs. As histórias metafísicas, tanto quanto as belicosas (e utópicas) contestações frontais, fracassaram. Por outro lado, a social-democracia, em seus melhores momentos (aliada a várias formas de luta pacífica) demonstrou que é possível corrigir excessos do capitalismo e apontar para a possibilidade de trazer o sistema para um nível de controle humano superior.

Para avançar será indispensável construir instrumentos institucionais capazes de maior eficácia (reflexão e ação coletiva organizada). E construí-los garantindo (1) clareza dos valores e macro-diretrizes que deles decorrem; e (2) a superação das fragilidades demonstradas (com democracia, crítica e autocrítica). Ou seja, precisamos cuidar de metas e métodos que sejam capazes de catalisar mudanças substantivas na dinâmica social.

No campo do *establishment*, o foco é na acumulação do capital, no exercício do poder e no consumo conspícuo (para usar a expressão tão pertinente de Thorsten Veblen³⁶⁶).

No campo da vida, as pessoas precisam de saúde, convívio, segurança, habitação, respeito, trabalho, renda, educação, cultura, lazer. Necessidades interativas.

A questão é saber se a sociedade existe para as elites do campo do poder ou se pode ter uma finalidade mais ampla, efetivamente humana. Isso coloca, com ênfase, a questão das lutas sociais e democráticas. Os eixos para uma outra social-democracia (independentemente da denominação que venha a utilizar) deve ser um debate em aberto. Aqui apresentamos uma proposta (que nos parece) consistente, um conjunto de valores (e diretrizes) para nortear a construção de instrumentos dinâmicos capazes de impulsionar as transformações necessárias. Nesses termos, os instrumentos institucionais para esse desafio deverão se construir em

torno de eixos temáticos e axiológicos: (1) democracia; (2) ecologia; (3) nacionalidade; (4) reformismo estratégico; (5) combate às desigualdades; (6) desconstrução da violência; (7) participação e cidadania ativas; (8) institucionalização eficiente; (9) competências técnicas; e (10) ética. Valores que, em conjunto, realizam o objetivo maior de um humanismo efetivo.

DEMOCRACIA, VALOR FUNDAMENTAL

Democracia é um passo civilizatório, um passo para irmos além da selvageria e da barbárie. Um caminhar ainda inconcluso, mas um grande passo. Democracia é o caminho político para o exercício da dignidade humana.

É bem possível que a democracia tenha nascido dos grupos guerreiros dos tempos neolíticos³⁶⁷, onde, em princípio, todos tinham o mesmo valor. Pouco ou nada deveria haver de níveis hierárquicos, na caça, nas eventuais batalhas, nas incursões guerreiras, cada guerreiro valia, em princípio, tanto quanto o outro, todos se respeitavam, todos precisavam de todos. Hierarquia, se havia, seria pouco mais que simbólica. É razoável imaginar que era assim, mesmo os heróis e melhores guerreiros não eram os chefes. Nas deliberações, todos tinham o direito de falar. Quando esses grupos guerreiros se tornam sedentários, o costume prossegue – mas dele não participavam as mulheres, nem os estranhos ao grupo, nem os vencidos escravizados. Essa parece ser bem a história de Esparta, Atenas – e de muitos outros grupos humanos, talvez dos massai aos vikings.

Ao longo da história, em Atenas, no Império Romano, nas cidades comerciais italianas e holandesas etc., as assembleias (dos

367

O que já está sugerido por Engels em **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**, Expr. Popular, 2012.

guerreiros), em algum momento, vão se consolidando em parlamentos. Na Inglaterra, por exemplo, o parlamento, representando os setores mais organizados da população (em geral pequenos senhores feudais que se tornam pequenos produtores rurais), ao que parece, desde tempos imemoriais, se faz presente e se faz ouvir, mesmo perante os monarcas mais poderosos; no século XVI, enfrentam um rei com pretensões mais despóticas – e o derrotam – começa assim a ascensão da economia moderna no plano político. Quem manda não é mais o rei, é o parlamento. É a história moderna se formando com os elementos (institucionais) herdados do passado.

Com a revolução industrial intensifica-se também o processo de urbanização. Os camponeses, expulsos das terras onde viviam – que não lhes pertencia, mas à qual estavam ligados – afluem às cidades e, parte deles, vão constituir o moderno, oprimido e explorado proletariado industrial. O movimento socialista se alimenta dessa transformação, é uma decorrência dessa situação. O movimento democrático também. As pessoas, salvo nas deformações da *servidão voluntária*, sempre querem ter direito a voz e defender seus espaços vitais.

Mais ou menos na mesma época os intelectuais do Iluminismo, filhos da urbanização e do mundo sofisticado das cortes reais, também começam a instilar na sociedade ideias estranhas para a época: críticas ao domínio da Igreja, do Papa, dos cardeais, dos reis.

Desenvolvimento do comércio e formação de uma classe de pessoas que conhecia outras terras, outros modos de viver, desenvolvimento da imprensa, dos livros, das ideias, formação de uma classe de intelectuais que colocavam tudo sob crítica, urbanização acelerada, cidades apinhadas de pessoas de todo tipo. O mundo feudal foi se desmantelando. Pelo comércio, pela urbanização, pela industrialização incipiente, pelas novas ideias, pelos embates culturais, pela ascensão à vida pública de centenas e milhares de novos participantes. Desse burburinho e entrechoques de novidades

emerge a modernidade, os tempos modernos, sem ter ainda superado a escravidão, as guerras, a pirataria, a exploração impiedosa nas fábricas. Uma nova sociedade nascendo da velha sociedade. Mas, se é um parto, é um parto longo e difícil: séculos XVI, XVII, XVIII... – século XXI, seguimos no roldão do mesmo processo.

A vida humana é extraordinária e complexa. Fazemos parte das ramificações planetárias desse turbilhão que é a história humana. As vidas das pessoas, individualmente, no interior dos grupos restritos e dos universos locais, são impelidas por processos, particulares, singulares, mas, de algum modo, vinculados ao turbilhão mais amplo³⁶⁸. O como cada um vive, no local, vincula-se a um ambiente mais amplo. E este ambiente mais amplo é, da perspectiva socioeconômica, profundamente desigual: uns riquíssimos, outros paupérrimos, outros remediados. Algum dia teremos compaixão uns pelos outros?

Os processos democráticos abrem espaços nessa direção. Numa democracia, em princípio, todos podem falar. Mas isso também tem uma longa história. Os grupos guerreiros da Antiguidade foram envolvidos, no bojo das civilizações e culturas da época, em ondas ora templárias ora mercenárias, onde o que menos havia era a consciência de si. As comunidades se tornaram chefaturas e depois Estados Guerreiros. A democracia desapareceu. Ditavam as ordens os chefes militares, os grandes sacerdotes. O mundo da vida se fazia nos subsolos, nas vielas da vida comunitária, em geral caótica e insegura. Espasmos de renascimento democrático começam a acontecer nas cidades italianas e holandesas do Renascimento, o comércio internacional segregando uma nova cultura. Vêm a Revolução Gloriosa inglesa, a Independência dos Estados Unidos, a Revolução

368 Piotr Sztompka cita Sahlin e Service (*Evolution and Culture*): "A 'evolução geral' é um objeto de estudo válido em níveis mais altos de abstração, qual seja, a orientação geral da humanidade, dentro da qual os novos tipos culturais surgem continuamente." (*A Sociologia da Mudança Social*, Ed. Civilização Brasileira, 1998, pág. 207).

Francesa, nestes longos e tortuosos percursos, delineia-se o conceito de Direitos Humanos.

Achar que as lutas democráticas – e as decorrentes conquistas dos direitos – foram tão somente um processo *burguês*, é de uma pobreza histórico-conceitual espantosa. Nada disso teria sido conquistado sem a participação de milhares e milhares de homens e mulheres anônimos, que nada tinham a ver com a burguesia. Todas essas conquistas foram – e são – *conquistas humanas*. Pertencem à humanidade, pertencem a cada um de nós.

Nunca houve uma democracia perfeita – nada é perfeito – tudo evolui. Todos os processos democráticos pertenceram a um grupo humano, condicionados a uma cultura, um tempo e um lugar. Democracia é um processo histórico, pode avançar ou regredir, a depender das circunstâncias e dos atores envolvidos. Mas é o único regime político que permite a ampliação dos espaços para a possível participação de todos; comporta o reconhecimento da dignidade e dos direitos, inicialmente de uns, depois, potencialmente, de todos. Se está incompleta, restritiva, cabe aos interessados ampliá-la, *não adianta resmungar, tem que participar*³⁶⁹. Decisivo, na luta social, ensinava Lênin, é saber vincular cada movimento específico com a luta mais ampla. A luta mais ampla, hoje, é, antes de tudo, garantir o direito de expressar as demandas, os ideais, os projetos de concertação social, para lutar, trabalhar, construir uma sociedade equilibrada, sustentável e justa.

Se existirem marcianos, gordianos, saturnianos, pode ser que eles não precisem de democracia, contudo, para nós, essa grande conquista, em curso, precisa ser reconhecida como um valor decisivo, um valor humano, podemos sim dizer, *universal*, importante

para todos os aspectos da vida humana³⁷⁰. Se potentados de todos os tempos quiseram fazê-la – e a fizeram – limitada, incompleta, mutilada, cabe a nós, na luta, na labuta, na construção de um mundo social com mais qualidade de vida, fazê-la presente e substantiva, completa, até onde for possível.

Até onde for possível, porque a ingenuidade, como a ignorância, não ajuda a ninguém³⁷¹. Em formações sociais com dezenas de milhões de habitantes há que tornar os processos democráticos adequados às circunstâncias, para que possam avançar no sentido de serem mais completos e verdadeiros. Democracia sem debates consistentes não é democracia, é arremedo.

A luta por consolidar e aprofundar os processos democráticos é, precisa ser, um dos núcleos centrais da reinvenção da social-democracia – campo pelo qual deveremos caminhar.

A democracia, como conquista humana histórica, precisa também ser aprofundada, aperfeiçoada. É pertinente e necessária a consigna de *democratizar a democracia*. De modo que não se torne nem um discurso formalista e vazio nem um *democratismo* ineficiente e suicida. Democracia não é uma coisa, é um método e um processo. As lutas democráticas não podem se reduzir ao voto de quatro em quatro anos. Os partidos da social-democracia, do mundo todo, fizeram disso uma regra – e a partir dessa postura escapista e de má fé, promoveram-se personalismo e burocratismo que encobrem a

370 Carlos Nelson Coutinho, **A Democracia Como Valor Universal** (Ed. Ciências Humanas, 1984), um pequeno grande livro que tem o mérito, entre outros, de exasperar os ortodoxos. Contudo, a aplicabilidade desse termo (*universal*) a um valor caro à condição humana, não o estende a um além cósmico (*transcendental*), restringe-o ao espaço de uma hipotética plenitude humana, o que não enfraquece a ideia de que a democracia é condição *sine qua non* à realização efetiva da condição humana.

371 Marx: “a ignorância não ajuda a ninguém”. Barack Obama, mais elegante: “a ignorância não é uma virtude”. Quanto à ingenuidade, Álvaro Vieira Pinto (**Ciência e Existência**) já nos alertava para a necessidade de contrapor a crítica à ingenuidade, o que se completa por outra distinção, esta enfatizada por Darcy Ribeiro (**Teoria do Brasil**), entre o legítimo e o espúrio. Estes dois pares de conceitos (ingênuo-crítico, espúrio-autêntico), para a análise das situações concretas, têm acentuado valor heurístico.

adesão aos projetos neoliberais. Essa postura está fazendo definhir as correntes da social-democracia, onde ainda elas sobrevivem.

O *personalismo* exacerbado³⁷² e a *burocratização*³⁷³ são dois desvios fatais. Se vierem juntos então, a morte é certa.

A democracia (interna e externa), participante, crítica, é de fundamental importância, é condição *sine qua non* para que se tenham ações políticas efetivamente transformadoras. É decisivo, mas não é tudo, o conteúdo das políticas vai além.

É fundamental levantar como metas efetivas (1) a democratização da vida social, (2) a democratização no interior dos processos produtivos, da economia, e (3) a democratização do Estado. A democracia formal precisa ser expandida para processos democráticos mais substantivos. Precisa passar a uma metodologia de *melhorias contínuas* (para usar um jargão empresarial). Os detentores de poderes fechados vão resistir, sem dúvida. Precisarão ser convencidos, pela ressignificação dos resultados, pelo diálogo, pela pressão dos consumidores, pela legislação adequada, pela pressão social, nunca, em princípio, por intimidação ou violência. Em algum momento Gandhi alertou que tudo que é conseguido pela violência precisará ser mantido pela violência, ou seja, por esse caminho ficamos presos na *roda do mal*.

Contudo, vamos descobrir, depois, que não basta democratizar. Num mundo de grandes incertezas, no curto e no longo prazo, há que gerir com ética e competência. Nem todo mundo que quer

372 O *personalismo* populista (que nada tem a ver com o personalismo filosófico de Emmanuel Mounier) promove deformações fatais a uma organização partidária. Só na aparência facilita o trabalho, na medida em que opera no nível da compreensão da pessoa comum, que não projeta cenários, não pensa conceitos, age só emocionalmente, confiando ou não confiando. Mas isso é trágico. Em lugar de promover falsos salvadores da pátria, é indispensável promover valores, diretrizes e participação consciente. Em lugar de cultivar seguidores, incentivar participação ativa referenciada a valores e diretrizes.

373 Ainda não há formulação melhor sobre esse tema do que a do problemático Robert Michels.

consegue³⁷⁴. Mais uma razão para se compreender que os açosamentos só ampliam as probabilidades de erros, que podem ter graves consequências.

Política sem ética é farsa. Francis Bacon, desde o século XVII, nos alertava da necessidade de nos livrarmos dos ídolos³⁷⁵, sempre obstrutores da verdade. Assim como nenhum progresso se fará ferindo a dignidade humana, nenhuma ação política efetivamente transformadora se fará pelas vias da corrupção e da opressão. Líderes endeusados, sustentados por esquemas de corrupção, é a marca do *populismo*, um péssimo caminho, sempre ilusório; só pode levar a grandes decepções e desastres sociais, quando não a alguma forma de guerra civil.

O núcleo da política decente é a ética. O núcleo da ética é a autenticidade. O núcleo da autenticidade é o respeito à condição humana, genérica e singular, de cada ser humano, ou seja, o espaço de autonomia de cada um. Por isso que política sem ética é farsa, engodo, fraude, mera disputa pelo poder, no reino da barbárie. Uma política de civilização, como nos ensina Edgar Morin, só existe fundada na *ciência com consciência*, ou seja, na ética. Fora disso são as deformações, mais ou menos teratológicas.

As transformações sociais não podem (não devem) atropelar os processos democráticos (nem os direitos humanos), conquistas históricas da condição humana. Defendê-los não tem a ver com *cláusulas pétreas*, tem a ver com o exercício da vida social. Por outro lado, a democracia não pode ser enrijecida em formalidades rituais que bloqueiem outras e novas conquistas. A democracia não pode ser aceita como uma liturgia formalista que impeça novas transformações (que ampliem os espaços de participação e realização da

374 Nesse ponto a *direita* leva vantagem, seus quadros, em geral, vêm do mundo empresarial, onde predomina uma cultura que exige boa gestão. Os quadros de *esquerda*, em geral, não têm experiência administrativa, perdem muito com isso.

375 Bacon, Francis – *Novo Organum*. Edipro, 2014.

dignidade e das potencialidades humanas). Democracia é um patrimônio dos povos, radicado na condição humana, como ela precisa se realizar. É inegociável.

Tudo isso faz parte da nossa condição existencial complexa. Não deixarão de existir momentos difíceis e impasses, que exigirão diálogo, exigências e transigências, negociação, soluções provisórias, etapas. Na maior parte dos impasses, na vida real, todas as partes têm uma dose de razão. Onde não há diálogo e negociação (dentro dos limites da ética) há imposição e violência. Por tudo isso é fundamental a clareza dos valores e dos objetivos (de curto, médio e longo prazos).

Valores 100% abstratos são, por definição, ilusórios, fantasias metafísicas. Confundem mais do que ajudam. Valores não podem ser idolatrados como bezeros de ouro. Valores precisam fazer parte das metas. Bem analisadas as coisas, veremos que a vida prática recomenda, por mil caminhos, as situações de equilíbrio. E a balança da vida não tem apenas dois pratos para equilibrar os pesos, tem incontáveis demandas de equilíbrio. Por isso, também, nunca podemos ter apenas um valor. A vida, biológica e social, exige de nós, além da *invenção democrática*, vários outros valores.

UMA CONSTELAÇÃO DE VALORES

A democratização traz consigo *uma constelação de valores* – e um aprendizado civilizatório. Garantir e ampliar a dimensão democrática em todos os níveis e espaços sociais pode e deve ser uma diretriz macro, se não a mais importante. A democratização precisa ser operada através de institucionalidades adequadas. As instituições condensam valores, metas e práticas. Um exemplo recente é o reconhecimento, no mundo empresarial, dos vários

stakeholders (acionistas, gestores, lideranças intermediárias, operários, comunidades vizinhas, etc.), um avanço. Sem a institucionalização adequada a democratização tende a gerar confusão e ineficiência, derrotas, portanto.

Um contexto democrático, pois, implica num ambiente de valores que se reforçam, um *cluster* interativo e dinâmico, articulações, envolvendo valores de fundo e valores instrumentais: desenvolvimento, soberania, liberdade, solidariedade, autonomia, sustentabilidade, equilíbrio, dignidade, respeito, direitos e deveres, reciprocidade, dignidade, privacidade, diversidade, paz, comunicação e diálogo – e muitos outros. Por isso, insistimos, a realidade é sempre, densamente, sistêmica.

Desenvolvimento e soberania sem democracia é ditadura, alienação, injustiças, tragédia, miséria física e moral.

Os valores componentes de uma pauta antiga (democracia, desenvolvimento, soberania) não deixam de ser fundamentais. Precisam ser defendidos proativamente porque expressivos setores da *esquerda* e da *direita*, os desprezam, ainda que por razões diferentes. Assim, um desafio adicional será sempre o de distinguir o que precisa mudar e o que ainda tem validade³⁷⁶.

O que pode – e deve – haver de novo (a incluir na pauta) são os limites (e os estilos) do crescimento, a necessidade urgente de considerar a saúde do meio ambiente e a sustentabilidade da vida no planeta, ou seja, a ecologia, as complexas cadeias ecológicas em suas múltiplas dimensões. Sem democracia e sem saúde ambiental o longo prazo será teratológico.

376 Do mundo medieval nos chegou a admirável formulação de Francisco de Assis: “*Senhor, dai-me força para mudar o que pode ser mudado, resignação para aceitar o que não pode ser mudado e sabedoria para distinguir uma coisa da outra.*” Preferências religiosas à parte, sabedoria e inteligência não começam agora.



Nada disso terá valor se a espécie humana não estiver aí integrada, compondo um equilíbrio sistêmico, humanista, que respeite a dignidade dos indivíduos e das coletividades. A fragmentação violenta e as guerras particularistas que hoje se verificam são heranças da barbárie – e precisam ser superadas. Alguma diversidade é inevitável e enriquecedora, fundamental. Afirmamos *alguma diversidade* porque se fosse uma diversidade absoluta não seríamos semelhantes, como somos.

Exacerbar pequenas diferenças é um comportamento nocivo, conduz ao sentimento e às práticas de *desigualdade essencial*, do que o racismo é uma das modalidades, ao lado do fanatismo religioso, da falácia do Q.I. superior, etc. Saber conviver com o pluralismo das diferenças é saudável, para todos. Isso tem a ver com respeito e paz. As majorias, para não serem tirânicas e desumanas, precisam respeitar as minorias. As minorias, para não provocarem a intolerância, precisam respeitar os valores das majorias. Mas o que é respeito? Implica uma noção de limites, de autonomia, de espaços privados e públicos. Um regime efetivamente democrático não pode tolerar atos que visem destruir a democracia. Democracia não significa nem ausência de limites nem ausência de autoridade.

A democracia precisa ser ecológica, ou seja, implica em equilíbrio dinâmico, tensões homeostáticas. A fragmentação multifacética do mundo de hoje, as desigualdades desmedidas, a disseminação das formas de violência, o crime organizado, os processos econômicos insustentáveis, tudo isso está nos encaminhando para grandes desastres ambientais e sociais. Desastres que sob muitos aspectos – para muitas pessoas (homens, mulheres e crianças) – já estão acontecendo. O mundo *hight tech* da globalização capitalista é formado de ilhas em *oceanos de pobreza*, material e cultural.

Catadores de lixo podem ter um celular, mas continuam num nível de pobreza extrema – sob todos os aspectos³⁷⁷.

Todos os modelos políticos no mundo hoje têm uma enorme responsabilidade no que acontece e no que está encaminhado a acontecer.

A paz, o equilíbrio indispensável a uma vida com qualidade, é continuamente sabotada pela beligerância, pelo comércio de armas, pela propaganda da guerra e da violência, pela preservação, em nosso mundo, dos elementos centrais da barbárie que, muito longe de corresponder a uma pseudo natureza humana, corresponde tão somente a interesses aberrantes e mesquinhos de pequenas minorias, ainda encasteladas, via cúmplices e prepostos coniventes, em postos de poder.

Uma dinâmica democrática, pois, necessita de um ambiente de valores que a reforcem: solidariedade, respeito, comunicação, paz, etc. Além dos já mencionados, também outros valores (e sentimentos) mais sutis. Democracia é um avanço civilizatório, uma invenção humana, que precisa superar antivalores como possessividade, beligerância, avareza. Democratizar significa civilizar, humanizar. Um ambiente humano de alta qualidade necessita situar-se numa constelação de valores civilizatórios. Democracia e valores civilizatórios não têm como existir sem um processo educacional dinâmico e adequado. *Uma coisa puxa a outra* é já um ditado popular, que acentua a natureza sistêmica da realidade social.

Contudo, insistir em valores precisa de uma ponderação: a ética dos princípios precisa ser temperada pela ética da

377

Catadores e recicladores são categorias distintas. Um sistema organizado não pode admitir que pessoas sobrevivam catando lixo, pessoas (homens, mulheres, crianças) "reconhecidos" como *catadores*, relegados à exclusão e ao abandono. Tanto quanto é um escárnio admitir *moradores de rua* (e designá-los por outros nomes nada muda).

responsabilidade, o idealismo (ético), sob pena de ficar só no plano abstrato, precisa ser temperado pelo pragmatismo, pela natureza dos resultados.

Para lidar com (e minimamente compreender) uma realidade múltipla e complexa, é indispensável contar com múltiplas abordagens, mesmo com abordagens tradicionalmente consideradas como incompatíveis (como, por exemplo, aproveitar contribuições tanto de Lênin como de Max Weber, tanto quanto rejeitar formulações de um e de outro). O desafio será sempre o de atar numa *práxis*³⁷⁸ coerente diferentes matrizes de pensamento, a partir da realidade presente (e seus cenários) em função de objetivos legítimos.

É difícil imaginar o individualismo e o corporativismo acadêmicos respondendo à altura a esse desafio, cada qual ansiando para ser mais brilhante e mais notado do que os outros. O que vale também para o mundo político vulgar. Só uma *práxis* coletiva pode aproximar-se de resultados efetivos. Ciência e ideologia estarão continuamente mescladas. Sem uma dinâmica partidária autêntica, sem o diálogo e o debate focados na prática concreta das lutas sociais, coletivamente – e estrategicamente – enfrentadas, fica impossível verdadeiramente avançar. Esse é um aspecto decisivo na construção de novos caminhos³⁷⁹.

378 Compreendendo *práxis* como uma interação contínua entre teoria e prática, um aperfeiçoamento dialético contínuo.

379 Alguém, com ou sem razão, poderá dizer que aqui se indica uma proposta voluntarista. Não é isso. Ocorre que talvez precisemos inventar um novo e competente ativismo democrático. E, claro, poderemos dar a tudo outros nomes. Na verdade, a aparente bricolagem teórica precisa estar a serviço de novas abordagens, criativas e adequadas à complexidade multifacética do real. Nenhuma matriz epistemológica tem valor fixo. Nesse ponto, Lênin estava fundamentalmente equivocado – e Popper mais próximo de algo válido.

ECOLOGIA, A COMPLEXIDADE SUSTENTÁVEL

Nos capítulos sobre ambientalismo e abordagens sistêmicas falamos de ecologia e da abordagem das múltiplas ecologias. Ecologia é o equilíbrio dinâmico entre os incontáveis elementos da realidade complexa da natureza viva. Distinguimos dimensões internas à condição vital. Nós, humanos, integramos a teia da vida e compartilhamos das estruturas básicas dessa tecitura. Portamos nossa própria complexidade, que exige múltiplos equilíbrios dinâmicos: o corpo – e seus vários componentes sistêmicos internos, o complexo das emoções e da inteligência – a partir de um cérebro cuja complexidade ainda apresenta para nós inúmeros enigmas, a complexidade das relações sociais, a complexidade de nossas relações com o mundo físico, do metabolismo alimentar à poluição em larga escala.

Não há como simplificar – e, sem simplificações exploratórias não conseguimos entender nada. Simplificar é apenas tentar tornar menos complexo algum recorte da realidade. Algumas dessas simplificações são úteis, geram alguma capacidade de agir. Outras nos impõem um aprendizado, pelo erro.

A história do pensamento humano se inicia com simplificações práticas, que recebem explicações (sempre queremos ter explicações) que ora se confirmam e ora se revelam fantasiosas. Evoluímos até pensar sobre o pensamento (o que ganhou denominações várias: teoria do conhecimento, epistemologia, gnoseologia). Encontramos sistematizações heurísticas (algumas se tornaram teorias e, às vezes, dogmas): idealismos, organicismos, cartesianismos, mecanicismos, experimentalismos, estruturalismos, etc., até chegarmos às teorias da complexidade, do caos, dos sistemas. Esse pensar sobre o pensamento se deu entrelaçado com o desenvolvimento das

técnicas e interativo com as modificações na vida humana e das formas de interpretá-las. Tudo isso formando um imenso complexo, o mundo humano em ininterruptas transformações.

Uma das grandes simplificações heurísticas (regras práticas, sem comprovação científica, eventualmente úteis, hipóteses preliminares em ação nos problemas da vida prática) é identificar três macrodimensões que englobam as práticas exercidas na vida social: economia, política, cultura, multiplicadas pelas configurações distintas e pelas temporalidades (*entre o passado e o futuro*³⁸⁰). Macrodimensões que se fragmentam em incontáveis microdimensões, interagindo todas no processo social. Todos esses processos foram interpretados pelas diversas escolas epistemológicas, com maior ou menor sucesso, enquanto correntes filosóficas, teorias científicas e *ideologias em luta*³⁸¹.

"A vida foi rodando, nas patas do meu cavalo... as visões se clareando..."³⁸². A história humana seguiu o seu curso. Chegamos ao mundo de hoje, contabilizando grandes feitos e gigantescas tragédias. Grandes paradoxos e perplexidades. Com o altíssimo risco de grandes catástrofes. Com algo de podre além do *reino da Dinamarca* shakespeariano.

Descobrimos que somos e vivemos dentro (e envoltos) em sistemas de sistemas. Sistemas ecológicos são complexos, dinâmicos, tensionados, abertos, em equilíbrios relativamente (ou provisoriamente) sustentáveis. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A insustentável leveza do ser*³⁸³. Precisamos trazer essa compreensão para o tratamento das multidimensões da nossa realidade. Algo disso já

380 Hannah Arendt, **Entre o Passado e o Futuro**, Ed. Perspectiva, 2011.

381 Montoro, André Franco - **Ideologias em Luta**, Ed Cbag, 1966.

382 Geraldo Vandré, **Disparada**.

383 Marshall Berman, **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**, Cia. das Letras, 2007. Milan Kundera, **A Insustentável Leveza do Ser**, Nova Fronteira, 1987.

tem sido tentado e realizado. A questão é que, diante da imperiosa necessidade de fazer algo diferente, muito mais efetivo do que tem sido feito, o debate e a busca precisam colocar-se num patamar mais próximo de como as coisas realmente são. As simplificações que usamos até aqui têm se revelado dramaticamente ineficientes.

Desse percurso emerge a necessidade premente, importante e urgente, de colocarmos em nossa pauta de prioridades vitais as questões ecológicas. Não apenas por conta dos riscos gravíssimos do aquecimento global, não apenas pela destruição causada pelas atividades poluidoras, mas porque a vida humana, individual e coletivamente, tende a encontrar aí o seu verdadeiro caminho. É a última palavra em termos de metodologia científica, as suas raízes, contudo, vêm desde Aristóteles: para tudo, *a justa medida*. Justiça é equilíbrio. Precisamos reajustar o sistema onde vivemos, ou ele desmonta – com graves consequências para todos nós.

REFORMISMO CONCEITUAL E ESTRATÉGICO

Estamos num tempo em que as utopias ajudam muito pouco, se é que ajudam. Ter objetivos de longo prazo não significa orientar-se por utopias. Objetivos de longo prazo implicam em metas imediatas, em gerenciamento do percurso, um processo de construção de alguma coisa realizável, num horizonte previsível. Há uma diferença substantiva entre o sonho realizável e o sonho utópico, irrealizável (próprio dos românticos, mobilizar-se por fantasias). Uma sociedade justa, equilibrada, solidária, promotora de qualidade de vida, não é um sonho utópico, é o projeto de uma construção política.

Não há como começar senão do ponto onde estamos, por isso o nosso projeto não pode deixar de ser o de reformas estruturais,

no contexto de um grande projeto de reforma social, orientada por macro-objetivos e diretrizes claras. Os mitos acoplados a uma visão sobrenatural de *leis históricas*, que iriam resultar na vitória do proletariado contra a burguesia, não se sustentam. Os conflitos de classe não têm esse conteúdo metafísico.

Não mais acreditamos em destino (inscrito nas estrelas ou determinado pelos deuses), não mais acreditamos numa história tutelada pela providência divina (há um tal de livre arbítrio que nos faz, até certo ponto, responsáveis pelas consequências de nossos atos). Não temos mais razões para acreditar em *leis da história* (uma projeção fantasiosa, mítica, irrealizável). O que temos são problemas concretos que exigem soluções factíveis, a partir de diagnósticos razoáveis. Nunca sabemos quais são exatamente os nossos limites, por isso precisamos ousar expandi-los. A ousadia é indispensável. Mas temos limites, muito aquém do infinito. Também aqui é preciso ponderar, equilibrar (utilizando uma terminologia de Gramsci) o *otimismo da vontade com o pessimismo da razão*.

Por outro lado, nos descobrimos em contextos sistêmicos complexos que, a depender do momento, reagem de modo diferenciado às nossas ações. Não basta a intenção, é preciso acompanhar as repercussões na configuração sistêmica e seus (mais do que prováveis) efeitos imprevistos. Em determinadas circunstâncias, pequenas ações, com a melhor das intenções, podem gerar catástrofes. Mudanças sistêmicas são difíceis (o sistema todo resiste) e são arriscadas (quando menos se espera, tudo pode desabar). É indispensável um monitoramento sistêmico, ecológico.

No mundo social de hoje, lidamos com algo parecido com o desmonte de minas explosivas, se não for feito com muito cuidado e competência, explode. Os levantes populares podem ser uma das formas da bomba explodir. Os golpes militares também. Idem os boicotes externos. Quando se interfere num componente estrutural de um sistema tudo reage: inúmeros componentes da economia, da

política e da cultura. Numa realidade sistêmica, mudanças abruptas podem ocorrer, mas, em geral, com efeitos imprevisíveis. Não é por acaso que todas as tiranias e todos os impérios desabam. Quando se pensa que se tem o controle de tudo vêm grandes surpresas. Excetuando a Revolução Francesa (de 1789) e a Revolução Russa (de 1917), o mundo não desaba em cima das *classes dominantes*, mas em cima mesmo dos já oprimidos. E mesmo nestes dois casos também, num prazo mais alargado, a casa caiu em cima dos que estavam na base da pirâmide.

O reformismo estratégico tem pelo menos dois grandes adversários: o revolucionarismo esquerdista e o conservadorismo apático. O revolucionarismo quer fazer rápido, abruptamente, o que exige longo prazo, passo a passo, observação cuidadosa, prudência política. O conservadorismo apático não quer fazer nada, a não ser manter privilégios, por perversidade ou por medo. Um peca por excesso, outro por falta (uma contraposição tipicamente aristotélica). A alternativa a essa dicotomia é o caminho da ação ousada e factível, unindo prudência com firmeza de propósitos. É um desafio contínuo. Dominá-lo faz a diferença na capacidade de construir.

O poder é inerente à condição humana, faz parte do ser vivo. Poder é uma expressão e um exercício da energia de que somos constituídos. Todos nós temos poder. Para que os nossos poderes não se conflitem, na busca da realização das nossas necessidades, precisamos do diálogo, do compartilhamento, do equilíbrio nas dinâmicas sociais. Rios de tinta já se escreveram sobre isso, de Rousseau, Hobbes e muitos outros, passando pelas técnicas de resolução de conflitos, pela não-violência e chegando à compreensão sistêmica evolutiva.

Quando Aristóteles disse que o homem é um animal político, podemos perceber aí pelo menos cinco dimensões: (1) somos animais, com tudo que isso possa implicar; (2) somos sociais, vivemos em grupos e o nosso ambiente natural é a *pólis*, a cidade, a comunidade

de iguais, a cidadania (o que, sabe-se, para Aristóteles, não incluía as mulheres, os escravos, os estrangeiros); (3) o veículo do entendimento político (*de pólis*) é a linguagem (não-violenta), o debate, o diálogo – e a decisão coletiva, o que não exclui a possibilidade do erro; (4) as relações humanas contêm uma dimensão de poder, de hierarquia, de autoridade, de organização política (da pólis), a *pólis* nunca é ausência de poder, anarquia ou não-poder; e (5) operamos numa zona de deliberações opcionais (um espaço de liberdade).

Só vivemos em comunidade. Sem o grupo social não aprendemos nem a falar nem a andar, nem a vestir, nem a comer, nem a conviver. Somos seres sociais – e isso implica em alguma forma de organização social – sempre. O modo como as sociedades se organizam hoje é a resultante de milhares de anos de ramificações e interações na evolução sociocultural.

A evolução cultural se inicia num contexto o mais primitivo, se dá aos trancos e barrancos, num lento e contraditório aprendizado. Mas nossa capacidade de compreender também evolui, a partir das dificuldades e contradições da vida, material, biológica e social. É a partir da elevação (da complexificação) desse patamar de entendimento que podemos desenvolver a reflexão crítica e imaginar novas formas de fazer e de viver. Assim, aqui estamos nós, diante de nossos desafios – num mundo ainda para nós pleno de mistérios. Mas, se é que aprendemos alguma coisa, precisamos nos empenhar em sair das trágicas armadilhas que, ao lado de belos feitos, herdamos de nossos antepassados. O modo de vida humano se pode aperfeiçoar.

Ocorre que a compreensão mítica já não ajuda muito, mesmo quando se apresenta sofisticada pela metafísica (a dialética hegeliana do Espírito, por exemplo), uma forma de tatear no escuro supondo sabedoria.

Sobreviver exige coragem e, também, prudência. Num mundo extremamente complexo (e perigoso), agir sem prudência, é suicídio. Estas e outras considerações de fundo não podem deixar de estar presentes na prática política de nosso tempo. Por outro lado, não tem o menor sentido acreditar em líderes carismáticos, portadores de pretensas genialidades. Isso não existe, não passa de uma sobrevivência mítica – fantasias projetivas. O fenômeno social da liderança é outra coisa, muito mais modesto. Quando autêntico incorpora a autonomia relativa e a criatividade de todos.

O caminho para elevar a qualidade de nossas práticas políticas – e os seus resultados – necessariamente passa pela construção de instituições densamente participativas, organizadoras de ações múltiplas e estrategicamente orientadas para resultados efetivos – num mundo complexo e, muitas vezes, pouco previsível. Exige muita coragem, ousadia e prudência.

Não há caminho melhor, para transformações sociais efetivas e consistentes, do que alterações estrategicamente orientadas, passo a passo, como descritas nas citações de Mészáros³⁸⁴. Poderíamos chamar isso de *reformismo revolucionário*, preferimos a expressão de *reformismo estratégico*. O nome pode ser uma questão de marketing político, o que importa mesmo é a clareza conceitual do caminho que precisamos trilhar.

Democracia, dignidade humana e política poderiam ser sinônimos, deveriam. As vicissitudes históricas deformaram esta possibilidade. Democratizar (as instituições políticas, a economia e a cultura) é o caminho para estabelecer o equilíbrio. Política sem ética é o caminho para aprofundar as desigualdades e garantir os mais espúrios privilégios.

Optar pelo reformismo estratégico, em absoluto, não significa coonestar com os privilégios e as injustiças, os desequilíbrios. Pelo contrário, significa exatamente optar por métodos que efetivamente promovam transformações substantivas.

O pensamento dicotômico, ortodoxo (hidráulico, mecânico), dirá que ou fazemos a revolução (*demolir e incendiar* os privilégios) ou estaremos rendidos à gestão do sistema capitalista (sempre explorador, opressivo e alienante). Ou tudo ou nada. O capitalismo é irreformável, dizem. Mas isso não passa de um bloqueio cognitivo. Não tem correspondência com a realidade. Toda a história do capitalismo é a história de suas contínuas transformações, algumas que o fortaleceram, outras, de origem política, que lhe estabeleceram limites. Depende da organização política dos atores sociais estabelecer estes limites – dentro de uma perspectiva de desconstruir privilégios injustos, sem inviabilizar a eficiência dos processos produtivos, alcançar os melhores níveis de qualidade de vida para a condição humana, por princípio, para todos.

A luta política precisa ser conduzida com racionalidade e motivada pelas melhores emoções. Precisa de diagnósticos adequados (*a análise concreta da situação concreta*), métodos compatíveis com a nobreza dos fins, metas ousadas e factíveis. Se efetivamente seguirmos por essa linha, num dado ponto, o mundo social será outro, muito melhor – e sustentável.

Para que isso não seja apenas mais uma utopia, precisamos de ações políticas estrategicamente orientadas: ideias-força, princípios, debate público, mobilização social (o que resumimos no tríptico ética, trabalho e luta), com entusiasmo e firmeza, os pés no chão e a cabeça no lugar. As experiências de Marx e Lênin serão úteis para *insights* importantes. As de Abraham Lincoln e Roosevelt também. Ousadia e prudência, reformismo estratégico.

COMPREENDER O ESTADO E SUAS FUNÇÕES

O Estado é imprescindível à vida social. Não há vida social moderna sem ordenamento jurídico, ainda que haja quem goste de viver de ilusões e de quem goste de viver sem regras. Liberdade sem limites promove opressão sem limites. Ao convívio humano não interessa a liberdade das feras. É indispensável, para o nosso crescimento como pessoas, o convívio tolerante, flexível, limitado pelo respeito mútuo. O lema criado pelo *positivismo* de Auguste Comte tem uma consistência que precisa ser levada a sério: *amor, ordem e progresso*³⁸⁵. Por que essa indicação deve ser desprezada? Quem precisa de rejeitá-la e por quê?

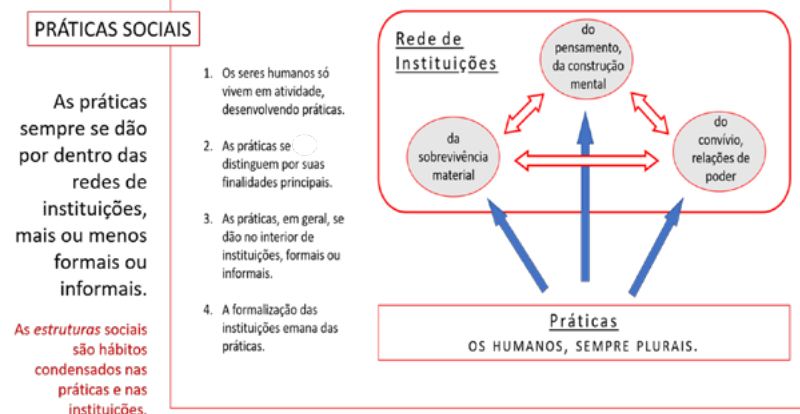
Não vamos tentar aqui um tratado sobre o Estado. Mas é um tema a ser pesquisado, histórica e sociologicamente. Os Estados, em cada formação histórico-social, apresentam sempre especificidades marcantes, em cada momento e em cada lugar. A evolução da dimensão política se dá simultaneamente (e em direta interação com) as outras macrodimensões sociais: a economia e a cultura. Não haverá nenhum Estado a extinguir, o desafio é o de reestruturar, democratizar, em sintonia com a democratização da vida social³⁸⁶.

Os seres humanos evoluem a partir de suas práticas:

385 Os conservadores clericais, leninistas e outros ortodoxos, não só no Brasil, se colocaram lado a lado na tarefa de criar do *positivismo* e de Comte uma grotesca imagem caricatural. Um texto de Evans-Pritchard resgata as ideias de Comte para um patamar de análise sério e consistente. Cf. E.E. Evans-Pritchard, **História do Pensamento Antropológico**, Edições 70, Lisboa, 1989, Cap. VI, págs. 81 a 101.

386 Os anarquistas queriam destruir o Estado. Marx imaginou o seu *fenecimento*, gradativo. Os marxistas russos, pelo contrário, o levaram a um grau de paroxismo (como indicou Hannah Arendt). É equivocada a contraposição Estado *versus* Sociedade (ainda que isso possa ocorrer circunstancialmente), o Estado expressa a sociedade, em grau relativo, mas com vínculos substantivos. A forma do Estado reflete, de modo variado, o nível das tensões sociais, ou melhor, o nível dos conflitos entre os atores sociais organizados.

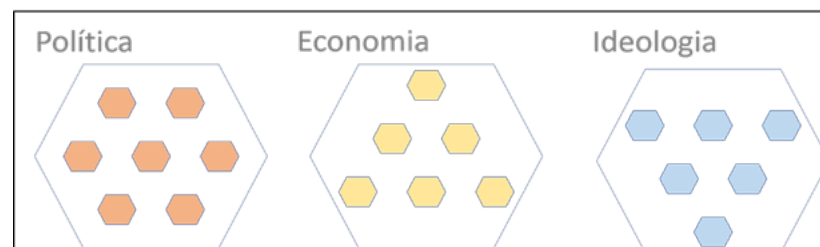
Diagrama 09: as práticas sociais



Quando, aparentemente vantajosas, estas práticas se repetem, se transformam em hábitos e, na sequência, quando é o caso, em instituições. O foco principal das práticas as distingue: (1) práticas econômicas (a sobrevivência material), (2) práticas políticas (o modo de organizar as relações de poder), (3) práticas culturais (as relações de compreensão, comunicação, interpretação, memória e aprendizado, as *formas de consciência social*). Todas são complexas e se interconectam continuamente. Todas elas implicam em modalidades de convívio, que comportam afetos, aproximações e conflitos. Não vamos supor que isso é tudo, mas é o básico. A *grosso modo*, o que acontece é isso, ou decorre disso. Por outro ângulo, quem executa as práticas é um ser biológico. Podemos então localizar três níveis: (1) o biossocial (a dimensão social que é diretamente biológica), (2) o sociocultural (a dimensão social que é construída pelas práticas e se fixam nos hábitos, nos costumes, nas leis, nas instituições) e, podemos insistir, (3) a dimensão individual (que, duplamente, advém do biológico e do cultural, comporta um espaço de elaboração e reação próprio a cada indivíduo.

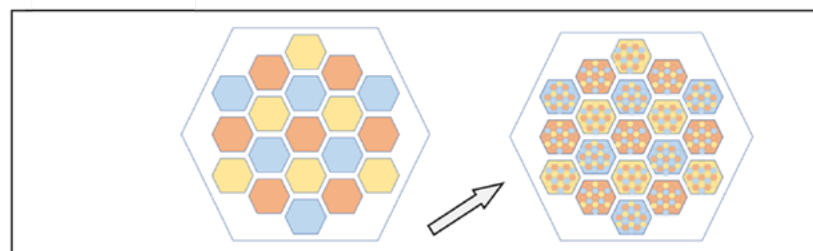
O que reforça a complexidade desse sistema dinâmico é a sua interpenetrabilidade. Se tivermos as três dimensões (ou *instâncias*):

DIAGRAMA 10: as instâncias da vida social



A junção delas formará um conjunto complexo, dinâmico e interativo: cada instância estará contida nos detalhes de cada uma das outras instâncias (num entrelaçamento que talvez deva ser incluído no campo dos fenômenos fractais, onde cada parte contém o padrão do todo).

DIAGRAMA 11: as instâncias entrelaçadas e fractalizadas



Por esse roteiro, saímos do biológico e chegamos ao social complexo do nosso mundo. Lembremos de Morin: *a política não é tudo, mas há uma dimensão política em tudo*³⁸⁷. Vamos encontrar uma dimensão ou um aspecto político em praticamente qualquer recorte social. E (a partir das reflexões de Gramsci em seu contexto de tormentas) emerge uma indicação esclarecedora: o Estado é a totalidade do *sistema de controle social*, a partir do qual se exercem

a coerção e a persuasão, melhor dizendo, a coerção e a hegemonia³⁸⁸. Nisso está implicado que o caráter do Estado não é fixo, é a expressão do nível dos conflitos que se dão no corpo da sociedade, a luta dos atores organizados, os conflitos (objetivos e subjetivos³⁸⁹) que se dão e perpassam por todas as instâncias da sociedade civil (da família ao governo central, passando pelas associações de bairro, pelos sindicatos, pelas administrações municipais, etc.): *nem tudo é política, mas há uma dimensão política em tudo*. Essa abrangência da luta democrática.

O Estado será mais ou menos restritivo, seletivo, democrático ou opressor, a depender do nível de organização, de ação e de efetividade da sociedade civil. Por isso também precisamos tratar a sociedade como um sistema (constituído de subsistemas). Se um setor dominar os demais, passa a ser imprescindível o uso da força para manter o sistema, cuja estabilidade, assim, fica mais tensionada – e as pessoas, dentro desse desequilíbrio, mais sofridas. Onde poderia haver ajustes, se houver desequilíbrio, prevalecerá a violência³⁹⁰.

Endeusar o Estado é pura distorção ideológica, nega qualquer racionalidade³⁹¹. Por outro lado, é miopia ver o Estado apenas como um instrumento da *classe dominante*. Antes de qualquer outra coisa, o Estado é o gestor social, ainda que isso (historicamente) se

388 Nicos Poulantzas (**O Estado, o Poder, o Socialismo**) também indica nessa direção. Outros interpretam estes autores de outro modo. Não é o caso, aqui, de averiguar essa genealogia ou essa hermenêutica. Não estamos buscando fidelidade a um autor, assumimos a interpretação que nos parece mais consistente com a vida real.

389 Em algum momento será possível identificar, na base da práxis, uma dialética complexa, uma tensão interativa entre ideias, interesses e práticas.

390 A violência é a antipolítica, na visão de Hannah Arendt (**Sobre a Violência**, Ed. Relume-Dumará, 1994): a política, afirma, é comunicação, debate público, cidadania ativa. O conceito de Arendt, contudo, é problemático. A política (de *pólis*, cidade) implica também relações de poder, marcadas por barbárie ou por civilidade.

391 Apesar de Hegel ter visto no Estado o ápice da racionalidade histórico-metafísica.

inicie colado à montagem de privilégios³⁹². Historicamente o Estado e as leis expressam o nível dos conflitos sociais, se quiserem, o nível das lutas de classes. O tipo de conflito predominante tende a configurar o tipo do órgão social gestor, o Estado.

Nas sociedades modernas, faz valer os seus interesses quem se organiza de forma competente e age politicamente. Essa é a lei (histórica, sociológica e antropológica). Quem não faz isso precisa aprender a fazer. Não para impor o seu interesse, mas para negociar, dialogar, construir junto, conquistar espaços, conviver de forma equilibrada. Não é uma luta para excluir, é uma luta para equilibrar a balança da justiça social. Assim desconstrói-se o uso da violência – e o sistema ganha mais estabilidade. A ânsia por domínio acontece, mas é uma falácia pensá-la como a essência da constituição humana³⁹³. Com os ajustes necessários, a convivência é possível.

Por tudo isso, para democratizar o Estado é necessário desenvolver providências em todos os níveis da vida social, da *macropolítica*³⁹⁴ (o Estado, os grandes temas,) à *micropolítica*³⁹⁵ (relações pessoais, familiares, comunitárias), sem esquecer as decisivas

392 Engels nos diz que: “Gradativamente, as forças produtivas se intensificam, a população mais densa produz ora interesses comuns, ora interesses conflitantes entre os sistemas comunitários individuais, cujo agrupamento em totalidades maiores leva a uma nova divisão do trabalho: a criação de órgãos para salvaguarda dos interesses comuns e rejeição dos interesses conflitantes. Esses órgãos que, como representantes dos interesses comuns de todo o grupo, já assumem uma posição especial [...] logo ganham ainda mais autonomia [...] O que importa aqui é constatar que, na base da dominação política, houve, em toda parte, uma atividade social oficial; e que a dominação política só teve existência duradoura quando cumpriu essa sua atividade social oficial”. (Friedrich Engels, **Anti-Dühring**, Ed. Boitempo, 2015, pág. 208). Dessa passagem de Engels, se pode deduzir que, a classe dominante (o campo do poder, a elite dirigente) exerce (e se legitima por) uma função social. Os privilégios, na origem, como que remuneram a prestação de um serviço público.

393 Suu Kyi nos diz que “Não é o poder que corrompe, é o medo” (**Viver Sem Medo**, Ed. Campus, 1992, pág. 145). A insegurança psíquica é a base da ânsia pelo domínio. Bertrand Russell (criticando Nietzsche) também já nos dizia que uma pessoa segura de si não sente a necessidade de dominar: “os que não temem os seus vizinhos não veem a necessidade de tiranizá-los” (**História da Filosofia Ocidental**. Livro IV, pág. 316).

394 Temas de Aristóteles, John Locke, Karl Marx, etc.

395 Abordagens de Michel Foucault, Félix Guattari, etc.

instâncias intermediárias no contexto da sociedade civil³⁹⁶. De modo mais amplo, é lógico reconhecer a *importância decisiva* de democratizar as estruturas jurídico-políticas do Estado, aí considerando o Parlamento, Executivo e Judiciário. Isso, por seu turno, só ganha sentido afastado de qualquer pretensão ditatorial e de veleidades hegemônicas corporativas³⁹⁷. Sem achar que isso resolve tudo, poderemos ter: socialismo (democrático) ou barbárie, democracia ou inferno social. Mas democracia, sem cidadania ativa, sem ação construtiva, sem correção firme das desigualdades, estiola-se e se perde.

Tentar compreender a realidade melhor direciona a ação, mas é preciso ver a dinâmica do sistema. A apatia e a inércia das maiorias são características do sistema hoje hegemônico. As grandes mobilizações, as grandes lutas, são quase que raras. Os parlamentos, quase que em todo canto, expressam essa apatia cúmplice, estimulada pelas estratégias (pelo *pão e circo*, pelo hedonismo, pelo consumismo alienante, pela *cultura fast food*, etc.) das elites dominantes. O antídoto a essa miséria moral, a essa *mutação espiritual*³⁹⁸, a essa *pobreza política*³⁹⁹, precisa ir no sentido de despertar a cidadania ativa e participante. Sem educar (na luta) para a cidadania, nada vai

396 Lênin, em certo momento, afirmou que “o problema do Estado é um dos problemas mais complicados, mais difíceis e, talvez, o mais embaralhado pelos homens de ciência, escritores e filósofos burgueses” (*Acerca del Estado*, Editorial Progreso, Moscou, 1980, pág. 3 - traduzido da edição russa em espanhol). A interpretação de Lênin, contudo, se revelou insustentável, as transformações do Estado russo que resultaram da *revolução de outubro* foram no sentido oposto do propagado por Lênin (que preconizava o enfraquecimento do Estado). Sobre o tema, entre outros, importante ver Lawrence Krader (*A Formação do Estado*), Luciano Gruppi (*Tudo Começou com Maquiavel e o Conceito de Hegemonia em Gramsci*) e Nicos Poulantzas (*O Estado, o Poder, o Socialismo*). Além disso, é indispensável levar em conta as intermediações grupais (Kurt Lewin e outros). Criticando Lênin, voltamos a ele: nada pode escapar à *análise concreta da situação concreta* (do *nominalismo* a uma dialética sistêmica).

397 Do que já podemos deduzir a conveniência dos sistemas proporcionais em todos os conselhos, em qualquer nível. Hegemonia legítima é respeito à divergência e convivência com racionalidade e respeito. Mas, Popper tem razão nesse ponto, na democracia, não se pode permitir a ação que visa destruí-la.

398 Roger Garaudy, **Karl Marx**, Zahar, 1967, pág. 178.

399 Pedro Demo, **Pobreza Política**, Ed. Cortez, 1988.

mudar. Lutar apenas por interesses corporativos é um desperdício de energia e uma falência moral. Em resumo:

1. Na dimensão ideológico/cultural, os objetivos de longo prazo, a vir em conquistas gradativas, pensamos hoje, deverão realizar uma sociedade pluralista e tão igualitária quanto possível, absolutamente distante das desigualdades aberrantes de nossos dias.
2. Na dimensão política, uma realização complexa de estabilidade flexível, onde gestão e participação se combinam de forma eficiente.
3. Na dimensão econômica a propriedade terá sido absorvida pelas funções sociais que lhes forem reconhecidas, caso a caso, e a alta tecnologia reduzirá a um mínimo a jornada de trabalho (mas exigirá maior preparação). A alocação dos excedentes econômicos se fará por critérios acentuadamente distintos dos de hoje. As pessoas todas reconhecidas como de uma só humanidade. A alternativa será o cenário *Elysium*⁴⁰⁰: os ricos privilegiados numa estação espacial (do qual já temos expressivas antecipações nos condomínios fortificados) - e os pobres no inferno da Terra.

Para construir e viver em um mundo melhor precisaremos antes de etapas e métodos. Em múltiplas interações (entre os segmentos do mundo mais desenvolvido e os segmentos menos desenvolvidos) teremos a matriz social-democrata (reconstruída) – uma ou várias – por onde se darão os processos de transformações estruturais possíveis, no ritmo adequado a cada momento e a cada lugar – para que as transformações se façam sincronicamente a uma elevação da qualidade de vida das pessoas vivas e das que vão chegar nas próximas gerações. Não chamamos isso de utopia, chamamos de projeto: o projeto social-democrata, a um tempo liberal e socialista.

Na aplicação prática na realidade multifacética, os valores e diretrizes decorrerão do respeito criterioso à dignidade humana, no contexto dos equilíbrios ecológicos da vida. A aplicação disso, é imprescindível, terá que nascer, sem a ilusão de atalhos oportunistas, da análise *concreta da situação concreta*, caso a caso.

O Estado, a partir de sua *configuração expressiva da dinâmica do corpo social*, desenvolverá políticas públicas, em particular nas áreas críticas: (1) desenvolvimento (sustentável e catalisador), (2) combate às desigualdades, (3) desconstrução da violência, (4) educação e cultura, (5) saúde. Todas estas políticas marcadas (1) pela democratização, (2) pelas diretrizes ecológicas e (3) pelas metas de reformas estratégicas, rumo a uma sociedade mais justa e mais humana. Cada uma dessas áreas se desdobrará conforme o nível da avaliação e o nível de efetividade da mobilização social contra ou a favor de cada meta específica. As demandas sociais serão sempre múltiplas. Uma concertação social menos imperfeita terá que ser construída num contexto de pluralidades, numa dinâmica experimental de ajustes contínuos.

Contesta-se muito hoje a impossibilidade de os Estados disporem de autonomia para contrabalançar o poder das megacorporações e do capital financeiro. De fato, a situação hoje não é mais a de cem anos atrás. Não obstante, os Estados, ao menos dos países de maior densidade econômica, dispõem – ou podem dispor – de um expressivo poder regulatório, de indução e de negociação e mesmo de controle. O problema é a cooptação pelos mecanismos de *lobby* e corrupção, por dentro da subserviência ideológica e da cultura da dependência. Democratizar o Estado também significa fazê-lo expressão da dinâmica social autóctone, por mais flexível e interativo que precise ser em relação à economia relativamente globalizada.

Burocratização e corrupção são duas sérias deformações a serem duramente combatidas. Nenhum país se tornará próspero, justo e democrático se permitir que se desenvolvam esses tipos de enfermidade moral. O tempo dos *barões ladrões* precisa ficar para trás.

Não existirá Estado democrático sem uma sociedade civil forte, ativa e organizada⁴⁰¹. Não existirá sociedade justa sem um Estado democrático, desburocratizado e eficiente, o desafio da justa medida das coisas⁴⁰².

Uma democracia efetiva se exercerá, de alto a baixo, no corpo da sociedade, sem agonias, *sem ódio e sem medo*⁴⁰³, com crescente capacidade de resolver conflitos de forma negociada e participativa, respeitando os interesses legítimos. O Estado democrático será a expressão de uma sociedade democrática, a meta mais substantiva da cidadania ativa e organizada pela ação política de uma social-democracia autêntica⁴⁰⁴.

RECRIAR OS INSTRUMENTOS DE AÇÃO

Que fazer? perguntava Lênin em 1902, diante do mundo fechado e feroz da Rússia czarista. Que fazer? perguntamos nós, diante de um mundo regido por uma ordem neontizada, brilhante com as luzes de LED da alta tecnologia, mas injusta e inacabada, condenando à pobreza, angústia e exclusão grandes segmentos das populações, preenchendo a visão do futuro com nuvens carregadas

401 Cf. Luciano Gruppi, **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**, Ed. Graal, 1980; e **Gramsci e o Estado**, Christinne Buci-Glucksmann. Paz e Terra, 1980.

402 Três aspectos a analisar mais a fundo: (1) a profissionalização das *carreiras de Estado* (e suas adequadas remunerações); (2) a pauta das prioridades de efeito catalisador; e (3) as metodologias de gestão participativa organizada pelo escopo das decisões, onde não cabem restrições à adequada combinação de participações diretas e por delegação representativa. As ilusões do *democratismo* não vão ajudar, não se pode viver em assembleias permanentes. O critério da efetividade deve ser levado seriamente em conta.

403 Expressão atribuída a Proudhon, utilizada como slogan de campanha por Marcos Freire (década de 70).

404 Esse termo, autêntica, traz à lembrança a decisiva atuação dos *autênticos do MDB* na derrocada da ditadura (64-85) no Brasil. Uma social-democracia autêntica poderá, precisará, se não lhes seguir os passos, tê-los como referências vivas. A historiografia predominante no atual estágio de alienação globalizante (criminosamente) ignora o papel dos *autênticos do MDB* na redemocratização do Brasil.

de tempestades. Que fazer? Nossos caminhos não serão os mesmos de Lênin e seus bolcheviques. Muitas daquelas proposições hoje não fazem o menor sentido. Mas a pergunta persiste. E já passa de muito o tempo de mudarmos de rota.

É propaganda enganosa dizer que os partidos políticos estão historicamente superados. É fundamental ter uma forte e eficiente entidade organizadora, do estudo, do debate, do diagnóstico, da proposição, da militância, da cidadania ativa. Melhor talvez colocar tudo isso no plural.

Ocorreu o fracasso (não de alguns, mas) de vários partidos. Ocorre também que praticamente todos eles se deslegitimaram pelo abandono dos valores e objetivos que os fundaram. Não souberam fazer as adaptações que as mudanças socioeconômicas e culturais requeriam. Talvez mesmo se possa dizer que fracassaram porque se deixaram tomar por visões políticas ou utópicas ou medíocres. É preciso ir além do plano das *utopias*, precisamos de realismo e competência – para transformar isso que está aí.

As pessoas precisam não só sobreviver, mas viabilizar a qualidade de vida possível – o problema é que, para milhões de pessoas, estamos longe disso. Estes milhões de pessoas – que aqui temos chamado de *oceanos de pobreza* – vivem muito abaixo da qualidade de vida que poderiam ter se tivéssemos um sistema menos indiferente ao destino humano. Romanticamente, passou-se a designar objetivos imaginários de *utopias*. E deixou-se de fazer o diagnóstico e a autocrítica necessários para encontrar rumos efetivamente transformadores⁴⁰⁵.

405 Marx, desde o Manifesto de 1848, se insurgia contra a impotência das utopias – conquanto ele mesmo tenha enveredado por uma senda metafísica e utópica – embora não tenha ficado restrito a isso – deixou contribuições importantes. Pelo que se vê, não há uma dialética, nem cósmica nem espiritual, indicando o caminho da história. Há a formulação de Engels: “A *História* não faz nada, ‘não possui nenhuma riqueza imensa’, ‘não luta nenhum tipo de luta!’ Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o *homem*, o homem real, que vive; não é, por certo, a ‘História’, que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins [...], pois a História *não é senão* a atividade do homem que persegue seus objetivos”. Poderíamos acrescentar, se não for redundante, os homens e as mulheres, no plural, estes é que constroem o futuro, a partir do que têm a cada momento histórico. A citação de Engels é de **A Sagrada Família**, Ed. Boitempo, 2011, pág. 111.

*Caminhando e cantando e seguindo a canção / Somos todos iguais braços dados ou não / Os amores na mente, as flores no chão / A certeza na frente, a história na mão / Caminhando e cantando e seguindo a canção / Aprendendo e ensinando uma nova lição*⁴⁰⁶. Uma belíssima e importante emocionalização da luta, mas sem um diagnóstico adequado, uma adequada análise da conjuntura, sem a ação política organizada e firme, a partir de uma análise correta, utopia será só utopia, não muda a realidade.

Há contribuições que podemos tirar do mundo empresarial. Uma delas, a de que metas, precisam ser específicas, mensuráveis, desafiadoras, alcançáveis, transformadas em projetos, providências e resultados. Isso não casa com utopia. O conceito de construir para o longo prazo vem de antes do mundo empresarial, mas está no melhor planejamento nesse campo. Se as empresas podem fazê-lo, por que os empreendimentos sociais mais amplos não podem?⁴⁰⁷

Precisamos deixar para trás as formas de pensar e agir que nos bloqueiam (e as que nos levam para o buraco). Não pretendemos construir uma projeção do passado. Nada está escrito nas estrelas, não virá nenhum salvador da pátria e tampouco nenhuma *classe operária* vai mudar o mundo. As teorias precisam ser testadas na prática histórica. As narrativas e concepções e as práticas do passado produziram esse *admirável mundo novo*, no que ele tem de enriquecedor para a vida humana e, ao mesmo tempo, também esse mundo desigual e injusto que está aí precisando de consertos urgentes. A abordagem promissora para o nosso tempo é sistêmica e depende de ações humanas convergentes. Isso não pode ser pretexto para deixar tudo como aí está, pelo contrário.

406 Geraldo Vandré, **Pra Não Dizer Que Não Falei De Flores**.

407 Cf. Luiz Fernando da Silva Pinto, **Konosuke Matsushita, O Senhor do Tempo**, Ed. T.A. Queiroz, 1992; Peter Senge – **A Quinta Disciplina: arte e prática da organização que aprende**, Ed. Best Seller, 2006; Peter Schwartz, **A Arte Da Previsão: planejando o futuro em um mundo de incertezas**; Ed. Página Aberta, 1995.

Precisamos de uma força política que dê corpo e ação a ideias ousadas, factíveis, transformadoras. O papel de um partido político, em nosso tempo histórico, precisa ser o de organizar poder coletivo. Cumprir o papel de um catalisador de mudanças. Atrair, despertar, organizar, mobilizar, dialogar, pressionar, concertar, provocar e ... produzir mudanças sociais. Esse, certamente, não será o papel histórico para apenas um partido, podem ser vários, se souberem convergir esforços em busca de objetivos comuns. É imprescindível termos agentes conscientes, organizados, capazes de aglutinar recursos e energias para o objetivo projetado. Uma sociedade justa, produtiva, civilizada e humana, precisa ser construída a partir de projetos e ações humanas. Isso jamais acontecerá sem liderança.

Liderança em excesso sufoca; sem liderança nada se faz. Para tudo *a justa medida*. Líderes populistas, em algum momento específico, podem ser um mal necessário, mas nada de verdadeiramente sustentável se construirá a partir de práticas populistas. Uma sociedade próspera só se realizará a partir de cidadania ativa, estabilidade orgânica, plural e democrática. Acreditar em *salvadores da pátria* não passa de um índice de imenso atraso político.

Três detalhes, de grande importância:

1. Não tem qualquer cabimento a pretensão de *partido único*. Não queremos nenhuma ditadura. As metas e os métodos precisam ser democraticamente construídos, fazendo convergir as posições compatíveis para objetivos comuns.
2. Não tem qualquer cabimento a pretensão de *violência revolucionária*. Um partido verdadeiramente social-democrático, que se empenha em efetivas transformações, precisa colocar todas as suas fichas na democratização da vida social, na capacidade de diálogo – e na mobilização popular, firme, equilibrada, sem qualquer tipo de violência física ou assédio moral.

3. Assim, o PRÍNCIPE MODERNO de Gramsci, *mutatis mutandi*, talvez ainda tenha pertinência, sem estar autorizado a contornar o imperativo ético (ainda que não seja kantiano). E sua base orgânica deverá ser, não uma classe operária abstrata, mas raízes consistentes em todo o campo social em sua complexidade dinâmica.

Por outro lado, não se pode negar o direito de legítima defesa, nem a indivíduos nem a povos agredidos (externa ou internamente). Mesmo assim, toda luta armada é uma tragédia. Nossa aposta é crescer e vencer sem sofrer agressões extremas, que venham a justificar uso da violência defensiva. Depende deles, mas depende também de nós. As estratégias e as táticas corretas poderão nos livrar dos caminhos da desumanização da luta. Esta precisa ser a nossa aposta. Também por isso o foco na construção da hegemonia ideológica e cultural é estratégico. Aceitar a máxima de Clausewitz de que *a guerra é a continuação da política por outros meios* é nos colocarmos no reino da barbárie. *Se vis pacem para bellum* é o start para a corrida armamentista, que só pode terminar em tragédia. É indispensável todo o esforço possível para quebrar essa espiral diabólica. Tenha Luiz Gama dito ou não a frase a seguir, ela é verdadeira: *todo escravo que mata o seu senhor pratica um ato de legítima defesa*. É uma tentação destruir os instrumentos dos opressores e mesmo o próprio opressor⁴⁰⁸. Mas poucos levaram a termo essa justiça, a maioria dos que tentaram morreram antes. A violência na história, quase que invariavelmente, esteve do lado dos opressores.

408

Não obstante, Toussaint L'Ouverture, principal líder da *rebelião dos escravos* do Haiti (virada do século XVIII/XIX), antes de se engajar de vez no processo revolucionário, salvou a sua *propriedade*, encaminhando-a para um lugar seguro, quando da eclosão dos conflitos armados. (C.L.R. James, *Os Jacobinos Negros*, Boitempo, 2010, págs. 95-96).

A não-violência é um valor, a passividade não. Essa é uma tensão difícil de resolver⁴⁰⁹.

Liderança. É um conceito de risco. Em excesso, sufoca. Se falta, nada acontece. Seja a partir das características indicadas por Warren Bennis: (1) construir uma visão, (2) tornar essa visão conhecida e (3) confiável, (4) saber gerenciar-se, seja adaptando para o mundo contemporâneo as indicações de organizadores mais efetivos⁴¹⁰, o objetivo será *organizar poder coletivo*, isto é, a partir de métodos e metas legítimos e abrangentes incentivar cidadania organizada, catalisar mudanças e aprofundamentos democráticos, avanços civilizatórios.

Não seremos nós que iremos definir os objetivos das próximas gerações. Não serão os teóricos do passado que definirão os objetivos de hoje. Aproveitaremos suas contribuições como recursos úteis – quando for o caso – nunca como regras, muito menos como dogmas. Os projetos específicos, os planos de ação, vão depender

409 É preciso estudar as experiências de Gandhi, Suu Kyi e outros. Também Hannah Arendt nos diz que, contra governos ilegítimos, a luta organizada das *amplas massas* é capaz de derrotá-los. O conceito de poder em H. Arendt apresenta similaridade com o conceito de hegemonia em Gramsci: “É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país” (Hannah Arendt, **Sobre A Violência**, Ed. Relume-Dumará, 1994, pág. 34). Mas isso só é possível depois da conquista de amplos espaços políticos, a partir das fissuras do esquema no poder (nenhum sistema é totalmente fechado). Exige perspicácia, esforço, tempo, sacrifícios. H. Arendt também equipara a mentira com a violência (**Entre o Passado e o Futuro**, Ed. Perspectiva, 2011, pág. 284). Hoje, no meio de tantas *fake news* e falácias, à *direita* e à *esquerda*, o tema revela sua atualidade. O uso da violência é, para os oprimidos, levar a luta para o campo preferido pelos adversários, não costuma dar certo.

410 É uma ironia amarga que as formulações de Marx, que claramente desacreditavam o papel dos *grandes líderes*, os pretensos heróis *geniais*, que na verdade tão somente eram a expressão das dinâmicas socioeconômicas e políticas (fato, curiosamente reconhecido por Bismarck), tenham sido deformadas no espúrio conceito de *guia genial dos povos*, como a propaganda stalinista incensava a figura alienante do *chefe* da burocracia soviética, prática essa estendida a vários outros líderes, inclusive em nossos dias.

da análise realista, pelos envolvidos na ação, das estruturas e conjunturas de cada momento em cada lugar⁴¹¹.

A sociedade justa (seja lá o que isso vier a ser) não decorrerá por si só das contradições do capitalismo, decorrerá do sentimento de justiça, de condições de equilíbrio necessário à vida humana decente e saudável, decorrerá de uma grande ação coletiva a partir de uma fundamental exigência ética. O foco da luta precisa ser (singular e universal) a dignidade humana.

Valores, diretrizes, diagnósticos, projetos, métodos e metas, ação, determinação, trabalho, luta, moldagem. A *escultura de si* não será (apenas) a de um indivíduo discreto, será a estética da condição humana, com a beleza de uma dinâmica multidimensional e caleidoscópica.

A hegemonia, para ocorrer, precisará, não de um ídolo personalista, em grande medida, sempre farsante, mas de uma instância *partidária* catalisadora. Este é o desafio, que não será vencido com políticas pusilânimes ou corporativas. Lênin imaginou – e construiu – um partido de um *novo tipo*. A história nunca se repete. Por que a realização de Lênin teria algo a nos ensinar? A necessidade de hoje pode ter um ponto de partida algo similar, mas a organização política de que precisamos terá de ser ainda de um outro tipo, não pode deixar de ser democrática e propositiva.

411 Se houver uma guerra cultural, uma guerra de ideias (a disputa pela hegemonia), a estratégia precisará ser a de uma guerra de guerrilhas (é preciso estudar esse assunto, de Nguyen Giap a Al Ries e Conrad Levinson, do general vietnamita aos gurus do marketing). O conceito de guerra é deletério, melhor incorporar a sugestão de David Bohm e Habermas e trazer o conflito para o campo do diálogo e do agir comunicativo. A pressão social precisa encontrar formas inteligentes e criativas. Adam Kahane (**Como Resolver Problemas Complexos**, Ed. Senac São Paulo, 2008) é uma leitura muito instrutiva, trata, por exemplo, de como restabelecer a paz e confiança entre os ruandeses depois do genocídio, a dura realidade de que a vida continua e, todos, precisam da paz. Ver também **Novas Diretrizes para um Tempo de Paz** (roteiro teatral de Bosco Brasil, realizado no filme **Tempos de Paz**, de Daniel Filho, com Tony Ramos e Dan Stulbach).

Há grandes interesses em conflito. Os ricos, que têm as posses (socialmente reconhecidas), as utilizam na preservação de suas posições. Figuras de uma classe média diversificada, com poucas posses, veem na atividade política um caminho para a ascensão social, para isso enveredam pela política de convivência com os privilegiados e se entregam às práticas da política fisiológica, da ascensão pela troca de favores pessoais. Esse estilo de política marca a história brasileira e é fatal para a sociedade. Desnudar esse sistema e desconstruí-lo é um desafio muito grande, mas decisivo. Permanecer nesse sistema é condenar o país – e nos condenarmos – à mediocridade. Para isso é indispensável: (1) intensificar o processo democrático; (2) criar e acionar instituições efetivas de controle. Antes de qualquer tecnicidade, há um desafio de decisões éticas.

Mas é inútil *tergiversar*, sem uma organização coletiva capaz de catalisar mudanças sociais não avançaremos um milímetro. Por outro lado, poderá não ser apenas uma aglutinação institucional capaz desse movimento. Poderão ser mais de uma, em um contexto que insistimos em querer plural e democrático. Mas, o engajamento existencial necessário exigirá um ato eletivo de compromisso compartilhado. Uma organização sem densidade conceitual – e política – não será capaz de promover mudanças efetivas. Haverá, sempre, que saber combinar ousadia com bom senso, firmeza com equilíbrio.

Um detalhe importante: é preciso aprender que é necessário engajar-se e lutar seriamente por objetivos aparentemente pequenos – desde que estratégicos. Por exemplo, reduzir a jornada de trabalho em uma hora – ou em duas horas, pode ser algo de uma significação decisiva. A luta por um sistema de saúde que não seja o escárnio que é hoje, pode ser um outro e melhor exemplo. Não é preciso ser hegeliano para perceber que pequenas mudanças estratégicas farão decisivas diferenças na qualidade de vida das pessoas.

Poucas proposições políticas foram mais condenadas que o modelo de partido proposto e construído por Lênin, a partir de

1902. É fácil dizer: *deu tudo errado*. Mas é preciso lembrar que era um mundo em guerra, uma Rússia czarista, uma repressão literalmente feroz. Os erros cometidos foram compatíveis com aquele impiedoso contexto de ferro, pólvora, sangue e morte.

Um século depois podemos analisar com mais cuidado, refletir sobre aquele modelo, vê-lo de uma outra perspectiva, uma hipótese a ser considerada – não exatamente *invertida*, como Marx imaginou ter feito com a dialética de Hegel – mas servir de contraponto analítico – para pensar um instrumento (ou mais de um) com um outro patamar de efetividade histórica. Localizar os erros, para fazer diferente.

A prática política provavelmente jamais decorrerá de métodos estritamente científicos. Mas a abordagem científica fornece dados e conjecturas que não podem ser ignorados, sob pena de ficarmos atolados no misticismo. A política necessitará muito das conjecturas hipotéticas, a serem testadas, sob cuidadosa observação.

A heurística dos princípios⁴¹², na *análise concreta da situação concreta*, possivelmente nos recomendará o seguinte roteiro de desafios:

1. Dispor de núcleos dirigentes legítimos e experimentados; não terá sentido buscar uma hegemonia monolítica; a chance de hegemonia transformadora será ecumênica, eclética e sincrética.
2. Estabelecer uma prática de análise concreta da situação concreta (a velha e saudosa *análise da conjuntura*).
3. Construir propostas a partir de *fatos* e enunciar *propostas claras*;

412 Talvez, na política, nada seja mais arriscado do que possíveis *certezas*. A multicitada frase de Marx de que a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa (18 DE BRUMÁRIO), vale apenas como retórica. A história nunca se repete, estamos continuamente diante de desafios novos.

4. Dispor de fundamentos teóricos consistentes.
5. Construir propostas a partir de uma dinâmica de efetivo debate coletivo, diálogo, construção coletiva de consensos consistentes;
6. Formar grupos organizados, ativos, na (e com) base social, agentes de práticas democráticas de eficácia social.
7. Construção de liderança social – na ação, mesmo de pequenas tarefas (o papel das lideranças locais).
8. Construir hegemonia (mais ampla que ações): legitimidade e reconhecimento.
9. Buscar conquistas parciais, sintonizadas e em direção a metas maiores.
10. Consolidar a compreensão da proposta no corpo social, a construção gradativa de uma *sociedade justa* (de início, menos injusta).

Esse roteiro, sem dúvida, precisará sempre ser atualizado e adaptado a situações específicas. Poderá (ou não) funcionar como um catalisador de ampliação e aprofundamento da democratização – que também precisa ser eficaz e sustentável. Se não for uma construção legítima (consensual até onde der, mas efetivamente transformadora) não se sustentará.

Nesse sentido, metas e métodos se entrelaçam, no sentido positivo de que os fins justificam os meios, ou seja, os fins nobres exigem que os meios também o sejam.

O desafio não é construir um novo *partido de massas*, mas uma organização política catalisadora de cidadania ativa plural (em todos os níveis e em todas as instâncias). Não um instrumento populista – e sim um instrumento dinâmico e estimulador de transformações. As concessões, quando necessárias (sempre serão) não

podem ser coniventes com práticas de corrupção ou de leniência fisiológica. Os modos de agir, legislar e governar precisarão ser alinhados com valores e diretrizes que façam da prática política um exercício de decência, ética, trabalho e luta.

SUPERAR AS FRAGILIDADES... E IR ALÉM

As primeiras questões, nesse aspecto, podem ser: *de que valem valores num mundo de bárbaros? De que valem valores num mundo de leões, lobos, serpentes, ratos, raposas e insetos venenosos?* Outras versões destas perguntas podem ser: *de que vale a vida humana? O que é ser humano? Ou ainda: o que é ética? De que vale?*

Uma das fragilidades letais da social-democracia *clássica* foi deixar-se engolir pela *realpolitik*, termo (alemão) que em geral designa o fazer político focado em obter benefícios particularistas para o(s) sujeito(s) da ação, um agir pragmático, a versão vulgar de que *o fim justifica os meios*. No Brasil, isso, que já não presta, se agrava com o fisiologismo, o nepotismo e as mil formas de corrupção. Para os adeptos da *realpolitik* a política é um jogo maquiavélico, no pior sentido, um jogo para leões e raposas. A contraposição à *realpolitik* precisa ser uma *construção ética* que, sem nos lançar nalguma utopia romântica⁴¹³, comporta versões diversas e pode situar-se na base de um projeto construtivo.

A fundamentação teórico-filosófica da *realpolitik* está bem referida nos DIÁLOGOS de Platão, nas figuras de Trasímaco (A REPÚBLICA) e Cálicles (GÓRGIAS). Para eles, faz parte da ordem natural das coisas e do mundo que os fortes oprimam os fracos (e que os espertos passem a perna nos ingênuos) – e opor-se a essa situação é um ato de

413

O marxista Georges Politzer (*registrou Maurice Le Goas*) fazia uma distinção entre *idealismo filosófico* e *idealismo ético* (Cf. Politzer, **Princípios Fundamentais de Filosofia**, Editorial Andes, 1956).

impiedade⁴¹⁴. Os poderosos de todos os tempos quiseram acreditar nisso. Quem se opôs? Os rebeldes, os libertários, os socialistas e o cristianismo nas suas versões mais próximas do que parece ter sido a pregação original de Cristo. Na Filosofia, Kant e Marx. Kant porque tendia a acreditar numa ordem harmoniosa no mundo. Marx porque via a opressão e as injustiças como criações históricas a serem *superadas*. Os aparentemente *fracos*, quando conscientes e organizados tornam-se os mais fortes. O fator evolutivo mais decisivo não é a força física, é a inteligência socialmente organizada – entre nós, bloqueada pelas várias modalidades da miopia do *individualismo possessivo*⁴¹⁵, presente na política através do nefasto *personalismo* dos pretensos *guias geniais dos povos*, antigos e modernos, *de direita e de esquerda*, os *ídolos com pés de barro*, sempre.

Outra grande fragilidade da social-democracia foi não ter sido capaz de resistir às cooptações. Num mundo social de desigualdades imensas, dificuldades titânicas, contradições esmagadoras e lidando com adversários ladinos e pragmáticos, os partidos da social-democracia não resistiram às deformações. Cedendo para um lado ou para outro, sucumbiram. O Partido Socialista Francês, depois que governou a França (1981-1995), sob a liderança de François Mitterrand, quase que desapareceu do cenário político, voltou com François Hollande para fazer outro papelão e deixar o governo com um apoio ridículamente pequeno. O Partido Trabalhista inglês, tornou-se o partido de Tony Blair, só superado no seu neoliberalismo por Margareth Thatcher. O Partido dos Trabalhadores, no Brasil, deixou o

414 Várias afirmações de Nietzsche vão no mesmo sentido. Contudo, como quase sempre Nietzsche fala metaforicamente e por aforismos, daí multiplicam-se as interpretações. A obra de Nietzsche pode ser vista como uma *mancha de Rorschach*, ou seja, cada um vê nela, não algo que lá está objetivamente, mas o que cada um traz dentro de si, daí as interpretações as mais diversas e até opostas entre si.

415 Ver Macpherson, *A Teoria Política do Individualismo Possessivo* (Ed. Paz e Terra, 1979). Herbert Simon, em *A Razão nas Coisas Humanas* (Ed. Gradiva, 1989), chama a atenção para o *egoísmo inteligente* – que percebe que, se o barco afundar, vamos todos a pique. Além de ser possessivo, este individualismo é obsessivo.

governo gravemente ferido pelo envolvimento com a corrupção das empreiteiras, a cegueira diante da desindustrialização do país e a leniência com o capital financeiro, além de praticamente reduzido à exaltação personalista do líder. Se vai se recuperar, quem viver verá. O *algo de podre* ultrapassou as fronteiras da Dinamarca shakespeariana, globalizou-se⁴¹⁶. Fato é que esses partidos deixaram-se arrastar para fatídicas políticas neoliberais, com tudo que isso implica de abandono dos princípios, da ética e da coerência com suas origens.

Depois de processos de ascensão – com marcantes bons resultados, alguns fatores internos podem ter tido crucial papel nesses fracassos:

1. O atropelo da democracia interna, o distanciamento das bases sociais, a burocratização, a relação retórica com as bases, cada vez mais distantes dos processos decisórios⁴¹⁷.
2. A ausência da observação, do estudo e do debate quanto a efetivas medidas de transformações estruturais do país (efeito por certo de patrocínios ilegais e dependências espúrias).
3. A miopia do economicismo, deixar-se afundar na cultura do consumismo e na crença de que o imediatismo dos segmentos carentes precisava apenas de emprego e melhores salários, abandonando praticamente por completo outras dimensões do humano, a cultural entre elas (o cultural reduzido ao *artístico*).

416 Os casos mais antigos, do Partido Operário Social-democrata Russo, o partido de Lênin, que se tornou o Partido Comunista da União Soviética, dominado pela tirania burocrático-stalinista e o caso do Partido Social-democrata Alemão, passaram por trajetórias bem mais complexas, exigiriam análises em separado. O partido russo se tornou totalitário e o alemão tornou-se líder do neoliberalismo europeu. O PT não morreu: Lula reelegeu-se (graças à frente democrática que conseguiu aglutinar), mas o partido segue gravemente fragilizado – e o país dividido por uma polarização ingrata, sobretudo porque substantivamente despolitizada. Uma análise a se fazer.

417 Robert Michels, **Sociologia dos Partidos Políticos**, Ed. UNB, 1982.

4. A adesão acrítica a políticas neoliberais, condenando as práticas partidárias à falta de norte e à mesmice, a gestão da crise pelos métodos inócuos de sempre.

Claro, esse é um debate em aberto, mas não há como negar esses escorregões na lama dos compromissos gerados pela queda na *realpolitik*.

Ao não se analisar os próprios e graves erros, se cai na ladainha de atribuir a ascensão *da direita* a fatores externos, como o uso mágico das redes digitais e a uma inexplicável onda de conservadorismo.

Assim se configura um impasse infernal. As demandas democráticas (e populares) encontram-se entre pinças de ferro:

1. De um lado a ação do *establishment* empresarial global, com sua oferta ambivalente de benefícios e desigualdades.
2. De outro lado, uma retórica *cada vez menos confiável* da social-democracia sobrevivente – e cooptada.
3. Grupos de contestadores do sistema em guetos de discursos dogmáticos e esotéricos que nem minimamente apontam para qualquer caminho viável.

Em tempo de murici cada um cuida de si, diz o ditado pessimista. Para grandes contingentes sociais abandonados, nos oceanos de pobreza, o refúgio ao alcance da mão passa a ser a teologia *da prosperidade* das igrejas fundamentalistas: entregar-se à fé de um amparo divino, formas primárias de religiosidade, expressão do sentimento de desamparo.

Um cenário de bloqueio, onde não se vê alternativas autênticas: o risco é patinar na mediocridade ou desbordar para convulsões políticas (que, quase sempre, terminam em ditaduras elitistas).

Num contexto marcado por enormes contingentes de exclusão e pobreza, a crise da pandemia poderia ter levado a um cenário de exasperação e desespero que, por sua vez, poderia ter atizado bipolarizações fanatizadas e, por crescentes provocações, levar a situações de anomia e guerra civil, daí à tirania de regimes repressores. Essa foi a aposta da direita golpista, que não deu certo. A compreensão de que o Brasil necessitava urgentemente de uma frente democrática (Lula-Alckmin) nos livrou do pior. Até quando?

Um revolucionarismo esotérico, com formulações conceituais ultrassofisticadas, não conecta com a realidade social. Existe um cenário perigoso à frente, sérias incertezas. Dissemos lá atrás: *depende de nós*, mas vai exigir outras posturas diante da vida.

Ao contrário do que pensam (ou fingem pensar) os neoliberais, nenhuma solução virá *globalmente*. Se houver, possíveis saídas desses grandes impasses só acontecerão caso a caso, país por país, região por região. Contudo, levar em conta o contexto internacional não pode deixar de merecer plena atenção. A globalização avança, mas as soluções não poderão deixar de ser nacionais e locais. É de fundir a cabeça de quem insiste em pensar de forma dicotômica (o *santo guerreiro contra o dragão da maldade*, à esquerda ou à direita), mas a realidade é dialética, complexa, contraditória, tensionada, dinâmica e sistêmica. No cerne dos impasses estamos nós, nós somos o problema – e a solução, se houver, dependerá de nossa capacidade de construir saídas positivas. Mas, a história demonstra, todo cuidado é pouco.

Os teóricos da complexidade nos dizem que *a criatividade se dá no limite do caos*⁴¹⁸. Na porta do caos, já estamos. Para não mergulhar nele de forma completa, em face desse complexo de impasses de alto risco, resta-nos ser criativos, o que é imprescindível, mas não é suficiente. É indispensável também sermos proativos e

convergentes. Voltamos àquele ponto einsteiniano: se não fizermos diferente vamos ficar patinando nos mesmos problemas.

Os erros do passado possibilitam aprendizados, mas não previnem os erros do futuro, os desafios de realidades novas.

As desigualdades de nosso tempo são escandalosas e degradam toda a espécie humana. Em que pese os precursores (humanistas, religiosos, cientistas), mal começamos uma era em que pode vir a prevalecer a compreensão de que a humanidade é uma só. E temos graves problemas novos, o aquecimento global entre eles. As análises econômico-ambientais indicam que não é possível que toda a humanidade acesse o nível de consumo (e desperdício) dos países do chamado primeiro mundo. Não é possível estender o produtivismo e o consumismo aos oito bilhões de pessoas do mundo, o planeta não aguenta. Será imprescindível mudar o estilo de vida ou condenar à penúria metade da humanidade – e ainda com risco de afundar todo mundo. O impasse é titânico (o nosso *Titanic* já está próximo do *iceberg*). Os perigos são gigantescos, se os superarmos teremos realizado algo de grandioso, algo que justificará nossa presença no mundo. Do contrário, talvez, teremos sido apenas uma espécie a menos.

Isso significa que não vai bastar superar as fragilidades, teremos que nos mostrar à altura de um novo tempo no mundo. Cair no abismo ou escalar a montanha. Alguém nos vê? O universo é assustador. A luta é pela sobrevivência e pela realização de algo que nos autojustifique. Viver em guerras (sejam grandes guerras ou guerrinhas medíocres) é um escapismo existencial, frente ao medo do mundo. Construir um mundo humano decente é uma grande meta, pode dar um sentido à vida.

Esta reflexão se vincula ao projeto político de uma social-democracia autêntica. Porque, também, ela só se realizará se uma grande parte de nós nos engajarmos nessa opção existencial, ainda

que respeitando o alerta de Edgar Morin: *a política não é tudo... mas há uma dimensão política em tudo.*

Um exercício de identificar as dimensões da vida humana poderá encontrar saúde, trabalho, renda, relacionamentos (família, vizinhança, amizades), habitação, aprendizado, autogerenciamento, cidadania⁴¹⁹. Em nossa cultura brasileira a dimensão esquecida é a cidadania. Da escravidão à modernização dependente, a participação coletiva nas decisões que afetam o destino social fica inacessível à maioria. E só uma minoria se importa com isso. A família, a escola, os regimes políticos, as igrejas, os costumes, tudo no Brasil historicamente (majoritariamente) conspirou e agiu contra o pensamento crítico e a cidadania ativa.

Produzir consertos na dinâmica social não se fará sem, substancialmente, mudar essa situação. Trazer amplos segmentos sociais à vida pública é indispensável. Mas é preciso que seja por projetos amplos, transformadores – e com a compreensão clara de que as grandes metas não serão atingidas no próximo mês, mas conquistas a se fazer passo a passo. Tudo precisa de tempo e lugar. A firmeza e a amplitude dos passos dependerão da nossa capacidade de construir consensos efetivos e civilizatórios – e pô-los à prova na vida real.

O chamado *imediatismo das massas* não pode empolgar as lideranças de um movimento real por transformações efetivas. Lideranças autênticas têm visão de futuro e precisam ter a competência política necessária para não enveredar pelas demagogias populistas. As pessoas do povo são, em grande medida, politicamente despreparadas, foram sistematicamente deseducadas para isso. Mas não são idiotas, a maioria, pelo menos. Se – e quando – lhes apresentem um projeto com começo, meio e fim, vão entender e, possivelmente, apoiar. Quando os próprios autoconsiderados

419

Dimensões práticas que podem ser relacionadas com as necessidades humanas listadas por Abraham Maslow: fisiológicas, segurança, reconhecimento social, autoestima, realização.

grandes líderes não sabem para onde vão, querem avançar destituídos de qualquer projeto consistente de transformação, sem metas viáveis, tudo fica confuso. No futuro fica, não uma meta, mas um vazio. Em lugar de projetos, se oferecem à população caminhos messiânicos, à *direita* e à *esquerda*. *Direita e esquerda* não programáticas, míticas, cegas e espúrias. Combinam-se populismo, messianismo e ausência de práticas efetivamente democráticas. Por essas vias, o desastre será inevitável.

Os seres humanos, desde a pré-história mais longínqua, caminham em busca do melhor. O mito dizia que seria até encontrar uma *terra prometida*. Na prática histórica foi muito mais uma terra a conquistar, o que levou às guerras e à infundável corrida armamentista. Para assumir e operar num patamar mais alto de compreensão, há que, não seguir cegamente, mas na direção – e construindo as condições – de um futuro efetivamente melhor, com visão e projeto. Isso exigirá o que podemos ter de melhor: inteligência, criatividade, cooperação – e tudo isso passa por *métodos*, fazer diferente.

De um lado, elites astutas, do outro, apatia política. O movimento de minorias ativas não será suficiente para gerar as transformações estruturais necessárias, nem abruptamente nem gradativamente. Sair dos corporativismos, ir além. É preciso gerar participação ativa com densidade inédita, *massa crítica* que fundamente a transformação para um mundo novo que interesse à maioria e mobilize para um futuro e um mundo melhor. O *leitmotiv*, o eixo temático, dessa densa mobilização precisará ser a incorporação às consciências de um macrojeto compartilhado. Por outro lado, isso não nascerá por geração espontânea, alguém precisa propor, convencer, engajar, liderar participativamente.

E não se pode estar restrito a proposições para a vida econômica, é necessário compor uma configuração multidimensional, envolvendo de modo convincente o conjunto da vida social. Está longe de ser necessário consertar apenas a economia. A vida é sistêmica

e as emoções – e os convívios – são indelévels da condição humana. É preciso ter projetos para as minorias e suas justíssimas lutas, mas é preciso também ter projetos para as maiorias.

A intensidade da participação pública irá sempre variar, de pessoa para pessoa, e, na mesma pessoa, de momento para momento. Não haverá jamais uma regra unívoca, nem um comportamento homogêneo.

Para crescer, toda proposta política precisa formar círculos concêntricos, em rede e ativos, de simpatizantes a militantes, mas as referências de atração e organização precisarão estar agregadas aos valores da dignidade humana, dos processos democratizantes, da solidariedade social e da responsabilidade ética pelos resultados – aplicadas sempre a análise de realidades específicas. Isso não aglutina? não mobiliza? De fato? Esse é o desafio.

Talvez seja possível resumir as grandes fragilidades da velha social-democracia nos fenômenos (1) da *realpolitik*, (2) do *economismo* e (3) da *política fisiológica* (com suas múltiplas modalidades de corrupção). No Brasil, na América Latina, nos países onde são maiores os oceanos de pobreza (que implicam em pobreza política) assume também um papel de destaque (4) o *populismo*, personalista e caudilhesco, a projeção alienada das esperanças populares num *salvador da pátria*, o *grande líder*, pai dos pobres, sempre, nos bastidores, aliados aos mais poderosos. Só os tolos e imaturos (e os privilegiados que disso se aproveitam) podem acreditar nessas farsas políticas, de qualquer modo, trágicas. Quem quiser fazer algo de sério precisará estar em conflito com essas funestas tradições.

A cada momento vamos encontrar a velha questão: *que fazer?* Poderemos sempre consultar os clássicos, de Aristóteles a Marx, de Lênin a Hannah Arendt – e mil outros – para buscar inspiração, *insights*, comparações analíticas, identificar diferenças. O fundamental, contudo, será construir soluções novas, criativas, que respondam à natureza nova dos novos problemas.

Para quem analisa a sério estes desafios todos, parece-nos saltar aos olhos que (1) ninguém, individualmente, encontrará solução para esta dinâmica complexa; (2) é indispensável ter instâncias teórico-construtivas, coletivamente organizadas, para o debate, o diagnóstico, as decisões e a ação propositiva. Enquanto não formos decisivamente nessa direção estaremos no plano das tergiversações.

RUMO A UMA POLÍTICA DECENTE E TRANSFORMADORA

O nó górdio de todo esse processo chama-se ética.

A moralidade dos costumes começou a se abrir para as possibilidades das éticas particulares a partir do encontro das culturas. A cultura grega antiga desabrochou porque a Hélade ficava na confluência (histórica e geográfica) de várias culturas. Assim, já de há muito aprendemos que há modos alternativos de viver – e que há um espaço de decisão que é de nossa responsabilidade pessoal.

Por que, enquanto sociedade, nos deixamos levar pelos caminhos do *jogo falso*? A vida real comporta múltiplas potencialidades. Se alguém começar a puxar a fila, a propor com clareza, é possível criar um polo atrator que comece um grande movimento. Os grandes movimentos começam assim.

São necessárias as referências teóricas (sinalizamos várias) e, é indispensável, o engajamento autêntico, além de definir coletivamente (com os interessados) as metas e os métodos. Criatividade, hoje, em grande medida é uma questão de método. É importante introduzir novos métodos nas práticas políticas. Mas alterar os aspectos perversos da realidade social só será possível com uma política ética, bem mais consistente do que jogos de cena. Usar uma retórica bem elaborada para encobrir a corrupção é uma farsa desprezível.

Da importância dos processos educacionais há uma unanimidade, pululam as teorias. É uma questão central. Isso faz parte da questão dos métodos na ação social. Há muitas experiências valiosas. O difícil, talvez, será superar o corporativismo do setor, que encurta a visão e mutila o escopo da ação política de muitos educadores. O estabelecimento de um eixo estratégico poderá trazer o debate para o rumo necessário: o que importa não é uma *merreca* a mais no salário, é um projeto de vida, individual e coletivo.

A *dialética* (que começa com os *taoístas*) precisa, pois, encontrar-se com a *teoria dos sistemas* – e com o engajamento existencial. A antiga pergunta: *como a cultura se modifica?*⁴²⁰ precisa de uma teoria sincrética para respondê-la. Ninguém espere por uma solução puritana ou ortodoxa.

É inviável tentar prever tudo, não é o caso. O que se pode e deve propor é o deflagrar de uma nova dinâmica social e, no debate, no convencimento, na luta, construir coletivamente os instrumentos capazes de produzir reações sociais sustentáveis, mobilizadoras e reformadoras, que possam promover efetivas transformações na vida política e na vida social.

A questão central, contudo, é que pessoas, homens, mulheres, idosos, jovens, caras-pálidas, peles vermelhas, amarelos de olhos puxados, negros indianos ou africanos, possam – e se disponham a – na compreensão e na prática – ativamente convergir para ações sociais de solidariedade compartilhada. Sem pieguices, sem fisiologismo, sem *belas mentiras*. Exercitar práticas políticas decentes implica em não deixar de fora da equação os reais interesses da coletividade, *a dor dos outros*.

Diante do que está aí, o que tem sido feito é muito pouco ou, pelo menos, é preciso fazer muito mais.

420

George Peter Murdock, Como A Cultura Se Modifica. In: Harry L. Shapiro, **Homem, Cultura e Sociedade**, Ed. Fundo de Cultura, 1956.

15

**O PERCURSO NECESSÁRIO,
A REVOLUÇÃO POSSÍVEL**



Emergimos da natureza sem a condenação de sermos conduzidos por instintos fortes e com uma natureza biológica extremamente maleável. Enveredamos pelos caminhos da evolução cultural e desenvolvemos uma espécie de *segunda natureza*, o paradigma emocional-cognitivo, que constitui o caráter das pessoas que, no conjunto da vida social, operam em grupos. A diversificação cultural, pelos espaços do mundo gradativamente ocupados, gerou diferenças e armadilhas históricas, efeitos imprevisíveis, que nos levaram à corrida armamentista e marcou a história humana até aqui.

A evolução cultural criou condições de reorientarmos nosso destino histórico-social de modo a definirmos, até onde as circunstâncias naturais nos permitirem, os rumos da nossa trajetória. Para isso precisamos assumir uma responsabilidade compartilhada e construir, por meio de metas e métodos adequados, o nosso modo de estar no mundo. O que hoje, está visto, exige novos modos de organização e novas práticas sociais. Para subir um patamar na qualidade de vida (da espécie humana) precisamos fazer diferente, nos livrarmos das armadilhas históricas (e existenciais) e assumirmos as consequências de nossa condição de individualidades sociais, individualidades que só existem em redes interativas.

O mundo hoje se configura no atual estágio da globalização capitalista, resultante dos modelos anteriores e desenvolvendo uma dinâmica própria, reafirmadora de um mundo estruturalmente desigual, uma desigualdade que fragmenta a espécie humana (em superiores e inferiores, integrados e diversas modalidades de excluídos).

A partir daí nos vemos diante de quatro caminhos alternativos:

1. A aceitação do modelo vigente, que condena imensos contingentes da humanidade à exclusão, à pobreza, a múltiplas formas deletérias de violência;
2. A crença em formas sonhadoras de superação dessa realidade de forma rápida e completa, através de algum tipo de

insurreição revolucionária (ou de milagrosa mudança teleológica) que, nas condições objetivas e subjetivas do mundo hoje, só nos conduzirá a novos impasses ou a novas tragédias;

3. Enveredar por uma das muitas versões da social-democracia, caminho que teve seu momento de sucesso mas entrou em crise;
4. Trabalhar formas inovadoras, advindas do ambientalismo e da compreensão da natureza sistêmica da realidade.

O leque de opções da social-democracia nasceu da interação de versões do liberalismo com versões do marxismo, conseguindo superar as versões ortodoxas de ambos os movimentos, que se consideravam mutuamente incompatíveis. Depois de significativos ganhos, a social-democracia começou a fraquejar e a não mais dar conta de suas expectativas originais. Deixaram-se cooptar ou vencer por ofensivas neoliberais, ortodoxias extremadas, que praticam um direcionamento implacável rumo a um mundo cada vez mais desigual.

A ascensão das questões ambientais, consequência da poluição industrial e de uma gradativa conscientização civilizatória, exigindo um modo de vida sustentável, junto com novos avanços científicos, trouxe à tona a compreensão de que vivemos num contexto ecológico, imersos em múltiplos contextos sistêmicos. Uma nova maneira de ver o mundo e a nós mesmos.

Essa compreensão implica numa ética e, diante de novas e prementes ameaças às ecologias da vida, exige uma forte revisão das práticas políticas, de resto, em grande parte responsáveis por nossas dificuldades de hoje. Conceitos corriqueiros e dicotomias, como *direita* e *esquerda*, por exemplo, se revelam insuficientes para a compreensão da realidade social e política de nosso tempo – e resultam colocados em xeque.

Assim, como visto, ponderando as alternativas políticas, podemos:

1. Permanecer cúmplices de um sistema que é positivo em vários aspectos e extremamente perverso em outros.
2. Apostar num revolucionarismo (visivelmente) impotente.
3. Aceitar uma social-democracia ferida de morte pela passividade e pelo abandono dos compromissos sociais efetivos.
4. Acompanhar um ambientalismo tímido, em relação às macrotransformações que nos desafiam, ou
5. Fazer emergir⁴²¹ uma *outra social-democracia*, identificada com valores e práticas efetivamente transformadoras.

A última destas opções nos desperta para a necessidade de buscarmos esta *outra social-democracia*, ativa, consistente, autêntica, um exercício de humanismo, que incorpore com ênfase a pauta ambiental e a abordagem sistêmica – e seja capaz de criar instrumentos de ação catalisadores das mudanças necessárias, o que nos colocará no rumo da *revolução possível*.

Em resumo, a construção necessária passa por combinar (a partir dessa base humanista) conceitos e valores, pontos de apoio para a *práxis* transformadora, a saber:

1. *Democracia*, enquanto *processo ativo de democratização* da vida social (de um país, de uma nação), em todos os seus aspectos (econômico, político, cultural), macro e micro, em aperfeiçoamento contínuo, que inevitavelmente necessitará de movimentos sociais densos e legítimos. O conceito de

421 Um desafio encontrar, nesse Brasil de hoje, as sementes (ou os ingredientes) de um novo processo político que possa catalisar as iniciativas necessárias. Existem, é certo, é possível, mas dispersos e longe da eficácia capaz de nos mobilizar para rumo mais animador. Os cenários que temos são muito preocupantes.

democracia já tem embutido em si o conceito de liberdade de todos em respeito recíproco.

2. *Ecologia*, enquanto processo de reconhecimento dos necessários equilíbrios sistêmicos, dentro do *conceito de múltiplas ecologias* (na relação com a natureza planetária, nos diversos níveis da vida social, nas relações pessoais, na integridade individual).
3. *Nacionalismo*, conceito que assusta os neoliberais, a nacionalidade como valor, correlato da autonomia dos indivíduos, a autonomia dos povos, limitada aos interesses de uns que não destroem os interesses dos outros. Dialética, como o indivíduo-social, a nação é plural, mas não pode deixar de preservar a sua integridade que, efetivamente, precisa de *ordem e progresso*. Não pode ser apenas uma luta antineocolonial, será necessário recuperar e reconstruir os valores capazes de mobilizar e sustentar o futuro da civilização brasileira, mestiça, sincrética, plural e una⁴²².
4. *Reformismo estratégico*, como método de não-violência; há, sim, a necessidade de metas amplas, convergentes, desenvolvimentistas, cuidando do curto prazo e simultaneamente construindo um futuro próspero, humano e sustentável.
5. *Equidade*, enquanto combate estratégico às desigualdades desumanas que marcam os intoleráveis oceanos de pobreza. Deverão estar aí inclusas as condicionantes ao direito de propriedade, reconhecido como legítimo, mas não absoluto.

422

Numa metáfora de senso comum, podemos dizer que *nacionalismo* é como colesterol, tem o bom e o ruim. O nacionalismo ruim é a xenofobia, um sentimento espúrio de algum tipo de pureza, uma pretensão de superioridade e exclusivismo. O nacionalismo bom é a consciência dos vínculos afetivos e existenciais com o povo que nos constitui (*e pluribus unum*), a se estender, sem perda da individualidade, a toda a espécie humana. O nacionalismo sadio concerta-se com os *inter-nacionalismos*. Nem mesmo o cosmopolitismo – o ser *cidadão do mundo* – induz a que se dissolva o que Olavo Bilac cravou no Hino à Bandeira: “o afeto que se encerra em nosso peito...”, à nossa terra e à nossa gente.

6. *Paz social*, desenvolver uma cultura de paz e fraternidade, negociação e diálogo, desconstruir a violência – e a impunidade.
7. *Participação* e cidadania ativas: organizar e mobilizar a cidadania, incorporar na agenda permanente das pessoas a atenção e a participação na vida social; ninguém vive fora das comunidades (e dinâmicas da vida) e é necessário delas fazer parte ativa (sob pena de vagar como toco de lixo nas ondas do mar).
8. *Institucionalização* eficiente, enquanto *organização da ação coletiva* na construção (e reconstrução) das instituições representativas, instrumentos e espaços de formulação, aglutinação e realização prática das providências necessárias (partidos, sindicatos, associações, instâncias estatais, etc.). O cediço duelo de ambições personalistas só nos irá deixar no pântano atual.
9. *Eficácia*, enquanto atenção aos *resultados*, produzidos pelas ações, é indispensável dispor de competências técnicas: não basta querer fazer, é necessário saber fazer (e fazer bem). O que há a construir é um processo transformador, em vários níveis.
10. *Ética*, enquanto valor transversal que fermenta a integridade e a dignidade constitutivas de uma condição humana decente. Qualquer destes elementos acima, sem ética, torna-se espúrio.

Estes são (e serão) decisivos elementos constitutivos da vida social decente. Um complexo de valores e práticas que se autossustentam. A democratização dos poderes, tendo como foco a dignidade humana de todas as pessoas (a base humanista), a consolidação nacional (longe de qualquer xenofobia, tanto quanto de qualquer dependência incapacitante), a valorização e o empenho pela sociedade civil organizada – e a transversalidade nuclear da

ética (coonestar com esquemas de corrupção ou de opressão são crimes correlatos). Estes serão elementos constitutivos de uma vida social que se autovaloriza e se autoqualifica. A partir destes fatores dinâmicos estaremos relativamente aptos a fazer *a análise concreta da situação concreta*, analisar conjunturas e estruturas específicas, definir as metas transformadoras e os planos de ação para realizá-las.

Não, não será fácil. Por isso haverá de haver a luta e a labuta pela construção dos instrumentos institucionais e das condições (objetivas e subjetivas) para um avanço civilizatório. Os obstáculos serão gigantes, amedrontarão os timoratos sem-substância. Sem coragem não se avança.

A tradição da *realpolitik* (do fisiologismo, do individualismo sem escrúpulos) será, é certo, um grande obstáculo, enorme, tanto quanto as fogueiras de vaidades enquistadas nos ilegítimos feudos cartoriais e corporativistas. Contudo, há outras tradições, não degradantes da atividade política. Há péssimos exemplos e há exemplos admiráveis. O nosso foco não será copiar qualquer situação do passado, mas construir um futuro. Por isso é necessário deixar para trás o jogo sujo, o jogo falso, o cinismo da *realpolitik*, para construir um mundo melhor. A transformação das estruturas só se fará verdadeiramente superando as formas de truculência e de corrupção, da tradição inerme e das quadrilhas organizadas. Através de processos participativos, tecnicamente monitorados, sob ativo controle democrático, portanto. Se isso é utopia, de nada valem, não é o caso. Podemos fazer melhor.

Ética, como a democracia, é uma invenção humana. Ética se aprende, é fruto do processo educacional (formal e informal), faz parte da construção do caráter – e da construção de uma sociedade melhor⁴²³.



Quanto à *revolução possível*, não há nenhum ganho em nos deixarmos confundir pela polissemia do termo *revolução*. Uma social-democracia autêntica não vê qualquer viabilidade numa irrupção abrupta de movimentos sociais com vistas a, no curto prazo, mudar o regime socioeconômico (instalado nas consciências, nas instituições, na organização e na dinâmica da sociedade). A social-democracia autêntica, essa *outra social-democracia*, a ser construída, *a partir de vários elementos amplamente disponíveis na nossa vida social*, exigirá transformações possíveis, ousadas e viáveis, com a prudência de quem não tem *a certeza na mente* nem *a história na mão*, mas com a firmeza de quem tem a consciência da necessidade de mudanças estruturais, gradativas que sejam, mas efetivamente transformadoras.

Um projeto efetivo de transformações vai exigir instrumentos institucionais densos, catalisadores, onde o debate, as decisões e a prática política se farão coletivamente, com os métodos que serão definidos caso a caso. Pode ser um partido (novo ou reestruturado), pode ser a resultante do embate, da emulação, do diálogo entre vários partidos, instituições e movimentos⁴²⁴. O populismo personalista é ilusório (e insustentável), despolitiza e paralisa as possíveis transformações substantivas.

Nosso rumo será o das reformas estruturais estratégicas, nos planos macro e micro, na medida em que estas reformas sejam possíveis, sustentáveis e hegemônicas na consciência social majoritária, sem perder de vista o objetivo maior de *uma sociedade justa*. Isso exigirá ética, trabalho e lutas democráticas, conduzidas com metas e métodos compatíveis com a realidade, compatíveis com os avanços possíveis, definidos sem timidez mas com realismo.

Democracia, qualidade de vida, dignidade humana, superação das desigualdades, desconstrução da violência, preservação

424

A abordagem sistêmica, a pertinência atualizada da compreensão evolucionista e a necessidade da ação humana através das ações coletivas e institucionais estão formuladas de modo marcante em **A Sociologia da Mudança Social**, de Piotr Sztompka (Ed. Civilização Brasileira, 1998).

ambiental, equilíbrio sistêmico em todas as dimensões, serão firmes referências para as transformações que precisamos querer realizar – para não sermos cúmplices da insensatez e dos desmandos.

Tudo quanto pensamos, falamos e escrevemos são abstrações simplificadoras, enquanto não testadas na prática, no contexto das múltiplas realidades dificultadoras. São os nossos desafios, poderemos vencê-los ou fracassar. Nada será fácil. Cada um de nós tem no íntimo uma vontade e, no cérebro, bilhões de neurônios, vamos ver se saberemos usá-los.

Ao fim, este esforço de análise (e proposições) não formula conclusões, porque pretende ser, sobretudo, uma proposta de recomeço – ou de continuidade seletiva: valorizar o que for consistente, descartar as receitas vencidas. A ideia básica é situar o debate (a aprofundar) e num contexto especialmente difícil, delinear fundamentos e rumos realistas para uma prática política que se quer efetivamente transformadora. Assim, a partir dos caminhos percorridos, há que recomeçar sempre, retomar a jornada, seguir em frente. Se não quisermos estiolar, há muito o que fazer. *Construir um mundo melhor é possível.*

O DESAFIO DE REPOSICIONAR AS PRÁTICAS POLÍTICAS

O otimismo da vontade (em tensão dialética com o pessimismo da razão, como indicava Gramsci) ou gera projetos estrategicamente viáveis, ousados mas viáveis, ou gera sonhos impotentes, como costumam ser as utopias. Betinho, nos anos 90, nucleou a luta pela ética na política, que fez muito barulho mas não conseguiu se firmar. As práticas políticas desonestas continuaram a prevalecer, por todo lado. Que chances existem de mudar isso?

O que as pessoas almejam depende de como elas veem o mundo, a si mesma e as circunstâncias. O nosso comportamento depende de nossa visão do mundo, que se constrói no paradigma emocional-cognitivo que vamos formando na convivência social, a partir do nascimento – talvez até desde antes. No interior de todos os aspectos e dimensões da vida – e talvez do universo inteiro – estão as contradições, isto é, as tensões internas, os campos de força, as energias positivas e negativas, os processos dos subsistemas que compõem a complexidade das coisas e de nós mesmos, dos átomos e suas várias partículas aos conflitos mentais e a ação concorrente dos mais sutis fenômenos eletroquímicos no interior dos neurônios. Inescapavelmente habitamos em um mundo preenchido por condensações e contradições. Sabemos disso desde as reflexões taoistas, da antiguidade chinesa, passando pelas filosofias de Hegel, Marx e Engels, Adorno, Marcuse e Horkheimer, etc., até às exigências contemporâneas de repensar a dialética.

Cada ser humano pensa de modo diferenciado, a partir de seu temperamento (de base genética), das suas experiências vividas, do seu aprendizado e de suas idiossincrasias, das suas circunstâncias, do seu contexto. Daí ser absolutamente decisivo (1) ver os conflitos como componentes inarredáveis da vida (vão surgir a cada momento, de todos os lados, sempre); mas, (2) o decisivo é o modo como vamos nos preparar para lidar com os conflitos, resolvê-los ou estabilizá-los. Daí a importância decisiva de aprender a dialogar, tratar os conflitos com estratégias que preservem a dignidade das pessoas envolvidas. Este será o mais verdadeiro aprendizado civilizatório. Daí a pertinência dos esforços dos muitos teóricos que trabalharam o foco nos processos de negociação⁴²⁵. Os caminhos, os dispositivos, as técnicas, o ânimo de superarmos a realidade (para além do mito da Torre de Babel). As técnicas de construir pontes entre as diferenças inevitáveis, entre todos e cada um de nós.

425

Dos mais teóricos (como David Bohm, Ralph Dahrendorf, Jürgen Habermas, etc.) aos mais práticos (como Stephen Covey, William Ury, etc.).

Tudo isso tem a ver com o modo de ver de cada um, a *Weltanschauung* dos filósofos, o modelo mental, a visão do mundo, o paradigma emocional-cognitivo que construímos desde a infância, em confronto com o contexto e as experiências vividas.

Construir um processo político a partir de valores éticos, no Brasil de hoje, degradado como está, parece um sonho infantil. Mas não é (ou pode não ser).

Por que não? Que chance existe para esse tipo de construção?

Esse nosso país, nossa sociedade, em grande medida se construiu a partir do sistema colonial escravista. Hoje ainda estamos às voltas para desconstruir e superar vários aspectos incorporados às nossas vidas, individual e coletiva, desde aqueles tempos da dominação colonial. No dia 13 de maio de 1888, nas praças do Rio de Janeiro (então capital do país), multidões populares comemoraram a lei que declarava, aqui, extinta a escravidão⁴²⁶. Foi o resultado de uma árdua luta, de décadas, de séculos. Precisa ainda ser complementada na construção de uma vida social que respeite plenamente a dignidade humana dos descendentes dos escravizados e das populações pobres e oprimidas (*pretas, pardas e brancas*) que resultaram até hoje oprimidas pelos sistemas socioeconômicos que prevaleceram na história e na formação desse país (que precisa ser nosso). Limitada que tenha sido, foi uma grande vitória, ainda que tardia (*libertas quae sera tamen*, insiste o belo pavilhão mineiro), uma grande vitória – no processo civilizatório da sociedade brasileira. Outras vitórias precisam vir. Mas, a partir de quais lutas e por quais caminhos?

A partir de quais lutas e por quais caminhos é o tema de todos os capítulos deste livro, trata-se do que fazer, a partir da compreensão que temos, que tivermos, da história, do processo e dos

426

"Nas ruas, o povo celebrou a vitória. 'Foi o único delírio popular que me lembro de ter visto', disse Machado de Assis, descrevendo as manifestações populares." Emília Viotti da Costa, *A Abolição*, Editora UNESP, 2010, pág. 127.

objetivos de nossas lutas. A questão de como interpretamos – e de como construir uma interpretação ampla e profundamente compartilhada – é uma questão das mais decisivas para o processo de construir uma sociedade decente. A luta, o trabalho e a desconstrução dos resquícios do escravismo histórico, dos seus efeitos (a violência estrutural, o racismo e, mais além, a luta contra todas as formas de desigualdades aberrantes, opressão (política), exploração (econômica) e alienação (cultural)).

Digamos que tudo depende de uma opção ética compartilhada, que pode, precisa, ir se estendendo, ponto a ponto, conquista a conquista, até tornar-se hegemônica e efetiva. Isso não pode ser (nem tornar-se) a perseguição de uma utopia, uma prática sonhadora. Mas corre esse risco. O que precisamos é de uma construção efetiva, a ser realizada passo a passo, com visão estratégica, determinação, pé no chão e firmeza. Em 1800, a escravização era aceita como natural praticamente no mundo inteiro. No ano 2000, em todos os países do planeta a escravização é um crime. No mundo todo. Ainda que persistam situações análogas à escravidão. O desafio, decisivamente, passa pela luta diária, constante, hoje e amanhã, pelas transformações possíveis e efetivas, até que um dia tenhamos *uma terra sem amos*, como diz o belo e profundo Hino da Internacional.

Nenhum sucesso está (ou estará) previamente garantido. As marcas de uma deterioração moral no Brasil e no mundo estão aí excruciantes – e, talvez, a maioria das pessoas nem compreenda, nem perceba. Desesperados uns, alegremente outros, estamos acelerando – com o neoliberalismo – rumo ao caos e ao aprofundamento das desigualdades (o referido cenário do filme *Elysium*, os ricos, seguros, na estratosfera, os pobres, no inferno).

À primeira vista, estamos todos diante de desafios desproporcionais às nossas possibilidades. Nós quem? Nunca devemos esquecer de perguntar. Nós, as pessoas de boa vontade, homens e mulheres, jovens e idosos, que supomos importante ir além da

estrita animalidade e não se deixar neutralizar numa vida oca, num ambiente de violência, medíocre, sem qualquer significado, cada vez mais próximos de desistir de uma condição humana que vá além da mera sobrevivência. Aonde podem nos levar as utopias sonhadoras? Paralela à utopia está a impotência, como que uma condição do sonho. A suposição básica aqui é que podemos – e precisamos – ir além da utopia (o discurso sonhador) e da mediocridade (a realidade crua). Exercitar a *práxis* rumo à construção de uma sociedade decente, à altura de nossas potencialidades. “...sou pequeno”, dizia-nos Castro Alves (e podemos até aduzir, caminhando devagar, o caminho é árduo), mas “... só fito os Andes”, completava convicto o poeta⁴²⁷.

Lênin, certa vez, escreveu um artigo que intitulou de *a catástrofe que nos ameaça e a forma de combatê-la*. Isso chega a parecer um arquétipo junguiano, algo como *deter o apocalipse*. Não é impossível que a humanidade esteja sempre à beira de um abismo (nunca estaremos livres de um meteoro catastrófico, de uma invasão de bárbaros ou de uma epidemia devastadora). Mas o âmago da vida é seguir em frente, buscando mais vida, vida mais plena.

Um dos nossos grandes problemas – enorme – é que para muitos (milhões!) *a catástrofe* já está acontecendo, agora.

Tudo é contraditório. Para muitos tudo parece ótimo, para outros não está bom, mas *dá pra suportar*, etc. Para os que estão mergulhados nos oceanos de pobreza, contudo, a catástrofe, a degradação da vida, não está no futuro, é a realidade da vida, aqui e agora. E o foco não pode ser apenas na pobreza extrema, não se trata apenas dos que passam fome. É indispensável ver e tratar também dos milhões e milhões emparedados nos muros dos diversos

427

Castro Alves, **Espumas Flutuantes**. Quem dá aos pobres empresta a Deus: “Eu, que a pobreza de meus pobres cantos/ Dei aos heróis — aos miseráveis grandes —, / Eu, que sou cego, — mas só peço luzes.../ Que sou pequeno, — mas só fito os Andes... / Canto nest’hora, como o bardo antigo/ Das priscas eras, que bem longe vão, / O grande NADA dos heróis, que dormem/ Do vasto pampa no funéreo chão...”

níveis de pobreza. É uma iniquidade permitirmos, cúmplices (ativos ou passivos), a continuidade dessa situação.

Outro aspecto que nos integra é de uma condição paradoxal: a cada um de nós chegará o momento da despedida final. O que poderá ficar de nós mesmos serão os nossos semelhantes e os nossos descendentes, o que fomos, o que fizemos. O ser humano individual é infinitamente menor que a humanidade – e, esta, se constrói (ou se destrói) coletivamente. A grande armadilha histórico-existencial é deixar-se preencher pela violência e pela erística – ou pela apatia. Ser humano (racional, emocionalmente maduro, ativo, consistente, socialmente irmanado) é o desafio, por dentro do viver cotidiano, viver produtivamente, construtivamente, em equilíbrio dinâmico.

Este nosso mundo social está doente, patológico, sociopatia generalizada, porque a grande maioria das pessoas foi, desde a primeira infância, moldada para uma vida medíocre e competitiva. Pessoas medíocres constroem uma sociedade medíocre, onde a vida é banalizada, onde as pessoas passam a ser muito menos do que poderiam ser, cúmplices de modos de vida deteriorados, a beleza da vida murcha, fenece – antes da hora. Mas não é apenas a minha vida ou a sua (ou dos parentes mais chegados), é a de todos nós. O ser humano é social ou não é humano. Ser *bem sucedido* num mundo social degradado, como o nosso, é uma ilusão funesta, muitos dos chamados *bem sucedidos* neste mundo degradado são necrófilos.

Os homens e mulheres, jovens e idosos, do campo da boa vontade, precisamos trabalhar e lutar por algo melhor, daí o desafio é, antes de tudo, ético, do indivíduo à vida social, da vida social às pessoas. O ideal é uma vida (individual e coletivamente) preenchida pela construção e realização da dignidade humana, de todos e de cada um de nós.

Por ser ética, a construção precisa ser democrática, substantivamente democrática. Isso significa que, também, a partir de como

o nosso mundo social está *patologicamente organizado*, teremos conflitos e adversários. Os nossos métodos precisam, em nome da eficácia, ser compatíveis com os objetivos, daí a necessidade de uma *opção radical pela democracia* e, em consequência, pela não violência, sem concessões à barbárie e à tirania. Os oprimidos mais do que o direito de autodefesa, precisam construir os seus espaços e tempos de vida. Os assassinos, os psicopatas, os sociopatas, terão que ser contidos. As regras da vida social, nesse mundo social patológico, doente, precisam de várias e substantivas mudanças, mas os métodos da mudança não podem ser os métodos da barbárie. Podemos começar buscando reduzir o generalizado grau de cumplicidade com o mal feito. Somos indivíduos-sociais, a ética se realiza no comportamento social. Cada qual, indivíduos, grupos, faz a sua parte, fazendo o que pode, mas esse *pode* precisa ir além da mesmice – que está nos mergulhando numa vida social degradada. As chamadas práticas neoliberais consolidam e ampliam desigualdades insuportáveis, vai implodir qualquer hipótese de vida social decente.

Temos séculos de *processo civilizatório*. Por isso mesmo, a partir de percursos, catastróficos uns, construtivos outros, ponderando e sopesando as experiências históricas, chegamos aos valores, à necessidade de valorizar os valores e construir a partir deles, porque assim a construção será a construção da vida social, da nossa vida – e dos que vão nascer – num patamar de dignidade – para que possamos ter orgulho – e não nojo (ou risinhos envergonhados) – do que fizemos de nós mesmos.

Por tudo isso, o gigantismo dos desafios não pode nos aprisionar na apatia, no medo, na impotência nem no cinismo e no apego aos confortos mesquinhos. Algo precisa ser feito, da escravização chegaremos à libertação e à emancipação, *construir um mundo social melhor* (ou menos cruel) *é possível*, podemos fazer sim, sem ódio e sem medo, por que não?

Democracia, *ecologia*, *nacionalismo* (respeito aos espaços coletivos), *reformismo conceitual e estratégico* (diálogo e não violência), *equidade*, *paz social*, *participação* (pressão social contra as

iniquidades) e cidadania ativa, *institucionalização eficiente, eficácia*, enfim, agir com ética – caminho incontornável para a qualidade da vida.

A pertinência dos valores emerge da experiência histórica, estamos caminhando para uma sucessão de catástrofes (*quem viver verá*). Podemos, metafórica e substantivamente, nos ajudar efetivamente – e viver a aventura humana de um modo mais pleno e mais compatível com o que podemos ser. Buscar e construir – não os caminhos das raposas, das feras ou dos ratos – mas os caminhos da dignidade da condição humana, de todos.

São – e continuarão a ser – impotentes as utopias sonhadoras. Por isso são indispensáveis diagnósticos, históricos, análises competentes dos contextos estruturais e conjunturais, metas desafiadoras e alcançáveis, ações políticas pertinentes, melhorias gradativas rumo às transformações necessárias, com firmeza e equilíbrio. Há, sim, muito o que se pode fazer.

Para indivíduos, pessoas, grupos, coletivos, o fracasso é sempre uma possibilidade, mas nada fazer é a receita certa para a catástrofe. Fazer algo – de forma organizada, consciente, dialogal – no rumo certo, por menos que seja – mas para além da apatia das zonas de conforto – é pôr em exercício o que nos resta de condição humana. Sim, de novo, o caminho é político, ético-político, a política da civilização, para além da barbárie atual. Negligenciar, não acordar, não atentar para esses fatos, tem tudo a ver com cumplicidade com as misérias aberrantes que aí estão.

Animalidade crua ou ética? Utopia ou decência?

Se não queremos desistir de nós mesmos, mas, ao contrário, buscamos um modo de ser mais produtivo – compatível com a dignidade estendida, que nós mesmos elaboramos, se nos queremos humanos, civilizados, decentes – ajustar nossas vidas aos valores – é o caminho que temos.

A vida é um desafio contínuo, é preciso recomeçar sempre. Precisamos fazer melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIER, Joan Martinez. **O ecologismo dos pobres**. Ed. Contexto, 2007.
- ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Nova Fronteira, 2002.
- ANDRADE, L. (*et al.*). **Pensamento sistêmico**: caderno de campo. Bookman, 2006.
- ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. Boitempo, 2014.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: relato sobre a banalidade do mal. Cia. das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Ed. Perspectiva, 2011.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Ed. Relume-Dumará, 1994.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Ed. Nova Cultural, 1987.
- ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Ed. Três Estrelas, 2016.
- ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Vozes, 1998.
- ARRUDA, J. J. de Andrade. **História Antiga e Medieval**. Ática, 1982.
- ATKINSON, Anthony. **Desigualdade**. Ed. LeYa, 2015.
- BACON, Francis. **Novo organum**. EDIPRO, 2014.
- BAHRO, Rudolf. **A alternativa para uma crítica do socialismo real**. Paz e Terra, 1980.
- BALIBAR, Etienne. **A filosofia de Marx**, Jorge Zahar, 1995.
- BALIBAR, Etienne. Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Ler O Capital**. Zahar, 1980.
- BARAN, Paul. **A economia política do desenvolvimento**. Zahar, 1972.
- BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**. Ed. Contexto, 2007.
- BASBAUM, Leôncio. **Alienação e Humanismo**. Símbolo, 1977.

BEER, Max. **História do socialismo e das lutas sociais**. Expressão Popular, 2006.

BENNIS, Warren. **O futuro da liderança**. Ed. Futura, 2002.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Cia. das Letras, 2007.

BERNARDO, João. **Marx crítico de Marx**. Afrontamento (3 vols.), 1977.

BERNSTEIN, Eduard. **Socialismo Evolucionário**. Jorge Zahar, 1997.

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas**. Vozes, 2009.

BETTELHEIM, Charles – **A luta de classes na União Soviética**. Paz e Terra (vol. 1, 1979; vol. 2, 1983).

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. EdUERJ-Contraponto, 2005.

BOAS, Franz. **A mentalidade do homem primitivo**. Vozes, 2011.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. (coord.). **Dicionário de Política**. Ed. UNB, 1991.

BOHM, David. **Ciência, ordem e criatividade**. Gradiva, 1989.

BOHM, David. **O pensamento como um sistema**. Madras, 2007.

BONISSONI; MAISONNETT. O papel das corporações transnacionais na sociedade contemporânea: um olhar sobre a (in)efetividade dos direitos humanos. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, (Salvador) v. 4. n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/4162/0>.

BONO, Edward de. **Os seis chapéus do pensamento**. Sextante, 2008.

BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia**. Cia. das Letras, 2010.

BOURDIEU, P. (coord.). **A miséria do mundo**. Ed. Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **As artimanhas da razão imperialista**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aaa/a/zqDTC6cBFBj4KqDYXgcNjy/?format=pdf>.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações**. Martins Fontes, 1989.

BROWN, Dee – **Enterrem meu coração na curva do rio**. Ed. Melhoramentos, 1973.

BUCCI-GLUCKSMANN, Christine. **Gramsci e o Estado**. Paz e Terra, 1980.

CAPARRÓS, Martín. **A fome**. Bertrand Brasil, 2016.

CAPRA, Fritjof. **A visão sistêmica da vida**. Cultrix, 2014.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Cultrix, 1996.

CAPRA, Fritjof. **Conexões ocultas**. Ed. Pensamento-Cultrix, 2009.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Cultrix, 1988.

CAPRA, Fritjof. **O tao da física**. Cultrix, 1995.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. Ed. Geral, 2013.

CASSÉ, Michel e Morin, Edgar. **Filhos do céu**. Bertrand Brasil, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Paz e Terra, 2002.

CASTRO ALVES, **Navio negreiro**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>.

CAVALLI-SFORZA, L. L.. **Genes. Povos e Línguas**, Cia. das Letras, 2003.

CELSE FREDERICO. **O Marxismo de Lucien Goldmann**. Cronos, Natal-RN, v. 5/6, n. 1/2, 2005.

CERCAS, Javier. **Anatomia de um instante**. Ed. Azul, 2012.

CHIMAMANDA ADICHIE. **O perigo de uma história única**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O fenômeno humano**. Cultrix, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a servidão voluntária**. Autêntica Ed. e Ed. Fundação Perseu Abramo, 2013.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?** Ed. Bertrand Brasil, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Quem manda no mundo?** Ed. Planeta/Crítica, 2017.

CLARKE, Arthur C.. **Odisseia espacial**, Ed. Edibolso, 1975.

COLEMAN, Wim; PERRIN, Pat. **O livro da pragmática de Marilyn Ferguson**. Nova Era, 1994.

CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Unicamp, 1993.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. Editora UNESP, 2010.

COSTA, Magnólia. **A nau dos insensatos**. Disponível em: <https://magnoliacosta.art/blog/2020/5/6/plato-e-a-nau-dos-loucos>.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A democracia como valor universal**, Ed. Ciências Humanas, 1984.

CROZIER, Michel. **A sociedade bloqueada**. Ed. UNB, 1970.

DAHL, Robert. **Um prefácio à democracia econômica**, Jorge Zahar, 1990.

DALGALARRONDO, Paulo. **Evolução do cérebro**, Artmed, 2011.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**, Cia. das Letras, 2011.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**, Cia. das Letras, 2000.

DAWKINS, Richard. **A grande história da evolução**, Cia. das Letras, 2009.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**, Cia. das Letras, 2007.

DELACAMPAGNE, C.. **História da escravidão**. Texto & Grafia, 2013.

DEMO, Pedro. **Pobreza política**, Cortez, 1988.

DENNETT, Daniel. **Quebrando o encanto**, Globo, 2006.

DESMOND MORRIS. **O macaco nu**. Círculo do Livro, 1975

DEUTSCHER, Isaac. **Ironias da história**, Civilização Brasileira, 1968.

DEUTSCHER, Isaac. **Stálin: a história de uma tirania (2 vols.)**, Civilização Brasileira, 1976.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço**. Ed. Record, 2005.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Record, 2014.

DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Zahar, 1977.

DOBZHANSKY, Theodosius. **O homem em evolução**. (Ed. Polígono/Editora da Univ. de São Paulo, 1968).

DOBZHANSKY, Theodosius. **Nothing in Biology makes sense except in the light of evolution**. <https://online.ucpress.edu/abt/article-abstract/35/3/125/9833/Nothing-in-Biology-Makes-Sense-except-in-the-Light?redirectedFrom=fulltext>.

DONATO, Jair. Gazeta Digital de Cuiabá (MT). **Religião e meio ambiente**. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/opiniaio/religiao-e-meio-ambiente/217847>.

DRAGUILEV. **A crise geral do capitalismo**, Alba, 1961.

DUFOR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**, Ed. Companhia de Freud, 2005.

DUSSEL, Enrique. **A ética da libertação**. Vozes. 2000.

DWORKIN, Ronald. **Felicidade artificial**, Ed. Planeta, 2007.

DYSON, Freeman. **Infinito em todas as direções**, Cia. das Letras, 2000.

EAGLETON, Terry. **Marx estava certo**. Nova Fronteira, 2012.

ELIAS, Norberto. **O processo civilizador** (2 vols.), Jorge Zahar, 1992.

ELLIS, Albert. **A conquista da felicidade**, Record, 1982.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**, Expressão Popular, 2012.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**, Ed. Boitempo, 2015.

EVANS-PRITCHARD, Edward. **História do pensamento antropológico**, Edições 70, Lisboa, 1989.

FERGUSON, Marilyn. **A conspiração aquariana**, Record, 1994.

FERGUSON, Niall. **Civilização: ocidente x oriente**, Planeta do Brasil, 2021.

FERRÉZ (Reginaldo Ferreira da Silva). **Seminário democracia em colapso?** comunicação e hegemonia cultural. Boitempo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRSi-5q54uU>.

FOER, Franklin. **O mundo que não pensa**, LeYa, 2018.

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**, Ed. UNESP, 2003.

FORRESTÉ, Viviane. **Horror económico**, Ed. Unesp. 1997.

- FOSSAERT, Robert. **A sociedade**, Zahar, 1979.
- FOSSAERT, Robert. **As estruturas econômicas**, Zahar, 1981.
- FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx**. Civilização Brasileira, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Ed. WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**, Ed. WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**, Ed. WMF Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros** Ed. WMF Martins Fontes, 2010.
- FREUD, S.. **Mal-estar na civilização**, Penguin. Cia. das Letras, 2011.
- FREUD, S.. **O futuro de uma Ilusão**. Imago, 1997.
- FROMM, Erich. **Análise do homem**. Zahar, 1968.
- FROMM, Erich. **Anatomia da destrutividade humana**, Zahar, 1987.
- FROMM, Erich. **A arte de amar**. Itatiaia, 1986.
- FROMM, Erich. **O conceito marxista do homem**. Zahar. 1970.
- GAIRSA, José Ângelo. **A juventude diante do sexo**, Brasiliense, 1967.
- GALBRAITH, J.K. **A natureza da pobreza das massas**, Nova Fronteira, 1979.
- GALBRAITH, J.K. **Anatomia do poder**. Ed. Pioneira, 1999.
- GALBRAITH, J.K. **Controle de armamentos e poder militar**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a03.pdf>.
- GARAUDY, Roger. **Karl Marx**, Zahar, 1967.
- GASSET, José Ortega y. **Em torno a Galileu**, Vozes, 1989.
- GERBAUDO, Paolo. **O grande recuo**. Ed. Todavía, 2023.
- GIAP, Vo Nguyen. **Dien bien phu**: memorias da guerra, Ed. The Gioi, 2004.

GIAP, Vo Nguyen. **Manual de estratégia subversiva**, Silabo, 2005.

GIAP, Vo Nguyen. **O vietnã segundo giap**, Saga, 1968.

GIBRAN, Gibran Khalil. **O profeta**. Ed. Acigi, s/d.

GIMENES, Éder Rodrigo. Teoria das elites e as elites do poder. **Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR**, vol.2 – n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/49>.

GOLEMAN, Daniel. **Foco**, Ed. Objetiva, 2014.

GOLEMAN, Daniel; SENGE, Peter. **O foco triplo**. Objetiva, 2014.

GONÇALVES DIAS. **Canção do tamoio**, <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000013.pdf>.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**, Pioneira-Thomson, 2005.

GORDON CHILDE, Vere. **A evolução cultural do homem**, Zahar, 1975.

GORDON CHILDE, Vere. **A evolução social**. Zahar. 1961.

GORDON CHILDE, Vere. **O que aconteceu na História**, Zahar, 1973.

GORE, Albert. **O ataque à razão**, Manole, 2008.

GORE, Albert. **Uma verdade inconveniente**. Manole, 2006.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. Ática, 1985.

GORKI, M.. **As minhas universidades**. Ediouro, s/d.

GORKI, M. **Pequenos burgueses**. Brasiliense, 1965.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. Ed. Martins Fontes, 1999.

GREENSPAN, Stanley. **A evolução da mente**, Record, 1999.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**, Ed. Graal, 1980.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**. L&PM Editores, 1980.

GUATTARI, Félix. **A revolução molecular**: pulsações políticas do desejo, Brasiliense, 1985.

- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**, Papirus, 1998, 7ª ed.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**, L&PM, 2019.
- HARRINGTON, Michael. **O crepúsculo do capitalismo**, Civilização Brasileira, 1976.
- HART, Carl. **Um preço muito alto**, Zahar, 2014.
- HAWKEN, Paul. **Capitalismo natural**, Cultrix, 2010.
- HAYAKAWA, S. I. **A linguagem no pensamento e na ação**. Pioneira, 1972.
- HEGEL. **Fenomenologia do espírito (2 vol.)**, Vozes, 1992.
- HESÍODO, **Os trabalhos e os dias**, Iluminuras, 1991.
- HOBSBAWM, Eric. **História do marxismo (12 vols.)**, Paz e Terra, 1979-1989.
- HOLLAND, John. **A ordem oculta**, Ed. Gradiva, 1997.
- HORNEY, Karen. **Nossos conflitos interiores**. DIFEL, 1984.
- HUXLEY, Aldous. **A ilha**, Civilização Brasileira, 1967.
- HUXLEY, Aldous – **Admirável mundo novo**, Ed. Globo, 2001.
- JACQUARD, Albert. **Filosofia para não filósofos**, Campus, 1998.
- JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros**, Boitempo, 2010.
- JAEGER, Werner. **Paideia**, Ed. Martins Fontes/UNB, 1986.
- JULLIEN, François. **O tratado da eficácia**, Ed.34, 1998.
- JUNG, Carl. **O eu desconhecido**, Ed. Fundo de Cultura. 1961.
- KAHANE, Adam. **Como resolver problemas complexos**, Ed. Senac SP, 2008.
- KEELEY, Lawrence H. **A guerra antes da civilização**, É Realizações, 2011.
- KELSSELRING, Thomas. **Jean Piaget**, Vozes, 1993.
- KORTEN, David C. **Quando as corporações regem o mundo**, Futura, 1996.
- KOSIC, Karel. **Dialética do concreto**, Paz e Terra, 1976.

KOURILSKY-BELLIARD, Françoise. **Do desejo ao prazer de mudar**: compreender e provocar a mudança, Manole, 2004.

KRADER, Lawrence. **A formação do Estado**. Zahar Editores, 1970.

KRAUSE, Johannes; TRAPPE, Thomas. **A jornada dos nossos genes**, Sextante, 2022.

KROPOTKIN, Piotr – **Ajuda mútua**: um fator de evolução. A Senhora Editora, 2009. Disponível em: <https://otal.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/09/Ajuda-M%C3%BAtua-um-fator-de-evolu%C3%A7%C3%A3o-Piotr-Kropotkin.pdf>.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Perspectiva, 1962.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Nova Fronteira, 1987.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**, Paz e Terra, 1996;

LAING, Ronald. **A política da família**. Martins Fontes), 1983.

LASZLO, Ervin – **O ponto do caos**. Cultrix, 2011.

LATOUCHE, Serge. **Análise econômica e materialismo histórico**. Zahar. 1977.

LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597852-imaginar-os-gestos-barreiras-contr-a-o-retorno-da-producao-anterior-a-cri-se-artigo-de-bruno-latour>.

LEAKEY, Richard. **A evolução da humanidade**, Melhoramentos, Círculo do Livro e Ed. UnB, 1981.

LEAKEY, Richard; Lewin, Roger. **O povo do lago**, Ed. UNB. Melhoramentos, 1988.

LEBOYER, Frederick. **Nascer sorrindo**, Ed. Brasiliense, 1974.

LEFEBVRE, Henri. **O marxismo**, Difusão Europeia do Livro, 1958.

LEINER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**, Alameda, 2020

LÊNIN. **Materialismo y empirocriticismo**. Editorial Progresso, Moscou (obras escogidas, tomo IV). 1976.

LÊNIN. **O esquerdismo, doença infantil do comunismo**. Global, 1989.

LÊNIN (Vladimir Ilitch Ulianov). **Que fazer?** Editorial Estampa, 1973.

- LENIN. **Acerca del Estado**. Editorial Progreso (Moscou), 1980.
- LEVINSON, J. C. **Excelência no marketing de guerrilha**. Saraiva, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tempo Brasileiro, 1991.
- LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmicas de grupo**, Cultrix, 1973.
- LEWIN, Leonard C. **A paz indesejável**, Ed. Laudes, 1969.
- LEWIN, Roger. **Complexidade: a vida no limite do caos**, Ed. Rocco, 1994.
- LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. Martins Fontes, 1998.
- LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Intrínseca, 2008.
- LOVELOCK, James. **Gaia: cura para um planeta doente**. Cultrix, 2006.
- LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Vozes, 2011.
- LURIA, A. R.. **A construção da mente**. Ed. Ícone, 1992.
- MACPHERSON, C.B. **A teoria política do individualismo possessivo**, Ed. Paz e Terra, 1979.
- MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue**, Contexto, 2009.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**, Zahar, 1968.
- MAO TSÉ-TUNG. **Sobre a prática e sobre a contradição**, Expressão Popular, 2001.
- MAROZZI, Justin. **Bagdá: cidade da paz, cidade de sangue**, Ed. Amarilys, 2014.
- MARQUESE; Rafael; SALLES, Ricardo (orgs.). **Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba. Brasil e Estados Unidos**. Civilização Brasileira, 2016.
- MARTINET, Gilles. **Os cinco comunismos**. Publ. Europa-América, 1972.
- MARX, Karl. Prefácio. *In*: **Contribuição à crítica da economia política**. Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **Guerra Civil na França**. Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luis Bonaparte**, Boitempo, 2011.

- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política, Civilização Brasileira, 1970/1980.
- MARX, Karl; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**, Boitempo, 2007
- MARX, Karl; Engels, F. **A sagrada família**, Ed. Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**, Expressão Popular, 2008,
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios São as Massagens**, Record, 1990.
- MEADOWS, Donella H. **Limites do crescimento: a atualização de 30 anos**, Qualitymark, 2007.
- MEILLASSOUX, Claude. **Antropologia da escravidão**: o ventre de ferro e dinheiro. Jorge Zahar, 1995.
- MENEZES, Pedro. **O que é maniqueísmo**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/maniqueismo/>.
- MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**, Ed. Boitempo, 2015.
- MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**, Boitempo, 2006.
- MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**, Boitempo, 2007.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Boitempo, 2014.
- MICHELS, Robert. **Sociologia dos partidos políticos**, Ed. UNB, 1982.
- MILLS, C.W. **A elite do poder**, Zahar, 1975.
- MITHEN, Steven. **A pré-história da mente**, Ed. UNESP, 2002.
- MOLES, Abraham. **As ciências do impreciso**, Ed. Civilização Brasileira, 1995.
- MONTORO, André Franco. **Ideologias em luta**, Ed Cbag, 1966.
- MORGAN, Lewis. **A Sociedade Antiga** (2 vols.), Presença, 1978-1980.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Ed. Bertrand Brasil, 2002.
- MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos**. Sulina, 2010.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Sulina, 2005.

MORIN, Edgar; NAIR, Sami. **Uma política de civilização**, Arléa-Instituto Piaget, 1997.

MURDOCK, George Peter. Como a cultura se modifica. *In*: SHAPIRO, Harry L, **Homem, cultura e sociedade**, Ed. Fundo de Cultura, 1956.

NALEBUFF, Barry; BRANDENBURGER, Adam M. **Coopetição**, Ed. Rocco, 1996.

NETTO, José Paulo. **Marx: dialética para principiantes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ywZQnMnGejk>.

NEVES, Walter Alves; RANGEL JR, Miguel José; MURRIETA, Rui Sérgio S. **Assim caminhou a humanidade**, Ed. Palas Athena, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**, Brasiliense, 1987.

NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial**. Hucitec, 1986.

ORMEROD, Paul. **O efeito borboleta**, Campus, 2000.

ORWELL, George. **1984**, Ed. Nacional, 1984, 9ªed.

PACKARD, Vance. **Estratégia do desperdício**. IBRASA, 1965.

PAPPENHEIM, Fritz. **A alienação do homem moderno**. Brasiliense, 1967.

PENA, Sérgio D. J. **Humanidade Sem Raças?** Ed. Publifolha, 2008.

PENA, Sérgio D. J. **Igualmente diferentes**, Ed. UFMG, 2009.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, O. **A história da escravidão**. Boitempo, 2009.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**, Vozes, 1996.

PIAGET, Jean. **O estruturalismo**, Ed. DIFEL, 2003.

PINKER, Steven. **Os anjos bons da nossa natureza**, Cia. das Letras, 2013.

PINKER, Steven. **Tábula rasa**, Cia. das Letras, 2004,

PINTO, Álvaro Vieira – **Ciência e existência**. Paz e Terra, 1985.

- PINTO, Luiz Fernando da Silva. **Konosuke Matsushita, o senhor do tempo**, Ed. T.A. Queiroz, 1992.
- PLEKHANOV, G.. **O papel do indivíduo na história**, Ed. Expressão Popular, 2000.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época, Elsevier, 2000.
- POLITZER, Georges. **Princípios fundamentais de filosofia**, Editorial Andes, 1956.
- POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações**. Ed. Universidade de Brasília, 1972.
- POPPER, Karl. **A sociedade aberta e os seus inimigos** (2 vols.). Itatiaia – Ed. Univ. SP, 1987.
- POPPER, Karl; ECCLES, John. **O eu e seu cérebro**. Papirus, 1991.
- POULANTZAS, Nicos. **O Estado. o poder. o socialismo**. Graal, 1980.
- PRADO JR, Caio. **A Revolução Brasileira**, Brasiliense, 1966.
- PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**, Brasiliense, 2000.
- PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**, Ed. UNESP, 1996.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. **Revista Civilização Brasileira**, nº 7, 1966.
- QUEIROZ FILHO, José Pinto de. **Função. disfunção e controle da mente humana**, Ed. Universitária Americana, Salvador, 1991.
- RAINE, Adrian. **Anatomia da violência**, Artmed, 2015.
- RAPOPORT, Anatol. **Lutas. jogos e debates**. Ed. UNB, 1980.
- REICH, Wilhelm. **O assassinato de Cristo**, Martins Fontes, 1999.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes, 2001.
- RENESCH, John E. **A conquista de um mundo melhor**, Cultrix/Amana-Key, São Paulo, 2002.
- RESTIF DE LA BRETONNE. **Noites revolucionárias**. Ed. Estação Liberdade.
- RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**. Global, 2015.
- RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. Civilização Brasileira, 1972.
- RIBEIRO, Darcy. **Teoria do Brasil**. Paz e Terra, 1972.

- RIES, Al; TROUT, Jack. **Posicionamento**: a batalha por sua mente, M. Books, 2009.
- RIFKIN, Jeremy. **A Terceira Revolução Industrial**. M. Books. 2012.
- RIFKIN, Jeremy. **O fim dos Empregos**, Makron Books 1995.
- RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**, Ed.34, 2012.
- ROBERT, Karl-Henrik. **The natural step**. Cultrix, 2011.
- ROSNEY, Joël de. **O homem simbiótico**. Vozes, 1997.
- ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**, Tempo Brasileiro, 2001.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Ed. UnB, 1985.
- RUSSELL, Bertrand. **No que acredito**. L&PM, 2007.
- RUSSELL, Bertrand. **Por que não sou cristão**. Exposição do Livro, 1972.
- RUSSELL, Bertrand. **Educação e ordem social**, Cia. Ed. Nacional, 1956.
- RUTHERFORD, Adam. **O livro dos humanos**: a história de como nos tornamos quem somos. Record, 2020.
- SACHS, Jeffrey. **O fim da pobreza**, Cia. das Letras, 2005.
- SALAMA, Pierre; VALIER, Jacques. **Pobrezas e desigualdades sociais no 3º mundo**, Nobel, S. Paulo, 1997,
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Democratizar a democracia**, Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Produzir para viver**, Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**, Record, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**, Vozes, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método**, Difusão Europeia do Livro, 1967.
- SCHILLING, Paulo. **Como se coloca a direita no poder**, Ed. Global, 1979.

SHIRER, William. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**, Civilização Brasileira, 1975.

SCHUMACHER, E. F. . **O negócio é ser pequeno**, Zahar, 1979.

SCHWARTZ, Peter. **A arte da previsão**: planejando o futuro em um mundo de incertezas; Ed. Página Aberta, 1995.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **Sociologia Política**: elementos de ciência política, DIFEL, 1979.

SENGE, Peter. **A quinta disciplina**: arte e prática da organização que aprende, Ed. Best Seller, 2006.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público** (Cia. das Letras, 1988).

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter** (Record, 2001).

SILVA, Carla Luciana. **A onda vermelha**, Edipucrs, 2001.

SILVA, Iverson Geraldo da. **Pombal e Malagrida**. Simpósio Nacional de História, Florianópolis (SC), 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/CLIENTE/Desktop/P%20O%20M%20B%20A%20L.pdf>.

SILVA, Golbery do Couto e. **Conjuntura política nacional, o Poder Executivo & Geopolítica do Brasil**, José Olímpio, 1981.

SIMON, Herbert. **A razão nas coisas humanas**. Gradiva, 1989.

SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Abril Cultural, 1979.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Cia. das Letras, 2003.

SROUR, Robert Henry. **Modos de produção**: elementos da problemática. Graal, 1978.

STIGLITZ, Joseph E. **A globalização e seus malefícios**, Ed. Futura, 2002.

SUN TZU, **A arte da guerra**. Ed. Pensamento, 2007. Destaque para a introdução de Thomas Cleary.

SUU KYI. **Viver sem medo**, Ed. Campus, 1992.

- SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**, Ed. Civilização Brasileira, 1998.
- THERBORN, Göran. **O mundo**: um guia para iniciantes. Contexto, 2013.
- THOREAU, Henry David. **Walden ou a vida nos bosques**. Edipro, 2018.
- TILLITCH, Paul. **A coragem de ser**, Paz e Terra, 1977.
- TODD, Emmanuel. **A ilusão econômica**. Bertrand Brasil, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista das Américas**. WMF Martins Fontes, 2010.
- TOLSTOI, L.. **A morte de Ivan Ilitch**. Ediouro, 1992.
- TORRES, André. **Exílio na Ilha Grande**. Círculo do Livro, 1979.
- TROTSKY, L.. **A história da Revolução Russa**. Ed. Saga, 1967.
- TUCHMAN, Bárbara. **A marcha da insensatez**: da Guerra de Tróia ao Vietnã, Ed. Agir, 1985.
- UNESCO. **História da África** (8 vols.).
- VEBLIN, Thorstein. **Teoria da classe ociosa**, Ed. Pioneira, 1965.
- VELLAY, Pierre. **Parto sem dor**. Ibrasa, 1980.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**, Martins Fontes, 2007.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Jorge Zahar, 1995.
- VASCONCELLOS, Maria José E. de. **Pensamento sistêmico**. Papirus, 2012.
- VOLLMANN, William T. **Por que vocês são pobres**. Ed. Conrad, 2010.
- WAAL, Frans de. **Eu, primata**. Cia. das Letras, 2007.
- WACQUANT, Loïc. **Poder simbólico e fabricação de grupos**: como Bourdieu reformula a questão das classes. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200007>.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**, Ed. Contraponto, 2001.
- WELLS, H.G.. **A ilha das almas selvagens**, Civilização Brasileira, 1962.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos, Cultrix, 1958.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**, Cia. Ed. Americana, 1975.

WILSON, E. O.. **A conquista social da terra**, Cia. das Letras, 2013.

WRIGHT, Robert. **Não-zero: a lógica do destino humano**. Campus, 2000,

ZOLA, Émile. **Germinal**, Círculo do Livro, 1976.

ZWEIG, Stefan. **Joseph Fouché**. – Ed. Delta (Obras Completas, vol. 5), 1956.

FILMES CITADOS:

A NAU DOS INSENSATOS. Stanley Kramer (direção), 1965.

A QUEDA! AS ÚLTIMAS HORAS DE HITLER. Oliver Hirschbiegel (direção), Bernd Eichinger (roteiro), 2004.

CIDADE DE DEUS. Fernando Meirelles e Kátia Lund (direção e codireção), Bráulio Mantovani (roteiro a partir do livro de Paulo Lins), 2002.

ELYSIUM. Neill Blomkamp (direção e roteiro), 2013.

HANNAH ARENDT, IDEIAS QUE CHOCARAM O MUNDO. Margarethe von Trotta (direção), 2012.

HOTEL RUANDA. Terry George (direção), 2004.

IRMÃO SOL, IRMÃ LUA. Franco Zeffirelli, 1972.

LA NAVE VA. Federico Fellini (direção e roteiro, c/ outros), 1983.

OS DEUSES MALDITOS. Luchino Visconti, 1969.

TEMPOS DE PAZ. Daniel Filho (direção, Bosco Brasil (roteiro), 2009.

UM ESTRANHO NO NINHO. Miloš Forman (direção), 1975.

A ESCOLHA DE SOFIA. roteiro de Alan J. Pakula, 1982.

SOBRE O AUTOR



Foto: Davi Boaventura.

Beraldo Boaventura

Baiano de Salvador, nascido em 1946. Formado em jornalismo pela UFBA, foi bancário e gestor ambiental. Envolvido desde muito cedo nas lutas políticas (estudantis, sindicais, comunitárias e partidárias): na década de 60 foi vinculado ao PCB e ao MDB (tendo passado por detenções e processos repressivos); nas décadas de 70 e 80 destacou-se como sindicalista, foi presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia; em 1990 elegeu-se deputado federal; a partir de 2001 dedicou-se a atividades do terceiro setor.

Contato: reciarpoliticass@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

aliança 218, 287, 353
alienação 103, 104, 131, 147, 368, 388, 420, 435, 436
Aristóteles 21, 28, 50, 60, 64, 68, 86, 87, 114, 123, 169, 203, 240, 248, 277, 278, 302, 303, 319, 325, 345, 374, 376, 377, 384, 406
armadilhas históricas 26, 38, 61, 172, 227, 341, 344, 345, 346, 410

B

Bagdá 243, 348, 434
Bohm 9, 24, 305, 312, 329, 333, 337, 357, 394, 418
Bourdieu 68, 85, 133, 139, 150, 159, 163, 178, 248, 351, 440
burguesia 136, 152, 160, 177, 190, 191, 193, 194, 195, 206, 209, 210, 218, 224, 236, 252, 265, 266, 327, 329, 363, 375

C

caos 24, 73, 76, 86, 94, 99, 112, 161, 231, 240, 308, 325, 328, 333, 336, 372, 402, 420, 433, 434
Capitalismo 75, 206, 432, 440, 441
Capra 120, 148, 312, 319, 333, 337
Cassé 21, 24, 303
Castro Alves 55, 421
cenários 25, 101, 159, 336, 365, 371, 412
cérebro 24, 41, 42, 43, 51, 62, 66, 77, 202, 203, 259, 260, 306, 372, 417, 428, 437
Cibernética 131, 441
cidadania 83, 95, 96, 131, 144, 145, 147, 154, 174, 198, 221, 291, 302, 336, 360, 377, 383, 385, 388, 389, 391, 393, 397, 404, 414, 424
classes sociais 128, 177, 178, 203, 218
comércio 35, 41, 73, 103, 204, 205, 208, 218, 242, 327, 361, 362, 370

complexidade 42, 47, 48, 50, 51, 63, 72, 76, 78, 79, 80, 108, 135, 147, 177, 189, 215, 240, 241, 252, 257, 261, 264, 265, 272, 276, 280, 282, 308, 310, 311, 318, 319, 322, 324, 325, 326, 328, 329, 333, 335, 336, 350, 371, 372, 382, 392, 402, 418

complexidade humana 51

Comte 79, 319, 380

condição humana 18, 20, 36, 49, 54, 68, 70, 74, 76, 77, 80, 81, 94, 96, 226, 279, 291, 305, 321, 329, 330, 364, 366, 367, 376, 379, 394, 406, 414, 421, 424

conflitos 24, 28, 35, 37, 39, 52, 55, 57, 59, 60, 61, 116, 134, 135, 141, 157, 158, 173, 196, 203, 218, 221, 223, 234, 235, 243, 245, 246, 251, 263, 268, 269, 274, 282, 284, 287, 307, 308, 310, 348, 375, 376, 380, 381, 383, 384, 388, 392, 418, 423, 432

consciência 21, 55, 61, 70, 75, 82, 86, 87, 88, 94, 96, 109, 110, 127, 143, 149, 157, 169, 179, 180, 181, 188, 236, 274, 275, 308, 309, 315, 324, 327, 340, 341, 362, 366, 381, 413, 416, 428, 435

conservadorismo 353, 376, 401

consumismo 27, 98, 100, 101, 102, 103, 146, 147, 148, 149, 171, 180, 297, 385, 400, 403

contradição 50, 75, 190, 196, 217, 228, 231, 263, 324, 434

cooperação 41, 58, 66, 170, 405

Coopetição 312, 337, 436

cooptação 137, 139, 149, 180, 229, 297, 387

corrida armamentista 58, 60, 61, 72, 113, 134, 170, 234, 273, 344, 349, 392, 405, 410

corrupção 299, 366, 387, 398, 400, 406, 407, 415

cristianismo 156, 222, 232, 246, 274, 308, 399

D

Darcy Ribeiro 35, 59, 203, 204, 273, 364

Dawkins 32, 33, 34, 157

- democracia econômica 428
- democratização 168, 172, 191, 365, 367, 368, 380, 387, 391, 397, 412, 414
- desenvolvimento desigual 58, 72, 89, 113, 116, 203, 227, 234, 282
- desigualdade essencial 94, 270, 271, 343, 345, 346, 369
- desperdício 63, 386, 403, 436
- dialética 17, 29, 42, 48, 50, 62, 74, 84, 188, 190, 196, 197, 217, 228, 280, 307, 308, 323, 346, 377, 383, 385, 389, 396, 402, 408, 417, 418, 436
- dinâmicas sociais 283, 376
- ditadura 22, 23, 24, 158, 166, 191, 221, 229, 236, 238, 239, 251, 252, 329, 368, 388, 391
- Dobzhansky 67, 113, 129, 249
- E**
- ecologia 30, 38, 316, 322, 326, 353, 360, 368, 372, 423, 430
- Ecologismo 313
- Efeito Borboleta 325, 326, 337
- eficácia 29, 30, 88, 118, 121, 186, 188, 267, 271, 355, 359, 397, 412, 423, 424, 432
- elite 119, 160, 384, 435
- empresas 88, 104, 129, 130, 139, 145, 148, 168, 170, 172, 184, 189, 228, 229, 230, 245, 253, 254, 267, 296, 297, 321, 343, 349, 353, 390
- engajamento 395, 407, 408
- Engels 9, 62, 69, 89, 135, 162, 177, 191, 197, 200, 203, 213, 234, 235, 236, 237, 249, 251, 263, 264, 265, 276, 277, 323, 335, 360, 384, 389, 418, 435
- epígonos 248
- Equidade 413
- eslavos 126, 154, 244, 266, 348
- espiritualidade 19, 20, 21, 23, 24, 120, 310, 311
- Esquerdismo 138, 198, 324
- establishment 117, 119, 121, 134, 136, 140, 150, 154, 163, 165, 167, 174, 200, 269, 276, 297, 310, 311, 321, 322, 340, 352, 357, 359, 401
- Estado 41, 73, 120, 122, 131, 155, 160, 164, 168, 176, 183, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 207, 215, 222, 224, 230, 238, 242, 244, 253, 291, 296, 298, 343, 352, 353, 360, 365, 380, 382, 383, 384, 385, 387, 388, 426, 433, 434, 437
- estranheza étnica 57, 58, 59, 60, 72, 134, 234, 274, 282, 309, 344
- estrutura 36, 38, 45, 64, 75, 83, 107, 114, 134, 151, 169, 218, 283, 330, 331, 333, 433
- etapas históricas 113
- ética 26, 30, 42, 80, 82, 83, 85, 89, 92, 94, 133, 142, 156, 157, 192, 239, 289, 290, 321, 337, 345, 350, 352, 360, 365, 366, 367, 370, 371, 378, 379, 394, 398, 400, 406, 407, 411, 414, 415, 416, 417, 420, 422, 423, 424, 429, 436
- etnias 34, 36, 116, 153, 234
- evolução 29, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 48, 50, 61, 62, 63, 66, 75, 76, 77, 78, 79, 88, 89, 98, 113, 128, 138, 141, 167, 169, 170, 176, 192, 202, 203, 219, 220, 235, 242, 250, 253, 258, 269, 271, 272, 274, 275, 277, 278, 280, 310, 319, 325, 340, 346, 349, 362, 377, 380, 410, 428, 431, 433
- excedente econômico 69, 172, 252, 253
- F**
- fascismo 86, 181, 237, 265, 437
- Fossaert 135, 327, 337, 356
- Foucault 85, 190, 200, 254, 334, 384
- Fromm 38, 43, 44, 51, 74, 93, 129, 137, 217
- G**
- Galbraith 133, 148, 196, 197
- genética 34, 38, 39, 40, 43, 45, 46, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 90, 134, 256, 275, 418
- genocídio 51, 53, 150, 235, 243, 394
- gestores 73, 161, 177, 199, 250, 254, 368
- Goethe 330, 331, 354
- Gramsci 18, 155, 164, 181, 188, 189, 192, 248, 254, 325, 375, 382, 385, 388, 392, 393, 417, 426, 431
- grupos 28, 33, 34, 36, 37, 39, 46, 47, 53, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 67, 71, 72, 73, 75, 82, 83, 84, 88, 89, 113, 116, 131, 132, 134, 136, 142, 143, 146, 169, 178, 199, 203, 205, 207, 211, 213, 234, 236, 256, 269, 273, 274, 276, 283, 307, 314, 325, 340, 344, 346, 360, 362, 376, 397, 410, 423, 424, 440
- Gruppi 325, 385, 388

Guattari 85, 208, 267, 316, 337, 356, 384

guerra 37, 38, 39, 41, 42, 60, 76, 79, 90, 91, 102, 105, 118, 132, 139, 146, 156, 182, 186, 187, 193, 195, 196, 209, 211, 212, 218, 219, 230, 234, 237, 242, 243, 244, 245, 248, 257, 258, 265, 284, 292, 297, 304, 347, 349, 351, 366, 370, 392, 394, 396, 402, 430, 432, 433, 439

guerrilha 434

H

Hannah Arendt 53, 63, 87, 95, 114, 145, 173, 192, 196, 215, 315, 345, 347, 373, 380, 383, 393, 406

hedonismo 147, 149, 385

hegemonia 76, 103, 118, 119, 134, 136, 137, 139, 140, 144, 147, 155, 163, 164, 181, 185, 189, 193, 195, 199, 204, 207, 223, 238, 250, 251, 297, 298, 299, 320, 327, 347, 383, 392, 393, 394, 396, 397, 429, 431

história única 134, 427

hominínios 56

humanismo 47, 179, 360, 412

humanista 30, 68, 92, 309, 355, 369, 412, 414

I

ideologia 40, 140, 142, 147, 157, 173, 178, 180, 222, 225, 227, 229, 230, 232, 297, 371, 435

Iluminismo 64, 68, 218, 279, 361

imperialismo 207, 209, 210, 245, 249, 351

individualismo 17, 48, 52, 66, 84, 134, 140, 141, 142, 143, 172, 280, 287, 371, 399, 415, 434

indivíduo social 303

iniciativa 136, 210, 224, 228

inimigo 75

instâncias sociais 225

interação social 260

J

justa medida 17, 28, 123, 143, 169, 170, 173, 322, 374, 388, 391

justiça social 344, 353, 384

L

Lênin 123, 138, 143, 148, 164, 170, 181, 183, 186, 188, 191, 192, 196, 198, 200, 217, 246, 247, 250, 252, 263, 285, 293,

323, 324, 363, 371, 379, 385, 388, 389, 394, 395, 400, 406, 421

liberais 14, 68, 130, 144, 157, 177, 199, 213, 215, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 251, 284, 288, 296, 308

lobby 228, 387

Lorenz 38, 43

luta de classes 150, 189, 235, 239, 251, 426

lutas sociais 79, 197, 241, 270, 292, 323, 354, 359, 371, 426

M

macroetnias 59, 72, 73

Marquese 206, 236

Marx 21, 42, 67, 74, 77, 85, 87, 89, 93, 115, 131, 133, 135, 138, 139, 150, 155, 158, 162, 164, 170, 173, 177, 178, 179, 183, 186, 190, 191, 192, 193, 197, 200, 206, 209, 213, 217, 218, 224, 227, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 263, 264, 265, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 282, 303, 309, 311, 312, 319, 323, 325, 329, 332, 335, 337, 344, 351, 364, 379, 380, 384, 385, 389, 393, 396, 399, 406, 418, 425, 426, 429, 430, 435, 436

marxismo ortodoxo 139, 150, 180, 247, 263

massas 130, 160, 179, 181, 186, 198, 210, 282, 393, 397, 404, 430, 437

materialismo 323, 425, 433

MDB 23, 388, 442

medo 17, 56, 59, 61, 101, 105, 113, 134, 136, 150, 180, 200, 256, 260, 307, 309, 314, 376, 384, 388, 403, 423, 439

meio ambiente 316, 322, 324, 368, 429

Mészáros 70, 131, 157, 173, 303, 323, 330, 331, 332, 351, 354, 378

micropolítica 70, 85, 86, 87, 93, 120, 292, 384

modelo mental 69, 108, 109, 249, 340, 419

modernidade 29, 33, 73, 74, 75, 100, 165, 209, 220, 221, 227, 277, 316, 362

Montagu 43

Morin 21, 24, 42, 120, 126, 131, 267, 303, 312, 316, 322, 323, 326, 327, 332, 337, 353, 357, 366, 382, 404, 427, 435

mudança social 200, 440

múltiplas ecologias 267, 316, 372, 413

N

Nacionalismo 413
 não violência 209, 423
 nau dos insensatos 132, 428, 441
 nazistas 38, 244, 266, 284, 347, 348
 neoliberalismo 51, 104, 114, 128, 145, 165, 166, 225, 226, 227, 229, 230, 232, 237, 251, 298, 299, 322, 353, 358, 399, 400, 420

O

Ormerod 253, 325, 326, 327, 337
 ortodoxia 86, 123, 124, 136, 214, 225, 247, 265, 309
 otimismo 18, 215, 296, 375, 417

P

Paine 224, 225, 325
 pandemia 15, 26, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 119, 121, 138, 139, 179, 181, 304, 322, 402
 paradigma emocional-cognitivo 46, 64, 65, 69, 77, 78, 80, 181, 410, 418, 419
 Participação 414
 partido 23, 164, 165, 215, 245, 264, 282, 291, 391, 394, 395, 397, 399, 400, 416
 partidos políticos 291, 389, 435
 Paz social 414
 Pensamento sistêmico 425, 440
 pessimismo 18, 375, 417
 Piaget 42, 66, 80, 181, 332, 333, 337, 432, 436
 Pinker 40, 41, 42, 43, 47, 49, 51, 63, 69, 78, 79, 143, 203, 226, 282, 304
 plasticidade humana 37
 Platão 132, 248, 398
 Plekhanov 85, 181, 192, 277, 278, 279
 pobreza 26, 27, 29, 53, 98, 105, 112, 117, 126, 151, 152, 158, 159, 160, 161, 166, 168, 169, 171, 228, 246, 269, 282, 298, 299, 341, 350, 351, 353, 355, 363, 369, 370, 385, 388, 389, 401, 402, 406, 410, 413, 421, 422, 430, 438
 Popper 21, 93, 196, 259, 296, 320, 371, 385
 positivismo 79, 380

práticas sociais 14, 79, 165, 223, 410
 processo social 83, 373
 propriedade privada 133, 143, 151, 167, 170, 181, 273, 344, 429
 puritanismo 147, 148, 166

R

raças 34, 48, 134, 152, 153, 266, 425
 racionalidade 46, 60, 61, 126, 127, 128, 129, 257, 267, 270, 379, 383, 385
 racismo 15, 90, 134, 152, 153, 156, 369, 420
 razão 18, 41, 43, 53, 79, 126, 127, 196, 250, 253, 258, 285, 333, 351, 366, 367, 371, 375, 385, 417, 426, 431, 439
 Rede 131, 150, 229
 reformismo 30, 213, 360, 376, 378, 379, 423
 revolução agrícola 72, 76, 137, 203, 270, 274
 revolução humanitária 63, 143, 226
 revolução industrial 121, 137, 154, 194, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 227, 236, 242, 274, 275, 327, 361
 Rousseau 155, 163, 219, 221, 272, 273, 325, 376
 Russell 21, 124, 384

S

Sartre 9, 21, 42, 49, 53, 55, 69, 87, 115, 159, 217, 248, 329, 357
 segunda natureza 29, 44, 64, 65, 66, 69, 77, 78, 301, 302, 340, 346, 410
 servidão voluntária 136, 209, 345, 361, 427
 sistemas 23, 50, 66, 74, 75, 76, 112, 131, 155, 172, 217, 225, 251, 262, 281, 296, 311, 323, 324, 325, 326, 328, 331, 333, 334, 335, 337, 347, 350, 372, 373, 384, 385, 408, 419, 426, 434
 socialismo 90, 98, 122, 145, 168, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 204, 209, 212, 213, 214, 224, 232, 249, 250, 274, 296, 311, 325, 328, 330, 350, 351, 355, 385, 425, 426, 437
 Socialismo Evolucionário 426
 sociedade em rede 427
 sociedade justa 197, 325, 329, 349, 355, 374, 388, 391, 394, 397, 416
 Sol 120, 277, 278, 308, 318
 sonhos 16, 18, 99, 142, 179, 256, 290, 346, 351, 417

stalinismo 121, 183, 200, 246, 247, 250, 348

Sujeito 131, 303, 334, 431

Sun Tzu 60, 76, 209

T

taoismo 120, 246, 308

taoista 60, 74, 76, 217

tecnologia 46, 63, 145, 146, 167, 171, 197, 202, 217, 229, 235, 245,
349, 353, 386, 388

tripé da sustentabilidade 313

U

universais 46

utopia 16, 64, 138, 186, 280, 379, 386, 390, 398, 415, 420, 421,
434, 438

V

valor de troca 135, 356

valor de uso 135, 356

valores 17, 28, 30, 45, 77, 83, 129, 133, 181, 219, 269, 271, 283, 284,
287, 288, 289, 290, 291, 294, 296, 305, 340, 344,
345, 349, 359, 365, 367, 368, 369, 370, 387, 389,
398, 406, 412, 413, 414, 419, 423, 424

Valor Universal 364

vingança 40, 60, 434

violência 26, 29, 35, 37, 38, 40, 41, 49, 52, 57, 60, 63, 69, 79,
84, 104, 112, 119, 126, 146, 151, 152, 173, 188, 190,
191, 196, 205, 209, 210, 213, 299, 314, 323, 327, 335,
338, 350, 355, 360, 365, 367, 369, 370, 376, 383,
384, 387, 391, 392, 393, 410, 413, 414, 416, 420, 421,
422, 423, 425, 437

visão sistêmica 27, 70, 311, 312, 427

W

Williams 206, 236

Wilson 38, 39, 40, 41, 42, 43, 48, 203

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

RECRIAR AS PRÁTICAS POLÍTICAS

construir
uma sociedade
decente